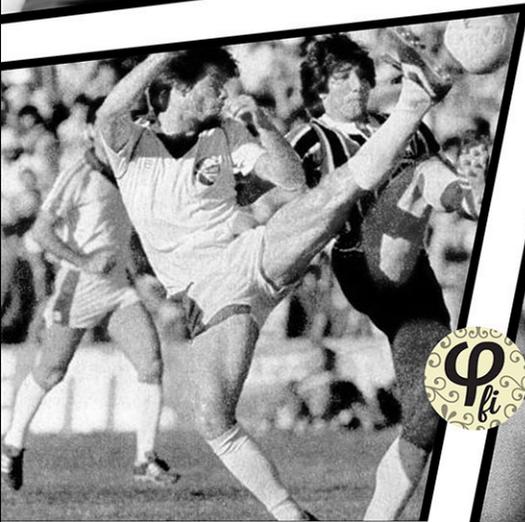
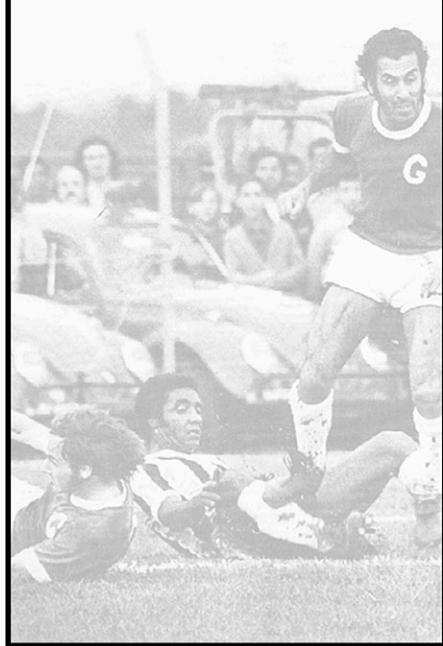


# À SOMBRA DAS CHUTEIRAS MERIDIONAIS

CESAR AUGUSTO BARCELLOS GUAZZELLI  
GÉRON WASEN FRAGA  
MIGUEL ENRIQUE STÉDILE  
RAFAEL HANSEN QUINSANI  
(ORGS.)

*UMA HISTÓRIA SOCIAL DO FUTEBOL  
(E OUTRAS COISAS...)*





A PANDEMIA TAMBÉM SERVIU PARA CONFIRMAR A IMPORTÂNCIA DO FUTEBOL. É VACINA CONTRA O CORONAVIRUS? CLARO QUE NÃO. É REMÉDIO EFICAZ CONTRA A DEPRESSÃO. MESMO QUE OS ESTÁDIOS ESTEJAM VAZIOS, AS RESIDÊNCIAS ESTÃO CHEIAS DE TORCEDORES, PACIENTES PSIQUIÁTRICOS BENEFICIADOS PELA TERAPIA DO FUTEBOL. TORCER OU SECAR, SECAR OU TORCER, ISTO FAZ BEM, MUITO BEM. SOU OBSESSIVO-COMPULSIVO EM MATÉRIA DE IMPARCIALIDADE. MODÉSTIA À PARTE. COLORADOS PENSAM QUE SOU GREMISTA, GREMISTAS PENSAM QUE SOU COLORADO. QUE DELÍCIA! É NESTE CLIMA QUE DOU AS BOAS-VINDAS À HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO MERIDIONAL. IMPERDÍVEL! PELO CONTEÚDO E O TALENTO DOS SEUS AUTORES. ESTA COISA MÁGICA, O FUTEBOL, FOI CRIADA PELOS INGLESES. MAS NÃO É SÓ PARA INGLÊS VER.

LAURO QUADROS

PROGRAMA  
DE PÓS-GRADUAÇÃO  
EM HISTÓRIA



editora  fi.org



**À sombra das chuteiras meridionais**



# À sombra das chuteiras meridionais

Uma História Social do futebol  
(e outras coisas...)

Organizadores

**Cesar Augusto Barcellos Guazzelli**

**Gérson Wasen Fraga**

**Miguel Enrique Stédile**

**Rafael Hansen Quinsani**



**Diagramação:** Marcelo A. S. Alves

**Capa:** Carole Kümmecke - <https://www.conceptualeditora.com/>

**O padrão ortográfico e o sistema de citações e referências bibliográficas são prerrogativas de cada autor. Da mesma forma, o conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu respectivo autor.**



Todos os livros publicados pela Editora Fi estão sob os direitos da [Creative Commons 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR) [https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt\\_BR](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR)



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos et al. (Orgs.)

À sombra das chuteiras meridionais: uma História Social do futebol (e outras coisas...) [recurso eletrônico] / Cesar Augusto Barcellos Guazzelli et al. (Orgs.) -- Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2021.

640 p.

ISBN - 978-65-5917-144-6

DOI - 10.22350/9786559171446

Disponível em: <http://www.editorafi.org>

1. Futebol; 2. História Social; 3. Identidades; 4. Rio Grande do Sul; 5. Brasil; I. Título.

CDD: 900

---

Índices para catálogo sistemático:

1. História 900



Agradecemos ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul pelos recursos financeiros que possibilitaram a edição e impressão deste livro. Neste sentido, mais que o apoio material, nos é muito grato o reconhecimento de que a História do Futebol se afirma como uma área de estudos e pesquisas.



# Sumário

<b>Apresentação</b> .....	13
Os organizadores	

<b>Prefácio</b> .....	15
Bernardo Borges Buarque de Hollanda	

<b>1</b> .....	24
<b>O direito ao estádio</b>	
Gilmar Mascarenhas de Jesus	

## Primeiros Tempos

<b>2</b> .....	43
<b>A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX</b>	
Luiz Carlos Rigo	
Christian Ferreira Mackedanz	

<b>3</b> .....	61
<b>Os <i>fields</i> da elite e os “campos da Redenção”: um olhar sobre os primórdios do futebol em Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909)</b>	
Gérson Wasen Fraga	

<b>4</b> .....	80
<b>Fuss-ball Club Porto Alegre (1903-1944): Clube precursor do futebol em Porto Alegre/RS</b>	
Janice Zarpellon Mazo	
Tuany Defaveri Begossi	

<b>5</b> .....	108
<b>“Canelas pretas” no fundão da américa: imprensa negra e futebol</b>	
José Antônio dos Santos	

<b>6</b> .....	127
<b>O negro no futebol de Porto Alegre: um olhar sobre duas fontes gremistas</b>	
Ricardo Santos Soares	

7 ..... 145  
**“Está na berlinda o futebol”**: Modernidade e futebol nos anos 1920 em Porto Alegre  
Maurício Garcia Borsa dos Santos

8 ..... 164  
**Da fábrica à várzea: Clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937)**  
Miguel Enrique Almeida Stédile

9 ..... 179  
**A crise das especializadas no Rio Grande do Sul através das páginas do Correio do Povo (1937-1938): O discurso sobre a profissionalização do futebol em princípios do Estado Novo**  
Rafael Belló Klein

#### Nem só de Grenal viverá o gaúcho

10 ..... 201  
**Nem tricolor nem colorado: o mais simpático de Porto Alegre – Esporte Clube São José (1913-1940)**  
Rafael Hansen Quinsani  
Diego Oliveira de Souza

11 ..... 217  
**Ypiranga de Erechim: A concepção do futebol consolidada em símbolos nacionalistas**  
Luciano Anderson Breikreitz

12 ..... 236  
**História, memória e identidade através do futebol operário e amador da região carbonífera do Rio Grande do Sul - Brasil**  
Tassiane Mélo de Freitas

#### Lugar de mulher também é dentro do campo

13 ..... 257  
**Mulheres e futebol no Rio Grande do Sul: Apontamentos de uma história plena de discontinuidades**  
Silvana Vilodre Goellner  
Suellen dos Santos Ramos

14 ..... 275  
**Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate bola**  
Camila Guterres Casses de Oliveira

## Geraldinas e Arquibaldos: identidades e questões contemporâneas

15.....	293
<b>Da batalha de La Plata a dos Aflitos: a modelagem das tradições a partir gremismo</b>	
Arlei Sander Damo	
16.....	315
<b>“Sou gaúcho e sou peleador”: barras bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas</b>	
João Manuel Casquinha Malaia Santos	
Elias Csta de Oliveira	
17.....	339
<b>Das charangas às torcidas antifascistas: a escrita da história das torcidas de futebol no Brasil meridional</b>	
Caio Lucas Moraes Pinheiro	
18.....	357
<b>Coligay: a torcida que “saiu do armário”</b>	
Elvio Antônio Rossi	
19.....	377
<b>A rememorao da torcida Coligay como parte da construo do clube de todos</b>	
Luiza Aguiar dos Anjos	
20.....	396
<b>A rivalidade gre-nal e o uso do termo “macaco” na torcida do Grêmio</b>	
Gustavo Andrada Bandeira	
21.....	413
<b>"O povo fez o Inter": Resistências ao processo de "arenizao" do estádio Beira-rio</b>	
Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior	
22.....	433
<b>A Lei Pelé, o fim do passe e a modernizao conservadora do futebol brasileiro</b>	
Francisco Xavier Freire Rodrigues	
<b>Bolas de papel: a imprensa como fonte para os estudos sobre o futebol</b>	
23.....	455
<b>Relembrando a "Mais Gaúcha de Todas as Copas": disputas identitárias na imprensa esportiva da Copa do Mundo de 2002</b>	
dison Luis Gastaldo	

24 .....	472
<b>Campos que resistem, páginas que contestam: imprensa alternativa e futebol na ditadura empresarial-militar (1975-1978)</b>	
Guilherme Kichel de Almeida	
<b>Outras coisas (antes e depois do começo do jogo)</b>	
25 .....	499
<b>O pato é a bola da vez: gaúchos, tropelias e outras barbaridades!</b>	
Cesar Augusto Barcellos Guazzelli	
26 .....	526
<b>Entre touros e patins: Facetas da modernidade Porto-alegrense (século XIX)</b>	
Victor Andrade de Melo	
Cleber Eduardo Karls	
27 .....	546
<b>Pelos prados de Pelotas/RS: as meridionais corridas de cavalos na transição do século XIX e XX</b>	
Ester Liberato Pereira	
Giandra Anceski Bataglion	
28 .....	579
<b>A Universiade de 63: Garimpendo memórias</b>	
Maristel P. Nogueira	
29 .....	597
<b>Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926)</b>	
Jônatas Marques Caratti	
<b>Resumos.....</b>	<b>620</b>
<b>Autores.....</b>	<b>631</b>

## **Apresentação**

### *Os organizadores*

Há exatas duas décadas, nos marcos das reflexões do quinto “centenário nacional”, do que significa ser brasileiro e do que era e deveria ser o Brasil, o professor Cesar Augusto Barcellos Guazzelli publicou um artigo que se tornaria pioneiro: "500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”. Nele, o futebol não apenas se apresentava como elemento determinante para a construção da identidade, seja nacional ou regional, mas também assinalava sua relevância como campo de estudos para a interpretação dos fenômenos sociais. Naquele final de século XX, a Sociologia, a Antropologia e a Comunicação já há algumas décadas tinham o futebol como objeto legítimo e acumulavam produções significativas na área. Quanto aos historiadores e historiadoras, a tese de Leonardo Miranda Pereira (“Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938”) parecia ainda uma solitária e recente ousadia.

Antes da conquista da Copa do Mundo de 1958, Nelson Rodrigues cunhara a expressão “Complexo de Vira-Latas” para definir “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol. (...) O brasileiro precisa se convencer de que não é um vira-lata e que tem futebol para dar e vender, lá na Suécia”. Os historiadores e historiadoras dos esportes em geral e do futebol em particular, de certa forma, também estavam acometidos por certo “vira-latismo” diante de um olhar pouco convencido dos colegas de que estávamos tratando de “assuntos sérios”. Ainda assim, após o artigo, seguiu-se a criação da disciplina eletiva “História Social do Futebol” na graduação em História da UFRGS e, tão

importante quanto esta, a “Taça Cesar Guazzelli”, torneio onde as regras permitiam jogar de bombachas e pés descalços enquanto o churrasco não ficava pronto. Depois, vieram os primeiros trabalhos de mestrado e doutorado, as muitas pesquisas na graduação, as publicações de artigos, livros... Enfim, vemos hoje uma área consolidada.

Os organizadores deste livro, humildemente, estiveram presentes nestes primeiros movimentos. Trocaram passes com a Geografia, com a Antropologia e a Sociologia, na época em que o campo de História Social de Futebol no Rio Grande do Sul lembrava os tradicionais campos do campeonato gaúcho. Hoje, diante da quantidade de trabalhos que tomam o futebol e os esportes no Brasil meridional como objeto de pesquisa, sentimos que não disputamos mais as partidas em uma cancha de condições adversas. A quantidade e a qualidade da produção que aqui reunimos reflete a abrangência dos temas e a profunda relação que as práticas esportivas possuem com outras temáticas, como o elitismo social, as pautas que as novas formas de torcer trazem para este espaço (as questões raciais, feministas, LGBTQIA+ e antifascistas), as relações e direitos trabalhistas, as identidades nacionais e regionais etc...

Ao longo do caminho, porém, percebemos que não andávamos sós. Outros nomes e trabalhos voltavam seus olhares para o sul, fazendo destas plagas seu campo de pesquisa. Assim que, como toda equipe que se preza, tratamos de acrescentar estes reforços vindos do interior do Rio Grande do Sul e de outros estados do Brasil. Tivemos assim a oportunidade de reunir uma produção significativa de trabalhos que, partindo das práticas esportivas, problematiza nossa história e nossa própria sociedade. Um destes nomes é o do professor Gilmar Mascarenhas de Jesus, companheiro generoso daquelas primeiras horas, de bancas e eventos, e que tão precocemente nos deixou. Incluímos aqui um texto seu como forma de homenagem e reconhecimento por sua importância como pesquisador e sua constante amizade e parceria ao longo desta jornada.

A todas e todos uma boa leitura.

## Prefácio

*Bernardo Borges Buarque de Hollanda*<sup>1</sup>

Um dos livros marcantes de minha formação universitária foi *Populações meridionais do Brasil* (1920). De autoria do controvertido Oliveira Vianna, lembro que me senti atraído logo de início pelo título, em particular pelo uso do adjetivo *meridional*, que denotava uma latitude geográfica a mim tão sugestiva quanto distante. A obra trazia ainda na capa a informação do seu tema: um estudo das populações rurais do Centro Sul do país, a incluir tipos humanos como o “campeador rio-grandense”. Este, segundo o argumento do autor, cultivava um espírito “clânico”, em sua forma peculiar de comportamento social, com reflexos na diversidade organizacional.

O volume foi-me apresentado na época da graduação em Ciências Sociais, na UFRJ de meados dos anos 1990, graças a uma disciplina eletiva de Pensamento Político Brasileiro. A novidade da leitura dizia respeito a um inusitado recorte espaço-temporal, os pampas gaúchos do período colonial, pouco presentes em uma historiografia mais acostumada a tratar da centralidade político-cultural do Rio de Janeiro ou a abordar a brasilidade nordestina. A título de exemplo, basta citar as referências canônicas de um Euclides da Cunha, com o seu sertanejo forte, a “rocha viva da nacionalidade”, ou de um Capistrano de Abreu, autor cearense que renovava a historiografia ao desbravar o sertão em sua árida “civilização do couro”.

Depois de Oliveira Vianna, foi necessário esperar mais alguns anos para que voltasse a me deparar com trabalhos clássicos tematizadores da

---

<sup>1</sup> Escola de Ciências Sociais (FGV CPDOC) - E-mail: bernardo.hollanda@fgv.br.

região Sul brasileira. Já na pós-graduação em História Social da Cultura, da PUC-Rio, no início dos anos 2000, aprofundi por conta própria leituras sobre a história das Ciências Sociais no Brasil. Ao ler a respeito da Escola de Sociologia Paulista, travei contato com uma agenda coletiva de pesquisas sobre o escravo e a escravidão desenvolvida durante os anos 1950 e 1960 na região sulina brasileira. Fernando Henrique Cardoso, Otávio Ianni e outros mestres da equipe de sociólogos de São Paulo então pesquisavam a história do escravismo à luz de trabalhos de campo nas capitais Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

O trabalho com maior repercussão desse projeto intitulou-se *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul* (1961). Mais uma vez, aparecia aqui o termo “meridional”. Fruto de uma tese de doutorado, depois transformada em livro com sucessivas edições, o então marxista FHC analisava a particularidade das relações raciais no processo histórico sulino. Para tanto, o sociólogo uspiano contrapunha-se à imagem da mestiçagem decantada por Gilberto Freyre para todos os quadrantes do Brasil, generalização infundada, pois, apesar dos *insights* originais da obra, calcava-se na experiência específica dos engenhos açucareiros do Nordeste.

A geografia contrastiva era uma evidência de que as experiências históricas deviam levar em consideração a correlação tempo-espço na interrogação de um fenômeno social. No caso em questão, devia-se considerar o tema da escravidão e suas diferentes interpretações, com base nas distintas regiões do país. O binômio simplista Norte/Sul informava os referenciais geográficos até então, mas acedia na segunda metade do século XX a novas categorias e coordenadas espaciais. O país passava a reconhecer de maneira institucional, nos termos preconizados pelo IBGE, cinco regiões. Na ocasião, os estados do Sul se desvencilharam territorialmente tanto do Sudeste quanto do Centro-Oeste, a despeito das progressivas correntes migratórias, a dinamizar os fluxos demográficos e a baralhar as convenções oficiais mais estanques.

Se os intelectuais brasileiros, entre historiadores, sociólogos e antropólogos, foram percebendo com o tempo a impropriedade das generalizações, definidoras seja das relações raciais seja de um tipo populacional único, que culminava na reificação de um suposto caráter nacional, o que dizer da experiência sócio-histórica do futebol e dos esportes modernos?

A adoção das práticas esportivas de origem europeia, como se sabe, marca parte da história da imigração no país na virada para o século XX, em processos de circulação e de trocas internacionais cada vez mais céleres e intensos, proporcionados por inventos técnico-mecânico-industriais de alcance revolucionário. Em tal contexto, a constituição da nação passa pela busca, até hoje incompleta e frustrada, de superação da dependência colonial atávica e de consecução da chamada modernidade, por meio de uma civilização em moldes ocidentais.

Os registros documentais sobre a prática futebolística existem desde a introdução das múltiplas modalidades esportivas, seja por seus praticantes, seja por seus organizadores, seja por seus seguidores. Pode-se dizer que as tentativas de elaboração interpretativa de maior fôlego emergem em meados do século XX. As interpretações trazem a assinatura de jornalistas que, de modo progressivo, se especializavam em esportes, ou por outra, como sustenta o antropólogo José Sérgio Leite Lopes, inventavam aquilo que se convencionou chamar de jornalismo esportivo.

Tal é o caso, sobejamente conhecido, de Mário Rodrigues Filho no Rio de Janeiro, com seu *O negro no futebol brasileiro* (1947). O mesmo vale para outro autor, bem menos conhecido, o jornalista esportivo ítalo-paulistano, Thomaz Mazzoni, com o seu *História do futebol no Brasil* (1950).

Ambos os livros são escritos em meio aos preparativos para a quarta edição da Copa do Mundo da FIFA, realizada no Brasil em 1950. Trata-se do primeiro torneio mundial de seleções nacionais depois da Segunda Guerra, em novo ambiente geopolítico e já com o profissionalismo consolidado no país. O caráter afirmativo da nacionalidade nas obras de

Mário Filho e Thomaz Mazzoni mostra-se evidente, na medida em que aciona a identidade nacional como vetor estruturante, pressuposto subjacente à narrativa. O elo conotativo da nação é acionado em meio à regularidade dos confrontos internacionais com outros selecionados, a salientar seu caráter especular face aos europeus e aos sul-americanos.

Ao mesmo tempo, os dois livros, vistos nos dias de hoje, a despeito de toda a inovação representada para a época, evidenciam os limites da afirmação binária do país no “concerto das nações” modernas, porquanto suprimem as diferenças internas, aí incluídas as alteridades territoriais e regionais. Como é sabido, o jogo ascendente de escalas, do local ao regional, do nacional ao internacional, cristaliza a identidade brasileira e a missão nacional de que se imbuem os jornalistas. Com efeito, elide-se de tal imagem e representação o papel ativo das diversas regiões do Brasil na moldagem do jogo e na apropriação dos esportes modernos.

Apesar das virtudes e do pioneirismo, os dois jornalistas tomam a parte pelo todo, automatizam a equivalência sinonímica Seleção-Nação e centram as memórias e a história do futebol brasileiro no eixo Rio-São Paulo, em detrimento das demais cidades e das diferentes práticas regionais no país.

A força de livros germinais como os mencionados acima perdurou ao longo da segunda metade do século XX, mesmo com o advento dos estudos acadêmicos, dos núcleos de pesquisa e da pós-graduação. Por um bom tempo, a resiliência da perspectiva “cariocacêntrica” ou “paulistocêntrica” se fez presente de maneira estrutural, quando não de modo inconsciente, nos ensaios de eruditos intelectuais, a exemplo do magnífico *Veneno remédio* de José Miguel Wisnik, ou nas pesquisas seriadas de doutoramento, dedicadas aos primórdios e ao desenvolvimento do futebol no Brasil.

Esse cenário se modifica no século XXI. O acúmulo historiográfico, qualitativo e quantitativo, soma-se ao amadurecimento das pesquisas monográficas ou daquelas feitas em chave comparada. Isso tem permitido complexificar e matizar o quadro unívoco de onde se partiu. Em contraste

com os primeiros estudos, a lamentar a ausência de reconhecimento científico pelos pares da Academia, a enfrentar a desconfiança de um tema aparentemente anódino ou a reiterar a lacuna de trabalhos antropológicos, historiográficos e sociológicos interessados no futebol, é possível afirmar que nos dias de hoje a área encontra-se estruturada.

Ao menos, observa-se na atualidade uma diversificação de abordagens, um amadurecimento conceitual, uma melhor articulação teórico-empírica do futebol como objeto das ciências sociais e um descentramento espaço-temporal necessário para a renovação e ampliação do campo de estudos. O avanço conquistado nos últimos anos, em especial durante a chamada “década esportiva” (2007-2016), resulta de agentes, instituições e eventos que não cabe aqui repisar. De todo modo, emerge como um consenso e uma realidade.

Diante do exposto, não tenho dúvida em afirmar que o portentoso e precioso livro que o leitor tem em mãos representa um coroamento desse processo. Fruto de um trabalho formativo lento e árduo, foi gestado e desenvolveu-se de forma silente ao longo das duas últimas décadas no âmbito da pós-graduação “meridional” brasileira.

Aqui se aquilata o resultado de um esforço de construção coletiva do conhecimento; aqui se vêem os resultados da formação e do crescimento discente no mestrado e no doutorado; aqui se percebe o papel docente, cujo exemplo estimula o surgimento de novos pesquisadores; e aqui, talvez a contribuição mais singular da volumosa obra, se entrevê um modo de pensar original, desde as margens, da periferia ao centro, e não deste àquela, com o reconhecimento do potencial reflexivo que a prática do futebol – nos clubes, nas fábricas, na várzea – enseja em nível local e regional.

Quando me refiro acima aos mestres formadores, convém identificar uma gama deles neste livro plural e generoso, fonte de inspiração para futuros trabalhos acadêmicos. Não hesito em nomeá-los: César Guazzelli, Victor Melo, Silvana Goellner, Édison Gastaldo, Luiz Carlos Rigo, Arlei Damo e Janice Zarpellon.

De todos a serem citados, deve-se exaltar a bela e sensível homenagem feita nesta obra ao saudoso colega Gilmar Mascarenhas, autor do capítulo que abre o presente livro. Afinal, foi ele quem, com uma tese de doutorado em Geografia Humana na USP, em 2001, principiou e exercitou de maneira primorosa o desenquadramento do olhar, com uma pesquisa em geo-história intitulada: “A bola nas redes e o enredo do lugar – uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul”.

Ao lado dos professores acima mencionados, o livro nos agracia com uma nova geração de doutores, hoje estabelecidos em universidades sulinas, ou não, e que contribuíram com suas pesquisas, egressas em sua maioria dos departamentos de Antropologia, Educação, Educação Física, História e Sociologia da UFRGS, mas também da PUC-RS, para a consolidação e a diversidade do campo, como é o caso dos trabalhos de Cléber Karls, Francisco Rodrigues, Gérson Fraga e João Malaia, entre outros.

Doutorandos e recém-doutores emergem com seus capítulos que resultam de investigações mais sistemáticas, muitas das quais voltadas a um tema que me é tão caro, como o etos das torcidas e o associativismo dos torcedores de futebol. Vale aludir aos instigantes trabalhos doutorais defendidos em período recente por Caio Pinheiro, Gustavo Bandeira, Luiza dos Anjos e Ricardo Gadelha.

Embora quisesse arrolar a seguir todos os nomes de mestrandos e doutorandos enfiados nos quase trinta capítulos do livro, mais vale dizer que, pelo conteúdo aqui apresentado, muito deles se projetam como promessa, pelo potencial revelado em suas primeiras incursões científicas em nível acadêmico. Feitos nas universidades não só de Porto Alegre, mas também de Pelotas, Passo Fundo, Novo Hamburgo e Santa Maria, os trabalhos primam pela lida com as fontes primárias, mormente as jornalísticas.

Isso se explica pois os periódicos continuam a ser o registro factual mais desafiador e incontornável aos historiadores do futebol e dos

esportes, sobretudo aqueles que focam a segunda metade do século XIX ou a primeira metade do século XX.

Todavia, o uso de periódicos não se cinge à história, como mostra aqui a reconstrução dramática da chamada, *a posteriori*, “Batalha dos Aflitos”, feita com sabedoria etnográfica, a partir de material jornalístico, por Arlei Sander Damo. O antropólogo reconstitui dois episódios importantes, ao cotejar a batalha recifense com aquela da Taça Libertadores da América contra o Estudantes de La Plata, no início dos anos 1980. Ao desvelar um evento à luz de outro, o autor contribui para o entendimento de uma tradição inventada no interior do *gremismo*. Com efeito, o estudo projeta a ascensão dos clubismos como item importante uma nova agenda de pesquisas em futebol, menos naciocêntrica – a pátria aposentou as chuteiras? – e mais voltada ao fervor do pertencimento clubístico.

Para além da limitação à tradicional fonte dos jornais e periódicos, a pluralidade deste livro evidencia-se no recurso à memória, às entrevistas, às imagens e mesmo às plataformas digitais *online*, como o Youtube, o Facebook e o Instagram. O tratamento heurístico é mobilizado de forma a relevar experiências pretéritas e marcadores identitários de clubes amadores ou do futebol operário, praticado e vivenciado no complexo carbonífero, entre outras localidades no Rio Grande do Sul.

Mas não é só isso: o arco temporal da obra abarca também fenômenos contemporâneos. Nesse sentido, destacam-se as relações de gênero, transgênero e o crescente protagonismo feminino, nas arquibancadas e nas canchas, com sua história “plena de descontinuidades”, para falar com o subtítulo do capítulo de Silvana Goellner e Suellen Ramos.

Dois capítulos do livro, um de autoria de Elvino Rossi, outro de Luiza dos Anjos, permitem a recuperação da história da Coligay, agrupamento de torcedores gremistas auto identificados como homossexuais nos anos 1970 e 1980. O caso, narrado a contrapelo, coloca na ordem do dia o tema homoafetivo e acompanha suas manifestações passadas e presentes,

capazes de redimensionar estereótipos héteros e de questionar hegemonias machistas no espaço futebolístico.

A trama do livro faz com que tudo se entretença. Dessa forma, os capítulos supracitados dialogam bem com as reflexões sistematizadas por Gustavo Bandeira em torno do “currículo de masculinidades” e a resiliência de discursos de injúria racial na dinâmica estigmatizadora provocada por torcidas rivais.

Ainda no quesito torcidas, chamo atenção para a construção do estilo platino das barras e a novidade de sua resignificação a partir de Porto Alegre. Conforme ensina o texto de João Malaia e Elias de Oliveira, tal apropriação foi vocalizada pela Geral do Grêmio e pela Guarda Popular do Inter, e tem contribuído para modificar, modelar e projetar um novo cenário nacional das formas de torcer.

“As ondas que movem o mar das torcidas”, na feliz metáfora da tese de Caio Pinheiro, estão na base para a emergência de uma miríade de movimentos e de coletivos torcedores no século XXI, em meio às transformações ocasionadas pelos megaeventos esportivos, pela arenização dos estádios e pela nova interação associativa dos fãs de futebol nas redes sociais.

O volume não estaria completo se isolasse os campos de futebol e a história de seus incipientes estádios de outros espaços consagrados a modalidades lúdicas e desportivas, a exemplo das arenas de touro e dos hipódromos. O tema comparece na última seção do livro: “Outras coisas (antes e depois do jogo)”. Para além da monotemática futebolística, os capítulos consideram a importância do atletismo e do ciclismo, das regatas e do turfe, da ginástica e da patinação, do boxe e do tiro ao alvo no processo de esportivização local e no contexto formatador da modernidade finissecular gaúcha.

Para tanto, as touradas porto-alegrenses e as práticas equestres nos prados dos jockeys-clubes em Pelotas são objeto dos capítulos de Víctor Melo e Cléber Karls, de Ester Pereira e Giandra Bataglion, respectivamente. A obra dá atenção também aos esportes universitários e

às modalidades olímpicas, com pesquisas no campo ancoradas na memória, por meio da recuperação de episódios dos anos 1960 e de testemunhos de atletas formados no ambiente sul-riograndense.

Um dos clímaxes do livro diz respeito ao acionamento do imaginário colonial gauchesco-platino, que avulta no percuciente capítulo de Guazzelli: “O Pato é a bola da vez: gaúchos, tropelias e outras barbaridades!”. O autor, responsável por uma pioneira disciplina de História Social do Futebol no departamento de História da UFRGS, mostra a força da fronteira para dar conta de um jogo ignoto, que se assoma ao repertório do folclore local. O jogo do pato foi uma prática de cavalaria pré-esportiva, de que, confesso, eu jamais tinha ouvido falar, e é contada aqui pelo historiador em um texto eivado de erudição e bom-humor.

As observações pontuais acima, de ordem temática e metodológica, vão ao encontro de uma virtude já apontada para a presente coletânea. Com seu sentido formador e formativo, o livro constitui uma referência útil tanto para quem escreve quanto para quem lê. Sendo assim, não cabe hierarquizar nomes nem listar os títulos das quatro dezenas de colaboradores, mas aprender em bloco com o conjunto das contribuições apresentadas, reveladoras de uma faceta pouco conhecida para a historiografia nacional, para os pesquisadores brasileiros em esportes e para os adoradores do futebol de maneira geral.

À leitura, pois, desta história futebolística e esportiva do Brasil *meridional*.

## O direito ao estádio <sup>1</sup>

*Gilmar Mascarenhas de Jesus* <sup>2</sup>

“Portanto, é claro que é triste: as torcidas de futebol talvez ainda sejam capazes de criar um novo ambiente que seja eletrizante, mas jamais poderão recriar o antigo, que exigia vastos números e um contexto no qual esses números pudessem se unir num único e imenso corpo reagente. (...) Os grandes clubes parecem ter se cansado de suas torcidas, e sob certo aspecto, quem pode culpá-los? (...) as famílias de classe média – o novo público alvo – não só irão se comportar bem, como pagar muito mais para fazê-lo.” (Hornby, 1992:75-76)

### Introdução

A cidade capitalista é essencialmente um espaço de confrontos. Os trabalhadores, ao longo da história, formataram diversas estratégias de organização e embates diante do processo de formação da cidade burguesa. Para além de sindicatos, partidos e ativismos em geral, teceram táticas e estratégias informais de resistência à ordem urbana hegemônica. Tais estratégias incluem, para muitos num plano secundário, a apropriação cotidiana dos espaços para satisfazer necessidades diversas, da sobrevivência material imediata ao lazer e à sociabilidade.

Foi assim que o futebol, prática social inicialmente formatada no âmbito das instituições de controle (estabelecimentos de ensino na Inglaterra) e difundida como indústria do espetáculo (portanto, inserida

---

<sup>1</sup> Publicado originalmente e a pedido para o lançamento do site Puntero Izquierdo em 1.º de abril de 2015. Em: <https://medium.com/puntero-izquierdo/o-direito-ao-est%C3%A1dio-ae73eb43848f>

<sup>2</sup> Gilmar Mascarenhas de Jesus foi doutor em Geografia Humana pela Unicamp e professor da UERJ.

no circuito da acumulação), conquistou o anonimato das periferias urbanas. Fecundou toda uma nascente cultura operária, à qual serviu como eficiente “pedagogia da fábrica”: trabalho em equipe, obediência às regras, especialização nas tarefas, submissão ao cronômetro etc. Para além das Ilhas Britânicas e a serviço destas, milhares de homens singravam os oceanos, disputando “peladas” pelos portos do mundo. Enquanto alimentavam com suor e sofrimento os circuitos imperialistas, semeavam com suor e prazer a vigorosa semente do futebol.

Na “várzea”, no chão de terra, nos interstícios da urbanização avassaladora, esta forma de lazer comunitário se propagou febrilmente, roubando corpos destinados à apropriação capitalista do tempo instrumental e da ordem racional, para realizar, no plano do vivido uma faceta do direito à cidade, agindo nas brechas do sistema. Direito de livre organização popular, de usufruto das possibilidades concretas da cidade, que reúne tantas pessoas e informações para fins de lucro. Mas estas pessoas também se interagem fora do tempo e do espaço da razão instrumental: elas reelaboram as informações (como o futebol), aproveitam a disponibilidade (ainda que escassa) de seus corpos, de tempos e espaços, e a partir deste quadro de possibilidades, elaboram desejos e formas de prazer e de solidariedade para além das normas dominantes e do tempo cronometrado e abstrato da expropriação da mais-valia (LEVEBRE, 1998 e 2008; SEABRA, 1996 e 1997).

Trilhando esse caminho de pensar de uma forma que se deseja *lefebvreana*, tomando a produção do espaço social urbano como resultado sempre inacabado do confronto dialético entre a lógica da propriedade e as táticas populares de apropriação, é que propomos aqui refletir sobre o estádio de futebol como microcosmo da reprodução social da cidade. Neste específico espaço-tempo da vida coletiva, temos observado um processo avassalador de transformações impostas por uma nova ordem vertical que expressa uma tendência global, associada ao que alguns estudiosos já denominaram de “nova economia do futebol”. No Brasil, este processo foi particularmente acelerado pela organização da Copa do Mundo em 2014.

Seus impactos nas contas públicas são conhecidos e estarrecedores. Seus efeitos sobre a “cultura do torcedor” são profundos, mas também polêmicos, sobretudo por estarmos vivenciando justamente um momento de conflito e negociação das condições e normas de acesso e de uso nestes novos equipamentos.

O que propomos neste artigo é apresentar este processo de mudança, dimensionando-o à luz do reconhecimento da espessura sociocultural do futebol no Brasil e de toda uma “cultura de torcedor”, construída ao longo de décadas, sobretudo pelas camadas populares. Queremos oferecer elementos para uma reflexão sobre esta nova geografia social, indagando sobre o acirramento de processos de exclusão, tanto de segmentos economicamente desfavorecidos quanto de práticas socioculturais que garantiam nos estádios uma atmosfera de festa e de expressão de anseios coletivos. O novo modelo de estádio que se quer implantar representa uma faceta do assalto neoliberal sobre a cidade, incidindo diretamente sobre a cultura do futebol.

### **Futebol e política: o advento do “estádio das massas”**

Notoriamente, o futebol aporta na América do Sul enquanto novidade inglesa “civilizadora” e cultuada por nossas elites ávidas por novos elementos que reforçassem a distinção social. Paulatinamente, os segmentos populares foram se apropriando desta prática esportiva e elaborando novos códigos culturais, bem como instaurando na cidade toda uma nova espacialidade. Um marco importante na no processo de popularização do futebol no Brasil é a construção do estádio do Pacaembu, em São Paulo, inaugurado em 1940. Como maior estádio do país, superou São Januário, grande estádio carioca de propriedade do popular clube Vasco da Gama, erigido em 1927. Consoante com o espírito de revolução de 1932 e com todo o discurso bandeirante ufanista que se proclama “locomotiva do Brasil”, a municipalidade paulistana erigia o primeiro estádio de futebol estatal do Brasil. Tratava-se de um monumento cívico,

que como tal, exigia uma localização “condizente” com sua importância e centralidade na vida social e cultural da cidade. E não havia apenas o campo de futebol, mas instalações para outras modalidades como atletismo e natação (piscina olímpica), além de um ginásio poliesportivo, já que o objetivo divulgado era a promoção de uma juventude mais saudável, vibrante e, por isso, presumivelmente patriota. Nas palavras de Vargas, imbuído de ânimos fascistas, por ocasião do discurso de inauguração do estádio, se projetava uma mocidade com “elevado índice eugênico” (NEGREIROS, 1998:87).

No bojo da rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo, no ano seguinte ao da inauguração do Pacaembu o governo federal, através do Ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema, lançou concurso para escolha do melhor projeto para o futuro Estádio Nacional no Rio de Janeiro: trata-se do Maracanã. A iniciativa, entretanto, naufragou diante das disputas políticas entre esferas de governo, sendo mais tarde encampada pela municipalidade, e incorporada ao projeto de realização da Copa do Mundo de 1950.

O Pacaembu inaugurou uma longa tradição de estádios estatais em nosso país, peculiaridade marcante de uma estratégia de regulação social e de controle das massas. Mais tarde, o regime militar pós-1964 decretou a criação de um certame nacional regular de futebol, e com ele incentivou a proliferação de grandes arenas pelas capitais do vasto território nacional<sup>3</sup>. Subsidiando o preço dos ingressos nos setores populares para garantir grande afluência de público aos estádios, e mesmo oferecendo suporte financeiro para longos deslocamentos de clubes do “centro-sul” para as demais regiões do País, o governo federal garantiu o êxito do Campeonato Nacional. A criação da Loteria Esportiva completa o rol de

---

3 O incentivo governamental também se faz notar no apoio estatal a construção de estádios privados. Podemos destacar dois casos: o Estádio Cicero Pompeu de Toledo, ou “Morumbi” em São Paulo, em 1960, e o Beira-Rio, em Porto Alegre cuja obra se inicia em 1959, mas que somente é inaugurado dez anos mais tarde. O Morumbi, que hoje abriga apenas 67 mil torcedores, é o maior estádio privado do Brasil e nasceu com impressionante capacidade para 120 mil espectadores, em terreno presumivelmente negociado pela municipalidade em cobiçada zona de expansão imobiliária. O Beira-Rio, por sua vez, foi construído em terreno doado em 1956 pela municipalidade, em futuro aterro sobre as águas do Guaíba, quando Leonel Brizola era o prefeito de Porto Alegre.

medidas governamentais no sentido de consolidar o futebol como centralidade cultural e associar diretamente sua força e dinâmica de sucesso ao regime.

Em 1965 inaugura-se outro estádio colossal, e agora inteiramente público, o Estádio Governador Magalhães Pinto, ou “Mineirão”, em Belo Horizonte (MG). Quatro anos depois se inaugura o “gigante” do Beira-Rio em Porto Alegre. Estando os quatro principais centros futebolísticos dotados de grandes arenas, iniciamos no ano de 1970 outro período, marcado pela construção de grandes estádios nas demais capitais. O futebol tomado como meio de alienação, a desviar a atenção dos principais problemas sociais.

Ainda em 1972, no contexto da formidável onda de construção de grandes estádios nordestinos, Natal (RN) apresenta o “Castelão”, dotado para 53 mil assistentes, quando a população urbana não alcançava 300 mil habitantes, e que depois alterou o nome para João Cláudio de Vasconcelos Machado, ou “Machadão”. No ano seguinte, a vez de Fortaleza concluir o ciclo das grandes capitais nordestinas, com o Estádio Governador Plácido Aderaldo Castelo, ou Castelão, que chegou a receber 118 mil pagantes. Em suma, em apenas dois anos, de 1971 a 1973, o Nordeste inaugurou três imensos estádios nas suas três principais metrópoles regionais. Localizamos auge do ciclo construtivo, sem dúvida, entre 1970 e 1978. Portanto, situado entre o auge e o início do declínio do regime militar no Brasil, que apostou nos grandes estádios como estratégia política de controle das massas urbanas. Todavia, foi nesses espaços que a dialética propriedade x apropriação se manifestou de forma intensa, produzindo uma cultura do torcedor caracterizada pelo protagonismo ruidoso das massas, não raro através de contestação do regime ou de elementos da ordem hegemônica.

## **Entre o funcional e o simbólico: a apropriação popular dos estádios**

A supracitada “geração” estatal (criada entre 1940 e 1980) de grandes estádios brasileiros produziu espaços que propiciavam o engendramento de uma nova dinâmica comportamental coletiva, marcada pela articulação das vozes em uníssono. O antigo estádio, de pequeno porte e dotado de muito maior proximidade entre o campo e a assistência, permitia ao indivíduo espectador, isoladamente, se fazer ouvir. Seus comentários, acusações e mesmo sugestões quanto à organização do time em campo poderiam ser ouvidas pela comissão técnica, pelos jogadores e pela arbitragem. O novo estádio, por seu porte e pelo distanciamento do campo em relação ao público assistente (geralmente através de fossos de segurança), impeliu o torcedor a buscar uma nova forma de expor seus desejos, opiniões, críticas e reivindicações. Doravante, somente através de cantos e palavras de ordem emitidas pela multidão em coro seria possível se fazer ouvir.

Não apenas os clubes e federações eram alvo de contestação das multidões organizadas (ainda que questionemos a natureza fugaz ou precária desta organização). Já em 1972, o regime de exceção, em seu momento mais agudo, sofreu fortes momentos de pressão no estádio Beira-Rio, em Porto Alegre. Conforme o historiador Cesar Guazzelli (1999), 110 mil pessoas presentes queimaram bandeiras nacionais e vaiaram a execução do hino nacional, sufocando-o completamente. O motivo primeiro do descontentamento se limitava ao âmbito futebolístico (a não convocação de jogadores gaúchos para o selecionado nacional) e se imbuía de forte espírito regionalista, mas é notável a revelação do estádio das massas como potencial espaço de contestação política e de afronta ao regime. No plano internacional, é notório o uso do estádio CampNou, em Barcelona, durante o regime franquista, como espaço de críticas ao governo centralista e sobretudo de afirmação da identidade catalã, cuja língua era proibida na vida pública e encontrava no estádio seu momento pleno de exteriorização.

É complexa a história das torcidas no Brasil e há muito ainda por estudar. São muitas as tipologias e periodizações possíveis, conforme sinalizam renomados estudos de Toledo (1996) e Hollanda (2009), dentre outros. Neste sentido, não convém estabelecer precisamente o advento do que chamamos aqui de “estádio das massas” como marco na transformação do comportamento do torcedor, ou do nascedouro de uma determinada “cultura de torcedor” de cunho mais festivo, ativo e até agressivo. Mas o fato é que as décadas de 1960 e 1970 assistiram a um evidente processo de estruturação e multiplicação das “torcidas organizadas”. Como é fato também que o mesmo período consolida, em escala nacional, o pleno acesso das camadas populares urbanas aos estádios. Parece ser também possível afirmar que este período viu nascer e se expandir todo um ritual de “carnavalização” dos estádios, com coreografias coletivas e multiplicação de cânticos e adereços, propiciando um espetáculo muito particular nas arquibancadas.

Para além da popularização do acesso ao estádio e do formidável aumento de volume de público que favorece tais processos mutantes, acreditamos que um dos fatores a ser considerado é a própria arquitetura destes equipamentos. Criados, ao menos em parte, para as camadas menos favorecidas, estes estádios apresentavam estruturas de concreto e cimento rústicas e bastante simplificadas<sup>4</sup>. A ausência de conforto é uma tônica geral e as vastas superfícies sem distinção de setores propiciavam uma mobilidade espacial quase infinita às multidões, que assim puderem desenhar livremente suas dinâmicas comportamentais. Rusticidade e descaso que foram apropriados pelas massas como oportunidade de “fazer o estádio a seu modo”, produzir aquele espaço social com certa autonomia.

Portanto, durante o regime militar as classes trabalhadoras tiveram direitos cerceados de organização partidária e sindical, mas encontraram nos grandes estádios, destino orientado pelo próprio discurso hegemônico para uso do tempo livre, um espaço alternativo de expressão e

---

4 O estádio Mário Filho, inaugurado em 1950, apesar de acolher a Copa do Mundo, permaneceu inconcluso em suas estruturas físicas até 1960.

sociabilidade. Se quisermos refletir a partir do debate em torno do conceito de território proposto por Haesbaert (2004), podemos afirmar que a estratégia oficial era de criar um território funcional, afeito à instrumentalidade da cidade capitalista. No caso, um espaço e tempo de reprodução social do urbano visando simultaneamente acumulação de capital e controle das massas. Mas paulatinamente, sobre este pretensão território da funcionalidade foi se ajustando o território cultural-simbólico resultante das negociações tácitas com a cultura popular do futebol, que ali produziu novas manifestações.

Cumprido reconhecer que o estádio de futebol enquanto fenômeno socioespacial não se restringe ao recinto arquitetônico do equipamento em si. Sua espacialidade transcende sua materialidade, e se expande pelas vias de acesso e por todo o anel periférico que comporta a ação dos diversos atores que se movem, sobretudo em dias de grandes jogos. As torcidas organizadas definem e ritualizam seus trajetos e seus pontos de encontro ao redor do estádio, em demarcações territoriais disputadas. Também disputam o espaço os agentes do comércio informal, e estes particularmente compõem o espaço vivido, alimentando a experiência de ir ao estádio de cores, sabores, cheiros e sons.

Toda a riqueza desta territorialização, dentro e fora do espaço do estádio, momento e lugar da reprodução social, estava repleta de conteúdos criativos, imaginativos, expressão do desejo de festa coletiva. O estádio popular como uma forma de fazer cidade, de ter direito a festa, ao encontro, a inventividade coletiva. O que vamos abordar no próximo segmento é o quanto todo este patrimônio vem sofrendo ataques por parte de agentes dominantes, interessados numa completa reconfiguração física, funcional e simbólica do estádio de futebol.

### **O projeto de “higienização” do estádio e os embates em curso**

“Requalificação”, “modernização”, “renovação”, “gentrificação”, “elitização”, “reconversão”, “higienização”, “adequação”: diversa é a

terminologia aplicada ao processo de reforma profunda dos estádios. A radicalidade do processo afeta o próprio campo lexical do futebol: passam a se chamar “arenas”.

A Copa do Mundo de 2014 certamente atuou como fenômeno acelerador de tendências neoliberais já em curso no futebol brasileiro. Particularmente, enquanto evento que inscreveu em nosso território uma nova paisagem futebolística, através das novas “arenas”. Tais objetos não são absoluta novidade em nosso país, já que desde o final dos anos 90 iniciamos nossa onda de “modernização” dos estádios, seguindo os ditames da FIFA e as novas tendências de converter o público ruidoso, móvel e imprevisível em massa comportada, fixada em seus assentos<sup>5</sup>.

O processo de reforma dos estádios almeja trocar a figura do “torcedor” (emocional, intenso, excitado, agressivo, viril) pelo “consumidor”, geralmente de média ou alta renda, mais sereno, que aporta nos estádios em família, disposto a assistir passiva e confortavelmente um “espetáculo” repleto de “astros” midiáticos. O torcedor, ao contrário, sofre, grita, reclama, reivindica, ameaça e se articula coletivamente com estranhos. Ele quer ser protagonista do evento, ao qual contribuiu com sofrido dinheiro e paixão fiel ao seu clube. O consumidor, solitário ou imerso em seu pequeno e “fechado” grupo, contempla, aplaude, filma e fotografa o cenário. Uma experiência sem riscos, sem incertezas, adequada e altamente lucrativa para os donos do espetáculo.

Estes novos objetos geográficos trazem não apenas uma arquitetura pujante e monumental, alvo de ufanismo e novo cartão postal para o *citymarketing* em nossas metrópoles. Trazem em si novos conteúdos da urbanização, ao propor e impor suas novas formas de experimentar a vida pública. Num trabalho genuinamente antisséptico, busca-se afastar dos estádios indícios de uma “cultura do futebol” fermentada no Brasil ao longo de pelo menos quatro décadas. Esta forma de torcer, produtora de

---

<sup>5</sup> Em 1999 foi inaugurada a Arena da Baixada, em Curitiba (criada sobre o antigo estádio João Américo), primeiro estádio brasileiro a seguir os novos padrões.

gestos considerados agressivos e imprevisíveis, não interessa à moderna indústria do espetáculo esportivo. Esta prefere um consumidor sóbrio. Ademais, um consumidor de maior poder aquisitivo, de forma que nossos novos estádios tendem a expulsar o pobre e o torcedor apaixonado, categorias que muitas vezes se confundem no mesmo indivíduo, já que o “pertencimento clubístico” (DAMO, 1998) está enraizado na cultura popular urbana.

Os novos estádios impõem, por assim dizer, uma nova territorialidade, caracterizada basicamente por:

- 1) Limitação de acesso ao recinto, seja pela sensível redução da capacidade dos estádios, seja pelo encarecimento extremo dos ingressos, ou ainda pelas restrições de portabilidade de inúmeros objetos e adereços, incluindo faixas e cartazes com conteúdo “político”. Em outras palavras, o cidadão está impedido de protestar nos estádios, seja contra a Federação, seja contra a CBF, ou qualquer outra entidade a partir da qual ele se sinta lesado.
- 2) Limitações severas de comportamento dentro do estádio, pela imposição de normas e vigilância onipresente através de câmeras filmadoras. Processo agudo de disciplinarização e constrangimento que estudamos anteriormente (GAFFNEY e MASCARENHAS, 2005).

A importação deste modelo *world class* já está em curso no Brasil há mais de uma década, num evidente processo de elitização de nossos estádios. A remoção definitiva da lendária Geral do Maracanã em 2005 e da Coréia do Beira-Rio (em Porto Alegre), fazem parte de todo um movimento de reelitização de nossos estádios.

Não vamos aqui debater a complexa questão da violência nos estádios, com suas inúmeras acepções. No Brasil e em diversos países, acidentes graves colocaram em xeque este modelo de estádio “de massas” que entre nós vigorou por quatro ou cinco décadas a partir de 1950. Acreditamos que o principal motor da reforma dos estádios parece não ter sido propriamente o tão anunciado risco de vida em espaços de multidão presumidamente “difícil de ser controlada”. O próprio abandono das estruturas físicas do estádio contribuiu para a insegurança e acidentes.

No plano jurídico, o Estatuto do Torcedor, implementado em 2003, prevê punição severa para transgressores: estes podem ser banidos dos estádios por longa temporada. Este processo de aumento do controle e punição sobre os freqüentadores de estádios adquire, com a Copa do Mundo, um recrudescimento inédito, anulando a criatividade coletiva e reduzindo ao mínimo possível e possibilidade de expressão individual. Em suma, emerge mundialmente um novo conceito de estádio, endeusado pelos grandes meios de comunicação e inteiramente adequado aos interesses do grande capital. Este novo estádio agrada a segmentos sociais economicamente capazes de consumi-lo, ou que não sustentem críticas ao modelo disciplinar e à supressão de práticas populares. Muitos se sentem plenamente satisfeitos com a segurança, imprevisibilidade e serenidade do novo ambiente, e não escondem a satisfação de este ser frequentado por indivíduos de melhor estrato socioeconômico, como ocorre em shopping centers, clubes e resorts. Podemos incluí-los no rol dos espaços insulares, como enclaves que evitam a presença dos indesejáveis segmentos excluídos (BIDOU-ZACHARIASEN, C e GIGLIA, 2012), redutos da passividade e do consumo.

A imposição de assentos individuais sobre as antigas arquibancadas de cimento (os “all-seater stadiums”), privou o torcedor da liberdade de movimentação corporal coletiva, que propiciava ruidosa carnavalização no ambiente colorido dos estádios. Vivo, Michel Foucault talvez dissesse se tratar da aplicação, aos estádios, de dispositivos de controle dos corpos, verificados em outros âmbitos da vida social e suas instituições. As câmeras por toda parte, vigilantes panópticos, também chamariam a atenção do filósofo: vigiar e punir.

As resistências a este modelo são notáveis. Vitórias como as dos comerciantes informais do entorno do Mineirão são dignas de registro: removidos em 2010, os “barraqueiros”, através de sua associação, obtiveram em junho de 2014 o direito a retornar ao local. Os torcedores, ainda que em geral fascinados pela beleza, ordem e assepsia do novo estádio, se queixavam da ausência dos serviços e bens oferecidos pelo

comércio informal, com destaque para o tradicional “feijão tropeiro”. A presença destes trabalhadores, além garantir uma via de geração de renda, propicia um cenário de muito maior riqueza sociocultural, compondo a experiência vivida de quem vai ao estádio.

Há outros indícios de reconquista de espaços e de práticas coletivas nos novos estádios: persistem as torcidas organizadas com seus tradicionais rituais, e muitos torcedores permanecem de pé boa parte do tempo, inclusive recusando “pedidos” efetuados por funcionários do estádio para se sentarem, conforme pudemos observar em três diferentes estádios: no Maracanã, em Pituçu (Salvador-BA) e no Mineirão (Belo Horizonte-MG), no transcorrer dos meses de setembro a dezembro de 2013.

Por fim, a luta contra a privatização do Maracanã<sup>6</sup>, desenvolvida sobretudo no âmbito do Comitê Popular da Copa e das Olimpíadas, não apenas deve ser vista como mais uma (ou a mais contundente) iniciativa de reflexão crítica e combate contra a elitização de nossos estádios. Sua emergência e amplitude representam um movimento interessante, o da inclusão do futebol e de seus estádios na agenda do movimento social pelo direito à cidade. A Copa do Mundo nos deixa como legado não apenas alguns pesados “elefantes brancos” remoções de comunidades e comprometimento nas contas públicas. Tal evento, assim como foram os Jogos Pan-americanos em 2007 e as futuras olimpíadas de 2016, geram uma oportunidade para repensar a política urbana e a cidade, e a partir desta reflexão empreender novas agendas de luta.

## **Concluindo...**

Não pretendemos ser nostálgicos a ponto de estabelecer o tradicional estádio das massas como modelo ideal. Sabemos o quanto aqueles espaços excluíam segmentos sociais interessados no futebol, mas que alimentavam

---

<sup>6</sup> Aspectos deste movimento social são discutidos em Castro (2014), projeto de qualificação de doutorado sob nossa orientação.

certa topofobia em relação aos estádios, tomados como lugares violentos e machistas. Por outro lado, não concordamos com a imposição arbitrária do novo modelo, nitidamente elitizado, engessado e voltado para o consumo passivo do espetáculo. O velho estádio abrigava amplas possibilidades de uso criativo e de apropriação coletiva, gerando assim espaços culturais e lúdicos de intensa referência popular.

Todavia, diante da presumida “falencia” dos estádio das massas, não se realizou um amplo debate aberto em torno do que seria um novo estádio, menos agressivo e machista, que acolhesse idosos, crianças e mulheres com menor dificuldade, sem que fossem excluídos da festa os pobres e todo o repertório festivo que caracterizou por décadas o estádio de futebol. Setores hegemônicos já tinham um modelo pronto, importado, lucrativo e elitista, no qual o estádio reflete processos mais gerais de produção do espaço urbano no contexto neoliberal. O futuro nos dirá como a cultura popular do futebol sobreviverá ao novo estádio, diante do desafio de buscar acolhimento de formas diversas de protagonismo e da criatividade coletiva em face de um projeto que atomiza o torcedor e que reduz a experiência do estádio ao mero consumo de mais uma atividade da indústria capitalista do entretenimento. Inspirados na terminologia de Henri Lefebvre, diríamos que há um “estádio-obra” conflitando com o “estádio-produto” emergente: um modelo importado, que define em detalhes as formas de uso, tentando se impor ao modo de uso que foi gestado coletivamente ao longo de décadas.

Pelo mundo, encontramos diversas experiências alternativas ao modelo global de estádio “higienizado”, para além da famosa “muralha amarela” alemã, situada na Tribuna Sul do estádio do Borussia Dortmund<sup>7</sup>. Em Cracovia, na Polónia, tivemos oportunidade de acompanhar uma partida no Stadion Cracovii. Neste, o setor D, situado atrás de uma das balizas (o estádio possui formato clássico retangular) é

---

<sup>7</sup> Para garantir um setor popular e festivo (exceto, é claro, para partidas internacionais e da Champions League), o clube mantém um setor destinado a 25 mil torcedores (todos em pé), que sobreviveu à reforma do estádio para a Copa do Mundo de 2006.

destinado exclusivamente para “fanáticos”. Conforme as imagens abaixo, diversos adereços e comportamentos considerados “agressivos” para o modelo hegemônico são ali permitidos. Infelizmente, na condição de turista, não pude adentrar o setor, apenas me contentar em contemplar sua festa ruidosa

O mecanismo da despossessão (HARVEY, 2011) funda a origem da moderna cidade capitalista. Processos de acumulação por despossessão seguem se repetindo nos mais diversos âmbitos da vida cotidiana, pois o capital realiza sua própria natureza de busca incessante por novos espaços e oportunidades de acumulação. No caso do futebol, percebemos um movimento claro de despossessão no grande estádio, espaço então apropriado, enquanto território usado, pelas massas urbanas. Expropriar este microcosmo para nele operar transformações radicais no sentido da valorização do espaço, o que permite novas formas de realização do valor: das inúmeras novas lojas em seu interior à exploração dos “naming rights” e à realização de eventos caros (incluindo inusitadas cerimônias matrimoniais). O espaço popular do estádio tomado não como referencia cultural, mas como recurso, pois esta é a visão capitalista do território: um potencial de exploração para fins de realização de novos processos de mercantilização.

Por fim, acreditamos que esta nova ordem não se disseminará completamente. Há o torcedor contestador e as torcidas organizadas (que aliás vem propondo um diálogo franco com os poderes públicos, que tradicionalmente rejeitam este canal, conforme presenciamos no Forum das Torcidas)<sup>8</sup>, com potencialidade de contraposição às estratégias de controle, gerando constantes conflitos com a nova ordem constituída. E sobretudo persistem os pequenos e/ou velhos estádios, aqueles onde o circuito milionário do futebol não circula. Estes pertencem a outro circuito, marginal, mais informal, onde a arquitetura e o ordenamento espacial são bem mais flexíveis. Ali onde a tradicional cultura do futebol pode se

---

8 Encontro realizado em junho de 2014 na cidade do Rio de Janeiro, organizado pela FTORJ (Federação das Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro).

realizar, com sua linguagem própria, sua interlocução intensa entre o torcedor participante e os que estão em campo de jogo. São estádios que ainda expressam elementos de uma cultura local, que interagem com o lugar onde estão inseridos.

A luta popular pelo direito ao estádio vem assumindo formas diversas. São táticas por vezes desorganizadas, atomizadas, mas que expressam um desejo de vivenciar o estádio de forma menos dirigida e controlada, menos “bem comportada”. Estádio como espaço de encontro e de festa. Quiçá um capítulo não desprezível da luta coletiva pelo direito à cidade. Cidade como possibilidade.

## Referências

BIDOU-ZACHARIASEN, C e GIGLIA, A. *Vers la ville insulaire: Tendences globales, effets locaux*. (editorial). *Espaces et Sociétés*, 150, n.º. 3, 2012.

BROHM, Jean-Marie. *Le spectacle du football impérialiste*. In: \_\_\_\_\_. **Les shootés du Stade**. Paris: Éditions Paris-Méditerranée, 1998.

BROMBERGER, Christian. *El hinchismo como espectáculo total: una puesta en escena codificada y paródica*. **Lecturas: Revista Digital** - Buenos Aires - Año 7 - n.º 36 - Mayo de 2001.

CASTRO, Demian Garcia. **"O Maraca é Nosso!": o estádio enquanto símbolo e arena das resistências ao projeto de cidade neoliberal**. Rio de Janeiro: UERJ: (Exame de Qualificação de Doutorado - PPGEO), 2014.

DAMO, Arley Sander. **Para o que der e vier. O pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Gremio de Football Portoalegrense e seus torcedores**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado - PPGAS), 1998.

GAFFNEY, Christopher. **Temples of earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires**. Austin: University of Texas Press, 2008.

\_\_\_\_\_, MASCARENHAS, G. *The soccer stadium as a disciplinary space*. **Revista Esporte e Sociedade**. Niterói: UFF, 1(1), nov.2005-fev. 2006.

GUAZZELLI, Cesar A. B. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da "Província de Chuteiras". Anos 90, revista do Programa de Pós-graduação em História*. Porto Alegre: UFRGS, n. 11, julho de 1999.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. São Paulo: Annablume, 2005.

\_\_\_\_\_. **Le capitalisme contre Le droit à la ville: néolibéralisme, urbanisation, résistances**. Paris: editions Amsterdam, 2011.

HOLLANDA, Bernardo B. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

LEFEBVRE, H. **The production of space**. London: Blackwell, 1998.

\_\_\_\_\_. **Espaço e política**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2008.

MASCARENHAS, G. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

\_\_\_\_\_. *Construindo a Cidade Moderna: a introdução dos esportes na vida urbana do Rio de Janeiro*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, n° 23, junho de 1999.

MASCARENHAS, G., BIENENSTEIN, G., SÁNCHEZ, F. **O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades**. Rio de Janeiro: FAPERJ e EdUERJ, 2011.

MASCARENHAS, G.; OLIVEIRA, L. D. "Adeus ao proletariado?": *A dimensão simbólica do estádio da cidadania (Volta Redonda - RJ / Brasil)*. **Lecturas: Revista Digital**, Buenos Aires, Año 11, n. 101, out. 2006.

NEGREIROS, Plínio L.C.. **A Nação entra em Campo: Futebol nos anos 30 e 40**. São Paulo: PUC-SP (Tese de doutorado), 1998.

SEABRA, Odette. *Conteúdos da urbanização: dilemas do método*. In: COSTA, Maria, DANTAS, Eustógio, SILVA, José. (orgs.). **A cidade e o urbano**. Fortaleza: UFC, 1997.

\_\_\_\_\_. *A insurreição do uso*. In: MARTINS, José de Souza (org.) **Henri Lefebvre e o retorno à dialética**. São Paulo: Hucitec, 1996.

TOLEDO, L. H. **Torcidas Organizadas de Futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TSOUKALA, A. *Dispositifs de sécurité contre le hooliganisme et droits des supporters en Europe*. In BUSSET, T.; JACCOUD, C.; DUBEY, J.-P.; MALATESTA, D. (org.). **Le football à l'épreuve de la violence et de l'extrémisme**. Lausanne: Antipodes. 2008.

## **Primeiros Tempos**



## **A emergência de ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX**

*Luiz Carlos Rigo*<sup>1</sup>

*Christian Ferreira Mackedanz*<sup>2</sup>

Rio Grande e Pelotas são duas cidades referências da historiografia do futebol gaúcho e brasileiro localizadas no sul do Rio Grande do Sul. Parte desse pioneirismo futebolístico costuma ser atribuído ao fato de ambas serem cidades portuárias históricas. Mascarenhas (2014:41-42) observa que “são inúmeros os casos de cidades portuárias que, a partir da exibição informal de marinheiros britânicos, tiveram contato precoce com o futebol, quase sempre antes de qualquer outra localidade em seus respectivos países”.

Da segunda metade do séc. XIX até o começo do séc. XX, Pelotas e Rio Grande exerceram o papel de pólos econômicos e socioculturais do estado. Através de seus portos eram feitas trocas comerciais com São Paulo, Rio de Janeiro, Montevidéu, Buenos Aires e Europa (MAGALHÃES, 1999; LONER, 1999). Os portos e as trocas comerciais ajudaram a construir em Pelotas e Rio Grande uma emergente e promissora cultura futebolística, beneficiada também pela proximidade existente entre as duas cidades<sup>3</sup>.

A partir dessa perspectiva, procuramos mostrar nesse texto como essa cultura futebolística produziu a emergência de um leque de

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Email: rigoperini@gmail.com.

<sup>2</sup> Mestre em História pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel), christianfmackedanz@gmail.com.

<sup>3</sup> A distância entre a região central das duas cidades é de 37 km em linha reta e 59 km utilizando a estrutura rodoviária.

agregiações (clubes, times, associações) futebolísticas nessas duas cidades, nas duas primeiras décadas do século XX. Alguns anos depois, essas agregiações, de diferentes proveniências e de pertença variadas, possibilitaram a fundação de várias ligas de futebol, as quais eram os epicentros político-futebolístico da época.

Este estudo teve como suporte outras pesquisas que tratam do futebol na zona do RS (ALVES, 1984, RAMOS, 2000; RIGO, 2004; CORREIA, 2014; LIMA, 2014; MACKEDANZ, 2016; CESAR, 2012; CORREIA, *ET. AL.* 2020) e algumas passagens retiradas dos seguintes jornais: de Pelotas – “O Rebate” e “A Alvorada”; de Rio Grande – “Echo do Sul”, “O Tagarella”, “A Lucta”, “Rio Grande” e “O Tempo”. O uso dessas fontes jornalísticas foi feito a partir de indicações metodológicas específicas apontadas por Elmir (1995).

### **Rio Grande: cidade futebolista.**

Rio Grande é um município localizado no litoral sul do estado do Rio Grande do Sul. No ano de 2020 a cidade possuía em torno de 211 mil habitantes<sup>4</sup>.

A primeira partida de futebol da cidade de Rio Grande ocorreu em 14 de julho de 1900<sup>5</sup>, no campo do Club de Tiro Alemão, organizada pelo imigrante alemão Johannes Christian Moritz Minnemann. Alguns dias depois, em 19 de julho de 1900, Minnemann organizou uma reunião na sede do Clube Germânia (1863), para fundar o Sport Club Rio Grande (RIGO, 2004, p. 55-60). Nos anos seguintes, o S. C. Rio Grande viajou para Bagé, Pelotas e Porto Alegre, realizando partidas demonstrativas de futebol<sup>6</sup>.

---

<sup>4</sup> Estimativa populacional de 2020. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/rio-grande/panorama>>, Acesso em: 30 ago. 2020.

<sup>5</sup> Esta também é considerada a primeira partida de Futebol do Estado do Rio Grande do Sul (RS). Ramos (2000) assinala que há indícios de jogos improvisados na cidade desde 1895.

<sup>6</sup> Em 7 de setembro de 1903 o SC Rio Grande foi de barco a Porto Alegre e realizou um jogo demonstrativo, que contribuiu para a fundação do Grêmio Fott-ball Porto Alegrense (disponível em <<https://gremio.net/conteudo/index/44>>, acesso em 27 ago. 2020).

Nos anos que se seguiram a fundação do S. C. Rio Grande foram criadas na cidade uma série de times e associações culturais-futebolísticas. Apesar de algumas dessas associações serem constituídas por membros da elite e da classe média alta (imigrantes europeus e seus descendentes), também emergiram agremiações vinculadas às classes mais populares da cidade, como é o caso, por exemplo, do Sport Club São Paulo<sup>7</sup>.

Correia *et. al.* (2020) aponta que entre os anos de 1900 a 1916 foram encontradas no jornal Echo do Sul mais de 47 agremiações esportivas futebolísticas. Aparecem citados nos jornais da cidade times da zona rural, times de estudantes, times de bairros, times do futebol fabril, times vinculados a etnias europeias, times pertencentes a comunidade afrodescendente. Ou seja, a cultura futebolística que emergiu na cidade de Rio Grande nas duas primeiras décadas do século XX não se restringia aos costumes futebolísticos da elite da cidade.

### **Da proliferação clubista às ligas de futebol**

A cultura futebolística que movimentava os costumes dos cidadãos rio-grandinos com a criação de novos times e clubes de futebol impulsionou o surgimento da Liga Rio Grandense de Futebol, em 1916. Uma liga que, ao menos nos primeiros anos de sua existência aglutinava agremiações futebolísticas vinculadas às elites, agremiações pertencentes aos imigrantes e também agremiações pertencentes a trabalhadores e as classes mais populares da cidade.

A primeira edição do campeonato organizado pela Liga Rio Grandense ocorreu em 1916<sup>8</sup>. Na primeira divisão participaram: – Sport Club Rio Grande, Sport Club São Paulo, Sport Club União Fabril, Sport

---

<sup>7</sup> O S. C. São Paulo foi fundado em 04/10/1908, por imigrantes e seus descendentes (principalmente italianos e portugueses), por operários da indústria têxtil (principalmente da Companhia União Fabril) e por funcionários da viação férrea. O S. C. São Paulo é um clube tradicional do futebol gaúcho que conquistou o título de Campeão Estadual em 1933 e em 2020 disputa a segunda divisão do Campeonato Estadual (CESAR, 2012; LIMA, 2014).

<sup>8</sup> Antes disso, em 1912 havia sido feita uma tentativa de organização de uma liga de futebol composta pelas agremiações S. C. Rio Grande, S. C. São Paulo, S. C. Internacional, S. C. União Democrata, S. C. União Fabril, S. C. Fabrica Tullio, Riograndense F. B. C. e Leal Santos F. B. C. Mas nem a primeira edição da referida liga parece ter sido concluída (CORREIA, 2014:64-66).

Club Internacional, Sport Club São Pedro e Football Club Riograndense; Na segunda divisão – Sport Progresso, Sport Club Nacional, Sport Club União Brasil e Sport Club Cruzeiro do Sul<sup>9</sup> (CORREIA, 2014:68-74).

Nos anos seguintes a Liga Rio Grandense de Futebol foi palco de uma série de conflitos político-futebolísticos (Ibidem:70), que resultaram em uma redução no número de agremiações pertencentes a ela. Em 1922 somente 5 agremiações continuavam filiadas a ela (S. C. Rio Grande, Gal. Osório, Luzitano, S. Pedro e União Brasil (O REBATE, 27/10/1922). Em 1924 não ocorreu o tradicional campeonato da Liga e, em 1925, alguns clubes, a maioria remanescentes da Liga Rio Grandense de Futebol, fundaram a Liga Rio Grandense de Amadores. Fizeram parte dessa nova liga as agremiações F. B. C. General Osório; S. C. Rio Grande, F. B. C. Rio Grandense e S. C. São Paulo; Foot Ball Club Padeiral e o Sport Club União Fabril (ECHO DO SUL, 23/04/1926, p. 2; O TEMPO, 13/08/1950).

A Liga Rio Grandense de Amadores requeria uma série de exigências às agremiações que dela desejassem participar, condição que excluía um leque de agremiações existentes na cidade, inclusive algumas que haviam transitado na Liga Rio Grandense de Futebol. Parte dessas agremiações juntaram-se e fundaram a Liga Esportiva Rio Branco. Ou seja, é em um contexto de reconfiguração no futebol gaúcho e brasileiro, marcado por conflitos entre o amadorismo e o profissionalismo<sup>10</sup>, que irá emergir a Liga Esportiva Rio Branco, uma liga que se configurou como uma alternativa a Liga Rio Grandense de Amadores.

### **Liga Esportiva Rio Branco**

A data de fundação da Liga Esportiva Rio Branco remete a 1926 (A LUCTA, 30/07/1926:2; RIO GRANDE, 17/08/1926:2). A primeira

---

<sup>9</sup> Apesar do Sport Club São Pedro, Sport Club União Brasil e Sport Club Cruzeiro do Sul estarem disputando competições organizadas pela Liga em 1916, essas agremiações são as únicas que não estão representadas na mesa diretora da Liga Rio Grandense de Futebol, naquele ano.

<sup>10</sup> Maiores considerações sobre os conflitos relacionados ao amadorismo versus profissionalismo no futebol brasileiro ver Souto Mayor (2017).

competição organizada por essa liga teve 10 agremiações: Sport Club Andarahy; Sport Club Bangú; Sport Club Bento Gonçalves; Sport Club Brasil; Sport Club Cruzeiro; Sport Club Democrata; Lomba Verde Foot Ball Club; Grêmio Sportivo Minas Geraes; Sport Club Progresso; Sport Club Rio Negro (ECHO DO SUL, 05/10/1926:2; 09/11/1926:1).

Os registros encontrados apontam que as competições organizadas pela Liga Esportiva Rio Branco começaram em 1926 e se estenderam até 1930. Além das agremiações fundadoras, também fizeram parte da Liga Rio Branco o Sport Club Internacional, o Grêmio Sportivo 15 de Novembro e o Fortaleza Foot Ball Club (ECHO DO SUL, 02/04/1927:3; 20/06/1927:5; 24/08/1927:5; 30/04/1930:2; 13/07/1930:2).

Os vínculos sociais e as marcas de pertença das agremiações que participaram da Liga Rio Branco assinalam que havia certas afinidades entre elas, mesmo que a maioria não tivesse a mesma proveniência, como mostram algumas pistas encontradas nos jornais da cidade sobre essas agremiações.

O S. C. Andarahy e o Bangú F. B. C. eram duas agremiações vinculadas aos operários e a comunidade afrodescendente da cidade de Rio Grande (ECHO DO SUL, 13/10/1928:4; O TAGARELLA, 07/03/1940:3; 18/06/1940:2). Os nomes dessas duas agremiações parecem terem disso inspirados nos clubes homônimos da cidade do Rio de Janeiro, que também possuíam vínculos identitários com negros e operários.

S. C. Cruzeiro, S. C. Democrata, S. C. Progresso e S. C. Internacional eram clubes que anteriormente disputaram a Liga Rio Grandense de Futebol (CORREIA *ET AL*, 2020) e, provavelmente, saíram desta Liga pelas dificuldades e ou mesmo impossibilidade de cumprir as exigências requeridas pela Liga Rio Grandense de Amadores.

Outras duas agremiações, o Lomba Verde F. B. C. e o G. S. 15 de Novembro, estavam localizadas em regiões mais distantes do centro da cidade de Rio Grande. O Lomba Verde F. B. C. era da Ilha dos Marinheiros<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Também aparecia nos jornais como Villa Verde F. B. C. (ECHO DO SUL, 06/07/1926:5). Atualmente se tem registro da existência de um outro clube de futebol denominado de Esporte Clube Vila Verde, situado na Ilha dos Marinheiros,

e o G. S. 15 de novembro era da Vila Fronteira, do município vizinho São José do Norte (ECHO DO SUL, 08/01/1926:5; 30/01/1926:2).

O S. C. Rio Negro, como o próprio nome indica, era uma associação esportiva e cultural constituída e identificada com a população da comunidade negra rio-grandina. Além das competições locais, o S. C. Rio Negro realizava viagens, com certa frequência, para fazer jogos amistosos com agremiações que também tinham vínculos de pertença com a comunidade afrodescendente de cidades vizinhas, como Pelotas e Bagé, cidades distantes, aproximadamente, 60 e 250 Km de Rio Grande, respectivamente (JORNAL O TAGARELLA, 12/04/1931:3; 31/12/1932:1; 13/07/1930:4).

Portanto, entre os anos de 1926 a 1930 a Liga Esportiva Rio Branco aglutinou uma série de agremiações futebolísticas com proveniências diversas e com sentidos de pertença múltiplos, mas essas agremiações tinham em comum o fato de não pertencerem a Liga Rio Grandense de Amadores. Essa marca, de ser uma Liga alternativa à Liga Rio Grandense de Amadores, ajuda a evidenciar a importância político-futebolística que a Liga Rio Branco exerceu no futebol rio-grandino daquela época e que foi esquecido ou, no mínimo, está pouco presente nas produções acadêmicas e/ou bibliográficas sobre o futebol na cidade<sup>12</sup>.

### **Pelotas: outra cidade do Futebol da zona sul**

Pelotas é uma cidade portuária situada na zona sul do Rio Grande do Sul, vizinha a cidade de Rio Grande (60 Km) e distante, aproximadamente, a 260 Km de Porto Alegre. No ano de 2020 Pelotas possuía em torno de 345 mil habitantes<sup>13</sup>. No período do império, Pelotas desempenhava um

---

(Disponível em <<https://timesdors.blogspot.com/2017/11/vila-verde-de-rio-granders.html>>, acesso em 12 mar. 2020).

<sup>12</sup> Uma referência a importância simbólica, que tem a Liga Esportiva Rio Branco é o seu próprio nome, uma alusão ao Barão de Rio Branco ou, Visconde de Rio Branco, quem sancionou a Lei do Ventre Livre (1871), ou Lei Rio Branco (CARNEIRO, 2012). Registros apontam para a existência de um Clube de Negro, nessa mesma época, na cidade de Santa Maria/RS, também com o nome de Rio Branco (SANTOS, 2018).

<sup>13</sup> Estimativa populacional de 2020. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/pelotas/panorama>>, Acesso em: 30 ago. 2020.

papel de destaque no cenário da economia gaúcha similar a capital Porto Alegre (MAGALHÃES, 1993). Posteriormente, a partir do Séc. XX, Pelotas passa a ocupar um lugar mais tímido no contexto da economia gaúcha, principalmente se comparado a Porto Alegre. Todavia, no campo futebolístico e cultural a cidade segue sendo uma referência ainda hoje. Os três clubes de futebol profissionais da cidade – Grêmio Esportivo Brasil, Esporte Clube Pelotas e Grêmio Atlético Farroupilha – são clubes tradicionais do futebol gaúcho e os três já sagraram-se campeões Estaduais: G. E. Brasil em 1919 (campeão do primeiro campeonato estadual); E. C. Pelotas em 1930 e G. A. Farroupilha em 1935 (RIGO, 2004; ALVES 1984).

Essa cultura futebolística, que potencializou a longevidade dos clubes profissionais da cidade e possibilitou as conquistas dos títulos estaduais, começou a ser construída nos primeiros anos do século XX. Estudos apontam que a primeira partida de futebol na cidade ocorreu em 06 de outubro de 1901, um jogo demonstrativo realizado pelo S. C. Rio Grande no Parque Pelotense do Fragata. A segunda ocorreu em 1903, quando o S. C. União, de Rio Grande realizou outra partida demonstrativa, no Prado Pelotense (RIGO, 2004:66; ALVES, 1984:13).

Poucos anos depois dessas partidas demonstrativas, começam a aparecer indícios das primeiras agremiações esportiva e futebolísticas na cidade. Em 1904, Octávio Mascarenhas, que mantinha relações com o futebol do Uruguai (Montevideu), lidera a fundação do Atlético F. B. C. Logo depois, em 1906, registros de jornais noticiam a criação de vários outros clubes, como: Club Sportivo, C. S. Internacional, Foot Ball Club (dissidência do C. S. Internacional), S. C. União, S. C. Esperança, C. E. 7 de setembro etc. (ALVES, 1984).

No ano seguinte, 1907, criou-se a Liga Pelotense de Futebol (LPF). A primeira competição organizada por essa liga é um torneio em 1908 que participaram: S. C. União, (que deixa a liga após a competição); o Foot Ball Club (que vence a competição) e o C. S. Internacional. Após esse

torneio, há uma pausa nas competições organizada pela LPF, que retornam em 1913 (Ibidem, 1984).

### **A Liga Pelotense de Futebol (LPF)**

Em 1913 a LPF organiza o primeiro campeonato citadino. Dessa competição participaram: o S. C. Pelotas, S. C. União, S. C. Rio Branco, G. S. Guarany e G. S. Brasil. (ALVES, 1984). Em 1914 a competição tem a sua segunda edição, com a manutenção das cinco agremiações já integrantes e o ingresso do Grêmio Sportivo Ideal. Para tornar mais visível o contexto cultural e futebolístico que possibilitou a emergência e a longevidade da Liga Pelotense de Futebol, a seguir tecemos algumas breves considerações sobre as agremiações que faziam parte dessa liga.

O Sport Club Pelotas (atualmente Esporte Clube Pelotas), foi fundado em 12 de outubro de 1908, e resultou de uma fusão entre o Foot Ball Club e o Club Sportivo Internacional, nos anos seguintes incluindo também o Club Sportivo, três agremiações que possuíam uma considerável estrutura. Isso possibilitou que o S. C. Pelotas começasse suas atividades já como uma das agremiações de maior poder econômico da cidade, traduzida em sucesso esportivo, como ilustram as inúmeras vezes que o clube conquistou o título de campeão citadino do Campeonato Organizado pela LPF e, em 1930, com o título de Campeão Estadual (RIGO, 2010).

O S. C. Pelotas foi um clube fundado, exclusivamente, por indivíduos que pertenciam as classes econômicas mais elevadas da cidade. Entre os três clubes do futebol profissional existente na cidade, o S. C Pelotas foi o último a aceitar jogadores negros em seus plantéis. Esses dois fatos, entre outros, fazem com que o clube carregue a marca e/ou o estigma de ser o clube mais representativo das elites pelotenses.

O G. S. Guarany foi fundado em 12 de dezembro de 1909. Antes de participar da Liga Pelotense de Futebol o clube disputava amistosos com outros clubes da cidade como o S. C. Pelotas. O G. S. Guarany era uma agremiação que atuava também no campo artístico-cultural da época,

como ilustra o seu envolvimento no espetáculo ocorrido em 1916, no palco do salão da Liga Operária, em benefício da Sociedade Musical Rio Branco (MACKEDANZ, 2016:55-56).

O S. C. Rio Branco foi fundado em 25 de setembro de 1910. Apesar de fazer parte da LPF, o S. C. Rio Branco foi protagonista de alguns conflitos político-futebolísticos dentro da LPF. Embates que geralmente envolviam também clubes oriundos da Liga Cassiano do Nascimento (LCN). Apesar dos jornais não noticiarem os posicionamentos assumidos pelo S. C. Rio Branco nesses conflitos, há registros nos jornais da cidade de jogos amistosos do S. C. Rio Branco contra agremiações pertencentes à LCN, como o Grêmio Pelotense e o São Gonçalo (MACKEDANZ, 2016:56-57).

G. S. Ideal foi fundado em 06 de maio de 1912, como uma dissidência do Sport Club Tiradentes. Além de fazer parte da Liga Pelotense de Futebol o G. S. Ideal costumava realizar jogos amistosos com várias agremiações, inclusive com “times” e ou clubes que não pertenciam a LPF, como é caso, por exemplo, do confronto entre Espalha Brasas, do Ideal, e Fanáticos, do Rio Branco em 1916 (MACKEDANZ, 2016:57).

O G. S. Brasil é uma agremiação que foi fundada em 7 de setembro de 1911, como uma dissidência do S. C. Cruzeiro do Sul, agremiação constituída principalmente por trabalhadores da Cervejaria Haertel. Para Loner (1999) as origens do G. S. Brasil remetem à pequena burguesia e a comunidade de imigrantes da cidade da época. Mesmo não sendo uma agremiação fundadora da Liga Pelotense de Futebol, o G. S. Brasil participa desde a primeira edição do campeonato organizado por essa liga em 1913, conforme informado nas primeiras linhas deste subcapítulo.

Atualmente o G. E. Brasil é o clube mais representativo das classes populares e da população afrodescendente da cidade. Uma identificação que foi construída nos anos que seguiram a sua criação. Parte dessa identificação deu-se pela rivalidade que o G. S. Brasil teve na LPF, e mantém até hoje, com o S. C. Pelotas (na época, identificado, como o clube mais representativo da elite da cidade).

Outro componente que potencializou a identificação do G. S. Brasil com as classes populares da cidade foi o pioneirismo que o clube teve em incorporar futebolistas negros em seus plantéis. Registro apontam que em 1916 o G. S. Brasil já tinha entre seus futebolistas o negro Babá. Nos anos seguintes aumentou a presença de futebolistas negros no clube e alguns desses, como Gradim, Ivo e Fruto, foram futebolistas que alcançaram uma grande popularidade no futebol da cidade e da região (RIGO, 2004; 2010).

O G. A. Farroupilha é uma agremiação fundada por militares em 21 de abril de 1926. Até 1942 o G. A. Farroupilha chamava-se Grêmio Atlético 9º R. I. (Regimento de Infantaria). O G. A. Farroupilha participou do campeonato organizado pela LPF. Entre as principais conquistas do G. A. Farroupilha destaca-se o primeiro lugar no Campeonato da LPF em 1934, 1935 e 1936. E o título de Campeão Estadual do Rio Grande do Sul em 1935<sup>14</sup>. Uma das principais singularidades do G. A. Farroupilha era ser uma agremiação, até meados dos anos 1940, constituída quase exclusivamente por militares. Esta marca estava presente tanto nas diretorias do clube como nos futebolistas. Na equipe que foi Campeão Estadual de 1935, somente o goleiro reserva não era militar.

Um dos futebolistas mais lembrados do futebol pelotense, Cardeal (Sezefredo Ernesto da Costa), pertenceu ao G. A. 9º R. I. Depois de liderar o G. A. Farroupilha no título estadual de 1935, Cardeal alcançou certa visibilidade nacional, sendo o único futebolista de fora do eixo Rio-São Paulo a integrar o Selecionado Brasileiro no Campeonato Sul Americano disputado em Buenos Aires em 1936. Depois disso Cardeal transferiu-se para o Nacional de Montevideú, clube que era uma das principais referências no futebol sul-americano da época, e mais tarde voltou a Pelotas e encerrou sua carreira no G. A. Farroupilha (RIGO, 2004; 2010).

Em 1923, parte em decorrência de um episódio ocorrido em 1922<sup>15</sup> o G. E. Brasil afasta-se da LPF e junto com o SC Rio Branco, Grêmio

---

<sup>14</sup> A mudança do nome do clube, inclusive, deu-se em alusão a este título de campeão estadual de 1935, competição que homenageava o centenário da Guerra dos Farrapos ou Revolução Farroupilha.

<sup>15</sup> Os desentendimentos que culminaram com a separação em 1923 começaram em 1922, numa partida entre Brasil e Ideal. Um jogador chutou outro e como consequência ocorreu pancadaria e um atacante do G. S. Brasil foi alvejado

Português e S. C. Camponês cria a Associação Desportiva de Amadores (ADA). Todavia ainda nesse ano há uma pacificação e uma fusão da LPF com a recém-criada ADA. Dessa fusão originou-se a Liga Pelotense de Amadores de Desportos (LPAD). Essa denominação vigorou até 1939, quando a entidade passou a se chamar de Liga Pelotense de Futebol Amador (LPFA) (ALVES, 1984).

### **Liga Cassiano do Nascimento**

As informações sobre a Liga Cassiano do Nascimento (LCN) são mais esparsas do que as informações referentes a LPF. A LCN foi fundada em 1914 e teve como primeiro presidente o jornalista Manoel Veríssimo Alves. O primeiro campeonato dessa Liga também ocorreu em 1914 e contou com as seguintes agremiações: Benfica, Democrata, Colombo, Grêmio Pelotense, Aliança e Internacional (ALVES, 1984:44).

No ano de 1915, o Grêmio Pelotense, que havia vencido o campeonato organizado pela LCN em 1914, disputou o campeonato organizado pela LPF junto com as agremiações que constituíam essa Liga (ALVES, 1984).

Em 1915 fizeram parte do campeonato organizado pela LCN as seguintes agremiações: Fanáticos, Democrata, Internacional, Benfica e Rio Apa, sendo o Democrata o campeão (Ibidem, p. 47). Em 1916, foi disputada pelo São Gonçalo, Internacional, Benfica e Colombo, sendo o Benfica campeão (Ibidem:50).

Apesar das afinidades existentes entre a LPF e a LCN, nem sempre as agremiações que venciam o campeonato organizado pela LCN ascendiam para disputar o campeonato organizado pela LPF, como ocorreu com o G. Pelotense em 1915. O Democrata, por exemplo, campeão da LCN em 1915, não participa do campeonato da LPF em 1916 (Ibidem:48).

No ano de 1917 temos outro exemplo mais visível dos conflitos clubísticos que envolviam as agremiações dessas duas ligas. O Colombo F.

---

por um tiro de um dirigente do G. S. Ideal. Depois disso, em assembleia, o G. S. Brasil decidiu desligar-se da Liga (ALVES, 1984: 75-6).

C., que venceu o campeonato da LCN de 1916, começa a disputar o Campeonato da LPF de 1917. Entretanto como protesto à inclusão do Colombo, o S. C. Pelotas e o G. S. Ideal não iniciam essa competição e o S. C. Rio Branco afasta-se da competição após as primeiras rodadas. Assim, em maio de 1917, os jornais noticiam o afastamento do Colombo F. C. da LPF. Este, por sua vez, informa que irá vincular-se a Liga de Rio Grande, porque naquela cidade poderá participar do campeonato de futebol da primeira divisão (MACKEDANZ, 2016:60-62).

Nos jornais da cidade não há indícios consistentes sobre o período em que a LCN manteve-se em atividade. Nem registros de que tenha mudado de nome. Apenas em 1941 há uma pista relacionada a ela, na qual consta que o G. S. Brasil venceu o campeonato organizado pela LPF e que o Sport Club Ruy Barbosa conquistou o campeonato da série B (ALVES, 1984:176-177). Ou seja, talvez a LCN tenha se tornado a série B da LPF.



Colombo F. C. em 1931 (MACKEDANZ, 2016:63).

### **Liga de Futebol José do Patrocínio**

Em 1919 os jornais registram a criação de uma terceira Liga na cidade, a Liga de Futebol José do Patrocínio. Trata-se de uma liga

constituída majoritariamente por agremiações vinculadas a população negra da cidade<sup>16</sup>. Ao fazer referência ao ocorrido, o jornal salienta que foi uma conquista alcançada “(...) após uma série de sacrifícios, batendo-nos denotadamente contra o preconceito racial” (JORNAL A ALVORADA, 14/09/1919:2).

As agremiações fundadoras dessa liga foram: Sport Club Juvenil (1908); Sport Club América do Sul (1911); Sport Club Universal (1912) e Grêmio Sportivo Vencedor. Mais tarde o Grêmio Sportivo Democrata e o Grêmio Sportivo Luzitano também passaram a disputar o campeonato organizado pela Liga José do Patrocínio (MACKEDANZ, 2016:103-104).

Na imagem abaixo temos a equipe do S. C. Juvenil que disputou o campeonato da LJP em 1922. Nota-se que todos os futebolistas são negros. Também há negros entre os não futebolistas, provavelmente diretores do clube e ou membros da Liga.



S. C. Juvenil em 1922 (MACKEDANZ, 2016:91).

Além do campeonato de futebol a Liga também organizava bailes, festas e quermesses da comunidade negra e operária da cidade (MACKEDANZ, 2016:107-109). Nessas festividades se ressaltava a

<sup>16</sup> O nome da liga também carrega todo um simbolismo, já que a própria imprensa negra pelotense considera José do Patrocínio um “imortal líder negro, da campanha abolicionista” (Alvorada, 05/05/1936, p. 11).

participação das mulheres negras. Diferente da maior parte das mulheres brancas daquela época, as mulheres negras costumavam ter uma posição relevante nos clubes e associações que participavam (LONER, 1999). Em alguns casos os clubes criaram “diretorias de senhoras”, como foi o caso do S. C. Juvenil (MACKEDANZ, 2016:109).

Muitos indivíduos atuantes na Liga José do Patrocínio também militavam em outras instâncias contra o racismo. Como fez Dário Nunes, que além de ter sido fundador da Liga também foi diretor do Jornal A Alvorada nas décadas de 1930 e 1940 e membro da diretoria do Clube Fica Aí (1938-1943). Além disso, em 1940, Dário organizou o time de futebol desse clube. Outro exemplo é o de Armando Vargas, que além de ter sido secretário da Liga em suas duas primeiras edições, participou da fundação do Jornal A Alvorada, foi seu diretor nas décadas de 1930 e 1940 e foi membro do conselho consultivo da Frente Negra Pelotense (MACKEDANZ, 2016:111-113; SILVA, 2011).

A atuação dos diretores e fundadores da Liga em outras esferas da sociedade civil evidencia a dimensão militante que a caracterizava. Outro exemplo que ilustra essa postura da Liga, foi um caso de racismo ocorrido no Teatro 7 de Abril em 1927. O episódio foi ocultado pela imprensa local, mas foi denunciado pelo jornal negro “O Exemplo” de Porto Alegre. Em apoio ao jornal da capital, a militância negra da cidade pelotense organizou uma “Moção de solidariedade” ao jornal. Nessa moção destaca-se a assinatura do presidente da Liga José do Patrocínio, de diretores de clubes de futebol e de associações recreativas negras da cidade (MACKEDANZ, 2016:113-115).

A partir do final dos anos 1930, a maioria dos melhores futebolistas negros pertencentes às agremiações da Liga José do Patrocínio, são incorporados aos clubes que disputavam a Liga Pelotense de Futebol Amador, enfraquecendo progressivamente as competições da Liga de Futebol José do Patrocínio. Assim, depois dos anos 1940 não se encontram mais notícias referentes a Liga José do Patrocínio, nos principais jornais da cidade, somente registros esparsos dos clubes que faziam parte dela, como,

por exemplo, este: “Futebol Menor – América do Sul 3 X Liberal 1; Vasco da Gama 3 X F. C. Tecidos 1” (A ALVORADA, 13/03/1948:6).

### **Liga Desportiva Acadêmica**

Além das três Ligas anteriormente mencionada alguns registros apontam para a existência de uma quarta liga de futebol em Pelotas, na década de 1920: a Liga Desportiva Acadêmica (LDA). Um jornal da cidade, noticiou que a “primeira diretoria” da “Liga desportiva Acadêmica” foi eleita em 24/5/1920. O mesmo jornal informou que diretoria dessa liga era composta por: “Pres. Olavo de Carvalho Freitas (direito); sec. Olavo Torres (agronomia); tes. Ely de Azambuja Germano (FFO)” (O REBATE, 22/06/1920). A composição da diretoria reforça a hipótese, sugerida pelo próprio nome da entidade, de que se tratava de uma Liga de Futebol de agremiações constituídas, predominantemente, por estudantes.

Outros vestígios encontrados em jornais mostram o surgimento de agremiações esportivas e futebolísticas vinculadas a estudantes já nos anos anteriores. Em 1912 os alunos da Escola de Agronomia fundaram o G. S. Assis Brasil e, três anos depois, os alunos da Faculdade de Farmácia, de Odontologia e de Direito de Pelotas fundaram o G. A. Tamandaré (MACKEDANZ, 2016:65-66).

A emergência dessas duas agremiações de estudantes e de outras similares na cidade, provavelmente tenham sido fatores que impulsionaram a fundação de uma liga de futebol, voltada especificamente para a comunidade estudantil. Entretanto, não há nos jornais da cidade, maiores registros sobre as competições organizadas pela LDA e nem sobre o seu tempo de duração.

### **Considerações finais**

Estudos como o de Correia *et. al.* (2020), sobre o futebol na cidade de Rio Grande no começo do séc. XX, e os de Rigo (2004) e Mackedanz (2016),

que tratam da emergência e consolidação do futebol pelotense, ajudam-nos a concluir que no início do século XX essas duas cidades viveram uma cultura futebolística que extrapolou o papel desempenhado por esse ou aquele clube, independentemente das datas de suas fundações e da classe social as quais eles pertenciam.

A existência de Ligas de Futebol concomitantes nessas duas cidades a partir de 1920, inclusive ligas que exerceram um papel emblemático de resistência político-futebolística, como foi o caso da Liga Esportiva Rio Branco (em Rio Grande) e da Liga de Futebol José do Patrocínio (em Pelotas), mostra um pouco do sucesso e da perenidade alçados por várias daquelas agremiações, fundadas alguns anos anteriores, às vezes até sem maiores pretensões. Essa cultura futebolística foi possível, em parte, pela posição econômica que Pelotas e Rio Grande ocuparam na segunda metade do século XIX, e por suas respectivas posições geográficas, ambas cidades portuárias.

Essa cultura futebolística, que já emerge múltipla e diversa, expressa sua potência também nos 6 títulos estaduais conquistados, por 6 clubes distintos dessas duas cidades, nas quatro primeiras décadas do século XX: G. E. Brasil (1919); E. C. Pelotas (1930); S. C. São Paulo (1933); G. A. Farroupilha (1935)<sup>17</sup>, S. C. Rio Grande (1936) e S. C. Rio Grandense (1939).

## Referências

ALVES, E. de M. **O futebol em Pelotas**. Pelotas: Livraria Mundial, 1984.

ANDREA, C. M. C. de (Org.). **Identidade Xavante: livro oficial do Centenário do Grêmio Esportivo Brasil – 1911-2011**. Pelotas: Ed. Textos, 2011.

CESAR, W. **Um século de futebol popular: a história do Sport Club São Paulo**. Porto Alegre: Companhia Rio-Grandense de Artes Gráficas (Corag); 2012.

---

<sup>17</sup> Conforme observado anteriormente, na ocasião ainda chamava-se G. A. 9º R. I. (Regimento de Infantaria).

- CORREIA, J. M. **Os Vínculos Clubísticos e as Lógicas do Jogo: um Estudo sobre a Emergência e o Processo de (des)elitização do Futebol na Cidade de Rio Grande - RS (1900-1916)**. Pelotas: UFPEL (Dissertação de Mestrado - PPGEF), 2014.
- CORREIA, J. M.; FREITAS, D. da S.; KNUTH, A. G.; RIGO, L. C. *A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916)*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Porto Alegre, v. 42, n. 1, 2020.
- ELMIR, C. P. *As armadilhas do jornal: algumas considerações metodológicas de seu uso para a pesquisa histórica*. **Cadernos de Estudo do PPG em História da UFRGS**, Porto Alegre, n. 13, 1995.
- FRAGA, G. W. **Branco e Vermelho: a guerra civil espanhola através das páginas do jornal Correio do Povo (1936-1939)**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado - PPGH), 2004.
- LIMA, F. G. **Singularidade do futebol da cidade de Rio Grande/RS na década de 1930**. Pelotas: UFPEL (Dissertação de mestrado - PPGEF), 2014.
- LONER, B. A. *Jornais pelotenses diários na República Velha*. **Ecoss Revista**, Pelotas, v. 2, n.1, p. 5-34, 1998.
- LONER, B. A. **Classe Operária: Mobilização e Organização em Pelotas: 1888-1937**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGS), 1999.
- MACKEDANZ, C. F. **Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. Pelotas: UFPEL (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2016.
- MAGALHÃES, M. O. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: EdUFPEL: Livraria Mundial, 1993.
- MASCARENHAS, G. *O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre (RS)*. **Anos 90**, Porto Alegre: PPGH/UFRGS v. 11, p. 144-161, 1999.
- MASCARENHAS, G. **Entradas e Bandeiras: a conquista do do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2014.

MAUAD, A. M. *Através da imagem: fotografia e história, interfaces*. **Tempo**, Niterói: UFF, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98.

PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Campinas: Unicamp (Tese de doutorado - PPGH), 1998.

RAMOS, M. G. **Sport Club Rio Grande: centenário do futebol brasileiro**. Rio Grande: Editora da FURG; 2000.

RIGO, L. C. **Memórias de um Futebol de Fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

\_\_\_\_\_, *Esporte Clube Pelotas*. In: **Dicionário de História de Pelotas**. Gil, L. A. e Magalhães, M. O. (Org.). Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

\_\_\_\_\_, *Grêmio Atlético Farroupilha*. In: **Dicionário de História de Pelotas**. Gil, L. A. e Magalhães, M. O. (Org.) Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

\_\_\_\_\_, *Grêmio Esportivo Brasil*. In: **Dicionário de História de Pelotas**. Gil, L. A. e Magalhães, M. O. (Org.) Pelotas: Ed. da UFPel, 2010.

SANTOS, J. A. dos. **Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa – Pelotas (1907-1957)**. Pelotas: Ed. Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_, **Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol**. Porto Alegre: Diadorim, 2018.

SOUTO MAYOR, S. T. **O futebol na cidade de Belo Horizonte: amadorismo e profissionalismo nas décadas de 1930 e 1940**. Belo Horizonte: UFMG (Tese de doutorado - EEEFTO), 2017.

**Os *fields* da elite e os “campos da Redenção”:  
um olhar sobre os primórdios do futebol em  
Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909)**

*Gérson Wasen Fraga*<sup>1</sup>

**O começo de tudo: um espetáculo para os porto-alegrenses.**

Era domingo, seis de setembro de 1903. Sob grandes festejos, atracavam nos fundos da Intendência Municipal de Porto Alegre os vapores “*Aymoré*” e “*Intransigente*”, ambos provenientes da cidade de Rio Grande, e que traziam os jovens representantes do *Sport Club* Rio Grande, o primeiro clube do sul do Brasil que fora fundado exclusivamente para a prática do futebol, no ano de 1900.<sup>2</sup> O motivo da longa viagem que os levava a cruzar o “mar de dentro”<sup>3</sup> era, evidentemente, a prática do futebol, mas, neste momento, não tratava-se de alguma partida a ser disputada contra uma equipe desafiante, até porque não havia então equipe alguma em Porto Alegre que pudesse fazer tal papel. A razão da viagem era simplesmente realizar alguns jogos de exibição entre os *sportmen* do próprio clube que, divididos em dois esquadrões, demonstrariam aos

---

<sup>1</sup> Professor associado II da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

<sup>2</sup> É comum ouvirmos que o Sport Club Rio Grande é o mais antigo clube brasileiro. Isto não corresponde à verdade, uma vez que outros clubes já haviam sido fundados anteriormente no Brasil. Todavia, o Rio Grande é efetivamente o mais antigo clube brasileiro em atividade, ainda que por vezes atue dentro de uma lógica sazonal. Sua fundação, contudo, nada tem a ver com o mito que delega a paternidade do futebol brasileiro a Charles Miller, comprovando não somente a amplitude e diversidade das origens do futebol no Brasil, mas também o caráter reducionista daquela narrativa. (Cfe: JESUS, 2001).

<sup>3</sup> A Lagoa dos Patos, que se estende pela região centro-sul do litoral gaúcho, de forma paralela ao mar.

porto-alegrenses, pela primeira vez, o que era uma partida de futebol e como esta era disputada (Cfe: SOARES, 2014).<sup>4</sup>

Excursões deste tipo não eram inéditas para aqueles jovens. O clube, com efeito, já havia realizado exibições semelhantes na cidade de Pelotas para divulgar a prática do futebol e incentivar a fundação de alguma nova sociedade a fim de que um eventual adversário pudesse ser enfrentado. O Rio Grande, desta forma, operava como uma espécie de missionário da bola no sul do Brasil, levando o que era até então uma novidade com caráter elitista para a região de seu entorno, onde esperava encontrar homens jovens aptos, social e animicamente, a se integrarem à nova prática esportiva outrora inventada pelos ingleses. Agora, porém, o clube da cidade portuária arriscava a investida mais audaciosa em sua cruzada pelo futebol: realizar a longa viagem até a capital do estado para demonstrar e divulgar sua prática.

A presença dos *players* movimentou a sociedade porto-alegrense. Os jornais da época estimaram que entre duas a três mil pessoas acompanharam o desembarque no porto da capital, incluindo representações de diversas agremiações esportivas voltadas principalmente ao turfe, ao ciclismo e ao remo. Todas as atividades sociais dos visitantes, desde o desembarque no porto até sua despedida dois dias depois, passando pelo baile realizado em sua homenagem, foram objeto de relato, evidenciando a importância do acontecimento e também seu caráter amplamente elitista, posto que envolvia “a nata” da sociedade porto-alegrense de então. Também não escapou ao olhar dos jornalistas a grande assistência que compareceu às demonstrações entre os quadros do Sport Club Rio Grande, deixando clara a curiosidade que existia em relação ao estranho esporte praticado por aqueles rapazes (Cfe: A FEDERAÇÃO, 8/9/1903:1-2).<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> O trabalho de Ricardo Soares é, provavelmente, o mais produtivo esforço realizado até hoje com o intuito de demonstrar a complexidade e a vitalidade do futebol em Porto Alegre nos primeiros anos do século XX, indo muito além do paradigma “Grêmio-Fussball-Internacional”.

<sup>5</sup> Os exemplares do jornal “A Federação” aqui citados encontram-se disponíveis na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional. Sempre que os jornais forem citados textualmente, manteremos a grafia da época.

O saldo final da viagem e de tudo que lhe cercou não poderia ser mais positivo: oito dias depois, duas agremiações eram fundadas em Porto Alegre, visando especificamente a prática do *Foot-ball*. Tal qual irmãos gêmeos, o *Fuss-Ball Club* Porto Alegre e o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense seriam fundados no mesmo dia: 15 de setembro de 1903. Sem outros rivais próximos e isolados em seu caráter elitista, *Fuss-Ball* e Grêmio se limitariam a disputar partidas semestrais, pondo em jogo o troféu Wanderpreis para as partidas entre os primeiros quadros e o troféu Vereinspreis para os embates entre suas segundas equipes.<sup>6</sup> Apenas em 1909 a pacata harmonia dos clubes gêmeos seria quebrada pela fundação do *Sport Club* Internacional, que, com o passar do tempo acabaria por se intrometer na rivalidade dos pioneiros do futebol porto-alegrense.

Evidentemente, estas agremiações necessitariam de um espaço para a prática do futebol, uma “casa” para chamar de sua. O Grêmio estruturaria seu primeiro estádio no já elegante bairro Moinhos de Vento, em frente ao local onde hoje localiza-se o parque homônimo, na rua Mostardeiro. O *Fuss-ball*, por sua vez, mandaria suas partidas no caminho que conduzia ao arrabalde dos Navegantes, na Avenida Voluntários da Pátria, em um espaço hoje localizado entre a rua do Parque e a rua Câncio Gomes. Já o Internacional, após perambular por terrenos alagadiços da cidade, acabaria se estabelecendo no arrabalde do Menino Deus, na antiga Chácara dos Eucaliptos.<sup>7</sup>

Em linhas gerais, é desta forma que a historiografia especializada apresenta as origens do futebol em Porto Alegre. Há, porém, um aspecto

---

<sup>6</sup> É ponto pacífico que *Fuss-Ball* e Grêmio são fundados no seio da colônia germânica porto-alegrense. Porém, tanto Jesus (2001) quanto Soares (2014) apontam a existência de uma diferença básica entre os dois clubes: o *Fuss-Ball* se apresentaria como um clube voltado exclusivamente para a colônia alemã, tendo portanto, para além de seu aspecto elitista, um caráter rigorosamente étnico. O Grêmio, por sua vez, seria fundado e composto desde seu início de forma majoritária, mas não exclusiva, por alemães, o que denotaria uma abertura para membros externos à colônia germânica porto-alegrense. Isto de forma alguma significa relativizar o caráter elitista que então possuía. Esta primazia da colonização germânica no futebol porto-alegrense, por sua vez, não seria obra do acaso, mas sim o reflexo da importância econômica e social de uma parcela dos alemães e seus descendentes que enriqueceram após ocupar o Vale do Rio dos Sinos na primeira metade do século XIX, dedicando-se à tarefa de abastecer a capital, e que já possuiria naquele momento a prática de atividades físicas como hábito sedimentado.

<sup>7</sup> Não confundir este espaço, inaugurado em 1913, com o Estádio dos Eucaliptos, inaugurado em 1929, ambos ocupados em momentos distintos pelo *Sport Club* Internacional. Embora próximos, não se localizavam no mesmo espaço.

que costuma ser alvo de menos reflexão por parte dos interessados no assunto: a relação entre os primeiros anos da prática deste esporte na cidade e dos espaços a ela destinados com o contexto social e urbano porto-alegrense na primeira década do século XX. Assim, nos move neste texto a percepção de que tal período tenha passado por um processo de mitificação discursiva, engendrando uma narrativa que acabou engessada através de sucessivos recontares que perdem todo o contexto social que circundava os primórdios do futebol em Porto Alegre, como se este tivesse surgido em uma espécie de caixinha elitista hermeticamente fechada, sem se relacionar com o restante da cidade, nem mesmo através da exclusão. Em outras palavras, trazemos aqui como problema de reflexão a espacialização dos inícios do futebol em Porto Alegre e sua relação com o contexto sócio-histórico da urbe.

### **Porto Alegre no começo do século XX: ressignificar o espaço e jogar a bola.**

Começemos por um detalhe importante que integra o início desta história: o local das partidas de demonstração realizadas pelo *Sport Club* Rio Grande. Com efeito, tais partidas naquele sete de setembro de 1903 aconteceram em Dois locais distintos do “Campo da Redenção” (atual Parque Farroupilha), o que aos olhos dos menos avisados pode causar hoje algum estranhamento<sup>8</sup>. Assim, cabe lembrar inicialmente que a “Redenção” do começo do século XX apresentava um aspecto mui diferenciado do que hoje possui. A atual ilha verde e arborizada encravada no cinza da cidade era, naqueles dias, um descampado plano, externo ao traçado urbano central (ainda que o cerco de edificações já fosse um fenômeno perceptível), e lindeiro a estradas que levavam aos distantes arrabaldes e povoações que circundavam a área central de Porto Alegre.

---

<sup>8</sup> Segundo o Jornal “A Federação”, a primeira partida aconteceu no turno da manhã, no “centro do Campo da Redenção, parte fronteira á rua S. Antonio”. Já a segunda partida, realizada no turno da tarde, aconteceu no velódromo da União Velocipédica de Amadores, que localizava-se dentro do parque, próximo ao local onde hoje está o campus central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Cfe: **A Federação**, 8 de setembro de 1903:2.

Ainda assim, a existência ali de um velódromo, de uma “praça de touros”<sup>9</sup> e do prédio da Escola Superior de Guerra (atual Colégio Militar) indicam claramente que o espaço, outrora destinado ao pouso de carreteiros que conduziam o gado aos matadouros da cidade, fora já integrado definitivamente ao seu cotidiano através do desenvolvimento das práticas esportivas.<sup>10</sup>

Há, contudo, uma outra possibilidade de pensarmos os sentidos atribuídos naquele momento ao espaço onde Porto Alegre viu nascer o futebol. Tais sentidos estariam vinculados às práticas culturais e religiosas de matriz afrobrasileira que as populações socialmente excluídas ali desenvolviam desde antes da abolição, por ser aquele um local distante da vigilância elitista do núcleo central da capital. Segundo a geógrafa Daniele Vieira:

A presença de batuques na Várzea (atual Parque da Redenção) é identificada por vários autores. A histórica relação do grupo negro com este espaço da cidade é tão marcante que o nome pelo qual continua a ser popularmente chamado – Parque da Redenção ou simplesmente Redenção – advém desta relação e resiste ao tempo. Em 07/09/1884, para celebrar a libertação dos escravizados em Porto Alegre, a Câmara de Vereadores decidiu alterar o nome do Campo do Bom Fim (antiga Várzea) para Campo da Redenção. A partir daí aquele espaço que já era conhecido pela frequente presença negra passou a ter seu nome vinculado a essa presença. Embora a nomenclatura oficial do parque tenha sido alterada para Parque Farroupilha em 1935 (nas comemorações do centenário Farroupilha), este espaço continua sendo chamado de Redenção, rememorando a presença negra que ali conseguiu manter seus batuques (VIEIRA, 2017:98-9)

É importante acrescentar que próximo à Redenção se localizavam as regiões onde, a partir das transformações impostas ao espaço central da cidade em fins do século XIX, se estabeleceram aqueles que eram

---

<sup>9</sup> Ainda em 1903, são constantes as notas n’A Federação dando conta das touradas que aconteciam naquele espaço. É possível perceber, porém, que a prática já entrava em decadência no gosto popular.

<sup>10</sup> Cabe lembrar que o Parque da Redenção também comportou um hipódromo, o Derby Club, desativado em fins do século XIX.

descartados pela lógica de uma urbe que se queria branca e moderna. Com efeito, ao redor da região central de Porto Alegre se estruturou um verdadeiro cinturão de “territórios negros”, habitados majoritariamente por ex-escravizados e/ou seus descendentes: ao sul, às margens do Arroio Dilúvio e próximo ao Guaíba, o “Areal da Baronesa” e, já no século XX, a “Ilhota”. A leste, na elevação que hoje recebe o bairro Rio Branco, a “Colônia Africana” e, próxima a esta, a partir da década de 1910, a “Bacia do Mont’Serrat”.<sup>11</sup> Olhemos um pouco para estes territórios no período que aqui nos interessa.

As regiões da cidade que conformavam os territórios negros do Areal da Baronesa e, posteriormente, da Ilhota, eram, originalmente, externas aos primeiros limites da cidade. Segundo Vieira (2017), a origem do Areal da Baronesa está relacionada ao loteamento de uma chácara pertencente à Maria Emília da Silva Pereira (Baronesa do Gravataí), no ano de 1879. Contudo, a presença de moradores negros na região seria mapeável pelo menos desde 1870, indicando a vinculação daquele território com a ocupação negra e suas práticas culturais<sup>12</sup>. Já a Ilhota, vizinha ao Areal, surgiria nas primeiras décadas do século XX em uma pequena curva do Arroio Dilúvio em forma de ferradura, uma área constantemente assolada pelas cheias e ocupada por habitações extremamente precárias.<sup>13</sup>

Ainda segundo Daniele Vieira, a existência efetiva de um núcleo de moradores capaz de configurar a área como território negro ocorreria a partir do momento em que se coadunaram, por um lado, o desejo de

---

<sup>11</sup> Citando Raquel Rolnik, Daniele Vieira estabelece: “O que estamos concebendo como territórios negros nem sempre são espaços exclusivamente negros, mas nos quais a presença negra é uma questão central. No contexto urbano, os espaços concebidos como territórios negros não foram exclusivamente de negros, pois desde os tempos da escravidão eram habitados também pelos pobres e excluídos da sociedade (...). Verifica-se que a tendência ao agrupamento entre os da mesma raça e a existência de uma forma diferenciada de inserção destes grupos negros no espaço não ocorre somente no âmbito residencial, mas também para o lazer, a prática religiosa e em outras circunstâncias.” (VIEIRA, 2017:43). As informações aqui trazidas a respeito dos territórios negros são em grande medida tributárias deste excelente trabalho.

<sup>12</sup> O Areal da Baronesa compreenderia hoje, grosso modo, à área delimitada a leste pela Av. Getúlio Vargas, a sul pela Av. Ipiranga, a oeste pela Av. Praia de Belas (onde encontrava as margens do Guaíba), seguindo seu limite norte o curso original do Arroio Dilúvio, ainda perceptível no traçado levemente sinuoso da Rua João Alfredo.

<sup>13</sup> A curva do Arroio Dilúvio que daria nome ao território foi suprimida após as obras de retificação daquele curso d’água na década de 1940. A Ilhota compreenderia o grande quarteirão onde hoje se localiza o Ginásio Tesourinha e o Centro Municipal de Cultura de Porto Alegre.

modernidade vivido pela população mais abastada da cidade e, por outro, a adoção de um conjunto de medidas do poder público visando materializar este desejo, especialmente pela eliminação dos cortiços e moradias coletivas existentes na área central de Porto Alegre. Se estas práticas efetivamente liberaram o centro da capital para as reformas urbanas (alargamento de ruas e avenidas, e a construção de prédios modernos), por outro lado provocaram um incremento significativo de moradores no arrabalde da Cidade Baixa e adjacências (o que inclui o Areal da Baronesa), bem como na Colônia Africana. Assim, no período compreendido entre 1906 e 1914, o número de cortiços praticamente dobraria nestas regiões, ao passo em que cairia pela metade na região central. Ao mesmo tempo, ainda que próximas ao centro, o Areal da Baronesa e a Colônia Africana tinham em suas fronteiras um obstáculo ao desejo de ação do poder público, que contemplava as áreas vizinhas mas excluía aquelas regiões de seus projetos modernizadores, ou relegavam-nas a receber os melhoramentos por último. Um exemplo, ainda que pontual, desta prática, pode ser encontrado no “Relatório e projeto de orçamento para o exercício de 1910, apresentado ao Conselho Municipal pelo intendente Engenheiro José Montauray de Aguiar Leitão na sessão ordinária de 1910”, publicado pela *A Federação* em 18 de novembro de 1909. Ao referir-se à substituição do querosene pela eletricidade na iluminação pública, o documento assim dispõe:

**Iluminação a Kerosene.**

Em 30 de junho último não existia mais combustor a kerosene na iluminação dos arrabaldes (...).

Em setembro substituíram-se mais 80, em outubro 85 e os outros eram retirados á medida que se concluíam as canalizações, sendo os ultimos substituidos os da Colonia Africana e Areal da Baroneza (A FEDERAÇÃO, 18/11/1909:10).

Lindeira ao Areal da Baronesa, a Ilhota formou-se a partir de 1905, coincidindo portanto com o período de expulsão dos cortiços e seus moradores do núcleo central. Ainda em 1906, por ordem do então

intendente José Montauray, os dois extremos da “ferradura” formada pelo curso do Arroio Dilúvio seriam ligados, transformando efetivamente aquele território em uma pequena ilha artificial dentro dos limites da cidade. Ocupada por moradias precárias e sempre sujeitas aos efeitos das constantes inundações, a Ilhota seria afetada pelas obras de canalização do Arroio Dilúvio no começo da década de 1940, perdendo sua configuração de “ilha” e integrando uma nova zona de especulação imobiliária dentro da cidade. Todavia, naquele momento, o conjunto de suas habitações já havia extrapolado os limites impostos pelo homem e pela natureza, atingindo as proximidades da rua Lima e Silva.

No outro lado da então Várzea da Redenção, muito próximo de seus limites, localizava-se a Colônia Africana, um espaço cuja ocupação provavelmente iniciou na década de 1880 como resultado da chegada de libertos e pessoas empobrecidas que buscavam ali um lugar para sobreviver. A proximidade com aquela área verde certamente significava a existência de uma via de mão dupla para a cultura negra, pois o local oferecia espaço para práticas culturais e religiosas ao mesmo tempo em que proporcionava a manutenção dos traços identitários a elas ligados. O geógrafo Gilmar Jesus assim descreve a Colônia Africana:

Composta por tanques públicos para as lavadeiras e casario rústico de madeira, a aglomeração compacta da população negra na franja da mancha urbana de então constituiu uma espécie de gueto, centro de práticas religiosas afro-brasileiras e alvo de intensa discriminação na imprensa local já em 1895. Desse arrabalde periférico, verdadeiro enclave étnico situado numa colina, descerão os negros em direção à várzea do “Caminho do Meio”, do “Campo do Bom Fim” ou da “Volta do Cordeiro” para praticar o futebol (JESUS, 1999:149).

Outra questão, porém, envolvia a Colônia Africana: sua proximidade com uma região de expansão da burguesia porto-alegrense. Com efeito, ao mesmo tempo em que a comunidade negra e/ou empobrecida instalava-se naquela que até então era uma zona desabitada próxima ao Parque da Redenção, no sentido oposto, na Avenida Independência, verificava-se a proliferação de casarões pertencentes a uma elite que se afastava do centro

da cidade, tornando aquela via um eixo de expansão imobiliária rumo à região do Moinhos de Vento (MONTEIRO, 2012:34-5) Ao mesmo tempo, a política de branqueamento através da imigração de trabalhadores europeus promovida pelo poder público traria novos concorrentes a disputar a área que havia se tornado um sinônimo da presença negra em Porto Alegre. Segundo Charles Monteiro:

Interesses imobiliários na ocupação dessa região da cidade promoveram simultaneamente a abertura de ruas e a construção de residências modernas, baseadas em novos padrões arquitetônicos, visando a um processo de branqueamento da população.

A parte mais ao sul da Colônia Africana, junto ao Caminho do Meio, foi gradualmente ocupada por imigrantes italianos e judeus recém-chegados à cidade. Esse processo de adensamento populacional e de modernização daria origem ao bairro Rio Branco. Pelo outro lado da colina, em 1916, é construída a Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, com o objetivo de difundir a religião católica e promover também o branqueamento religioso dessa região, sempre associada aos rituais afro-brasileiros. A pressão vinda dos dois lados fez com que essa população negra se deslocasse para áreas mais periféricas e ainda desabitadas ao norte, em direção aos futuros bairros Mont’Serrat e Três Figueiras (MONTEIRO, 2012:39-40).<sup>14</sup>

Esta digressão sobre a geografia etno-histórica de Porto Alegre é importante para nossos objetivos pois gostaríamos de destacar dois pontos importantes. Em primeiro lugar, os territórios negros de Porto Alegre no começo do século XX localizavam-se muito próximos a dois espaços centrais para o surgimento do futebol na cidade: o Parque da Redenção e a Baixada do Moinhos de Vento, onde veio a se localizar o primeiro estádio do Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense, em 1904. A Redenção, como vimos, não pode ser considerada uma área que começasse a ser incorporada à

---

<sup>14</sup> O “Caminho do Meio” é o eixo composto pelas atuais avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves. A Igreja Nossa Senhora Auxiliadora, citada por Monteiro, marca uma espécie de limite norte da Bacia do Mont’Serrat, o quarto território negro citado por Daniele Vieira em seu trabalho, tendo como eixo principal a atual rua Artur Rocha. Evidentemente, é difícil estabelecer uma data para o início da ocupação negra da área, uma vez que tais movimentos não costumam deixar registros. Todavia, confirme Vieira, a existência de moradores implantando ali uma forte identidade religiosa e cultural afro-brasileira já seria identificável através de relatos no começo da década de 1910, o que realmente nos leva a cogitar este espaço como uma opção para aquelas pessoas que já vinham sendo expulsas de alguma forma da Colônia Africana.

vida da cidade no momento em que recebia os aparelhos necessários aos esportes que integrariam as práticas da elite urbana. Sua história é anterior, e passa por um conjunto de significados culturais para a população negra que tinha ali um ponto para seus festejos e atividades religiosas. Em outras palavras, a área enfrentou um processo de ressignificação a partir do momento em que passou a servir para as práticas esportivas através das quais a elite porto-alegrense pretendia se inserir na modernidade.

O segundo detalhe é que os primeiros clubes que integrariam a “Liga da Canela Preta<sup>15</sup>” foram fundados exatamente nestas áreas próximas ao Parque da Redenção, no período entre o desembarque do futebol em Porto Alegre em 1903 e a fundação do *Sport Club* Internacional em 1909. Este, aliás, seria um ano marcado pelo surgimento de inúmeros outros clubes na cidade e dos quais hoje pouco ou nada sabemos. Tudo isto nos faz pensar nos caminhos pelos quais a “informação futebol” encontrou penetração nos diversos meios sociais porto-alegrenses e no quanto foi determinante para este processo a proximidade geográfica entre os locais de fruição esportiva da elite e aqueles ocupados pelos menos favorecidos.

Se voltarmos ao trabalho já citado de Ricardo Soares, veremos que o mesmo nos aponta a fundação de, ao menos, treze clubes de futebol diferentes em Porto Alegre no período entre 1903 e 1909, para além de Grêmio, Fuss-Ball e Internacional. Tais clubes seriam dos mais diferentes perfis sociais e vínculos geográficos, como o elitista *Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf*, o Centro Sportivo Operário, os populares *Foot-Ball* (ou *Fuss-Ball*) *Club 20* de setembro e *Foot-Ball Club* Riograndense (que integrariam futuramente a “Liga da Canela Preta”), o Militar *Foot-Ball Club* (fundado por alunos da antiga Escola de Guerra, hoje Colégio Militar, em frente ao Parque da Redenção, e que também utilizava um espaço deste para a prática do futebol), indo até os clubes vinculados aos arrabaldes então distantes do centro, como o *Sport Club* Nacional (do Partenon) ou o

---

<sup>15</sup> Sobre a “Liga da Canela Preta”, ver o texto de José Antônio dos Santos, que integra esta coletânea.

Grêmio *Foot-Ball* 7 de setembro (do Menino Deus). Se olharmos com atenção para a natureza (de elite, operária ou popular) destes clubes, bem como para seus vínculos geográficos, teremos uma indicação de como o futebol em Porto Alegre foi rapidamente absorvido pelos mais diversos grupos sociais em locais igualmente diversos, sendo praticado por um contingente muito superior àquele que pretendia usufruir somente de uma prática de distinção social preconizada pelo amadorismo elitista.

É importante ainda percebermos como a temporalidade que envolve a expulsão dos cortiços da zona central de Porto Alegre e sua transferência para os territórios negros da periferia acompanhou a onda de fundações dos primeiros clubes de viés popular na cidade. Tal fenômeno, que teve seu início no marco cronológico que aqui nos interessa, seria aprofundado na década seguinte, quando a bacia do Mont’Serrat e, especialmente, a Ilhota, foram efetivamente ocupadas pelas populações socialmente marginalizadas. Simultaneamente, surgiriam também os primeiros clubes de matriz operária, decorrentes do crescimento industrial e da ocupação de determinadas regiões pela classe proletária que então acorria a Porto Alegre.

Tal seria o caso do bairro Navegantes, um dos núcleos urbanos mais antigos da cidade fora da região central. Ainda no século XIX, a área onde se desenvolveria o bairro foi cortado pela implantação da estrada de ferro ligando Porto Alegre a Novo Hamburgo e pela instalação de uma estação ali. O binômio “ferrovia – proximidade com o porto” tornou o bairro atrativo para a atividade industrial, o que levou à instalação de diversas iniciativas fabris na região. Logo, os operários passaram a buscar moradias próximas às fábricas, o que levou o bairro a ganhar o perfil socioeconômico que, embora decadente, ostenta até os dias atuais.

Todavia, o caráter costeiro do bairro era também um atrativo para aqueles que buscavam as emoções das práticas esportivas, notadamente do remo, que encontrava ali uma espécie de “raia natural” na foz do Rio Jacuí entre a cidade e as ilhas do Pavão e Humaitá. No final do século XIX, se instalaram ali os primeiros clubes de remo do Rio Grande do Sul,

surgidos no seio da colônia germânica. Esta confluência geográfica entre indústrias, práticas esportivas e associativismo alemão não é certamente uma obra do acaso, sendo antes o resultado visível da junção entre a força do capital teuto no desenvolvimento econômico porto alegreense e das tradições culturais associativistas que marcavam este grupo étnico (Cfe: KARLS, 2017).

Nesta região, e explicitando em seu nome sua matriz étnica, viria à luz em 1893 o clube de remo *Ruder Verein* Germânia. Todavia, convém lembrar que não estamos aqui falando de associações onde os esportes seriam praticados em caráter profissional, mas sim dentro de uma lógica amadora, onde as diversas atividades esportivas deveriam ser conciliadas pelos sócios. Assim, o remador de hoje seria também o ciclista do próximo fim de semana e, seguindo a lógica, talvez o *goalkeeper* ou *center-half* do domingo seguinte. Logo, do *Ruder Verein* Germânia nasceria uma nova associação, dedicada agora ao ciclismo: a *Radfahrer Verein Blitz*, com seu velódromo localizado às margens do Guaíba, na avenida Voluntários da Pátria, entre as atuais ruas do Parque e Álvaro Chaves. A exibição dos jovens atletas do Rio Grande certamente não passou despercebida aos remadores do Germânia e ciclistas da *Radfahrer*, tanto que na manhã de 15 de setembro de 1903, a plêiade de esportes ligados a estas associações aumentaria, com a fundação do *Fuss-Ball Club* Porto Alegre. A vinculação deste com as associações anteriores fica evidente a partir da sobreposição entre o velódromo e o campo de futebol. Com efeito, foi em um espaço “cedido” pela *Blitz* que se localizou o primeiro “estádio” de Porto Alegre: o “Campo da Voluntários”, utilizado nas primeiras partidas contra o Grêmio Porto Alegreense, bem como, na década seguinte, em diversos jogos do campeonato cidadão.<sup>16</sup>

Diferentemente do campo da Redenção, este não parece ser um espaço que tenha sido ressignificado pela elite da cidade quando de sua

---

<sup>16</sup> Diversas publicações existentes na internet localizam o “primeiro campo” do *Fuss-Ball Club* Porto Alegre na rua Doutor Timóteo, sem apresentarem maiores registros documentais. Tanto a vinculação entre o Fuss-Ball e as demais entidades citadas, quanto o fato de o Campo da Voluntários ter recebido os primeiros jogos pelo troféu Wanderpreiss, entre Fuss-Ball e Grêmio, em 1904, parecem suficientes para colocar tal afirmação em xeque.

ocupação através da supressão de marcas étnico-identitárias anteriores. Antes, o que o que temos aqui é a criação de um significado para o lugar a partir do desenvolvimento das práticas esportivas. Este sentido, todavia, é um “sentido de uso do espaço”, uma vez que a localização do clube de remo, do velódromo ou do campo de futebol não estão associados à zona da cidade tornada pela elite praticante de esportes como a região de preferência para sua moradia (ou seja, uma “zona nobre”). Pelo contrário, a região, como vimos, já atraía naquele momento a mão-de-obra industrial que seria empregada nas fábricas instaladas na região. No máximo, os remadores, ciclistas e futebolistas ligados ao *Fuss-Ball* e demais clubes poderiam ter ali um espaço próximo aos seus negócios industriais se este fosse o caso.<sup>17</sup>

Se o sentido atribuído ao espaço pelos esportistas do *Fuss-Ball* nos parece ser um “sentido de uso”, muito diferente nos parece ser o caso dos primeiros integrantes do Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense, cuja primeira sede fixa efetivamente ocupava um local de expansão imobiliária da elite porto-alegrense. Com o Estádio da Baixada, o Prado Independência e a Sociedade de Atiradores Alemães, a região vinha se constituindo efetivamente no local de morada e vivência de parte da elite da cidade, que assim dispunha de aparelhos de lazer e práticas esportivas em um raio de poucas quadras. As mesmas poucas quadras que a separavam da Colônia Africana e, futuramente, da Bacia do Mont’Serrat.

No entanto, como aponta Ricardo Soares, havia uma pequena diferenciação na forma como as práticas esportivas encontravam-se agrupadas naquilo que poderia ser entendido como os dois segmentos da colônia germânica em Porto Alegre que desde cedo se ligariam ao futebol. Por um lado, o segmento mais hermético, composto pelo *Ruder Verein* Germânia (remo, 1893), o *Radfahrer Verein Blitz* (ciclismo, 1896) e o *Fuss-Ball Club* Porto Alegre (1903) parece se apresentar como departamentos

---

<sup>17</sup> A intensidade da presença operária nesta região da cidade pode ser medida pela criação do projeto “Caminhos Operários em Porto Alegre” pelo historiador Frederico Duarte Bartz, que visa, através de caminhadas guiadas, recuperar a importância histórica do bairro para o proletariado porto-alegrense. Cfe: BARTZ: 2019.

diversos de um mesmo clube, o que ficaria explícito por dividirem a mesma localização e terem basicamente os mesmos sócios. Situação diferente seria experimentada pelo segmento oposto, ligada ao Prado Independência (turfe, 1894), à União Velocipédica de Amadores (Ciclismo, 1895) e, por fim, ao Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense (1903), que não se configuraria exatamente como uma unidade clubística, muito embora não fosse raro encontrar sócios de uma agremiação nas outras duas. Isto talvez ajude a explicar também porque o *Fuss-Ball* muito cedo estruturaria seu estádio, valendo-se do espaço do velódromo da *Blitz*, enquanto o Grêmio ficaria nos primeiros meses de sua história perambulando pela cidade em busca de um local. Somente após passar uma temporada treinando na distante Invernada da Brigada Militar (onde hoje localiza-se o Aeroporto Salgado Filho), no arrabalde da Glória e em um terreno da rua Dr. Timóteo é que o clube foi adquirir, em 1904, a área onde instalaria o Estádio da Baixada<sup>18</sup> (Cfe: SOARES, 2014).

Contudo, a relação de ressignificação geográfica pode também ser entendida como uma via de mão dupla. Se na fundação do *Fuss-Ball* e Grêmio estão alguns dos “melhores nomes” da sociedade de origem germânica de Porto Alegre, este tem em sua origem concomitantemente a ação de um grupo de empregados do comércio (algo que na época denotava um status social bem superior ao que poderíamos imaginar para os dias de hoje) que compartilhava dos desejos de modernidade da elite. Juntos, estes segmentos souberam aproximar-se de “bons nomes” da política, do jornalismo e da economia local, fazendo com que o clube desfrutasse de um amplo espaço na imprensa local e herdasse boa parte dos sócios da União Velocipédica. Em outras palavras, o Grêmio logo deixaria de ser um projeto de jovens bem-nascidos para apresentar-se como um digno representante da alta sociedade porto-alegrense, o que se refletia também na localização de sua sede.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> A aquisição definitiva da área se daria através de um contrato de compra e venda, em 1911.

<sup>19</sup> Não deixa de ser curioso notar como o Grêmio passaria por outro planejamento de ressignificação social quando da mudança para o Estádio Olímpico em 1954, buscando desta vez uma aproximação com as camadas populares.

O quarto e último espaço que nos interessa neste texto é o lendário “Campo da Rua Arlindo”, que, assim como a Redenção, parece ter servido a uma infinidade de equipes do futebol porto-alegrense. O início da utilização daquele espaço, contíguo ao território da Ilhota (onde hoje se localiza a Praça Sport Club Internacional, ao lado do Hospital Porto Alegre), é difícil de precisar, assim como a própria ocupação das áreas adjacentes. Contudo, o trabalho de Ricardo Soares nos dá uma pista valiosíssima a fim de que possamos pensar na dinâmica que inseriu este espaço na disseminação do futebol em Porto Alegre na primeira década do século XX. Segundo este pesquisador, em 1925, por ocasião das comemorações dos dezoito anos do *Foot-Ball Club* Riograndense, o jornal *Correio do Povo* publicava o texto abaixo, em referência ao clube fundado por Francisco Rodrigues:

Vivendo isoladamente **o club da rua Arlindo** por maiores esforços que fizessem os seus dirigentes, jamais poderia conquistar a posição de destaque que actualmente ocupa no nosso meio sportivo. Devemos, porém, confessar que, apesar de faltarem adversarios para o novel club, os seus fundadores se foram esforçando para que o desporto bretão desenvolvesse cada vez mais... (In: SOARES, 2014:62. Grifo nosso).

Faz-se necessário neste momento uma pequena digressão a fim de explicitarmos melhor a importância daquele espaço para a afirmação do futebol em Porto Alegre. O *Foot-Ball Club* Riograndense fora fundado em 1907 por Francisco Rodrigues (pai de Lupicínio Rodrigues), e durante anos penara em busca de adversários que se dispusessem a enfrentá-lo, uma vez que sua condição de “clube de negros” privava-lhe do ingresso na Liga de *Foot-Ball* Porto Alegrense.<sup>20</sup> Desta forma, restaria ao Riograndense disputar jogos esporádicos contra outros clubes de matriz popular e esperar pela fundação de novos clubes a fim de que se estabelecessem ligas destinadas unicamente a jogadores negros, pobres e/ou trabalhadores.

---

<sup>20</sup> Segundo Ricardo Soares, é muito provável que a primogenitura dos clubes populares em Porto Alegre não caiba ao Riograndense, mas sim a um certo *Foot-Ball Club* 20 de setembro, fundado nesta data, no mesmo ano de 1907.

Reparemos ainda que a designação “club da rua Arlindo” associa a equipe a um dos territórios negros da cidade, sendo o tipo de “apelido” que apenas surge e ganha curso a partir de certo tempo de aceitação popular.

O campo da rua Arlindo, com efeito, seria um lugar fundamental para o desenvolvimento do futebol porto-alegrense. Deve ter sido o primeiro espaço para treinamentos utilizado pelo *Sport Club* Internacional, ainda em 1909, através de cessão da municipalidade. Logo seria abandonado devido às constantes cheias do Arroio Dilúvio, que deixavam o espaço impraticável para o futebol.

O campo, contudo, permaneceria ali, próximo de seus antigos vizinhos do Areal da Baronesa ou dos novos da Ilhota. Em outras palavras, o campo ali estaria, subutilizado, em uma época em que as práticas esportivas com que a elite ostentava sua modernidade aconteciam próximas dos olhos e das moradias dos porto-alegrenses menos favorecidos. Cumpre lembrar também que no final da primeira década do século XX, os dois clubes de extração popular que haviam sido fundados em Porto Alegre necessitavam de um lugar para suas atividades. A estes, se somariam outros na década seguinte, o que ensejaria o surgimento da “Liga Nacional de Futebol Porto-alegrense”, (ou “Liga da Canela Preta”). Assim, se uma prática da elite estava sendo ressignificada naquele momento, também o espaço, abandonado por um novo clube representante da elite, seria ocupado e ressignificado, passando na década seguinte a ser o centro do futebol popular em Porto Alegre.

Contudo, no que se refere ao Riograndense, suas raízes podem estar disseminadas de forma mais ampla pela cidade. É ainda Soares que aponta, citando matéria do mesmo periódico, de 26 de dezembro de 1909, que este clube valia-se, anteriormente, de um campo no “Caminho do Meio” (atual Av. Protásio Alves), próximo à Colônia Africana. Podemos supor assim que o clube tenha surgido nesta região que compunha os territórios negros da cidade, tendo posteriormente migrado para outra em virtude da possibilidade de dispôr do campo da Rua Arlindo. Ficaria assim evidenciada a precocidade com que seriam fundados os clubes populares

de futebol em Porto Alegre, bem como explicitada a proximidade geográfica entre as práticas marcadas pelo amadorismo elitista e pela ludicidade dos excluídos. Proximidade esta que não eliminaria os muros e barreiras construídos por quatro séculos de escravidão e pelos preconceitos sociais, mas que seria suficiente para apresentar porosidades quanto a determinadas práticas culturais.

Podemos citar aqui um exemplo elucidativo a respeito de tais porosidades. Marcus Vinícius de Freitas Rosa, em sua tese de doutorado, aponta para a existência de um contingente de população negra em Porto Alegre que, na virada para o século XX, dominava com fluência o idioma alemão, o que causaria mesmo certo espanto aos viajantes da época. Segundo o pesquisador, este fenômeno estaria não somente associado à existência de um amplo contingente de brancos pobres de origem germânica residente na Colônia Africana, mas também pela manutenção de relações de trabalho que poderiam remontar ao período da escravidão e que de alguma forma encontraram continuidade nos primeiros anos do regime republicano (Cfe: ROSA, 2014). Assim, a mesma estrutura que demarcaria de forma rígida os lugares sociais de cada pessoa, apresentaria a fluidez necessária para que as práticas culturais (como a língua e o futebol) pudessem se disseminar rapidamente por lugares não planejados pelo espírito amador da elite.<sup>21</sup>

A Redenção, o Campo da Voluntários, a Baixada do Moinhos e o Campo da Rua Arlindo certamente não eram os únicos espaços da cidade que, naquela década, seriam ocupados pela expansão do futebol. Também nos arrabaldes este se fazia presente, como no provável caso do *Fuss-Ball Mannschaft Frisch Auf* (Equipe de Futebol Sempre Avante), fundado em 1908 e cujo espaço destinado aos jogos provavelmente se coadunava com a sede do *Turnerbund* (atual SOGIPA), localizado no Arrabalde São João.

---

<sup>21</sup> Perceba-se que a expansão da cidade pelo eixo da Av. Independência ocorre simultaneamente para a elite branca da cidade, que busca novos ares em uma zona “moderna”, e para os libertos e descendentes de escravos que convergem para a Colônia Africana a partir da ação do poder público municipal que, via aumento de impostos e obras de remodelação, eliminava os cortiços da região central, obrigando seus moradores a buscarem outros lugares de moradia na cidade. Em outras palavras: novos tempos, velhos vizinhos.

Outra referência de local onde encontraríamos a prática do futebol em Porto Alegre em seus primeiros anos estaria vinculada ao nome do Centro Sportivo Operário (1909), citado por Soares como um dos primeiros adversários do *Foot-Ball Club* Riograndense. De caráter popular e proletário, esta agremiação teria um espaço para seus jogos próximo à rua Vasco da Gama (SOARES, 2014:88). Assim, teríamos mais um local para a prática do futebol localizado nas proximidades da Colônia Africana, do Parque Farroupilha e do campo da Baixada, vinculado agora a uma matriz proletária. Convém também lembrar que, como já citamos, a geógrafa Daniele Vieira nos aponta para o fato de que os “Territórios Negros” de Porto Alegre não seriam espaços ocupados exclusivamente pelos descendentes de afro-brasileiros, havendo uma presença também de brancos pobres que ali encontravam seu espaço de moradia. Assim, é plausível que entre os moradores da Colônia Africana houvessem aqueles que viviam como operários, seja qual fosse o tom de sua pele. Desta forma, a referência à partida entre o *Foot-Ball Club* Riograndense e o C. S. Operário, muito mais do que uma mera disputa entre duas agremiações, pode nos apontar para a coexistência, naquele momento entre as identidades étnicas e proletárias em Porto Alegre, uma vez que poucos eram os clubes que aceitariam disputar uma partida contra uma agremiação formada por jogadores negros.

O final de nosso recorte cronológico é o momento em que Porto Alegre experimenta o início de uma explosão de agremiações voltadas à prática do futebol por sua malha urbana, o que não é uma ocorrência alheia ao seu crescimento, mas antes um fenômeno que integra (ou que acompanha) sua expansão urbana. E, assim como nas narrativas clássicas acerca da expansão do futebol pelo mundo, também aqui os trilhos terão cumprido um papel fundamental. Em 1908, quando os bondes elétricos começam a se fazer presentes na paisagem, já havia mais de uma dezena de linhas, fazendo com que as áreas distantes do centro pudessem ser acessados por um contingente maior da população. Assim, para alguns, sair do centro da cidade através dos carris, indo em direção à Baixada do

Moinhos de Vento ou do campo da Voluntários para assistir uma partida de futebol poderia ser uma experiência que evocava os sentidos da modernidade. Para outros, muitos, restava aproveitar a proximidade entre os *fields* e os locais de moradia, os morros, os espaços abandonados pelas cheias, para ali mimetizar este novo signo de modernidade que chegava a Porto Alegre, e que, junto com ela, encontraria um grande desenvolvimento a partir da década seguinte

## Referências

- BARTZ, Frederico Duarte. *Os Caminhos Operários e a Memória da Classe Trabalhadora em Porto Alegre*. In: **Revista História e Luta de Classes**. Marechal Cândido Rondon, Ano 15, n. 28, set, 2019.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *O futebol da Canela Preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. In: **Anos 90**. Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, PPGH/UFRGS, v. 7, n. 11, 1999.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP (Tese de doutorado – Programa de Pós Graduação em Geografia Humana), 2001.
- KARLS, Cleber Eduardo. **Modernidades Sortidas: o esporte oitocentista em Porto Alegre e no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de doutorado – PPGHC).
- MONTEIRO, Charles. **Breve História de Porto Alegre**. Porto Alegre: Letra e Vida, 2012.
- ROSA, Marcus Vinícius de Freitas. **Além da invisibilidade: História Social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição (1884-1918)**. Campinas: Unicamp (Tese de doutorado – PPGH), 2014.
- SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de mestrado – PPGH), 2014.
- VIEIRA, Daniele Machado. **Territórios Negros em Porto Alegre/RS (1800-1970): geografia histórica da presença negra no espaço urbano**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado – POSGEA), 2017.

## **Fuss-ball Club Porto Alegre (1903-1944): Clube precursor do futebol em Porto Alegre/RS**

*Janice Zarpellon Mazo*<sup>1</sup>

*Tuany Defaveri Begossi*<sup>2</sup>

### **Aproximação com o tema**

O texto trata de reconstituir memórias do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, clube de futebol fundado na capital do estado, Porto Alegre, no dia 15 de setembro de 1903. O *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, estabelecido na mesma data do *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, é um dos primeiros clubes de futebol da capital do estado, visto que, até então, não havia clubes dedicados à prática do futebol. Ressalta-se que o futebol já era praticado em outras localidades do Rio Grande do Sul. No entanto, em Porto Alegre, o futebol desponta como uma novidade esportiva no começo do século XX.

Para entender a trajetória percorrida por este clube, que deixou de existir, com escassos vestígios documentais, há mais de 75 anos, fez-se necessário revisitar o contexto do associativismo esportivo na cidade de Porto Alegre no princípio do século XX. O fenômeno do associativismo esportivo, em Porto Alegre, já havia despontado desde a segunda metade do século XIX, promovendo práticas como a ginástica, o tiro ao alvo, o remo, o tênis, dentro outras (MAZO, 2003). Assim como os clubes relativos

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (UP), Portugal – janice.mazo@ufrgs.br

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) – tuany\_begossi@hotmail.com

às referidas práticas, a fundação dos primeiros clubes de futebol na capital esteve atrelada aos imigrantes alemães e seus descendentes, denominados teuto-brasileiros.

Os teuto-brasileiros foram precedentes na cidade de Porto Alegre, em relação aos imigrantes de outras nacionalidades, nas primeiras iniciativas ligadas à prática do futebol. Este esporte contou, inicialmente, com a participação de teuto-brasileiros vinculados ao ciclismo e ao remo, evidenciando, desta forma, também o processo de esportivização que, aos poucos, aflorava na capital do estado (MAZO, 2003). Destacamos que esta característica se difere da ocorrida com outros clubes de futebol no Brasil, os quais foram fundados a partir da influência de ingleses e de seus descendentes. Este grupo, conforme Mascarenhas (2014) estreitou relações comerciais com o Brasil, entre os séculos XIX e XX, acontecimento que pode ter favorecido transferências culturais. Ademais, neste contexto era recorrente o retorno de estudantes da Europa e, também, a instalação de escolas maristas e jesuítas no Brasil, fatores que também podem ter atuado na promoção e disseminação do futebol, bem como na criação de clubes (BORSA, 2011).

Em virtude da particularidade explanada com relação ao futebol, torna-se relevante ratificarmos que a primeira iniciativa de teuto-brasileiros, em Porto Alegre, foi a fundação da sociedade de ginástica denominada *Turnerbund* (atual SOGIPA), no ano de 1867, a qual, além de ser a precursora do estado, está entre as primeiras instaladas no Brasil. Anos depois, em 1888, um grupo de teuto-brasileiros organizou em Porto Alegre o primeiro clube de tênis do Brasil, o *Club Walhalla*. Ainda, na mesma época, práticas como o tiro ao alvo, o remo e o ciclismo foram institucionalizados por meio da criação de clubes. Esse processo ocorrido na capital do estado veio por influenciar o estabelecimento da prática do futebol na cidade, repercutindo na criação de dois clubes exclusivamente destinados a tal esporte.

As primeiras associações esportivas estabelecidas em Porto Alegre, conforme o estudo de Mazo (2003) fomentaram durante um largo

período, exclusivamente, a prática do esporte predecessor a sua fundação. Esse foi o caso da *Radfahrer Verein Blitz* (Sociedade Ciclística Relâmpago), fundada em 19 de maio de 1896, visando à prática do ciclismo. Esta sociedade ciclística foi organizada pelos irmãos Oscar Schaitza, Theodoro Schaitza e Edward Schaitza, juntamente com os amigos Brenner, Duetz e Alberto Bins, que já praticavam remo na *Ruder Verein Germânia* (Sociedade de Remo Germânia), e desejavam um espaço para congregar praticantes de ciclismo na cidade de Porto Alegre. Oscar Schaitza era dono de uma fábrica, com o mesmo nome, sendo os tecidos o principal produto. Do mesmo modo, Alberto Bins tinha uma fábrica voltada para a fundição, que era denominada com seu nome (FORTES, 2004:40). Alberto Bins não apenas conheceu, mas, também, praticou remo e ciclismo durante o período em que realizou seus estudos e formação profissional na Europa. Cabe referir que, na época, alguns praticantes não se restringiam a um único esporte, vinculando-se a distintas associações em busca de vivências esportivas diversas.

Alguns dos ciclistas e outros praticantes vinculados as referidas associações esportivas, assistiram ao primeiro jogo de futebol realizado em Porto Alegre, a saber: o “jogo exibição” do *Sport Club Rio Grande*. Este é reconhecido como o primeiro clube de futebol do estado do Rio Grande do Sul, fundado na cidade de Rio Grande/RS, na data de 19 de julho de 1900, e que ainda se encontra em atividade. Vale registrar que o *Sport Club Rio Grande* representa “o futebol mais antigo do país” (MASCARENHAS, 2001:22), tendo a data de sua fundação oficializada como o Dia Nacional do Futebol no Brasil, pela Confederação Brasileira de Futebol (GUAZZELLI, 2000). Clubes brasileiros, como o Clube de Regatas Flamengo e o Clube de Regatas Vasco da Gama, foram fundados anteriormente ao *Sport Club Rio Grande*, mas, na época, se dedicavam apenas a prática do remo (GUAZZELLI, 2010).

O *Sport Club Rio Grande*, de modo pontual, tinha como finalidade fazer uma demonstração da “novidade” esportiva, na capital do estado do Rio Grande do Sul onde, atualmente, situa-se o Parque Farroupilha

(conhecido como Redenção). O dia escolhido foi sete de setembro de 1903, data emblemática e transformada em feriado comemorativo da Independência do Brasil. A intenção do *Sport Club Rio Grande*, após ter apresentado o esporte inicialmente na cidade vizinha de Pelotas, era disseminar a prática e estimular a organização de um clube de futebol na capital, assim como fazia em outras cidades do estado. Logo após o encerramento do jogo exibição de futebol, os ciclistas da *Radfahrer Verein Blitz* (Sociedade Ciclística Relâmpago) e os remadores do *Ruder Verein Germânia* (Sociedade de Remo Germânia) se reuniram com integrantes do *Sport Club Rio Grande* na sede da sociedade ciclística. A finalidade da reunião, que congregava majoritariamente teuto-brasileiros, era fundar aquele que seria o primeiro clube de futebol na cidade de Porto Alegre. O nome sugerido para o clube foi *Grêmio Fussball*, entretanto, como os presentes não chegaram a um acordo, a reunião encerrou-se sem cumprir o seu desígnio.

De acordo com o jornal “O Independente” (18/08/1904:1): “na reunião a alemoada quebrou o pau e se dissolveram”, contudo, a notícia não registrou os motivos de tal conflito. É possível que uma das dificuldades foi com relação ao idioma adotado no nome do clube e nos estatutos. Nota-se que o nome sugerido congrega o termo “Grêmio”, o qual sugere a ideia de uma agremiação, ou seja, uma tradução para a língua portuguesa do termo alemão *Verein*, traduzido como “sociedade”. E o termo *fuss-ball* é futebol no idioma alemão. De tal modo, parece que houve uma tentativa de conciliar distintas identidades étnico-culturais teuto-brasileiras na denominação do clube, mas, que, na narrativa do jornal é tratada como única e homogênea quando refere “a alemoada”. Indícios de marcações identitárias simbólicas são percebidos na *Radfahrer Verein Blitz*, que congregava somente associados teuto-brasileiros. Nomeada em idioma alemão, esta sociedade mantinha o dialeto alemão nas atas, documentos, nas instruções orais dos treinamentos e no cotidiano. Do mesmo modo, a *Ruder Verein Germânia*, desde sua fundação, também perpetuava com proeminência representações de identidades teuto-

brasileiras. Além disso, um número expressivo de sócios da *Ruder Verein Germânia*, também era vinculado a *Turnerbund*; inclusive o presidente da sociedade de ginástica *Turnerbund*, Aloys Friederichs.

Depois de, aproximadamente, uma semana do conflito gerado pela tentativa de criar um clube de futebol, foram instaurados dois clubes com a mesma data oficial de fundação, o dia 15 de setembro de 1903. A fundação do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, no mesmo dia da criação do *Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense* (GFPA), talvez, indique que um desses clubes seja uma dissidência do outro. Contudo, esse episódio pode ser apenas uma coincidência, segundo texto de Amaro Júnior publicado na Revista do Globo (1945:44): “O fato de terem os dois clubes sido fundados no mesmo dia, - um pela manhã, outro à noite, - tem apontado o segundo como uma cisão do primeiro. Nada mais inverídico. Simples coincidência, apenas, porque os fundadores do Grêmio Pôrto-Alegrense desconheciam por completo a fundação do “Fuss-Ball”.

Frente às diferentes leituras sobre a criação dos dois clubes de futebol, importa registrar que, a partir de então, o cenário do associativismo esportivo em Porto Alegre não seria mais o mesmo. Afinal, se o nome de ciclistas é evidenciado entre os sócios do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, nomes de homens ligados a associações de remadores estão entre os primeiros jogadores e sócios do GFPA. Ainda, nota-se que ao *Fuss-Ball Club Porto Alegre* aliaram-se homens pertencentes à elite econômica teuto-brasileira e, ao GFPA agruparam-se, majoritariamente, homens que trabalhavam no comércio, alguns deles sócios da *Turnerbund*, como foi o caso do instrutor de ginástica e jogador de futebol, Georg Black, imigrante alemão que se estabeleceu em Porto Alegre no ano de 1902 (MAZO, 2003). A despeito das disputas identitárias, os dois clubes passaram a rivalizar nos jogos de futebol, pelo menos nas primeiras décadas do século XX.

Neste sentido, os indícios apresentados permitem sinalizarmos que, assim como em outros estados brasileiros, no Rio Grande do Sul, os primeiros clubes de futebol congregavam, inicialmente, a elite. Neste particular, conforme retrata Guazzelli (2000:30): “Em Porto Alegre, até

1909 [ano em que foi fundado o *Sport Club* Internacional], o futebol se resumia a uma disputa pela taça *Wanderpreiss*, entre o Grêmio e o *Fussball*, duas associações de alemães enriquecidos, bastante excludentes”. Igualmente, quando os clubes teuto-brasileiros não se apresentavam tão elitistas quanto os ingleses, não eram receptivos aos imigrantes de outras etnias (GUAZZELLI, 2010), uma vez que existia uma intensa preocupação relacionada a preservação de sua identidade cultural.

A partir do exposto, nota-se que questões imbricadas à história e à identidade sul-rio-grandense atravessaram (des)continuidades na conjuntura do futebol no estado. De tal modo, o Rio Grande do Sul passou por entraves na composição de seus clubes, ao longo da história do futebol no Brasil, se comparado a outros estados, particularmente, as capitais político-econômicas do país (GUAZZELLI, 2010). Apesar dos enfrentamentos, após os primeiros clubes, muitos outros foram fundados no estado, ainda no início do século XX como, por exemplo: *Foot-ball Club Rio-Grandense* (1907), *Militar* (1908), *Sport Club Internacional* (1909), *Manschaft Frisch Auf* (1909), *Sport Club Nacional* (1909), 7 de Setembro (1909), *Esporte Clube Cruzeiro* (1913), *Esporte Clube São José* (1913), *Grêmio Esportivo Força e Luz* (1921), *Grêmio Esportivo Renner* (1931). De acordo com Soares (2014:62), “de 1909 até o ano de 1912, encontravam-se, na cidade, mais de trinta nomes de clubes de futebol nas páginas de periódicos”.

Vale mencionar que, desde seus primórdios no Brasil, o futebol foi tema de debate, especialmente acerca das identidades relacionadas a este esporte. Assim, embora as características gerais presentes no futebol sul-rio-grandense não fossem contrárias àquelas que circulavam nos demais estados, apresentavam suas distinções (BORSA, 2011). Neste sentido, o autor ressalta que o futebol do estado era mais conhecido pelas características referentes a sua identidade regional do que por sua localização geográfica.

Para a construção deste texto relativo às memórias do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, foram utilizadas as seguintes fontes: *Almanaque Esportivo*

do Rio Grande do Sul; Jornal A Federação; Associações Esportivas no Rio Grande Do Sul: lugares e memórias (MAZO, 2012); Revista do Globo e Enciclopédia GrêmioPédia (*online*). As informações referentes à Revista do Globo foram acessadas por meio do Catálogo do Esporte e da Educação Física, na Revista do Globo 1929-1967, organizado por Mazo (2004). Depois de catalogadas e submetidas aos processos de análise documental, as fontes permitiram problematizar os acontecimentos que seguem em dois tópicos: a) *De Fuss-Ball Club Porto Alegre a Foot-Ball Club Porto Alegre*: transcurtos de um clube; b) *Fuss-Ball Club Porto Alegre e seus duelos futebolísticos*. Por fim, apresentam-se à guisa de conclusão, considerações finais a respeito do tema ora abordado e as referências utilizadas no empreendimento do texto.

### **De Fuss-Ball Club Porto Alegre a Foot-Ball Club Porto Alegre: transcurtos de um clube**

O *Fuss-Ball Club Porto Alegre* foi fundado pela iniciativa de ciclistas da *Radfahrer Verein Blitz*. A primeira diretoria foi composta por Leopold Rosenfeld, que assumiu a presidência do clube nos três primeiros meses, pelo secretário J. Brenner e pelo tesoureiro O. Becker. Outros nomes compõem o grupo de fundadores, quais sejam: Alfredo Stumpf, Eugenio Sattler, Ernesto Osvaldo Schmitt, Francisco Straamann, Guilherme Trein, Hugo Brenner, Hugo Becker, Oscar Matte, Oscar Schaitza, Otto Niemeyer, Rodolfo Campani, Reinaldo Schoeler, Rodolfo Schoeler e Valter Heckman. Estes nomes e sobrenomes aludem a presença majoritária de homens teuto-brasileiros como precursores do clube e, alguns deles, praticantes de ciclismo.

Em seguida a fundação, o clube já obteve um espaço para equivaler a sua sede, o campo para a prática do futebol. O primeiro campo de futebol foi demarcado em terreno doado pelo Dr. Luiz Englert, ao lado do velódromo da sociedade ciclística, localizada na Rua Voluntários da Pátria. Conforme Amaro Junior (1952), este velódromo "foi o primeiro da cidade,

inaugurado em 1896 e estava situado no Caminho Novo (Rua Voluntários da Pátria), próximo a hoje Rua do Parque". Este endereço é citado pelo jornal "A Federação" (FOOT-BALL, 05/03/1904:2), quando menciona a localização do "Campo da Rua Voluntários". "A cancha fica situada à rua Voluntários da Pátria, nos fundos do velódromo da *Radfahrer Verein Blitz*, por onde se fará a entrada", também referido no estudo de Soares (2014:173).

A região batizada como Rua Voluntários da Pátria, pela Câmara Municipal de Porto Alegre em 1870, margeava o antigo leito do Rio Guaíba e da estrada de ferro/ferrovia, onde se instalaram as sedes da maioria dos clubes de remo, o velódromo da *Radfahrer Verein Blitz* e o campo de jogo do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*. Tendo em vista a conformação geográfica de Porto Alegre daquele contexto, a região onde se instalou o primeiro campo do clube, chamada de Quarto Distrito, era caracterizada pela incipiente atividade industrial da cidade desenvolvida por teuto-brasileiros (FORTES, 2004).

O campo do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* não tinha nenhuma estrutura além do próprio campo de jogo. Inaugurado em novembro de 1903, durante os primeiros anos, os jogos foram realizados contra o GFPA, uma vez que eram os dois únicos clubes de Porto Alegre. Uma das disputas entre o *Fuss-Ball* e o GFPA foi noticiada pelo jornal "A Federação", datado do dia 15 de janeiro de 1904, em nota que registrava importante jogo entre os dois clubes. Consta que a disputa ocorreu depois de quase dois meses, no dia seis de março de 1904 e o programa do jogo foi impresso em idioma alemão e em língua portuguesa, assim como sucedia com programas de regatas entre os clubes de remo de Porto Alegre. Esta, que foi considerada a primeira partida de futebol realizada entre clubes de Porto Alegre, foi vencida pelo GFPA com o placar de um a zero, tendo como árbitro Waldemar Bromberg, integrante das Firmas Bromberg & Cia, e irmão de Arthur Bromberg, que jogava futebol no GFPA.

Mesmo com o resultado pouco satisfatório do jogo contra o GFPA, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* consolidava-se, aos poucos, no panorama

esportivo da capital. Contudo, no ano de 1908, ocorreu uma crise que culminou com a renúncia do então presidente, Oscar Campani. Lembramos que entre os fundadores, supracitados, do clube de futebol constava Rodolfo Campani, então é provável que o mesmo sobrenome indique algum vínculo de parentesco entre ambos. Igualmente, percebemos que o sobrenome Campani remete a uma identidade ítalo-brasileira, a qual era raríssima dentre os precursores do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*. Estas “pistas” foram fruto de uma tentativa de buscar informações mais específicas a fim de compreender a crise que gerou a troca de presidência do clube. Diante das circunstâncias, foi organizada uma nova eleição para a ocupação do cargo e Carlos Foernges Filho tornou-se presidente do clube, em junho de 1908. O sobrenome Foernges consta na denominação de lojas de ótica e joalherias em Porto Alegre. Tal constatação sugere que a presidência do clube foi ocupada por um teuto-brasileiro pertencente a elite econômica porto-alegrense.

O novo presidente fez novas tentativas para impulsionar o clube de futebol que, durante, aproximadamente, uma década, rivalizou com o GFPA. Logo, no ano seguinte, em 1909, sucedeu a fundação do *Sport Club Internacional* e, neste mesmo ano foi organizado o time de futebol da *Turnerbund*, denominado *Manschaft Frisch Auf* pela iniciativa de Georg Black, instrutor de ginástica da referida sociedade de ginástica e jogador de futebol do GFPA. Ao lado do GFPA e dos clubes de futebol recém fundados, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* participou da fundação da “Liga de *Foot-Ball* Porto Alegrense” em 1910, ano em que disputou o campeonato citadino de futebol.

Na década seguinte, outros clubes de futebol foram constituídos em Porto Alegre: *Sport Club Americano* em 1912, Esporte Clube Cruzeiro e o Esporte Clube São José no ano de 1913. Juntamente com os clubes *Sport Club Americano*, o GFPA e com o time de futebol *Manschaft Frisch Auf*, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* fundou a “Associação de *Foot-Ball* Porto Alegrense”, no ano de 1914. É plausível considerar que esta entidade congregasse clubes que tinham relações entre si, ou seja, uma rede de

interdependência no futebol. Esta configuração no futebol pode ter gerado uma reação de outro grupo, a qual se manifestou por meio do estabelecimento do *Ypiranga Football Club*, em 1917. Este clube de futebol, que adotou na sua denominação o termo *Ypiranga*, trata de assinalar uma representação que remete a memória histórica oficial do país, produzida pela narrativa que a Independência do Brasil foi proclamada por Dom Pedro II, às margens do Riacho Ipiranga. Com a criação de mais este clube, as disputas nos jogos de futebol, não apenas cresceram como também se acirraram no campo.

O campo de futebol do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* sediou jogos até o ano de 1911, quando então o clube transferiu-se para o estádio Chácara das Camélias, localizado na Rua José de Alencar, no Bairro Menino Deus. O estádio, construído de madeira, foi inaugurado em 1915 e, na época, foi considerado o maior estádio de futebol de Porto Alegre, visto que foi o primeiro da cidade a instalar iluminação artificial para realização de jogos noturnos, além de construir uma sede social com maior capacidade de público e melhores cuidados com o gramado de jogo. O estádio, após sua inauguração, sediou vários jogos de futebol, como mostrou o jornal “A Federação” de 7 de agosto 1916, noticiando a “grande vitória de virada do *Fuss-Ball* sobre o *Colombo* pelo placar de 2x1”. A despeito dos resultados positivos nos jogos de futebol, no ano de 1916 o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, é abalado pela mudança de nome para *Foot-ball Club Porto Alegre*. A “nacionalização” do nome do clube mostra uma ruptura na identidade clubística, pois este clube como outros identificados com os teuto-brasileiros foram forçados a incorporar práticas e representações culturais que sinalizassem o seu “abrasileiramento”, após os acontecimentos decorrentes da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Sublinhamos que a mudança do nome original, em idioma alemão, para o nome em inglês, denota que o clube buscou alternativas para manter as atividades diante das dificuldades encontradas. Outra estratégia foi com relação as cores adotadas originalmente pelo clube: o branco e o preto (alvi-negro) que representavam o clube através da bandeira e uniforme foram substituídos

pelo branco e verde (alvi-verde). Não sabemos o motivo da escolha das cores, mas a cor preta está na composição da bandeira da Alemanha enquanto que o verde é uma cor que faz parte da bandeira brasileira.

Nos anos seguintes, a partir de 1919, o agora chamado *Foot-ball Club Porto Alegre* continuou a disputar jogos de futebol, mas, não conquistou títulos no campeonato estadual. Todavia, obteve o segundo lugar no Torneio de Futebol realizado entre clubes de Porto Alegre, no dia 28 de março de 1934. Disputaram esta competição os seguintes clubes: o Esporte Clube Força e Luz, o *Grêmio Foot-ball Portogalense*, o Esporte Clube Cruzeiro, o Esporte Clube São José, o Esporte Clube Colombo e o *Sport Club Internacional*, campeão do torneio. Até o início da década de 1940, o estádio do *Foot-ball Club Porto Alegre* sediou importantes disputas de futebol, tais como o primeiro jogo do Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de Futebol<sup>3</sup>, realizado em 1922, no Rio Grande do Sul. Esta foi a primeira competição de futebol, em nível nacional, organizada pela Confederação Brasileira de Desportos (BORSA, 2011). Além disso, o estádio Chácara das Camélias sediou 21 dos mais de 400 clássicos “Gre-Nal”<sup>4</sup>, a maioria deles disputados na primeira metade do século XX.

Vale assinalar que no estádio Chácara das Camélias foram disputados jogos como o Troféu *Wanderpreiss*. Este troféu era um prêmio móvel, uma vez que, a regra era que o clube vitorioso no ano da disputa ficaria de posse do troféu e, somente, após três vitórias consecutivas, o clube teria a posse definitiva do troféu. O Troféu *Wanderpreiss* foi instituído em Porto Alegre, no ano de 1898, pelo Comitê de Regatas, entidade fundada, em 1894, com a finalidade de organizar a prática do remo na cidade, pela iniciativa dos dois primeiros clubes de remo porto-alegrenses: o *Ruder Club Porto Alegre* e o *Ruder Verein Germânia*. De acordo com Silva; Mazo (2017), a invenção

---

<sup>3</sup> Em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil (1882-1922), diversos eventos culturais e esportivos foram realizados no país, como a Semana da Arte Moderna, em São Paulo, e desafios esportivos entre as unidades da federação, sendo um destes acontecimentos o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais de futebol (BORSA, 2011).

<sup>4</sup> Clássico de futebol realizado, desde 1909, entre duas equipes da cidade de Porto Alegre: o *Grêmio Foot-ball Portogalense* e o *Sport Club Internacional*. Segundo Soares (2014), a expressão “Gre-Nal” foi cunhada em 1926, por Ivo dos Santos Martins, jornalista e redator do *Jornal Correio do Povo*, com a intenção de facilitar a escrita dos nomes dos dois clubes. Conforme o autor, o termo levou alguns anos para se popularizar.

desta forma de premiação foi sugerida pelo *Ruder Club Porto Alegre*, em comemoração ao seu aniversário de 10 anos.

A apropriação de tal formato de premiação é mais uma evidência da influência dos clubes de remo na conformação do futebol em Porto Alegre, além da própria presença de remadores, na fundação de um clube de futebol. Os clubes de remo já estavam estruturados desde o final do século XIX em Porto Alegre e havia uma entidade apontada como pioneira no Brasil - Comitê de Regatas; sendo assim surge uma questão que merece ser abordada em outro estudo: porque os clubes de remo não incorporaram a prática do futebol no início do século XX. Identificamos que os clubes de remo de Porto Alegre, alguns que se mantêm em atividade até os dias atuais, não ofereceram a prática do futebol para os associados, entretanto, os clubes de futebol incorporaram, ao longo dos anos, distintas práticas esportivas. Alguns clubes, inclusive, fomentaram equipes de esportes individuais e coletivos, visando a participação em competições esportivas.

Na década de 1920, o *Foot-ball Club Porto Alegre*, instituído exclusivamente para a prática do futebol, introduziu o basquetebol, esporte inventado em uma Associação Cristã de Moços (ACM) dos Estados Unidos e, difundido em Porto Alegre pela ACM, fundada na capital do estado em 1901. Ressaltamos ainda que, em meados da década de 1920, a *Turnerbund* (atual SOGIPA) estruturou um departamento esportivo para promover a prática do voleibol, também um esporte inventado em uma Associação Cristã de Moços (ACM) dos Estados Unidos. Uma vez que o *Foot-ball Club Porto Alegre* tinha entre seus fundadores alguns sócios da *Turnerbund* (SOGIPA), é provável que a escolha da prática do basquetebol seja explicada por esta relação.

Após o precursor “Chácara das Camélias”, um novo estádio de futebol foi edificado em Porto Alegre, no princípio da década de 1930, para sediar o *Sport Club* Internacional: o Estádio dos Eucaliptos. Cabe mencionar, ainda, que na década de 1920 foram organizados, em Porto Alegre, clubes

de futebol que congregavam trabalhadores, na lógica do futebol operário<sup>5</sup>, os quais, também inauguram seus estádios nas décadas seguintes. Foi o caso do Grêmio Esportivo Força e Luz, fundado em 1921, por funcionários da Companhia Carris Porto-Alegrense e Energia Elétrica Rio-Grandense<sup>6</sup> que, no ano de 1935, inaugurou o Estádio Timbaúva<sup>7</sup>. No mesmo ano, foi criado outro estádio de futebol pela iniciativa de outro clube de operários, o estádio Tiradentes do Grêmio Esportivo Renner - fundado e subsidiado pelo grupo industrial A. J. Renner, seguindo a lógica de apropriação do tempo livre do trabalhador através da formação de clubes operários (STÉDILE, 2011).

A inserção da prática do esporte no ambiente dos trabalhadores contribuiu para a descaracterização do futebol como um esporte de elite, passando a ser praticado por elementos das classes menos favorecidas economicamente. Entretanto, pontua-se que a partir da década de 1920, a classe operária, assim como os negros, começa a ser aceita nos clubes de futebol como “mão de obra”, não contando com o *status* e reconhecimento social dos jogadores de elite (SOARES, 2014). No ano de 1933 o futebol foi oficialmente instituído como profissão pelo Ministério do Trabalho, perdendo, desta forma, o caráter de ocupação do tempo livre dos operários (BORSA, 2011). O profissionalismo<sup>8</sup> ocasionou diversas disputas políticas entre os clubes defensores e críticos à adoção deste modelo de futebol no país. Nesta direção, já no início da década de 1940, clubes tradicionais como o *Foot-ball Club Porto Alegre* e o *Sport Club Americano* saem de cena em virtude de dificuldades de adaptação ao futebol profissional.

---

<sup>5</sup> Sobre o modelo de futebol operário, sugere-se consultar o artigo intitulado “Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937)”, de Stédile (2011).

<sup>6</sup> Na época, ambas faziam parte da mesma empresa, visto que o transporte público era feito por bondes elétricos e gerenciado pela companhia de energia elétrica, que, posteriormente, mudou o nome para Companhia Estadual de Energia Elétrica, cuja sigla é CEEE até os dias atuais.

<sup>7</sup> Antes do estádio, o Força e Luz jogava na Chácara das Camélias e no Campo da Rua Arlindo, campo municipal que foi o berço do *Sport Club Internacional* e da Liga Nacional de *Football* Porto Alegrense, pejorativamente conhecida como Liga da Canela Preta (grupo de negros praticantes de futebol).

<sup>8</sup> Para mais detalhes sobre as discussões políticas acerca da adoção do profissionalismo no futebol do Rio Grande do Sul, consultar a dissertação de mestrado “O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)”, de Rafael Klein (2014).

Com a crise financeira que assolou o *Foot-ball Club Porto Alegre*, o estádio Chácara das Camélias foi vendido, na década de 1950, à Associação dos Funcionários da Viação Férrea, que o repassou ao seu clube dos funcionários - o Nacional Atlético Clube. A reportagem “O estádio marcado”, publicada pela Revista do Globo em 23 de julho de 1955 (MAZO, 2004), relatou a decadência do estádio que outrora havia sido modelo da cidade: “Um campo de jogo que na época era o mais requestado da cidade. Um pavilhão achalezado, pesado e amplo recebia, com sobra, os aficionados” (p. 7). Já de propriedade do Nacional Atlético Clube, em meados da década de 1950, o jornalista Cid Pinheiro Cabral, na matéria publicada pela Revista do Globo em 23 de julho de 1955 (MAZO, 2004:7), referiu que “o gramado é o mais imperfeito dentre os que servem para jogos oficiais em Porto Alegre” e “hoje ergue-se um pequeno barracão onde já se ergueu um pavilhão modelo, quando desfilavam a fina flor da mocidade porto-alegrense exibindo os últimos modelos de Paris”. E, sobre o que presenciou na visita à Chácara das Camélias, Cid Pinheiro Cabral noticiou: “Jogo frio, “futebol de pobre”, com renda inexpressiva e nível técnico do mesmo teor. E, moldura de tudo, digna de quadro, aquele estádio em decomposição, que luta contra o tempo, e que foi, noutros tempos, o orgulho do futebol de Porto Alegre [...]”.

Destacamos, no texto de Cabral, a transformação pela qual passaram os espaços esportivos dos clubes de futebol nessa época. A transição entre os clubes elitistas e conservadores, para clubes operários, de baixo investimento, reflexo da democratização do futebol nos anos 1930 e 1940. O espaço da Chácara das Camélias, retratado na matéria da Revista do Globo, foi o reflexo dessa transformação, pois, com a troca de mãos do estádio, o campo pôde vivenciar os dois momentos em duas lógicas diferentes de apropriação do esporte, por parte das altas camadas da sociedade, a “fina flor da mocidade” até as camadas mais populares, ou o “futebol de pobre”. Hoje em dia, no terreno onde se localizava o estádio Chácara das Camélias, na Avenida José de Alencar, situa-se a Escola Estadual Infante Dom Henrique e um supermercado. No entanto, aqueles

que conhecem as histórias do futebol em Porto Alegre, ao olhar o espaço onde estão situados a escola e o supermercado, se lembram daquele “lugar de memória” de um clube de futebol que sucumbiu após 40 anos de vida esportiva.

### ***Fuss-Ball Club Porto Alegre e seus duelos futebolísticos***

Os clubes *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e GFPA disputaram 61 jogos no período de seis de março de 1904 a 11 de outubro de 1941. Dentre as competições disputadas estão: Troféu *Wanderpreiss* (12 jogos), Troféu *Gutschow* (um jogo), Amistosos (oito jogos), Campeonato Citadino (35 jogos), Taça Rio Branco (dois jogos), Torneio 7 de Setembro (dois jogos) e Torneio Relâmpago (um jogo). Ao longo dos anos, variados campos e estádios serviram de palco para os jogos entre estes clubes, quais sejam: Campo do Velódromo da *Radfahrer Verein Blitz* (seis jogos), Estádio da Baixada (37 jogos), Estádio Chácara das Camélias (15 jogos), Campo do Caminho do Meio (um jogo), Estádio Chácara dos Eucaliptos (um jogo), Estádio da Timbaúva (um jogo). Dos jogos disputados, ocorreram cinco empates, cinco vitórias do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e 51 vitórias do GFPA (FICHA..., 2020).

A primeira competição que congregou estes dois clubes foi o Troféu *Wanderpreiss* (Troféu Móvel), disputa que se repetiu em 12 ocasiões. A primeira delas ocorreu na data de seis de março de 1904. Há indícios de que esta competição se tratou de uma proposta apresentada na Assembleia Geral do GFPA, na data de 18 de novembro de 1903, ocasião em que o capitão do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, Reinaldo Schoeler, teria realizado o convite para a disputa contra o GFPA, que aceitou o convite (TROFÉU..., 2020a). Já, em notícia de “A Federação”, publicada em 15 de janeiro de 1904 (p. 2), consta que na reunião em que foi, de fato, definido e agendado o torneio, o desafio foi lançado pelo GFPA e foi muito bem aceito pelo *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, sob a presidência do senhor H. Rosenfeldt. Noticiado pelo referido jornal como uma “Festa Sportiva”, o programa do

torneio comportou duas competições, do *Wanderpreiss* e do *Vereinspreis*, referentes, respectivamente, às equipes A e B, ou ao primeiro e segundo quadro de jogadores, de cada clube. Até então, sucediam apenas *matchs-training* e os *matchs-internos* entre os quadros dos próprios clubes (SOARES, 2014), no entanto, conforme este autor, na época, tais disputas possuíam ampla representatividade social, assemelhando-se às competições entre clubes que viriam a se conformar na cidade. Sobretudo, os *matchs-internos* possuíam maior notoriedade, envolvendo no confronto jogadores casados e solteiros, do primeiro e segundo quadro do clube, ações beneficentes, apresentações de ginástica, como mencionou Soares (2014:58) sobre “a partida entre as duas equipes do Grêmio para a inauguração de sua cancha, em 14 de agosto de 1904, quando a segunda partida foi realizada entre duas equipes do Fuss-Ball”. Estes jogos tinham a característica de festividades prestigiadas pelos associados e convidados, as quais eram divulgadas pelos jornais.

Conforme o programa da competição, a primeira disputa entre o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o GFPA, pelo Troféu *Wanderpreiss*, em seis de março de 1904, aconteceu no Campo do Velódromo da *Radfahrer Verein Blitz* - também conhecido como Campo da Voluntários da Pátria, em função de sua localização -, com início às 15 horas e 30 minutos, em dois tempos de 30 minutos, com intervalo de 40 minutos entre ambos. O *Fuss-Ball Club Porto Alegre* contou com a seguinte formação (2-3-5): Schoeler (goleiro/capitão), Matte I (zagueiro), Matte II (zagueiro), Trein (meio de campo), Schmidt (meio de campo), Schaitza (meio de campo), Becker I (atacante), Becker II (atacante), Heuser (atacante), Kraemer (atacante), Becker III (atacante), Reinaldo Schoeler (diretor de campo). Na composição predominantemente teuto-brasileira, evidenciou-se um jogador (Trein) de nacionalidade não definida na fonte consultada (FICHA..., 2020). Por sua vez, o GFPA teve a formação (2-3-5): Knewitz I (goleiro), Fädriich (zagueiro), Uhrig (zagueiro), Huch (meio de campo), Siebel II (meio de campo), Black (meio de campo), Siebel I (meio de campo/capitão), Cattaneo (atacante), Cléres (atacante), Knewitz II

(atacante), Stelczyk (atacante), Oswaldo Siebel (diretor de campo). Dentre os jogadores brasileiros, consta um de nacionalidade alemã (Black) e um polonês (Stelczyk) (FICHA..., 2020). Todavia, há indícios de que, na ocasião, não sucedeu a escalação de Black (George Black), mas, sim, de Arthur Schwarz em seu lugar. Sob a condução do torneio esteve o árbitro alemão Waldemar Bromberg e os assistentes brasileiros Eugênio Sattler e Cândido Dias (FICHA..., 2020). Vale mencionar, de acordo com Guazzelli (2010), que o perfil e a condição atlética dos jogadores, em ambos os clubes, era mais importante que a sua técnica, denotando, talvez, uma cultura ligada a prática do *turnen*. Para o autor (2010:90), o próprio futebol sul-rio-grandense se constituiu sob práticas e representações acerca de um futebol “mais tático do que técnico, mais esquematizado que improvisado” - o “futebol-força” -, o que destoava das características futebolísticas - “a técnica, a improvisação e a malícia” - então apresentadas em outras localidades do Brasil.

De acordo com notícia de “A Federação” (FOOT-BALL, 07/03/1904:2), o torneio do *Wanderpreiss* “revestiu-se da maior animação e entusiasmo por parte dos contendores de ambas as associações, despertando também grande interesse na assistência, que era numerosa”. O jogo do Troféu *Wanderpreiss*, teve o seguinte resultado: *Fuss-Ball Club Porto Alegre* (zero) x *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense* (um). Ainda, conforme a referida notícia, a disputa do *Vereinspreis* também foi conquistada pela equipe do segundo quadro do GFPA, integrada por A. Koch (capitão), C. Bohrer, F. Strelau, F. Panitz, J. Geske, E. Geyer, P. Schuck, G. Kallfels, A. Brochado, E. Gerlach, O. Miesnich e Henrique Augusto Kock (treinador).

Após a vitória do GFPA sobre o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, na disputa pelo Troféu *Wanderpreiss* e pelo *Vereinspreis*, os clubes voltaram a se enfrentar no Troféu *Gutschow*, em 10 de abril de 1904, novamente, no Campo do Velódromo da *Radfahrer Verein Blitz*. O Troféu *Gutschow* foi uma competição indicada na mesma Assembleia, de 18 de novembro de 1903, em que se propôs o torneio do Troféu *Wanderpreiss* e o

*Vereinspreis*. Na ocasião, o senhor Ludwig Alexander Gutschow, então diretor do banco alemão “*Brasilianische Bank für Deutschland*”, lançou uma competição à parte daquela primeira. Em sua homenagem, o Troféu recebeu o seu sobrenome. A seguinte comissão de sócios e dirigentes do GFPA foi composta a fim de organizar o evento: Oswaldo Siebel, Pedro Cléres, Pedro Huch e Augusto Koch.

O *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o GFPA disputaram o troféu *Gutschow* uma única vez, ocasião em que o GFPA foi derrotado, pela primeira vez na história do clube, por quatro a um. De acordo com notícia de “A Federação” (THEATROS..., 08/04/1904:2), o senhor Gutschow forneceu “um artístico premio” ao clube vencedor. “Após a diversão, foi servida mesa, sendo nessa ocasião o sr. Gutschow saudado pelo Sr. Rosenfeldt, presidente do *Fussball*, que agradeceu o premio oferecido para ser disputado no *match*, falando depois o Sr. Gutschow, que brindou o *sport*” (MATCH..., 11/04/1904:2). Afora esta disputa, até 1909, o Troféu *Wanderpreiss* era a única competição que reunia os dois clubes - competidores exclusivos do Troféu *Wanderpreiss*, ocorrendo dois jogos por ano, até 1906. Os locais da competição eram o Campo do Velódromo da *Radfahrer Verein Blitz* (campo do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*) ou o Estádio da Baixada (estádio do GFPA).

Nas normas da competição, conforme já sinalizado, definia-se que, após vencer o Troféu *Wanderpreiss* por três vezes consecutivas, o clube teria sua posse permanente, conquista esta obtida pelo GFPA, no ano de 1906. De tal modo, no ano seguinte, em 1907, é iniciado um novo Troféu *Wanderpreiss*, o qual passa a ser disputado em uma única competição por ano. Desta vez, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* chegou perto de conquistar o troféu permanentemente, pois foi campeão da competição nos anos de 1908 e 1909. Contudo, nos três anos subsequentes foi derrotado pelo GFPA, o qual, pela segunda vez, obteve o Troféu *Wanderpreiss* de forma definitiva, no ano de 1912. Neste momento, finalizaram-se as competições pelo Troféu *Wanderpreiss* (TROFÉU..., 2020b). Até aquele momento, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* havia obtido poucas vitórias sobre o GFPA,

sendo uma em 1904, uma em 1908 e uma em 1909 pelo Troféu *Wanderpreiss*, além do Gutschow de 1904 (SOARES, 2014).

Nesta época, outras disputas já eram realizadas entre os clubes, então rivais, como os amistosos, com a sua primeira ocorrência registrada em sete de novembro de 1909, e o Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre de 1910, no qual *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o GFPA se enfrentaram pela primeira vez, na data de 30 de outubro de 1910. Este foi o primeiro dos 35 jogos disputados entre estes dois clubes, em edições deste campeonato, que teve sua primeira edição no referido ano, sendo uma competição de carácter municipal. De tal modo, clubes e equipes de futebol porto-alegrenses disputavam o título de “campeão citadino” ou “campeão da cidade”, como eram chamados os vencedores da competição. Na edição de 1910, o campeonato sucedeu no período de 19 de junho a seis de novembro, contando com sete equipes participantes e ocorrendo em 21 partidas. Além do GFPA, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* competiu contra equipes como o Militar, o *Frisch Auf*, o *Sport Club Nacional* e o 7 de Setembro. Além destes, o *Sport Club Internacional* também esteve na disputa. Estes sete clubes fundaram a Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball* (LPAFB). O Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre de 1910 teve como campeã a equipe do Militar (CAMPEONATO..., 2020a).

Os referidos clubes e equipes foram fundados a partir de 1908, quando foi criado o Militar. No ano seguinte, em 1909, conforme mencionado, foi fundado o *Sport Club Internacional* e o *Manschaft Frisch Auf*, seguidos pelos demais clubes citados. Para Soares (2014), estas inúmeras “agremiações fundadas por pessoas das mais diversas origens” denotam o sucesso e o favoritismo alcançado pelo futebol entre os porto-alegrenses, em detrimento de outras práticas esportivas, como o ciclismo. De acordo com o autor, sobretudo os anos de 1910 e 1911 representam um marco da difusão do futebol em Porto Alegre, momento em que os noticiários passaram a veicular informações congregando outros clubes, além dos precursores de 1903. Desta forma, consolida-se “um modelo

elitista esportivo, que, por sua vez, levaria muito tempo para acabar” (SOARES, 2014:68).

Na segunda edição do Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre, ocorrida em 1911, já havia sido engendrada a Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball*. A partir deste evento, as partidas de futebol, que até então eram realizadas em 80 minutos, passaram a ter o tempo de 90 minutos. Esta edição sucedeu entre 21 de maio e 30 de julho de 1911, contando com cinco clubes participantes, incluindo o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, que disputou quatro jogos, sendo vice-campeão da competição juntamente ao *Sport Club Internacional* (CAMPEONATO..., 2020b). Há vestígios de que a disputa pelo vice-campeonato, contra o *Sport Club Internacional*, na data de 30 de julho de 2011, no Estádio da Baixada, foi marcada por desentendimentos: “Ocorreu uma briga de bengaladas entre torcedores e troca de socos entre um sócio do Internacional e um funcionário do Grêmio. O jogo foi interrompido e o *Fussball* chegou a retirar-se do campo, mas retornou para concluir a partida” (CAMPEONATO..., 2020b). Na ocasião, a partida encerrou com empate de três a três.

Após o encerramento do campeonato, o *Sport Club Internacional* tentou anular a partida contra o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, alegando irregularidades na arbitragem do jogo. No entanto, o protesto do clube foi negado em uma votação que contou com o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, o Nacional - clube que cedeu o juiz - e o GFPA. O campeão da segunda edição do Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre foi o GFPA. Na edição de 1912, novos impasses ocorreram. Após uma briga entre as equipes do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o 7 de Setembro durante a competição, ambos os clubes desistiram do campeonato abandonando os jogos (CAMPEONATO..., 2020c).

Na edição de 1913 do Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* voltou a passar por embarços em uma de suas partidas. No jogo contra o *Sport Club Internacional*, na data de seis de julho de 1913, quando jogadores deste último agrediram o árbitro, acusando-o de favorecer o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*. Tal árbitro

havia sido indicado pelo GFPA, pois à época, os árbitros eram sócios dos clubes participantes das competições. Com isto, tanto o GFPA quanto o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, solicitaram o seu desligamento da Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball*, culminando, assim, na desconsideração dos jogos que haviam sido realizados até aquele momento.

Foi referido acontecimento que levou o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o GFPA a fundarem, em 1914, a Associação de *Foot-Ball* Porto Alegrense (AFBPA) já mencionada. Por meio desta organização, os clubes realizaram dois jogos entre si, nas datas de 10 e 13 de agosto de 1914, sendo estas disputas reconhecidas por tal entidade como o Campeonato Citadino de Futebol de Porto Alegre em 1913, de forma retrospectiva. Com uma vitória e um empate, o GFPA foi campeão de mais uma edição do campeonato e, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, vice-campeão (CAMPEONATO..., 2020d). Há informações de que no ano de 1914, ocorreram dois campeonatos citadinos em Porto Alegre, uma vez que a Liga Porto-Alegrense de *Foot-Ball* também teria organizado a sua competição (CAMPEONATO..., 2020e). Tal situação se repetiu no ano de 1915 (CAMPEONATO... 2020f). Outros e, também, novos clubes passaram a integrar e competir por ambas as entidades e, em 1916, elas se fundiram, compondo a Federação *Sportiva* Rio Grandense (FSRG), que passou a realizar as edições do Campeonato Citadino de Porto Alegre nos anos seguintes.

Embora o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* tenha participado de outras competições como a Taça Rio Branco, o Torneio 7 de Setembro e o Torneio Relâmpago, o Campeonato Citadino de Porto Alegre representou a principal competição de futebol entre os clubes de Porto Alegre nas décadas seguintes. Nela, se formaram e intensificaram as representações de rivalidade entre o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o GFPA, embora se registre que, dos 35 jogos disputados por estes clubes, dois terminaram empatados e 33 com vitória para o GFPA, sendo encontradas conquistas do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* apenas sobre outros clubes (FUSSBALL..., 2020). Se no futebol, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* não obteve tantos títulos, isto sucederia em outro esporte coletivo: o basquetebol.

Para além dos jogos de futebol, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, que em 1916 como já referido mudou o nome para *Football Club Porto Alegre*, logo na primeira edição do Campeonato Citadino de Cestobol (basquetebol), realizado em Porto Alegre no ano de 1923, disputou jogos com sua equipe. Nos anos seguintes, passou a disputar os campeonatos estaduais de cestobol (basquetebol), conquistando o primeiro lugar entre os clubes do estado, por dois anos consecutivos, em 1927 e 1928. Depois destes títulos, o clube continuou participando, com bom desempenho, nos campeonatos estaduais de cestobol (basquetebol) e o time de futebol disputando espaço com outros clubes de futebol. Conforme inventário realizado por Mazo (2012), na década de 1920, totalizava-se, aproximadamente, 20 clubes de futebol em Porto Alegre. O jornal “A Federação” do dia 30 de outubro de 1937 (p 4), anunciou o importante jogo entre o *Football Club Porto Alegre* e o *Grêmio Esportivo Renner*, sugerindo que o clube “alviverde” ainda estava na disputa. Porém, na mesma página do jornal e com mais destaque no tamanho da notícia, constava o anúncio de um jogo entre *Grêmio Football Porto Alegrense* e *Sport Club Internacional* e o quanto a rivalidade entre esses dois clubes estava se fortalecendo, enquanto os outros clubes ficavam em segundo plano.

Na transição da década de 1930 para a de 1940, o *Football Club Porto Alegre*, é manchete nas notícias esportivas de jornais, não pelo desempenho nas competições de futebol, mas, sim, pela conquista de títulos de campeão citadino de cestobol (basquetebol). “Tri-campeões de cestoból”. “O F. C Pôrto Alegre conquistou pela terceira vez consecutiva o “título” de campeão pôrtoalegrense de basketball. São estes os campeões portoalegrenses de basket-ball de 1941”. O ótimo resultado se repetiu nos anos de 1939, 1940 e 1941. Destacamos que, no período no qual participou do campeonato de cestobol, de 1923 a 1943, o *Football Club Porto Alegre* ocupou a segunda posição com a vitória em cinco campeonatos, atrás apenas do *Sport Club Internacional* que obteve sete vitórias. Outros clubes conquistaram títulos no período: União dos Moços Católicos de São Geraldo (três vitórias), Associação Cristã de Moços (ACM) e Clube de

Regatas Almirante Tamandaré, cada um com duas vitórias e, em último lugar o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense*, com apenas uma vitória.

Os bons resultados nas competições de basquetebol não se repetiam no futebol, mesmo que o *Football Club Porto Alegre* estivesse sediando importantes jogos de futebol no seu estádio. A década de 1940 foi marcada por acontecimentos diversos que repercutiram no país, como a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a instauração do regime político conhecido como Estado Novo (1937-1945). Tais fatos ecoaram no cenário esportivo abalando clubes que já enfrentavam dificuldades financeiras para manter as atividades. O *Football Club Porto Alegre* passou por diversas crises financeiras ao longo de sua trajetória, sobretudo nas duas últimas décadas de sua existência. Com o agravamento da situação, o local onde era o estádio Chácara das Camélias foi vendido para outro clube. O estádio foi adquirido pela Associação dos Funcionários da Viação Férrea que o repassou, em 1942, para o Nacional Atlético Clube, constituído pelos funcionários da Viação Férrea. Após dois anos, em 1944, o *Football Club Porto Alegre* foi extinto e, desde então o clube não consta nos registros da Federação Gaúcha de Futebol.

### **À guisa de conclusão**

O *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, como podemos constatar, foi um dos precursores do futebol em Porto Alegre. Para além disso, os documentos analisados permitiram evidenciar que o clube cumpriu um papel determinante no desenvolvimento do futebol na capital do estado do Rio Grande do Sul. Na época, o futebol não tinha a expressão que tem na atualidade, período no qual se sobressaiam a ginástica, o remo e o ciclismo, práticas corporais e esportivas que já tinham sido institucionalizadas em clubes desde meados do século XIX. O futebol começa a surgir com força na capital do estado no início do século XX, quando são fundados o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* e o *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense* na mesma data: 15 de setembro de 1903.

Estes dois clubes iniciaram uma rivalidade e passaram a representar “o clássico” de futebol da primeira década do século XX. Os seus jogos eram prestigiados por muitos torcedores. Neste contexto, a popularidade do futebol foi aumentando, gradativamente, até o final da primeira década do século XX, quando foi fundado em Porto Alegre, no ano de 1909, o *Sport Club Internacional*. As fontes consultadas assinalam que o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* teve um papel preponderante até mesmo na criação do *Sport Club Internacional*. A partir de então, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, que rivalizava diretamente com o *Grêmio Foot-ball Porto Alegrense*, passa a concorrer também com o novo adversário, *Sport Club Internacional*. Cabe mencionar que este período foi marcado pela fundação de novos clubes de futebol em Porto Alegre, demonstrando a propagação da prática do futebol na cidade.

Com a expansão dos clubes e, conseqüentemente, das competições citadinas de futebol, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* prosseguiu investindo no futebol. Inclusive, em 1915 inaugurou o melhor estádio de futebol da cidade de Porto Alegre na época: o Chácara das Camélias. Curiosamente, a inauguração do estádio, que deveria representar um impulso do *Fuss-Ball Club Porto Alegre* no cenário futebolístico, não teve ressonância nos resultados esperados nas competições. Isto fez com que o interesse pelo futebol sofresse um abalo entre os associados do clube, que dividiam a atenção com a equipe de basquetebol a qual conquistou títulos em campeonatos de clubes da cidade desde o final da década de 1920. Embora, o basquetebol tenha continuado a se destacar em competições na década de 1940, o futebol não tinha o mesmo brilho, mas seguia sendo prestigiado pelos associados do clube até o encerramento de suas atividades.

O *Football Club Porto Alegre* encerrou suas atividades esportivas na primeira metade da década de 1940. Não se conhece as razões que levaram ao fechamento do clube; sabe-se, no entanto, que atravessava uma crise financeira potencializada pelas repercussões causadas pela Segunda Guerra Mundial e a instauração do Estado Novo no Brasil. O clube já havia sofrido rupturas no período da Primeira Guerra Mundial, quando foi

compelido a mudar o nome original em idioma alemão: de *Fuss-ball Club Porto Alegre* para *Football Club Porto Alegre*. Esta alteração não foi tão simples como possa parecer, pois houve implicações na própria identidade clubística. Considera-se que as práticas culturais de determinados grupos étnicos, levadas à conformação de certos clubes esportivos, influenciaram a formação identitária do próprio futebol no/do Rio Grande do Sul. Outrossim, pondera-se que tal processo foi afetado por mecanismos políticos, econômicos e sociais, gerando a reconfiguração das práticas clubísticas ao longo do tempo.

Por fim, mesmo que o *Football Club Porto Alegre* tenha tido uma vida curta e durante sua existência não tivesse obtido os resultados competitivos de *Grêmio Foot-Ball Portogrense* e do *Sport Club Internacional*, o clube marcou seu nome na história do futebol gaúcho, principalmente por ter sido uma das molas propulsoras do associativismo esportivo no campo futebolístico da capital do Rio Grande do Sul. É plausível que discursos que permearam o “futebol gaúcho” ao longo de sua história tenham raízes em práticas adotadas pelo *Football Club Porto Alegre*, algumas delas, quiçá, ainda presentes na atualidade.

## Referências

FOOT-BALL. **A Federação**, Porto Alegre, pág 2, 15 jan. 1904.

FOOT-BALL. **A Federação**, Porto Alegre, pág 2,, 5 mar. 1904.

FOOT-BALL. **A Federação**, Porto Alegre, pág 2, 7 mar. 1904.

THEATROS e diversões. **A Federação**, Porto Alegre, pág 2, 8 abr. 1904.

MATCH de foot-ball. **A Federação**, Porto Alegre, pág 2, 11 abr. 1904.

FOOT-BALL. **A Federação**, Porto Alegre, pág 4, 7 de ago. 1916.

AMARO JUNIOR, José Ferreira. **Revista do Globo**, Porto Alegre/RS, n. 394, p. 44-45, 1945.

AMARO JUNIOR, José Ferreira. **Revista do Globo**, Porto Alegre/RS, s/p, 1952.

BORSA, Maurício. *Futebol vira notícia: um lance da modernidade. Uma História do futebol em Porto Alegre – 1922 -1933*. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, julho, 2011.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1910. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1910](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1910). Acesso em: 12 set. 2020a.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1911. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1911](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1911). Acesso em: 12 set. 2020b.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1912. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1912](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1912). Acesso em: 12 set. 2020c.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1913. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1913](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1913). Acesso em: 12 set. 2020d.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1914. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1914](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1914). Acesso em: 12 set. 2020e.

CAMPEONATO Citadino de Porto Alegre de 1915. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato\\_Citadino\\_de\\_Porto\\_Alegre\\_de\\_1915](https://www.gremiopedia.com/wiki/Campeonato_Citadino_de_Porto_Alegre_de_1915). Acesso em: 12 set. 2020f.

FICHA Técnica: Fussball o x 1 Grêmio - 06/03/1904. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Ficha\\_T%C3%A9cnica:Fussball\\_o\\_x\\_1\\_Gr%C3%AAmio\\_-\\_06/03/1904](https://www.gremiopedia.com/wiki/Ficha_T%C3%A9cnica:Fussball_o_x_1_Gr%C3%AAmio_-_06/03/1904). Acesso em: 11 set. 2020.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito: a classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

FUSSBALL Club Porto Alegre. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Fussball\\_Club\\_Porto\\_Alegre#Hist.C3.B3ria](https://www.gremiopedia.com/wiki/Fussball_Club_Porto_Alegre#Hist.C3.B3ria). Acesso em: 15 set. 2020.

FUSSBALL. Revista do Globo, Porto Alegre, v. 6, n. 133, p. 43, 28 mar. 1934. In: MAZO, Janice Zarpellon. **Catálogo Esporte e Educação Física na Revista do Globo (1929-1967)**. Porto Alegre: PUCRS, 2005.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de Futebol Gaúcho: Construção da “Província de Chuteiras”*. In: **Anos 90**, Porto Alegre, n. 13, julho, 2000.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil*. In: **Revista Aurora**, São Paulo, v. 9, 2010.

KLEIN, Rafael. **O profissionalismo imoral e a pacificação necessária: imprensa, futebol e política na “crise das especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)**. 2014. Dissertação (Mestrado) História, PUCRS, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Ed. UERJ, Rio de Janeiro, 2014.

MASCARENHAS, Gilmar. *A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação*. In: **A Bola nas Redes e o Enredo do Lugar: por uma Geografia do Futebol e de seu Advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP, (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana), 2001.

MAZO, Janice Zarpellon. **A Emergência e a expansão do Associativismo Desportivo em Porto Alegre (1867-1945): espaço de representação da identidade cultural teuto-brasileira**. Porto: Universidade do Porto (Tese de Doutorado - Faculdade do Desporto) 2003.

MAZO, Janice Zarpellon. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo 1929-1967**. Porto Alegre: PUCRS, 2004 - CD-ROM.

MAZO, Janice Zarpellon. **Associações Esportivas no Rio Grande Do Sul: Lugares e memórias**. Fuss-ball Club Porto Alegre. Novo Hamburgo,, 2012. 1 CD-ROM.

O INDEPENDENTE. n. 280, p. 2, 18 ago. 1904.

SILVA, Carolina Fernandes da; MAZO, Janice Zarpellon. *Vestígios das práticas náuticas no Rio Grande do Sul: as primeiras regatas*. In: **Revista Licere**, Belo Horizonte: UFMG, v. 20, n. 2, 2017.

SOARES, Ricardo Santos. **O *Foot-ball* de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 - 1918. 2014.** Porto Alegre: PUC-RS (Dissertação de Mestrado), 2014.

STÉDILE, Miguel Enrique. *Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937)*. In: **EFDeportes, Revista Digital**. Buenos Aires, v. 15, 2011.

TROFÉU *Gutschow* de 1904. Disponível em:

[https://www.gremiopedia.com/wiki/Trof%C3%A9u\\_Gutschow\\_de\\_1904](https://www.gremiopedia.com/wiki/Trof%C3%A9u_Gutschow_de_1904). Acesso em: 12 set. 2020a.

TROFÉU *Wanderpreis*. Disponível em: [https://www.gremiopedia.com/wiki/Trof%C3%A9u\\_Wanderpreis](https://www.gremiopedia.com/wiki/Trof%C3%A9u_Wanderpreis). Acesso em: 14 set. 2020b.

## **“Canelas pretas” no fundão da américa: imprensa negra e futebol**

*José Antônio dos Santos*<sup>1</sup>

A participação da população negra na história do futebol gaúcho é uma das páginas mais desconhecidas e controversas do esporte. O pouco que sabíamos era sobre a “Liga da Canela Preta”, história que foi revisitada e colaborou para edificar uma memória coletiva que reproduziu estereótipos de inferioridade e auto-segregação dos jogadores negros, resultando em interpretações superficiais que foram rotineiramente divulgadas pelos jornalistas esportivos.<sup>2</sup>

Segundo a versão historiográfica, a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, criada em 1910, para congregiar clubes formados por negros que não podiam jogar entre os brancos, era a mesma que ficou conhecida como “Liga da Canela Preta” (JESUS, 1999). A versão memorialista, afirmava que nos anos de 1920, existiriam três ligas de futebol na capital, vulgarmente conhecidas, como: “Liga do Sabonete”, que reunia os times da elite econômica, principalmente, de origem alemã; “Liga do Sabão”, composta por clubes da classe média e grupos étnicos minoritários, como poloneses e outros; e a “Liga dos Canelas Pretas”, formada por times de jogadores negros e “mestiços” que não podiam jogar nos clubes das elites (GUIMARAENS, 1985).

---

<sup>1</sup> Doutor em História – PUCRS - email: joseants@hotmail.com.

<sup>2</sup> Cf. Jornal Zero Hora. “História do negro no futebol gaúcho”, 13.05.1987. O ápice da divulgação desta versão da história da “Liga da Canela Preta” foi o programa Esporte Espetacular, da TV Globo, exibido em 28.06.2009.

Por um lado, as duas versões refletem o modo jocoso e bem humorado que constituiu o mundo do futebol, assim como dão mostras do viés higienista com que foi revestido o início do esporte em terras gaúchas. Por outro, ao confirmar as hierarquias sociais, definidas em perfis classistas, nacionalistas e étnico-raciais que conformaram aquela sociedade, contribuíram para que se erguessem fronteiras intransponíveis ao reconhecimento do protagonismo negro na defesa de seus interesses e na interlocução com os demais grupos.

Desde o início, o futebol constituiu meio importante para a integração social de parcelas significativas da população negra que participaram ativamente de seu desenvolvimento. Menos de vinte anos depois da escravidão, a prática do futebol foi se tornando uma das principais diversões, meio de organização e de representação social, que serviu para fomentar discussões dos lugares a serem ocupados pelos descendentes dos escravizados naquela sociedade.

Conforme passarei a demonstrar, a partir de pesquisa no jornal *Correio do Povo* e nos periódicos da população negra, houve uma efusão de clubes e associações desportivas negras no Estado desde 1907; muitos deles tiveram interlocuções com os clubes operários que se estenderam para o trânsito interior-capital; a imprensa negra teve papel fundamental na divulgação do esporte, e, finalmente, não foi encontrada qualquer referência à expressão “Liga da Canela Preta”.

A visita do S. C. Rio Grande, que veio do interior do estado para apresentar o futebol aos porto-alegrenses, em 07 de setembro de 1903, serviu de incentivo para a fundação dos primeiros clubes de futebol na capital. O S. C. Rio Grandense, fundado em 12 de dezembro de 1907, carregou no nome aquela influência e se tornou o primeiro clube de futebol de negros do Rio Grande do Sul. Temos notícias da fundação do S. C. Juvenil, em Pelotas, apenas no ano seguinte, mas é preciso ter em conta que, para os clubes de origem popular não era fácil divulgar suas rotinas nos principais jornais. Os anúncios eram pagos e o futebol perdia de

goleada para outros esportes como o remo, o turfe e o ciclismo que eram praticados pelas elites.<sup>3</sup>

Desde o início de sua divulgação no Brasil, o futebol passou a ser visto como uma prática esportiva importante para o exercício do corpo, assim como meio de educação e controle das massas trabalhadoras. Conforme algumas pesquisas vêm apresentando, o novo esporte pode ter iniciado entre as elites do Rio Grande do Sul, mas logo teve a participação fundamental das classes subalternas no seu desenvolvimento (CORREIA, et. al., 2020). Assim que chegou em Porto Alegre o futebol foi apropriado por operários e por parte significativa da população negra. Eles iniciaram um processo de criação de seus próprios clubes que impulsionaram a divulgação do esporte (SOARES, 2014).

Conforme nota do Correio do Povo, de 06 de setembro de 1908 informava, “o apreciado gênero de divertimento inglês fazia cinco anos” que havia sido introduzido na capital, e, “desde aquela data até hoje, o *football* tem aumentado consideravelmente, existindo entre nós quatro sociedades que se dedicam ao cultivo do salutar ramo da educação *physica*”. A existência de “quatro sociedades” voltadas ao “divertimento inglês” era tida como um grande aumento, o que era verdade levando em conta outros aspectos do crescimento da cidade. Porto Alegre se aproximava dos cem mil habitantes e, juntamente com os processos de urbanização e industrialização, davam condições para a criação de novas práticas sociais e necessidades de consumo. Um exemplo eram os anúncios comerciais de jogos diversos, dentre os quais, destacamos os artigos esportivos para a prática do futebol.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> Na coluna, “O passado através da fotografia”, publicada no jornal Folha da Tarde, em 31 de janeiro de 1968, Arquimedes Fortini, nos conta sobre o início do futebol em Porto Alegre. Segundo ele, “Entre os clubes de amadores de futebol, contou-se nesta capital, o F. C. Rio Grandense, constituído de modestos homens de côr e de morenos. Mais conhecido como dos “canelas pretas”, foi criado em 1907, e se manteve em atividade até o ano de 1929, quando encerrou suas portas”.

<sup>4</sup> A loja “Ao Preço Fixo”, localizada na Rua dos Andradas, número 240, anunciava nos jornais a venda de utensílios para “jogos diversos”, dentre outros: pedras de marfim para gamão, bolas de marfim para bilhar, material para tênis de mesa, xadrez, dominó, “raquetas” e bolas para tênis, assim como “bolas para *Foot-ball*” e “bombas para encher as bolas”.

Um ano depois, o mesmo jornal noticiava a criação do Centro Sportivo Operário, que seria uma “iniciativa do nosso colega Xavier da Costa” junto com “um grupo de obreiros que cultivará todos os gêneros de *sport*, especialmente os executados ao ar livre”. A trajetória de Xavier da Costa, reconhecido jornalista e liderança operária, garantia a ele ser reconhecido como “nosso colega”. A expressão era muito usada para descrever a relação estabelecida entre aqueles que usavam os jornais como meio de defesa de ideias e convicções políticas.<sup>5</sup>

O Centro Sportivo Operário tinha objetivos maiores que a fundação de um clube de futebol, a intenção era criar um espaço de confraternização e de prática esportiva que congregasse os diversos grupos operários da cidade. Incentivar toda a sociedade para os esportes era uma tendência internacional, era o momento em que o futebol se tornava o preferido dos brasileiros e não seria diferente entre as classes subalternas. A primeira das “seções de *sport* ao ar livre” que inauguraram foi a do *foot-ball*, onde os sócios logo passaram a contar com um “excellente campo, situado à rua Silveira Martins, fronteiro à rua Vasco da Gama”, local onde a maioria das organizações operárias mandavam seus jogos.

Embora as divergências políticas e a diversidade de organizações que representavam os trabalhadores, eles demonstravam certa afinidade eletiva com relação ao estímulo pelo esporte, principalmente, o futebol. Uma informação que demonstra esse interesse compartilhado pelo operariado era o endereço em que o Centro Sportivo Operário marcava as suas reuniões, localizado na Rua Ramiro Barcellos, 128. Era o mesmo da sede dos trabalhadores locais desde a greve de 1906, o prédio congregava as principais organizações do movimento operário, como: a União Operária Internacional, a União dos Chapeleiros, a União dos Empregados em Madeira e a União dos Pedreiros.

---

<sup>5</sup> Francisco Xavier da Costa nasceu em Porto Alegre nos anos de 1870 e morreu em 1934. Foi uma das principais lideranças operárias, secretário da Sociedade Tipográfica, fundador da Liga Operária Internacional e redator do jornal *Gazetinha*. Foi o primeiro negro operário a fazer parte do Conselho Municipal nas gestões de 1912-1920 e 1928-1930.

Ao que parece, foram os gráficos uma das primeiras categorias de trabalhadores organizados a fundarem seu próprio clube de futebol. Foi em março de 1912, quando o Correio do Povo anunciou a fundação do Graphics Foot-Ball Club. Os “artistas gráficos” eram um grupo profissional de indivíduos que sabiam ler e escrever, que historicamente exerceram posição de liderança no movimento operário. Talvez, como forma de distinção dos demais trabalhadores eles fundaram o seu time para prática do futebol, o que era comum naquela sociedade bastante estratificada. Os imigrantes italianos, alemães e espanhóis, p. ex., tinham seus próprios clubes, igrejas, escolas e jornais, onde replicavam suas culturas e línguas originárias sem a participação dos nacionais. Os descendentes dos escravizados, embora formassem a principal força de trabalho que construiu o Rio Grande do Sul, eram estigmatizados pela sociedade e pelos demais operários, o que os impulsionava a também formarem entidades beneficentes, educacionais, culturais, recreativas e esportivas na defesa dos seus interesses.

A disputa entre o S. C. Rio Grandense e o Centro Sportivo Operário foi um dos primeiros jogos de futebol entre clubes operários. No dia 07 de janeiro de 1910, o Correio anunciava que dia 16 seria realizado o primeiro encontro dos “novos *clubs* Centro Sportivo Operário e Rio Grandense no *ground* do Sportivo”. Na direção dos clubes e entre os jogadores reservas e titulares do Operário, constavam sobrenomes, como: Schmidt, Zanenga, Grigolo, Grigolo I, Berti e Pressler, e no Rio Grandense: Souza, Garcia, Melo e Gonçalves, dentre outros. Eles demonstram um maior número de imigrantes e seus descendentes no primeiro time e de nacionais no segundo, apontando para uma certa hegemonia étnica e de nacionalidade na maioria dos clubes. No meio operário, isto também sugere a existência de relações aproximadas a partir de caracteres classistas que superavam divergências políticas e étnico-raciais.

Nesse sentido, os jornais da imprensa negra descortinam algumas possibilidades de entendimento de como se davam as aproximações e distinções entre operários negros, brancos e imigrantes. O semanário O

Exemplo (1892-1930), dirigido para a comunidade negra de Porto Alegre, em reportagem de 16 de outubro de 1910, trazia uma notícia de como estava se desenvolvendo o futebol na capital:

Tem tomado sério desenvolvimento entre nós o jogo de futebol, que invadindo todas as classes sociais, contam-se já duas associações, compostas em sua totalidade de operários, que cultivam esse gênero de esporte. *Centro Sportivo Operário* e *Foot Ball Club Rio Grandense* são os nomes dos dois novos clubes que apresentam-se hoje, em público, contando ainda poucos meses de existência, batendo-se em partida amistosa no gramado da primeira daquelas agremiações, situado no Campo da Redenção (O EXEMPLO, 16 de Outubro de 1910).

Os redatores do jornal dialogavam com seu público leitor e não deixavam dúvidas sobre qual recorte do universo do futebol estavam falando, era dos negros operários. Nas representações classistas da sociedade porto-alegrense, os marcadores étnico-raciais e de condição social dos nacionais e dos imigrantes pobres se aglutinavam na categoria de operários. O futebol precisou de tempo para ser reconhecido como um novo esporte, eram poucos os clubes organizados com características étnicas e sociais comuns, e a condição de classe, no caso dos operários, parece ter aproximado negros (nacionais) e brancos (estrangeiros) no mesmo campo de futebol e, inclusive, no mesmo clube (Centro Sportivo Operário).

No início da introdução do futebol os jogos chegaram a ser realizados apenas semestralmente por dificuldades de encontrar adversários, talvez por isso não houvesse uma maior distinção entre os operários. Em geral, as principais disputas eram realizadas em datas festivas como, o 13 de maio (Abolição da Escravidão), o 7 de setembro (Independência do Brasil), o 20 de setembro (início da Revolução Farroupilha ou Guerra dos Farrapos), e o 15 de novembro (Proclamação da República). Na maioria das vezes, os jogos eram apenas internos, ou em “matches trainings”, realizados entre os times A e B de um mesmo clube. Foi a partir daquela década que houve o crescimento do número de clubes de futebol do meio

negro no estado. Na cidade de Rio Grande, em 1911 e 1913, foram criados, respectivamente, o S. C. Universal e o Cruzeiro do Sul; em Bagé, em 1913, o S. C. Palmeira, dentre outros (CORREIA, et. al., 2020; SILVA, 2018).

Também foi no início da década de 1910 que iniciaram as demandas pela formação de ligas ou associações que congregassem os clubes de maioria negra e operária. Um dos exemplos que apresentamos é a notícia do Correio do Povo, no domingo, 26 de maio de 1912, que anunciava a fundação da “Liga Sportiva Suburbana”, no Rio de Janeiro. No final do texto, o autor sugeria aos clubes da capital: “Os *clubs* que aqui não fazem parte da *Liga Porto Alegrense* poderiam, também, facilmente, fundar uma liga em idênticas condições da que acaba de se constituir no Rio de Janeiro”.

A Liga Sportiva anunciada não era a primeira a unir os clubes dos subúrbios cariocas. Havia sido criada a Liga Suburbana de Futebol, em abril de 1907, para congregar clubes que não faziam parte da Liga Metropolitana de Foot-Ball. O racismo imperava no meio esportivo, como de resto em toda sociedade, forçando os clubes que tinham jogadores “de cor” a fundarem suas associações. Nos moldes do Rio de Janeiro, o jornal sugeria aos clubes locais que fundassem a sua própria liga de futebol. Segundo ele, isto se daria “facilmente”, bastava, “alguma reunião, boa vontade e boa camaradagem”, demonstrando que apesar das diferenças, existiria número suficiente de clubes nas periferias para formar uma organização alternativa àquela que congregava os clubes das elites.<sup>6</sup>

Os apelos do redator do Correio tiveram eco entre os clubes populares um ano depois. No mês de maio de 1913, as “Notas Sportivas” do Correio do Povo, anunciavam: “Os clubs Rio-Grandense, União, Primavera e Amanuense realizarão [sic] hoje, à noite, uma sessão para tratar da fundação de uma Liga de Foot-Ball.” Tudo indica que foi neste

---

<sup>6</sup> A Liga Porto Alegrense de Futebol foi criada em 1910, tinha como afiliados o Grêmio, o Fussball, o Internacional, Frisch Auf, 7 de setembro, Militar e Nacional.

ano, em que foi criada a “Liga de Foot-Ball Sul-Americana”, que passou a congregiar os clubes formados por operários e negros.<sup>7</sup>

Em abril de 1914, começaram as reuniões “do conselho superior da Liga Sul-Americana, para tratar de assuntos referentes ao campeonato dessa sociedade”. Em agosto, foi anunciado o início das disputas da Liga em jogo que envolveria os times do primeiro e do segundo quadros do Rio Grandense e do S. C. Primavera, que neste ano faria o seu quinto aniversário. Os meses seguintes tiveram alguns jogos “perante boa concorrência” em que disputaram o título os seguintes clubes: S. C. Amanuense (também descrito como “Manuense”), União Foot-Ball Club, F. C. 8 de Setembro, Primavera e Rio Grandense. O campeão da Liga Sul-Americana daquele ano foi o União.

O campeonato de 1915 iniciou em julho com a divulgação de uma série de *matches* que aconteceriam todas as semanas até setembro. Como era o procedimento da época, foi divulgada a posse de nova diretoria da Liga Sul Americana, onde todos os clubes tinham assegurados seus representantes a partir de assembleias anuais que definiam os diretores que formavam os clubes. O anúncio das nominatas das diretorias demonstrava um processo democrático na manutenção dos clubes, mas não garantia a perenidade dos mesmos, nem das ligas. Como o texto acima definia, era preciso muita “reunião, camaradagem e boa vontade” para que as organizações se mantivessem ao longo dos anos. Ao contrário, não é isso que se visualiza nos jornais a cada início de semana, eles estavam recheados de brigas e desavenças dentro e ao redor dos campos de futebol.

No final daquela década, encontramos algumas tratativas para a fundação daquela que se tornaria uma das principais associações de clubes negros de futebol, ela foi uma das que deu condições para a criação de uma memória social que sedimentou a “Liga da Canela Preta”. Antes, é preciso informar que a organização de grupos de clubes negros para criar uma

---

<sup>7</sup> Arquimedes Fortini, considerado o pai da crônica esportiva no Rio Grande do Sul, era o jornalista responsável pela coluna – “Notas Sportivas – Foot-Ball”, do Correio do Povo, desde 1906. Ele era atuante no meio esportivo e participou da criação de alguns clubes de futebol.

associação de futebol que os representasse não era uma prerrogativa dos negros do sul. Quanto mais a historiografia se dedica a este tema, mais são encontrados casos de jogadores negros que se uniam para organizar suas associações. São exemplos as pesquisas nas cidades de São Paulo e Salvador (DOMINGUES, 2015; SANTOS, 2014).

Em 17 de Abril de 1920, na seção “Notas Sportivas – Foot-Ball”, do Correio do Povo, era descrita a fundação da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense:

A “Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense”, em sua sessão de assembleia geral extraordinária, realizada, domingo ultimo, elegeu a sua primeira directoria que ficou assim constituída: Presidente, Arthur Paulino da Rosa; Vice-presidente, João Penna de Oliveira; 1º Secretário, Nelson Lobato; 2º Secretario, Apparicio Santos; Thesoureiro, Pedro da Silva e Sousa; Conselho Fiscal, Adalberto Maia, Jonathas André Setta, Herculano Rabello e Julio Alencastro. À novel Liga de Foot-Ball, filiaram-se os seguintes clubs: “União”, “8 de Setembro”, “1º de Novembro”, “Venezianos”, “Bento Gonçalves”, “Primavera”. Ficou resolvido que a sua definitiva instalação será no próximo mês de maio.(CORREIO DO POVO, 17/04/1920)

As tratativas para formalização da Liga Nacional vinham desde o final da década de 1910, os nomes de alguns dos principais dirigentes e dos clubes afiliados não deixam dúvidas sobre os interesses de seus criadores. Na diretoria eleita, em “sessão de assembleia geral extraordinária”, o presidente era, Arthur Paulino da Rosa, que trabalhava como carteiro e era uma antiga liderança negra da cidade. Como vice-presidente, era apresentado o nome de João Penna de Oliveira, reconhecido no meio musical da cidade como “Maestro Penna”. Eram os principais dirigentes que atestavam o reconhecimento público da Liga. Para compor uma diretoria era necessário ser respeitado e ter prestígio social não apenas entre os pares negros do futebol, era exigido também um protagonismo

maior, em âmbitos que descortinassem perspectivas de legitimidade na sociedade como um todo.<sup>8</sup>

Note que muitos dos clubes que formaram a Liga Nacional estavam também na Sul Americana, uma exceção era o Sport Club Palmeira, que anunciava a sua fundação no dia seguinte à criação da Liga. No dia 18 de abril de 1920, o Palmeira divulgava a lista diretiva com o nome de Apparicio Santos como primeiro tesoureiro, mesmo nome que ocupava o cargo de segundo secretário na Liga. Ou seja, as tratativas para criação do Palmeira e a inserção social de seu tesoureiro naquele meio eram anteriores à sua divulgação. Ter os nomes dos clubes divulgados nos jornais era uma espécie de “certidão de nascimento” que tornava pública sua existência, mas estava longe de recuperar a complexidade das negociações e todos os envolvidos na sua fundação.

Os clubes tinham diretorias hierarquizadas, eleitas em assembleias de jogadores e torcedores, que eram mantidos por um corpo de associados (homens e mulheres) que pagavam mensalidades e participavam ativamente dos jogos e demais atividades festivas. As mulheres, namoradas, filhas, esposas e irmãs dos dirigentes, dos jogadores e dos afiliados, participavam ativamente de toda a vida associativa. Elas eram os principais suportes afetivos e materiais dos clubes que, em alguns casos mantinham “diretorias femininas” que realizavam festas, bailes, sorteios e quermesses em prol dos cofres dos clubes do coração.

No dia 13 de maio de 1920, data simbólica para a população negra, iniciou o primeiro campeonato da Liga Nacional de Foot-Ball Porto Alegrense. A abertura dos jogos estava marcada para, às 15 horas, no campo do S.C. Rio Grandense, situado na Rua Arlindo.<sup>9</sup> Os clubes

---

<sup>8</sup> Arthur Paulino da Rosa ocupou cargos importantes em reconhecidas organizações negras. Desde 1890, fez parte da Irmandade Nossa Senhora do Rosário e, em janeiro de 1911, era anunciado como novo presidente da Sociedade Floresta Aurora. No meio esportivo, em 1912, ocupava o cargo de “diretor” do Sport Club União. Por sua vez, João Penna de Oliveira, no início de 1920, foi um dos fundadores do Centro Musical Porto Alegrense, associação de caráter sindical formada pelos principais músicos da cidade. No meio negro era “figurinha carimbada” por atuar em bandas militares, em cinemas e teatros, também participando de bailes e demais festividades populares, como os blocos carnavalescos Tesouras, Tigres, Improvisados e Vampiros.

<sup>9</sup> Segundo memória de Jayme Moreira da Silva (1915-2012), o “campo da Rua Arlindo”, era um vasto gramado que comportava três campos de futebol localizado na Ilhota, que servia aos clubes negros do Areal da Baronesa, Colônia

contendores foram sorteados entre os associados da Liga que colocou em disputa “duas ricas estatuetas de bronze e 22 medalhas de prata”, que seriam expostas na vitrine da casa “Ao Louvre”, na principal rua da cidade, a dos Andradas. No dia seguinte, o jornal informou que: “A concorrência de amantes deste sport, sócios dos clubs filiados, à “Liga” e famílias, foi grande, pois era ansiosamente esperada a inauguração da temporada por esta entidade sportiva”. Todos foram recepcionados pela banda de música da Brigada Militar, às 14 horas, sendo acirrada a disputa por um lugar ao redor do campo que se localizava num dos principais territórios da população negra. Os jogos eram eventos familiares que envolviam toda a comunidade, e eram cobrados ingressos em “pavilhões” improvisados que revertiam para a manutenção dos clubes.<sup>10</sup>

Os locais dos jogos eram bem mais do que lugares em que se davam exibições daqueles que corriam e suavam atrás de uma bola de couro, eram também espaços voltados às sociabilidades que permitiam a visibilidade da população negra. Onde desfilavam seus esforços organizativos voltados ao respeito e à integração social, em que se demonstravam organizados, bem vestidos, educados e cumpridores das regras e deveres sociais. Do mesmo modo, a organização dos times em clubes de futebol, depois em ligas e associações desportivas, serviam ao reconhecimento público no “mundo esportivo” porto-alegrense e nas disputas cotidianas contra o racismo e a segregação social vigentes naquela sociedade.

Nos anos seguintes, a Liga Nacional de Futebol Porto Alegre começou a organizar o que foi divulgado no jornal O Exemplo, como os “Matches Intermunicipais”, que aproximariam os clubes negros do interior

---

Africana, Menino Deus e arredores. Seu Jayme, como era conhecido, foi antigo morador da Colônia Africana e jogador do 8 de Setembro, frequentava o carnaval, as festas e os jogos da comunidade negra.

<sup>10</sup> O “Balanço Geral da Associação Sportiva de Foot Ball”, que compreendia o período de 7 de abril de 1921 a 10 de abril de 1922, divulgado no O Exemplo, de 30 de abril de 1922, dá mostras da organização dos clubes negros. Durante aquele ano, sob as rubricas de “mensalidades”, o valor arrecadado era de 540\$000, e o valor das “inscrições” era de 410\$000, dentre outras receitas. O volume total de arrecadação da Associação Esportiva perfazia o valor total de 1.702\$500. Recurso que era bastante significativo naquele meio esportivo, possibilitando o aluguel da sede diretiva social da entidade, e a aquisição de campo de futebol para treinos e jogos.

com a capital. Os torneios iniciaram com os clubes mais próximos, como foi o caso do Sport Club Cruzeiro do Sul, fundado em 18 de outubro de 1922, no lugar chamado “África”, na periferia de Novo Hamburgo. Ele teria sido o primeiro clube negro de futebol do Vale do Rio dos Sinos, região em que a mão de obra do trabalhador negro foi amplamente utilizada nos curtumes, que resultaram nas indústrias de calçados (MAGALHÃES, 2017).

Logo depois, seria a vez do S. C. América do Sul, que fazia parte da Liga José do Patrocínio que reunia os clubes negros da cidade de Pelotas, desde 1919 (MACKEDANZ, 2016). Ele jogaria duas partidas, uma, contra o S. C. União, e outra contra o S. C. 1º de Novembro, “tricampeão” da Liga Nacional, em jogos que seriam disputados no gramado do S. C. Cruzeiro, no Caminho do Meio. É interessante pensar sobre o esforço que deviam fazer para receber os clubes do interior, assim como organizar uma excursão que vinha de tão longe, o que devia compensar pois, invariavelmente, os “matches” terminavam em grandes bailes na Sociedade Floresta Aurora.

Foi o período em que existiram três entidades desportivas que reuniram os clubes de futebol do meio negro e popular de Porto Alegre. A criação da Liga Nacional de Football Porto-Alegrense logo foi seguida pela Associação Esportiva de Football e pela Associação de Amadores de Football. Esta última foi fundada, no dia 3 de maio de 1923, e logo passou a organizar, a cada passagem do dia 13 de maio, a Taça José do Patrocínio. No ano de 1924, jogaram os times que representavam o bloco carnavalesco Tesouras, o clube cultural José do Patrocínio e o Floresta Aurora, além de dois times formados por operários do comércio local.<sup>11</sup> A Associação de Amadores, assim como as outras duas, coexistiram no tempo, ocuparam os mesmos campos e mantiveram interlocução direta com a comunidade negra local. Também foram os anos em que começaram a expandir suas

---

<sup>11</sup> Em exemplares d'O Exemplo, de 13 de maio de 1924 e 1927, há registros dos jogos festivos realizados pela Associação de Amadores. Em uma das últimas vezes que aparecem notícias, em março de 1929, ela tinha sede própria e convidava para seus jogos no campo da Rua Arlindo.

participações em eventos esportivos, receber visitas de clubes do interior e excursionar para jogar futebol.

O jornal *O Succo*, publicado pela comunidade negra de Santa Maria, anunciava jogos entre o S. C. Rio Branco, daquela cidade, contra o Ford F.B.C., que fazia parte da Associação de Amadores de Futebol. Na edição de 13 de julho de 1924, dizia que o time do Rio Branco, “líder dos clubes de epiderme menos branca de Santa Maria”, receberia o Ford em seu campo. Ao que parece, o Rio Branco fazia referência ao Visconde do Rio Branco, José Maria da Silva Paranhos, figura conhecida pela Lei do Ventre Livre, o que não é novidade, pois também há registros da Liga de Futebol Rio Branco, fundada em 1926, em Rio Grande, formada pelos clubes do Rio Negro, Brasil, Bento Gonçalves, Democrata e Cruzeiro (CORREIA, et. al., 2020).

Fundado em 16 de janeiro de 1919, o S. C. Rio Negro era um daqueles clubes que faziam parte da comunidade negra de Rio Grande. Por meio d’O Exemplo, em 1922, o clube usava a imprensa negra da capital para anunciar a eleição de nova diretoria, em que destacamos o primeiro secretário, Romualdo da Silva Santos, e o “representante”, senhor Carlos da Silva Santos. Os dois eram de uma mesma família que teve a sua origem em Pelotas, onde o avô, Manuel da Conceição da Silva Santos, em 1883, ajudou a fundar o jornal abolicionista “A voz do escravo”.<sup>12</sup>

Como temos demonstrado, os jornais da imprensa negra gaúcha serviram de mecanismos de comunicação e organização das causas coletivas daquele meio e são fontes de pesquisa importantes para a história do futebol. No início do ano de 1925, o jornal *A Hora*, da comunidade negra da cidade de Rio Grande, anunciava que o S. C. Rio Negro excursionou a Pelotas para “disputar o match amistoso” contra o S. C. América do Sul, que era tricampeão da Liga José do Patrocínio. O Rio Negro sagrou-se

---

<sup>12</sup> Carlos da Silva Santos (1904-1989) iniciou a vida política como líder operário e de sua comunidade em Rio Grande. Nos anos seguintes, se elegeu deputado estadual, federal e, como interino, ocupou a cadeira de primeiro governador negro do estado.

vencedor sobre o adversário pelotense com o *score* de 2 a 1, motivo pelo qual o time rio-grandense foi muito comemorado nas páginas do jornal.

A organização dos clubes em ligas, seguida da circulação em excursões pelo estado, reforçavam o associativismo negro e são aspectos reveladores do grau de representatividade e importância daqueles périplos naquele meio. Na primeira experiência de um clube negro da capital ao interior, em 1922, a delegação do S. C. Bento Gonçalves excursionou para jogar contra o S. C. 15 de Novembro, de Cachoeira do Sul, clube que havia sido fundado no início do ano anterior. As edições d'O Exemplo, de 9 e 30 de julho de 1922, informavam que os “Bentinhos” foram recepcionados na “gare da Viação”, de Cachoeira do Sul, pelos representantes do Cachoeira F. C., S. C. Guarany, S. C. Militar e Estrela F. C., além dos mandantes do jogo.<sup>13</sup>

Em retribuição à visita do Bento Gonçalves, o S. C. 15 de Novembro deslocou-se de trem de Cachoeira do Sul para jogar contra o clube da capital. A missão esportiva do interior foi chefiada por Ulysses Álvaro de Barros, José de Farias, Manoel de Campos Pereira e Carlos Alberto da Costa que haviam fundado o 15. Naqueles anos, por meio do futebol, eles davam continuidade a projetos comuns com os clubes da capital para a aproximação e o intercâmbio de interesses que retomavam alianças antigas na defesa dos seus interesses. Os jornais da imprensa negra foram “turbinados” na sua circulação e importância quando do início do desenvolvimento do futebol no estado.<sup>14</sup>

---

<sup>13</sup> Segundo o jornal O Astro, fundado em 13 de maio de 1927, pelos negros cachoeirenses, o S. C. 15 de Novembro foi fundado no mês de janeiro de 1921. O clube permanecia atuante, em setembro de 1927, quando realizou amistoso contra o Grêmio Sportivo Operário da cidade de Rio Pardo.

<sup>14</sup> Ulysses Álvaro de Barros foi presidente do S. C. 15 de Novembro e ocupou vários cargos no meio associativo cachoeirense, dentre os quais, o de primeiro secretário da Liga Operária Internacional. Era conferente do Posto Fiscal da Alfândega de Cachoeira do sul, cargo que provavelmente o levou até a cidade. A partir do final de 1922, ele passou a ser “correspondente” d'O Exemplo em Cachoeira. A partir de 1927, ele voltou a residir em Porto Alegre e no dia 9 de abril de 1928, ele estava presente na reunião do “Grupo Mantenedor” do jornal O Exemplo. Manoel de Campos Pereira, por sua vez, foi “representante e agente” do semanário porto-alegrense na região central do Estado. Era responsável por enviar correspondências, distribuir jornais e arrecadar os valores das assinaturas em Cachoeira do Sul, Santa Maria, Rio Pardo e Santa Cruz do Sul. Foi presidente da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Cachoeira do Sul, fundador da Banda Musical Estrela Cachoeirense e primeiro presidente do S. C. 15 de Novembro.

As vinculações políticas em defesa dos negros, o movimento nos mesmos espaços sociais, os envolvimento em projetos comuns, as ligações pessoais, afetivas e parentais, muitas relações aproximavam o interior à capital. Cachoeirenses e porto-alegrenses, dentre outros cidadãos, aproximaram as suas trajetórias servindo como exemplos de protagonismo e ascensão social. José de Farias, outro daqueles que chefiaram a missão esportiva dos cachoeirenses a Porto Alegre, foi um dos fundadores do jornal *O Astro*, semanário que circulou naquela cidade a partir de 13 de maio de 1927.

Finalmente, dentre outros nomes que aparecem na comissão diretiva do S. C. 15 de Novembro que excursionava à Porto Alegre, na pesquisa com a imprensa negra e sua relação com o futebol, também destacamos, Carlos Alberto da Costa. Ele nasceu em 14 de julho de 1889, e construiu sua trajetória profissional como pequeno comerciante em Cachoeira. Quando da excursão, ele atuava no ramo de lavanderias de roupas, atividade profissional que exercia desde 1920, quando também passou a ser definido como “sub-agente”, do jornal *O Exemplo*, naquela cidade. Em 1928, ele estava presente no sepultamento de Marcílio da Costa Freitas, um dos principais fundadores do hebdomadário da capital e seu nome passou a constar em ata de reunião, realizada pelo “Grupo Mantenedor” d’*O Exemplo*.

A identificação de alguns nomes daqueles que estiveram envolvidos com o futebol ao longo do texto, teve o objetivo de dar mais significado ao que definimos como protagonismo negro. Também procuramos elencar alguns jornais da imprensa negra para demonstrar que as vinculações com o futebol eram amplas e se espalhavam por estratos sociais diversos. Foi a pesquisa em alguns desses órgãos de imprensa que nos deram condições de reconhecer e narrar esta versão da história que desconhecíamos. Onde encontramos registros de redatores e lideranças, de mobilizações políticas e de agremiações negras que forneçam um colorido especial a outra versão da história social do futebol que reconheça as suas participações.

Os clubes, ligas e associações negras de futebol foram resultados de amplas mobilizações sociais e políticas que se expressaram e tiveram visibilidade por meio do esporte. Muitos deles se mantiveram voltados para o reconhecimento público, para a inserção social e para a luta contra o racismo e os preconceitos das primeiras décadas do século passado. Nos dias em que vivemos, é urgente a elaboração de outras narrativas sobre o futebol no estado, principalmente, aquelas preocupadas com os casos de racismos nos estádios. Se desconhecemos ou negamos o mundo em que vivemos, pouco temos a contribuir para transformá-lo.<sup>15</sup>

## Referências

- ABRAHÃO, B. O. de L. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física), 2010.
- BOHRER, Felipe Rodrigues. **A música na cadência da história: raça, classe e cultura em Porto Alegre no pós-abolição**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGH) 2014.
- CAFÉ, Lucas Santos. **Dos simpaticísimos aos incivilizados: a formação do cenário futebolístico de Salvador (1895-1918)**. Salvador: UFBA(Dissertação de Mestrado - PPGH), 2013.
- CARVALHO, Claunísio Amorim. **Terra, grama, paralelepípedos: os primeiros tempos do futebol em São Luís (1906 - 1930)**. São Luís: Café e Lápis Editora, 2009.
- CORREIA, Jones M.; FREITAS, Gustavo da S.; KNUTH, Alan G.; RIGO, Luis C. *A emergência e a disseminação do futebol na cidade de Rio Grande/RS: uma análise a partir do jornal Echo do Sul (1900-1916)*. In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, n. 42, 2020.
- DAMO, Arlei S. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.

---

<sup>15</sup> Nesse sentido, ver: <http://observatorioracialfutebol.com.br/>

DOMINGUES, Petrônio. *O “campeão do Centenário”: raça e nação no futebol paulista*. In: **História Unisinos**. São Leopoldo: Unisinos, Vol. 19, n. 3, set./dez., 2015.

ENDLER, Sergio. **Tesourinha**. Porto Alegre: Tchê/RBS, 1984.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GERCHMANN, Léo. **Somos azuis, pretos e brancos**. Porto Alegre: LPM Editores, 2015.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol. Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOELLNER, Silvana V.; MULLEN, Johanna C. von. (Orgs). **Memórias do esporte e lazer no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: FUNDERGS. 2013.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da “província de chuteiras”*. In: **Anos 90**. Porto Alegre: UFRGS-PPGH, v.08, n.13, p.21-50, 2000.

GUIMARAES, A. S.; GUIMARAES, M. S. **O negro no futebol dos brancos: o caso marcante de Arthur Friedenreich**. CAOS. Revista Eletrônica de Ciências Sociais. João Pessoa: UFPB, v. 16, 2010.

GUIMARAENS, Rafael. **Foguinho**. Porto Alegre: Redactor Emp. Editoriais, 1985.

HOLGADO, Flávio L. **Além das quatro linhas: o futebol no ensino de geografia**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGE), 2013.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. In: **Anos 90**. Porto Alegre: UFRGS-PPGH, n. 11, Porto Alegre, 1999.

\_\_\_\_\_. *Esporte e Mito da Democracia Racial no Brasil: Memórias de um apartheid no futebol*. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**, Revista Digital, Buenos Aires, 1999.

\_\_\_\_\_. **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana), 2001.

- KERBER, Alessandro Mario; SCHEMES, Claudia; MAGALHÃES, Magna Lima. *O futebol e a identidade negra em um espaço germânico*. In: **Lecturas: Educación Física y Deportes**. Revista Digital. Buenos Aires, ano 13, n.121, jun. 2008.
- MACKEDANZ, Christian F. **Racismo “nas quatro linhas”: os negros e as ligas de futebol em Pelotas (1901-1930)**. Pelotas: UFPEL (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2016.
- MAGALHÃES, Magna Lima. **Associativismo negro no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Trajetos, 2017.
- PIRES, Edison. **A história do Grêmio FBPA**. Porto Alegre: Firmo, 1967.
- MELO, Victor Andradre de. (Org.) **Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- NETO, José Moraes dos S. **Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil**. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.
- OLIVEIRA, C. R. de. **O negro no futebol paranaense: o caso do Coritiba Foot Ball Club (1909-1942)**. Curitiba: Imprensa Oficial, 2005.
- PINTO, Rodrigo Márcio Souza. **Do passeio público à ferrovia: o futebol proletário em fortaleza (1904 - 1945)**. Fortaleza: UFCE (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2007.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- PRODANOV, Cristiano C.; MOSER, Vinícius. *Fussball, calcio, foot-ball: o futebol colonial do Rio Grande do Sul*. In: **Recorde: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro: UFRJ, Vol. 4, número 2, dezembro de 2011.
- RIBEIRO, Raphael Rajão. **A bola em meio a ruas alinhadas e a uma poeira infernal: os primeiros anos do futebol em Belo Horizonte (1904-1921)**. Belo Horizonte: UFMG (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2007.
- RIGO, L. C. **Memórias de um futebol de fronteira**. Pelotas: Editora Universitária UFPel, 2004.

ROSA, Marcus V. de F. **Além da invisibilidade: história social do racismo em Porto Alegre durante o pós-abolição, 1884-1918**. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado - PPG História), 2014.

SANTOS, José Antônio dos. **Liga da Canela Preta. A história do negro no futebol**. Porto Alegre: Ed. Diadorim, 2018.

SANTOS, J. M. C. M. **Revolução vascaína: a profissionalização do futebol e inserção socioeconômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. São Paulo: USP (Tese de Doutorado - PPGHE), 2010.

SANTOS, Henrique S. dos. **Pugnas renhidas: futebol cultura e sociedade em Salvador, 1901-1924**. Salvador: EdUFBA, 2014.

SANTOS, Ricardo P. dos. **Futebol fora do eixo. Uma história comparada entre o futebol de Porto Alegre e Salvador, 1889-1912**. Rio de Janeiro: UFRJ (Tese de Doutorado em História - PPGHC), 2014.

SILVA, Jones L. da. **No último minuto. A história de Escurinho: futebol, violão e fantasia**. Porto Alegre: Signi, 2011.

SILVA, Tiago R. da. **Vivências e experiências negras associativas em Bagé/RS no pós-abolição: imprensa, carnaval e Clubes Sociais Negros na fronteira sul do Brasil, 1913-1980**. Pelotas: UFPEL (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2018.

SOARES, Antonio J. **Futebol, raça e nacionalidade no Brasil: uma releitura da história oficial**. Rio de Janeiro: Universidade Gama Filho, (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Educação Física), 1998.

SOARES, Ricardo S. **O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de Mestrado em História - PPGH), 2014.

STÉDILE, M. E. A. **Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGH, 2011).

## **O negro no futebol de Porto Alegre: um olhar sobre duas fontes gremistas**

*Ricardo Santos Soares*<sup>1</sup>

Em Porto Alegre, o último clube de futebol a permitir um jogador negro teria sido o “elitista” Grêmio em 1952, enquanto o Internacional, “clube do povo”, os aceitaria desde seus primórdios, segundo o senso comum. Não por coincidência, supostos primeiro e último clubes da capital a terem em seus quadros atletas negros, são da elitista díade que viria a ser conhecida como dupla Grenal.

No combate mais que salutar exigido pela ciência histórica, cabe trazer algumas reflexões e casos sobre os negros no futebol em Porto Alegre que nos ajudarão a rever estes epítetos de “clube dos alemães” e de “clube do povo”... ao menos para a primeira metade do século XX.

Essa discussão parte de um antagonismo clubístico reconhecido mundialmente no futebol e responsável pela eliminação de quase a totalidade dos demais clubes existentes na cidade. Ou seja, estamos partindo do resultado e tentando buscar as origens de uma rivalidade assentada em três princípios: classe social, nacionalidade e etnia/cor. O Grêmio teria como características ser de origem teuta e elitista enquanto o Internacional seria popular e aberto a todas as nacionalidades, inclusive aberto à comunidade negra portoalegrense. Podemos afirmar que tais

---

<sup>1</sup> Professor do curso online AulaDe e Mestre em História pela PUCRS.

características são marcantes, porém, não se sustentam integralmente<sup>2</sup>, principalmente no que diz respeito a questão étnica. Sim, falamos de etnia porque tanto a ausência de políticas de inserção dessa comunidade negra no pós-abolição quanto a continuidade da imigração europeia até 1914 ajudaram a manter as diferenças neste sentido e falar apenas em cor de pele neste momento simplificaria a complexidade social perdendo o cerne do associativismo no período em questão.

Por sua vez, a formalidade dos periódicos e quem sabe seu rigor e atenção somente com os jogos, não nos permitiu verificar etnia senão cotejando com outras fontes mais específicas sobre o esporte bretão. Citaremos uma crônica dos anos 1960 que descreve os primórdios do esporte na cidade recorrendo à memória de uma época em que a linguagem jornalística não permitia relatos como o que veremos e, por último, uma fonte até então inédita, o trabalho de um jogador dos anos 1940 confeccionado especialmente para marcar a época em que era ainda atleta e treinador, período onde já havia se operado uma mudança onde a cor era mais marcante que a etnia e, principalmente, onde os envolvidos com o futebol sentiam-se à vontade para cobrar os jogadores a partir da profissionalização, momento em que acreditamos iniciar a mudança onde a negritude de jogadores passou a ser expressa a partir do racismo e não mais da classe social.

### **A crônica de Lupicínio Rodrigues e o caso do Rio-Grandense**

Um dos motivos que trouxeram à tona a insustentabilidade de tais afirmações sobre a dupla Gre-Nal é uma crônica de Lupicínio Rodrigues, publicada originalmente no periódico Última Hora (RODRIGUES, 1995), explicando porque era torcedor gremista, apesar de mulato, como se autodenominava. O texto dá conta de uma história que seu pai, Francisco Rodrigues, lhe narrara: o Internacional não teria aceito o Rio-Grandense,

---

<sup>2</sup> Sobre os primeiros anos do futebol em Porto Alegre e suas questões de nacionalidade, classe social e etnia ver: SOARES, 2014.

clube de futebol da comunidade negra da cidade, na liga “dos grandes” e, por isso, ele, que era sócio e fundador deste clube, dentro da rivalidade Grernal, preferiu a simpatia ao Grêmio, e assim encaminhou seus filhos, como foi o caso de Lupicínio.

Pensando no epíteto de “Clube do Povo” recebido em décadas posteriores à sua fundação, é importante reforçar a ideia de que o Internacional, em seus primeiros anos, era composto também por membros da elite da cidade, mesmo que não fossem tão próceres quanto boa parte dos sócios de Grêmio. Daí o estranhamento das pessoas que perguntavam a Lupicínio sobre ser torcedor do Grêmio e não do Internacional, no que ele respondeu em uma crônica da seguinte forma:

[...] no dia em que o Rio-Grandense pediu inscrição na Liga não foi aceito porque justamente o Internacional, que já havia sido criado pelo “Zé Povo”, votou contra, e o Rio-Grandense não foi aceito.

Isto magoou profundamente os mulatinhos, que resolveram torcer contra o Internacional e o Grêmio, sendo seu maior rival foi o escolhido para tal.

Fundou-se, por isto uma nova Liga, que mais tarde foi chamada de Canela Preta, e quando estes moços casaram, procuraram desviar os seus filhos do clube que hoje é chamado o “Clube do Povo”, apesar de não ter sido ele o primeiro a modificar seus estatutos, para aceitar pessoas de cor, pois esta iniciativa coube ao Esporte Clube Americano [...] (RODRIGUES, 1995:37).

Sua crônica faz menção à resposta negativa do Internacional quanto à filiação do Rio-Grandense à uma associação de futebol que julgamos tratar-se da Liga de *Foot-Ball* Porto-Alegrense, fundada em 1910. Além disso, podemos juntar outra informação, que pode, senão confirmar, ao menos reforçar esta afirmação.

Com a criação desta associação de clubes a partir de uma ideia do Grêmio Porto-Alegrense, a direção desta ficou a cargo do presidente do mesmo clube, eleito pelos demais componentes. Porém, como acontecia com as agremiações de futebol, havia eleições para a escolha da nova diretoria a cada ano. Desse modo, no início de 1911, a escolha recaiu sobre o Internacional, e assim, Henrique Poppe Leão, segundo presidente do

Internacional e provavelmente o mais importante incentivador de sua fundação foi o escolhido para a presidência da Liga de *Foot-Ball*. A isto acrescentamos as inúmeras notícias entre o final do ano de 1910 e início de 1911 publicadas no periódico *Correio do Povo* que falavam da vontade do Rio-Grandense de solicitar a sua filiação junto a primeira entidade de clubes de futebol da cidade: “... São candidatos à filiação à Liga, o Athletico F.B.C. e o F.B.C. Rio-Grandense” (CORREIO DO POVO, 12/01/1911). Este desejo seria pleiteado junto a presidência deste consórcio que, naquele momento, estava a cargo do presidente do Internacional, Henrique Poppe Leão.

Não existem documentos desta associação que tenham sobrevivido à passagem do tempo. Contudo, encontramos ainda do início de 1911, no mesmo *Correio do Povo*, a publicação do estatuto da Liga Porto-Alegrense como que procurando dialogar consigo no sentido de responder às questões levantadas em suas páginas sobre a possibilidade de novas filiações. Em verdade, tínhamos ali a almejada resolução e o novo estatuto dava conta desta e outras novidades para o segundo campeonato. A resposta era um “sim” para possibilidade de filiação de novos clubes apesar de, ao mesmo tempo, ser excludente em seus critérios.

Para ilustrar a forma de exclusão através dos estatutos, ou melhor, a forma de manter afastados os indesejados, escolhemos os artigos que falam de valores financeiros, pois são, por si só, excludentes da maior parte dos clubes que neste ano pululavam nos noticiários dos periódicos de Porto Alegre, não permitindo que outros se aventurassem a pleitear a entrada nesta federação de clubes. De uma forma simples: quem não tinha dinheiro não podia se filiar a Liga de *Foot-Ball* Porto-Alegrense!

Art. X – As reclamações, queixas ou recursos que se fizerem à assembléa deverão ser acompanhados de 10\$000, não sendo essa importancia restituída si taes reclamações, queixas ou recursos forem julgados fúteis ou pueris.

Art. XII – Para que um *club* possa filiar-se á Liga deverá: a) provar a sua existencia regular, enviando-lhe os seus Estatutos em vigor; b) provar que joga *foot-ball association* em conformidade com as regras aprovadas; c) provar

que possui um campo com dimensões legais e amplas comodidades para os *teams* visitantes; d) designar quales as cores com que jogarão os seus *teams* e o modo por que estão dispostos no uniforme; e) designar o domicilio do presidente e do secretario; f) juntar ao pedido de admissão um recibo do thezoureiro da Liga, pelo qual se verifique o pagamento da taxa de inscrição na importancia de 50\$000; g) enviar uma lista de seus jogadores.

§ 1º. – Caso algum *club* filiado deixe de cumprir a disposição acima, a assembléa poderá suspender-lo ou tomar qualquer deliberação conveniente.

§ 2º. – Para o effeito do paragrapho anterior, como para da letra C do artigo antecedente, proceder-se-á á minuciosa investigação no campo do *club* suspeito de infractor.

Art. XIII – De 1º a 15 de março em cada anno será aberta, por edital a inscrição para os *clubs* candidatos á filiação, que deverão satisfazer as exigencias do art. XII.

§ 1º - Apresentando-se só um candidato, será filiado si bater o *club* da Liga collocada em ultimo lugar na prova annual anterior e satisfazer as demais condições exigidas por estes Estatutos. Si o numero de *clubs* prefixados, de que trata a letra P do art. VI, (...) o já existente, o *club* candidato, no caso acima, substituirá o da Liga.

§ 2º - Tratando-se de mais de um clubcandidato a filiação, deverão disputar entre si, successivamente, e o vencedor será filiado se satisfazer as exigencias do artigo anterior.

§ 3º - Havendo a assembléa geral annual determinado o augmento de um *club*, só será admittido á filiação o que vencer o *club* da Liga, de conformidade com o disposto no § 1º do artigo presente. Si o numero fôr augmentado para mais de um, os candidatos sujeitar-se-ão ás provas de eliminação e, na ordem em que ficarem, terão que cumprir o § 1º deste artigo.

§ 4º - Em qualquer dos casos dos paragraphos anteriores, para determinar o resultado dos jogos, applica-se, quando necessario, a disposição final do artigo 21.

§ 5º - A Liga póde recusar a inscrição de qualquer *club*.

Art. XV – Satisfeitas as exigencias dos arts. 12 e 13 e seus paragraphos, o *club* que tiver de filiar-se pagará a taxa de 200\$000 a titulo de joia e a de 40\$000 como contribuição annual, a que ficam sujeitos todos os clubs colligados e mais 5\$000 mensaes pagos adiantadamente.

§ 1º - Os clubs da Liga que forem substituídos por *clubs* candidatos não serão obrigados a pagar taxa de inscrição e de joia, si pretenderem e conseguirem reentrar para a Liga.

§ 2º - A inscrição e joia deverão ser pagas três dias antes do primeiro *match* de cada prova annual do campeonato e a contribuição annual até 15 de março de cada anno, considerando-se desligados os *clubs* infractores.

Art. 33 - A Liga não admitirá em seus *matches* jogadores profissionaes ou indivíduos, cuja reputação seja notoriamente duvidosa. Consideram-se profissionaes aquelles que recebem remuneração de qualquer espécie, salvo gastos de viagem. A assembléa tendo conhecimento e provas de infracção deste artigo, por parte de qualquer *club* colligado, excluirá taes jogadores, scientificando os demais *clubs* e imporá ao infractor as penas que julgar de justiça. (CORREIO DO POVO, 21/03/1911).

É evidente que, com tantas exigências de cunho financeiro, era impossível que um clube cujos sócios pertenciam ao mais baixo degrau da pirâmide social brasileira pudesse satisfazê-las. E não nos parece coincidência que os pleitos deste clube cessassem após esta publicação.

Mas não é só isso. Podemos ir além nos exemplos e destacar a alínea “c” do artigo XII que fala na infraestruturas das canchas e tem relação com a temática financeira, mesmo que de forma indireta. A notícia sobre o campo da Redenção, palco do jogo entre Internacional e 7 de Setembro, na temporada de 1911, que não estava de acordo com o estatuto, bem serve para ilustrar este item.

Antes de nos referirmos ao *match*, devemos dizer algo sobre o estado em que se encontrava o *ground*. Este não estava marcado, segundo manda a guia de *foot-ball*, nem tampouco, devidamente cerrado. As linhas de *touches* eram feitas pelos espectadores, que tiveram o cuidado de não invadir o campo, para não prejudicar o torneio. Mas isso não foi nada; peor se observou, quando um *forward* teve de dar um *penalty*, não sabendo de onde deveria atirar o *kick*! Então, um espectador, invadindo o campo, mostrou, mais ou menos, onde era a linha de *penalty*. Parece-nos que a Liga não deveria deixar se reproduzirem taes factos, pois, segundo os seus estatutos, uma comissão nomeada por ella, está incumbida de examinar o campo, antes de começar o torneio, para vêr si está ou não em condições de nelle se jogar. Pelo que se vê, a Liga

pretende descansar nos louros colhidos em épocas brilhantes, sem se dar ao trabalho de fiscalizar os *grounds* (CORREIO DO POVO, 12/07/1911).

Parece que, apesar de todas as exigências do seu estatuto, a Liga não era assim, tão rigorosa com seus membros. Pelos artigos que podemos ler, tal rigidez parece ter sido aplicado somente aos candidatos à filiação a este consórcio.

Um segundo exemplo do uso diferenciado deste estatuto é o fato de não sabermos exatamente como um clube que se licenciou ou simplesmente desligou-se, faz para que volte ao conjunto dos demais associados, posteriormente. A única informação parece ser o § 1º do artigo XII, falando que, no caso de retorno à Liga, um clube não precisaria pagar taxa de inscrição e jóia, mas sem dar conta de como este processo aconteceria. Dessa forma, imaginamos mais fácil um regresso do que a inscrição de uma nova sociedade. O tópico evidentemente dizia respeito ao *Frisch Auf*, licenciado em 1911 e 1912, que retornou apenas em 1913, fato que era também algo novo entre seus associados e teve de ser discutido para o ano de 1911.

Em “O Negro no Futebol Brasileiro” (cuja primeira edição fora lançada em 1947), Mário Filho, apesar de não encontrar documentos que expressem termos racistas, assim classifica as organizações do futebol do Rio de Janeiro. Contrariando esta visão, em um trabalho bem mais recente, Helal *et alii* (2001) acreditam que a complexidade do tema é maior sob o ponto de vista social. Estaria ligada aos valores aristocráticos do amadorismo no esporte e, aqui, gostaríamos de nos situar neste debate para o período em questão, dado o exemplo de nossa fonte. Para nós, limitando financeiramente o acesso das classes menos abastadas, estaria resolvido o duplo problema de aceitar negros e pobres como seus pares, não importando se esses pobres fossem de qualquer cor ou origem nacional... Da mesma forma não eram benquistos.

Queremos concluir que os estatutos modificados com a inclusão das cláusulas financeiras que teriam sido as responsáveis pela negativa do Rio-Grandense, foram aprovados durante a presidência de Henrique Poppe

Leão. Assim, sem sabermos das discussões internas entre os membros da Liga, podemos afirmar que a derradeira negativa a qualquer agremiação postulante à vaga partiria do presidente do Internacional, por dirigi-la naquele momento. Acreditamos que, pelo contexto do pós-abolição, essa “negativa” com o novo estatuto teria procedido de qualquer um dos clubes pertencentes à associação, entretanto, naquele momento, veio do Internacional aos olhos de Francisco Rodrigues e demais sócios do Rio-Grandense, apesar do que diz Lupicínio em defesa do Grêmio. Em outras palavras, não temos firmeza na versão de Lupicínio. É difícil imaginar que pouco mais de 20 anos após o fim da escravidão, a nata da sociedade portoalegrense aceitaria negros pobres em uma associação de clubes, ainda mais para tomar parte no novo *english sport* que fazia já tanto sucesso como um diferencial social. A forma de segregar tanto negros quanto brancos pobres e operários no futebol de Porto Alegre foi a velha fórmula do capital que separa ricos e pobres e que, neste contexto, tinha os ricos Internacional e Grêmio versus o pobre Rio-Grandense, e não Grêmio versus Internacional como imaginam seus torcedores hoje em dia.

### **O Álbum Gremista de 1949 e o caso do “simpático macaco”.**

Resgatando os valores amadores aristocráticos do futebol em Helal *et alii* (2001) citado há pouco, é importante lembrarmos que este autor refere-se ao período do amadorismo do futebol no Rio de Janeiro e a fonte que apresentamos a partir de agora é da primeira década do profissionalismo. Se antes concordamos com o autor, é importante destacarmos que esse nos parece o momento crucial onde aqueles valores são deixados de lado em favor do profissionalismo e talvez seja aqui, ao menos em Porto Alegre, que se opere também a emersão do racismo no futebol.

Vejamos o caso.

Por ocasião de nossa pesquisa de mestrado, não foi encontrado no acervo Júlio Petersen, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande

do Sul – PUCRS, o “Álbum Gremista de 1949” escrito e publicado pelo próprio goleiro tricolor Júlio Petersen, em comemoração ao título do Torneio Extra daquele ano, que era uma espécie de prévia do Cidadino e que, por sua vez, era uma prévia do Campeonato Estadual daquele ano. Títulos que também seriam conquistados pela mesma equipe tricolor.

Tal obra é citada por sua filha, a historiadora Sílvia Regina Ferraz Petersen: “Nesse ano, foi autor da publicação Álbum Gremista, com o histórico do Clube, biografias dos atletas e diretorias e resenhas dos jogos do ano.”<sup>3</sup> Portanto, um documento com a intenção de marcar os títulos dos Torneios Extras de 1948 e 1949, este último de forma invicta, e, provavelmente, às vésperas do último jogo do Campeonato da Cidade (já que é o único jogo listado sem placar e necessário para aclamar o Grêmio como campeão), justamente contra o Internacional, vencido pelo Grêmio por 1x0 em 30 de outubro garantindo além do título cidadão, a vaga na disputa do Campeonato Estadual disputado e vencido no início de 1950, contra o Floriano da cidade de Novo Hamburgo.

Anos depois, encontramos em um acervo particular uma publicação com as mesmas características, sem a identificação do autor. Um primeiro dado que nos fez imaginar que tratava-se da mesma publicação é o fato de que a biografia mais detalhada dentre atletas e dirigentes é justamente a de Júlio Petersen. Não temos as resenhas de jogos como dito por Sílvia Petersen, contudo, cabe ressaltar o seguinte: dos atletas biografados aparecem apenas três jogadores reservas, sendo que o mais raro reserva a entrar em campo é justamente o goleiro. E, como dito, a mais completa biografia, chegando a ter a formatação do texto alterada para que todos os detalhes coubessem na página é justamente do goleiro reserva Júlio.

Duas coisas nos interessam em tal publicação. A primeira é a ficha de Olavo de Souza Flores, nascido em 4 de agosto de 1929 em Porto Alegre, vindo do Esporte Clube Cruzeiro de Porto Alegre no ano anterior e parte da equipe juvenil de 1949. Esta equipe tem destaque no álbum, em espaço

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www1.pucrs.br/delfos/?p=petersen>>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

menor que os profissionais. Olavo já carrega ali o apelido que o consagraria no futebol nos anos vindouros de profissionalismo: Sarará.

Apelando a um popular dicionário encontrado facilmente na internet, o termo tem os seguintes significados: “Adjetivo masculino e feminino: 1 Diz-se da cor arruivada e do cabelo crespo de determinados mulatos. 2 POR EXTENSÃO Diz-se desse tipo de cabelo. Adjetivo masculino e feminino ou substantivo masculino e feminino: 1 Diz-se de ou mulato ligeiramente alourado ou arruivado; sarassará.”<sup>4</sup> Ou seja, pessoa mestiça. Por sua vez, o Grêmio, sem qualquer subterfúgio, tinha em seu time juvenil em 1949 e que passaria a jogar profissionalmente em 1950, um jogador com um apelido que remete a seus cabelos crespos que é uma das principais marcas de negritude, caracterizando no mínimo uma miscigenação.

Não seria o primeiro mestiço no Grêmio e uma rápida olhada para times antigos colocariam em *check* a dita brancura tricolor. Poderíamos citar os irmãos Mostardeiro na década de 1910 ou o ídolo Eurico Lara nas décadas de 1920 e 1930 com fenótipos indígenas, e outros tantos que poderiam ser negros, mas Adão Lima, atleta da equipe campeã gaúcha em 1926, seria o melhor exemplo de negritude com características que vão além de uma suspeita.

No entanto, a intenção deste trabalho é outra. Queremos sim apresentar a fonte citada e questionar uma suposta tradição branca quebrada apenas em 1952 e, para isso, vamos ao segundo exemplo do Álbum Gremista de 1949.

Danton Andrade Araújo nasceu em Porto Alegre no dia 22 de junho de 1923. Contava, portanto, com 26 anos quando este álbum comemorativo foi escrito e publicado por seu companheiro Júlio Petersen. E este é muito elogioso a todos os seus companheiros de equipe. Seu substituto no time principal, Sérgio Moacir, é descrito como “promissor e afamado”, Clarel é um dos “esteios” da equipe e “um dos grandes

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/Sarar%C3%A1/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

elementos do futebol gaúcho”, Teutônio “é jogador inteligentíssimo, sendo um dos melhores extremas da capital”, Hugo é um “elemento de grande valor, dado sua combatividade e dedicação”, e um último exemplo é o “velocíssimo ponteiro” Detefon - Ariovaldo Wendt.

Mas Danton é o único que recebe uma descrição que ultrapassa as quatro linhas. E para a descrição não ser mal interpretada por nossos leitores, transcrevemos na íntegra o que diz Júlio Petersen de seu querido companheiro:

*Half Centro* – e demais posições da defesa – Indiscutivelmente é o simpático <<Macaco>> uma das vigas mestras do conjunto Tricolor. Possui características especiais que o possibilita a adatar-se a qualquer posição defensiva. Foi no E. C. Brasil, de Canôas, que Danton teve o primeiro contacto com a bola. Em 1945 ingressou no plantel Gremista, com a equipe de Aspirantes. Em 1946 integrou a equipe principal, obtendo então o título de Campeão da Cidade e do Estado. Conquistou ainda os Campeonatos Extras, de 1948 e 1949 (Álbum Gremista de 1949).

“Macaco” no contexto acima, junto ao adjetivo “simpático”, tem uma conotação que remete à amizade de ambos, certa intimidade ou liberdade para tratar assim, se compararmos às demais descrições. Contudo, tal expressão costuma ser usada de duas formas. Uma delas é no contexto de fazer macaquice: trejeito, gesto cômico ou imitação malfeita. A outra forma de entendimento é pelo ítem cor que associa a pessoa negra ao animal macaco pejorativamente. É provável que a “simpatia” de Danton tenha relação com alguém que faz macaquice, entretanto a imagem de nossa fonte nos remete à imagem de um homem negro. Dando uma espiada em outras imagens da época tal desconfiança nos faz imaginar que Danton talvez não seja negro, mas é, no mínimo, mestiço. Além dele, a mesma hipótese podemos lançar sobre Hermes do mesmo time com sua fotografia três páginas depois.

Não nos interessa aqui uma análise de imagens comparativas, o que ampliaria bastante a discussão, entretanto, ao apresentar esta fonte que não se encontra, apesar de citada, no Acervo Júlio Petersen, não podemos

nos furtar a levantar estes dados que nos parecem um exemplo bastante forte para afirmar que o dito “*scratch* branco” gremista não era tão branco assim. Ao mesmo tempo, podemos afirmar que não encontramos jogadores com uma matiz de pele que possamos afirmar preta. De uma forma geral é muito difícil situar a pessoa miscigenada na sociedade brasileira e no futebol não é diferente. Posto isso, cremos ser possível afirmar que o Grêmio *Foot-Ball* Porto-Alegrense aceitava sim atletas tidos como pardos, mestiços, mulatos, etc., apesar de não encontrarmos nenhuma referência a tais designações sinônimas em quaisquer documentos. Apenas em 1952, com a contratação de Osmar Fortes Barcellos, o afamado craque Tesourinha, o debate torna-se público. Curioso é que provavelmente seja neste período que deve ter sido propagada a lenda sobre a doação do terreno do primeiro estádio do Grêmio pela senhora Laura Mostardeiro em troca de que não se permitisse que negros jogassem no clube porque seu marido teria sido assassinado justamente por um homem negro, versão que não se legitima dada uma bem documentada compra da área no bairro Moinhos de Vento em 1911. Tal lenda, hoje amplamente refutada, parece tentar retirar do clube o peso da não aceitação de jogadores tidos como negros. Por sua vez, este fato que aparentemente parece dizer respeito a uma questão bem específica de um clube de futebol do sul do Brasil pode, pela relevância social do esporte nessa época, evidenciar bem mais sobre essa sociedade do que sobre o próprio futebol.

Apenas para concluir o assunto sobre as imagens, podemos dizer que, determinar que indivíduos sejam negros, brancos ou mestiços nos parece algo errado, inclusive pelo fato de que tais conceitos eram muito incertos, além de serem alterados ao longo do século XX. Também a autodeterminação foi e continua sendo ponto fundamental, bem como o próprio orgulho de uma origem africana que nos parece hoje bem mais contundente.

31



**JULIO**

Guarda-vala. — O S. C. Taquarense contou entre seus elementos, o atual goleiro reserva, do Gremio F.B.P.A., pois foi neste quadro de inferior que Julio fez suas primeiras jogadas. Em 1932 veio estudar em P. Alegre ingressando no mesmo ano na equipe Juvenil do S. C. Internacional, conquistando por este clube os títulos seguintes: 1934, Campeonato Juvenil, 1936, Campeão 3º quadro, 1938 e 1939, Vice-Campeão Estadual pelos profissionais, 1940 e 1941, Campeão da Cidade e do Estado, equipe dos Profissionais. Em 1943, transferência para o Gremio F.B.P.A., onde obteve os títulos seguintes: Vice-Campeão Profissional da Cidade e do Estado em 1946, Campeão do Extra, nos anos de 1948 e 1949. Treinador das equipes juvenis obteve os títulos de Campeão em 1943 e 1946 e Vice-Campeão em 1947 e 1948. Conquistou ainda o título de Campeão do Campeonato Riopanganês Olegio Gervil, pelo S. C. Internacional, em 1938. Foi integrante do Seleccionado goleiro nos anos de 1943, 1944 e 1946. Este ano encerrando suas atividades como jogador, obteve o prêmio Odeffort Duarte.

**JULIO H. PETERSEN**  
Data Nascimento — 30 de Abril de 1918  
Local — Taquara — R. G. Sul

32



**PERACHI**

Zagueiro-esquerdo — O R. C. Petrolina, da cidade do mesmo nome, deu-lhe a oportunidade de jogar futebol e conquistou os títulos de Campeão Juvenil da Cidade, nos anos de 1941 e 1943. Em 1946, ingressou no Gremio F.B.P.A., onde também na equipe Juvenil, o título de Campeão da Cidade. Este ano foi goleiro da equipe de Aspirante, onde tem se desenvolvido como muito acertado.

**ERNANI ZINGA PERACHI**  
Data Nascimento — 17 de Novembro de 1929  
Local — Porto Alegre — R. G. Sul



**SARARA**

Half esquerdo — iniciou sua carreira esportiva no Petropolitano de futebol menor. Em 1948 jogou no S. C. Cruzeiro, na equipe Juvenil. Este ano ingressou no Gremio, nascendo no Juvenil sendo promovido a equipe de Aspirantes por merecimento.

**OLAVO DE SOUZA FLORES**  
Data Nascimento — 4 de Agosto de 1929  
PS D M — 1947

32



**DANTON**

Half Centro — e demais posições de defesa. — Indisputavelmente o mais simpático Marsson para as vagas centras do conjunto Taquarense possui características especiais que o possibilita a adaptar-se a qualquer posição defensiva. Foi no R. C. Brasil de Casaca, que Danton teve o primeiro contato com o bola. Em 1945 ingressou no plantel Grêmista, na equipe de Aspirantes. Em 1946 integrou a equipe principal, obtendo ainda o título de Campeão da Cidade e do Estado. Conquistou ainda os Campeonatos Extra, de 1948 e 1949.

**DANTON ANDRADE AKATFO**  
Data Nascimento — 23 de Junho de 1923  
Local — Porto Alegre — R. G. Sul



**HERMES**

Meia-direita — Começou sua carreira esportiva, jogando pelo G. S. Arsenal, de Gal. Câmara. A seguir ingressou no Taquarense de Taquari e posteriormente no Aisi-Rubro, de Gravatal, onde em 1947 conquistou o título de Campeão Amador, daquela Cidade. Em 1948, transferiu-se para o Gremio F.B.P.A., obtendo o título de Campeão do Extra, de 1948 e 1949. E elemento jovem e tem promissora carreira esportiva.

**HERMES NUNES DA CONCEIÇÃO**  
Data Nascimento — 19 de Dezembro de 1925  
Local — Taquari — R. G. Sul

**Conclusão.**

Em primeiro lugar, é importante destacar que a fundação de qualquer tipo de agremiação esportiva no período inicial do futebol em Porto Alegre pertencia a um movimento maior de fundação de sociedades que comungassem de valores relacionados à etnia em seu sentido cultural. Podemos citar como exemplos as seguintes sociedades: Germânia, uma

sociedade de ajuda mútua de 1855; *Deutscher Turnverein*, sociedade de ginástica fundada em 1867, e Floresta Aurora, sociedade negra de ajuda mútua também, fundada em 1872. Estas são três sociedades que tinham o objetivo de unir pessoas com características comuns, como dissemos, étnicas. Poderíamos citar a *Blitz*, clube de ciclismo teuto, que se transforma em um clube de futebol teuto, chamado *Fuss-Ball Club* Porto Alegre, e que vai se abrindo a não teutos a medida em que o tempo vai passando, culminando com a troca do nome alemão para *Foot-Ball* com a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial.

Por sua vez, o *Club* Bailante “Recreativo” da Glória, uma associação de baile, funda o *Sport Club* Cruzeiro em julho de 1913 como se fosse uma espécie de departamento de futebol, e que sobrevive à sociedade a qual originou-se. Talvez ficasse melhor dito que seus sócios fundam o Cruzeiro. O que importa é que não buscaram pessoas de fora da sociedade de baile, quiseram manter-se como um grupo diferente dentre os clubes existentes. Sua diferença não seria mais étnica, nem pela cor da pele, nem mesmo por uma origem nacional, mas a partir do clivo social. Amigos dançarinos? Bom, mesmo assim todos mais do que referenciados, já que pertenciam à mesma sociedade bailante.

Neste caso é importante termos em conta que dentre os primeiros clubes de futebol de Porto Alegre, raros foram os que não surgiram a partir de um grêmio anterior com funções esportivas ou não. Talvez o próprio *Sport Club* Internacional que tem suas cores a partir da sociedade Carnavalesca Venezianos, fato que gerou uma disputa inicial dentro do próprio clube que tinha também dentre seus fundadores, sócios da sociedade rival, Esmeralda, e que por isso queriam a cor verde para representar o novo clube. Fica a dúvida: o Internacional não fora gerado dentro de uma destas sociedades carnavalescas?

Quando são fundados os clubes de remo e ciclismo no final do século XIX o mesmo acontece. Todos tiveram origens a partir de características que harmonizassem valores sociais ou culturais, englobando classe social e nacionalidade, com destaque para os teutos. No futebol não é diferente e

podemos acrescentar ainda que tanto Grêmio como Internacional foram fundados por grupos de comerciantes da cidade, dentre eles muitos descendentes de imigrantes e que, por este fato, não tinham a intenção de fundar clubes que congregassem pessoas diversas. Era exatamente o contrário,... Conclamaram seus colegas comerciantes para jogar futebol e para isso fundam dois clubes dentre confrades.

Com efeito, podemos afirmar que é anacrônico buscar nas duas ou três primeiras décadas do século XX – talvez mais – que qualquer clube fosse aberto, englobando pessoas de naturezas distintas. Era possível que aceitassem pessoas de uma cor diferente, mas teriam que ser da mesma classe social. Ou, ainda, aceitassem classes sociais diferentes mas da mesma nacionalidade, ou mesmo de outra nacionalidade mas com classe social igual. Entretanto, apenas ao longo do tempo, na medida em que o profissionalismo assentou-se no futebol, classe social diferente e cor diferente vestiram a mesma camisa.

Gérson Fraga em seu trabalho intitulado “Uma Triste História de Futebol no Brasil - O Maracanaço” (2014), menciona dois excelentes exemplos: Euclides de Freitas Couto que fala de um negro (Geraldino de Carvalho) fundador do elitista América *Foot-Ball Club* de Belo Horizonte, e Mario Filho aludindo a Joaquim Prado, preto, mas de família também ilustre, rica, que jogava no *Club Athletico* Paulistano e que seria muito bem aceito no Fluminense *Football Club*, ambos aglutinadores da nata social de suas respectivas cidades. Por sua vez, Mario Filho em seu consagrado trabalho, onde esse pequeno artigo inspira seu nome, também reconhece os clubes como inicialmente aglutinadores de uma similitude em contraponto à heterogeneidade social: “A tendência natural das coisas, cada jogador procurava o seu meio, indo para onde estava a sua gente. E quando a sua gente não tinha clube, o jeito era fundar mais um.” (RODRIGUES FILHO, 2003:37)

A aceitação tardia de negros nos clubes da elite de Porto Alegre não como sócios – processo bem mais recente, onde a receita de uma mensalidade vence o preconceito de cor –, e sim como profissionais,

mesmo na época do “profissionalismo marrom”, é uma questão que merece um trabalho mais aprofundado e comparativo entre os clubes da época, para além do caso da rivalidade Grenal. Parece que o momento social brasileiro, operado a partir da Revolução de 1930, com mais direitos à população pobre, desbravando nichos sociais até então impenetráveis, teria como que descortinado Hades à elite e a uma classe média que, apavoradas, teriam procurado outros meios de manter afastados os indesejados. Dada a dificuldade de isolar os negros das canchas da cidade a partir do profissionalismo, o tempo de Cronos, que a tudo consome, seria o responsável por dissipar a hipocrisia de então e devorar as vergonhas ao revelar ou talvez expandir o preconceito na medida em que aproximou os socialmente distintos através do universo do futebol, que já ultrapassava em muito as quatro linhas alcançando os dois extremos da pirâmide social.

E sobre os inúmeros trabalhos de torcedores que circulam na internet e que tendem a defender seus clubes de acusações racistas, podemos dizer que de nada adiantam pois são estéreis sob o ponto de vista do torcedor que se farda com as cores de sua equipe para escrever. A ciência da História não pode ter cores.

Interessaria à heróica resistência negra, como o caso do Rio-Grandense, mas esta não foi duradoura, o capital venceu com o advento do profissionalismo. Em outras palavras a dupla Gre-Nal venceu os clubes negros e os absorveu da pior forma possível: levou seus atletas como mão de obra barata. Oxalá fosse na maioria das vezes qualificada, não deixava de ser barata. E por fim, ajudou a liquidar os clubes levando os melhores atletas, sendo que os menos qualificados acabavam por jogar em clubes de uma segunda classe, porém mais estruturados que os seus, como eram Força e Luz, *Renner*, Nacional e etc. Clubes que também poderiam fornecer bons empregos mas que por fim, também sucumbiram a Grêmio e Internacional.

Por último, cabe algumas palavras mais sobre nossas fontes.

Trabalhamos com uma revista especial sobre um clube de futebol e isto evidencia que havia já um mercado consumidor não apenas de nosso

esporte específico mas também de um clube pontual. Isso significa que podemos ter ainda inúmeras fontes de pesquisa para serem exploradas e talvez não conhecidas. Além disso, revelamos um linguajar diferente do formalismo que estamos acostumados nos periódicos onde somente vemos alguma mudança no decorrer dos anos, como é o caso de nossa primeira fonte que talvez seja a mais antiga referência a conhecida à “Liga da Canela Preta”.

O próprio Mário Filho destaca a necessidade da pesquisa em outras fontes quando diz que...

As atas, a correspondência dos clubes não falam dos negros. As leis das entidades não tocam, nem de leve, em questões de raça. Limitando-se a levantar barreiras sociais, proibindo que trabalhadores braçais, empregados subalternos, contínuos, garçons, barbeiros, praças de pré e por aí afora jogassem futebol em clubes filiados [às ligas da elite] (RODRIGUES FILHO, 2003:22).

E conclui criticando não apenas os documentos oficiais mas também os jornais que, segundo ele, “não dizem tudo. Hoje já dizem muita coisa, mas não diziam quase nada” (RODRIGUES FILHO, 2003:23). Se este “hoje” de nosso autor ocorreu em 1947, é evidente que os questionamentos que fazemos presentemente são distintos e mais complexos, principalmente devido ao avanço de nossa ciência e, por mais que seu trabalho possa estar ultrapassado em alguns pontos, sua incitação à pesquisa se faz mais necessária hoje, já que a oralidade a qual se apega não mais existe como uma possibilidade.

Os periódicos são importantíssimos para o entendimento e compreensão do futebol no país, mas não são a única fonte e, neste caso, seria de extrema importância levantar outras, como revistas especializadas ou sociais onde encontramos descrições menos formais, em alguns casos até em tom jocoso, ou até mesmo entrevistas de atletas.

Enfim, tentar dar visibilidade ao negro no futebol, seja em Porto Alegre ou no Rio de Janeiro, vai além de uma História já posta. Precisamos avançar com pesquisa e, por sua vez, com fontes até então deixadas de lado

por serem percebidas como menores como até poucos anos se pensava com relação a História do futebol no Brasil.

## Referências

FRAGA, Gérson Wasen. *Uma Triste História de Futebol no Brasil – O Maracanaço: Nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950*. Passo Fundo: Méritos Editora, 2014.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio J.; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

RODRIGUES, Lupicínio. *Foi Assim*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

RODRIGUES FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

SOARES, Ricardo Santos. *O foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918*. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de mestrado – PPGH), 2014.

**Acervos:** Biblioteca Nacional – Acervo geral e periódicos

**Periódicos citados:** *Correio do Povo*

## Sites

<<http://ww1.pucrs.br/delfos/?p=petersen>>. Acesso em: 29 de setembro de 2020.

<<http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/da/Sarar%C3%A1/>>. Acesso em: 30 de setembro de 2020.

**“Está na berlinda o futebol”:  
Modernidade e futebol nos anos 1920 em Porto Alegre**

*Mauricio Garcia Borsa dos Santos<sup>1</sup>*

**Entrando em campo: A modernidade e o futebol**

Nos primeiros anos do século XX o futebol se popularizava e ganhava espaço no cotidiano das cidades brasileiras, servindo como cenário das contradições geradas pela modernidade. Apesar de São Paulo e Rio de Janeiro serem os grandes centros culturais do Brasil, o futebol se espalha pelo país de diversas formas. No caso do Rio Grande do Sul, é fundamental ressaltar a via platina de introdução do futebol, conectando as cidades fronteiriças ao Uruguai e Argentina (JESUS, 2001:45). Assim, por influência de ingleses, platinos, germânicos e brasileiros que retornaram da Europa, o futebol chegou ao Rio Grande do Sul e se instalou com entusiasmo. Esporte de bacharéis num país caracterizado por gigantesca desigualdade social, esporte de brancos em uma sociedade com marcas ainda expostas do escravismo, esporte associado a ícones do progresso e da industrialização numa economia ainda essencialmente agrária, o futebol tornou-se rapidamente um dos ingredientes mais importantes dos debates acerca da modernização e da identidade nacional no Brasil.

Nesta conjuntura, a imprensa tornava-se palco de manifestação de parte da sociedade. No Rio Grande do Sul, esta caracterizava-se pelas

---

<sup>1</sup> Mestre em História Social, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - mauriciogbs@yahoo.com.br

fortes tendências políticas, influenciando diretamente na opinião pública local, de acordo com os interesses partidários. O Jornal Correio do Povo - fundado em 1895 por Caldas Junior - se propunha, na contramão dessa tendência, ser, desde sua fundação, uma folha “apartidária” e de grande credibilidade. Com efeito, já em seu primeiro editorial, o jornal expressava o anseio de ostentar a bandeira da neutralidade política, embora sempre tivesse firmado seu compromisso com as “classes conservadoras” e a moderna ordem social econômica e política. Dessa forma, o jornal atuava como empresa jornalística de sentido moderno, preocupado com os lucros e produzindo para um mercado consumidor que tem suas necessidades próprias. (Ver GALVANI, 1994; RUDIGER, 1993)

A tentativa de imposição de padrões de comportamento europeus nas primeiras décadas do século XX, que caracterizaram a importação e principalmente o fortalecimento dos ideais da modernidade e do esforço civilizador, foi fundamental nos debates sociais e políticos do país. O futebol entra no circuito destes debates definidores daquela sociedade e de seus rumos históricos, bem como de suas tensões sociais, relacionando-se diretamente à rápida urbanização, ao crescimento demográfico e, sobretudo, aos aspectos políticos assumidos por diversas instituições esportivas, sejam clubes privados, associações esportivas ou federações de cunho governamental.

O cotidiano esportivo da cidade era agitado. Natação, remo e o turfe eram os esportes preferidos no começo do século XX. Embora o futebol tenha chegado à capital no começo deste século, foi somente entre 1915 e 1930 que se popularizou plenamente. Foi também esse período um momento crucial do crescimento urbano. A ordem burguesa se instalava no espaço citadino sob o signo da modernidade: higiene e disciplina eram alguns dos novos *valores adequados* aos espaços públicos de uma cidade que se pretendia moderna e civilizada. A gradativa retirada dos pobres da área central e o acirramento do policiamento cotidiano são alguns dos elementos da modernidade porto-alegrense. Para este ideal da elite da cidade, não há lugar para os negros e pobres. Esporte que deveria servir

com meio de distinção social, o futebol foi apropriado e ressignificado pelas diversas camadas sociais evidenciando algumas contradições da modernidade, colocando negros e brancos, pobres e ricos no entorno dos mesmos eventos, seja na prática do esporte ou na torcida.

Em 1910, a população da cidade alcançou o número de 115 mil habitantes. Em 1914, por encomenda da intendência, foi realizado um estudo visando implantar reformas urbanas de impacto no conjunto da cidade, como estavam acontecendo nas principais capitais do Brasil, como no Rio de Janeiro e em São Paulo.

As transformações sociais ocorridas na década de 1920 exigiram modificações na forma de pensar a organização do espaço urbano das grandes cidades. Com isso, buscou-se um discurso sobre a cidade na qual a modernidade deveria estar inserida, modernidade esta, que segundo Charles Monteiro,

está construída a partir do ideário das elites dirigentes, e que se apresenta sob a forma de um projeto social que almejava criar as condições para o desenvolvimento econômico, modernizar a capital do estado em relação às capitais dos estados mais desenvolvidos brasileiros e mundiais, tudo isso, com a manutenção da ordem estabelecida e do status quo da elite dirigente ligada ao PRR. (MONTEIRO, 1995:36)

Desta forma, tanto mudanças na estrutura física da cidade quanto o combate a antigos hábitos foram características importantes destes anos. Porto Alegre passou por transformações em sua estrutura social e econômica. Para isso a burguesia em ascensão buscava a consolidação de determinados valores que fossem ao encontro de seus interesses.

Uma nova forma de viver em espaços públicos, novos padrões de comportamento e sociabilidade impulsionaram a formação de modernos espaços urbanos e a remodelação de antigos ambientes, bem como um novo modelo de cidadão instruído por uma “pedagogia social” amplamente veiculada por meio da imprensa. Assim, este projeto de modernização da cidade atendia aos interesses dos grupos sociais emergentes, bem como da oligarquia dominante, impulsionado pelo

desenvolvimento econômico e pelo estabelecimento de um novo imaginário das relações sociais.

Contudo, a fim de legitimar as intervenções no espaço urbano e a destruição de residências e construções que não combinavam com o ideal estético pretendido por estas elites para a abertura de novas avenidas e o alargamento de ruas antigas, foi necessário basear-se no discurso que advogava os benefícios estéticos e higiênicos para a população diretamente afetada por estas operações, procurando inserir as classes populares no conjunto dos novos valores que a modernidade apresentava. O combate contra a vadiagem, a mendicância, o jogo, a prostituição, o alcoolismo, a infância abandonada e os cortiços eram bandeiras dessas elites que pretendiam modernizar Porto Alegre e estabelecer novos padrões de vida e valores para a cidade, como:

o trabalho como elemento de grandeza moral, fator de progresso e obrigação social, a operosidade, a higiene pessoal e dos espaços de convívio social, a intimidade familiar, a boa aparência, o cultivo de uma moral reta, o conforto material, a previdência, a economia, etc... (MONTEIRO, 1995: 81)

Nesse sentido, Porto Alegre assistiu o crescimento demográfico, junto à industrialização, aos cinemas, aos teatros, às competições de remo, às provas de turfe e os jogos de futebol, que coloriam o cotidiano da cidade. Já em 1925, a capital gaúcha tinha uma população estimada em 200 mil habitantes, número bastante considerável para a época, mas que, no entanto, gerava as demandas de transformações urbanas já mencionadas. Com esse crescimento veio também suas contradições e a conseqüente formação de um discurso de limpeza da cidade, regeneração da sociedade e renovação dos hábitos supostamente adequados à vida moderna. Entretanto, as elites urbanas das grandes cidades brasileiras tinham que lidar com uma indesejável realidade, pois

(...) as cidades – verdadeiros centros amplificadores de tensões – promoviam um indesejável compartilhamento de espaços públicos. Elas se transformaram em palcos de manifestações políticas e culturais inconvenientes das camadas

médias, do proletariado e dos demais setores subalternos. (...) As demandas sociais, abafadas pela estrutura política da República, encontravam nas cidades ambiente para sua expressão e proliferação. (FRANCO JR. 2007: 65-66)

Deste modo, esta concepção de cidade está relacionada à intensa batalha pela moralização dos hábitos e costumes das classes populares que a burguesia pretendia realizar, juntamente com as autoridades políticas, projetando um novo cidadão, saudável, bem vestido, adepto da moral burguesa, livre do vício do jogo e da bebida, enfim, adequado às novas exigências da cidade moderna.

Então, em um contexto de intensas modificações estruturais da cidade a sociedade é influenciada por essa onda. Segundo Marshall Berman,

O turbilhão da vida moderna tem sido alimentado por muitas fontes: grandes descobertas nas ciências físicas, (...); a industrialização da produção, (...); cria novos ambientes humanos e destrói os antigos, acelera o próprio ritmo de vida, gera novas formas de poder corporativo e de luta de classes; (...); rápido e muitas vezes catastrófico crescimento urbano, (...) enfim, dirigindo e manipulando todas as pessoas e instituições, um mercado capitalista mundial drasticamente flutuante, em permanente expansão. No século XX, os processos sociais que dão vida a esse turbilhão, mantendo-o num perpétuo estado de vir-a-ser, vêm chamar-se “modernização”. (BERMAN, 2007:25)

Assim, Berman ressalta que, no século XX, o processo de modernização se expandiu a ponto de abarcar praticamente todas as regiões do mundo, espalhando juntamente com suas conquistas técnicas todo um novo modo de viver a realidade, destruindo antigos hábitos e criando novos padrões de comportamento.

No mesmo sentido, Anthony Giddens lembra o caráter globalizante da modernidade, “que significa mais do que uma difusão das instituições ocidentais pelo mundo. A globalização, processo de desenvolvimento desigual que tanto fragmenta quanto coordena, introduz novas formas de interdependência mundial.” (GIDDENS, 1991:173)

Com isso, é plausível a consideração do autor segundo a qual

A modernidade é inerentemente globalizante, e as consequências desestabilizadoras deste fenômeno se combinam com a circularidade de seu caráter reflexivo para formar um universo de eventos onde o risco e o acaso assumem um novo caráter. As tendências globalizantes da modernidade são extensionais e intensionais – elas vinculam os indivíduos a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global. ( GIDDENS,1991: 175)

Nelas é possível notar a projeção dos ideais burgueses de normatização e controle da sociedade, amplamente divulgados e debatidos na imprensa da cidade. Nesse cenário da modernidade permanece o ideal de controle da sociedade por uma pequena parte dela, impondo novas formas de sociabilidade ao mesmo tempo que mantém o ideal da elite controladora dos interesses e bens públicos.

### **O futebol vira notícia**

Era por meio dos jornais que as campanhas contra o jogo, o alcoolismo, a vadiagem e demais formas de vida não alinhadas com o novo ideário de modernidade, procuravam legitimar também a exclusão das práticas e das vozes dissonantes da nova ordem estabelecida, de uma modernidade elitista e excludente, ancorada numa pretensão da elite de organizar, planejar e disciplinar a sociedade como um todo, especialmente as camadas populares gradualmente inseridas como força de trabalho na cidade. Tratava-se, então, de criar uma nova figura de cidadão, trabalhador, econômico, ajustado e voltado à intimidade do lar.

Nos anos 1920, Porto Alegre possuía diversas competições diferentes de futebol, o que fazia desse esporte um dos aspectos relevantes do cotidiano da cidade e que ganhava cada vez mais espaço nas páginas dos jornais, como reflexo dessa importância. Duas dessas ligas eram ocupadas por membros das classes médias e altas da cidade, mas a população negra e pobre não ficava de fora desse cenário, organizando um campeonato

próprio para prática do futebol, a chamada Liga Nacional de Foot-ball Porto-Alegrense. Conforme Jesus, no momento em que

o futebol se populariza plenamente em Porto Alegre, o projeto de modernidade e toda a ideologia racista estão em pleno vigor, de forma que não resta ao negro outra alternativa para a prática do futebol senão a formação de uma liga exclusivamente composta por elementos descendentes dos escravos africanos. Neste sentido, em Porto Alegre, temos a Liga Nacional de Futebol Porto Alegrense, pejorativamente conhecida (e divulgada pela imprensa branca, como *Liga da Canela Preta*. (JESUS, 1999:145)

Os registros acerca dos “Canelas pretas” são bem menos numerosos que os dos clubes que ainda existem na cidade, não existindo arquivos oficiais e as referências que são mencionadas na imprensa são igualmente insuficientes para análise profunda e necessária de tal organização. No dia 13 de maio de 1920, o *Correio do Povo* divulga uma breve nota sobre o início do campeonato da “Liga Nacional de Foot-ball Porto-Alegrense”, sem muitas referências. No entanto, a notícia afirma ser uma liga de “times de segunda linha” e o mais significativo não está no jornal, mas sim na própria data do jogo inaugural, o 13 de maio, dia da Lei Áurea, que dá fim à escravidão no Brasil em 1888. (CORREIO DO POVO, 13-05-1920:6)

Apesar de não ser possível localizar muitas referências da Liga Nacional (Canela Preta) nas páginas do *Correio do Povo*, algumas pequenas notas são consideráveis, especialmente no ano de 1920. O jornal reclama que a Liga não possuía árbitros que soubessem as regras do futebol, o que permitiria que casos de violência ocorressem durante os jogos. Entretanto, a violência nas partidas não era exclusividade dos jogos da Canela Preta nem dos times pobres da cidade, sendo um fato corriqueiro durante os eventos de futebol, até mesmo da Associação Porto-Alegrense de Desporto (APAD), o campeonato dos clubes de elite da cidade. Assim, no mesmo dia que se registra a reclamação da falta de preparo dos juizes da Liga Nacional, a APAD anunciava reunião para tratar dos casos de violência ocorridos em seus jogos. No bojo das discussões acerca da violência, o Grêmio anunciou que iria cercar o seu gramado para evitar as

constantes invasões de campo ocorridas em seus jogos; o Correio do Povo reclamava da “desvirtuação do ideal do sport” e da falta de educação de jogadores e torcedores, e mesmo assim, um Gre-nal pelo campeonato da APAD terminou em violência, com briga entre jogadores e invasão do *ground*, caracterizando mais um “sururu em campo”(CORREIO DO POVO, 25-05-1920:8).

Pessoas que não admiravam o futebol acabavam por frequentar os estádios em virtude dos jogos terem se tornado um evento social. Foi o caso do escritor Roque Callage que, em artigo de capa do Correio do Povo, intitulado “No reino das torcedoras”, explica o porquê de ter ido a um jogo de futebol, mesmo sem apreciar o esporte. Nesta crônica, conta que certa vez foi a um determinado jogo por ser um grande evento social e por seus amigos também irem, mas que não pretendia mais voltar a um jogo. Ao ir ao estádio e escolher sua parcialidade passou a ser xingado por torcedoras que torciam pelo outro time e com o desenvolver do jogo passaram a atirar objetos no escritor, que revidou verbalmente. As torcedoras, por conseguinte, se exaltaram e agrediram Callage, que perdeu sua cartola ao ter que sair correndo do estádio. Com isso, prometia nunca mais voltar em um “ground” de futebol. (CORREIO DO POVO, 09 -07-1920:1)

Ao mesmo tempo o futebol gerava entusiasmo em outra parcela da população que se aglomerava em frente à redação do Correio do Povo a fim de saber as notícias sobre os jogos do Campeonato Estadual. Assim ocorrera quando o Grêmio, campeão da APAD, fora disputar um jogo do Campeonato Estadual diante do Guarany de Bagé, quando “considerável numero de sportmem e gentis torcedoras” lotaram o salão do jornal para acompanhar as notícias enviadas pelo telégrafo em intervalos de 5 minutos, diretamente do local do jogo (CORREIO DO POVO, 20 -11-1920:2.)

A partida entre Grêmio e Brasil de Pelotas, que integrou o quadrangular final do campeonato gaúcho daquele ano, teve um público de mais de 10 mil pessoas, demandando página inteira do jornal, com fotos e detalhes da partida que teve convite especial para o presidente do estado

Borges de Medeiros e demais autoridades. Igualmente, fora dos gramados, a Federação Rio Grandense de Desporto organizou o “Congresso de Football”, concomitantemente ao campeonato estadual, a fim de debater a atualidade do futebol e o futuro do esporte bretão (CORREIO DO POVO, 22 -11- 1921:8)

Desse modo, a modernidade que apresenta o futebol à cidade é a mesma que procura segregar o negro e o pobre dessas práticas e destes espaços, demandando o surgimento de uma liga igualmente segregada para a prática do futebol, sendo este mais um microcosmo da sociedade e não uma exceção. Da mesma forma, evidencia as contradições de uma cidade ainda desconfortável com os novos hábitos e suas consequências, como o futebol representando importante evento social e a violência corriqueira de seus jogos.

Em 1922 foi organizado o Campeonato Brasileiro de Seleções Estaduais, como parte dos festejos em comemoração ao Centenário da Independência do Brasil. O selecionado riograndense jogou contra o estado do Paraná, no primeiro enfrentamento, e nos dias seguintes se debate não apenas o resultado, mas o comportamento dos envolvidos, jogadores e torcida.

“Foi lamentável a falta de calma e mesmo de compostura de grande parte da assistência”. Foi com esta frase que a descrição do comportamento da torcida paranaense foi iniciada. Insultos verbais e objetos atirados em campo contra os gaúchos foram as atitudes iniciais da assistência que compareceu ao jogo, que estava “longe de encarar o encontro (...) como uma competição entre irmãos”, o que qualificaria os paranaenses como “mal educados” (CORREIO DO POVO, 02-08-1922:8). A cordialidade dos dirigentes não foi compartilhada pela assistência presente no estádio, escancarando que existiam um largo espaço entre o ideal de “sportmens” pretendido pelos dirigentes e a realidade dos campos de jogo, sujeita a atitudes que iam de encontro a esses princípios.

Quando da lesão de um jogador gaúcho, Alfredo, que quebrou a clavícula, os torcedores vibraram como se fosse a morte de um inimigo. Nas palavras de jornal paranaense reproduzido pelo Correio do povo:

Na ocasião em que o jogador Alfredo caiu com a clavícula partida, houve quem com isso se regosijasse, como se o moço que no campo se encontrava estendido não fosse, como brasileiro e como nosso hospede, merecedor dos nossos carinhos, máxime depois de ferido. (CORREIO DO POVO, 02-08-1922:8)

Assim, embora os gaúchos tenham sido recebidos com ampla cordialidade pelos dirigentes da Associação paranaense, esta gentileza ficou restrita aos comandantes do futebol e à imprensa. No momento em que a população, pessoas comuns e das mais variadas origens, esteve perante o adversário, este foi visto não como um irmão brasileiro e sim como um inimigo, seja pela emoção mimética da batalha proporcionada pelo futebol, seja pelo momento político brasileiro de intenso debate entre as unidades da federação<sup>2</sup>.

Logo, nota-se que o comportamento idealizado pela imprensa de Curitiba não se projetou no comportamento real das pessoas comuns. Assim, “Não há qualificativo para o procedimento da assistência e sua atitude agressiva só poderá prejudicar o desporto, senão mesmo matá-lo de vez”. Como resposta a esse comportamento, foi necessária a intervenção da polícia, que retirou um torcedor do “graund” (CORREIO DO POVO. 02-08-1922:8). De tal modo, percebe-se que imprensa e a força policial, órgão representativo do Estado, projetavam uma adequação do torcedor ao espetáculo, que não permitia, ou tolerava, a violência e o desvio de uma conduta supostamente adequada, mesmo que o espetáculo dentro de campo implicasse em lesão de jogadores e ossos quebrados.

O jogo seguinte diante dos paulistas, tal como o enfrentamento com os paranaenses, foi acompanhado por meio de telegramas ao jornal

---

<sup>2</sup> José Miguel Wisnik, embora não adote a ideia de que o futebol possa ser espelho da sociedade, admite seu caráter metonímico, dado que “elementos indicativos de mudanças históricas vão entrando no jogo, conotando-o, e remetendo, pontualmente, mas também difusamente, ao todo em que ele se inclui”. (WISNIK, 2008:66.)

informando o andamento da partida. Quatro telegramas enviados à redação do jornal informavam o placar do primeiro tempo, 2 a 1 para os paulistas, e os demais gols da segunda etapa, concluindo o jogo com 4 gols para os paulistas e 2 gols para os gaúchos. Esses telegramas foram reproduzidos na capa do jornal, no dia seguinte ao jogo, quinta-feira, dia 3 de agosto.

Em página central, onde costumeiramente localizava-se a seção “Notas Sportivas”, o jogo é detalhado, especialmente a agitação do mundo esportivo local, em função da expectativa pelas notícias dos jogos. Tratava-se não só do primeiro encontro entre tais seleções, mas também de enfrentar o melhor time brasileiro na “capital do foot-ball no Brasil”. Nessas palavras, a reportagem retratou o interesse da população pela partida:

E, para demonstrar o vivo interesse que havia para esta prova, está o facto de quando se aproximou da hora da realização deste importante jogo, uma colossal assistência afluir a frente dos jornaes, ávida de saber as primeiras notícias. (CORREIO DO POVO, 03-08-1922:6)

E assim, por volta das 17 horas chegaram as primeiras notícias, fixadas por meio de papeis em frente às sedes dos jornais, recebidas com empolgação pelos que lotavam tais espaços.

Impossível se descrever o entusiasmo que se apoderou dos amantes do foot-ball, quando os jornaes affixaram em seus placards os resultados de uma brilhante representação por parte dos rio-grandenses nos primeiros 45 minutos de jogo, os quaes certamente deverão ter corrido debaixo de uma pugna empolgante (CORREIO DO POVO, 03-08-1922:6)

Embora as minúcias do que ocorrera dentro das quatro linhas não serem conhecidas ainda, até o dia posterior ao jogo, o maior destaque foi dado para o comportamento da torcida em frente aos jornais, que, ao ser informada que o time gaúcho vencia os paulistas por 2 gols a 1, fazia com que a assistência se agitasse em torno da representação gaúcha. Seria um placar muito melhor que o esperado diante dos “mestres do futebol.”

Conquanto, finalizado o primeiro tempo “vivas e applausos delirantes então foram levantados na frente das redações dos jornaes, reinando no semblante de todos um vivo contentamento pela notícia que havia recebido. (CORREIO DO POVO, 03-08-1922:6)

Com o fim do primeiro tempo e o placar favorável aos gaúchos, a torcida foi duplicada, a fim de que “nossos players continuassem a manter a supremacia obtida no primeiro tempo”. Após alguns minutos nova informação da partida: os paulistas empatavam o jogo. Uma confusão se criou em frente aos jornais, pensava-se que o jogo tinha acabado com o empate, o que fora comemorado entusiasticamente pela população que com “novas aclamações e vivas partiram de todos os que se achavam na frente das redações, em saudação aos rapazes rio-grandenses”. (CORREIO DO POVO, 03-08-1922:6).

A repercussão foi crescendo, a notícia se espalhou por Porto Alegre, sendo que “por todos os recantos da cidade se commentava com phrases de júbilos a representação dos gaúchos”. Somente mais tarde, em dois telegramas urgentes, a realidade fora esclarecida e a notícia da derrota chegava aos jornais de Porto Alegre que passaram, então, a divulgar a nova de São Paulo. O jogo terminara com o placar de 4 a 2 para os paulistas. (CORREIO DO POVO, 03-08-1922:6)

Mesmo com a derrota o CP exaltava a participação dos gaúchos no campeonato brasileiro, enfrentando os paulistas, sabidamente superiores, e sendo derrotados por placar não elástico. Ainda mais, os gaúchos mostraram ser conhecedores dos segredos do esporte e enfrentaram com audácia o adversário em seu campo de jogo, contra a torcida local e ainda melhor organizado, que não precisaram sair de sua cidade para jogar, e assim, “os gaúchos se sentem orgulhosos por haverem enfrentado equipe tão forte, sendo vencidos por um score não tão elevado”(CORREIO DO POVO, 03-08-1922. p.6).

No mesmo domingo que os gaúchos enfrentavam seus adversários no centro do Brasil, o cenário esportivo estadual não parou e jogos pelos diversos campeonatos locais seguiram acontecendo. Em Pelotas,

importante centro esportivo, um jogo do Brasil contra o Ideal, pela Liga Pelotense, terminou aos vinte minutos do primeiro tempo, com invasão de campo pela torcida. Assim, “deu-se um conflicto entre a assistência do qual resultou sair ferido levemente à bala o jogador do Brasil de nome Pelagio Proença” (CORREIO DO POVO, 08-08-1922:2). Na edição seguinte a notícia é melhor delineada com auxílio de um sportmen pelotense que detalhou o conflito:

“(...) Calero deu um pontapé ao Rosseli, o que deu motivo a que se travasse verdadeira luta de ambos os lados.

O Sr. Francisco Secco, espectador, foi junto com o povo que invadiu o campo, dividindo-se, também, o povo a favor dum e outro club, e, a distância duns vinte passos, atirou sobre o Proença, atingindo-o no lado esquerdo do estomago. O ferido foi hoje operado e considerado fora de perigo.

(...)

Houve também muitas cabeças quebradas a bengaladas, mas sem importância.” (CORREIO DO POVO, 08 -08- 1922:2).

A briga iniciada dentro de campo por dois jogadores contagiou a torcida que invadiu o campo e tomou partido no conflito. Socos, pontapés, bengaladas, até mesmo um tiro em um jogador e “cabeças quebradas” foram os resultados da contenda. Desordens como essas não eram anormais, mas sempre reprovados pela imprensa e dirigentes dos clubes. Mais do que um acontecimento isolado, tomar parte em um briga era hábito nos jogos de futebol, que careciam de sistema de segurança em uma sociedade onde era comum andar armado pelas ruas e dar um tiro não seria nenhum sacrifício<sup>3</sup>. Diversos jogadores de ambos os clubes viriam a ser suspensos e eliminados do esporte em decisão tomada pela Liga Pelotense de futebol no dia 19 de agosto.

Na esteira das discussões e comentários acerca do desempenho dos gaúchos no campeonato brasileiro, outros assuntos referentes aos esportes também apareciam, como a participação de mulheres em

---

<sup>3</sup> O Rio Grande do Sul vivenciou a Guerra Civil de 1893 a 1895 e ainda passaria no ano seguinte ao centenário da independência mais um conflito armado, a Revolução de 1923.

atividades esportivas. Esse envolvimento do público feminino se dava de forma efetiva e não apenas na assistência dos jogos.

Maciste Junior<sup>4</sup>, jornalista esportivo do Correio do Povo que assinava quase todas as colunas esportivas que tinha autor identificado, afirmando que o ano do centenário da independência se tornou fértil em revelações da situação social e econômica do Brasil, escreveu sobre o desempenho “dos onze” que representaram o Rio Grande do Sul no campeonato nacional e ainda sobre a devida participação das mulheres nos esportes. Segundo o autor,

(...) justamente no anno do primeiro centenário da nossa emancipação política, em que, dentro de uma finalidade harmonicamente definida, se consumou o princípio da nacionalidade livre, exigida e imposta pelo character da raça, ahi temos, dizíamos, o grande balanço da vida nacional, já iniciado e que em setembro próximo será encerrado de um modo brilhante inexcedível. (CORREIO DO POVO, 18-08-1922:6)

Maciste Junior refere-se aos festejos do centenário da independência, momento no qual a nacionalidade dos brasileiros deveria ser mostrada, juntamente com as situações sociais de cada canto do país, como se fosse uma raça, a brasileira, que teria seu dia máximo em 7 de setembro de 1922. Assim seria possível ter uma ideia da situação social e econômica do Brasil. Dessa forma, o estado do Rio Grande do Sul apresentaria sua primeira mostra de desenvolvimento esportivo:

E eis que o Rio Grande do Sul, por entre uma surpresa geral apresentou, com a ‘embaixada dos onze’, sua primeira parcela de cultura esportiva no balanço interno do país. O Brasil esportivo applaudiu, admirado, o primeiro feito dos gaúchos. (CORREIO DO POVO, 18-08-1922:6)

Era lúcido que o autor reforçava a ideia de que era o momento de todos se desvendarem. O estado estava representado por uma “embaixada

---

<sup>4</sup> Embora assinasse as colunas esportivas como Maciste Junior, seu nome verdadeiro era Olyntho Sanmartin. Publicava outros diversos artigos sobre a vida cultural da cidade no Correio do Povo e em outros jornais da cidade e do interior.

dos onze”, que mostrava ao restante do país o desenvolvimento esportivo dos gaúchos. Outrossim, vale lembrar que o futebol não representa somente um esporte, mas um aspecto da sociedade diretamente ligada ao desenvolvimento cultural e à modernidade, embora existissem diversas discussões em torno da validade desse esporte como tal, como vimos nas páginas do Correio do Povo.<sup>5</sup> Desse modo, o futebol entrou no campo dos debates novamente, com diversos artigos sendo publicados.

Sem dúvida, o artigo exposto no Correio do Povo que melhor sintetiza as discussões em torno da validade do futebol enquanto esporte adequado para os modernos tempos foi o de Amadeu Amaral, intitulado “Está na Berlinda o Futebol”, em julho de 1925, momento em que o selecionado gaúcho se preparava para participar do Campeonato Brasileiro daquele ano. Assim, defendia que o futebol poderia ser instrumento de concerto social, elemento de aperfeiçoamento da raça, do corpo e da mente e que em momento algum afastaria a juventude dos estudos, como acusavam os inimigos do futebol. Esses opositores eram “mansuetos e delicados” demais para o jogo do futebol, que até mesmo em sua rudeza serviria para preparar o brasileiro para as difíceis situações da vida. Inclusive a violência nos gramados e arquibancadas eram aceitas pelo poeta à medida que canalizavam as emoções no futebol. Assim, não levariam esses hábitos violentos para a rua, para o lar ou para o trabalho.

Sobre o tema da violência afirma:

O futebol é com efeito um jogo arriscado. Mas não estará nisso precisamente uma das suas maiores vantagens?

Há de quando em quando uma perna esfolada, um braço partido, um nariz em pandarecos. É pena, mas dão-se coisas piores nesta vida. Parece preferível que tais acidentes aconteçam nos campos de futebol, entre a alegria tonificante e o juvenil entusiasmo de luta, a que se produzam na rua, no escritório, na escola

---

<sup>5</sup> No dia 20 de agosto foi publicado, à pedido da Federação Acadêmica de Porto Alegre, um artigo de página inteira intitulado “Separatismo” criticando ferozmente um jornal lançado em Santa Maria com o fim de propagar o ideal separatista pelo estado. Pois “não venha o separatismo desunir um povo que conseguiu, na forja dos séculos, a solidez de uma perfeita unidade moral.” “Separatismo”.(CORREIO DO POVO, 20-08-1922:3)

ou no lar, com a estupidez das fatalidades inúteis, sem causa decente e sem consequências compensadoras.(CORREIO DO POVO, 07-07-1925:10)

Além de fazer referência à violência cotidiana nos diversos âmbitos da sociedade, aponta o futebol como disciplinador e formador da moral, justamente pelo enfrentamento da dureza do jogo. “No jogo, o risco decorre da natureza do exercício como a flor coroa a planta. Aquilo machuca mesmo. É forçoso contar com isso. E o que vale esta certeza, tranquilamente aceita como disciplina e estímulo de energia moral.” Se não houvesse essa dor, não haveria os ganhos físicos e morais do jogo.

Além da elevação física, haveria uma elevação da moral da sociedade.

Ninguém pode calcular os salutaríssimos efeitos que produz, como elemento de ordem e paz no seio da sociedade, uma boa porção de energias físicas e morais distribuídas entre as massas e representando uma permanente possibilidade de socos e de pauladas correctivas. Esses efeitos não impressionam; passam pela maior parte despercebidos, por que nem sempre tem o recorte preciso dos ‘factos diversos’. Entretanto são inumeráveis, constantes e certíssimos. .(CORREIO DO POVO, 07-07-1925:10)

Nesse ponto, o argumento apresentado pelo poeta caminha na mesma esteira de raciocínio apresentada por Norbert Elias, quando afirma que os esportes modernos, entre eles o futebol, são espaços não só de manifestação livre de violência do homem, mas também da correção desta e devida destinação das tensões que a sociedade moderna impõe. Logo, o futebol disciplina, civiliza o homem. (ELIAS. In: ELIAS, e DUNNING, 1992)

A acusação que pairava no futebol de afastar a mocidade da intelectualidade, também é refutada por Amaral. “Não há de ser o tal abaixamento de nível (*educacional*) uma das causas que levam a mocidade a fugir dos livros para a bola de couro?”, questiona o poeta afirmando que se não fosse ao campo de futebol, o caminho da intelectualidade não era um trajeto natural. Em suas palavras,

Os adversários do futebol, ante a enorme popularidade desse esporte, parecem pensar que, se não fora ele, todo o povo que vai aos campos e que paira na

cidade a respeito de jogos tocava direitinho para os domínios da intelectualidade, a frequentar os templos do saber, as bibliotecas, as salas de conferências. (CORREIO DO POVO, 07-07-1925:10)

Como destino preferível, na ausência do futebol, Amaral aponta outras paragens, pois “é infinitamente mais provável que a maior parte preferisse tocar mas era para as tavernas, para as estúdiás, para as cervejadas, para a orelha da sota, para as periengas, batebocas e reinações de quem precisa a todo custo matar o seu tempo.” Assim o futebol, pode exercer o ofício de uma “policia preventiva”, desempenhando uma “grande acção moralizadora”(CORREIO DO POVO, 07-07-1925. p. 10).

Nesse tema, é fundamental a aferição feita por Elias de que

as características das classes baixas difundem-se por todas as outras (...) o que costuma ser peculiar às classes superiores também se difunde pela sociedade como um todo. A conversão de restrições sociais impostas “de fora” em auto-restrições, numa auto-regulação individual que se torna um hábito ou um automatismo no tocante às paixões e sentimentos. (ELIAS, 1993:211)

Desse modo, haveria um duplo sentido de influências, uma vindo de baixo, das classes mais pobres, e outra saindo das classes abastadas e não uma via única de influência, somadas às possíveis ressignificações dos códigos pretendidos.

Logo, o futebol virou notícia de capa, ocupou o espaço antes dedicado habitualmente aos assuntos políticos e econômicos do estado e do mundo. De fato, o próprio crescimento do futebol na sociedade porto-alegrense demandou por mais espaço, não somente no Correio do Povo, mas notamos isso também pelo registro do crescimento do número de publicações dedicadas exclusivamente aos esportes.

Outrossim, o comportamento violento era costumeiro em meio aos jogos e tema constante das avaliações do jornal Correio do Povo. Entre o crescimento da importância do futebol e sua maior popularização, a tentativa do controle por parte das elites que ali pretendiam determinados valores fez do esporte palco de manifestações dissonantes desses

princípios. Seja nas torcidas ou dentro das quatro linhas, a violência apresenta-se como elementos constitutivo do esporte, como microcosmo da sociedade brasileira e do processo civilizador apresentado pela modernidade.

## Fontes primárias

- Jornal *Correio do Povo*, entre os anos de 1922 a 1925, ANOS XXVIII ao XXXII, localizados no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa na cidade de Porto Alegre.

## Referências

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo. Companhia das Letras, 2007.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Formação do estado e civilização**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador: Uma história dos costumes**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro. 1990

ELLIAS, Norbert e DUNNING, Eric. **Deporte y ócio em El proceso de La civilizacion**. Fondo de Cultura Económica. México. 1992.

FRANCO JR, Hilário. **A dança dos deuses: Futebol, sociedade e cultura**. São Paulo, Cia das Letras. 2007

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo, editora UNESP. 1991.

GALVANI, Walter. **Um século de Poder. Os bastidores da Caldas** Junior. Mercado Aberto, 1994.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. **A bola na rede e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP (Tese de doutorado - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana),. 2001

JESUS, Gilmar Mascaranhas de. *A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul*. In <http://www.efdeportes.com> · Año 5 · Nº 26, acessado em 10/04/2011.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *O futebol da canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre*. **Anos 90**. Porto Alegre: UFRGS, n°11, julho de 1999.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre: **Modernidade e Urbanização. A Construção social do Espaço Urbano**. Porto Alegre, EDIPUCRS. 1995

RUDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Síntese Rio-grandense. Editora da UFRGS, 1993

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo. Cia das letras. 2008.

**Da fábrica à várzea:  
Clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937)**

*Miguel Enrique Almeida Stédile*<sup>1</sup>

Os clubes de futebol operários em Porto Alegre, entre os anos 1931 e 1937, são o objeto deste trabalho. Procura-se aqui identificar relações de dominação e resistência manifestas, por meio de uma forma específica de organização e de um espaço determinado de sociabilidade, durante o tempo livre destes trabalhadores.

Futebol e operários são produtos e símbolos da modernidade, das sociedades urbanas e industriais, cujas trajetórias se entrelaçam e confundem. A prática do esporte, inicialmente restrita aos colégios e associações de elite inglesa, populariza-se na mesma velocidade com que crescem bairros e cidades industriais. Assim, na década de 1880, como atestou Hobsbawm (2000:268), o futebol na Inglaterra já era um “esporte proletário de massa – quase uma religião leiga”, incorporando-se como parte de uma cultura proletária, confundindo-se com a identidade local, ocupando o tempo livre do operariado, tanto nos campos, quanto nas discussões de mesa de bar. O operário se identificava com o seu time contra o resto do mundo, traçando um mapa de *nação proletária*, em que o mapa da Federação de Futebol era praticamente idêntico ao mapa da Inglaterra industrial (Hobsbawm, 2000:291).<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup>Doutorando e Mestre em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- UFRGS. - miguel.stedile@gmail.com

<sup>2</sup> Entre os clubes operários surgidos neste período na Inglaterra estão o Arsenal Football Club, o Coventry, o West Ham, Milwall e o Manchester United.

Esta apropriação pelos operários se verifica também na América do Sul. Acompanhando a expansão do capital inglês, no final do século XIX e início do XX, o futebol aportou neste continente em torno dos portos, ferrovias e fábricas instaladas pelos britânicos. Inicialmente restrito aos colégios da comunidade britânica – de ex-alunos oriundos de instituições europeias, ou ainda de associações de elites específicas – é apropriado por outros setores mais populares. Neste processo, novamente, identifica-se o papel dos operários na difusão e organização do futebol.<sup>3</sup>

Paradoxalmente, o futebol reproduzia uma nova organização social do trabalho, por meio da disciplina (fixação das regras, controle do tempo, hierarquia), da especialização das funções e do trabalho coletivo – em contraposição à forma artesanal do trabalho – bem como pela quantificação dos resultados e pela competitividade. Mas, se seria mais factível que os trabalhadores não procurassem, naturalmente, em seu tempo livre, uma reprodução tão próxima da vida na fábrica, como compreender esta imensa adesão?

Na sociedade capitalista, o tempo de não-trabalho tem por função restaurar a força de trabalho daquele que a vende para garantir a sua sobrevivência. Para Adorno (2002:103-107), se, por um lado, este momento deve ser dedicado a não lembrar o trabalho, por outro, são introduzidas formas de comportamento próprias do trabalho – de maneira que o tempo livre seja uma prolongação da não-liberdade, da vida social organizada segundo a lógica capitalista, um apêndice do trabalho ao qual estaria acorrentado.

De forma mais enfática, Vinnai (1978:22) também não encontra perspectivas à emancipação humana por meio do tempo livre dentro da sociedade capitalista. Para o autor, o futebol é mecanicamente a reprodução do mundo laboral; logo, simples reflexo da *infraestrutura* na

---

<sup>3</sup> Na Argentina, ferroviários fundaram o Rosário Central e o Atlético Talleres Central Córdoba. O Argentino Juniors fora fundado em 1904 como Mártires de Chicago, em homenagem ao primeiro de maio, dia do trabalhador, mesma data escolhida para a fundação do Chacarita Juniors, em 1906, na sede de uma biblioteca socialista. No Uruguai, o exemplo mais significativo é o Peñarol, além do primeiro River Plate Football Club (1914-1925) fundado por trabalhadores do porto e o Club Atlético Progreso, fundado por mineiros, com cores vermelhas por influência anarquista.

*superestrutura*. Consiste, desta forma, em outro aparato ideológico, que serve “para ejercitar y cimentar el principio imperante de realidad, y que de esa manera mantiene unidas a las víctimas del aparato industrial alienado”. A liberdade do tempo livre só é possível no futuro.

Nesta interpretação da prática deste esporte como disciplinador do corpo e do sujeito, os clubes de futebol operários seriam compreendidos como ferramentas para a reprodução, fora das fábricas, dos mecanismos de dominação que se manifestam no interior destas. Isso significa aceitar a dimensão da **dominação** sobre o não-trabalho (e de certa forma, sobre todas as dimensões da vida) e não questionar ou considerar a possibilidade de margens de **resistência** neste espaço de tempo cotidiano (e, novamente, sobre as outras dimensões humanas).

Entretanto, o historiador E.P. Thompson já demonstrara que a ação dos sujeitos não pode ser simplesmente determinada pelas relações de produção vivenciadas. Nem ao contrário, sua consciência não pode ser simplesmente definida pelo local que ocupa na esfera produtiva. É a *experiência* vivida nas relações de produção, expressa em termos culturais e encarnada em tradições, valores, ideias – sua *consciência de classe* – que pode resultar em uma ação “relativamente autônoma”. Assim, não é equivocado supor que esta consciência possa manifestar-se também na esfera do não-trabalho e do lazer. Este último, inclusive, compreendido como espaço de práticas culturais.

O próprio Thompson já demonstrara situações de resistência à imposição moral e disciplinadora do lazer dos trabalhadores na formação da classe operária britânica entre os últimos anos do século XVIII e os primeiros anos do século XIX. A implantação de uma rígida disciplina necessária para o sistema fabril foi acompanhada por uma série de normas sociais e medidas de controle moral, em que costumes, esportes e feriados populares eram frequentemente atacados para impor o “uso econômico do tempo” na Inglaterra.

Thompson (1987, v.1:61-62) sugere que o historiador olhe para estas classes populares com *valores brechtinianos*: o fatalismo, a ironia em face

das homilias do *Establishment*, a tenacidade da autopreservação. É por meio da materialização destas práticas, como nas canções de baladas e feiras, que os “sem linguagem articulada” conservavam certos valores que alcançaram o século XIX – espontaneidade, capacidade para a diversão e lealdade mútua – apesar das pressões de magistrados, usineiros e metodistas. Assim, para Thompson (1987, v.2:295-297), seria ilusório supor que a Revolução Industrial submergiu um “mundo rural” para substituí-lo, naturalmente e sem conflitos, por um novo mundo urbano. Ao contrário, esportes brutais, brigas de animais, representações teatrais, jogos e trapaças, entre outras diversões permaneceram vivas e concentradas nas feiras, assim como tradições, superstições e celebrações próprias das classes populares.

Considerando então a possibilidade de autonomia relativa do sujeito diante das condições que determinam sua existência, e o espaço de não-trabalho como campo também de resistência, como pensar o papel dos clubes operários neste contexto?

Segundo Damo (2005:71-72), os clubes de futebol são, ao mesmo tempo, entidades político administrativas e portadores de uma dimensão simbólica. O clube é um mediador entre dada equipe de 11 atletas e um torcedor, um mediador entre um significante (time, camiseta, bandeiras, cores etc) e um significado (amor/ódio, fidelidade, pertencimento etc). Ainda, segundo Damo (2005:90), o pertencimento clubístico implica na identificação de um indivíduo a dada coletividade. E, para Giulianotti (2002:55), classe, nação e localidade são as três formas fundamentais de relação de identidade entre torcedor e clube. Ou seja, em torno delas e dos valores que delas emanam, constituem-se as relações identitárias entre o torcedor e o clube. Ora, se essa coletividade for uma classe subalterna e o clube atuar como mediador entre equipe e classe, é possível, então, pensá-los também como espaços de **experiência** – recuperando novamente este conceito em Thompson. Por fim, se estes clubes se autodefiniam como “times operários”, reafirmavam uma identidade. E esta só pode ser atribuída em antagonismo à outra. Assim, seria possível indagar esses

clubes também como espaços onde eram compartilhados os valores culturais da classe operária. Interessa, ainda, compreender se, num dado momento de maior controle estatal sobre os sindicatos e de repressão às manifestações políticas, se estas demandas reprimidas poderiam ser canalizadas para estes clubes, como forma alternativa de organização.

## **O Paradigma Bangu**

Apesar da participação operária na própria difusão e consolidação do futebol, pouco ainda tem se produzido sobre esse tema. Em parte também porque os clubes de menor duração deixaram poucos vestígios para a memória oficial do esporte. Além disso, a trajetória do mais conhecido desses clubes de origem operária, o The Bangu Athletic Club, no Rio de Janeiro, tornou-se uma chave explicativa “clássica” na interpretação destes clubes. Em parte, coube ao jornalista Mário Filho (2003) a construção deste paradigma de interpretação em sua obra *O negro no futebol brasileiro*.

O time teria sido precursor da democratização do acesso ao futebol. Fundado em 1904 por funcionários da Companhia Progresso Industrial do Brasil no subúrbio carioca homônimo, ao contrário de outras equipes, o time seria, desde sua origem, aberto à participação de outros trabalhadores em virtude do isolamento geográfico do restante da comunidade britânica no Rio. Teria sido também o primeiro time operário. Em sua primeira partida já contaria com a presença de dois brasileiros, um tecelão da fábrica e um empregado do comércio local recrutado para completar a equipe. Para Mário Filho, o Bangu seria democrático não apenas dentro de campo, mas também fora dele, na medida em que abria as portas do seu estádio para todos (2003:42-43).

Os jogadores-operários passariam a constituir uma elite dentro da fábrica, em comparação com seus pares. Além de sair uma hora antes dos demais empregados para treinar no campo ao lado da fábrica, estes operários recebiam outros privilégios, como a alocação na “sala do pano” com trabalhos mais leves.

Logo, a empresa perceberia, nesta relação, um instrumento para ganhar a lealdade de seus trabalhadores, e que era expressa de forma paternalista, como no abono das faltas dos operários no dia seguinte à conquista do título carioca de 1933. Por isso, também, o interesse da empresa em subsidiar equipamentos e doar o campo para o time.

Estudando as atas do Bangu, Pereira (2000) pode comprovar que a influência da fábrica sobre o clube era ainda mais intensa, desde o empréstimo da sede ao fornecimento dos uniformes, contando, ainda, com a nomeação do diretor da fábrica como presidente honorário do clube. A Companhia Progresso Industrial tratava o time como um departamento da própria fábrica. Mais do que o isolamento geográfico tratava-se, portanto, de uma estratégia da empresa, que funcionaria como modelo para outras indústrias.

Uma análise mais aprofundada dos clubes operários foi produzida por Fátima Antunes (1992), em um trabalho sobre essas associações esportivas em São Paulo – que possui um mérito inicial de localizar clubes anteriores ao Bangu, por exemplo, como o Votorantim Athletic Club ou Rigoli e Cia. Ltda.<sup>4</sup> Uma segunda contribuição importante trata de pesquisar o comportamento de militantes e entidades anarquistas e comunistas em relação aos clubes operários. Inicialmente tratado como esporte burguês e “poderoso ópio”, estes militantes tentaram frustradamente deslocar o interesse dos trabalhadores pelo futebol. Num segundo momento, no final da década de 20 e início dos anos 30, os comunistas estimulam a criação de clubes operários que não estivessem sob controle ou influência da fábrica. Almejavam, inclusive, a criação de uma federação e campeonatos próprios, por meio da “proletarização do esporte”.

Em relação às indústrias, a autora também demonstra que a omissão da empresa em subsidiar ou apoiar de forma mais intensa os clubes de seus empregados pode inclusive inviabilizá-los. Nos casos em que este

---

<sup>4</sup> Com a compra da Rigoli pelos tecidos Crespi, o clube alteraria o nome para Crespi F.C. e, mais tarde, em C.A. Juventus, tradicional clube bairro paulistano da Mooca, ainda em atividade.

apoio existiu, como nos times das Indústrias Reunidas Matarazzo, eles se inserem numa estratégia de atenuar conflitos internos e também de propagandear a boa imagem das fábricas. Quando estes investimentos de empresas ocorrem, logo exigem um retorno sobre os recursos, como relatórios de atividades ou o desempenho nos campeonatos. Isto exige dos clubes a constituição de uma forma de organização mais complexa, com diretores – alguns recrutados na direção da empresa ou em cargos de chefia – conselhos fiscais e deliberativos. Estes, por sua vez, vão estabelecer normas e estatutos, que manifestam interesses da fábrica na conduta moral e disciplinar de seus funcionários.

Portanto, o trabalho de Antunes confirma a reprodução de características semelhantes ao Bangu, em especial no peso que a fábrica exerce sobre o clube. Mas também demonstra que existem possibilidades de resistência a esta dominação pelos próprios operários, como na oposição dos trabalhadores da Light & Power em unificarem seus grêmios em uma única entidade conforme estímulo da empresa; ou na rejeição dos operários da Votorantim aos operários-jogadores profissionais e, ainda, na reação dos empregados da Matarazzo em relação aos regulamentos e ao time dos funcionários de escritórios, mais próximos à diretoria, com constantes e violentos atritos com os times dos grêmios laborais. Este caso demonstra as margens de resistência e protagonismo, e ação dos trabalhadores em relação ao desejo de controle total almejado pelas fábricas.

## O futebol operário em Porto Alegre

A base esportiva de origem germânica já instalada desde o final do século XIX<sup>5</sup> e a influência platina, por meio da região sudoeste, na fronteira com os países do Rio Prata, permitiu que o Rio Grande do Sul fosse um

---

<sup>5</sup> Em 1867 é criada a primeira sociedade de ginástica no Rio Grande do Sul, a *Deutscher Turnverein*. Além da ginástica, plenamente difundida no início do século seguinte, o remo e o ciclismo também possuem sociedades próprias e a prática difundida em Porto Alegre. Esta base é fundamental para a fundação dos futuros clubes de futebol, como o Fuss Ball, de 1903, criado por um grupo de ciclistas da *Rodforvier Verein Blitz*.

dos primeiros estados a adotar e organizar a prática do futebol. A Taça Prefeitura de Porto Alegre, em 1909, pode ser considerada um embrião do atual campeonato gaúcho, organizado dez anos depois e também pioneiro neste tipo de competição (Mascarenhas, 2002).

Nas primeiras décadas do século XX, a capital Porto Alegre vive um salto industrial vigoroso, alcançando o terceiro posto entre as cidades industriais do país, e crescendo em ritmo semelhante ao de São Paulo. Assim, de forma simultânea à adoção do esporte pela burguesia local, movida pela aspiração à modernidade que o esporte representava, também multiplicaram-se os campos improvisados em torno das fábricas, em especial nos bairros industriais de São João e Navegantes, o chamado Quarto Distrito (Mascarenhas, 2002:226).

Prova desta expansão está no número de clubes fundados no período. Eram apenas treze na primeira década do século passado e, duas décadas depois, totalizavam 97 agremiações. Só na década de 1930, são criados pelo menos 70 desses clubes. Até o momento, nossa pesquisa tem indicado que apenas os clubes que pertenceram às ligas e federações mais organizadas e elitistas deixaram registros acessíveis ao pesquisador. Tendo conhecimento que as ligas estabeleciam critérios rigorosos, inclusive como forma de segregação social, esta característica exclui clubes efêmeros, de piores condições financeiras ou menos profissionalizados, não apenas no sentido de remuneração dos jogadores. No caso específico dos clubes operários, aqueles que disputaram as primeiras divisões dos campeonatos municipal ou estadual no período encontram-se, digamos, na superfície, enquanto a memória de tantos outros clubes provavelmente jamais possam emergir.

Com esta ressalva, foi possível identificar a existência dez clubes de origem e vinculação operária atuando no período: Grêmio Esportivo Força e Luz; Grêmio Esportivo Gerdau; Grêmio Esportivo Renner; Grêmio Esportivo Fiateci (Fábrica de Fiação de Tecidos); Grêmio Esportivo Estivadores; Grêmio Esportivo Zivi, Müller, Hercules; Nacional Atlético Clube, ligado ao Departamento Desportivo da Viação Férrea, Grêmio

Esportivo Circulista (vinculado aos Círculos Operários), Garratt Futebol Clube, Metalúrgica Scavone e Steigleder F.C.<sup>6</sup>. Com exceção dos dois primeiros, todos os demais fundados entre 1931 e 1937.

Destes clubes, apenas Força e Luz, Renner e Nacional disputaram os campeonatos organizados pela Federação Riograndense de Desportos, responsável pelo campeonato estadual, e pela Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético (AMGEA). Não se trata de nenhuma surpresa. Em todo país, as primeiras ligas de futebol caracterizam-se por seu caráter elitista e excludente, estabelecendo regras que impediam o acesso de clubes mais populares e o avanço do profissionalismo. Tanto que, no caso de Porto Alegre, apesar de um universo de centenas clubes, apenas sete disputavam o campeonato cidadão da AMGEA.

Esta segregação obrigava a formação de outras ligas e associações para os clubes operários e varzeanos, especialmente por áreas de moradia. Desta forma, o Gerdau pertencia à Coligação de foot-ball dos Navegantes e o Zivi, Müller, Hercules da Coligação de foot-ball do bairro Floresta. Outra alternativa eram os torneios por ramo industrial e categorial profissional, como o campeonato fabril e o torneio dos estivadores; os torneios varzeanos em geral e as disputas entre seções de uma mesma empresa.

A disputa entre amadorismo e profissionalização também perpassa pelos clubes operários do período. Em 1937, a AMGEA cinde-se em duas associações distintas: a “especializada”, defensora do futebol profissional, e a “cebedense”, vinculada à Confederação Brasileira de Desportos (CBD), defensora do amadorismo. Enquanto o Força e Luz acompanha Grêmio e Internacional na primeira, o Renner permanece na segunda, adotando a profissionalização apenas em 1945. Os demais clubes identificados mantiveram seu caráter amador.

---

<sup>6</sup> A pesquisa que resultou na dissertação de mestrado defendida em 2011 identificou apenas 8 clubes. Em 2020, durante as pesquisas de organização do projeto de Extensão “Caminhos Operários”, o historiador Frederico Bartz identificou as atividades dos times da Metalúrgica Scavone e o Steigleder F.C., além diversos torneios por categorias. Sobre o projeto ver Bartz (2019).

Por suas denominações – Grêmio Esportivo e Atlético Clube – é possível supor que estes clubes, com exceção do Garrat, dedicavam-se a outras modalidades esportivas. De fato, o Zivi, Muller, Hércules oferecia ainda a prática de ping pong, atletismo e pugilismo; o Gerdau também possuía um departamento de atletismo; o voleibol era praticado no Fiategi e o Renner oferecia ainda ping pong, bolão e bocha, além do vôlei. Esta variedade de práticas esportivas certamente recebia estímulos de suas empresas, como parte da estratégia de desenvolvimento “físico e moral” de seus operários, apoiada nas teses higienistas próprias da modernidade.

A presença da fábrica neste espaço de tempo livre pode ser aferida também pelos nomes dos clubes – quase todos referenciando os empregadores – e no fornecimento de equipamentos ou na cedência de sedes e campos para os times de futebol. No caso do Força e Luz, Renner e Nacional que construíram ou adquiriram estádios próprios e disputavam a restrita liga municipal, este patrimônio pode ser indicativo de que não eram poucos os volumes investidos por suas respectivas companhias.

Os patrões poderiam ocupar ainda cargos honorários, que também eram utilizados para prestigiar autoridades. Por exemplo, o presidente honorário do Fiategi era Aníbal Di Primo Beck, secretário estadual da Agricultura, Indústria e Comércio. Em 1934, o campo do Força e Luz reuniu oito clubes, entre eles o Renner e um time da metalúrgica Wallig, para disputar a Taça General Flores da Cunha, interventor do estado. O general que também doara a taça propriamente dita, além de batizá-la, era homenageado também com “vivas e urras” a cada saída de bola.<sup>7</sup>

Porém, o futebol operário era espaço de disputa também para anarquistas e comunistas. Os anarquistas condenavam a prática de jogos e de bailes, além do consumo alcoólico, pregando o uso do tempo livre para o estudo e para atividades ao ar livre, como piqueniques. Em 1911, entre estas atividades ao ar livre, estava um time de futebol organizado pela

---

<sup>7</sup> Fundo Documentação dos Governantes, Série Documentos dos Governantes, Sub-Série Correspondência Recebida, Interventor Federal, 1934, Maço 72, Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul.

Federação Operária do Rio Grande do Sul, hegemônica pelos anarquistas naquele momento (Aravanis, 2005:181).

Por sua vez, a possibilidade de utilizar o futebol como angariador de militantes pelos comunistas é ilustrada no seguinte depoimento: “Eu era mais de futebol, reunião de futebol (...) Mas tinha um cara que era meio pirado, ele se chamava Agenor, (...) [ele] tinha o dom de convencer a gente [a entrar no sindicato]” (Entrevista de Armando Pinheiro in: FORTES:71) e ainda “[O Jacob Koutzii era da] Organização Camponesa Operária e ele estava muito ligado (...) ao setor de futebol. Havia um grande movimento de futebol de empresa e ele atuava quase todo sábado e domingo” (Entrevista de Eloy Martins in: FORTES:71). Os clubes forneceriam, mais tarde, quadros também para o trabalhismo, como Antonio Achutti, presidente do Zivi, Muller, Hércules e fundador do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) em Porto Alegre.

Entre todos estes clubes de Porto Alegre, foi o Renner, porém, que se tornou símbolo do futebol operário. Certamente em virtude da conquista invicta do campeonato gaúcho em 1954, único clube operário a alcançar tal façanha. Contribuiu também para esta simbologia sua vinculação com uma das maiores indústrias da capital gaúcha no período. Na década de 50, por exemplo, a Renner empregava em torno de 2.500 operários. Além de sua estreita vinculação com o Quarto Distrito, onde se localizavam tanto a empresa quanto a maior parte de seus empregados.

A fábrica de tecidos Renner tornou-se pioneira na implementação de um modelo *taylorista* de produção, acompanhado do desenvolvimento de um sistema que oferecia redução de jornada, creche para os funcionários, entre outras políticas assistenciais, que Fortes (2001) definiu como *paternalistas*.<sup>8</sup> O subsídio ao time de futebol formado pelos operários da fábrica é parte deste sistema, que inclui o fornecimento de equipamentos e a cessão do campo.

---

<sup>8</sup> O *Paternalismo* é utilizado por Fortes (2001) no sentido de que para além do atendimento a necessidades materiais e simbólicas dos trabalhadores, essas políticas alimentavam a imagem do *capitão de indústria* como pai da *família* que pretendia constituir no âmbito da empresa.

A adoção destas medidas paternalistas como forma de controle, disciplinarização e lealdade parecem ter surtido efeito. Na greve de têxteis e metalúrgicos em janeiro de 1935, os trabalhadores da Renner não apenas não aderiram à paralisação, como propuseram a criação de uma nova entidade sindical em oposição à Federação Operária do Rio Grande do Sul, dirigente da mobilização e hegemonicamente comunista.

Criado em 27 de julho de 1931 por um grupo de funcionários, o Grêmio Esportivo Renner, porém só recebeu atenção da empresa quatro anos depois. Até então, o time recém-formado alugou um gramado em uma chácara na futura avenida Frederico Mentz e as reuniões ocorriam na casa do primeiro diretor, Apolinário Correa, e mais tarde em uma sala em um edifício na Rua Margarida. Em novembro de 1935, a fábrica finalmente aportou um subsídio volumoso ao clube, adquirindo o terreno onde se ergueria o futuro estádio na rua Sertório.

Por outro lado, a torcida do G.E. Renner parecia construir simbologias de identidade muito maiores com seus pares de classe e com o bairro navegantes do que com a empresa. Os torcedores identificavam o clube como “Grêmio Esportivo Renner, o time dos trabalhadores” (Horn e Mazo, 2009) e era tratado pela imprensa como “o time dos industriários”. Na década de 40, o Renner já congregava a terceira maior torcida da capital e alcançava mais de 1.000 associados, ainda que este fosse um número “relativamente pequeno em relação ao número de colaboradores das indústrias Renner” (Boletim Renner, 1946:30).

Para a fábrica, que via no clube um veículo de propaganda, a torcida também era alvo das pretensões de controle da fábrica. Em 1946, o clube criou o Departamento de Torcida, para que associados ou não comparecessem “a todos os jogos em que tomarem parte as nossas equipes de futebol, incentivando, com uma torcida organizada e disciplinada, os nossos esportistas à vitória” (Boletim Renner, 1946:14).

Ainda que houvesse conquistado os campeonatos estadual e municipal invictos em 1954, a dependência do clube à fábrica levou ao seu próprio fechamento. Criado por iniciativa dos operários tornou-se cada

vez mais vinculado à empresa que, economicamente, não recebia tanto retorno do investimento, decidindo encerrar as atividades do clube em 1958.

## Conclusão

Os clubes de futebol operário têm sido interpretados como espaço de reprodução fabril e de disciplinarização no *tempo livre*. Entretanto, a partir do referencial teórico de E.P. Thompson e de pesquisas como de Antunes (1992), é possível repensar estes clubes como espaço de manifestação de resistência ao controle fabril. Como então aferir se os clubes de futebol operário constituem-se em ferramentas de dominação, resistência ou campo de disputa entre ambos?

A hipótese que mobilizou esta pesquisa pressupunha que quanto maior, ainda que sutil, seja presença da fábrica no tempo livre, maior seja sua característica de subordinação dos operários. E, inversamente, quanto menor sua presença, maior o espaço de autonomia. Para isso, propõe-se adotar alguns parâmetros para apuração: o nome do clube, a forma de aquisição dos equipamentos e do local das partidas, a participação efetiva dos sócios, a presença de diretores da empresa em funções diretivas do clube, os tipos de campeonatos disputados e as ligas a que pertenciam, os motivos que levaram à extinção e a participação dos operários (jogadores) nas greves e mobilizações da categoria no período.

Entre os clubes identificados em Porto Alegre, destaca-se o Grêmio Esportivo Renner, cujo caráter “industrial” amplia sua torcida para além da fábrica de origem, atraindo outros operários, ao mesmo tempo em que sua existência é parte de uma estratégia de controle e subordinação pelos empregadores.

A partir deste exemplo, procura-se ilustrar que este trabalho não compreende o *tempo livre* como espaço determinado pela dominação ou resistência. Pelo contrário, supõe que justamente este momento do não-trabalho é marcado pela tensão, disputa ou ainda pela existência conjunta

de ambos os pólos. E os clubes de futebol operários como espaços organizativos, sem natureza econômica ou reivindicatória – mas, ainda assim uma forma organizativa – e comportam-se dentro da disputa pelo *tempo livre*. Como espaço de reprodução da fábrica ou de emancipação dela.

## Referências

ADORNO, Theodor W. *Tempo Livre*. In: **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

ANTUNES, Fátima. **Futebol de fábrica em São Paulo**. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH-USP, 1992.

ARAVANIS, Evangelia. **O corpo em evidência nas lutas dos operários gaúchos (1890 a 1917)**. Tese de doutorado. Porto Alegre: IFCH-UFRGS, 2005.

BARTZ, Frederico Duarte. *História da Classe Trabalhadora, Memória e Patrimônio: algumas considerações sobre a situação de Porto Alegre*. In: MARCHI, Darlan De Mamann, KNACK, Eduardo Roberto Jordão e POLONI, Rita Juliana Soares. (Org.). **Memória e Patrimônio: tramas do contemporâneo**. Porto Alegre: Casalettras, 2019.

**BOLETIM RENNER**, ano 2, 1946.

DAMO, Arlei. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Tese de doutorado. Porto Alegre: IFCH-UFRGS, 2005.

FRANCO JUNIOR, Hilario. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FORTES, Alexandre. **Nós do Quarto Distrito. A Classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas**. Tese de doutorado. Campinas: IFCH-Unicamp, 2001.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

HOBSBAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HORN, Lucas Guimarães; MAZO, Janice. *Um estudo histórico sobre a torcida do 'Grêmio Esportivo Renner' de Porto Alegre/RS (1945-1959)*. In: **Pensar a Prática**, v. 12, n. 2, 2009.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar. Uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH-USP, 2002.

MAZO, Janice. **Inventário das associações esportivas de Porto Alegre (1863 a 1945)**. Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano/UFRGS, 2005.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania. Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O Negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987

VINNAI, Gerhard. **El fútbol como ideología**. Ciudad del México: Siglo Veintiuno, 1978.

**A crise das especializadas no Rio Grande do Sul através  
das páginas do Correio do Povo (1937-1938):  
O discurso sobre a profissionalização do futebol  
em princípios do Estado Novo**

*Rafael Belló Klein*<sup>1</sup>

Quando se aborda a história do futebol no Brasil, comumente se faz referência a uma periodização baseada na transição do amadorismo ao profissionalismo na prática futebolística. Diversos autores que se dedicaram ao tema se utilizaram deste critério para dividir em etapas e explicar as primeiras décadas do futebol brasileiro, como o fizeram Waldenyr Caldas (1990), Maurício Murad (1996) e Hilário Franco Júnior (2007). Em geral, esta periodização apresenta três fases: a época do amadorismo, que vai da introdução do futebol no país, geralmente convencionada no ano de 1895, até cerca de 1923; a época do semiprofissionalismo, de cerca de 1923 até 1933; e, de 1933 em diante, a plena vigência do futebol profissional.

O presente artigo representa a tentativa de sintetizar as principais ideias desenvolvidas em minha pesquisa de mestrado, que se debruçou justamente sobre o momento da transição do semiprofissionalismo para a prática do futebol abertamente profissional no Rio Grande do Sul. Esta se deu através do movimento conhecido como “Ligas Especializadas”, deflagrado no Rio de Janeiro em 1933, mas que chegou à capital gaúcha

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020). Contato: belloklein@gmail.com.

somente em 1937, instaurando uma crise no futebol local que somente seria resolvida em 1939.

Nominalmente, o futebol organizava-se, desde seus primórdios, de forma amadora em todo o país. Como signo da modernidade europeia, era o futebol era jogado pelos bons filhos das famílias de elite, como prática elegante e civilizada, pautada pelo ideal do *sportsmen* britânico, que previa partidas disputadas sob a égide do amadorismo e do *fair play*. Porém, sua crescente popularidade entre todas as camadas sociais estimulou os grandes clubes a almejavam cada vez mais vitórias e títulos, visando aumentar o número de seus torcedores e suas vendas de ingressos. Isto levou a uma progressiva “democratização” com a aceitação de jogadores talentosos de baixa condição social, além de negros e mulatos, e à inserção de práticas semiprofissionais de remuneração destes jogadores, desde pelo menos o início da década de 1920<sup>2</sup>. Entravam nessa categoria, por exemplo, o chamado “bicho”, recompensa financeira por bom desempenho nas partidas, e mesmo o pagamento de um salário regular de forma disfarçada, velada aos melhores jogadores. Este regime semiprofissional, no entanto, logo se revelaria inadequado e repleto de contradições. Muitos jogadores se mostravam insatisfeitos com essa remuneração clandestina e com o baixo apoio dos clubes em caso de lesões, por exemplo, e passaram a transferir-se para outros países onde o regime profissional já era aceito, como Argentina, Uruguai, Espanha e Itália. Paralelamente, também os clubes começaram a sentir os efeitos nocivos da evasão de seus melhores jogadores ao exterior.

O ano de 1933 representou, assim, a culminação destas contradições, com o surgimento no Rio de Janeiro do movimento das Ligas Especializadas – assim chamado por defender tanto o regime profissional, quanto a criação de entidades especializadas para a gestão de cada esporte.

---

<sup>2</sup> A equipe do Vasco da Gama, campeã carioca em 1923, é considerada um marco da democratização da prática do futebol no Brasil, ao incluir na sua equipe jogadores negros e mulatos, remunerados por meio de práticas semiprofissionais como o “bicho” (RODRIGUES FILHO, 2010:123), configurando a chamada “Revolução Vascaína” (MALAIA, 2010). Ainda assim, há registros de outros clubes, frequentemente esquecidos por uma historiografia mais centralista, que possuem pioneirismo neste sentido, como o G.S. Brasil de Pelotas, campeão pelotense em 1917, e gaúcho em 1919, com tal formação (MASCARENHAS, 2001:204-208).

Expandindo-se para São Paulo ainda no mesmo ano, os especializados buscaram ampliar seus adeptos por todo o país, pleiteando, ao mesmo tempo, o reconhecimento nacional por parte da Confederação Brasileira de Desportos (CBD), entidade máxima do esporte brasileiro. Tal reconhecimento, porém, não veio de imediato, gerando uma cisão em boa parte do cenário futebolístico nacional entre partidários do amadorismo e do profissionalismo, que só seria solucionada em 1937, considerado o “ano da pacificação do futebol brasileiro”.

No Rio Grande do Sul, contudo, o movimento especializado chegou tardiamente, como dissemos, apenas em 1937, através de um pacto de intercâmbio desportivo negociado conjuntamente por Grêmio e Internacional com os clubes especializados cariocas. A dupla conseguiu angariar o apoio de outros clubes de Porto Alegre, rompendo com a Associação Metropolitana Gaúcha de Esportes Atlético (AMGEA), a entidade organizadora do campeonato cidadão, para fundar uma liga concorrente profissional. Este dissídio, no entanto, se restringiu à capital gaúcha: os clubes do interior e a Federação Rio-Grandense de Desportos (FRGD) rejeitaram o profissionalismo e os especializados. Com a disputa de campeonatos paralelos em 1937 e 1938, o futebol porto-alegrense voltou a ser unificado em 1939, com a aceitação do regime profissional. Dessa forma, vemos que a periodização da história do futebol para o Rio Grande do Sul se mostra ligeiramente diferente da interpretação que se convencionou para o futebol brasileiro como um todo.

Tendo como tema este cenário da transição para o futebol profissional no Rio Grande do Sul, tomei como fonte de pesquisa as edições do jornal *Correio do Povo*, então o periódico de maior circulação em Porto Alegre, publicadas durante os dois anos em que houve efetivamente uma cisão no desporto gaúcho, 1937 e 1938, buscando compreender suas principais linhas discursivas a respeito do processo de profissionalização do futebol que se instaurava no estado. Dessa forma, neste artigo, sintetizando as principais conclusões da pesquisa conduzida durante o mestrado, iniciaremos nos reportando às fontes para exemplificar as duas

grandes linhas argumentativas a respeito da crise das Especializadas e da profissionalização do futebol que identificamos ao longo da pesquisa: a noção de que o profissionalismo esportivo era uma prática imoral e corruptora e a ideia de que a pacificação do desporto gaúcho era fundamental e imperativa. A seguir, buscaremos demonstrar como estas vertentes discursivas se alinhavam ao discurso estatal varguista sobre o esporte, tal qual ele se configurava em princípios do Estado Novo brasileiro.

### **1. O *Correio do Povo* e a crise das especializadas: a corrupção do esporte profissional e a necessidade de pacificação**

Como periódico afinado aos ideais de modernidade que vigoravam na sociedade brasileira das primeiras décadas do século XX, o *Correio do Povo* pretendia ser a vanguarda do jornalismo gaúcho – seja pelos moldes capitalistas de sua organização empresarial, seja pela adoção novo conceito jornalístico que se consolidava, segundo o qual os jornais deveriam ser “apenas veículos imparciais de informações responsáveis pelo registro nervoso dos dias em curso e pela divulgação profissional e verídica dos acontecimentos” (RÜDIGER, 2003:76). Nesta perspectiva, o periódico buscava se distanciar da lógica político-partidária que orientava a prática jornalística do século XIX, pautando-se por um princípio de uma suposta “neutralidade”.

Contudo, ao analisarmos a seção desportiva do *Correio do Povo*, no período compreendido entre 1937 e 1939, podemos perceber que o discurso ali presente, no que se refere ao conflito entre especializados e cebedenses, não é, de modo algum, “neutro” ou “isento”. Ao contrário, percebe-se um claro favorecimento e alinhamento às perspectivas da corrente cebedense. Este posicionamento pró-CBD e, por extensão, pró-amadorista se expressa de duas maneiras complementares.

Primeiramente, verifica-se uma constante exaltação da CBD enquanto entidade e dos seus feitos em prol do engrandecimento do

desporto brasileiro. De fato, o periódico publicou, ao longo de todo ano de 1937, diversas moções de apoio, votos de congratulações e agradecimentos dirigidos à CBD. Como exemplo, podemos citar a reprodução, nas páginas do jornal, de um ofício enviado à CBD, por parte da Liga Baiana de Desportos Terrestres, enaltecendo o seu papel na participação do Campeonato Sul-Americano de Futebol daquele ano e a sua postura amadorista:

Os representantes dos clubs filiados à Liga Bahiana de Desportos Terrestres, infra firmados, aproveitando a oportunidade desta sessão de assembléa geral, formulam nesta moção, os seus votos de congratulações e francos applausos á Confederação Brasileira de Desportos, não só pelo brilhante êxito da equipe que representou a Patria Brasileira no Campeonato Sul-Americano de Foot-Ball (...), como tambem pela acertada orientação que vem mantendo como dirigente maxima dos sports no Brasil, elevando, assim, de cada vez, o renome da nossa terra nos circulos sportivos estrangeiros e nacionaes, mercê do patriotico devotamento com que se ha de desempenhado da sua alta e difficil missão [sic] (*Correio do Povo*, 08/04/1937:13).

Na ocasião do aniversário de fundação da CBD, é publicada uma extensa coluna onde são explicitamente exaltadas as diversas virtudes da instituição na condução dos assuntos desportivos brasileiros:

A data de hontem foi festiva para o desporto nacional porque assignala a passagem de mais um anniversario de fundação da sua grande benemerita, a Confederação Brasileira de Desportos.

Não se torna necessario encarecer destas columnas a enorme somma de beneficios que a C.B.D. tem prestado aos desportos patricios; tudo resalta desse verdadeiro monumento de organização desportiva, sem par no mundo inteiro e justo título de orgulho de qualquer nação culta do Universo.

O desporto nacional tem tido na Confederação Brasileira de Desporto o seu mais denodado paladino, e o que ella tem feito pelo desporto no Brasil é do conhecimento de todos, mesmo dos seus inimigos que são forçados a confessar essa immensa somma de serviços.

(...) Aos mais “sportmen” que lançaram a scisão no paiz e tiveram a vealidade de suppor e afirmar publicamente que, sem elles, ella não teria 3 mezes de vida, a C.B.D., com Luiz Aranha á frente, responde victoriosamente, ha 4

annos, com uma actividade desportiva que constitue justo padrão de gloria para os desportos do Brasil. Não são os programmas escriptos apenas no papel para embasbacar os tolos ou os ignorantes em materia desportiva; não são installações adredes preparadas para impressionar os que desconhecem os verdadeiros problemas do desporto brasileiro; não são palavras bonitas artificiaes e capciosamente impingidas á guisa de informações e discursos para deslumbrar os ingenuos. Nada disto. Nada de “pharol” com a C.B.D.; tudo foi no terreno das realizações praticas, com as mais fulgurantes paginas do desporto pátrio [sic] (*Correio do Povo*, 09/06/1937:13.).

Na citação acima, podemos observar, também, o segundo modo com que a linha editorial do *Correio do Povo* deixava claro seu posicionamento pró-cebedense: a constante e frequente crítica, desvalorização e depreciação da corrente especializada. Para darmos outro exemplo desta postura, podemos citar outra matéria, de março de 1937, na qual, em contraste com a apresentação das vantagens que a CBD apresentava a seus filiados em termos de intercâmbio desportivo, se enfatizava o número cada vez menor dos clubes ligados às Especializadas e a debilidade dos “dissidentes”:

A dissidencia, cujo raio de acção apezar de pequeno, continua a diminuir e está a ponto de ficar reduzido ao tripé que sustenta a Liga Carioca: Flamengo, Fluminense e America, procura desesperadamente segurar o pouco que ainda lhe resta. Para isso manda publicar noticias deveras interessantes para ver se consegue ainda impressionar os ingenuos.

A noticia de maior sensação está na resolução tomada de realizar um torneio Rio-Minas-São Paulo. Ora, quem conhece os parcos elementos de que a dissidencia dispõe nesses dois Estados vê logo a impossibilidade da realização de semelhante torneio. Esses elementos são: em Minas, o Athletico de Bello Horizonte, o Siderurgica de Sabará e o Retiro de Nova Lima, e em São Paulo sómente a Portugueza, a não ser que chamem algum dos seus companheiros: Tremembé, Ordem e Progresso, Jardim América, etc.

A grande maioria desses jogos não produziria renda capaz de pagar as despesas de transporte e estada, de sorte que o fracasso financeiro desse torneio é uma dessas coisas que ninguem põe em duvida.

Por isso mesmo é que dizemos: quem fôr tolo que acredite [sic] (CORREIO DO POVO, 06/03/1937:14)

Analisando estes excertos, citados a títulos de exemplo, e muitos outros trechos identificados ao longo da pesquisa, conseguimos formular uma relação de qualidades e atributos associadas a cada uma das correntes futebolísticas, a qual sustenta nossa conclusão de que o periódico mantinha uma postura favorável aos cebedenses. Enquanto, de um lado, à CBD se atribui características como força, pujança, relevância de seus afiliados, integração nacional e internacional, ações práticas e efetivas, engrandecimento do desporto nacional; de outro, às Especializadas se imputa debilidade, fraqueza, mediocridade e inexpressividade de seus membros, desorganização, falta de integração, palavras vazias e falta de feitos concretos, malefícios ao esporte brasileiro. Tal posicionamento é construído, sobretudo, por meio da estratégia do dizer-silenciar: o jornal abria espaço para a voz dos partidários da CBD e do amadorismo – com destaque para os clubes do interior e os chamados “paredros”, respeitados dirigentes e sócios dos grandes clubes – ao passo em que silenciava as vozes favoráveis às Especializadas e à profissionalização (KLEIN, 2014:78-90).

Além disso, a pesquisa conduzida apontou para a existência de dois grandes eixos argumentativos que embasavam a oposição do *Correio do Povo* às Ligas Especializadas. O primeiro deles diz respeito à concepção de que o profissionalismo era um regime centrado unicamente da obtenção de lucros, um regime ganancioso, um regime corruptor da moralidade dos desportistas gaúchos, do ideal do *sportsman* que deveria orientar a boa prática do futebol. Esta era uma concepção propriamente amadorista e alinhada com os ideais professados pelos líderes da corrente cebedense. De fato, Rivadavia Corrêa Meyer, presidente do Flamengo, possui uma das declarações mais contundentes neste sentido, quando seu clube ainda não havia aderido ao movimento especializado:

Eu considero o jogador que quer se profissionalizar como o gigolô que explora a prostituta. O Clube lhe dá todo o material necessário para jogar e se divertir

com a pelota e ainda quer dinheiro? Isso eu não permitirei no Flamengo. O profissionalismo avilta o homem (CALDAS, 1990:74).

Quanto ao *Correio do Povo*, a grande maioria das matérias, colunas e artigos publicados a respeito das Especializadas davam destaque justamente para a ênfase dada por esta corrente ao dinheiro, ao lucro. No período que compôs o escopo de minha pesquisa, são frequentes as referências ao oferecimento de “vantagens pecuniárias”<sup>3</sup> para os clubes cebedenses aderirem ao profissionalismo; ao desejo de lucro das especializadas que superava seu espírito esportivo (CORREIO DO POVO, 23/09/1937:10); à tentativa destas de “comprar a consciência” dos esportistas gaúchos (CORREIO DO POVO, 16/05/1937:18).

Às Especializadas se atribuía ainda a tentativa de seduzir Grêmio, Internacional e os demais clubes porto-alegrenses pela via do dinheiro. Quando se entravavam as negociações para o intercâmbio desportivo com os especializados cariocas, o jornal alude ao seu “canto da sereia”, como algo ilusório e sedutor (CORREIO DO POVO, 16/04/1937:13); às suas “theorias douradas por argumentos seductores” [sic] (CORREIO DO POVO, 29/06/1937:15); a estarem ativamente “cantando” a dupla Grenal<sup>4</sup>. Todas estas descrições se referem às propostas de ganhos financeiros que Grêmio e Internacional teriam ao aderirem ao movimento especializado.

Em última análise, todos estes elementos discursivos que identificamos ao longo do trato com as fontes culminam na descrição do profissionalismo como uma prática absolutamente imoral e corruptora dos bons ideais do esporte bretão. Tal concepção se manifesta, de forma implícita e explícita, em diversos momentos nas páginas do jornal no período pesquisado. Não raro, esta corrupção e imoralidade baseada no dinheiro é comparada a uma verdadeira prostituição: “Tem-se gastado muito dinheiro, centenas e centenas de contos de réis com a prostituição

---

<sup>3</sup> Como em “Commentarios sobre a C.B.D.”. *Correio do Povo*, 19/10/1937:12; e “Tim-Team por Team-Tim”. *Correio do Povo*, 14/08/1937, p.11.

<sup>4</sup> Como em “Internacional e Gremio resolveram aderir às Especializadas”. *Correio do Povo*, 19/06/1937:12; Um furo de sensação!”. *Correio do Povo*, 27/04/1937:14.

dos sports, e deles têm vivido a tripa forra os profiteurs (...)” [sic] (CORREIO DO POVO, 04/02/1937:13).

Uma das publicações mais significativas, e que citamos aqui a título de exemplo, diz respeito a uma nota escrita por João C. Wallau Filho, sócio do Grêmio que, indignado com adesão do clube às Especializadas, solicita publicamente e de forma categórica sua demissão do quadro social:

Consumado o maior attentado contra a moralidade desportiva no Estado, não desejo continuar fazendo parte do club que, nesta hora grava para os desportos patrios, tem á sua frente uma direcção que não soube ou melhor, não quiz zelar pelas suas gloriosas tradições.

O imaculado passado do glorioso tricolor é exemplo dignificante para o Rio Grande do Sul desportivo, devendo ter sido um entrave irremovível para a negociata que vem de ser feita.

Assim, porém, não o quiseram seus actuais e eventuaes dirigentes que não souberam comprehender que este sagrado penhor não deveria ter sido sujeito á lei da procura ou da offerta, já que não é objeto que se compra ou vende por vil metal.

Em dia com a thesouraria (...), solicito-vos a fineza de concederdes minha demissão do quadro social do valoroso Gremio, ao qual, apezar de tudo, continuarei dispensando toda minha sympathia já que esta não se vende e está fóra de vossa alçada [sic] (CORREIO DO POVO, 25/06/1937:12).

A referência a uma “negociata” que levou os clubes gaúchos a aderirem ao profissionalismo, verdadeiro “atentado à moralidade esportiva”, é um tema frequente nas matérias analisadas. Outra publicação, muito contundente em suas críticas à facção especializadas, compara a atitude de Grêmio e Internacional à traição bíblica de Judas:

Pelas noticias telegraphicas, vindas de Porto Alegre, verifica-se que os agentes das “especializadas” conseguiram envenenar o ambiente do desporto gaúcho, provocando o dissídio entre alguns clubes que, menos avisados, cahiram nas malhas da teia diabólica urdida pela camarilha dos “lojas cariocas”. Perdida a situação em Minas voltaram os semeadores da discordia no desporto nacional as vistas para o Rio Grande do Sul. Para ali foram destacados os mais habeis corruptores e com carta branca para o pagamento dos “trinta dinheiros” a todos áquelles que, seduzidos pelo vil metal, se dispuzeram a repetir o gesto

de Judas. O ardil surtira o desejado efeito. Dois clubs se transviaram, mercadejando sua traição [sic] (CORREIO DO POVO, 02/07/1937:11).

Neste excerto, encontram-se sintetizados grande parte dos temas relacionados a este eixo discursivo: os especializados corruptores, a traição comprada por meio do dinheiro, enfim, o dissídio causado pela sedução especializada que envenenou o ambiente esportivo gaúcho. De fato, vemos aqui já indicado, o segundo eixo argumentativo que identificamos ao longo da pesquisa, a ideia de que as Ligas Especializadas buscavam causar uma cisão por onde passavam, e que era urgente e necessário promover a pacificação, como o faziam a CBD e suas entidades afiliadas.

A corrente Especializada chega a ser frequentemente descrita pelo *Correio* como “a corrente dissidente do foot-ball brasileiro” [sic] (CORREIO DO POVO, 20/06/1937:21). Ademais, o acompanhamento desta crise das Especializadas feito pelo jornal não apenas imputa, costumeiramente, aos especializados a culpa pelo dissídio, como também que seu objetivo era justamente causar desorganização e discórdia no esporte local. Os trechos a seguir são representativos desta concepção:

Desde que se verificou, ha poucos annos, o dissidio no foot-ball brasileiro, os elementos sympathicos á corrente denominada “especializadas” vêm tentando, por todos os meios e de todas as maneiras, arrastar o nosso Estado a desorganização e ao dissídio [sic] (CORREIO DO POVO, 16/04/1937:13).

Ha de positivo apenas isto: as Especializadas permanecem, firmes, no proposito de dismantelar o desporto gaucho. Querem, á viva força, quebrar a força mais poderosa da Confederação Brasileira de Desportos. Causa-lhe verdadeiro pavor a vida calma e pacífica da família desportiva gaucha, á sombra da entidade dirigida pelo sr. Luiz Aranha [sic] (CORREIO DO POVO, 15/05/1937:17).

Como último exemplo, podemos citar ainda o caso bastante expressivo e ilustrativo de um texto escrito pelo colunista esportivo que se identifica como “Parceiro Novo”. Em estilo irônico e simbólico, o autor apresenta uma fictícia entrevista com o demônio, comparando

metaforicamente a vertente especializada como uma obra do próprio diabo:

- Não vê que eu costumo ler os jornais de toda a parte... E não consegui fazer com que as notas sportivas do Rio Grande me agradassem... Tudo aqui estava em calma... Todo o Rio Grande desportivo unido... Forte... Coheso... Disciplinado... Dava ao resto do Brasil um exemplo horrível de União e Concordia... de Paz e Harmonia... Essas palavras não sôam bem aos ouvidos de um diabo que se presa... Nós, os espíritos do mal costumamos chamar a isso de perfumarias... E naturalmente, não poderíamos ver com bons olhos as ultimas performances do Rio Grande desportivo no scenario Brasileiro. (...)

- É por isso que estou aqui – continua meu incrível visitante – para dar um geitinho nisso... Quero ver se faço estourar uma bomba aqui na capital... Para que essa família até então unida, comece a fazer verdadeiramente o diabo... (...)

Depois... para um eu falo em excursões nababescas... em caravanas douradas... em “stadiuns” magníficos... Mostros-lhes um logarzinho onde há sôl á beça, já sabendo que elles mesmos irão levantar uma parede que lhes roube essa luz tão ansiada... Para outros, malefluamente, eu digo outras cousas... Disfarço-me e lhes falo em lealdade... Lembro-lhes o foot-ball antigo... Finalmente eu semeio o germen... Porque não sei si você já me compreendeu... Eu não sou partidário de entidade alguma. O que eu quero, já vou lhe dizer: É o DISSIDIO! A SCISÃO! A DISCORDIA! O ENFRAQUECIMENTO e por fim A MORTE DO SPORT GAUCHO! (...) [sic] (CORREIO DO POVO, 11/06/1937:14).

Em contraposição, o amadorismo cebedense permanecia sendo, pela ótica manifestada pelo *Correio do Povo*, o bastião da moralidade esportiva e o grande promotor da ordem, pacificação e reintegração do futebol gaúcho. A tabela a seguir representa a tentativa de reconstruir, de forma sintética, a dicotomia argumentativa entre o profissionalismo das Ligas Especializadas e o amadorismo da CBD, manifestada pela crônica esportiva do jornal. Por meio da pesquisa conduzida, foi possível identificar alguns motes e argumentos antitéticos comumente usados para caracterizar as duas correntes e, através deles, externalizar o posicionamento do periódico.

Profissionalismo/Ligas Especializadas	Amadorismo/ CBD
Imoralidade	Moralidade
Corrupção	Integridade
Ganância/ambição	Espírito esportivo/desinteresse
Motivação financeira	Motivação educacional
Traição/adultério/prostituição	Lealdade/retidão/decência
Sedução/falsas promessas	Realizações concretas
Dissídio/cisão	Pacificação/unidade
Discórdia/anarquia	Harmonia/coesão
Desagregação/estagnação	Progresso

Tabela 1: Dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses.

## 2. O discurso do *Correio do Povo* e o esporte no Governo Vargas

A análise até aqui realizada nos permite vislumbrar as bases do discurso do *Correio do Povo* a respeito da crise das Especializadas no Rio Grande do Sul. De fato, os eixos argumentativos que identificamos sustentam um discurso baseado na valorização do amadorismo em detrimento do profissionalismo, e na defesa da necessidade de pacificação e imposição de ordem no futebol gaúcho. Tal posicionamento possui algumas semelhanças e aproximações com as diretrizes do governo de Getúlio Vargas acerca da questão esportiva.

Efetivamente, o governo de Getúlio Vargas, desde sua ascensão em 1930 e particularmente durante o Estado Novo, reconhecendo a importância do esporte para seu projeto nacional, buscou aproximar-se desta esfera e desenvolver uma política própria para ela. Naquela época, o futebol já configurava um importante fator de mobilização das massas urbanas, atraindo o interesse do governo Vargas, desejoso de articular as classes populares em torno de seu projeto político-social. Dessa forma, o esporte representava um veículo privilegiado para a difusão de um ideário nacionalista afinado com o discurso do Estado<sup>5</sup>. De modo semelhante, havia uma ideia predominante de que o esporte proporcionaria o fortalecimento da raça e o crescimento cívico da população brasileira, o

<sup>5</sup> De fato, é sabe-se que o governo de Getúlio organizava comícios e festejos cívicos, como do Dia do Trabalhador, em estádios de futebol, como o São Januário, no Rio de Janeiro, e o Pacaembu, em São Paulo. Do mesmo modo, eram comuns as apresentações atléticas e exibições de ginástica nos desfiles da Semana da Pátria, como forma de exaltação do valor da raça e da nacionalidade brasileira. (DRUMOND, In: DEL PRIORE & MELO, 2009:239-243).

que também contribuiu para a sua inserção nos planos da política getulista (SARMENTO, 2006:56-57).

Em função desta grande importância adquirida pelo futebol no projeto de nação do governo varguista, e tendo em vista as medidas impostas por ele no sentido de profissionalização, centralização, normatização e regulamentação que pôs em prática nos diversos âmbitos da sociedade brasileira, poderíamos ser levados a assumir uma intenção deliberada e direta do Estado no sentido de profissionalizar o futebol, considerando que este processo se desenrola entre 1933 e 1937. No entanto, esta relação não se verifica empiricamente. De fato, uma intervenção estatal no esporte ocorreria apenas alguns anos mais tarde, já durante o Estado Novo.

De fato, o principal instrumento normativo do esporte na Era Vargas, o Decreto-Lei nº 3.199, foi publicado em abril de 1941, após dois anos de deliberação da Comissão Nacional de Desportos, constituída em janeiro de 1939 para avaliar as condições do esporte brasileiro e desenvolver um projeto para sua regulamentação. Por meio do Decreto-Lei nº 3.199, ficava criado o Conselho Nacional de Desportos (CND), órgão que visava superintender, orientar e fiscalizar a prática desportiva em todo o país. Conceitualmente, a nova legislação articulava algumas categorias importantes de analisarmos para entendermos as diretrizes que orientavam a política varguista para o esporte.

A primeira delas refere-se à noção de disciplina. De fato, o próprio presidente Getúlio Vargas, ao expor os motivos que levaram à publicação do Decreto-Lei nº 3.199, destaca que o esporte no país ainda ressentia-se da “falta de organização geral e adequada, que lhes imprima a disciplina necessária à sua correta prática, conveniente desenvolvimento e útil influência na formação espiritual e física da juventude” (MANHÃES, 1986:27). Esta categoria de disciplina correspondia à inserção do campo esportivo no projeto de ordem social empreendido pelo Estado Novo, em outras palavras, à corporativização da ordem desportiva, que previa a “intervenção do Estado na dinâmica e no funcionamento das entidades

civis, superpondo o público ao privado em nome da ‘harmonia social’” (MANHÃES, 1986: 29).

De fato, para as autoridades varguistas, os diversos conflitos no campo desportivo estavam relacionados à persistência de uma “ordem liberal”, resultado da livre e espontânea associação dos desportistas em clubes, ligas, federações, enfim, entidades de direito privado sem a interferência estatal. No entendimento do governo, a ordem corporativa, pautada nas ideias de intervenção e controle, oficialização das entidades e aparelhamento da ordem, conduziria à harmonia no desporto brasileiro; ao passo que a ordem liberal vigente, calcada em ideais de autonomia, iniciativa privada e no poder estatutário, levava ao conflito e ao caos (MANHÃES, 1986:32). Dessa forma, fazia-se disciplinar as atividades esportivas, dotando-lhes de uma legislação apropriada.

O segundo elemento que influenciou decisivamente a intervenção estatal nos esportes foi a política nacionalista. Dentro de seu projeto de sociedade, o governo Vargas durante o Estado Novo buscou mobilizar a população trabalhadora através de um discurso nacionalista e autoritário, que aproximava os conceitos de Estado e de Nação. Como parte desta política nacionalista-autoritária era também fundamental capitanear os esportes, entendidos como capazes de dotar os brasileiros de um senso de patriotismo, bem como de capacitá-los, física e moralmente para a defesa dos interesses da nação. A criação do Conselho Nacional de Desportos insere-se nesta perspectiva, na medida em que tinha como objetivo explícito “tornar os desportos cada vez mais (...) uma alta expressão da cultura e da energia nacionais” (MANHÃES, 1986:59).

De modo a exemplificar a importância do esporte para o ideal nacionalista e patriótico do governo Vargas, podemos recorrer a uma citação de João Lyra Filho, presidente da CND durante todo o período do Estado Novo:

O objetivo primeiro da legislação desportiva daqueles dias era preparar os brasileiros culturalmente para representarem o país, criando um ambiente

propício ao aprimoramento de uma *cultura desportiva nacional*, dando uma consistência que representasse o brasileiro (MANHÃES, 1986:59-60).

O terceiro e último pilar conceitual que sustentava o Decreto-Lei nº 3.199 e a política desportiva varguista do Estado Novo, bastante relacionado a este ideal nacionalista, refere-se ao componente moral e cívico do esporte. De fato, as autoridades getulistas encaravam o esporte como uma alta expressão da nacionalidade e parte essencial do processo de educação moral e cívica da juventude brasileira. Neste sentido, por exemplo, Gustavo Capanema, Ministro da Educação e Saúde (ministério ao qual o CND estava subordinado), em documento preparatório ao Decreto-Lei 3.199, dirigido ao presidente Getúlio Vargas, já se referia ao esporte como “um dos meios de educação cívica da mocidade e (...) uma viva expressão da energia nacional” (MANHÃES, 1986:79).

No que tange a este aspecto da moralidade inerente ao esporte, é importante também avaliarmos o sentido de um trecho do artigo 3º do Decreto-Lei 3.199, que determinava:

b) incentivar, por todos os meios, o desenvolvimento do amadorismo, como prática dos desportos educativos por excelência, e ao mesmo tempo exercer rigorosa vigilância sobre o profissionalismo, com o objetivo de mantê-lo dentro de princípios da estrita moralidade (MANHÃES, 1986:78).

Podemos entrever, inerente ao excerto acima, a ideia de que apenas o esporte amador poderia contribuir eficazmente para a formação da moralidade e do civismo da juventude brasileira. O profissionalismo, ao contrário, era entendido como intrinsecamente imoral e encarado com profunda desconfiança, devendo ser rigidamente vigiado para que não incorresse no seu comportamento natural, moralmente condenável. Podemos dizer, portanto, que também estas concepções acerca do esporte amador e profissional estavam imbricadas na regulamentação desportiva promovida pelo governo Vargas no Estado Novo, através de sua associação ao caráter moral e cívico atribuído à prática esportiva.

Diante do exposto, podemos concluir que duas destas três diretrizes da política esportiva do governo Vargas que identificamos, condensadas no Decreto-Lei nº 3.199, possuem correspondências e aproximações com o discurso manifestado pelo *Correio do Povo* sobre a crise das Especializadas no Rio Grande do Sul. Ainda que o Decreto seja efetivamente posterior à consolidação do profissionalismo no futebol brasileiro, as ideias que o embasaram já eram correntes nos anos que precederam sua publicação.

Primeiramente, podemos destacar a proximidade da categoria de disciplina inerente ao pensamento varguista com a defesa da pacificação feita pela crônica esportiva do *Correio*. Como vimos, a criação do Conselho Nacional de Desportos, por meio do Decreto-Lei nº 3.199, atendia ao objetivo de imprimir a disciplina necessária ao desporto nacional, que na ótica estatal se encontrava desorganizado, visando desenvolvê-lo adequadamente visando a formação moral e física da juventude. Através desta intervenção do Estado, inserindo a ordem desportiva nacional dentro do projeto de corporativização da sociedade, pretendia-se controlar, oficializar e verticalizar a administração esportiva em todo o país, em nome do objetivo maior da harmonia social.

De modo significativo, o posicionamento pró-cebedense apresentado pelo jornal criticava os especializados por terem causado um dissídio no cenário esportivo nacional, supostamente de forma deliberada para desagregar e enfraquecer o futebol e poderem melhor tirar vantagem da situação. Ao mesmo tempo, manifestava-se também o anseio por ver o futebol pacificado, baseado no entendimento de que apenas unificado, centralizado e, para usar uma expressão familiar ao discurso corporativista, harmonizado é que o futebol poderia progredir e prosperar no Brasil. Dessa forma, identificamos uma forte afinidade entre estes dois discursos, que enfatizavam a necessidade de um desporto disciplinado e pacificado.

Por fim, a seguir, encontramos também uma compatibilidade entre o propósito moral e cívico do esporte defendido pelo corporativismo

varguista e a defesa do futebol amador promovida pelo *Correio*. De fato, o trecho anteriormente citado do artigo 3º do Decreto-Lei nº 3.199 constitui uma expressão sintomática do objetivo do Estado de utilizar o esporte como ferramenta na formação educacional da juventude brasileira, e da ideia de que somente o esporte amador poderia proporcionar estes benefícios de ordem física, moral e patriótica. Inversamente, o profissionalismo beirava os limites da imoralidade e precisava ser rigorosamente vigiado. A dicotomia argumentativa entre especializados e cebedenses identificada nas páginas do *Correio do Povo* ao longo de minha pesquisa nos revela exatamente o mesmo posicionamento. Enquanto o amadorismo é considerado o verdadeiro bastião da moralidade, da integridade e do verdadeiro espírito esportivo, o profissionalismo, ao contrário, é compreendido como uma prática aviltante, mercenária, corruptora e imoral, que desvirtuava os verdadeiros propósitos da atividade esportiva.

Em conclusão, ao longo de minha pesquisa, busquei primeiramente compreender o ambiente futebolístico porto-alegrense e gaúcho no final da década de 1930, bem como o processo que levou a inserção do futebol do estado no movimento das Ligas Especializadas. Encabeçado por Internacional e Grêmio, os especializados gaúchos romperam com a liga metropolitana amadora, vinculada à CBD, para fundar uma nova associação de futebol profissional, instaurando um dissídio que duraria de 1937 a 1939.

Na sequência, procurei examinar a repercussão desta crise das Especializadas nas páginas de um dos principais veículos de comunicação de Porto Alegre na época, o jornal *Correio do Povo*. A análise da crônica esportiva deste periódico nos evidenciou uma clara postura pró-cebedense, manifestada ao dar voz aos principais dirigentes e clubes apoiadores do amadorismo e da CBD e ao silenciar a maior parte das vozes da causa especializada. Tal posicionamento calcava-se, ainda, em dois grandes eixos argumentativos: a ideia de que o futebol profissional era inerentemente corrupto e imoral, e a ideia de que o dissídio, causado pelos

especializados, precisava ser solucionado, pacificado. Por meio destes eixos, consolidava-se uma dicotomia argumentativa entre profissionalistas e amadoristas, segundo a qual características como imoralidade, corrupção, ganância, discórdia e estagnação eram imputadas aos primeiros; enquanto outras qualidades como moralidade, integridade, verdadeiro espírito esportivo, harmonia e progresso eram atribuídas aos segundos.

Como vimos por último, estas linhas argumentativas presentes nas páginas esportivas do *Correio do Povo* se alinhavam, em boa medida, às diretrizes da política varguista para o esporte. De fato, vemos expressas no Decreto-Lei 3.199, principal instrumento legislativo de regulamentação esportiva da Era Vargas, preocupações semelhantes às presentes no discurso veiculado pelo *Correio*. Efetivamente, o Decreto defende a normatização do esporte, por meio de sua centralização, pacificação e unificação, pautas importantes para a afirmação do modelo de atividade esportiva almejado pelo Governo Vargas, particularmente durante o Estado Novo. Ao mesmo tempo, o Decreto manifesta grande desconfiança em relação ao esporte profissional, que, por envolver o dinheiro em uma prática que deveria ser puramente amadora, visando o aprimoramento físico, moral e intelectual da população, corria o risco de cair na corrupção, na imoralidade. Ambas estas noções estavam fortemente presentes no discurso da seção desportiva do *Correio do Povo* sobre a profissionalização do futebol, no final da década de 1930.

Neste sentido, procuramos demonstrar, ao longo da pesquisa e do presente artigo, uma proximidade e uma ativa continuidade entre o discurso estatal varguista e o da crônica desportiva do *Correio*. Esperamos que a análise aqui apresentada possa contribuir em alguma medida para compreendermos a circularidade de ideias a respeito da prática futebolística e do ideal esportivo, assim como os debates e as disputas referentes à como o futebol e os demais esportes deveriam ser organizados e praticados no Brasil no final da década de 1930 – em um momento onde sua profissionalização se apresentava como uma alternativa e uma

realidade, e um momento onde a sociedade brasileira passava por diversas transformações relacionadas à ascensão do Estado Novo e à implantação do modelo corporativista varguista nas diversas esferas sociais.

## Referências

- CALDAS, Waldenyr. **O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro**. São Paulo: IBRASA, 1990.
- DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor Andrade de (orgs.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HELAL, Ronaldo. **Passes e Impasses: futebol e cultura de massas no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- KLEIN, Rafael Belló. **O Profissionalismo Imoral e a Pacificação Necessária: imprensa, futebol e política na “crise das Especializadas” no Rio Grande do Sul (1937-1938)**. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2014.
- LUCENA, Ricardo de Figueiredo. **O esporte na cidade: aspectos do esforço civilizador brasileiro**. Campinas (SP): Autores Associados, 2001.
- MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul**. São Paulo: USP (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana), 2001.
- MALAIÁ, João Manuel. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. São Paulo: USP (Tese de Doutorado - PPGHE), 2010.
- MANHÃES, Eduardo Dias. **Política de esportes no Brasil**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.
- MURAD, Mauricio. **Dos pés à cabeça: elementos básicos de sociologia do futebol**. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

RODRIGUES FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

RÜDIGER, Francisco. **Tendências do jornalismo**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.

SARMENTO, Carlos Eduardo. **A regra do jogo: uma história institucional da CBF**. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006.

SOARES, Ricardo Santos. **O foot-ball de todos: Uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903-1918**. Porto Alegre: PUCRS, (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2014.

**Nem só de Grenal viverá o gaúcho**



**Nem tricolor nem colorado:  
o mais simpático de Porto Alegre –  
Esporte Clube São José (1913-1940)**

*Rafael Hansen Quinsani*<sup>1</sup>

*Diego Oliveira de Souza*<sup>2</sup>

Porto Alegre. Zona Norte. Ao entrar nas instalações do Esporte Clube São José o visitante se depara com o distintivo do clube pintado na parede. Entretanto, o distintivo não está só. Em sua companhia está destacada a frase: “O mais simpático do Rio Grande do Sul”. A institucionalização dessa identidade, sua história e seu desenvolvimento servem de base para nossa análise calcada nos marcos de uma História Social do futebol. Este artigo apresenta alguns apontamentos e reflexões iniciais sobre o desenvolvimento do futebol em Porto Alegre.

Até o estabelecimento definitivo do clube em seu atual endereço, no bairro Passo D’areia, em Porto Alegre, diferentes eventos e processos puderam ser evidenciados. Desse modo, a demarcação temporal de nossa análise estará centrada a partir da fundação do clube, em 1913, até o estabelecimento definitivo de seu “lôcus espacial” em 1940. Dentro dessa demarcação, quatro temas serão abordados. Eles interagem e se complementam para a construção da identidade do clube. Primeiro aspecto: sua fundação a partir do Colégio São José estabelecido em Porto Alegre, e como este fator se enquadra no processo de disseminação do

---

<sup>1</sup>Doutor em História na UFRGS. Email: rafaelhq@gmail.com.

<sup>2</sup>Doutor em História na UFSM. Email: diego.o.souza@hotmail.com.

futebol no país. Segundo: o elemento nacionalista que coincide com sua data de fundação: vinte e quatro de maio, e sua associação com a batalha de Tuiuti, ressaltada pela valorização do caráter nacional, que se afirma na organização do exército e dos elementos republicanos. Terceiro: a querela do amadorismo e do profissionalismo, que perpassou o desenvolvimento do futebol, a organização dos clubes, e a forma de torcer pelo esporte. Quarto: como as alterações de endereço do clube refletem as mudanças urbanísticas de Porto Alegre, e até que ponto estas mudanças estão atreladas, suas peculiaridades e como ocorreu este processo.

Para o desenvolvimento de nossa análise, além do material bibliográfico, será utilizado como fontes o jornal *Correio do Povo*, no período de 1913 a 1940<sup>3</sup>. Juntamente a estes materiais foram consultadas as Atas das assembleias do Clube, disponíveis em um volume que abrange o período de 1924 a 1940. Lembramos que, em relação à imprensa no século XIX e início do século XX, os Jornais eram instrumentos de grupos socioeconômicos para difundir suas ideias e interesses, vistos como “naturais” e “corretos”. O espaço dedicado ao esporte era a cobertura das atividades das elites. Concordamos com Gérson Fraga quando o autor afirma que não é a imprensa que populariza o futebol, mas é o futebol, na sua condição de esporte de massa, que se torna um assunto vendável (FRAGA,2009). Os termos em inglês aos poucos caem em desuso e se busca uma linguagem própria associada ao esporte. As fontes analisadas expressam esses fatores.

## **Disseminação do Futebol e Influência Religiosa**

Nas instituições colegiais e universitárias da Inglaterra, no final do século XVIII, há um crescimento do movimento neoclássico de resgate do exercício físico (JESUS, 2001:16). No período de 1820 a 1870, as escolas

---

<sup>3</sup> Este material encontra-se organizado em volumes, disponível no acervo do clube, e foi organizado pela diretoria para a comemoração dos seus 90 anos de fundação. Foram fotocopiadas do jornal as matérias que abordavam o clube em ordem cronológica. Seu acesso foi possível graças a indicação da Professora e Historiadora Sherol dos Santos e da Secretária do clube Lillian, que gentilmente nos recebeu na instituição.

públicas inglesas são apontadas como “laboratórios de invenção” dos esportes modernos. O autor Gilmar Mascarenhas de Jesus destaca a importância dos centros de estudos escolares e universitários ingleses na “invenção” do futebol moderno, realizada em um contexto de transformações sócio-culturais responsáveis pelas novas concepções pedagógicas e pelos discursos reguladores das práticas corporais.

Desde o surgimento do futebol na Inglaterra, há uma grande ligação entre a rede ferroviária inglesa e a formação do futebol moderno. O período de 1848-1863, no qual é efetivada a expansão da malha ferroviária inglesa, coincide com o período de formação do futebol (JESUS, 2001:19). A fluidez proporcionada pelo novo meio de transporte é apontada como responsável pela realização de competições esportivas de caráter extra-local, as quais tornam possível um formato único para a prática do futebol.

Assim, o período de 1881-1901 marca a liderança inglesa na difusão dos esportes modernos, favorecida pelos cinco milhões de habitantes que deixaram o Reino Unido (JESUS, 2001:36). O contato entre essas pessoas que deixaram aquela região e a população das novas cidades revela a difusão de um vocabulário próprio do futebol. Essa difusão de um vocabulário associado à prática do futebol pode ser observada nos jornais brasileiros das primeiras décadas do século XX. É comum a utilização de termos ingleses como: *Foot-Ball*, *back*, e outros termos associados.

É interessante ressaltar que o futebol não teve um modelo comum de disseminação para a América do Sul. No caso brasileiro destaca-se a primazia paulistana no processo de adoção. Além disso, não foi unicamente através do imperialismo britânico que se deu o processo de difusão do futebol. De acordo com Gilmar de Jesus, havia extensas “zonas de sombra” no Brasil, espaços que não poderiam ser cobertos pelos agentes tradicionais dessa difusão.

Diante da existência dessas “zonas de sombra”, percebe-se a atuação de outras redes internacionais que atuavam no território brasileiro, como no caso da congregação católica marista e seus estabelecimentos educacionais, além dos estabelecimentos jesuítas. É possível imaginar que

a difusão do futebol, no caso brasileiro, através da chamada “via religiosa”, tenha se dado em função de que os estabelecimentos educacionais religiosos privilegiavam a prática de esportes em sua pedagogia.

É no contexto supracitado que surge em 24 de maio de 1913 o Sport Club São José. Através da figura do Irmão Constantino Emanuel, que é apontado como o “mentor intelectual” do surgimento do clube, dá-se a concretização do clube de futebol em Porto Alegre. A origem apontada para o clube é a antiga Rua São Raphael, atualmente chamada de Avenida Alberto Bins. Segundo uma publicação do próprio clube, o referido Irmão foi o incentivador de um grupo de alunos da Sociedade Juventude dos Moços Católicos, com sede na ex-capela São José, na referida Rua São Raphael, para montarem um clube futebolístico (ESPORTE CLUBE SÃO JOSÉ, 2003:4).

### **O elemento nacionalista**

Em relação ao contexto político daquele momento, a exaltação dos valores nacionalistas estava presente na determinação do processo de criação de uma simbologia que construísse o sentimento de pertencimento a uma pátria e nação. Esse projeto inicia ainda no período imperial, mas ganha fôlego com o início da República. A retomada de alguns eventos históricos pela República, com destaque para os interesses bélicos e militares, apresenta um aspecto particular em relação à data de fundação do São José. Vinte e quatro de maio marca um dos fatos mais relevantes da história brasileira: a batalha de Tuiuti, travada em 1866. O maior confronto já realizado da América do Sul. Ela aponta a vitória brasileira e confere o início da valorização do exército, ganhando destaque nesse processo a figura do general Osório. Também configura o maior desastre sofrido pelo general Solano López. Nesse dia o contingente paraguaio teve cerca de 6 mil mortos, 7 mil feridos e 370 prisioneiros, no embate com as forças da Tríplice Aliança.

Nos aniversários comemorativos da fundação do clube, e em outros momentos ocorrem várias menções ao fato pelos redatores dos jornais:

“data gloriosa de nossa história pátria” (CORREIO DO POVO, 13/12/21); o general Osório “soube cobrir de glórias o pavilhão nacional na batalha de Tuiuti”(CORREIO DO POVO, 24/05/23); “um dos fatos mais brilhantes de nossa história”(CORREIO DO POVO, 26/05/26).

O hino do clube vem corroborar estes elementos, proclamando que ele “nasceu nacionalista / Sagrando nobre história”. Há uma junção entre o destaque dado à história brasileira e a história do próprio clube, que com esta associação se eleva em importância, numa contrapartida a simpatia atribuída ao clube, que surge imediatamente associada a posição de “terceiro time” de Porto Alegre. Por ser menor que Grêmio e Internacional recebe um tratamento de consentimento e compaixão dos torcedores. Esta simpatia é institucionalizada pelo autor do hino. A estas referências se associa o apelido conferido ao clube: “Zequinha”, (também eram chamados de “Os Santos” na primeira metade do século XX).

Cor do céu clube alvi azul  
São José de tradição  
Mais simpático do sul  
Resplendente pavilhão  
Quem não sente o teu ardor  
Como um todo sempre unido

Frente ao forte contendor  
Luta bravo e destemido

Nasceu nacionalista  
Sagrando nobre história

Na senda da conquista  
Candente busca a glória  
Zequinha traz um fado  
Ardente e varonil  
De honrar o seu passado  
No esporte do Brasil<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Hino do Esporte Clube São José Autor: Antônio Guaglianoni. Disponível em <<http://www.saojose.net/hino/index.htm>> acesso em 20 de nov de 2005

## O profissionalismo e o amadorismo

Tendo o futebol um caráter inicial elitista, a ociosidade deste grupo social contribuía para a disponibilidade da prática de diversos esportes. A transposição para um contexto onde a dinâmica capitalista ditava o desenvolvimento dos meios sociais, não tardou em inserir o elemento profissionalizante no futebol. A fundação das ligas que representavam os interesses dos clubes, não demorou em inserir um antagonismo entre o profissionalismo e o amadorismo. Inicialmente, estas ligas preservam o elemento aristocrático, tendo a prática do esporte um fim em si mesmo (DAMO, 2002:25).

A disseminação e a massificação do esporte com a inclusão dos trabalhadores, melhoraram tecnicamente a prática do futebol e também contribuíram para popularizar e ampliar o público assistente. Os clubes que preservaram o amadorismo funcionavam como as *Publics Schools* (DAMO, 2002:27), voltados para o entretenimento. Esta diferenciação leva a criação e ao fortalecimento de uma identidade em torno do clube. O amadorismo assume um caráter de ideologia que dualiza com os clubes profissionais. Estes ampliam a abrangência de torcedores e a subsequente rivalidade que passa a satisfazer uma comunidade mais ampla, fortalecendo e ressaltando as diferenças das classes sociais.

A construção dessa identidade passa pela influência de uma sociabilidade mais próxima. No São José a entrada ao clube era efetuada por meio de convites dos sócios, na maioria aprovados pelos membros do quadro dirigente. O quadro social nunca alcançou grandes números, tendo em 1917 mais de trezentos componentes, seiscentos e vinte e quatro em 1923, e quinhentos e trinta e nove em 1924. A abrangência da ampliação de sua identidade clubística, levando em conta que neste contexto o público também assistia aos jogos pelo seu caráter de entretenimento, é verificada pelo fato de seu estádio, em 1927, ter capacidade para 2000 pessoas. Estes elementos quando confrontados com a rivalidade da dupla Grenal, que começa a ocorrer num período bem próximo a posterior

fundação dos clubes (DAMO, 2002:69-70), insere o São José como mais um dos “clubes menores” de Porto Alegre. Os sócios do São José se enquadram nas camadas médias, profissionais liberais, e alguns elementos com mais poder aquisitivo, aos quais se deve boa parte dos investimentos nos terrenos que alocariam os estádios.

No que tange o desenvolvimento do futebol no Brasil, pode-se traçar uma periodização (que deve ser relativizada devido às diferentes formas de penetração do futebol conforme o contexto) da seguinte forma:

1894 a 1904: período em que os clubes se desenvolvem nos meios urbanos, com destaque para a presença da elite social;

1905 a 1933: a fase amadora, tem início a pressão por melhores jogos;

1934 a 1950: início do profissionalismo;

Pós 1950: o país ganha reconhecimento internacional.

Todavia, na chamada fase amadora, existia o profissionalismo oculto, ou “marrom”, onde vários jogadores recebiam e se dedicavam exclusivamente à prática do futebol. A Lei do estágio, que estipulava um “prazo de quarentena” para aqueles jogadores que trocavam de clube, já em 1928, exemplifica estes fatos. Esta lei levou os pequenos clubes de Porto Alegre a se desvincularem da APAD (Associação Porto Alegrense de Desportos) (CORREIO DO POVO, 09/04/29). Em 1920, já há menção a formação de jogadores adolescentes. Nas preliminares dos jogos, fazia parte uma disputa de “Filhotes” (CORREIO DO POVO, 21/11/20). E a atração que o futebol exercia é evidenciada neste comentário do redator do jornal: “[...] não falemos do assunto da moda, de players abandonarem o lar paterno. É cousa tão natural, que já ninguém se importa, pois já se foi o tempo dos filhos extremosos [...]” (CORREIO DO POVO, 15/12/25).

Dentro do âmbito de disputas por identidades, o São José objetivou construir uma imagem de Clube amador que se defronta contra clubes maiores e profissionais. Este processo se visualiza em vários âmbitos, inclusive no viés dos sócios do clube. Um exemplo ocorre em 1926, quando o orador Arnaldo Ely, nas festividades de aniversário do clube, diz confiar na ação empreendida pelo diretor Arthur Endler pela moralização do

futebol, rejeitando o profissionalismo. Ele “[...] não esmorecia na campanha levantada pelo seu clube contra os profissionais do sport [...]”(CORREIO DO POVO, 26/05/26). O fato de mais setores da sociedade corroborarem a oposição ao profissionalismo também é verificado pelo apoio que o redator do jornal confere a ação, que “vê com bons olhos e sympathias as campanhas moralizadoras”(CORREIO DO POVO,26/05/26). Neste ano, o clube se esforçou em apresentar um quadro de amadores. Em 1932, há uma menção de que os jogadores do clube trabalham e não recebem rendas remuneradas. Neste período surge no Correio do Povo, uma coluna dedicada a comentários opinativos ao futebol. A coluna *Free Kike* usa uma linguagem irônica e coloquial. Além disso, o colunista era amigo de Edmundo Lamb, presidente do São José por anos, e se manifesta a favor do amadorismo: “oxalá o São José, para o futuro, continue mostrando que o Foot-Ball de amadores é o único compreensível e apreciável Foot-Ball”(CORREIO DO POVO, 27/09/32). O futebol como prática desportiva por ela mesma, também é ressaltado pelo clube possuir um “sopro idealista de tua mocidade de verdadeiro desportista”(CORREIO DO POVO, 17/03/33).

Um questionamento a estes fatores pode ser verificado ao se perceber que vários jogadores se transferiram para outros clubes, como Osvaldo Azzarini Rolla (o Foguinho), que jogou no São José em 1920, mas transferiu-se para o Grêmio, onde fez uma carreira de sucesso. O clube era considerado “fornecedor de *craks*” e todos os anos sofria com as “[...]revoadas pra outros times” (CORREIO DO POVO, 25/05/37). Nas atas do clube há uma menção a assinatura do passe de transferência do jogador A. C. Leimentz, do Cruzeiro para o São José, em 1925 (ATA n<sup>o</sup>. 95 – 19/03/25). Ou seja, não havia um ordenamento, um estabelecimento definitivo sobre a organização do futebol. Os apelos moralizantes também se enquadram nas ideologias positivistas, que desejavam a ordem, a permanência de uma hierarquia definida entre as camadas sociais. Cabe ressaltar também, o lugar onde se enquadram os redatores do jornal, pelo seu posicionamento político e pelo viés delimitado da linha ideológica do

jornal. A tentativa de construir-se como um clube pequeno também é um reflexo da ampla diferenciação em relação a dupla Grenal, que vinha se consolidando cada vez mais como as grandes forças da capital, sobrepondo-se aos demais clubes.

Assim, era difícil sobreviver sem os jogadores profissionais. A competitividade acirrava-se com o tempo, os clubes não desejavam ficar atrás de seus iguais, e, também, os assistentes e torcedores desejavam presenciar partidas disputadas, marcadas pela indefinição do resultado, buscando emoção além do divertimento. Já em 1925, o público desejava presenciar um espetáculo. Proclamava-se que “[...] foi-se o tempo em que o público não entendia de Foot-Ball. O elemento feminino está senhor das regras. [...]” (CORREIO DO POVO, 15/12/25).

### **As transformações do espaço urbano e a saga do clube itinerante.**

Desde o período de sua fundação em 1913, até a aquisição de seu estádio definitivo em 1940, diversas áreas da cidade de Porto Alegre foram utilizadas como “*grounds*” pelo São José. Esta trajetória é reconhecida pelo clube como a “Via Sacra”, numa alusão às dificuldades enfrentadas no âmbito da definição de seu lócus espacial.

Tendo sua fundação efetuada por alunos de um colégio, os espaços utilizados nos primeiros anos eram provisórios. Os treinos eram realizados na Chácara do coronel Germano Petersen, localizado na atual Cristóvão Colombo, gentilmente cedida pelo proprietário. Em 1914, há uma menção no jornal Correio do Povo do desejo de adquirir um campo próprio, que estaria localizado na Rua São José (atual Frederico Mentz), número sessenta, no bairro Navegantes. Contudo, estas instalações foram destruídas por uma enchente.

Em 1918, ocorre a aquisição de um terreno na Cristóvão Colombo, ao lado da Praça São Pedro. Este terreno pertencia a Vicente Fernandes, que por ter simpatias com o clube facilitou sua apropriação (CORREIO DO POVO, 24/05/25). Esta simpatia é corroborada na menção a Vicente

Fernandes nas atas do clube. Em 1925 ressalta-se o término do contrato verbal com Vicente dentro de dois anos (ATA nº. 100 – 19/08/25). O empenho da diretoria nas obras de nivelamento é destacado, cujos investimentos somavam 4 contos de Réis (CORREIO DO POVO, 18/07/18). Sua infra-estrutura era dotada de bancadas, parapeitos e *Chalêts*.

Podemos apontar, que no Rio Grande do Sul, o patrimônio dos clubes está vinculado às atitudes e as formas de torcer. Ser proprietário coloca uma distinção, confere ao estádio do clube o elemento diferenciador quando este atua neste espaço (DAMO, 2002:74-77). O texto do redator do Correio do Povo mostra que estes elementos estavam presentes desde a entrada do futebol em Porto Alegre: “[...] depois de tantos anos de existência somente agora vê realizada sua maior aspiração, que é possuir um *ground* perfeitamente adaptado ao jogo de Foot-Ball [...] uma grande vitória na emancipação do Foot-Ball” (CORREIO DO POVO, 08/04/19).

O fator local também é expresso na menção de que os seus adversários tinham dificuldades de atuar no campo do São José, ao qual “na sua Bacia (como era conhecido o campo)” o empenho dos jogadores ganhava uma motivação extra. A importância do espaço também se verifica no arrendamento de um prédio para a instalação da sede social, próximo à quadra de jogos, colocando-o dentro do contexto dos “clubes de sócios” daquele período (CORREIO DO POVO, 20/01/21). A partir da aquisição do campo, reformas constantes foram sendo efetuadas para a sua melhoria, visando melhores condições de conforto para o público.

O período entre 1897 e 1923 compreende a permanência de José Montaury na Intendência de Porto Alegre, e suas medidas de governo não visavam uma reordenação do espaço e uma melhoria urbanística, o que mantém a cidade com características do período colonial (MONTEIRO, 1995:38). Em 1932, o clube troca de bairro, nesse ano suas instalações estavam localizadas no Caminho do Meio, denominado campo Bella Vista.

A estrutura da rede urbana de Porto Alegre está vinculada a História do RS, principalmente nos fatores de desenvolvimento industrial e

distribuição territorial. Até 1860, Porto Alegre tinha um papel secundário. Depois, se tornou porto fluvial. Os primeiros empresários eram imigrantes, ou descendentes de imigrantes. Isso ganhou fôlego no século XX. Em 1907, a capital tinha cerca de 35 % das indústrias do RS. As reformas urbanas expressam a vontade burguesa de alterar a ordem urbana moldando-as aos seus interesses. As modificações desse espaço e a trajetória do clube São José expressam a representação da cidade como sendo um fenômeno urbano de acúmulos de bens culturais e os espaços de práticas esportivas se inserem em rede de significados. As vivências eram confrontadas com novos padrões e práticas sociais. O futebol reflete essa expressão e também a constrói. Essas práticas e as teorias vigentes (como as higienistas) buscavam, inclusive, redesenhar a relação das pessoas com seus corpos.

Em 1936, o clube troca de bairro novamente, arrendando da prefeitura, por oito anos, um terreno localizado no arrabalde São João, onde antigamente era utilizado para pouso de carretas e ciganos (CORREIO DO POVO, 03/04/36). Grandes investimentos foram feitos, como a remoção de 4 mil metros cúbicos de terra, o plantio de leivas de capim, a construção de um pavilhão para mil pessoas, arquibancadas de cimento e de madeira, vestiários, tribuna de imprensa e serviços sanitários. Toda essa estrutura revela a preocupação e a importância do espaço no retorno esperado pelos diretores do clube aos investimentos feitos. A relação com os meios institucionais é verificada no auxílio que a prefeitura oferece para solucionar o problema de falta de água que ocorre naquela região. Engenheiros auxiliaram na construção de um poço artesiano para os chuveiros do vestiário.

A ampla expansão do futebol e seu domínio como evento de lazer cresce constantemente desde a década de 1920, e o fato desse novo campo do São José se localizar no final da linha do bonde Floresta, mostra que o ordenamento do espaço e a ampliação dos meios de transportes colaboraram para o desenvolvimento deste processo. Com os bondes torcedores de outros bairros ou admiradores do esporte podiam ter acesso

facilitado aos eventos. Este fato também mostra o processo de ampliação do quadro de torcedores do clube, que já não se resume ao grupo de sócios e mais alguns cidadãos.

Uma alteração ocorre com a chegada de Otávio Rocha a Intendência, em 1924, que reedita o plano de melhoramentos elaborado por João Moreira Maciel em 1914. Este plano parte de uma visão global da cidade, mas teve seu foco na reorganização do centro da cidade. Contudo, a reorganização imobiliária tomaria início, com medidas de desapropriações, regularizações e reordenamento. A construção da Vila dos industriários leva a prefeitura a retirar o terreno do São José, e o clube depara-se novamente sem espaço próprio.

Toda essa peregrinação, leva o clube a adquirir um terreno em definitivo na Estrada Passo D'areia, no final de 1938. Mais de um ano será necessário até as finalizações das obras do estádio que se mantêm como sede até os dias atuais, na Avenida Assis Brasil, zona norte de Porto Alegre. Não passou em branco pela imprensa este evento, que “marcará ephoca nos fatos do Foot-Ball indígena”(CORREIO DO POVO, 03/03/40).

Para a inauguração o clube promoveu uma ampla divulgação, disponibilizando automóveis à imprensa, para conhecer o novo “ground”. O Grêmio foi escolhido como paraninfo, bem como uma cerimônia solene foi realizada na inauguração. Um peremptório elogio é realizado as instalações sanitárias do estádio. Foi “o primeiro club da cidade que tratou carinhosamente [...] oferecendo conforto e hygiene” (CORREIO DO POVO, 26/03/40). Este enfoque reflete as manifestações da ideologia positivista, arraigadas nas elites governantes do Estado.

Este desejo de ordem e ajustamento dos grupos sociais também pode ser verificado pela distribuição dos espaços nas arquibancadas. Os *Chalêts* e as bancadas do campo de 1918, até o último estádio com arquibancadas de cimento, madeira e um pavilhão central, refletem as diferenças de status dos distintos grupos sociais pertencentes ao quadro do clube. Era importante estabelecer e ocupar o “seu lugar”. Também, a diferenciação econômica fica demarcada, pois aos sócios era liberado o acesso

apresentando o comprovante de pagamento da mensalidade do mês corrente. Os demais preços também variavam. Em 1924, por exemplo, o ingresso custava 2\$000, mas para senhoras e fardados 1\$000.

Estes elementos mantêm-se presentes e podem observados com clareza no processo de construção dos estádios da dupla Grenal. Ambos rivalizavam pela ampliação de seu patrimônio e no esforço que muitas vezes valia a abdicação da disputa de títulos para o investimento nos estádios. O progressivo investimento leva a uma diferenciação dos espaços e uma distinção na forma de contemplar, torcer ou assistir o jogo (DAMO, 2002:81).

O caráter civilizador e modernizante que objetiva o controle da violência, repudiada pelas elites que incorporaram o futebol moderno, era desejada como algo que canalizasse as energias agressivas para algo que não colocasse em perigo a ordem vigente. Isso ainda estava presente no imaginário deste período, onde os apelos pedem para afastar frequentadores “turbulentos contumazes e os desordeiros perigosos” (CORREIO DO POVO, 03/04/27). Para os jornalistas da época, a presença destes elementos também contribuem para “afastar de nossos ‘grounds’ o elemento indispensável a ‘torcida’ que é o Bello Sexo [...] as gentis senhoritas” (CORREIO DO POVO, 24/09/30). Este apelo também era estendido ao campo:

[...] o juiz pune a entrada do jogador zéquinha com um “fau”, facto que pela primeira vez se registra em nossos campos, pois entendem os jogadores que pelo fato de o goleiro estar com a posse da bola pode receber soccos, pontas-pé, etc. É um critério errado o que tem-se seguido até agora. O goleiro é como outros jogadores um humano [...] (CORREIO DO POVO, 09/11/26)

Assim, em todas as esferas tem-se a presença dos ideais ordenativos e controladores característicos do contexto da primeira metade do século XX, que “[...] correspondem a uma tripla necessidade: a de criar um meio tecnicamente eficaz, a de assegurar um meio de enquadramento ao sistema social, e a de ordenar, a partir de um ponto, o universo circundante” (DAMO, 2002:78).

## Considerações finais

O Esporte Clube São José tem sua história inserida no processo de difusão e massificação do futebol pelo planeta. Todavia, nos contextos locais há diferenciações e adaptações. Não ocorre um processo de simples transposição a um grupo social, nem sua criação pode ser atribuída a algum grupo específico. As camadas sociais colocam sua visão de mundo ocorrendo alterações (DAMO, 2002:31).

Em Porto Alegre, os clubes do final do século XIX e do início do século XX, têm seu foco voltado para a prática de ciclismo, remo, ginástica e outras modalidades, e têm sua origem vinculada às sociedades desportivas e recreativas (DAMO, 2002:39). A origem do São José vinculada ao colégio insere-se tardiamente se comparado com outros países.

No âmbito histórico ainda havia reflexos da ideologia positivista, e a construção de um imaginário ainda de fazia presente. As referências à batalha de Tuiuti indicam estes fatores, seu uso pelo autor do hino e as várias menções nos meios jornalísticos.

Na questão do profissionalismo, apesar das tentativas de resgatar os valores morais do amadorismo, o profissionalismo estava instituído. Ele podia ser aceito de forma aberta ou de forma oculta, como mostrou o registro das atas. Na estrutura do próprio clube estes elementos também se verificam: os constantes investimentos para as instalações dos torcedores, a aulas de educação física “afim de que não haja ‘prego’ ao final dos 90 minutos de pugna encarniçada” (CORREIO DO POVO, 14/07/40). A instituição de penalidades aos jogadores que não treinassem (CORREIO DO POVO, 01/03/17), a formação de uma comissão técnica (CORREIO DO POVO, 03/04/27). A instituição do voto secreto para a eleição da diretoria (CORREIO DO POVO, 13/12/29).

As alterações do espaço urbano refletem-se na “Via sacra” do clube. Diversas concepções urbanísticas idealizadas pelos intendentess foram alterando a geografia dos espaços urbanos. Das áreas centrais e de maior

prestígio, o campo do clube foi sendo deslocada para as zonas de periferia, acessíveis graças ao avanço do transporte de bondes. A constituição da torcida, por outro lado, não esteve atrelada a um lócus geográfico específico. Na ata de uma assembléia, estão mencionadas as possibilidades de terrenos para o novo “ground”. Menciona-se o bairro Menino Deus e o bairro São João (ATA 20/03/28). Opções distintas e não se verifica uma preocupação de permanecer no espaço antes ocupado. Pode-se argumentar que a torcida se desloca com o clube, e as presenças para a assistência dos jogos contava com elementos não-torcedores.

O desenvolvimento do caráter moderno e suas imbricações verificam-se nas diversas excursões a cidades do Estado do Rio Grande do Sul que o clube realizou. Por ferrovias, desde 1914, até por deslocamento aéreo. O clube foi o primeiro da América do Sul a viajar de avião, numa viagem realizada a Pelotas, em 1927.

A estes elementos modernos e profissionais agregam-se elementos peculiares que deixam transparecer improvisações, e o longo caminho de organização que os clubes atuais possuem. Da atuação do irmão Pedro como juiz no jogo contra o Canoense, em 1914 (CORREIO DO POVO, 03/08/14). Dos gordos churrascos regados a chopp oferecidos aos jogadores após os treinos (CORREIO DO POVO, 15/03/24). Da excursão até Guaíba, onde os últimos trinta minutos de jogo não foram disputados (devido ao atraso no início da partida), para que os jogadores não perdessem o vapor (CORREIO DO POVO, 14/02/28). Da comemoração do vigésimo aniversário, onde após a festa, diversas pessoas visitaram os sócios fundadores, que não puderam comparecer “[...] em virtude de seu estado de gordura [...]”(CORREIO DO POVO, 28/05/33) ...e tanto outros.

Neste longo trajeto, o São José conseguiu construir seu patrimônio, físico e virtual, firmando a imagem desejada do mais querido e simpático. Os autores comungam o desejo que o colunista do jornal proclamou em 1937: “God save Zéquinha...Long live Zéquinha” (CORREIO DO POVO,25/05/37)!...

## Referências

- DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade Nacional. Uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes.** Porto Alegre: EDUFRGS, 2002
- Esporte Clube São José. **90 anos. Paixão e Glória de um grande clube.** Porto Alegre, 2003
- FORTES, Alexandre. “-Nós do quarto distrito”. **A classe trabalhadora porto-alegrense e a Era Vargas.** Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação em História), 2001.
- FRAGA, Gérson Wasen. “A derrota do Jeca” **na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950.** Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado: PPGH), 2009.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Regiões-províncias na Guerra da Tríplice Aliança.* In: **Topoi:** Rio de Janeiro: PPGHS, v. 10, p. 70-89, 2009.
- GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *500 Anos de Brasil, 100 Anos de Futebol Gaúcho: a Construção da Província de Chuteiras.*In: **Anos 90** Porto Alegre: UFRGS - PPGH, v. 13, 2000.
- JESUS, Gilmar Mascarenhas de. *A febre do futebol: gênese e difusão planetária de uma inovação.* In: **A bola nas redes e o enredo do lugar: por uma geografia do futebol e seu advento no Rio Grande do Sul.** São Paulo: USP, (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Geografia Humana), 2001.
- MONTEIRO, Charles. **Porto Alegre: urbanização e modernidade. A construção social do espaço urbano.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995
- NUNES, Iran de Maria Leitão. **Os Irmãos Maristas na educação no Maranhão (1908-1920).** Disponível em: [www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0419.pdf](http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe2/pdfs/Tema4/0419.pdf)
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **RS: agropecuária colonial e industrialização.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

## **Ypiranga de Erechim: A concepção do futebol consolidada em símbolos nacionalistas**

*Luciano Anderson Breikreitz<sup>1</sup>*

O Ypiranga de Erechim traz, desde a sua fundação, uma relação bastante íntima com a construção de uma identidade que remete ao símbolos nacionalistas. Neste artigo será avaliado como aparecem os elementos de cunho nacionalista desde a fundação do Ypiranga Futebol Clube, no ano de 1924, até a construção do seu atual estádio, o Colosso da Lagoa, no ano de 1970.

O surgimento do futebol na cidade de Erechim, região norte do Rio Grande do Sul, está ligado diretamente ao processo de colonização local. No dia 30 de abril de 1918, o então governador Borges de Medeiros, assina o Decreto, que eleva o oitavo distrito de Passo Fundo à categoria de Município de Erechim, tendo por sede a Vila de Boa Vista, outrora Paiol Grande. DUCATTI NETO (1981) avalia que o território, que desde tempos imemoriais era habitado por numerosas tribos de índios, fora invadido durante os séculos XVII a XIX por um grande número de aventureiros, bandeirantes, foragidos da polícia ou fugitivos das revoluções, atravessa um novo momento. O governo do Estado toma a decisão de “desbravar” a região por meio da Diretoria de Terras de Colonização. Nos anos seguintes é implementada a iniciativa de colonização e como meio de comunicação e transporte, o governo do Estado determina a passagem da estrada de

---

<sup>1</sup>Doutor em História na Universidade de Passo Fundo (2019). E-mail: breikreitz.luciano@gmail.com

ferro pela região. E assim, por uma decisão de Estado, juntaram-se aos caboclos que moravam na região, os imigrantes poloneses, alemães, italianos e judeus, que colonizaram a região.

Zambonato (2000) avalia que, com a chegada dos colonizadores, o processo de desenvolvimento urbano de Erechim, bem como a formação a partir de diferentes origens étnicas, foi um facilitador para que os imigrantes, e seus descendentes, se reunissem a partir de clubes e associações. Em alguns casos, esses clubes, além de ter departamentos sociais e culturais, tinham o seu braço esportivo. Alba (2008) cita o Club Germânia, que reunia em seus quadros societários imigrantes alemães e seus descendentes. Sua sede possuía biblioteca, coleção de selos, aparelhos de ginástica, cancha de bolão e um campo de futebol. Alba (2008) aponta também os italianos, que fundaram a *Società Italiana de Mutuo Soccorso XX de Settembre*, como maiores difusores do jogo de bocha em Erechim. Mais tarde este clube se tornaria o Clube Atlântico, um dos clubes de futebol mais populares de Erechim, e que se manteve em atividade até o final da década de 1970.

Logo nos primeiros anos do processo de colonização de Erechim surgiram os clubes que se dedicam a prática do esporte. Em relação ao futebol, Ducatti Neto (1981) menciona dois clubes, o “Brasil Team” e o “Ítalo Brasileiro” como os pioneiros no município.

O primeiro clube de futebol de Erechim foi fundado no ano de 1910. Foi neste ano que alguns desportistas mais entusiasmados resolveram organizar o “Brasil Team”, cuja crônica histórica se perdeu no tempo. O segundo, o S.C. Ítalo-Brasileiro surgiu mais tarde e contou com uma das mais antigas equipes de futebol da região, conquistou grandes vitórias, possuiu uma sede e contou com jogadores de renome como Camilo Chitolina e outros. (DUCATTI NETO, 1981:148-149).

Zambonato (2000) considera que o sentimento gregário do homem estimula o surgimento de associações e agrupamentos. A organização desses grupos tem por base sua origem étnica, e é motivada pelo fato de que muitos imigrantes sequer falavam o português.

Apesar da organização para a prática esportiva ter iniciado por meio de associações de imigrantes, não demorou muito para surgir outros clubes, times e entidades baseados em outras características, como a proximidade geográfica, ou organização por funcionário de uma mesma empresa ou estado civil. Todos, não por coincidência, com data de fundação após a implantação do Estado Novo no Brasil, pois é neste momento que as agremiações essencialmente ligadas aos imigrantes começam a ser diluídas.

Zambonato (2000) cita alguns exemplos: O Clube Esportivo e Recreativo Brasil, que nasceu no bairro Três Vendas em 1938 e teve sua primeira sede localizada em frente à igreja do bairro. O Clube Esperança, fundado em 1940, que construiu sua sede própria somente em 1954, no local onde hoje é o bairro Esperança. O Clube Esportivo, Recreativo e Beneficente Atlético do Linho, fundado em 1952, no bairro denominado Linho. O Guaraní Futebol Clube, em 1968 e cuja sede funciona em anexo às instalações da CEEE. O Reumatismo Futebol Clube, fundado em 1966 no bar de Máximo Sideruk, que aceitava em seu quadro titular somente homens casados e dispostos a praticar qualquer atividade esportiva permitida por lei; em 1985 ele passa a se chamar Associação Cultural e Esportiva Paiol Grande. O Olaria Futebol Clube, fundado em 1958 na Parada Gauer do Desvio Giareta, onde havia uma madeireira e havia um desvio na estrada de ferro para maior comodidade no carregamento dos vagões. Esporte Clube 14 de Julho, que nasceu em 1936, e era considerado a “pedra no sapato” do Clube Atlântico; os torcedores costumavam dizer que quando o Atlântico vencia seu maior rival, o Ypiranga, tropeçava na garra do 14 de julho.

## **1 – Nasce o clube da “Nação Brasileira”**

Vamos dedicar uma atenção especial a um clube que surge imerso em uma sociedade formada por imigrantes de diferentes locais da Europa, (poloneses, alemães, italianos e judeus), e que procurou, desde sua fundação, uma identidade com símbolos do nacionalismo brasileiro.

Corria o ano de 1924, período do centenário da Independência do Brasil, e durante os vinte anos anteriores uma série de clubes esportivos/sociais, e diversas agremiações são fundadas com nome em homenagem ao riacho Ipiranga, que havia se tornado um símbolo nacional. Isso também acontece em Erechim. Ducatti Neto (1981) ao registrar a história da fundação do Ypiranga, relata que alguns fundadores do clube faziam parte do primeiro clube de futebol erchinense, o Brasil Team. Para o autor, tanto o nome do clube, quando as cores escolhidas são referência de patriotismo:

Na tarde daquele longínquo 18 de agosto, disputavam uma partida de futebol o extinto S.C. Ítalo Brasileiro e os remanescentes do Brasil Team. Estes perderam o jogo que Theodoro Tedesco qualificou de “pelada”, e após o jogo, vários desportistas resolveram fundar um novo clube. A ideia partiu de um grupo de 24 amantes do futebol, entre os quais se encontravam João Vitorino dos Reis, Florêncio Antunes de Oliveira, Dr. Sigismundo Pollak, Favorino Pinto, Themístocles Ochôa, Heraclides Franco, Fioravante Tagliari, João Magnabosco, Theodoro Tedesco, Arthur Incerti, Paulo Damaceno Ferreira e Vitório Alovisi. No mesmo dia essas pessoas se reuniram no salão de festas do Hotel Central, de propriedade de Florêncio Antunes de Oliveira, instalado onde mais tarde funcionou a casa Arioli. A reunião teve início às 18 horas e a primeira providência tomada foi relacionada ao nome que deveria ter a nova entidade. Velhos moradores de Erechim afirmam que este grupo eram ardorosos patriotas e desde logo escolheram as cores verde e amarelo para o pavilhão desta agremiação e para o fardamento e, nessa ocasião um dos presentes, João Antonio Sicoli, teria gritado: “Então Viva o Ypiranga S.C.”. A verdade é que este foi o nome escolhido e, na mesma data, foram escolhidos por aclamação o seu primeiro presidente, Francisco de Oliveira Dias e Florêncio Antunes de Oliveira, os quais foram imediatamente empossados. (DUCATTI NETO, 1981:149).

O ex-patrono do Ypiranga, Chico Pungan (2012) esclarece que tanto o nome quanto as cores identificaram o Ypiranga com a nação brasileira. Com relação aos motivos que levaram a fundação do clube, Pungan (2012) destaca que houve uma briga com o time dos imigrantes italianos, e isso foi o motivador para formar um novo clube +de futebol na cidade.

Houve uma briga com o Ítalo Brasileiro, que era formado na sua maioria por italianos e formou-se o Ypiranga [...] havia uma rivalidade, no bom sentido, e um determinado grupo resolveu formar um outro time, porque pensavam que a maneira que as coisas estavam não ia dar certo. Na época da fundação do Ypiranga haviam dois times em Erechim: o Ítalo Brasileiro e o Douradense, mas o único que era da área urbana de Erechim era o Ítalo-Brasileiro, o Douradense era de um distrito. (PUNGAN, 2012)

Após a fundação do Ypiranga, no ano de 1924, o Ítalo-Brasileiro passa a rivalizar com o clube Canarinho. Poucos anos depois o Ítalo encerra suas atividades. O jornal “A Voz da Serra”, de 28 de novembro de 1971, traz na coluna “Dos Arquivos de AAC”, um relato deste período. O jornal ainda traz a informação de que algumas pessoas ligadas ao Ypiranga haviam sido ligadas ao “Brasil Team”, e que alguns desportistas do Ítalo-Brasileiro fundariam, anos depois o Atlântico FC. Porém, a reportagem não associa diretamente o Brasil Team com o Ypiranga, tampouco o Ítalo-Brasileiro com o Atlântico. O produtor do material jornalístico comete um erro, afirmando que o Ítalo-Brasileiro havia sido extinto no ano de 1926. Documentos, trazem o registro de que ele se manteve em atividade até 1929:

O SC Ítalo Brasileiro, gloriosamente falecido em 1926, foi uma instituição do Erechim famoso. Congregando uma boa parte da elite de então e, numa rivalidade furiosa com o nosso velho Ipiranga, teve, na sua curta vida, dias de fausto e de grandeza, empolgantes para a época.

Dizem os menos avisados que o Atlântico é constituído de “resíduos” do Ítalo, o que não é verdade. Realmente, muitos ex-militantes do falecido integram hoje as hostes rubro-verdes. No entanto, antigos membros do Ítalo, são hoje firmes amarelos (e eu cito o meu grande amigo Jardino Schenato, que até foi presidente do Ipiranga). A verdade incontestável é que o Ítalo-Brasileiro, guardadas as peculiaridades daquele tempo, foi um grande clube, respeitado e admirado. [...] As brigas que ocorriam entre alvi-celestes e auri-verdes provocavam muita “fofoca”, entre as quais, disputa de jogadores. (A VOZ DA SERRA, 28 de Novembro de 1971: 5)

Com o fechamento do Ítalo-Brasileiro, o futebol erechinense sofre dias de incerteza nos anos seguintes. O Ypiranga também passa a ter dificuldades para manter seu quadro em atividade, visto que a ausência de uma rivalidade desmotivou a prática esportiva e o futebol em Erechim, que dessa forma passou a viver de algumas improvisações. Alba (2008) relata que este vácuo no futebol local fez com que novamente grupos se organizassem para o surgimento de uma nova agremiação, o Atlântico:

Começou assim... Um quadro organizado às pressas, para a disputa de jogos varzeanos, na Floresta, no Kilômetro 10 etc [...] O quadro parece que nem tinha nome [...] O futebol paralisado em Boa Vista do Erechim. Com o desaparecimento do S.C. Ítalo Brasileiro, 1929, Ipiranga também cessara as suas atividades futebolísticas, e formavam-se, então, quadros de ocasião para a realização de disputas sem maior importância. [...] Dessas improvisações é que surgiu a idéia da fundação do Atlântico, o que se realizou em 3 de fevereiro de 1937. (ALBA, 2008:55).

As disputas que eram vivenciadas entre Brasil Team e Ítalo Brasileiro, passam a acontecer, após 1924, entre Ypiranga e Ítalo Brasileiro. A partir de 1937, e pelas próximas quatro décadas, surge a maior rivalidade do futebol erechinense: Ypiranga vs. Atlântico. A rivalidade aconteceu até o ano de 1976, quando o clube verde-rubro (Atlântico) encerrou as atividades do departamento de futebol profissional.

Alba (2008) relata que, logo após a fundação do Atlântico FC, originou-se um grande espírito de competitividade com o Ypiranga. Desde 1929 não havia competições oficiais em Erechim e, com o surgimento do Atlântico, foi possível reativar a associação que dirigia o futebol na região, com o objetivo de organizar campeonatos.

O radialista Francisco Basso Dias (2012), exemplificou a acentuada rivalidade que vigorava na época:

Só para citar um exemplo, em Erechim existia um local que se chamava “Café Grazziotin” que ficava na Avenida Mauricio Cardoso, no centro da cidade e era um dos principais pontos de encontro de Erechim. O salão deste café era dividido ao meio. No lado esquerdo ficavam apenas torcedores e lideranças do

Atlântico, já no lado direito ficavam somente pessoas identificadas com o Ypiranga. Na época, as pessoas que paravam no local para tomar um cafezinho em uma segunda-feira após um Atlanga, se formava um burburinho, haviam provocações, mas claro, tudo sempre dentro daquele espírito esportivo. (BASSO DIAS, 2012).

## **2 – Os estádios: De Getúlio Vargas à Médici**

Dentro de campo o Ypiranga sempre se colocou na condição de um representante dos símbolos nacionais brasileiros. Isso também aconteceu fora de campo. Logo após a sua fundação, o Ypiranga passa a investir no patrimônio físico do clube. O clube teve quatro sedes, por duas vezes, incêndios destruíram o patrimônio físico do clube.

O primeiro investimento feito em patrimônio foi a compra de uma chácara para a construção de sua sede. A aquisição aconteceu em 1928, onde atualmente é o bairro Ipiranga, no local foi estruturado o seu primeiro campo e mais tarde seu primeiro estádio. No ano de 1945, o clube inaugurava neste local um pavilhão, que abrigava com mais comodidade seus torcedores. A estrutura inaugurada recebeu o nome de “Pavilhão Getulio Vargas”. O objetivo era homenagear as políticas públicas que, no entendimento dos diretores do clube, beneficiavam a juventude brasileira. Getúlio Vargas havia assumido a presidência em 1937, e seu primeiro governo terminaria somente em 1946. Este período ficou caracterizado pela implantação do Estado Novo e pelas políticas nacionalistas.

Pungan (2012) enfatiza que depois que o Ypiranga já estava estruturado com seu campo na Rua Bento Gonçalves, os sócios viram a necessidade de ter uma sede social, mas o terreno da Rua Bento Gonçalves era muito pequeno e sem condições físicas de abrigar uma sede. Desta forma os sócios buscaram uma maneira de adquirir outra área para a sede social e assim foi incorporado ao patrimônio um terreno localizado onde atualmente é a Rua Alemanha. Muitos documentos históricos do Ypiranga, em um incêndio que aconteceu neste local em 1960.

Este incêndio acarretou uma grande mudança na história do Ypiranga. Com a perda daquela sede era preciso reerguer uma nova

edificação. E a mobilização para a construção da nova sede deveria levar em conta o crescimento do quadro associativo. E é neste contexto que surge a figura de Dionísio Sganzerla, que propôs uma maneira de vender títulos patrimoniais e construir um grande estádio.

Pungan (2012) relembra o impacto que as ideias trazidas por Dionísio Sganzerla causaram aos sócios e colaboradores do clube:

Todos diziam que ele era um sonhador, que construir um estádio daquele tamanho em Erechim seria impossível. Mas o presidente do Ypiranga Oscar Abal aceitou a ideia e fizeram o lançamento de títulos patrimoniais. O Ypiranga comprou a chácara da Avenida Sete de Setembro, montou um grupo para organizar o processo. Haviam pessoas que se dedicavam quase 24 horas por dia para fazer com que o processo desse certo. Algumas pessoas largaram seus interesses pessoais e de suas empresas para se dedicar a este projeto (PUNGAN, 2012).

O cronista esportivo Antônio Augusto Meireles Duarte cobria o Campeonato Gaúcho no período de construção do Colosso da Lagoa e conheceu os bastidores e a política interna do Ypiranga. Para ele o principal motivo que levou o Ypiranga construir um estádio onde cabia grande parte da população da cidade foi o modelo para a captação dos recursos:

Dionísio Sganzerla, é erchinense e ypiranguista, andou pelo interior de São Paulo e viu que as agremiações daquela região faziam sorteio de um automóvel por semana e se mantinham muito bem. Ele sentiu que o Governo permitia esses sorteios. Então ele copiou este modelo e trouxe para Erechim se prontificando com o Oscar Abal, que foi o presidente do Ypiranga e com o Dr. Silveira que era um dos mandatários do Ypiranga, e realizou uma exposição desta idéia. Os dirigentes perceberam que a idéia era boa, mas disseram para ele: “Toma conta e faz, que nós não temos condições”. Este era um plano para ser vendido em toda região.

Imediatamente eles encontraram o local, fizeram um esforço e primeiramente motivaram a cidade. Foi um sucesso. Toda a cidade ypiranguista comprava e toda a semana saía um carro, que era anunciado nas rádios, inclusive nas rádios de Passo Fundo. Aqui (Passo Fundo) teve vários ganhadores. Inclusive teve um, o “Seu Ortiz”, morava no Boqueirão e ganhou dois carros. Eram dois

Vemaguetes. Eu fazia entrevista com os ganhadores. (MEIRELES DUARTE, 2012).

O plano consistia em um pagamento mensal, que permitia concorrer semanalmente a automóveis, geladeiras, motos, entre outros prêmios. Isso acabou se disseminando, e o Ypiranga chegou a ter 60 mil sócios, inclusive no exterior. A grande maioria dos sócios talvez nem fossem de torcedores do Ypiranga, mas compravam os títulos para concorrer aos prêmios.

Pungan (2012) lembra que o Ypiranga buscou ter credibilidade desde o começo do plano e, para o primeiro sorteio, foi feita a proposta de que se saísse um número que não havia sido vendido, o número mais próximo levaria o Fusca. Mas o número sorteado havia sido vendido e o primeiro ganhador foi um rapaz da cidade de Getúlio Vargas. Isto trouxe credibilidade para o Ypiranga, pois as pessoas começaram a ver que os prêmios realmente estavam sendo entregues. Foram quase seis anos vendendo títulos e o Ypiranga conseguiu construir seu estádio.

Para Meirelles Duarte (2012), o diferencial do Ypiranga foi o pioneirismo. Como não havia outros planos nestes moldes, um número muito grande pessoas acabou abraçando o modelo de títulos. Tanto que logo outros clubes começaram a copiar, mas como o Governo Federal os proibiu, os outros clubes não tiveram tempo para concluir os estádios:

Imediatamente os clubes se avivaram e o 14 de Julho trouxe o modelo para Passo Fundo, fez um grande lançamento, o Gaúcho também fez um lançamento. Alguns casos não eram para a construção de novos estádios, mas sim para ampliação do estádio já existente e/ou para a manutenção do futebol. Na metade do caminho infelizmente o Governo meteu a mão. Alegou que aquele modelo de captação de dinheiro era ilegal, porém Erechim já estava com todo o dinheiro assegurado. Pois o plano do Ypiranga abrangia uma área muito grande. Vinham os vendedores com as cartelas e os títulos e as pessoas compravam pois o prêmio de um automóvel por semana era muito bom, pois o preço da cartela era quase irrisório. Com isso o Ypiranga conseguiu concluir o estádio e outros clubes como o Gaúcho e o 14 de Julho utilizaram parte do sorteio, precisaram interromper na metade, mas não passaram de um pequeno melhoramento. Na época a direção dizia que iria colocar a cidade

inteira dentro do estádio. (MEIRELLES DUARTE, entrevista feita em agosto de 2012).

Pungan (2012) afirma que o Ypiranga buscou inovar em todos os sentidos no processo da construção, como a iluminação para jogos noturnos e a drenagem do gramado, que permitia jogos em dias de chuva forte. Os vestiários traziam uma série de confortos, contando com banheira para hidromassagem.

O jornal Diário da Manhã de 2 de setembro de 2010, enfatiza o investimento feito na iluminação do estádio, que na época da inauguração, indiscutivelmente era uma das melhores do Brasil. Tratava-se de um novo sistema de iluminação de estádios de futebol criado pela Phillips, sendo composto por lâmpadas halógenas de mercúrio cristalizadas tendo por base quatro torres de cimento, medindo 40 metros de altura e dispostas em forma de X. O sistema de iluminação era um marco para os padrões da época, completamente diferente das costumeiras vistas por todo o país. Seu custo total foi de 162 mil cruzeiros novos, sendo o segundo do mundo adotar com tal sistema de iluminação - o primeiro foi o Estádio Olímpico da cidade de Frankfurt, na antiga Alemanha Ocidental.

A venda de títulos foi proibida pelo governo militar, Danton Hartmann, ex- dirigente do Ypiranga, destacou que em entrevista para o jornal J Albet, que Erechim conquistou o objetivo de construir um cartão postal:

Construído em três etapas, a primeira pela construtora Von Muhien, a segunda pela Construtora Pagnocelli e a terceira pela Construtora Gaúcha, o estádio foi concluído conforme o projeto dos arquitetos Celso e José Carlos Mafessoni - mas... mas faltou dinheiro, o plano de títulos fora proibido pelo governo e o que estava para ser construído atrás do estádio, como outras benfeitorias para associados não puderam ser encerradas. Sim, sim, é a pura verdade o que diz Danton Hartmann: “O Colosso da Lagoa é o maior cartão postal que Erechim jamais teve”. No festival de inauguração do estádio, um jornal de São Paulo teria publicado em página inteira do jornal tamanho standart - tipo Correio do Povo antigo uma foto do Colosso da Lagoa. Conta ainda Danton Hartmann: “Na Copa do Mundo da Alemanha o ponteiro direito

do Valdomiro (Inter) ao dar uma entrevista disse que o estádio onde a seleção jogaria “Estádio da Floresta”, lhe lembrava o Colosso da Lagoa de Erechim...”. (JORNAL J ALBET, 6 de setembro de 2000).

O estádio recebeu o nome de Colosso da Lagoa. Porém, em alguns documento da época o estádio é citado como “Estádio Olímpico Presidente Médici”, Pungan (2012) esclarece que na época da construção alguns associados propuseram que o nome do estádio fosse uma homenagem ao presidente na época, entretanto, ainda durante a construção, houve a proposta do nome do estádio ser “Colosso da Lagoa”, que acabou ganhando o gosto popular.

### **3 – Na carona do ufanismo da Copa de 1970**

Após a construção do Colosso da Lagoa, uma grande festa é programada para a inauguração, que aconteceu em setembro de 1970. O estádio teve na sua inauguração partidas dos times que jogavam os craques brasileiros, campeões mundiais da Copa do Mundo de 1970. Estes atletas foram amplamente utilizados como garotos-propaganda do governo brasileiro da época. Além de clubes de expressão regional, como Atlântico, Esportivo e Ta-Guá de Getúlio Vargas, foram convidados clubes que tinham atletas brasileiros disputando a Copa do Mundo de 1970, como Santos F.C., Grêmio Porto Alegre, Botafogo de Futebol Regatas, Esporte Clube Internacional, Cruzeiro, além do Independiente da Argentina.

Na época, o Governo brasileiro mostrou competência no uso político da Seleção Canarinho na Copa do Mundo do México de 1970. Durante a Copa, o então presidente, General Emílio Garrastazu Médici, conseguiu associar a imagem do governo com o povo, tendo como elo o futebol. Guedes (1998:54) analisa que foi por meio do futebol que o brasileiro finalmente se viu representado através dos símbolos do Estado Nacional como a bandeira, o hino e as cores verde e amarela. Os valores desses elementos antes do futebol eram propriedade de uma elite restrita e dos militares.

Na busca por associar sua imagem e a de seu governo à seleção de futebol, o presidente encontrou um obstáculo muito complexo durante os jogos que precederam a viagem para o México. O jornalista João Saldanha foi escolhido pela Confederação Brasileira de Desportos como técnico da seleção. Impôs uma metodologia de trabalho onde ele era o centro das atenções. Seu perfil “folclórico” causava um descompasso ideológico e de imagem com o governo militar da época. Saldanha foi descrito desta maneira:

Comunista exaltado e boêmio de praia, imaginoso e encenqueiro, que garantia ter participado da Grande Marcha de Mao Tsé-Tung e desembarcado com as tropas de Montgomery na Normandia, Saldanha dirigiu com uma independência indomável a seleção brasileira em plena ditadura Garrastazu Médici, por um ano, dando-lhe o toque decisivo para que ela viesse a ser o que foi. O que parece ser uma proeza menor do que as duas anteriores e nunca confirmadas, a da China e a da Normandia. (WISNIK, 2008:280)

O então técnico Saldanha tinha sua imagem associada com as ideias de esquerda e com hábitos de vida nada compatíveis com a austeridade moral propagada pelo regime militar. Para o regime, a juventude e a família brasileira não poderiam ter por espelho a antítese da tábua moral e ideológica que os militares queriam propagar. Seria necessário agregar ao time de 1970 uma figura condizente com o novo padrão moral estabelecido: um sujeito de família, de reputação ilibada, servil e indiscutivelmente um patriota.

Saldanha foi demitido e em seu lugar entrou Mário Jorge Lobo Zagallo, que já havia participado das duas conquistas anteriores da Copa do Mundo como jogador. Com a mudança de técnico surge também uma mudança de filosofia. Wisnik (2008), enfatiza que o processo de mudança contou também com a chegada de Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, que dariam suporte ao novo técnico naquilo que realmente interessava em termos de resultado: preparação física e estudo tático. A intenção foi pensar o futebol do ponto de vista da organização tática e de sua imposição tecnocrática. O mesmo autor enfatiza que este é o marco

inaugural no campo dialógico do futebol brasileiro e o princípio de otimização do rendimento.

Guterman (2006) não estabelece uma relação direta entre a queda do técnico Saldanha e o presidente Médici. Uma série de fatores, principalmente os relacionados a desentendimentos pessoais teriam motivado a troca de treinador. Porém, cabe ressaltar que mesmo sem ter uma participação direta na saída de Saldanha, Médici foi beneficiado, principalmente considerando as características disciplinadoras dos novos profissionais que assumiram os cargos dentro da Comissão Técnica.

Médici também foi beneficiado por outro fator além da troca do técnico: a ampla exposição midiática da Copa de 1970. Guterman (2006) lembra que, pela primeira vez, uma Copa do Mundo foi transmitida ao vivo para o território nacional. A implantação da novidade tecnológica cumpre papel fundamental se for considerada a idéia de Wisnik (2008:52), quando explica que enquanto psicologia de massas, o futebol se inclui, em princípio, entre aquelas formações de hipnose compartilhada em que o sujeito se identifica cegamente, ao lado de outros que compartilham a sua identificação, com um objeto no qual reconhece um ideal de “eu”. A população se reconhecia na seleção brasileira, pois ali não haviam mais colorados ou gremistas, palmeirenses ou corintianos, vascaínos ou flamenguistas, todos se identificavam como torcedores de uma mesma equipe.

Guterman (2006) defende a idéia que a transmissão de TV reforçou o caráter nacional do país em construção pelo regime: dezesseis estados receberam as imagens da Copa, contribuindo para a sensação de unidade que a ditadura pretendia. Um torcedor em São Paulo testemunhava o mesmo fato, no mesmo instante, que um torcedor no Rio Grande do Norte.

Burke (2006) ao fazer uma análise dos meios de comunicação, destacando os contextos sociais e culturais em que eles emergem e se desenvolvem, enfatiza que o surgimento de uma nova tecnologia sempre é acompanhado de muitas novidades sociais. Isso acontece pelo fato de que as inovações tecnológicas são capazes de provocar reviravoltas na

estrutura das sociedades e nos costumes de diferentes culturas. Médici encontrou aqui uma grande oportunidade de se popularizar, algo que buscava desde que assumiu o cargo. A idéia fica clara em seu discurso de posse, no dia 27 de outubro de 1969: “Espero que cada brasileiro faça justiça aos meus sinceros propósitos de servi-los e confesso lealmente que gostaria que meu governo viesse, afinal, a receber o prêmio de popularidade” (Burke, 2006).

Guterman (2006) relata atos de Médici durante as partidas da Copa. Ele buscava associar a sua imagem a de um torcedor comum, um fã do futebol, com um apelo autêntico. Buscava dar palpites para reforçar a idéia de que realmente entendia do esporte e, quando acertava o placar das partidas, gabava-se do feito. O presidente gostava de comentar sobre futebol nos bastidores, incluindo quando tinha contato com jornalistas. Fazia questão de ligar para a Comissão Técnica da seleção após algumas boas atuações e dirigia-se pessoalmente aos atletas, perguntando sobre o estado de saúde no caso dos contundidos. Fazia questão de falar publicamente sobre futebol enquanto recebia a visita de representantes de outros países. Reuniões em horários conflitantes com os jogos da seleção eram abertamente remarcadas para que pudesse acompanhar as partidas. De alguma maneira, essas informações eram veiculadas em meios de comunicação, não diretamente pelos assessores do presidente, mas por aqueles que tinham algum contato ou presenciaram essas atitudes. No dia da conquista do tricampeonato, Médici foi fotografado com uma bandeira do Brasil, não em um gesto cerimonial, mas em uma atitude de quem estava visivelmente comemorando.

Em reportagem sobre a comemoração do tricampeonato, o jornal Folha de São Paulo descreveu a cena:

Ao término da partida, o presidente mandou que os torcedores que se encontravam na praça fronteira entrassem para o Palácio e saiu para o meio do povo, enrolado em uma bandeira brasileira. Os torcedores o carregaram. Quando o puseram no solo, o presidente pegou uma bola dos netos e começou a mostrar sua habilidade no esporte em que o Brasil é campeão mundial. Fez

embaixadinhas e chegou a dar umas de calcanhar, sendo estimulados pelos fãs, que diziam 'se do Zagallo soubesse, hein, presidente (GUTERMAN, 2006:62).

O clima de nacionalismo também se refletiu em Erechim. Os veículos de comunicação exaltaram o feito dos atletas brasileiros com orgulho. A matéria publicada no jornal Voz da Serra do dia 30 de julho de 1970, com circulação em Erechim e região, trouxe uma reportagem de página inteira exaltando o feito dos atletas brasileiros:

O 21 de Junho de 1970 ficará, para sempre, gravado não só na história do esporte brasileiro, mas na própria história de nossa Pátria, pois foi o dia em que, após quarenta anos de pelepas futebolísticas, vimos o pavilhão auriverde tremular no mastro da vitória, pela conquista do Tri-campeonato Mundial e a Copa Jules Rimet vir definitivamente para o Brasil. (...) 95 milhões de brasileiros estavam ouvindo as palavras dos locutores das rádios emissoras ou com os olhos fitos na imagem dos aparelhos de televisão, acompanhando as homenagens tributadas aos destemidos lutadores, que souberam superar todas as dificuldades para elevar mais alto o nome e o conceito do nosso querido Brasil. (A VOZ DA SERRA, 30 de junho de 1970)

A direção do Ypiranga fez a aposta de trazer estes ídolos para Erechim. A festa ganhou notoriedade na imprensa de todo o Brasil, que analisava com entusiasmo e empatia a ação de marketing do clube do interior do Rio Grande do Sul. A Folha Esportiva de 12 de agosto de 1970 descrevia a participação do Santos F.C. no Festival de Inauguração:

Cem mil cruzeiros novos, cerca de 21 mil dólares. Esta a quota milionária que o Santos Futebol receberá para ser o paraninfo do Estádio do Ypiranga de Erechim a 6 de setembro. O clube santista, quando recebeu a proposta do Ypiranga quase não acreditou. Afinal... 21.000 dólares é quota que muitas seleções nacionais jamais receberam para jogar uma partida e o próprio Santos, quando consegue tal quota no exterior manda ordem para as pessoas de Vila Belmiro soltar Foguetes. Pois o Santos vai ganhar cem mil novos livres de qualquer despesa para jogar em Erechim, no grande festival que vai marcar a inauguração do Gigante da Lagoa (...). (FOLHA ESPORTIVA, 12 de agosto de 1970).

O custeio do festival de inauguração era oriundo de duas fontes. A primeira era da bilheteria dos jogos e a segunda era com a venda de placas de publicidade.

O primeiro gol oficial do estádio aconteceu durante a partida inaugural entre o Santos F.C. e o Grêmio Futebol Porto-Alegrense, no dia 2 de setembro. A vitória foi do time paulista pelo placar de 2 a 0, com gols de Pelé e Léo. O primeiro gol do novo estádio foi o de número 1040 de Pelé. No momento do gol houve uma solenidade comemorativa, inclusive com a paralisação da partida, promovida pela Rádio Tupi de São Paulo, cujo prefixo era 1040.

O Ypiranga jogou três partidas durante o evento, enfrentado o Esportivo de Bento Gonçalves, o Ta-guá, tradicional adversário do município de Getúlio Vargas, e o archi-rival Atlântico. O anfitrião venceu todos os seus jogos, e soprou luzes de um promissor futuro na sua nova casa. As vitórias contagiavam ainda mais os torcedores e a perspectiva do aumento do quadro de associados e a renda das bilheterias deram a impressão que o clube subia os degraus do panteão dos grandes clubes do futebol.

Para o cronista esportivo Meirelles Duarte (2012), o Festival de Inauguração foi um evento realmente grandioso. “Eu estive na tribuna de honra com o bispo de Passo Fundo, o representante do Governo do Estado, vieram ainda representantes da CBF lá do Rio de Janeiro. Todas as entidades deram todo o prestígio e todo o apoio” comentou o cronista. Ele conta que um dos grandes momentos do Festival foi o gol de Pelé:

Eu estava transmitindo todos os jogos do Festival de Inauguração. E estava trabalhando quando o Pelé fez o seu gol no estádio. Foi o gol 1040 na sua carreira. O pessoal da rádio Tupi, perseguia o Pelé em todos os jogos que ele fazia, com uma camiseta com o número 1040, que era o prefixo da rádio. Esse pessoal da rádio estava dando azar, pois já faziam dois jogos que o Pelé não marcava. Antes do jogo ele mostraram para todos os erchinenses a camisa e quando o Pelé marcou o gol, entrou o pessoal da Tupi e trocou a camisa 10 pela 1040. (MEIRELLES DUARTE. Entrevista concedida em agosto de 2012).

A festa com os “heróis brasileiros”, no entanto, acabou trazendo grandes prejuízos para o Ypiranga. Pungan (2012) destaca que a noite com o maior público foi quando jogaram Santos e Grêmio. Nas outras noites o público ficou aquém do que era esperado. Inicialmente as pessoas não viajaram para Erechim em função da chuva, e porque o acesso para Erechim era muito difícil. As estradas que chegavam na cidade não eram pavimentadas, mesmo a av. Sete de Setembro tinha apenas uma das vias calçadas. Mesmo assim, estiveram em Erechim pessoas de diferentes pontos do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná para ver os grandes clubes brasileiros com os jogadores que haviam sido campeões mundiais em 1970.

Meirelles Duarte (2012) enfatiza que muito mais que uma obra física, o Colosso da Lagoa, juntamente com o Festival de Inauguração, ajudaria o Ypiranga a se consolidar no cenário do futebol. E principalmente, ser reconhecido por outros grandes times do país e do exterior como um grande clube desportivo.

Em 1970 o futebol brasileiro alcançava seu auge até então. Os jogadores da seleção brasileira de 70, e principalmente, os atletas do Santos FC e Botafogo, base do selecionado nacional, eram vistos como heróis pela população. O Ypiranga buscou nas suas raízes os elementos com os símbolos nacionalistas para promover uma ação de marketing e a imagem do seu estádio, um dos principais do Brasil na época, para se consolidar no cenário do futebol.

É importante, considerar, entretanto, que, tão importante quando a ação de marketing durante a inauguração do seu estádio, foi consolidar a relação direta do clube com um pilar nacionalista. Fundado em Erechim, uma cidade culturalmente imersa em elementos trazidos por imigrantes oriundos de diferentes parte da Europa, o Ypiranga seria a referência dos símbolos nacionais dentro do âmbito esportivo. Ao longo da sua história batizaria sua estrutura física com nomes de presidentes, (Getúlio Vargas e Médici), e rivalizaria com clubes ligados a imigrantes locais. Ao construir

um dos principais estádios brasileiros durante a década de 1960, a direção do Ypiranga investe para associar a sua imagem aos “heróis brasileiros”, campeões da Copa do Mundo de 1970 estabelecendo novamente a sua imagem com os símbolos nacionalistas.

## Referências

ALBA, Jorge Antônio. **Memórias do Clube Esportivo e Recreativo Atlântico da cidade de Erechim**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2008.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2006.

DUCATTI NETO, Antônio. **O Grande Erechim e sua História**. Porto Alegre, EST, 1981.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos do significado do futebol brasileiro**. Niterói, RJ: EDUFF, 1998.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica do Brasil: O caso da Copa de 70**. Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo sob a orientação do Prof. Doutor Antonio Pedro Tota. 2006.

ZAMBONATTO, Aristides A. **Os meus Erechim**. Edelbra 2000.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio: O Futebol e o Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

## Fontes Primárias

A VOZ da SERRA. Erechim, 28 de novembro de 1971.

DIÁRIO DA MANHÃ. 2 de setembro de 2010.

FOLHA ESPORTIVA. São Paulo, 12 de agosto de 1970.

JORNAL J Albet – Rumos. Erechim, 6 de setembro de 2000.

## **Entrevistas Realizadas**

DIAS BASSO, Francisco. Radialista. Entrevista realizada em 2012.

MEIRELLESDUARTE, Antônio Augusto. Cronista Esportivo. Entrevista realizada em 2012.

PUNGAN, Chico. Ex-Patrono do Ypiranga. Entrevista realizada em 2012.

## **História, memória e identidade através do futebol operário e amador da região carbonífera do Rio Grande do Sul - Brasil**

*Tassiane Mélo de Freitas*<sup>1</sup>

19 de agosto de 2018. Estádio Orlando Ventura, Arroio dos Ratos, região carbonífera do Baixo Jacuí<sup>2</sup>, Rio Grande do Sul, Brasil. Os termômetros não marcavam baixas temperaturas como comumente encontramos nesta época do ano no Estado. Pelo contrário, dia de sol brilhante e calor. Somado a isso, muita música, encontro de amigos e famílias e, logicamente, futebol. Esta é a descrição de parte da festa em comemoração ao centenário do mais antigo clube de futebol fundado nas minas de carvão da região: o Esporte Clube Brasil.

O município de Arroio dos Ratos está localizado a cinquenta e cinco quilômetros de Porto Alegre e entre as marcas de sua história e memórias, além do nome peculiar<sup>3</sup>, está o fato de ser considerado o local onde se instalou o primeiro complexo carbonífero do Brasil.

---

<sup>1</sup> Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural. Doutoranda em História (PPGH - UFSM). tassimelo@gmail.com.

<sup>2</sup> Esta região compreende os municípios historicamente marcados pela atividade econômica da extração de carvão mineral. São estes: Arroio dos Ratos, Butiá, Charqueadas e Minas do Leão. Outrora estas localidades foram distritos do município de São Jerônimo. A partir da década de 1960 iniciaram os processos de emancipação política começando por Butiá, até então quarto distrito de São Jerônimo.

<sup>3</sup> Segundo Witkowski (2019:32) "[...] o nome do município apareceu pela primeira vez em um mapa elaborado pelo padre Tomás Clark, da paróquia de Triunfo, quando foi organizado, no ano de 1756 [...]. A hipótese mais correta para esta denominação está relacionada a uma espécie de roedor aquático, popularmente conhecido como rato do banhado. Estes animais, na época, outrora abundantes na região, tinham a pele aproveitada na indústria chapeleira, além de possuírem uma carne apreciada. Hoje, em menor número, é considerado como uma espécie em extinção e sua caça proibida".

Na primeira metade do século XIX foram realizadas as primeiras sondagens do solo da região visando averiguar a existência de carvão mineral e sua qualidade. Porém somente através do decreto do governo imperial sob o número 4.921, de treze de abril de 1872, foi concedida a autorização de funcionamento da primeira mina de carvão do Brasil à empresa formada por James Johnson e Ignacio José Ferreira de Moura, a *The Imperial Brazilian Collieries C. Limited*. Após a falência da *The Imperial*, outras empresas foram formadas, entretanto o ápice desta indústria na região, e mais especificamente em Arroio dos Ratos, ocorreu entre as décadas de 1930 e 1940 sob a égide do Consórcio Administrador de Empresas de Mineração, o CADEM, que controlou a mineração na região por cerca de três décadas.

Em 1918 a pior guerra já vista até então pelo mundo chegou ao fim. Em 11 de novembro daquele ano a Alemanha e os Aliados assinaram o armistício de Compiègne, o cessar fogo que deu fim à guerra. Neste mesmo ano outra guerra era travada, porém no campo epidemiológico: contra a chamada "gripe espanhola". Dos meses de outubro a dezembro de 1918, o jornal A Federação<sup>4</sup> noticiou diariamente sobre os efeitos da pandemia no Brasil e no mundo, além de apresentar "soluções mágicas" por meio de diversas fórmulas que prometiam a cura para a avassaladora "influenza espanhola".

Também no ano de 1918 na localidade das antigas minas de carvão de São Jerônimo, mais precisamente no até então distrito de Arroio dos Ratos, foi fundado o Esporte Clube Brasil. Até então não há registros de outros clubes na região que tenham sido fundados antes deste. Levando em conta as fontes encontradas em acervos pessoais, Arquivo da Federação Gaúcha de Futebol e Arquivo Histórico da Mineração<sup>5</sup>, afirma-se que este foi o primeiro clube de futebol operário e amador fundado na

---

<sup>4</sup> O jornal A Federação (1884-1937) foi o principal veículo de divulgação dos ideais políticos do Partido Republicano Rio-Grandense (PRR). Sobre a gripe espanhola e o futebol em Porto Alegre através das notícias veiculadas pelo jornal A Federação, ver: <<https://www.ludopedio.com.br/arquivancada/gripe-espanhola-futebol-porto-alegre/>>. Acesso em 11 set. 2020.

<sup>5</sup> Arquivo localizado junto ao complexo cultural do Museu Estadual do Carvão, em Arroio dos Ratos - RS.

região das minas. Embora as fontes orais apontem para o seu histórico rival local, o Esporte Clube Guarani, como sendo fundado um ano antes<sup>6</sup>, analisando outras fontes documentais conclui-se que o Esporte Clube Guarani foi fundado oficialmente apenas em 1924.

Para além das curiosidades históricas acerca das datas de fundação dos clubes e qual seria realmente o primeiro clube de futebol das minas, cabe considerar que estes foram considerados duas grandes forças do futebol amador praticado nas minas de carvão do Baixo Jacuí, especialmente entre as décadas de 1930 a 1940<sup>7</sup>. Durante este período, Arroio dos Ratos era o principal polo carbonífero do Brasil. A administração das minas estava sob o controle do CADEM que entre os anos de 1936 a 1964 operou os negócios do carvão abaixo de intensa exploração da mão de obra, conforme abordado através das pesquisas sobre a região e o operariado das minas<sup>8</sup>. Sobre este período encontramos fontes originárias dos próprios clubes como também das próprias companhias mineradoras administradas pelo CADEM.

O incentivo à prática de algumas modalidades esportivas nas minas seguindo o ideário higienista é um dos aspectos salientados através do estudo das fontes. Entre as práticas esportivas estavam o voleibol, o basquete e o tênis. Entretanto, o futebol, assim como em seu clássico nascedouro moderno, teve grande apelo entre os operários das minas, ganhando assim um grande número, seja de praticantes da modalidade como de simpatizantes envolvidos em diversas atividades em torno do esporte. Vejamos como este esporte nos ajuda a pensar aspectos relativos

---

<sup>6</sup> "Quanto ao futebol: existia o Brasil e o Guarani - criado pela comunidade espanhola em mil novecentos e dezessete - chamado, no início, de Espanha. Então, temos neste período, a Primeira Guerra Mundial, na qual Brasil e Espanha estavam em linhas opostas. Sendo assim, a sanha belicosa da guerra influenciava os humores desportivos em Arroio dos Ratos, e os ânimos estavam caminhando para um lado perigoso. Logo, algumas cabeças pensantes resolveram trocar o nome de Espanha para Guarani, o que pacificou as relações. Entrevista concedida por Juarez Adão Lima para o extinto Centro de História Oral (CHO) - Projeto Memória Mineira - 2002.

<sup>7</sup> Neste período também foram fundados outros clubes de expressividade no cenário do futebol operário praticado na região. Entre eles estão: Butiá: Butiá Futebol Clube (1926) e Brasil Futebol Clube (1942); Charqueadas: Grêmio Atlético Jeromina (1931); Porto do Conde: Conde Futebol Clube (1937); São Jerônimo: Grêmio Esportivo São Jerônimo (1935) e Grêmio Esportivo Riograndense (1938); Ainda em Arroio dos Ratos cita-se o Grêmio Esportivo Estrela, fundado em 1944.

<sup>8</sup> Entre as pesquisas destaque: SPERANZA (2012); KLOVAN (2014).

à história, memória e identidade desta comunidade formada em torno do trabalho nas minas de carvão.

## **Operários e futebol**

Na atualidade as possibilidades de deslocamento de Arroio dos Ratos até a capital do Rio Grande do Sul eram diferentes das encontradas nas décadas de 1930 e 1940. Durante este período deslocar-se de Arroio dos Ratos até Porto Alegre era uma viagem que levava cerca de um dia. A distância de cinquenta e cinco quilômetros entre as localidades, atualmente facilitada pelo acesso via BR 290, era praticamente triplicada pelo deslocamento que deveria ser feito primeiramente até a cidade de São Jerônimo e de lá a viagem seguia rumo à capital dos gaúchos através de uma embarcação que percorria o rio Jacuí.

Mesmo nessas condições, marcadas em parte pelas dificuldades de deslocamento, em 1933 treze jogadores<sup>9</sup> do Esporte Clube Brasil deslocaram-se até a sede da Federação Rio Grandense de Desportos (FRGD) a fim de realizarem suas inscrições e assim participarem do campeonato estadual de amadores daquele ano. A maior parte desses jogadores eram operários ligados à CEFMSJ (Companhia Estrada de Ferro e Minas de São Jerônimo)<sup>10</sup>.

É interessante neste caso pensar acerca de como este espaço de lazer e sociabilidade, tais como são os clubes de futebol, foram também capazes de criar agenciamentos dos mais diversos entre os operários, a fim de que tivessem suas formas de lazer asseguradas em um período em que o direito ao lazer ensejava os primeiros passos, ainda que a discussão sobre

---

<sup>9</sup> Ofício nº 16 da FRGD ao Esporte Clube Brasil. Porto Alegre, 29/03/1933. Entre os jogadores inscritos estavam: Alceu Campello Machado, Walter Behem, Demétrio Saraiva, João Nicanor Gomes, Bruno Krumel, Henrique Espinosa, Mathias Freire, Julio Pauleti, João Gonçalves, Oswaldo Duarte, Rubem Pacheco de Castro, Octaviano Chaves e Waley Behem. Acervo pessoal Vili Tissot (APVT).

<sup>10</sup> Esta era uma das companhias mineradoras que juntamente com a CCMB (Companhia Carbonífera Minas do Butiá) passaram a partir de 1936 a serem controladas pelo CADEM.

o lazer, e especificamente o lazer do operariado, já tivesse sido tema em conferências da Organização Internacional do Trabalho (OIT)<sup>11</sup>.

Em sua tese, Christiane Luce Gomes abordou sobre a criação do Serviço de Recreação Operária (SRO) em 1943. Este órgão implantado pelo governo federal foi incumbido de organizar as horas de lazer dos trabalhadores operários e de suas famílias. Ligado ao Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e vinculado diretamente ao programa de Assistência Social, o SRO teve como destaque a figura de Arnaldo Süsseskind.

Com a redução da jornada de trabalho, imperava o pensamento de que as horas adicionais poderiam ser perigosamente empregadas pelo operariado com alcoolismo, prostituição, jogos de azar e todo o tipo de ação que poderia provocar a degradação física, moral e social (GOMES, 2003:257).

Embora a questão do lazer em plena ditadura do Estado Novo passou a ser um assunto que muito interessava à vigilância da crescente classe operária, há de se entender que por meio do lazer também as articulações entre os operários foram possíveis, ainda que fossem para defender suas formas de lazer e a realização de suas práticas esportivas. A viagem realizada pelos mineiros jogadores em 1933 pode ser pensada a partir desta perspectiva.

Quanto à prática do futebol um exemplo da defesa da continuidade do esporte em Arroio dos Ratos foi o processo de unificação das duas equipes operárias em 1938, o Esporte Clube Brasil e o Esporte Clube Guarani, que formaram o Departamento Sportivo das Minas ("a equipe do CADEM"). A contrariedade a esta situação é observada através do estudo dos documentos da década de 1950 do Esporte Clube Brasil. Entre estes é citado sobre o período de "união" como que tendo arrefecido as rivalidades consideradas o motor da vida esportiva local. Embora esta união tenha sido articulada pela própria companhia mineradora como forma de pôr

---

<sup>11</sup> Entre estas destacam-se: a Recomendação nº 21, sobre a utilização do tempo livre (Paris, 1924); em Liège (1930); Los Angeles (1932); Bruxelas (1935) - livro "Les Loisirs du Travailleur" (1936).

fim às brigas entre as equipes e manter sob seu controle as atividades esportivas na vila de mineradores, ocorre que mesmo tendo contrariedade entre os membros das equipes, esta foi a maneira de manter as atividades futebolísticas nas minas. No momento em que houve a crise da mineração (década de 1950) as equipes voltaram a se tornar independentes, reacendendo assim as antigas rivalidades.

### **Clubes de futebol como marcadores de identidades? Quais identidades?**

Durante as entrevistas realizadas no ano de 2018 visando as comemorações do centenário do Esporte Clube Brasil, observou-se o quanto os clubes de futebol também funcionam como uma espécie de marcador de identidades local. Embora atualmente os clubes não estejam em pleno funcionamento, ou seja, com um quadro fixo de jogadores, participando regularmente de competições ou mesmo com um número razoável de associados, ainda percebe-se o quanto persiste a identificação com estes que já foram considerados potências do futebol na região das minas de carvão do Baixo Jacuí.

Pensar a relação dos indivíduos com os clubes de futebol a partir do conceito de identidade requer uma leitura teórica mais abrangente, que não cabe no espaço deste artigo. Porém, busca-se neste espaço partir de alguns elementos que envolvem o conceito de memória a partir da observação de algumas narrativas.

Tratando-se de clubes de futebol historicamente formados a partir da organização de operários, há de se pensar a relação destes e das gerações seguintes com a memória e identidade construídas a partir do trabalho nas minas de carvão. Poderia se falar de uma memória e identidade operária presente entre os antigos mineiros de carvão da região e seus descendentes? E como os clubes de futebol fazem parte destas construções?

André Luiz Rosa (2011) em sua dissertação abordou a relação do futebol com o operariado na cidade de Itajaí, no Estado de Santa Catarina, nas primeiras décadas do século XX. Demonstrou assim que o futebol, mais do que uma atividade esportiva, servia também como meio de sociabilidade, interação e de compartilhamento de experiências que contribuíram para a formação da identidade operária de Itajaí. Sem dúvidas os espaços destinados às práticas esportivas do operariado, incluindo os campos de futebol e respectivas sedes dos clubes ofereciam este tipo de interação, de laços e compartilhar de experiências contadas e recontadas entre as gerações.

Ao sair pelas ruas de Arroio dos Ratos, por exemplo, e deparar-se com uma pessoa vestindo a camisa alusiva ao centenário do Esporte Clube Brasil e dirigir a esta uma pergunta sobre o que este clube significa para a história da cidade e sua história pessoal, certamente o ato de relembrar ativará uma narrativa sobre as experiências vividas nestes espaços, mesmo que estas sejam parte das “memórias vividas por tabela” (POLLAK, 1992:201). O que ocorre neste caso é que existem lembranças que não foram vividas pelos sujeitos, mas há um processo de identificação tão intenso entre esses indivíduos e tais lembranças que eles imaginam que realmente as viveram.

O que as lembranças das experiências compartilhadas pelos indivíduos sobre os clubes têm em comum? Elas expressam uma homogeneidade entre a classe operária das minas? Vejamos o trecho da entrevista cedida por J.C.L. (2018) :

J.C.L.: [...] o Guarani não era muito povão, era só eles. [...] O Estrela era, o Estrela ainda era mais povão [risos] que o Brasil.

T.F.: Como assim povão?

J.C.L.: Ah, o pessoal gostava de estar ali, entende? Tomavam trago, isso e aquilo e vai indo, vai indo.

T.F.: No Guarani não acontecia isso?

J.C.L.: Não, muito difícil! Já tinha gente mais empoderada, gente até que tinha mais [tatos?], até na própria companhia aqui do carvão, empregos. Aqueles que começaram a administrar, né?

T.F.: Sim...

J.C.L.: Administração do Guarani. O Brasil, ele era um intermediário, agora o Estrela não, o Estrela era povão, povão.

T.F.: Aham...

J.C.L.: Aquele foi povo sempre, o Estrela (Entrevista cedida à autora por J.C.L.).

As memórias expressam a heterogeneidade da classe e das experiências compartilhadas nestes locais de lazer e sociabilidade. Ainda que o depoente não tenha participado do período áureo das organizações esportivas sendo capitaneadas pelos operários e também em alguns momentos sob a intervenção da companhia mineradora local, trouxe em sua narrativa muito das construções memoriais de seus antecessores.

Mesmo que a maior parte dos jogadores e associados dos clubes locais tenham sido operários das minas, parece haver um recorte na distribuição destes entre as entidades. Enquanto o Esporte Clube Guarani parecia abrigar em sua maioria operários descendentes de espanhóis e estando localizado na região à época mais nobre da cidade, o Esporte Clube Brasil possuía entre seus jogadores e associados os operários de uma área operária mais intermediária. Nota-se ainda nesta narrativa que o depoente aponta para outro clube operário de Arroio dos Ratos o qual considera como sendo "o mais povão", o Grêmio Esportivo Estrela. Este foi fundado em 1944 e muito provavelmente tenha absorvido os grupos marginalizados de algumas atividades sociais da comunidade, como é o caso da população negra.

Numa das entrevistas foi questionado sobre a divisão existente durante vários anos nos clubes sociais<sup>12</sup> da cidade, entre brancos e negros. Em relação aos clubes de futebol o entrevistado afirmou o seguinte:

---

<sup>12</sup> Em Arroio dos Ratos a existência de um sistema de separação de ingressantes nos clubes sociais entre negros e brancos persistiu, conforme relatos dos locais, até aproximadamente a década de 1980. O clube destinado a participação de uma suposta elite branca local era a Sociedade Última Hora enquanto os negros participavam das atividades da Sociedade Tesouras. Muitas das falas tentam se justificar pelo não ingresso de negros ao clube dos brancos através da falácia de um suposto "racismo inverso", ou seja, pelo fato dos negros não deixarem pessoas brancas adentrarem em seu clube. Esta construção do "racismo inverso" é totalmente falsa por ser destituída de uma análise profunda das estruturas de poder em nosso país, das quais os negros historicamente foram destituídos, serve apenas aos discursos negacionistas e revisionistas.

T.F.: Mas no clube de futebol não tinha essa questão?

P.C.: Não, não, não! Existia brincadeiras e às vezes até o racismo ali, nas rivalidades, mas jogavam tranquilamente, tranquilamente.

P.C.: Podiam, tranquilamente. No Brasil tinha, no Estrela tinha [negros], principalmente no Estrela. E até tinha o falecido T. [...]

P.C.: [...] E eu jogava no Brasil e o falecido esse T. dizia:

“É P.C., tu nunca vai jogar no Estrela”. E eu dizia: “Mas por que Seu T.?”

T.: “Ah, o Estrela é time de negrão e tu não vem pra cá se misturar”. E eu dizia: “Eu vou jogar lá um dia”. T.: “Não vai jogar nada”. O cara ficava me sacaneando. Então uma vez lá me convidaram para jogar no Estrela e ele não sabia, aí eu me apresentei lá, me fardei e quando ele me viu fardado de Estrela, bah esse homem me deu um abraço, e eu disse: “Eu não lhe disse que iria jogar um dia no Estrela ?” E ele pra mim: “Mas bah P., tu não é fácil”. Bah, e o cara era gênio [...] (Entrevista cedida à autora por P.C.)

A partir destes depoimentos observam-se as memórias e identidades interligadas a partir da heterogeneidade existente nesta comunidade de operários, onde por meio dos clubes de futebol podemos pensar alguns recortes tais como de etnia e gênero.

## **E as mulheres?**

Embora seja evidente a construção de um discurso em torno da masculinidade tratando-se do universo do futebol, há de se destacar a presença histórica das mulheres em meio às atividades que envolvem esta prática esportiva na região carbonífera.

Em seu estudo etnográfico sobre as formas de construção social da honra no cotidiano da comunidade de mineiros de carvão de Minas do Leão, após o desaparecimento da última mina de subsolo, fechada em 2002, Ciocari (2010) afirma que quando chegou a esta localidade tinha algumas pistas de que o futebol possuía uma importância singular no cotidiano da comunidade erguida em torno das minas de carvão. Segundo a antropóloga, o pertencimento a uma equipe de futebol possui um papel central na construção da chamada pequena honra relacionada ao esporte

“[...] ou seja, do valor social atribuído ao indivíduo e incorporado por ele, que deriva de suas habilidades corporais” (CIOCCARI, 2010:361). A autora enfatiza como as práticas esportivas desenvolvidas em Minas do Leão e em Creuztswald, na Lorena Francesa, que envolviam a contratação nas minas de jogadores considerados "bons de bola", permitem refletir sobre o papel do futebol operário na constituição de masculinidades e de identidades sociais.

Ainda sobre este estudo Ciocari (2010:85) aponta inclusive que a “[...] afirmação das condições necessárias para ser mineiro era expressa por meio de jargões futebolísticos “[...] para ser mineiro era preciso ser homem com H maiúsculo, porque canela de vidro não aguentaria”. Tal é a relação da construção da "grande honra" relacionada ao trabalho com a "pequena honra" representada pela prática esportiva.



**Imagem 1:** Registro do Esporte Clube Guarani. Década de 1920. Fonte: Reprodução de uma cópia do Acervo Pessoal V.T. (2018).

A questão que logo se apresenta ao analisar a imagem acima é se as mulheres nas minas de São Jerônimo chegaram a atuar como jogadoras de futebol durante as décadas onde o desenvolvimento do futebol operário e amador na região atingiu seu ápice. A fonte nos aponta para várias interrogações. Embora alguns depoentes para os quais foi feito este questionamento dissessem que tratava-se de um grupo de mulheres

torcedoras, chama a atenção o fato de constar exatamente o número de onze mulheres juntamente com uma menina (ao centro), que parecia estar fazendo o papel de "mascote" do grupo. Seria esta uma das primeiras equipes de futebol nesta comunidade onde o discurso em torno da masculinidade associada à honra foi e ainda é tão presente? Faltam informações que possam confirmar esta hipótese em relação à imagem, o fato é que o futebol está presente no cotidiano das mulheres habitantes da região carbonífera há bastante tempo e se tomarmos esta foto como referência pode-se afirmar que na década de 1920 as mulheres das minas de alguma forma marcavam presença nas atividades futebolísticas.

O período que compreende a ditadura do Estado Novo (1937 - 1945) convergiu com o esforço de guerra (1942) que teve grande impacto nas atividades extrativas da região. Este impôs ao operariado das minas condições de trabalho ainda mais degradantes com a intensa exploração perpetrada pelas companhias mineradoras. Sob a sombra do paternalismo que tentou ocultar toda a superexploração calcada nos altos lucros advindos desta, durante o esforço de guerra é que houve a implementação da chamada "Assistência Social" do CADEM. Entre as áreas assistidas estava a área dos esportes onde o futebol tinha primazia.

Em meio a este período, no entanto, é que a prática do futebol, ainda que de maneira genérica, estava proibida para as mulheres, condição esta que veio a permanecer até o final da década de 1970. O decreto lei 3.199/1941, artigo 54, afirmava o seguinte: "Às mulheres não se permitirá a prática de desportos incompatíveis com as condições de sua natureza, devendo, para este efeito, o Conselho Nacional de Desportos baixar as necessárias instruções às entidades desportivas do país". Este decreto estava amparado pelos discursos médicos que defendiam a tese da "fragilidade" das mulheres para determinadas práticas esportivas, o que por sua vez, segundo estes discursos, poderia causar problemas em relação à fertilidade como também corromper a imagem maternal das mulheres<sup>13</sup>.

---

<sup>13</sup> Sobre este tema: GOELLNER (1999).

Para quem pensa que as mulheres se afastaram das atividades que envolviam o futebol, pode-se dizer que não foi exatamente isso que ocorreu, ao menos na região carbonífera. Isto não explicaria, por exemplo, o movimento de várias equipes de futebol de mulheres que após esse período de proibição prontamente se organizaram na região e passaram a disputar campeonatos locais e regionais. Tal é o caso do Esporte Clube Brasil que na década de 1990 criou a equipe de mulheres e que em 1997 participou da primeira edição do Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino.



**Imagem 2:** Grupo de jogadoras do Esporte Clube Brasil - Década de 1990. Em pé: Werlau Verdum (Técnico), Renata, Márcia, Vanessa, Lizi, Samanta, Flavinha, Viviane, Elis e Elisandra. Agachadas: Paula Renata, Daiane, Kely, Moema e [?]. Fonte: Grupo Facebook E.C. Brasil 102 anos.

As experiências acumuladas durante o período de proibição da prática do futebol entre as mulheres podem ser percebidas através de alguns indícios que nos apontam para o quanto as mulheres participavam deste universo, a princípio reservado aos homens e à performance de uma masculinidade associada à "pequena honra".

Para Nigel Townson "[...] a nova moralidade do vitoriano tardio foi o que manteve mulheres respeitáveis longe do pub e do clube social"<sup>14</sup>.

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://www.pages.drexel.edu/~rosenl/sports%20Folder/Sport%20and%20the%20Working%20Classes.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2020. Tradução minha.

Embora não possamos transpor as experiências ocorridas na Inglaterra vitoriana para a realidade em questão, essa colocação de Townson nos propõe pensar sobre como uma moralidade construída na localidade em questão colaborou de alguma forma para a tentativa de afastamento das mulheres de locais de sociabilidade, incluindo o meio esportivo.

As experiências acumuladas podem ser pensadas a partir da participação das mulheres, inclusive de maneira considerada mais sutil, no cotidiano dos clubes, seja como esposa de membros da diretoria, madrinhas das equipes ou mesmo como torcedoras.

Ser esposa do presidente do clube ou de um membro da diretoria, além de representar uma espécie de status na comunidade, aumentava a possibilidade de uma participação um pouco mais ampla. Cita-se entre o papel da mulher nos clubes, o exemplo da escrita de discursos e mesmo o apontamento de sugestões para o andamento administrativo da equipe, conforme relatado por V. N. (2017) (FREITAS, 2018:243).

A depoente C.A.M. (2017)<sup>15</sup> uma das mulheres protagonistas no processo de organização da equipe feminina do Brasil Futebol Clube de Butiá, ainda no final de década de 1980, afirmou em entrevista:

[...] eu era a lavadeira do Brasil, eu lavava aqui na valeta da água quente [ E quanto a senhora cobrava?] Não! Eu não cobrava! Ora, se eu ia cobrar, se eles não tinham dinheiro nem pra eles, nem pra comprar uniforme! Assim ó: eu tinha os meus filhos pequenos e era assim ó, aí vê a extensão do que a gente faz por amor: eles jogavam domingo e segunda-feira eu tinha que estar ali na sanga para secar para terça-feira, as meias que custavam a secar. Eram passadas a ferro para terça-feira eles treinarem e lavava para quinta-feira eles treinarem e lavava para domingo eles jogarem... por que eles não tinham o luxo de ter dois ou três uniformes [E alguém lhe ajudava ou era a senhora sozinha?]: Eu! E assim, também nunca se explorou se alguém queria fazer. Não... e ele veio e me pediu [o esposo da depoente] e eu topei. (C. A. M., 2017)

---

<sup>15</sup> Entrevista de C.A.M. à Rádio Atualidade de Butiá (2017).

O interessante é que neste relato a mulher parece reconhecer-se apenas como uma "auxiliadora" e não como agente que possui papel fundamental para a manutenção das atividades do clube. O fato é que mesmo reconhecendo-se assim, houve o acúmulo de experiências que fez com que posteriormente, além de organizar a equipe feminina, a depoente também fizesse parte da diretoria do clube, inclusive compondo o hino da agremiação.

Durante o processo de levantamento documental para a tese, consultando os dossiês dos clubes da região carbonífera junto à Federação Gaúcha de Futebol foi possível observar que as mulheres começam a listar entre associadas apenas a partir da década de 1980, mas ainda em pequeno número.

Outro espaço onde as mulheres se mantiveram presentes foi entre as torcidas dos clubes.

T.F.: E as torcidas? Como é que atuavam essas torcidas?

L.F.A.: Fanáticas! Principalmente as mulheres.

T.F.: É?

L.F.A.: Brigavam de sombrinha e tamanco.

T.F.: De tamanco, [...] ?

L.F.A.: É, tamanco é modo de dizer, mas [...] [risos]

T.F.: Mas como é que se organizavam?

L.F.A.: Era assim, ó: quando o Brasil ia jogar no Guarani, o mulherio daqui do Brasil ia pra lá e lá se encontravam com o mulherio de lá. Um começava a xingar o outro e já a briga começava na torcida.

T.F.: [...] noventa por cento eram mulheres [...]?

L.F.A.: Não, as mulheres eram muito fanáticas. Vamos dizer que eram cinquenta por cento pra cada um ou... Não, tinham mais homens, mas as mulheres eram mais nervosinhas. Gostavam de briga! (Entrevista cedida por

L.F.A. à autora).

Sobre as torcidas verifica-se através dos depoimentos o protagonismo das mulheres, porém a partir da construção de um discurso vindo dos homens que as consideravam "fanáticas" ou "nervosinhas". Em

Arroio dos Ratos a famosa "briga das sombrinhas" está entre as narrativas mais recorrentes entre as memórias do futebol na cidade.

Considera-se que entre a comunidade operária das minas as memórias relacionadas à participação das mulheres nos clubes de futebol as atrelam a papéis que não as consideram como sendo protagonistas na construção deste espaços e no desenvolvimento das atividades esportivas na cidade. Porém o que observa-se é o contrário. Mesmo em períodos em que tentaram afastá-las da participação, seja por meio de leis ou de construções morais, as mulheres construíram suas próprias formas de participação nas atividades futebolísticas acumulando experiências importantes para o desenvolvimento do futebol na região.<sup>16</sup>

### **Para além das rivalidades clubísticas**

Outra narrativa recorrente entre as memórias dos moradores de Arroio dos Ratos quando o assunto é futebol trata da história do arrancamento da orelha de um jogador do Esporte Clube Guarani. Chama a atenção a forma com que as narrativas sobre o fato são construídas. Em algumas nota-se que há equívocos em relação a quem seria a vítima e o réu do caso. Assim, em algumas entrevistas o réu aparece como sendo a vítima e em outras a vítima aparece como sendo o réu.

Tendo em vista que os entrevistados não estiveram presentes durante o fato, e mesmo que tenham presenciado, compreende-se que os meandros da memória são sutis. Quando busca-se compreendê-los por vezes podem ser reveladores de alguns aspectos que não podem ser apreendidos, por exemplo, apenas pela leitura e análise de uma fonte documental tal como são os processos crime.

Assim, foi observada a troca dos nomes sendo feita por um entrevistado que não havia presenciado o fato e que expressava um intenso apreço pelo clube do qual participava o réu. Em sua memória,

---

<sup>16</sup> Atualmente na cidade de Arroio dos Ratos há duas equipes femininas de futsal que tem participado regularmente de campeonatos regionais, a equipe Pongai e a Associação Ratense de Futebol (ARF Leaos).

passada de geração em geração, o réu, bastante destacado entre as memórias das pessoas ligadas ao clube, passou a ser a vítima.

T.F.: Aham! Mas qual era considerado o maior adversário do Esporte Clube Brasil [...]?

P.C.: Do Brasil era o Guarani!

T.F.: Com certeza? [...]

P.C.: É... porque Brasil e Espanha [...] porque isso aí trouxe uma rivalidade muito grande, em função de, a gente ouve e ouvia na época, que lá a parte do Guarani moravam os diretores, os engenheiros, da parte da mineração, lá em cima era a elite. E aqui pra baixo moravam o pessoal meio, que chamavam lá os pelegos, diziam isso aí, não sei até que ponto é verdade, mas a rivalidade era essa, lá em cima a diretoria e aqui embaixo o pessoal dos serviços gerais. Por isto que a rivalidade foi, foi, foi, foi e quando jogavam, meu Deus do céu, Brasil e Espanha, ao ponto de [pausa], um senhor lá do Guarani ter mordido a orelha e tirado um pedaço da orelha de um senhor aqui do Brasil. Sabia? [...] sofreu uma mordida na orelha e tiraram o pedaço da orelha dele. Olha, de ponta a ponta assim [...] Foi ele que sofreu essa mordida e perdeu o pedaço da orelha, tal era a rivalidade.

Suas memórias em relação ao fato, além de apresentarem sua ligação afetiva ao clube também apontam para um suposto conflito no interior da classe operária entre "pelegos" e "pessoal dos serviços gerais" como também entre operários espanhóis e brasileiros.

Este fato ocorrido em 1938 no campo do Esporte Clube Guarani, e que emerge em meio às memórias sobre o "futebol antigo" nas minas de Arroio dos Ratos, também está envolto de outras questões que ainda estão sendo analisadas pela tese em andamento. Entre elas está o indício de uma suposta disputa entre espanhóis e moradores na região onde se encontra o Esporte Clube Guarani (clube que entre seus fundadores constam espanhóis) e os jogadores e associados ao Esporte Clube Brasil, em sua maioria operários das minas que moravam na região próxima ao complexo carbonífero, atual Museu Estadual do Carvão.

Em seu ensaio teórico sobre as relações entre estabelecidos e outsiders na pequena cidade de Winston Parva (nome fictício), interior da Inglaterra, Norbert Elias buscou compreender a pretensa superioridade de

um grupo em detrimento do outro. Para isso, a estigmatização seria um dos elementos utilizados pelos grupos considerados estabelecidos a fim de manter esta condição. "A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido" (ELIAS: 35). Há por um lado as fantasias enaltecidas e por outro as depreciativas. "O grupo estabelecido sente-se compelido a repelir aquilo que vivencia como uma ameaça a sua superioridade de poder (em termos de sua coesão e seu monopólio dos cargos oficiais e das atividades de lazer)" (ELIAS, 2000: 45).

Analisando o processo parece existir uma "demarcação" de fronteiras entre o "clube dos espanhóis" e o "clube dos nacionais". Os usos posteriores do fato parecem se valer da estigmatização como forma de demarcar fronteiras entre os grupos.

Partir deste olhar sociológico para compreender as relações a partir dos espaços de sociabilidade, tais como são os clubes de futebol, nos aponta para questões que auxiliam na compreensão de processos ainda presente na comunidade. Tratando-se de uma comunidade de operários heterogênea, há aspectos que somente a partir de um olhar centrado nas condições infraestruturais não alcançam o entendimento acerca da construção dos sentidos que permeiam a coletividade. Talvez esta relação entre estabelecidos e outsiders possa alcançar algumas destas relações construídas por meio dos clubes de futebol.

### **Considerações finais**

Este artigo teve como objetivo apresentar um panorama acerca de alguns aspectos relacionados à história, memória e identidade que envolvem os clubes de futebol formados na região das minas de carvão de São Jerônimo, especialmente os clubes Esporte Clube Brasil e Esporte Clube Guarani, ambos da cidade de Arroio dos Ratos.

A partir da narrativa dos entrevistados emergiram questionamentos sobre qual(is) seria(m) o(s) papel(éis) das mulheres nos clubes, já que estas aparecem nas narrativas, porém de uma maneira estereotipada ("as torcedoras briguentas") e raramente ou nunca são citadas como sendo protagonistas no desenvolvimento do esporte na comunidade. Os conflitos entre nacionais e espanhóis também podem ser pensados, conforme nos auxilia Elias com seu estudo, como parte de uma relação entre estabelecidos e outsiders no momento em que, para além da rivalidade clubística, outras questões como a identificação étnica e a estigmatização do considerado "outro", a partir do fato destacado, é utilizado como uma das maneiras de distinguirem-se ante os brasileiros.

De fato pensar o futebol nos leva para além de uma narrativa linear e homogênea. Seja tratando-se de futebol profissional, amador, clubes com grandes, pequenas ou nenhuma receita, do árbitro ao jogador, do técnico ao torcedor, do campo à arquibancada, futebol nunca será apenas futebol. Assim "no jogo de futebol o senhor engloba muitas instâncias: a federação, os sócios, a diretoria, o técnico, as leis, as regras, a torcida, a imprensa, o jogador, o campo" (SCHÜLLER, 2012: 33). E tratando-se desta realidade específica, o futebol certamente foi e ainda é muito mais do que apenas um jogo. Ele nos ajuda a refletir sobre diversos aspectos formadores de uma comunidade operária historicamente heterogênea, que por vezes não reconhece essa heterogeneidade por ser considerada ameaçadora à pretensa coesão grupal, especialmente entre os estabelecidos.

## Referências

CIOCCARI, Marta. **Do gosto da mina, do jogo e da revolta: um estudo antropológico sobre a construção da honra em uma comunidade de mineiros do carvão**. Rio de Janeiro: Museu Nacional (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Antropologia Social), 2010.

\_\_\_\_\_. *Mina de jogadores: o futebol operário e a construção da "pequena honra"*. In: **Cadernos AEL**, Campinas: Unicamp, v. 16, n. 28, 2010: 79 -114.

ELIAS, Norbert. **Os Estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FREITAS, Tassiane Mélo de. *O futebol operário na região carbonífera do Rio Grande do Sul através do relato de seus cronistas*. In: **Encontro de Memórias**. ISCMPA, Porto Alegre, 2018: 237 - 246.

GOELLNER, Silvana Vilodre. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista Educação Physica**. Campinas: Unicamp (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação), 1999.

GOMES, Christiane Luce. **Significados de recreação e lazer no Brasil: reflexões a partir da análise de experiências institucionais (1926 - 1964)**. Belo Horizonte: UFMG (Tese de Doutorado - Programa de Pós Graduação em Educação) - 2003.

KLOVAN, Felipe Figueiró. **Sob o fardo do ouro negro: as experiências de exploração e resistência dos mineiros de carvão do Rio Grande do Sul na década de 1930**. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado: PPGH), 2014.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1992.

ROSA, André Luiz. **Operários da bola: um estudo sobre a relação dos trabalhadores com o futebol da cidade de Itajaí (SC) entre as décadas de 1920 a 1950**. Florianópolis: UFSC, (Dissertação de Mestrado em História - PPGH), 2011.

SPERANZA, Clarice Gontarski. **Cavando direitos: as leis trabalhistas e os conflitos entre trabalhadores e patrões nas minas do Rio Grande do Sul nos anos 1940 e 1950**. 2012. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGH), 2012.

WITKOWSKI, Alessandro. **Da Luz no Fim do Túnel ao Arquivo Histórico do Museu Estadual do Carvão: o acervo documental da mineração na região carbonífera do baixo Jacuí, Rio Grande do Sul (2009 - 2016)**. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado - PPGMUSPA) 2019.

**Lugar de mulher também é dentro do campo**



## **Mulheres e futebol no Rio Grande do Sul: Apontamentos de uma história plena de descontinuidades**

*Silvana Vilodre Goellner*<sup>1</sup>

*Suellen dos Santos Ramos*<sup>2</sup>

A inserção das mulheres no futebol gaúcho ainda é uma incógnita. A ausência de registros nas instituições gestoras do esporte, nos clubes e na mídia dificultam a produção de informações sobre a modalidade, sobretudo, os seus marcos iniciais. Mais do que tentar esboçar uma possível história, este texto proclama que há, ainda, muito a conhecer e registrar sobre a estruturação e desenvolvimento do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul.

Uma nota publicada no jornal Opinião Pública no dia 14 de janeiro de 1930 relatando a realização de um jogo entre duas equipes de mulheres no picadeiro do Circo Queirolo que se exibia na cidade de Pelotas (RIGO et al, 2008) é promissora para pensarmos que há muito tempo as mulheres jogam bola. Tal evidência assemelha-se a outras manifestações em diferentes regiões do país nas quais apresentações desta natureza traduziam-se em estratégias para que elas pudessem praticar a modalidade. (BONFIM, 2019). Em que pese a proibição da modalidade entre 1941 e 1979 em função da instituição do Decreto-Lei 3.199<sup>3</sup>, a

---

<sup>1</sup> Doutora em educação. E-mail: vilodre@gmail.com

<sup>2</sup> Mestre em Ciências do Movimento Humano. E-mail: suellen.ramos@gmail.com

<sup>3</sup> Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

publicação de algumas matérias em jornais da cidade de Pelotas no início da década de 1950 permite entender que, apesar de proibido, o futebol era praticado por mulheres que a despeito da oficialização da interdição, resistiam e burlavam regras para nele permanecer. Os registros sobre as equipes Vila Hilda F.C. e Corinthians F.C referem a realização de excursões pelo estado e a participação em jogos competitivos e beneficentes inspirando inclusive a criação de outros times e outras praticantes. Tal difusão foi cerceada pelo Conselho Nacional de Desportos (CND) que, ciente deste movimento, “entrou em cena cobrando que fosse cumprido o decreto-lei em vigor, que proibia a prática desse esporte por mulheres, em todo o país” (RIGO et al, 2008:181). Tal intervenção se deu quando o futebol de mulheres começava a se estruturar como modalidade esportiva, reivindicando espaços, estrutura e prática semelhantes ao futebol dos homens.

Finda a proibição algumas iniciativas voltadas para a estruturação do futebol de mulheres começam a aparecer em diferentes cidades do Rio Grande do Sul. No dia 11 de outubro de 1980, o Sport Club Rio Grande criou o Departamento de Futebol Feminino e começou a recrutar jogadoras (LUZ, 2018). Em Santa Maria, foi organizado um campeonato que reuniu vinte equipes participantes (KESSLER, 2010). Na região serrana, em 1982 desponta o Bento F. C. Feminino em Bento Gonçalves e em 1983 o Atlântico em Caxias do Sul (O PIONEIRO, 1982:23). Não pretendemos aqui esmiuçar essas histórias, mas registrar que o futebol já era uma prática de mulheres conforme identificamos em uma matéria por Gilberto Mendes no jornal O Pioneiro em 1982. Sob o título de “Mulheres com a Bola Cheia” o texto apresenta dados reveladores. Vejamos:

Segundo uma comissão da Federação Gaúcha de Futebol, ao todo existem 300 times gaúchos de futebol feminino, o que, por incrível que pareça, é mais do que o total de clubes masculinos amadores – filiados é claro – que hoje é de 205; é mais também que número de clubes profissionais, ou seja, 50. São 4.500 mulheres que jogam futebol no Rio grande do Sul (O PIONEIRO, 1982:12).

Considerando que o futebol de mulheres foi regulamentado no Brasil apenas em 1983, estes dados indicam que, apesar de proibido, ele não deixou de acontecer. Os indícios acima relatados revelam que a década de 1980 foi fecunda na disseminação desta prática, caracterizando a formação daquilo que identificamos como a primeira geração após o término da oficialização da proibição da modalidade. Alguns marcos são importantes para esta delimitação: a realização da primeira partida oficial do país dias após a publicação da normativa que regulamenta a modalidade; o surgimento das equipes dos dois tradicionais clubes da capital, Sport Club Internacional (1983) e Grêmio Foot-Ball Porto Alegre (1984); a organização do primeiro campeonato gaúcho (1983); e a primeira convocação da seleção estadual que representou o Rio Grande do Sul em eventos nacionais (1993).

Com o objetivo de visibilizar a trajetória de algumas atletas e equipes, este texto apresenta apontamentos sobre cada um destes marcos. Para tanto recorreremos a fontes escritas e orais, visando focalizar aspectos referentes aos anos inaugurais da estruturação da modalidade em solo gaúcho.

## **O jogo inaugural e o futebol de mulheres na capital**

No dia 18 de abril de 1983 o jornal Zero Hora publicou uma matéria na qual registra que capital gaúcha sediou a primeira partida oficial do país após a publicação da normativa que regulamentou a modalidade. Intitulada “Futebol Feminino com Tudo” a matéria exhibe uma imagem e o seguinte texto:

Para uma estreia não poderia ter acontecido melhor. Na preliminar do Grêmio e São Paulo, as mulheres fizeram a primeira partida oficial de futebol feminino desde que o esporte foi regulamentado para elas. Rio Grande e Esportivo fizeram o jogo, que terminou com uma goleada da turma de Bento por 8 x 0. Goleada e lances duros, que fizeram a torcida do Grêmio vibrar muito. As meninas foram para os pontapés e os tapas. E até expulsão houve. Quer dizer, não faltou nada na estreia (ZERO HORA, 1983:50).

De fato, foi na segunda-feira que antecedeu este jogo, ou seja, no dia 11 de abril de 1983, que o Conselho Nacional de Desportos publicou no Diário Oficial da União a Deliberação 01/83 dispondo sobre normas básicas para a prática de futebol feminino.<sup>4</sup> Reconhecido como o documento que autoriza a prática da modalidade, esta deliberação ainda promovia algumas limitações às mulheres tais como a diminuição do tempo do jogo, do tamanho do campo, do peso da bola além da proibição do uso de chuteiras cujas travas de metal eram consideradas como potenciais para ferir as jogadoras. Estas prescrições, edificadas a partir de argumentos biológicos que entendiam seu corpo como frágil, figuram em uma matéria publicada na Folha de São Paulo no dia 17 de abril descrevendo como deveriam ser realizadas as partidas: “terá 70 minutos, com 35 cada tempo e 15 de intervalo e seguirá as regras aprovadas pelo CND: as jogadoras usarão protetores para os seios e as chuteiras não poderão ter travas pontiagudas. Outra diferença do futebol tradicional: bola ‘matada’ no peito será falta, equivalente à bola na mão” (VÂNIA..., 1983:33).

Diante da publicação do documento e da regulamentação da modalidade, a Federação Gaúcha de Futebol aproveitou a oportunidade e inseriu uma partida como preliminar ao primeiro jogo entre homens que aconteceria na capital do estado. No caso, entre o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e o São Paulo Futebol Clube que estavam disputando a terceira fase da Taça de Ouro, denominação do Campeonato Brasileiro daquele ano. No dia 17 de abril de 1983 com o Estádio Olímpico praticamente lotado (40.820 pessoas para a capacidade máxima de 51.081) entraram em campo as jogadoras do Esportivo de Bento Gonçalves e do Sport Clube Rio Grande para disputar este que talvez tenha sido “primeiro jogo de futebol feminino oficialmente autorizado por uma federação no Brasil” (VÂNIA..., 1983:33).

---

<sup>4</sup> Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3311099/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-11-04-1983> Acesso em: 19 de setembro de 2020.

Se foi o primeiro a acontecer depois da regulamentação do futebol de mulheres no país, ainda não sabemos. Mais do que ressaltar este suposto pioneirismo, importa registrar que não foram as equipes da capital gaúcha que protagonizaram o feito. Tal acontecimento indica que no interior do estado alguns clubes começavam a investir no futebol de mulheres e que a Federação os escolheu para protagonizar este ato inaugural do futebol regulamentado.

O Sport Club Rio Grande tem longa tradição no futebol gaúcho. Fundado em 19 de julho de 1900 na cidade portuária de Rio Grande, é considerado o time mais antigo de futebol em atividade ininterrupta no Brasil.<sup>5</sup> No dia 11 de outubro de 1980 o clube criou o Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Rio Grande, o primeiro em um clube gaúcho. “O clube enfrentava grandes dificuldades por conta do esvaziamento de suas arquibancadas, um problema crônico percebido ao passar das décadas. Com isso, um grupo de torcedores se reuniu e resolveu criar um fato novo com relação ao clube: o futebol para mulheres (LUZ, 2018:27). Como um atrativo para atrair torcedores, as despesas iniciais da equipe foram arcadas pelos torcedores, pelas jogadoras e familiares. Segundo Cecílio Teixeira, um dos protagonistas deste movimento no clube:

Nós fizemos uma espécie de colaboradores do futebol feminino. Então alguns sócios contribuíam mensalmente, um dinheirinho lá, para a gente comprar as camisetas, fazer as faixas, às vezes a questão das viagens a gente pedia a colaboração de alguém, então nós fizemos... Era um trabalho assim, que não tinha ligação econômico-financeira com o Sport Club Rio Grande, a gente tentava arrecadar pelo nosso lado, algumas vezes nós rateávamos as coisas entre os que estavam ali colaborando e a coisa era tocada dessa forma, bem amadoristicamente e bem digamos assim, o mínimo possível que possibilitasse uma boa atividade. E o Rio Grande nunca gastou com futebol feminino naquele tempo (2018:6).

---

<sup>5</sup> No dia 28 de julho de 1975, a extinta Confederação Brasileira de Desportos (CBD), sucedida pela atual CBF, envia o ofício PRÉ (SAD), nº 7281, informando que o Sport Club Rio Grande foi considerado como o clube de futebol mais antigo do Brasil em atividade, assinado pelo Presidente Heleno de Barros Nunes e pelo então Presidente do Sport Club Rio Grande, Jorge Numa (LUZ, 2018).

A equipe foi convidada pela Federação Gaúcha para protagonizar o jogo em função da visibilidade que tinha no momento, fundamentalmente, na região sul do estado. Para enfrentá-las convidou o Esportivo de Bento Gonçalves que também já tinha um plantel de mulheres. Márcia Tafarel<sup>6</sup>, uma das jogadoras que participou deste jogo, relembra o início da equipe ao mencionar que sua mãe conhecia o treinador e a levou para uma peneira. “Foi assim, em 1982 em joguei no Bento Atlético Futebol Feminino e, um ano depois, o Bento Atlético Futebol Feminino se tornou o Esportivo para poder jogar o Campeonato Gaúcho (TAFAREL, 2015). A matéria Futebol Feminino em Bento publicada no jornal O Pioneiro no dia 2 de setembro de 1982 faz referência a esta equipe e relata que, para que se mantivesse, “seu presidente e treinador, Moacir Agatti, buscou junto a firma Isabela, de Bento Gonçalves o patrocínio publicitário, diminuindo desta forma as despesas que eram enormes no início do ano pois as viagens eram pagas pelas atletas” (FUTEBOL..., 1982:23).

O pioneirismo do jogo foi pauta na imprensa gaúcha que conferiu à Federação Gaúcha de Futebol o mérito de sua realização:

Ao encaminhar ao CND um anteprojeto regulamentando o futebol feminino no Brasil, conseguindo a sua aprovação, a Federação Gaúcha de Futebol teve uma atitude pioneira em todo o Brasil. E começa agora a receber os agradecimentos das interessadas: domingo, no Olímpico, as moças que disputaram o primeiro jogo autorizado no País entregaram a bola da partida como lembrança e agradecimento ao presidente João Giugliani Filho. E ontem foi muito grande o número de telefonemas de mulheres querendo informações sobre como organizar os clubes. A todas foram dadas instruções e um aviso: ainda neste ano será realizado o primeiro campeonato gaúcho de futebol feminino, com jogos nas preliminares do **Gaúcho de Barbados** (FUTEBOL..., 1983:21).

Finda a proibição e regulamentada a modalidade, o futebol de mulheres começou a ter mais visibilidade em Porto Alegre. No início da

---

<sup>6</sup> Natural de Bento Gonçalves. Integrou a seleção brasileira na Copa do Mundo da China (1991) e da Suécia (1995) além dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996).

década de 1980 despontaram algumas equipes, em sua maioria, resultantes do agrupamento de mulheres e meninas que praticavam o futebol de salão e de campo.

Ivete Gallas<sup>7</sup>, que vivenciou este período, afirma que logo depois da regulamentação, as esportistas estavam ganhando espaço e notoriedade na mídia e o futebol de mulheres estava se estruturando. Nas suas palavras: “Começou a ter várias equipes femininas na época e tinha umas que eram aqui de Porto Alegre... Estrela Vermelha, que eu lembro que era uma equipe daqui, o Independente... Equipes que eram aqui de Porto Alegre, que eram as ‘bambambam’” (GALLAS, 2015:2).

Neste período se formou também a equipe Pepsi Bola cujos treinamentos aconteciam em alguns locais públicos da capital. Carlos Renato Lopes<sup>8</sup> aponta que no Parque Harmonia aconteciam treinos e jogos de mulheres:

o Harmonia era um areião, aquilo ali era um aterro do governo e ali tinham campos de areia e ali, naqueles campos de areia, treinava um time que se chamava Pepsi Bola. Essas meninas do Pepsi Bola que eu cansei de fazer amistoso, elas convidavam meninos, o futebol feminino sempre teve isso: os times de alto nível sempre tiveram dificuldade de encontrar meninas de alto nível para amistosos, então elas sempre acabavam treinando contra meninos, principalmente times que jogavam em âmbito nacional como esse Pepsi Bola [...] (LOPES, 2016:1).

A equipe do Pepsi Bola protagonizou uma atividade fundamental para a visibilidade do futebol gaúcho: foi ao Rio de Janeiro disputar um jogo amistoso contra umas das equipes de maior notoriedade da época, o Esporte Clube Radar. Criada no ano de 1981 nas areias de Copacabana, esta equipe adquiriu muita popularidade, tornando-se uma das primeiras

---

<sup>7</sup> Jogadora do Sport Club Internacional na década de 1980. Atuou pelo Saad Esporte Clube na década de 1990. Foi técnica da equipe juvenil de futsal e futebol de campo deste clube e auxiliar técnica de Zé Duarte no São Paulo Futebol Clube e na Seleção Brasileira. Técnica do Grêmio Foot-Ball Portoalegrense no ano 2000.

<sup>8</sup> Jogador de futebol e futsal, acompanhou a trajetória do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul. Foi membro da comissão técnica da equipe de mulheres do Sport Club Internacional na década de 2000. Auxiliou na coordenação das Escolas de Eduarda Luizelli (Duda). É casado com esta.

a disputar torneios internacionais, inclusive, representando a Seleção Brasileira em algumas competições. Dada a importância do Radar no cenário nacional, a excursão realizada pela equipe do Pepsi Bola foi pioneira e ousada para época (ALMEIDA, 2014). Isabel Cristina Nunes mais conhecida como Bel<sup>9</sup>, recorda a derrota que sofreram para o time carioca:

Tanto é que chegamos lá no Rio e eles colocaram o nosso jogo em um sol a pino, só para nós... Fizeram a gente... Essas histórias não precisam muito assim. Nós fomos de avião, coisa bem organizada com a equipe do Pepsi Bola, o jogo foi quatro a zero, na areia fofa em Copacabana (NUNES, 2016:3).

Em 1983 a equipe do Pepsi Bola foi extinta, dando origem à equipe do Sport Club Internacional, que recém tinha inaugurado seu Departamento Feminino. A equipe tinha como treinador Éverton Ávila e como preparadora física, sua esposa, Elisabete Amorim. Ambos coordenavam a equipe juvenil de futsal de homens e quando havia oportunidade, incluíam a equipe de mulheres nas excursões realizadas pelo interior do estado nas quais disputavam o futebol de salão. Estas viagens, além de proporcionar a prática competitiva das duas modalidades a essas jogadoras (muitas vezes até contra equipes de homens), tinham também como objetivo a arrecadação de fundos para o sustento financeiro da equipe, visto que o clube não dava amparo monetário às suas atletas (RAMOS, 2016). Segundo Carlos Renato Lopes:

Eu me lembro delas nas viagens do interior, Santa Maria esses lugares assim muito interior que elas jogavam, muitas vezes até contra os times masculinos, mas elas se apresentavam como o time do Inter, a camisa do Inter [...] o Inter fazia muitas viagens pelo interior do estado para arrecadar fundos (LOPES, 2016:1).

---

<sup>9</sup> Foi jogadora da equipe do Sport Clube Internacional nas décadas de 1980 e 1990. Atuou na Seleção Brasileira de Futebol em 1995 e sagrou-se campeã sul-americana. Ingressou na equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense em 1998 onde ficou até o ano de 2003. É considerada uma das referências do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul.

O dinheiro arrecadado era dividido apenas entre algumas atletas, sobretudo, aquelas que se destacavam tecnicamente por sua habilidade. Ao final do mês, elas recebiam um envelope com seu nome. Segundo Bel era “um valor irrisório”, que comparado aos tempos atuais seria o equivalente a “trezentos, quinhentos reais” (NUNES, 2016:4). O clube era responsável por fornecer uma estrutura para os treinamentos, materiais, roupas de treinos e de jogos e um corpo técnico responsável pelo treinamento das jogadoras.

A década de 1980 foi marcada pela estruturação e regulamentação do futebol mulheres no país e também pelo surgimento das primeiras competições de nível regional e nacional. O objetivo da equipe colorada no seu primeiro ano de existência, era disputar a segunda edição da Taça Brasil de Futebol Feminino<sup>10</sup> que aconteceu em Campinas (São Paulo), na qual alcançaram a terceira colocação. Eduarda Marranghello Luizelli, a Duda<sup>11</sup>, relembra muito bem esta competição, que considera ser um dos momentos mais importantes de sua carreira. Em suas palavras:

E no meu primeiro Campeonato Brasileiro em Campinas eu tinha treze anos; na categoria adulta, não joguei nenhum jogo, chegou a decisão de terceiro e quarto lugar, que era o último jogo, faltavam 15 minutos para acabar o jogo e o professor me chamou: “Vem, vem Duda”. Eu fui lá. O jogo estava dois a dois. Porque eu batia bem bola parada, pênalti. Vou entrar no final para bater o pênalti. E a primeira bola que veio para mim em um lançamento da goleira, dei o toque um pouco errado para frente, saí correndo e as zagueiras ficaram dormindo, saí correndo. Sabe aquele gol que o Pelé não fez, que ele deu um rabo de vaca no goleiro? Eu fiz exatamente, só que a única diferença foi que a bola entrou no gol. Depois dali, imagina! Com treze anos [...] Aquele dia foi o máximo da minha vida [...] (LUIZELLI, 2015:2-3).

Com o intuito de fazer oposição ao Pepsi-Bola surgiu em 1984, a equipe do Independente que mais tarde se transformaria na equipe do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. Segundo Bel, “o Internacional resolveu

---

<sup>10</sup> Competição que aconteceu entre os anos de 1983 e 2007 quando foi criada a Copa do Brasil de Futebol Feminino.

<sup>11</sup> Foi jogadora do time profissional do S.C. Internacional por mais de 10 anos. Atuou na Itália pelo Milan e Verona. Integrante da seleção brasileira.

abrir o Departamento de Futebol Feminino e pegou essa equipe como base, a equipe do Pepsi Bola. E tinha uma outra equipe que era a nossa rival, que se chamava Independente, que se transformou em adivinha quem? No Grêmio (2016:02)”.

No mesmo ano da regulamentação da modalidade, a Federação Gaúcha de Futebol cumpriu o que anunciou na imprensa: criou o Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino. A competição contou com a participação de cinco equipes: o S.C. Internacional e o Grêmio Football Porto Alegrense, ambos de Porto Alegre, o Esporte Clube Internacional de Santa Maria, o Cerâmica Atlético Clube de Gravataí e o Clube Esportivo Bento Gonçalves da cidade de Bento Gonçalves. Nas palavras de Bel:

Inter de Santa Maria, Esportivo de Bento, Cerâmica de Gravataí, Inter e Grêmio... Não tinha muitas equipes, e tinha Pelotas? Não lembro se Pelotas tinha na minha época, tinham seis equipes, mas era bem legal porque nós fazíamos as preliminares dos Campeonatos, um monte de coisa que não tem, que não acontece, era muito legal. Esse apoio a gente tinha do Campeonato, e o Campeonato eu não me recordo era organizado pela Federação, eu não sei a partir de quando eles começaram a fazer os Campeonatos Gaúchos (NUNES, 2016:3).

Adversária de Bel, Maria Giovana Eismann, jogadora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, assim se refere ao campeonato:

Então, quando eu vim pela primeira vez aqui para Porto Alegre, foi em 1984, nessa época que tinha o Campeonato Gaúcho, a gente veio... A nossa equipe lá de Santa Cruz, o Inter foi jogar lá e nos convidou para vir jogar aqui para entregar a faixa de campeã para elas em 1984 e o jogo foi no Estádio Beira-Rio [...] (EISERMANN, 2016:3).

Os dados que conseguimos reunir são precários e, por vezes, dissonantes. Não há informações precisas sobre quantas edições desta competição foram realizadas. Em pesquisa realizada no acervo pessoal de uma das jogadoras do Internacional, Duda, identificamos que a Federação organizou o Campeonato Gaúcho apenas até o ano de 1987. Por

consequência disto e por falta de incentivo, as equipes do Internacional e do Grêmio foram desativadas, gerando uma lacuna nestes clubes até o ano de 1991 (RAMOS, 2016).

Quando a Federação deixou de organizar os campeonatos estaduais as jogadoras se reinventaram e arrumaram uma estratégia para permanecer no futebol: migraram para o futebol de salão. Esta modalidade se mostrava mais acessível visto que, independente do clima, poderia ser praticado em espaço fechado, demandava um número menor de participantes e as equipes eram geridas pelas próprias atletas sem depender de um clube, em especial, dos clubes “de camisa”.

As jogadoras do Internacional fundaram a Sociedade Esportiva Recreativa Bruxas e, assim, continuaram jogando bola, excursionando e participando de campeonatos de futebol de salão, futebol sete e *beach soccer* em diferentes regiões do estado, alguns deles promovidos pela Federação Gaúcha de Futebol de Salão (RAMOS e GOELLNER, 2018). Além destas competições, disputaram jogos contra equipes de homens pela dificuldade de encontrar muitas adversárias com o mesmo nível técnico. Em uma matéria publicada no jornal Correio do Povo no dia 15 de setembro de 1991, João Bosco Vaz, informa que “As Bruxas – Time de futebol feminino que joga campo e salão, está aceitando jogos em todo o estado. Até contra os barbados” (p. 18). Para permanecer no futebol as jogadoras faziam diversas campanhas para angariar fundos e também para “divulgar o futebol feminino gaúcho. Como não tem um Inter ou um Grêmio por trás, não existe apoio” (DUDA..., 1991:16). Entre 1987 e 1993 praticamente não há registros de atividades oficiais de futebol de campo na capital. No que respeita ao futebol de salão há indícios de que tenha acontecido, conferindo sobrevida às jogadoras. Segundo informa o boletim da Federação Gaúcha de Futebol de Salão, no ano de 1993, além das Bruxas, outras cinco equipes participaram do Campeonato Metropolitano de Futsal: Navegantes, Independente, Funil/Kombisul, Onda/Sander Stortz e AE CRT (FEDERAÇÃO..., 1993).

A migração das jogadoras entre as várias formas de jogar o futebol não era uma realidade exclusiva do Rio Grande do Sul. Em entrevista concedida para o projeto Garimpando memórias, Sisleide Lima do Amor (Sissi)<sup>12</sup>, relata que no estado de São Paulo, no final da década de 1980 e início da década de 1990, o futebol de salão estava mais estruturado que o de campo. Em função disto, se mudou da Bahia para a capital paulista contratada para jogar futebol de salão, e eles “pagaram e pagaram muito bem” (AMOR, 2015:07). Na sua percepção, as entidades gestoras do futebol começaram a valorizar o futebol de campo somente na época da Copa do Mundo de 1995, realizada na Suécia. No Rio Grande do Sul parece não ter sido diferente.

### **A convocação do primeiro selecionado gaúcho**

Motivada pela realização da I Taça João Havelange, no ano de 1994, a Federação Gaúcha de Futebol convocou uma equipe compondo a primeira seleção gaúcha (RAMOS, 2016). A competição foi sediada em oito cidades<sup>13</sup> e contou com a participação de vinte e três equipes<sup>14</sup>. Um dos objetivos da Confederação Brasileira de Futebol, era a observação de jogadoras para compor a Seleção Brasileira que disputaria em 1995 o Campeonato Sul-Americano, competição que concedia vaga para a Copa de 1995. Para selecionar as jogadoras, a Federação organizou uma avaliação técnica, popularmente conhecida como “peneira” reunindo noventa e quatro atletas das quais trinta e cinco foram escolhidas. Destas, apenas dezoito comporiam o grupo que disputaria a Taça João Havelange com jogos marcados para acontecer em Cuiabá (MT). No entanto, em função de

---

<sup>12</sup> Integrou a primeira seleção convocada em 1988. Disputou a Copa do Mundo da Suécia (1995) e dos Estados Unidos (1999) e vencedora da Bola de Prata da Adidas. Participou dos Jogos Olímpicos de Atlanta (1996) e de Sidney (2000). Detentora da Camisa 10, é a única brasileira a integrar o FIFA Legends.

<sup>13</sup> Porto Velho (RO), São Luiz (MA), Recife (PE), Vitória (ES), Gurupi (TO), Capão da Canoa (RS), Petrópolis (RJ) e Campos do Jordão (SP).

<sup>14</sup> Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Maranhão, Pará, Amapá, Piauí, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Espírito Santo, Mato Grosso do Sul, Tocantins, Goiás, Distrito Federal, Minas Gerais, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul; Rio de Janeiro e Bahia (INFORMATIVO..., 1993).

problemas na organização do evento, a capital mato-grossense desistiu de sediá-lo e a competição acabou acontecendo em solo gaúcho, na cidade praiana de Capão da Canoa (NORONHA, 1993:51). Segundo Ivete Gallas, uma das selecionadas:

Eles convocaram as atletas para fazer uma peneira lá no campo suplementar do Beira-Rio. “Bah!”. Eu cheguei lá e era tanta mulher no campo e o pessoal que a gente conhecia só ria. Era muita gente! Todo mundo queria ser da Seleção Gaúcha. Então eles foram eliminando, foram selecionando (GALLAS, 2015:4).

Maria Giovana Eisermann também relembra desta seletiva: “Fizeram uma peneira para fazer a Seleção Gaúcha em 1994, foi aí que eu conheci a maioria das gurias. Ficamos um bom tempo treinando nos campos suplementares do Inter e jogamos aquele Campeonato Brasileiro” (EISERMANN, 2016:4).

O grupo treinava de duas a três vezes sob o comando de Ciro Rios. Na fase preparatória disputaram dois jogos: enfrentaram a equipe do Taquarense, de Alto do Taquari e uma equipe de homens do balneário Tramandaí. Segundo o Jornal da Federação Gaúcha de Futebol, as jogadoras Isabel Cristina Nunes (Bel), Eduarda Luizelli (Duda), Aliana Alvares da Rosa (Nana), Iolanda Vargas, Romana Schmidt e Iranês Golembieski (Alemoa) foram destaques das partidas (FUTEBOL...,1993:7).

Com o plantel selecionado, no dia 15 de janeiro de 1994, a seleção disputou seu primeiro jogo na Taça João Havelange, usando uniforme próprio para as mulheres no qual estava estampada a marca esportiva Umbro, uma das patrocinadoras do evento. As gaúchas venceram as catarinenses com o placar de 4 a 0. Na sequência enfrentaram a seleção do Paraná e obtiveram mais uma vitória, uma goleada de 7 a 1. Estas duas vitórias na primeira fase, alavancaram a equipe para a segunda etapa do campeonato, na qual teriam como adversárias as equipes do Amazonas, de Tocantins e da Bahia.

Disputada da cidade de Campos do Jordão (SP), esta fase iniciou no dia 30 de janeiro. No primeiro jogo as gaúchas enfrentaram a equipe de

Tocantins, vencendo pelo elástico placar de 9 a 0. O jogo contra a seleção amazonense foi vencido por 2 a 1 e a classificação para a etapa final da competição dependia de uma vitória contra a forte equipe da Bahia, o que não aconteceu. Vencidas pelo placar de 4 a 1, a seleção sofreu sua primeira derrota no campeonato, e as gaúchas viram ser extinta a possibilidade de disputar o título nacional. Ainda assim, pela campanha emplacada, conquistaram a honrosa terceira colocação. (SELEÇÃO... 1994:5).

A primeira convocação da seleção gaúcha aconteceu num período no qual o futebol de campo sofria um longo período de escassez no estado. Tanto é que, depois de participarem da competição, o grupo se desfez e não houve continuidade nem sistematicidade de ações em prol de sua manutenção. A dedicação e a resiliência das jogadoras era o que mantinha o futebol de mulheres no estado. “São mulheres, apaixonadas pelo futebol que jogam sem recompensa financeira alguma, treinam nas poucas horas de folga que a atividade profissional lhes possibilita, e enfrentam com bom humor o preconceito de uma sociedade que considera futebol coisa de macho (NORONHA, 1993:51).

Ainda assim, a oportunidade de atuar na seleção trouxe visibilidade para as jogadoras e também para a modalidade que reiniciava os primeiros passos em direção a um novo momento, imaginado como de maior solidez e estruturação. Márcia Tafarel relembra: “Poxa! Fui convocada para a Seleção Gaúcha que foi representar meu estado, o próximo passo é eu continuar treinando para de repente eu jogar em alto nível quando tiver uma Seleção Brasileira, eu ser chamada também (2015 p. 8). Maria Giovana Eiserman também salienta que ter participado desta equipe foi fundamental para sua carreira: “[...] depois da Seleção Gaúcha e do Cruzeiro veio um pessoal de São Paulo fazer uma apresentação aqui, um jogo amistoso com a gente, aí o treinador, era o treinador da Seleção, não lembro o nome dele na época. Passou uns dois meses ele me convocou [...] (2016:7).

A convocação da seleção gaúcha e, posteriormente, a retomada da realização do Campeonato Gaúcho foram determinantes para que

Internacional e Grêmio reativassem suas equipes. “Quando terminamos em 1997, acabou o Inter de salão, a Eduarda (Duda) foi para o campo, montou uma equipe no campo e eu e mais algumas gurias fomos para o Grêmio. Então ali em 1997 começou, digamos assim a segunda era do futebol” (EISERMAN, 2016:6).

O Rio Grande do Sul ainda carecia de um campeonato regional. A composição da equipe dos dois maiores clubes futebolísticos do estado fortalecia o movimento em prol do futebol de mulheres. Com isso, a Federação Gaúcha de Futebol organizou o primeiro Campeonato Gaúcho de Futebol Feminino desta nova fase, realizada entre os meses de setembro e dezembro de 1997. Além do Internacional e do Grêmio, participaram as equipes Cachoeirinha (Cachoeirinha), Gramadense (Gramado), Tamoio Mu-Mu (Viamão), Esporte Clube Cruzeiro (Porto Alegre), Gaúcho (Teutônia) e Esporte Clube Pelotas (Pelotas), tendo como campeã a equipe do Internacional. Uma nova fase parecia iniciar. No entanto, nova descontinuidade se fez presente. Em 2001 o Grêmio encerrou sua equipe e em 2004 o Internacional. Fatores como o mau gerenciamento financeiro, a troca de direção do clube, a falta de renovação de contratos e a desvalorização das jogadoras quanto ao profissionalismo aparecem como alguns dos motivos de encerramento desses e de outros times da região (RAMOS, 2016).

### **Um novo recomeço**

O ano de 2017 foi um marco para o futebol gaúcho. Pressionados pelas recomendações da Federação Internacional de Futebol Associação (FIFA), da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) no que tange ao desenvolvimento do futebol de mulheres, Internacional e Grêmio reativaram suas equipes. Situação idêntica a muitos outros clubes “de camisa” que foram obrigados a investir no futebol de mulheres,

demarcando um novo cenário que esperamos ser contínuo e duradouro. Mas isso já é outra história.

## Referências

ALMEIDA, Caroline Soares de. *O Clube da Rua Mascarenhas de Moraes: memórias do futebol de mulheres em Copacabana*. Ponto Urbe. **Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 14, 2014.

AMOR, Sisleide Lima do. **Depoimento de Sisleide Lima do Amor (Sissi): Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

BONFIM, Aira Fernandes. **Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos: uma história social sobre o futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941)**. Rio de Janeiro: FGV (Dissertação de Mestrado – Escola de Ciências Sociais), 2019.

BRASIL, CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. **Decreto n. 3.199, de 14 de abril de 1941: Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Disponível em <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-3199-14-abril-1941-413238-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 02 de setembro de 2020.

BRASIL. CONSELHO NACIONAL DE DESPORTOS. **Deliberação n. 01/83, de 11 de abril de 1983: dispõe sobre normas básicas para a prática de futebol feminino**. Disponível em <https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3311099/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de-11-04-1983> Acesso em: 19 de setembro de 2020.

DUDA entra na quadra e o jogo fica mais bonito. **Zero Hora**, Porto Alegre: 16, 25 jun. 1991.

EISERMANN, Maria Giovana. **Depoimento de Maria Giovana Eisermann: Projeto Garimpando Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

FEDERAÇÃO GAÚCHA DE FUTEBOL DE SALÃO. **Jornal do Partenon Tênis Clube**, Porto Alegre, v. 1, n.1, p. 4, set. 1993.

FUTEBOL feminino. **Jornal da Federação Gaúcha de Futebol**, Porto Alegre, 1993: 7.

FUTEBOL feminino, **Zero Hora**, Porto Alegre, 19 de abril de 1983: 21.

FUTEBOL Feminino com Tudo, **Zero Hora**, Porto Alegre, 18 de abril de 1983: 50.

FUTEBOL feminino em Bento. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 02 de setembro de 1982: 23.

GALLAS, Maria Ivete. **Depoimento de Maria Ivete Gallas**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

KESSLER, Claudia Samuel. “**Entra aí pra completá**”: **narrativas de jogadoras do futsal feminino em Santa Maria – RS**. Santa Maria: UFSM (Dissertação de Mestrado – PPGCS), 2010.

LOPES, Carlos Renato. **Depoimento de Carlos Renato Lopes: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

LUIZELLI, Eduarda Marranghello. **Depoimento de Eduarda Marranghello Luizelli: Projeto Garimpendo Memórias**. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

LUZ, Wilian Antiquiera da. **Loucurinhas do Vovô: a história do Departamento de Futebol Feminino do Sport Club Rio Grande**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2018.

MENDES, Gilberto. Mulheres com a Bola Cheia. **O Pioneiro**, Caxias do Sul, 15 de março de 1983, p. 12

NORONHA, Nico. Seleção gaúcha tem até Romário e Maradona. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 51, 3 nov. 1993.

NUNES, Isabel Cristina de Araújo. **Depoimento de Isabel Cristina de Araújo Nunes**: Projeto Garimpendo Memórias. Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2016.

RAMOS, Suellen dos Santos. **Futebol e Mulheres no Rio Grande do Sul: a trajetória esportiva de Eduarda Marranghello Luizelli (Duda)**. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado - ESEFID), 2016

RAMOS, Suellen dos Santos e GOELLNER, Silvana Vilodre. **Sabe aquele gol que o Pelé não fez? Eu fiz! A trajetória esportiva de Duda.** São Paulo: Editora Multifoco, 2018.

SELEÇÃO gaúcha perde para a baiana e fica em terceiro. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 5, 7 fev. 1994.

RIGO, Luiz Carlos *et al.* *Notas acerca do futebol feminino pelotense em 1950: um estudo genealógico.*In: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 29, n. 3, 2008.

TAFAREL. Márcia. **Depoimento de Márcia Tafarel: Projeto Garimpendo Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte – ESEFID/UFRGS, 2015.

TEIXEIRA, Cecílio Sepúlveda. **Depoimento de Cecílio Sepúlveda Teixeira. Projeto Garimpendo Memórias.** Porto Alegre: Centro de Memória do Esporte, ESEFID/UFRGS, 2018.

VÂNIA, craque de seleção. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 17 de setembro de 1983, p. 33.

VAZ, João Bosco. Façanha. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15 de setembro de 1991, p. 21.

## Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate bola

*Camila Guterres Casses de Oliveira*<sup>1</sup>

Não se sabe exatamente quando o futebol surgiu, mas há registros de jogos com bola desde a Antiguidade. O futebol moderno aparece na Inglaterra, berço da Revolução Industrial. Não por acaso, o “esporte baseou-se nos mesmos princípios de competição, produtividade e fixação de regras para alcançar resultados positivos numa sociedade capitalista” (FRANCO JUNIOR, 2007:25.) Assim, as elites inglesas aproveitaram tal modalidade que, não somente disciplinaria os corpos, como também os comportamentos sociais.

O jogo começou a ser difundido em escolas e universidades, às quais somente as classes dominantes tinham acesso. No ano de 1848, representantes de várias escolas se reuniram em Cambridge para organizar e uniformizar as regras do futebol. Até então, cada local da Inglaterra tinha suas próprias regras e nem todos os esportistas concordavam com essa normatização. Em 1863, foi criada a *Football Association*<sup>2</sup>, que organizava e uniformizava o esporte em quatorze regras<sup>3</sup> (hoje são dezessete), dando identidade própria ao futebol.

---

<sup>1</sup> Mestre em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), especialista em história pela Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior de Novo Hamburgo (FEEVALE) e graduada em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Email: camilinha\_historia@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> A *Football Association* por ser a primeira associação organizadora do futebol é citada em inúmeras obras. Para uma melhor compreensão ver: FRANCO JUNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

<sup>3</sup> Assim como o futebol, suas regras também tiveram sua própria história. O livro **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade** de Hilário Franco Junior, p. 38, traz uma cronologia de mudança das mesmas. Em 1877, o tempo

A modalidade começou a atrair grandes multidões, que aguardavam ansiosas para ver a vitória das equipes de suas cidades ou de suas fábricas, e, aos poucos, os empresários começaram a investir em alguns clubes. A difusão do jogo nas classes trabalhadoras acabou por levar ao profissionalismo, e os jogadores mais habilidosos passaram a ser convidados a trocar seu clube por outro em troca de um salário melhor. O futebol começou, dessa maneira, a se comercializar e, através das fábricas, o futebol deixou de ser praticado apenas nas escolas e universidades como anteriormente ocorria.

Durante a Primeira Guerra Mundial, como os homens foram para os campos de batalha, o esporte se tornou feminino também<sup>4</sup>; porém, após o término do conflito mundial, a *Football Association* opôs-se àquela situação, mostrando que o futebol ainda não estava aberto às mulheres. Apesar das proibições, temos notícias de alguns jogos realizados entre mulheres após a guerra.<sup>5</sup> Embora a quebra de normas exista, a participação das mulheres nos esportes é mínima até porque os próprios clubes não abriam esse espaço. No Brasil, elas foram acolhidas sem interrupções somente a partir de 1979.

“O futebol é um fenômeno muito mais significativo do que apenas um jogo de noventa minutos cercado por quatro linhas” (TOLEDO, 2002:178). Ele é um artefato cultural que ensina comportamentos, valores, formas de agir. Esses comportamentos são representados e experimentados de formas diversas em função do contexto em que estiverem sendo vivenciados. Falar do futebol brasileiro é muito mais do que citar um estilo determinado de futebol e sim tentar entender e explicar

---

de jogo é fixado em 90 minutos; em 1878, o árbitro usa pela primeira vez o apito; em 1880, o impedimento passa a não existir com a bola vindo do tiro de meta; em 1882, o tiro lateral passa a ser cobrado pelas mãos; em 1890, são colocadas redes nas goleiras; em 1891, surgem os auxiliares; em 1894, o juiz ganha autoridades para punir faltas e pênaltis e, em 1896, é criado o intervalo de 15 minutos entre os dois tempos. Desde essa época, existem acréscimos de tempo na partida por atrasos de qualquer natureza.

<sup>4</sup> O futebol feminino na época era proibido, sendo essa uma atividade de exclusividade masculina. Após o término da Primeira Guerra Mundial as mulheres deixaram novamente de praticar o esporte.

<sup>5</sup> “Em 1921, por exemplo, há registros de uma partida realizada na cidade de São Paulo entre senhoritas”. Cfe: MOREL & SALLES, apud GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 145, abr./jun. 2005.

a construção da própria identidade nacional através dele. Claro que essa identidade, por muito tempo, foi estritamente masculina.

Dentro do futebol existe uma importante construção que associa o esporte à “macheza”, e os jogadores e torcedores como “soldados” e “guerreiros”. Essas imagens de masculinidade referem-se a uma virilidade caracterizada por gestos: esses “guerreiros” se “empoderaram”, estufam o peito, gritam, “falam grosso” e mostram o quanto “se é homem”. O antropólogo Arlei Damo analisou a mudança do perfil de torcedores ao longo da trajetória do esporte no Brasil e percebeu que muitas pesquisas indicam que, “com a inserção dos negros e de homens de grupos sociais mais populares, teria surgido a violência e alguns comportamentos considerados não adequados para a elite” (DAMO, In: GASTALDO, 2006:58).

Essa noção de virilidade inicia durante o processo da Revolução Francesa. Segundo o pesquisador André Rauch, a Revolução instaurou a ideia de que o corpo do cidadão seria o escudo da nação e assim esse novo dever, inédito na sociedade ocidental, introduziu na iniciação masculina uma angústia existencial: “o homem deve expor sua vida e fazer desse sacrifício um ritual de glória para provar sua virilidade” (RAUCH, In: CORBIN *et alii.*, 2013:321). Todo homem recrutado para o exército não deveria apenas aceitar o risco de morte, mas deveria aceitar esse perigo em nome da liberdade da nação. Esse risco era acompanhado do sentimento de superioridade sobre os outros. Ele não poderia se livrar disso sob pena de ser banido da “comunhão masculina” (RAUCH, In: CORBIN *et alii.*, 2013:322).

Esse excesso de virilidade faz surgir o desprezo pelo sexo feminino, incluindo aqui não apenas mulheres, mas também homossexuais, que seriam “efeminados”. Nos séculos XVIII e XIX, diversos estudos médicos abordaram o tema da homossexualidade. Segundo o pesquisador Régis Revenin, o desprezo pelos homossexuais, todos tratados como efeminados, traduz, na realidade, um desprezo profundo e renovado pelas mulheres e os valores femininos. Esses homens “invertidos” teriam todas as falhas

psicológicas das mulheres: nervosismo, ciúme, fala em excesso. Assim se compreende que os “homossexuais fossem vistos como pouco ou nada viris, já que, afinal, a feminilidade seria um sinal de fraqueza” (REVENIN, In: CORBIN *et alii.*, 2013:489).

Para o pesquisador Gustavo Bandeira, essa relação entre comportamento violento e não adequado não se relaciona em nada com as classes sociais. Em sua pesquisa para dissertação de mestrado (BANDEIRA, 2009:22), o autor fez um longo estudo de caso nos estádios de Porto Alegre da época: o Beira Rio e o Olímpico Monumental. Segundo Gustavo, ficou claro que tal comportamento ainda permanece nos estádios, mesmo que as classes populares já quase não frequentem esses espaços. Em diferentes setores dos estádios, mesmo naqueles considerados mais privilegiados como os camarotes, o vocabulário agressivo e os comportamentos não polidos permanecem, como se os estádios de futebol por si só fossem espaços que não necessitam de comportamentos comedidos.

Há ainda quem fique surpreso com a presença de mulheres nas partidas de futebol. As mulheres são convidadas a participar desse espetáculo em alguns momentos específicos. Um dos momentos “legítimos” seria a Copa do Mundo, onde a nação é o time para o qual se torce, o que faz com que o público seja fortemente ampliado. Segundo Damo, a Copa do Mundo seria um espaço de democratização do futebol, no qual características masculinas perderiam a hegemonia do vocabulário agressivo e comportamento inadequado. Por dar unidade a uma torcida nacional, logo mista, a Copa precisa trazer harmonia e descontração. Dessa forma, as mulheres e crianças são convidadas a participar e as famílias se reúnem e torcem juntas.

Nas últimas décadas, presenciaram-se alterações no papel social da mulher nas sociedades ocidentais, todavia, embora muitas mudanças políticas, sociais e econômicas tenham ocorrido, as desigualdades entre homens e mulheres estão longe de acabar. Por muito tempo, a divisão de trabalho foi caracterizada por dois espaços: o público e o privado. O

primeiro era destinado aos homens, pois estes realizavam atividades fora de casa como trabalhar, por exemplo. As mulheres, por sua vez, estavam destinadas apenas à esfera privada, cuidando dos afazeres domésticos, dos filhos, do marido, sendo conhecidas como “rainhas do lar”<sup>6</sup>. A mulher-mãe representava, dentro de uma família, proteção, carinho e cuidado, mas as mulheres eram consideradas frágeis e incapazes de entender certos assuntos, ou participar de decisões sérias e importantes. Segundo a psicóloga e professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-RJ) Maria Lucia Rocha Coutinho, “perspicácia intelectual, pensamento lógico, interesses profissionais e políticos passam a ser vistos como antifemininos” (COUTINHO, 1994:42).

Essas diferenças entre os sexos estão longe de serem apenas biológicas. Estão ligadas ao discurso social que associava a mulher a uma natureza frágil, passiva e sensível. A autora ainda afirma que “a identidade feminina, assim como outras, é formada conforme a época e seus interesses” (COUTINHO, 1994:44). A sociedade patriarcal criou para as mulheres essa identidade que, até hoje, muitas vezes, se encontra presente em músicas, propagandas, ensinamentos passados de mãe para filha. Coutinho é enfática quando diz que “desde a infância as crianças são ensinadas a como devem agir ou pensar” (COUTINHO, 1994:44). Homens aprendem cedo que devem trabalhar e assegurar o sustento da família enquanto mulheres devem ser delicadas, femininas, ótimas mães e esposas.

A historiadora Carla Bassanezi realizou um estudo com revistas femininas que resultou na obra “Virando as páginas, revelando as mulheres: revistas femininas e relações homem e mulher: 1945-1964”. A autora mostra que não foram poucas as revistas femininas, entre as décadas de 1940 e 1960, que divulgavam como deveria ser o verdadeiro comportamento da mulher. Na maioria delas, as seções eram destinadas ao ensinamento de prendas domésticas, cuidado com os filhos,

---

<sup>6</sup> Essa representação - rainha do lar - exclui as mulheres operárias presentes no universo do trabalho desde os primórdios da industrialização. Refere-se à mulheres da burguesia e da pequena burguesia.

organização do lar, culinária, como agradar o marido, como se manter sempre jovem, sexualidade, casamento, maternidade, questões financeiras. A mulher era a responsável pela felicidade do matrimônio, deveria “saber cozinhar e cuidar da casa para que o homem não quisesse comer na rua” (BASSANEZI, 1996:266). A autora ainda afirma que as revistas “mostravam que o homem gosta de chegar do trabalho e ver sua mulher elegante, assim esquece outras vistas na rua” (BASSANEZI, 1996:271)

Na década de 40, o “Jornal das Moças” fez grande sucesso. Afirma Bassanezi que “as sessões e artigos eram todos relacionados com o cotidiano doméstico havendo três seções específicas dedicadas às mães: ‘Evangelho das mães’, ‘Sagrada missão da maternidade’ e ‘Falando às mães’” (BASSANEZI, 1996:26) Constata que “na época, não há praticamente desacordo quanto ao cuidado diário das crianças ser uma atividade feminina, enquanto o suporte material é uma função masculina” (BASSANEZI, 1996:348).

Como mostra a autora, a função única da mulher é ser responsável pela casa e por sua família. O “Jornal das Moças” ainda distribuía conselhos de como cuidar da aparência e sempre se manter jovem para o marido e oferecia, também, dicas de assuntos gerais para que a mulher pudesse manter algum diálogo. A autora enfatiza que, na década de 40, “dizia-se que as mulheres não perderiam tempo com textos longos e assuntos que não lhe diziam respeito” (BASSANEZI, 1996:27) e, por esse motivo, deveriam apenas saber o mínimo para poder manter uma conversa.

A Revista Cláudia, apesar de todo o incentivo para os novos tempos, “ainda mostra que a mulher tem como obrigação a casa, o marido e os filhos mesmo que essa agora trabalhe fora” (BASSANEZI, 1996:40). Assim como o “Jornal das Moças”, Cláudia, que também era chamada de revista amiga, continha anúncios e artigos mostrando a mulher como dona de

casa. O lar, e não os campos de futebol, era, até então, o lugar das mulheres<sup>7</sup>.

O historiador Gérson Wasen Fraga cita o texto de Tatiana Brandão de Araújo, que afirma: “as diversas representações normativas existentes acerca do sujeito feminino são construídas a partir de padrões comportamentais” (ARAÚJO, Apud FRAGA, 2009:200). Fraga completa dizendo que

tais padrões são, sabidamente, constructos que atribuem à mulher um papel doméstico e que lhe propõem lhe interditar, a priori, a frequência em determinados espaços, ainda que públicos, como é o caso dos estádios de futebol (FRAGA, 2009:200).

Silvana Vilodre Goellner, professora de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em seu artigo “Mulheres e Futebol: entre sombras e visibilidades” apresenta algumas críticas feitas por cientistas sobre a impossibilidade das mulheres praticarem esportes. Diz ela que “Pierre Coubertin acreditava, em 1938, que a inserção das mulheres no esporte competitivo poderia vulgarizar esse ambiente recheado de honras e conquistas” (COUBERTIN apud GOELLNER, 2005:144). Coubertin, o criador das Olimpíadas modernas, justificava seu ponto de vista, afirmando que:

Technicamente as jogadoras de futebol ou as pugilistas que se tentou exhibir aqui e ali não apresentam interesse algum; serão sempre imitações imperfeitas. Nada se aprende vendo-as agir; e assim os que se reúnem para vel-as obedecem preocupações de outra espécie. E por isso trabalham para a corrupção do esporte, aliás, para o levantamento da moral geral (GOELLNER, 2005:144).

No Brasil, o Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1965, “restringe a prática de lutas de qualquer natureza, futebol, futebol de salão

---

<sup>7</sup> Na década de 70 ainda surgem outras duas publicações consideradas extremamente masculinas: Revista Placar em 1970 e a revista Playboy em 1975 (só recebeu esse nome em 1978 antes era chamada de Revista do Homem).

e de praia, pólo aquático, *rugby*, halterofilismo e baseball”. Essas proibições também se justificavam pelo cuidado com o corpo feminino, pois a autora diz que “a medicina acredita que, se a região reprodutora feminina fosse atingida, isso ocasionaria sérios problemas para a maternidade” (COUBERTIN apud GOELLNER, 2005:81).

Pelas razões citadas, quando as mulheres passaram a participar mais diretamente do futebol, isso era visto como um comportamento vulgar e inadequado. As atletas geralmente possuíam aspectos masculinizados. A vaidade não era sinônimo de futebol. As torcedoras eram, em sua forma geral, desrespeitadas e, muitas vezes, eram agredidas verbalmente, pois eram vistas como mulheres de comportamento sexual desviado. No entanto, aos poucos, os clubes perceberam que a beleza e a erotização dessas mulheres poderiam ajudar no “*marketing*” e passaram a exibir o corpo feminino para o comércio do próprio futebol.

Segundo Jean Baudrillard, “a verdade é que a beleza constitui um imperativo tão absoluto pelo simples fato de ser uma forma do capital” (BAUDRILLARD, 1981:140). É esse corpo, objeto na sociedade capitalista de consumo, que vende outros objetos. O autor é enfático em sua reflexão e diz que, agora, o “corpo substitui literalmente a alma, nesta função moral e ideológica” (BAUDRILLARD, 1981:136). Refere-se à sociedade capitalista, centro de sua análise em que o “estatuto geral da propriedade privada aplica-se igualmente ao corpo, à prática social e à representação mental que dele se tem. Assim o corpo, na sociedade capitalista, é percebido como propriedade. O corpo como propriedade, no entanto, precisa agregar valores. Esse corpo, para ser capital, tem de ser, ou transformar-se, em um corpo funcional. Jean Baudrillard diz que “no longo processo de socialização do corpo como valor exponencial, do corpo funcional (...) a beleza e o erotismo constituem dois motivos condutores de grande importância” (BAUDRILLARD, 1981:139).

Afirma o autor, ainda, que esses dois atributos são “inseparáveis e estabelecem por si só a nova ética da relação ao corpo” (ibidem p. 139). Na

sociedade de consumo, diz o autor, o corpo como capital é prioridade. Ele é enfático quando afirma que:

A beleza tornou-se para a mulher imperativo absoluto e religioso. Ser bela deixou de ser efeito de natureza e suplemento de qualidades morais. Constitui a qualidade fundamental e imperativa de todas as que cuidam do rosto e da linha como sua alma” (BAUDRILLARD, 1981:140).

Um exemplo ilustrativo apareceu no “Paulistana”, campeonato paulista de futebol feminino ocorrido em 2001, onde a Federação Paulista de Futebol “proibiu atletas que tivessem o cabelo raspado e mais de 23 anos para unir o esporte com a feminilidade” (KNIJNIK & VASCONCELLOS apud GOELLNER, 2005:147) Essa erotização do corpo feminino e o culto à sua beleza têm como um dos argumentos o fato de que moças atraem um maior público nos estádios e assim ampliam os recursos captados pelos clubes. Outro exemplo é Revista do Inter, que trazia sempre na última página uma mulher, na maioria das vezes, seminua e vestindo as cores do clube.<sup>8</sup> Ou ainda os inúmeros concursos de beleza que a maioria dos clubes do Brasil participam.

No início da participação feminina nos estádios e, por incrível que pareça, até hoje, muitas vezes, a imagem da mulher dentro do espaço do futebol é vista apenas como forma de divulgação do evento. Mulheres bonitas, torcedoras ilustres (mulheres famosas como atrizes, modelos), divulgam a marca, desfilam o novo uniforme, chamam mais o público masculino aos estádios, dificilmente são valorizadas como atletas, ou torcedoras que realmente se interessam, que não são alienadas, ou ainda, que não se interessem pelos jogadores de futebol. Visão essa que, cada vez mais, é difundida e vulgariza a participação feminina no meio futebolístico.

Gérson Wasen Fraga, em sua tese de doutorado, faz uma análise da Modernidade e a noção de civilidade existente no modelo de desenvolvimento brasileiro, diferente do europeu. Justamente o trabalho de Fraga procura mostrar como a Copa do Mundo de 1950 deveria ser um

---

<sup>8</sup> A Revista do Inter teve sua última edição realizada em dezembro de 2016

“instrumento de afirmação da nacionalidade” (FRAGA, 2009:13) Essa tese foi de especial interesse para esta pesquisa, pois o autor dedica partes do segundo e do terceiro capítulo para as mulheres. O texto mostra essa presença no decorrer do século XX e, especialmente, a aceitação do público masculino. Afirma o autor que as “mulheres eram vistas como alienadas, que só acompanhavam os companheiros para agradá-los ou para admirar os atletas” (FRAGA, 2009:205). Não se acreditava que mulheres pudessem gostar, entender e, principalmente, jogar o futebol.

Afirma ainda Fraga que, na década de 80, “o jogador de futebol viria a substituir o pau-brasil, cana-de-açúcar, a mineração e o café, sendo exportado para os quatro cantos do mundo” (FRAGA, 2009:26). O atleta se tornava um produto a ser vendido, comprado e valorizado. E, assim, todo o resto do futebol também seria comercializado. Esse processo é o que José Miguel Wisnik chama de “futebolização do mundo” (WISNIK, 2008:350).

Wisnik afirma que ocorre, desde o final do século XX, uma transformação significativa, surgindo um novo modelo de esporte. A era da concorrência e da capitalização diminuiu a liberdade e gratuidade que, por anos, foram incorporadas ao futebol. O autor continua, ainda, sua análise afirmando que, em meados dos anos 90, a publicidade invadiu o cenário do esporte em larga escala, contribuindo para essas mudanças ocorrerem. Os jogadores se tornaram símbolos de poder e luxo e o esporte se tornou, cada vez mais, um objeto de consumo.

Nos últimos anos também, houve uma mudança quanto ao público do futebol. Mulheres e crianças frequentam os estádios. Os clubes fazem promoções exclusivas para o público feminino lotar as arquibancadas. Nas lojas, nas propagandas, produtos e reportagens são destinados especialmente para as mulheres. O futebol se tornou um bem comercializado e as mulheres têm fundamental importância nesse processo. Essas mudanças sempre foram relacionadas com processos culturais. Na literatura, na música ou no futebol, a combinação sempre é feita, embora inusitada. Assim não é apenas economicamente que o

público está em transformação. Socialmente também vemos uma mudança significativa. Se antes o futebol era apenas para homens, agora as mulheres invadem as arquibancadas.

O futebol feminino, no Rio Grande do Sul, é muito recente. No estado, a modalidade começou a dar seus primeiros passos de forma institucionalizada somente na década de 1980, mas só atingiu seu ápice nos meados dos anos 1990. “A participação feminina no futebol se deu através do Sport Club Internacional em 1984 com a primeira escolinha do estado” (KESSELER, 2010:87 ). Não se sabe se por falta de incentivo financeiro, mas, em 1991, ela foi fechada. Entre 1993 e 1994, ocorreu a criação da Seleção Gaúcha de futebol feminino, o que fez ressurgir a ideia de criar novas equipes no estado.

Em 1996, é fundado um novo grupo de futebol feminino no Inter. A iniciativa foi tomada por Eduarda Marranghello Luizelli<sup>9</sup>. Duda, como ficou conhecida a jogadora, foi revelada aos 13 anos de idade como meia-direita do extinto time feminino do clube. Em 1993, jogou na seleção gaúcha e, no ano seguinte, foi bicampeã sul-americana pela seleção brasileira. Atuou também em clubes italianos, como Milan e Verona, nos anos de 1993, 1994, 1995<sup>10</sup>

O Grêmio fundou o futebol feminino em 1997 com o intuito de disputar o Campeonato Gaúcho. Com os dois principais clubes do Rio Grande do Sul competindo também no futebol feminino, obviamente cresceu o interesse e a organização dos campeonatos e eventos. No cenário nacional, a Seleção Brasileira de Futebol Feminino obteve boas colocações e alguns títulos importantes nas décadas de 1990 e 2000, o que gerou maior interesse do público e atraiu a mídia.<sup>11</sup> Entretanto, o desenvolvimento da modalidade é ainda precário. A falta de incentivo, inclusão, verbas, apoio de patrocinadores, são muitos os motivos que fazem o futebol feminino não se desenvolver tanto como poderia. O estado

---

<sup>9</sup> Em 2020 Eduarda Marranghello Luizelli assumiu como coordenadora das seleções femininas do Brasil.

<sup>10</sup> Informações retiradas do site: [www.duda.com.br](http://www.duda.com.br)

<sup>11</sup> Informações retiradas no site: [www.gremio.net](http://www.gremio.net) acessado em 27 de agosto de 2020.

do Rio Grande do Sul é um exemplo apesar de precisar crescer muito ainda.

E não é só dentro de campo que a participação feminina no Rio Grande do Sul é um exemplo. As mulheres estão cada vez mais invadindo as arquibancadas. No Grêmio 56% do quadro social é formado por mulheres e no Internacional 25% são mulheres<sup>12</sup>.

Não foi rápida e muito menos fácil a entrada das mulheres para o futebol. Seja como torcedoras ou atletas, demorou décadas para a popularização desse esporte para alguns públicos. Não apenas mulheres, mas também negros e pobres não tiveram acesso a essa modalidade logo em seu início. E, mesmo após alguns anos, quando o futebol já se encontrava mais abrangente, o público feminino ainda se encontrava distante, pois noções de virilidade e masculinidade eram ligadas diretamente a esse esporte e longe da realidade da mulher vista como sexo frágil. Aos poucos, essa visão muda e alguns clubes fundam departamentos de futebol feminino e até torcidas organizadas somente para as mulheres.

No Grêmio, o Núcleo de Mulheres Gremistas foi pioneiro no Brasil. Ele fundado em 15 de maio de 2004, mas as atividades para consolidação do movimento iniciaram-se no decorrer do ano de 2003. O objetivo do Núcleo é reunir mulher que desejam promover atividades apoiando e valorizando o Grêmio, em todos os momentos. O movimento visa a aproximação da mulher torcedora com a instituição, permitindo uma efetiva participação na vida social, política e desportiva do clube, além de estar sempre ao lado do clube, participando de diversos projetos sociais. As atividades e tarefas desse grupo são decididas e distribuídas nas reuniões mensais realizadas. Normalmente, o critério mais utilizado é a disponibilidade de tempo que cada integrante pode dispor.

No Internacional, o grupo se chama Força Feminina Colorada, FFC, fundada em 24 de março de 2009, que deseja proporcionar às suas associadas a oportunidade de frequentar estádios de futebol em grupo,

---

<sup>12</sup> Informações retiradas dos sites: <https://www.elianacamejo.com.br/noticias/item/gestao-da-arena-do-gremio> e <https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter> acessado em: 31 de agosto de 2020.

levando mais mulheres aos eventos futebolísticos, além da mensagem de paz e alegria. Apoiam o grupo de jogadores do clube e atuam sem fins lucrativos com o propósito de divulgar a instituição e buscar novos sócios.<sup>13</sup>

Mas é importante ressaltar que hoje em dia com os estádios nos padrões Arena, com os debates sobre o lugar da mulher ser onde ela desejar, com a modernidade e infraestrutura batendo em nossas portas é muito mais fácil encontrar mulheres, sejam nos estádios ou dentro do campo. Quando os estádios ainda tinham condições precárias de higiene, quando não havia cadeiras, quando se enfrentava filas para as compras de ingresso (hoje com a internet não existe mais essa necessidade), quando não havia alimentação adequada, quando o uso de álcool e tabaco eram permitidos, e principalmente quando se ouvia as “simpáticas” frases como “ih ih ih essa ai eu já comi”, mulheres já frequentavam estádios, já participavam de torcidas organizadas mesmo que sem cadastro oficial para mulheres, já cantavam as músicas, já discutiam futebol, já mostravam entender do esporte, não se importavam com o lugar de sentar ou a sujeira. Para essas mulheres fiéis torcedoras de verdade, todo o respeito e consideração deve ser oferecido.

São essas mulheres que mostram que o futebol é a paixão nacional como dizemos no Brasil e que democraticamente atende a todos os tipos de pessoas. As mulheres que não entendem e não gostam de futebol muitas vezes me perguntam o que faz uma mulher largar tudo e ir ao estádio. É simples: ninguém cuida a roupa, não é feio falar palavrões, não é deselegante gritar. Nas arquibancadas, homens e mulheres são iguais. Em um estádio todas elas atendem pelo mesmo nome: torcedor.

## Referências

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto bebo e brigo... A alegria do meu coração”:** **Currículo de masculinidade nos estádios de futebol.** Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado - PPGEDU), 2009.

---

<sup>13</sup> Informações retiradas do site: <http://www.internacional.com.br/>, acesso em 25 de maio de 2020

- BASSANEZI, Carla. **Virando as páginas, revendo as mulheres: revistas femininas e relações homem-mulher 1945-1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1996.
- BAUDRILLARD, Jean. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1981.
- CORBIN, Alain. *A obrigação da virilidade, fonte de ansiedade e angústia*. IN: CORBIN, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. **A história da virilidade. Volume 2: O triunfo da virilidade no século XIX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- COUTINHO, Maria Lucia. **Tecendo por trás dos panos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- DAMO, Arlei Sander. *O ethos capitalista e o espírito das copas*. In: GASTALDO. Édison Luis; GUEDES. Simoni Lahud (ORG). **Nações em Campo: copa do mundo e identidades nacionais**. Niterói, Intertexto. 2006.
- FRAGA, Gérson Wasen. **“A derrota do Jeca” na imprensa brasileira: nacionalismo, civilização e futebol na Copa do Mundo de 1950**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado - PPGH), 2009.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. *Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades*. **Revista Brasileira de Educação Física**, São Paulo, v. 19, n. 2, p. 143-151, abr./jun. 2005.
- KESSLER, Cláudia Samuel. **“Entra ai pra completá”: Narrativas de jogadoras do futsal de Santa Maria-RS**. Santa Maria: UFSM (Dissertação de Mestrado - PPGCS), 2010.
- RAUCH, André. *O desafio esportivo e a experiência da virilidade*. IN: CORBIN, Alain.
- COUTRINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. **A história da virilidade. Volume 2: O triunfo da virilidade no século XIX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- REVENIN, Régis. *Homossexualidade e virilidade*. IN: CORBIN, Alain. COUTRINE, Jean-Jacques. VIGARELLO, Georges. **A história da virilidade. Volume 2: O triunfo da virilidade no século XIX**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.
- TOLEDO, Luis Henrique de. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec/Fapesp, 2002.

WISNIK, Miguel José. **Veneno Remédio. O Futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2008.

## **Revistas, artigos e jornais**

Revista do Inter, **Musa Colorada**, edição n. 29, ano 5, p. 26, jul. 2008.

## **Sites**

[www.duda.com.br](http://www.duda.com.br)

[www.gremio.com.br](http://www.gremio.com.br)

[www.internacional.com.br](http://www.internacional.com.br)

[www.odia.ig.com.br](http://www.odia.ig.com.br)



**Geraldinas e Arquibaldos:  
identidades e questões contemporâneas**



## **Da batalha de La Plata a dos Aflitos: a modelagem das tradições a partir gremismo**

*Arlei Sander Damo*<sup>1</sup>

O debate sobre a relação entre a estética futebolística e as identidades coletivas, regionais e nacionais, sobretudo, já esteve mais em voga, o que não significa dizer que tenha sido esgotado ou perdido o interesse. As discussões acerca dos estilos de jogo, que afloraram num certo momento da produção acadêmica e reelaboraram questões suscitadas por cronistas acerca da relação entre futebol e sociedade, foram abalroadas por outros temas da pauta identitária – como gênero, por exemplo. Também sofreram um desgaste com a intensificação da circulação de atletas e das tecnologias de formação e treinamento, que implodiram certas fronteiras e com elas as crenças nos estilos nacionais e regionais. Em outras palavras, suspeita-se no presente que a relação entre o caráter coletivo de um dado grupo (povo, etnia, nação, raça, etc) e as formas pelas quais um time de futebol se porta por ocasião de um embate não pode ser declinada mecanicamente, ainda que na crônica esportiva ou nas conversas entre torcedores os estilos continuem sendo um tema recorrente.

Noutra ocasião (DAMO, 2008) sintetizei esta discussão contrapondo duas linhas argumentativas, identificadas em contribuições de Christian Bromberger e José Sérgio Leite Lopes, ambos antropólogos com produções destacadas desde a década de 1980. Em linhas gerais, Leite Lopes (1992;

---

<sup>1</sup> Professor do PPG em Antropologia Social/UFRGS. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Email: arleidamo@gmail.com.

1998) supunha que os estilos de jogo eram modulados pelas técnicas corporais e declinavam de certo *habitus*, podendo incluir elementos de classe e de raça/etnia, entre outros. Era como se os corpos, socialmente constituídos, estivessem impregnados de certos traços que se revelavam ao público por ocasião dos jogos. Num horizonte mais longínquo, podia-se notar nesta posição uma influência de Gilberto Freyre, que consagrara uma crônica, escrita em 1938 (BARRETO, 2004), acerca da oposição entre os estilos brasileiro e europeu. O caso analisado por Leite Lopes fora o de Garrincha, que chegou ao time principal do Botafogo saindo diretamente do futebol de várzea, do qual jamais teria se desvinculado completamente. Já Bromberger (1995), que priorizou o ponto de vista do público, identificou nos alegados estilos uma modalidade de produção discursiva, que pouco teria a ver com o *habitus* dos atletas, antes com a apreciação estética de torcedores e cronistas. Neste caso, seria prudente levar em consideração as múltiplas mediações que separam as práticas corporais dos estilos afirmados ou reivindicados, pois estes seriam, antes de tudo, uma forma de interpretar e reescrever o jogo noutra linguagem que não aquela dos gestos corporais.

As posições dos autores aqui invocadas foram deliberadamente contrapostas com a finalidade de tornar mais explícita a complexidade atinente aos nexos presumidos entre um dado estilo de jogo, por si só um conceito controverso, e as cosmologias afins, sejam elas nacionais, regionais, étnicas, religiosas ou de qualquer outra natureza. Tanto num caso quanto noutro, trabalhamos, seguidamente, com construções arbitrárias, produzidas por certos segmentos de agentes que orbitam o campo esportivo, notadamente os cronistas, mas igualmente relevante são as narrativas de historiadores amadores – muitos deles são jornalistas, outros apenas aficionados. A memória e as tradições esportivas, incluindo-se a invenção delas, são permeadas por ficções, ainda que se sirvam de eventos concretos. As tecnologias imagéticas reduziram drasticamente a possibilidade de invenção, como era frequente na era do rádio ou das crônicas de Nelson Rodrigues, mas não a aniquilaram por completo.

Imagine o leitor como seria a descrição do confronto entre Grêmio e Náutico, conhecido como a Batalha dos Aflitos, caso não dispuséssemos de registros imagéticos. Todavia, o fato do realismo fazer parte do futebol não faz a memória e a tradição refém das imagens, uma vez que elas são reinscritas em narrativas de outra ordem. Ainda que tenhamos recursos que supostamente reduzem o jogo a um conjunto de eventos precisos – e o VAR é a cereja deste bolo realístico – há para além dos jogos a incessante e interminável reelaboração deles através de formas discursivas variadas. No decurso deste processo introduzem-se categorias de entendimento que distorcem os eventos originais, ampliando o significado para salvá-los do esquecimento. Ao contrário de supor que tais distorções sejam um equívoco a ser reparado em nome da verdade, diria que as construções arbitrárias devem ser tomadas como objeto de interpretação por parte das ciências humanas e sociais. Tais construções não se parecem com um discurso de pós-verdade, cujo objetivo seria a distorção interessada, antes um certo estilo de narrativa que, embora mais recorrente na oralidade do que na escrita, flerta com um gênero ficcional conhecido como hiper-realismo.

É o caso, me parece, da narrativa que transformou um jogo dramático – quanto a isso há pouca margem para discussão – numa batalha. Para os gremistas isto pode ter se tornado óbvio nos dias atuais, tanto mais pelo fato do jogo contra o Náutico ter sido vinculado a outro, realizado contra o Estudantes de La Plata. Ainda que possa ser óbvio aos torcedores, especialmente às novas gerações que encontram narrativas prontas a este respeito – livros, filmes, verbetes na internet, painéis em memoriais e até panfletos de marketing –, chama a atenção de quem olha com mais acuidade para estas montagens, quão arbitrárias elas são. Todavia, ao invés de repreender tais arranjos, o que se pretende aqui é destacar a inventividade e, ao fazê-lo, avançar no debate sobre o gênero narrativo ainda pouco explorado que são as histórias contadas no entorno dos jogos. Ao tratar das “batalhas” de La Plata e dos Aflitos, vou me reportar aos jogos e até a alguns lances, mas não será para resgatá-los do

esquecimento, haja visto que estão disponíveis a qualquer torcedor com acesso à internet. Será antes para tratar do modo como operam as produções discursivas que modelam as tradições e estabelecem os nexos a que me referia há pouco, entre a maneira de jogar – factual ou presumida, pouco importa - de um dado time de futebol e uma cosmologia mais ampla.

A vitória do Grêmio contra o Náutico em 26 de novembro de 2005 é daquelas que impressiona quaisquer apreciadores de futebol, independente do pertencimento clubístico. Por tudo o que aconteceu naquela tarde, o jogo poderia ser adjetivado como épico, inesquecível, dramático, extasiante ou outro termo reservado para uma classe restrita de jogos que se destacam da série ordinária e cuja tendência, cedo ou tarde, é ser apagado da memória. Mas porque motivo ele ficaria conhecido como uma “batalha”, a ponto de receber, de parte a parte, dois documentários de mesmo nome - “A Batalha dos Aflitos” e “A Batalha dos Aflitos 2 - a volta por cima”? Em que pese o termo batalha seja recorrente no futebol, como uma das tantas metáforas guerreiras, a hipótese aqui aventada é de que existe algo mais precioso e engenhoso nesta nomeação suscitada, primeiramente, pelos gremistas.

“Rezem, rezem, rezem... porque só resta rezar (...)!” Foi a última recomendação do histriônico locutor de rádio porto-alegrense antes da cobrança da penalidade contra o Grêmio. O jogo estava paralisado havia 25 minutos, desde que o árbitro apitara um pênalti contestado – na época não havia a auditação por VAR. O Grêmio já tinha marcado contra si um pênalti duvidoso na primeira etapa, desperdiçado pelo Náutico, e pouco antes do segundo pênalti, aos 35 minutos da segunda etapa, o time porto-alegrense teve um atleta expulso. Outros três teriam o mesmo destino depois da marcação que gerou a revolta: um deles, incontrolável, deu um encontrão no árbitro; outro deve ter-lhe ofendido verbalmente; e o terceiro deu um peteleco infantil na bola que estava de posse do árbitro, quando este se dirigia à marca fatal. Pelo menos um quarto poderia ter recebido cartão vermelho por tentar acertar um pontapé no árbitro e

outros, quiçá todos, poderiam ter o mesmo destino, por tumultuar o ambiente tentando evitar que o pênalti fosse cobrado.

O Grêmio havia descido ao inferno pela segunda vez. Na primeira, em 1991, o clube ainda pode contar com uma “virada de mesa” – meia virada, talvez, porque jogou a segunda divisão –, uma artimanha da qual se beneficiaram outros grandes da elite futebolística naquela década. Todavia, a partir de 2003, a Rede Globo como que assumiria de vez a organização dos campeonatos nacionais, exigindo que as regras de ascenso e descenso fossem cumpridas, seja para evitar a desmoralização das competições, seja para incrementar a comercialização dos campeonatos no formato conhecido como *pay-per-view*. O Grêmio flertara perigosamente com o rebaixamento em 2003, salvando-se na última rodada. Acreditando que era grande demais para descer outra vez à segunda divisão ou que dela poderia ser resgatado pelos pares, seus dirigentes pouco fizeram para alterar o cenário e em 2004 deu-se o rebaixamento de maneira vexatória.

Praticamente sem plantel, à exceção de alguns egressos das categorias de base, que somados não contavam um time, o Grêmio iniciou 2005 aos trancos, tendo de realizar jogos fora de Porto Alegre, mesmo sendo o mandante, devido às punições acumuladas no ano anterior. Embora com atuações irregulares e um grupo recrutado ao longo da competição, cuja maior virtude era a dedicação, o time estabilizou-se na segunda metade da primeira fase e se classificou à etapa subsequente em quarto lugar entre os oito times que disputariam os dois quadrangulares. Primeiro colocado no seu grupo, o Grêmio passou, então, ao quadrangular decisivo e chegou à rodada final na liderança, podendo retornar à primeira divisão até perdendo, caso o Santa Cruz também perdesse para a Portuguesa, num jogo que se realizaria no mesmo horário e na mesma Recife onde o Grêmio enfrentaria o Náutico, a quem apenas a vitória daria fim a um longo afastamento da Série A que já durava dez anos.

Aos 35 minutos da segunda etapa, quando o árbitro marcou o segundo pênalti – deveria, na verdade, tê-lo marcado alguns minutos antes, quando o goleiro do Grêmio esmurrou um atleta do timbu depois

de ser driblado – o outro jogo, realizado no Arruda, já se encaminhava para o final, com vitória do Santa Cruz. Se o Náutico vencesse, o Santa Cruz seria campeão, razão pela qual seus torcedores permaneceram no estádio, para festejar o título inédito que haveria de se consumir tão logo o árbitro autorizasse a cobrança de pênalti no estádio dos Aflitos. Nem todos os pênaltis são convertidos, mas são raros dois erros consecutivos por parte de uma mesma equipe em um mesmo jogo. Se fosse o caso, ainda teria dez minutos, afora os acréscimos, para o Náutico marcar um gol tendo quatro jogadores a mais em campo.

O goleiro Galatto escolheu um canto e se lançou, antes mesmo do jogador do Náutico tocar na bola. Tivesse aguardado o chute, provavelmente o teria defendido com as mãos e não com os joelhos, como fez, pois tendo se projetado antecipadamente, quase todo o corpo cruzara a linha da bola quando esta alcançou a goleira. Tenha sido por competência, astúcia ou sorte, Galatto tornou-se um herói aos 22 anos de idade, no mesmo instante em que o experiente Kuki, ídolo do Náutico, desabou no gramado com as mãos agarradas aos próprios cabelos. Os torcedores no estádio, que aguardavam a cobrança orando de mãos dadas, desfaleceram como o ídolo, e nas arquibancadas até então ruidosas fez-se um silêncio fúnebre.

O locutor gaúcho gritava atônito, invocando o sobrenatural: “milagre, milagre, milagre...”! Já o narrador de um canal de televisão nacional, mais comedido, descrevia os eventos como “inacreditáveis”, mas nenhum teve tempo de se ater em comentários. O Náutico cobrou o escanteio rapidamente e Galatto socou a bola o mais longe que pode, e para sorte dele ela encontrou os pés de Anderson, um jovem de 17 anos saído das categorias de base e já vendido a um clube europeu para saldar os débitos do Grêmio. Anderson disparou pela meia esquerda, tentando levar a bola o mais distante possível da meta de Galatto e assim angariar segundos preciosos, indispensáveis para segurar o empate. No meio do caminho foi atropelado por um zagueiro do Náutico, advertido com um segundo cartão amarelo e expulso de campo.

Talvez Anderson devesse permanecer estendido no gramado, pretextando atendimento médico. Ao perceber a perturbação dos adversários, pôs-se em pé e ao receber o passe, partiu em diagonal na direção da área do Náutico. Um dos defensores, receoso, se deixou driblar como um poste e outro apenas o seguiu à respeitosa distância. Como diria mais tarde o árbitro: “pareceria que só eu e o Anderson estávamos correndo”. Dois outros defensores do Náutico estavam distraídos na intermediária e o garoto da base gremista conduziu a bola com a exuberância peculiar para, à saída do goleiro, deslocá-lo sutilmente.

Um experiente comentarista definiu a sequência de lances, desde a defesa de Galatto ao gol de Anderson, com exatos um minuto e dez segundos de duração, como “uma combinação irresistível de fatos malucos”, para em seguida arrematar: “estamos perplexos!” Faltavam aproximadamente oito minutos de jogo, mais os acréscimos, uma eternidade para um enfrentamento de 10 contra 7, mas o fato é que o time do Náutico estava animicamente batido. Os torcedores, desolados, tomaram o caminho de casa, numa das tantas cenas inusitadas daquela tarde de sábado. Já os que estavam no Arruda comemorando o título do Santa Cruz, aquietaram-se, tal qual os jogadores, que recolherem-se envergonhados ao vestiário com o troféu improvisado com o qual faziam a volta olímpica. O título, depois de tanta extravagância, seria do Grêmio, e comemorado nas ruas de Porto Alegre e de outras cidades do Rio Grande do Sul, como se fora o mais importante na história do clube.

A sequência de eventos daqueles 70 segundos é um caso ilustrativo de uma máxima segundo a qual a realidade sempre transborda os significados, pois a linguagem, por mais sofisticada que seja, jamais é capaz de descrevê-la, e isso é ainda mais evidente quando lidamos com eventos relacionados às emoções. Paradoxalmente, a linguagem modula os fatos e as narrativas que são o produto desta modelagem é o que será fixo na memória. Aquela tarde de 26 de novembro jamais poderá ser recuperada na sua plenitude, pois as experiências foram múltiplas e situadas, cada torcedor tendo-as experienciado de modo peculiar. As

narrativas, mesmo que parciais, são o que haverá de durar no tempo, algumas alcançando o poder de uma síntese sedutora. Em todo o caso, não se trata – ou raramente é – uma síntese produzida por tese ou qualquer outro trabalho criterioso de recuperação dos eventos ou das narrativas sobre eles, antes construções com alargada margem de arbitrariedade, com boas pitadas de imaginação e até poesia.

Aquele jogo de tantos imprevistos e inusitados já entrou para a história como a “Batalha dos Aflitos”. Grafado em maiúscula, o termo Aflitos não deixa dúvidas de que se refere ao estádio do Náutico, situado em bairro homônimo, onde o jogo foi disputado. Seria igualmente oportuno, se grafado em minúscula, pois o jogo foi cercado de aflições, de parte a parte. Mas por que ficaria conhecido como “batalha”? Que o futebol ainda preserve em seu léxico certos arcaísmos que sugerem um vínculo estreito entre o jogo e a guerra, não é suficientemente convincente. Também não se pode dizer que houve entre os atletas agressões ou hostilidades além das que se poderia esperar num jogo de equipes tão aflitas. Alguns objetos foram arremessados no campo, por torcedores do Náutico, e um torcedor do Grêmio e vários dirigentes invadiram o gramado depois da marcação da segunda penalidade, mas isso é nada se comparado às refregas entre torcidas organizadas, às quais, apropriadamente, talvez, referimos como batalhas. Nem mesmo a extensa lista de hostilidades prévias – como foguetório, vestiário com tinta fresca e cadeado no portão de acesso ao campo – justificam a escolha do termo batalha, pois a rigor nada disso constituiu novidade ou exclusividade.

De um ponto de vista estrutural, tragédia é o melhor termo para o que se passou nos Aflitos pois tivemos, no essencial, uma brusca reversão de expectativas numa fração exígua de tempo. Em termos de gênero literário ou teatral, que são ficções bem mais antigas do que o futebol, o que tivemos foi uma tragédia, mais intensa e original de outras tantas que ocorrem com frequência nos esportes e são apreciadas e mesmo aguardadas pelo público. Mas isso é um ponto de vista antropológico, e quem escreve em primeira mão a narrativa dos jogos não são antropólogos

ou historiadores de ofício – estes escrevem sobre aquelas e, como tal, versões de versões. Então é preciso seguir indagando como o termo batalha foi associado à tragédia dos Aflitos.

Ouvindo algumas narrações do jogo e das que se seguiram a ele, sobretudo aquelas de atletas, dirigentes e cronistas que estiveram no estádio, imaginava que o termo batalha pudesse ser recorrente. Todavia, este só é encontrado nas lembranças mais distanciadas dos eventos, como aquelas por ocasião dos dez anos da data, que recebeu, em diferentes canais, o título de “Dez anos da Batalha dos Aflitos”. A rede de TV nacional que transmitiu o jogo desde um ponto de vista mais distante do clubismo, usou termos como tensão, pressão, adversidade e nervosismo para definir o ambiente antes e nos minutos iniciais do jogo. As rádios de Porto Alegre, que habitualmente transmitem o jogo para os torcedores dos clubes locais, sendo imparciais apenas em grenais, definiram o evento como nervoso, angustiante, terrível e dramático. Os 25 minutos de paralisação, com dezenas de pessoas em campo que não os atletas, foram descritos como tumulto e confusão, e quando enfatizada a mobilização dos jogadores gremistas tentando revisar a decisão do árbitro, utilizaram-se termos como descontrole e desespero, até se chegar àquilo que parecia definir o futuro próximo dos gremistas: desgraça, desastre, desmanche. A defesa de Galatto foi descrita como milagre e façanha, termo empregado também para adjetivar o gol de Anderson. O conjunto da obra seria retratado como extraordinário, inacreditável, impossível e extasiante. Não há registro da palavra “batalha”!

Observados os eventos subsequentes aos 70 segundos em que se consumou a tragédia, o que se destaca são manifestações densas em termos de emoções, homens de todas as idades chorando abraçados ou gritando das janelas de suas casas ou pulando nas ruas como se estivessem encenando um quadro de Pieter Bruegel, o Velho. Eram cenas lúdicas, muitas delas cômicas, jamais agressivas ou violentas. Os torcedores do Náutico abandonaram o estádio incrédulos e em silêncio, enquanto os

atletas choravam copiosamente; eram cenas de consternação, tristeza, desesperança; nenhum gesto de beligerância, nem mesmo de hostilidade.

Como não há registros de que tenha havido uma batalha nos Aflitos, antes, durante ou depois do jogo, há que se buscar outras pistas para explicar o porquê daquele jogo ter passado aos almanaques como tal. Como foram os gremistas que deram o pontapé inicial, uma pista talvez esteja situada noutro jogo marcante na memória dos tricolores, batizado de “Batalha de La Plata”, ocorrido em 1983, na capital da província de Buenos Aires.

À época, o marketing ainda era estranho ao futebol e a Libertadores não havia se convertido numa reprodução de Champions League; não havia, pelo menos entre os brasileiros, sequer o prestígio que passaria a ter a partir da década de 1990. As disputas eram tensas, bem ao gosto dos clubes dos dois lados do Rio da Prata, que rivalizavam entre si, salvo em ocasiões especiais quando das conquistas esparsas de Santos, Cruzeiro e Flamengo. Em 1982, quando fez sua estreia, o Grêmio não passou da primeira fase, disputada em chaves de quatro clubes de duas nacionalidades, classificando-se apenas o primeiro colocado. No ano subsequente, o Grêmio começou titubeante, no Olímpico, contra o Flamengo, mas depois de duas vitórias contra os fracos clubes bolivianos, venceu o Flamengo no Maracanã – aos olhos de pouco mais de 6 mil espectadores – e avançou à fase seguinte, um triangular cujo primeiro colocado enfrentaria na final o vencedor do outro grupo.

Contra o Estudantes, em Porto Alegre, o Grêmio saiu-se vencedor, mas teve um revés em Cáli, contra o América. Mesmo derrotando o time colombiano no jogo de volta o Grêmio foi à La Plata para enfrentar o Estudantes dois dias depois necessitando da vitória para garantir a classificação. Na época as vitórias contabilizavam dois pontos e como o Estudantes havia vencido o América no acanhado estádio Jorge Luis Hirschi, em La Plata, jogaria em Cáli contra um time desmobilizado, pois eliminado. Um empate não seria um mau resultado, não tão ruim quanto para o Grêmio, que assim dependeria do América na última rodada.

Embora não fosse estreante, o Grêmio era um neófito se comparado ao clube argentino, vencedor da Libertadores em 1968, 69 e 79, quando foi campeão mundial depois de bater o Manchester United, num jogo que os ingleses descreveram como uma selvageria. Desde então o clube adquirira a fama de ser um adversário imbatível em seu território, se não pelo futebol por conta das hostilidades. O primeiro jogo entre o Grêmio e o Estudiantes, ocorrido em Porto Alegre, não teve incidentes, mas nos dias que antecederam o jogo de La Plata os jornais porto-alegrenses anunciavam “uma batalha”, recuperando a tradição do Estudiantes em Libertadores com eventos recentes, contados pela delegação do América de Cáli, que teria sido hostilizada dentro e fora do Jorge Hirschi. Entre as queixas dos colombianos estava o fato do motorista do ônibus que conduziu a delegação ao estádio ter se perdido – deliberadamente, segundo eles – e chegado ao local praticamente na hora do jogo. A descrição contrastava com a hospitalidade que havia permeado a relação entre brasileiros e colombianos, tanto na Colômbia quanto no Brasil.

A delegação gremista saiu de Porto Alegre acreditando que o jogo seria difícil, mas sem artimanhas. “Ninguém acredita em violência”, publicou no dia do jogo o jornal Zero Hora (8/7/1983:38). Os jogadores do Estudiantes, entrevistados pelo jornal, fizeram coro a esta expectativa, afirmando que aquele era um time técnico, diferente da má fama acumulada em décadas anteriores, mas não deixaram de arrematar: em La Plata o Estudiantes era imbatível (“Russo adverte: ‘não perdemos em La Plata’”, Zero Hora, 8/7/1983:39).

O jogo contra o América, em Porto Alegre, fora adiado da terça para a quarta-feira, em função da chuva, obrigando o Grêmio a viajar na quinta para jogar na sexta em La Plata. O clube porto-alegrense se mobilizou para tentar adiar o jogo, mas o Estudiantes foi intransigente. “A arbitragem será uruguaia, o que pode preocupar em termos de ameaças. Entre eles há teimas históricas”, escreveu um cronista porto-alegrense. E arrematou: “O estádio de La Plata é pequeno e a torcida fica próxima dos bandeirinhas.

Este será o fator mais adverso ao Grêmio, porque em termos de futebol suas chances são maiores” (Correio do Povo, 8/7/1983:17).

Na sexta-feira, às 22h, o juiz uruguaio Luiz de La Rosa autorizou o início do jogo, mas em seguida suspendeu a ordem, pois um jogador do Estudiantes invadira o círculo central antes do pontapé inicial, sendo advertido com cartão amarelo, algo inusitado. Não há registro de outros incidentes graves na primeira meia hora de um jogo tenso, porém equilibrado, tendo o Grêmio reagido bem à pressão inicial. Aos 32 minutos o atacante Trobbiani avançou a dribles pela intermediária até ser barrado com falta por China, centromédio gremista. Ainda caído, Trobbiani revidou. O árbitro pôs a mão no bolso e o locutor argentino achou que China seria advertido com cartão amarelo – o jornal ZH achou que a falta foi normal -, mas o cartão era vermelho e destinado a Trobbiani. Imediatamente, os jogadores argentinos cercaram o árbitro, e um deles empurrou-o pelas costas. Sem pestanejar La Rosa expulsou Ponce, deixando a equipe local com dois jogadores a menos.

O jogo reiniciou alguns minutos depois, com Sabella cobrando a falta que dera origem à balbúrdia. Um jogador argentino venceu a defesa gremista pelo alto e Gurrieri arrematou para o gol, abrindo o placar. O Grêmio foi ao ataque e conseguiu igualar o placar, antes do intervalo. Na descida ao vestiário o atacante Caio ficou para trás e foi agredido pelos jogadores do Estudiantes, tendo de ser substituído. César, que entrou em seu lugar, fez 2 a 1 aos 8 minutos do segundo tempo e Renato ampliou para o Grêmio aos 18 minutos. A vitória parecia irreversível, devendo o Grêmio evitar as provocações para não ter jogadores suspensos no primeiro jogo da final.

Minutos depois do gol de Renato um dos auxiliares foi atingido por uma pedra e teve de ser atendido pelos médicos do Grêmio. Perdendo por 3 a 1 e com dois jogadores a menos o Estudiantes parecia liquidado. Tanto mais quando outros dois atletas foram expulsos, sendo que um deles acabara de entrar e no seu primeiro lance acertou Renato com um golpe que parecia ser de *muay thai*. Por incrível que pareça, o Estudiantes armou

um esquema com três defensores, dois meias e um atacante e foi para cima do Grêmio. Gurrieri fez 3 a 2 aos 31 e Gugnali empatou o jogo aos 42. O Grêmio ainda faria um gol, que seria anulado inexplicavelmente, mas compreensivelmente, pelo auxiliar. Com 3 a 3 ambos seguiriam vivos na competição, mas só o Estudantes teria mais uma oportunidade de jogar, desta feita contra o eliminado América de Cáli.

“Grêmio cede um incrível empate”, noticiou o jornal Zero Hora na capa do dia seguinte (9/7/1983:1). E ainda na capa, complementou: “Uma noite que parecia destinada a ser lembrada gloriosamente pelos gremistas acabou de maneira melancólica. O Grêmio perdeu a garra e o Estudantes cresceu.” No corpo da matéria o jornal trazia outro título sugestivo: “O Grêmio não soube ganhar essa” (9/7/1983:36). Noutra matéria era apresentada a versão do técnico: “Espinosa: ‘Houve erros lamentáveis’”, e abaixo, em complementação: “Para o técnico, Grêmio cedeu porque teve medo” (9/7/1983:37). Para enunciar a versão dos jogadores a fala contundente do capitão da equipe, o zagueiro uruguaio contratado justamente para enfrentar este tipo de adversidade: “De León: ‘foi uma catástrofe’” (9/7/1983:37). Ruy Carlos Ostermann, um dos mais respeitados cronistas locais, escreveu:

Uma catástrofe, disse De León e eu tenho que enfatizar. [...] Foi uma catástrofe, eu disse, não era possível entender o que aconteceu. De repente um time desmerecido em número chegava à igualdade do escore em 3 x 3 e isso é o que se chama de uma coisa impensável, inacreditável (...). Desafortunadamente, o Grêmio terá que registrar nos seus anais, no histórico do seu clube, de que numa noite de muito frio, em La Plata, na Argentina, no interior da Argentina, [...] numa decisão semifinal de Libertadores da América, ele estava vencendo por 3 x 1 um adversário que tinha tido quatro expulsões de campo e o escore final acabou em 3x3 [...] (Zero Hora, 9/7/1983:37).

Até o retorno à Porto Alegre a delegação de Grêmio foi ensaiando um discurso para justificar o injustificável. Alguns dirigentes diziam abertamente que seria impossível jogar a Libertadores enquanto não houvesse exame antidoping. Um deles, inclusive, chegou a insinuar que a

competição era comandada por uma máfia. A versão dos jogadores foi aos poucos se acomodando na percepção publicamente enunciada pelo lateral Casemiro, para quem eles não teriam saído vivos de La Plata caso vencessem o jogo. (Zero Hora, 9/7/1983:37).

No decorrer da semana os cronistas seguiram na busca por explicações. Lasier Martins, do Correio do Povo, escreveu: “Vimos uma guerra, sim. Mas também vimos um Grêmio vencendo até os 31 minutos do segundo tempo por 3 a 1 e perder para um adversário com sete jogadores em campo. Faltou experiência. O Grêmio foi ingênuo. Se intimidou. [...] ( “Contas a acertar”, Correio do Povo, 10/7/1983:2 - esportes).

O mais cáustico dos colunistas, Antônio Goulart, escrachou:

As desculpas oficiais do Grêmio e até corroboradas por colegas da imprensa que estiveram lá, de que a equipe cedeu o empate por uma questão de sobrevivência, soa realmente como uma desculpa e não como uma causa lógica. Se assim fosse, como se explica o comportamento do juiz uruguaio Luiz de La Rosa que não hesitou em expulsar, um a um, os quatro argentinos?

E em seguida complementou:

Foi Hemingway quem disse que coragem é dignidade sob pressão. Resta saber se levar dois gols de uma equipe de sete, quando a vitória já estava garantida com folga, ficará como uma página digna na história do Grêmio. (Correio do Povo, 12/7/1983:17).

Como havia prometido, o América, mesmo eliminado, segurou um empate contra o Estudiantes em Cali e o Grêmio fez a final contra o Peñarol, sagrando-se campeão daquela edição e colocando-se à frente na concorrência com seu arquirrival ao tornar-se campeão Mundial Interclubes no final do mesmo ano. Com o sucesso nas primeiras edições da Copa do Brasil, que passou a ser disputada em 1989, e depois de nova conquista da Libertadores em 1995, além do Brasileiro de 1996, em que o

Grêmio chegou em 6º na classificação por pontos corridos, mas foi o campeão nos play-offs, a fama de clube copeiro se consolidou.

Com tantas conquistas em confrontos diretos que deu ao clube a fama de “rei de Copas”, é no mínimo curioso que o próprio Grêmio tenha elegido, e não sem o suporte de seus torcedores, o empate em La Plata, outrora controverso, como referência para sua identidade copeira, tendo, entre outras iniciativas, convertido aquele empate que deixou a classificação do time à mercê de um terceiro, numa epopeia. Num trecho de narrativa sobre a Libertadores de 1983, que consta no site oficial do Grêmio, reescrita muitos anos depois, com certeza, pode-se ler:

Foi contra os argentinos do Estudiantes que sua alma castelhana e guerreira marcou história. O Grêmio encarou a sangrenta “Batalha de La Plata”, e, correndo risco de morte numa verdadeira guerra contra jogadores, policiais e torcedores, garantiu o empate na casa adversária e a passagem para as finais.<sup>2</sup>

As narrativas dos jogadores, aproximadamente 30 anos depois, quando da preparação dos depoimentos para o acervo do Memorial Hermínio Bittencourt, localizado no interior da nova arena, fazem coro à versão de que o jogo de La Plata fora uma batalha. Os jogadores do Estudiantes não dizem outra coisa, mas enfatizam que eles foram os batalhadores. A se considerar o que foi publicado nos jornais porto-alegrenses no pós-jogo, é improvável que existiria, no presente, uma narrativa do Grêmio a considerar a Batalha de La Plata um ponto de inflexão da trajetória do clube se este não tivesse se sagrado campeão daquela edição da Libertadores. Não fosse este o caso, o mais provável é que o empate cedido com quatro jogadores a mais em campo teria sido esquecido ou seria lembrado como um evento lamentável e traumático para os torcedores e mesmo estigmatizante para os atletas.

Seja como for, há algo que precisa ser acrescentado a esta resenha. Os dois grandes clubes sediados em Porto Alegre, reivindicam, por conta própria, certas marcas afirmativas do regionalismo gaúcho, e noutras

---

<sup>2</sup> Disponível em: <http://www.gremio.net/page/view.aspx?i=historia&language=0>. Acesso em 14/5/2014.

tantas circunstâncias são identificados com certos estereótipos no espectro do próprio futebol nacional. No primeiro caso, o da autodefinição, temos uma vasta literatura, no campo da antropologia e da historiografia, mostrando como a identidade gaúcha é constituída a partir de uma narrativa que tende a posicionar o Rio Grande do Sul como um espaço fronteiriço, sugerindo que o gaúcho é, antes de mais nada, o produto de uma escolha: que contribuindo na demarcação das fronteiras, através de constantes batalhas, decidiu-se por pertencer ao Brasil (OLIVEN, 1992; GUAZZELLI, 2002). A contrapartida dessa escolha teria sido a liberdade de integrar-se ao projeto nacional sem abrir mão das diferenças regionais. De fato, o gauchismo não se encaixa adequadamente em nenhum polo da oposição europeísmo/tropicalismo que, segundo Ribeiro (2002), sintetizaria a oposição entre argentinos e brasileiros – diferenças estereotipadas, bem entendido, mas nem por isso irrelevantes do ponto de vista antropológico, haja visto a força com que tais marcadores operam no senso comum (MACHILLOT, 2012)

A mídia futebolística, uma máquina de produção e reprodução de estereótipos (HELAL, 2005), tem manipulado sistematicamente esta suposta condição fronteiriça e não faria isso se não encontrasse ressonância entre o público, sejam gremistas ou colorados. A contratação sistemática de jogadores sul-americanos, agora uma estratégia de vários clubes brasileiros, sempre foi rotina na dupla grenal. Para enfrentar os clubes do eixo Rio-São Paulo, na década de 1970, quando passou a ser disputado um campeonato brasileiro regular, o Inter contratou o zagueiro chileno Figueroa. Já o Grêmio buscou o uruguaio Hugo De León para ascender às conquistas da Libertadores e do Mundial Interclubes na década de 1980.

A propósito, há na contratação de jogadores, tanto no passado quanto no presente, um elemento que excede as questões de ordem utilitária, envolvendo a relação entre o preço e a capacidade de realização de performance. Trata-se de uma estratégia antropofágica, sustentada pela crença de que certos atletas possuem atributos morais que são

incorporados ao time. De León e Figueroa são bem ilustrativos a respeito, mas longe de serem os únicos, e nesses casos foram incorporados por Grêmio e Inter porque dispunham de certos estereótipos de “conquistadores”. A contratação de De León evidencia um segundo elemento antropofágico, pois foi buscado pelo Grêmio junto ao Nacional, de Montevideú, pouco tempo depois deste haver derrotado o Inter numa final de Libertadores – em 1980.

Com De León é possível avançar um pouco mais nesta estratégia antropofágica, pois ela ultrapassa o plano das cosmologias clubísticas embora seja aí concretizada. A fotografia de De León levantando a taça da Libertadores de 1983 é cultuada pelos gremistas como poucas, exposta e admirada no Memorial do Clube desde sua inauguração, ainda na década de 1980. De León era um zagueiro técnico, diferente de Figueroa, que jogou no Inter na década de 1970. Era também intelectualizado, expressando-se bem na mídia e por conta disso visto como um líder, dentro e fora de campo. No entanto, o charme da foto do capitão com a taça está numa linha de sangue que escorre desde o supercílio do jogador, sugerindo que a peleja contra o Peñarol, a quem o Grêmio vencera por 2 a 1, fora ríspida. O cabelo desgrenhado e a barba crescida compunham o figurino perfeito de um conquistador colonial, apesar da taça empunhada ser uma homenagem aos libertadores. De fato, o jogo fora violento, mas o corte no supercílio foi apenas um acidente causado pela imperícia na manipulação do próprio troféu. Ademais, pode-se afirmar que a icônica imagem de De León não foi uma escolha aleatória; ela cumpre, sobremaneira, uma expectativa mitopoética: a de ter a taça até então inédita levantada por um herói idealizado.

Na década de 1990, depois de voltar do inferno pela primeira vez, o Grêmio retornou com força à Libertadores, tendo-a conquistado em 1995, com uma equipe, à época, considerada mediana, especialmente se comparada com a do São Paulo, que havia vencido a Libertadores em 1992 e 93, e a do Palmeiras, contra quem o Grêmio rivalizou naquela Libertadores e nos anos subsequentes. Fábio Koff, o presidente campeão

de 1983 estava de volta ao clube, repetindo algumas estratégias, entre as quais a aposta em um treinador moldado na casa. O Grêmio havia sido bem-sucedido com Valdir Espinosa e daria certo com Luiz Felipe Scolari, mas este, à diferença do primeiro, tinha um perfil rústico: reclamava das arbitragens, gritava com os jogadores e era deselegante no vestir e no trato com a mídia. Como o time jogava de forma objetiva, com ênfase na marcação e explorando os erros dos adversários, levou muito tempo até que se reconhecesse nele qualidades e jamais chegou a ser visto como um representante legítimo do futebol “arte” brasileiro. Pelo contrário, o Grêmio acabou rotulado de “time argentino”, o que para os gremistas não seria problema (DAMO, 1998). Até as torcidas organizadas se reinventaram, assimilando a estigmatização e manipulando-a em seu favor. Inspirando-se na performance das *barras bravas* argentinas, a Geral do Grêmio, que se consolidou como a principal torcida do clube de 2000 em diante, tornou-se uma referência para outras *barras* brasileiras. Nos seus primeiros anos, a Geral chegou a ser identificada pela mídia como “alma castelhana” (2012).

Quando teve início o dramático jogo contra o Náutico, os gremistas não estavam preocupados com questões de ordem identitária. Desejavam, com todas as suas forças, voltar à primeira divisão para aplacar, um pouco, a gozação dos colorados. A ideia de “imortal”, que está presente até no hino do clube, e as façanhas da década de 1990, foram muito utilizadas para mobilizar os atletas, mas a “Batalha de La Plata” certamente não foi assunto de vestiário. Todavia, o jogo nos Aflitos assumiu um roteiro próprio e sem que o soubessem, os atletas performaram uma trama que lembraria, em muitos aspectos, aquela de La Plata, mas com os papéis trocados. Ou seja, os jogadores gremistas portaram-se em Recife como os do Estudantes em La Plata, entre os quais estava Alejandro Sabella, mais tarde contratado ou, preferindo-se, canibalizado pelo Grêmio. Nas narrativas realizadas durante e logo após o jogo, o episódio de La Plata não veio à tona; até porque ele estava adormecido há mais de vinte anos. Com o passar do tempo, a realização de sínteses mitopoéticas e a acomodação

da memória, descobriram-se nexos, ainda que invertidos, e desde então o Grêmio teria duas batalhas para chamar de suas, incluindo-se a de La Plata, que por muito tempo esteve à espera de um evento para ser passada a limpo.

Um jogo poderia ser descrito como um conjunto de narrativas; alguns, dignos de rememoração, como tendo muitas camadas (DAMO, 2006). A primeira é aquela constituída pelos corpos em movimento, em forma de coreografias improvisadas à base de passes, dribles, chutes, encontrões e infrações. Há narrativas coetâneas a esta, dos jogadores, feita com palavras – e palavrões –, a qual se somam outros profissionais, como os técnicos, que orientam, gesticulam e advertem os times, no momento mesmo em que as coreografias são realizadas. À diferença da dança e do teatro, em que os diretores calam por ocasião dos espetáculos, no futebol a impressão é que a coreografia nunca está pronta, porque os técnicos estão sempre corrigindo algo, quando em verdade esta é a natureza mesma do jogo. Ainda em primeira mão, diria que há a narrativa dos torcedores nos estádios, organizados ou não, e a dos cronistas, que fazem uma espécie de tradução do evento original, com o auxílio de artefatos variados. Um segundo nível de elaboração é caracterizado pelas narrativas pós-jogo, que podem assumir diferentes formatos conforme as categorias de agentes implicados. Jogadores e outros profissionais reescrevem os jogos nos vestiários, nas entrevistas e mesmo das preleções dos dias subsequentes; cronistas o fazem em comentários que podem se estender por dias e semanas. Já os torcedores, o fazem comentando eventos ou mesmo importunando seus parceiros com jocosidades. Há um terceiro nível, ao menos, que são as reconstruções mais afastadas dos eventos, aquelas que conectam não mais um lance do jogo a outro, mas jogos e lances pinçados dos jogos, por vezes sequências de jogos. É neste nível que a memória seletiva opera com mais força, pois que alguns eventos já terão sido esquecidos, deliberadamente ou não, e outros lembrados à exaustão. É neste nível de reelaboração que as narrativas se afastam mais dos eventos, flertando com a imaginação, para buscar outras conexões,

supostamente mais abrangentes ou mais profundas, não raro fora do espectro futebolístico.

Não há na história do Grêmio um outro momento em que ele tenha sido aproximado, de modo tão decisivo, de um “estereótipo argentino” quanto na década de 1990. No entanto, não foi contra equipes argentinas que o Grêmio disputou seus jogos memoráveis do período. Talvez o Grêmio, por força das circunstâncias, incluindo-se o fato de ser um clube sul-rio-grandense, estivesse desde sempre fadado a imiscuir-se com os estereótipos argentinos. Sob muitos aspectos o empate contra o Estudantes, em 1983, e a vitória contra o Náutico, em 2005, constituem uma assimetria quase perfeita, com o Grêmio performando em 2005 o papel que coube ao Estudantes desempenhar contra o Grêmio em 1983. Pela lógica antropofágica, não se busca incorporar o poder de um estranho qualquer ou de um inimigo débil, procura-se antes os mais fortes, temidos e ameaçadores. No panteão gremista, o Estudantes, da Argentina, é muito mais ameaçador do que o Náutico, que para todos os efeitos consta no imaginário sulista como um clube de segunda divisão.

Não é errado pensar, como o fazem alguns gestores de marketing recém-chegados ao mundo do futebol, que ele é puro entretenimento, diversão e descontração. Seus circuitos de competições relativamente estabilizados, sejam eles clubísticos ou nacionalísticos, possibilita aos fãs eventos bem distribuídos ao longo do ano e das semanas, como uma rotina qualquer. As novas arenas, inclusive, foram concebidas para serem espaços de desfrute de segmentos privilegiados, como uma amenidade ao conforto do lar. Talvez esses gestores não conheçam a fundo o bem simbólico que vendem como entretenimento. Mas é fato que esta mercadoria só tem valor porque simultaneamente à temporalidade cíclica e rotineira alguns eventos se destacam. A partir deles promovem-se conexões, misturando-se o que na aparência são alhos e bugalhos, como mostrei aqui, para produzir, ao fim e ao cabo, a mitopraxis que dá cor, sabor e sentido ao futebol, incluindo-se aqueles jogos de rotina.

## Referências

- BARRETO, Tulio Velho. “*Gilberto Freyre e o futebol-arte*”. In: **Revista USP**, São Paulo, n.62, jun/ago. 2004, p. 233-238.
- BROMBERGER, Christian. **Le match de football: ethnologie d’une passion partisane à Marseille, Naples et Turim**. Paris: Éditions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1995.
- DAMO, Arlei. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado PPGAS/IFCH), 2004.
- \_\_\_\_\_. *Senso de Jogo*. In: **Esporte e Sociedade**, Niterói: UFF, n° 1, p. 1-47. 2006. Disponível em: [https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/051425\\_es103.pdf](https://www.ludopedio.com.br/v2/content/uploads/051425_es103.pdf)
- \_\_\_\_\_. “*O futebol e suas propriedades estéticas: estilo, tempo e espaço em perspectiva antropológica*”. In: **Estudos de Sociologia**, Araraquara: UNESP, v. 14, n° 2, 2008, 157-198.
- GUAZZELLI, Cesar. “*500 anos de Brasil, 100 anos de futebol no RS: a construção da ‘província de chuteiras’*”. **Verso e Reverso**. XVI, n.34, São Leopoldo: Unisinos, 2002.
- HELAL, Ronaldo (2005). “*Como ‘eles’ nos vêem: futebol brasileiro e imprensa Argentina*”. In: **Contemporânea**, Rio de Janeiro: UERJ, n° 4, 2005. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/17061/12551>.
- LEITE LOPES, José Sérgio. “*A morte da alegria do povo*”, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, n. 20, 1992.
- \_\_\_\_\_. “*Les origines du jeu à la brésilienne*”. In: HÉLAL, H.; MIGNON, P. (orgs). **Football, jeu et société. Les cahiers de L’INSEP**, n° 25, 1998. p. 65-84.
- MACHILLOT, Didier. “*Pour une anthropologie des stéréotypes: quelques propositions théoriques*”. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre: UFRGS, vol.18, n.37, 2012, p.73-101.

OLIVEN, Ruben.. **A parte e o todo**. Petrópolis, Vozes, 1992.

RIBEIRO, Gustavo Lins. *Tropicalismo e europeísmo. Modos de representar o Brasil e a Argentina*. In: FRIGERIO, Alejandro e RIBEIRO, Gustavo Lins (orgs.) **Argentinos e Brasileiros: encontros, imagens e estereótipos**. Petrópolis, Vozes, 2002. p. 237-264.

RODRIGUES, F. C.. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Niterói: ICHF/UFF (Dissertação de Mestrado em História), Niterói, 2012.

**“Sou gaúcho e sou peleador”:  
barras bravas no Rio Grande do Sul e  
a hegemonia nas arquibancadas gaúchas**

*João Manuel Casquinha Malaia Santos*<sup>1</sup>

*Elias Costa de Oliveira*<sup>2</sup>

## **Introdução**

No início dos anos 2000, um fenômeno novo passou a se espalhar pelas arquibancadas dos estádios do Rio Grande do Sul (RS). As torcidas organizadas gaúchas ganhavam um novo e importante capítulo em suas histórias. Foi o surgimento das chamadas "barras" entre torcedores dos times gaúchos, principalmente em Porto Alegre. "Barra"  a maneira como são conhecidas as torcidas organizadas no restante da América Latina. A partir de agora, chamaremos "torcida organizada" apenas aqueles modos de torcer organizados tpicos do Brasil, com bandeires com mastros, torcida uniformizada e instrumentos de percussão do samba. As barras são diferentes: utilizam outros materiais de pano (os trapos e as barras), usam um instrumento de percussão chamado "murga" e não usam uniformes que os identifiquem como membros de torcidas.

O objetivo deste capítulo é analisar, ainda que de forma panorâmica, um pouco deste processo de criao das barras no RS e no Brasil, bem

---

<sup>1</sup> Doutor em História Econmica. Professor do Dep. de História e do Programa de Pós Graduao em História da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [jmlaia@gmail.com](mailto:jmlaia@gmail.com)

<sup>2</sup> Aluno de Mestrado do Programa de Pós-Graduao da Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [eliascostaiff@gmail.com](mailto:eliascostaiff@gmail.com)

como suas disputas pelo espaço das arquibancadas e das ruas. Trata-se de uma pesquisa com um recorte temporal bastante recente e que, por este motivo, nos obriga a trabalhar com fontes que ainda não são usualmente mobilizadas na pesquisa histórica, apesar de já o serem em áreas como as ciências sociais. São materiais produzidos pelos torcedores como vídeos de Youtube, postagens em páginas oficiais de redes sociais, entrevistas de membros das torcidas e barras em *podcasts*. Também são importantes as fontes dos meios de comunicação da chamada "grande mídia", em diferentes plataformas como jornais impressos e sites da internet de grandes empresas de comunicação, que nos permitem compreender os discursos criados em torno das torcidas organizadas e das barras. Uma das ferramentas que podem ser utilizadas para conhecer um pouco do panorama das barras é o site *Barra Brava - Hinchadas de Fútbol*<sup>3</sup>. O site disponibiliza um ranking dinâmico que se baseia no registro de torcedores.

Estas fontes digitais serão usadas a partir de um campo maior de estudos que atualmente se conhece como Humanidades Digitais, onde se procura investigar como a pesquisa na internet pode se mover para além apenas da chamada "cultura online" (ROGERS, 2013). Um dos problemas centrais em relação a este tipo de pesquisa é justamente a abundância de fontes, colocando-se uma questão importante de quais critérios usar para selecionar o material que mais nos auxilie na realização de nosso objetivo. Optamos por usar as páginas oficiais das torcidas e das barras na plataforma *Facebook* e páginas do *Instagram*. Nestas páginas, buscamos dados sobre a fundação dos grupos, sua autodenominação, bem como imagens de uma cultura material das torcidas organizadas e das barras. Entrevistas realizadas em *podcasts* de torcedores que contam aspectos do passado do processo de criação e ampliação das barras tornaram-se também um importante passo para elucidar eventos dos passados dos integrantes das torcidas organizadas e das barras, em registros produzidos por eles mesmos. Longe de ser uma "história oral", esses documentos

---

<sup>3</sup> BARRA BRAVA. [S.I.]. Disponível em: <<https://barrabrava.net>>.

sonoros podem nos ajudar muito em um primeiro contato com o fenomeno, alem de conhecer não são alguns dos episodios mais marcantes, mas tambem alguns dos personagens dessas historias. Neste caso,  importante colocar que a entrevista não se tornar apenas um texto, havendo a necessidade de se compreender as entonações de voz e o que cada entrevista pode transmitir para alem do que está sendo falado (CLEMENT, 2016). Vídeos no *Youtube* serão analisados a partir das produções feitas por torcedores, principalmente com o objetivo de perceber as similaridades entre as barras brasileiras e as do resto da América do Sul, bem como as diferenças nas formas de expressão das torcidas organizadas e as letras de suas músicas.

A partir desta introdução, apresentamos uma breve discussão teórica sobre algumas das diferentes formas de organização nos modos de torcer mais significativas pelo mundo, apresentando o "hooliganismo" (Reino Unido), o movimento dos "ultras" (Europa continental), as "barras" (América Latina de língua espanhola) e as torcidas organizadas (Brasil), com destaque para as duas últimas. Posteriormente, abordamos o surgimento, o crescimento e o atual predomínio das barras em Porto Alegre e em várias cidades no interior do RS. Passamos a mostrar o surgimento de barras em outros estados do Brasil e o panorama frente às torcidas organizadas, ainda predominantes no restante do país.

### **Diferentes formas de organização torcedora**

Espectadores de jogos de futebol são tão antigos quanto o próprio jogo. Desde que as primeiras partidas se registram nos anais da história, em meados do século XIX, temos a presença de público acompanhando estes eventos. O fenômeno acompanhou o próprio crescimento do futebol: espectadores e o jogo ajudaram um ao outro a se desenvolver. E como o futebol se espalhou pelo mundo, junto com ele se espalhou também o fenômeno do crescimento e da cada vez maior importância dos espectadores, sejam como consumidores dos jogos, sejam como elementos primordiais que alteraram a própria esttica deste espetáculo.

No Brasil, o fenômeno foi (e é) de tal maneira importante, que ainda nos anos 1910 até mesmo uma expressão própria foi criada especialmente para designar aqueles que acompanham os esportes (em especial o futebol) nos estádios: a torcida. Aqueles/as que iam aos estádios eram os torcedores/as e o ato de incentivar um clube ou uma seleção passou a ser conhecido como "torcer". Santos (2012) analisou o surgimento desta expressão na imprensa brasileira no início do século XX, sua aparição nos dicionários brasileiros para designar o conjunto de espectadores, bem como suas mudanças de significado, onde a cada nova edição de um dicionário de português lançada no mercado, os termos torcer, torcida e torcedor/a ganhavam cada vez mais relevância em relação ao próprio jogo.

A partir da segunda metade do século XX, um outro fenômeno passou a acontecer dentro do próprio conjunto de torcedores de um clube: a formação de formas organizadas de torcer. Apesar de algumas expressões organizadas anteriores, o fenômeno mais amplo teve início no Reino Unido, com a formação de grupos que ficaram conhecidos por *hooligans*. Esses grupos deram origem ao termo "hooliganismo". Há um intenso debate teórico sobre o tema e é sempre difícil que determinados termos englobem todo um fenômeno. Em relação a algumas das mais importantes discussões sobre o tema, Canter et al. (1989) afirmou que o termo "hooliganismo no futebol" abrange muitos comportamentos diferentes e complexos. Já Dunning (2000), apontou que este termo carece de precisão e geralmente é usado de forma panorâmica para cobrir uma variedade de formas diferentes de comportamento que ocorrem em contextos que podem estar mais ou menos relacionados a futebol. Posteriormente, Williams (2002) argumentou que não havia uma definição sobre "hooliganismo no futebol" que fosse precisa o suficiente para que pudesse ser utilizada de maneira ampla e sem maiores problematizações.

As formas de organização de modos distintos de torcer muitas vezes são confundidas com o *hooliganismo*. Neste capítulo, adotamos o termo "hooliganismo" para tratar do fenômeno de maneira geral. Já a expressão *hooligans* será usada para nos referir especificamente aos torcedores do

Reino Unido que tem como características a apologia à violência, ao racismo e à xenofobia. Os *hooligans* não utilizam materiais dos clubes pelos quais torcem, instrumentos musicais ou bandeiras, procurando o anonimato e não uma organizao formal. Em muitos casos tem relações com partidos de extrema- direita (LOPES e CORDEIRO 2010; TOLEDO, 1996). O "hooliganismo" se espalhou pelo mundo e outras formas organizadas de torcer se formaram.

Estes grupos organizados de torcedores ao redor do mundo tem alguns elementos em comum. São formados por jovens, majoritariamente homens, que apoiam fanaticamente um clube de futebol (ou seleções nacionais, em alguns casos). Nos jogos, destacam-se por tentarem entoar canções de apoio durante toda a partida e, muitas vezes, utilizam-se do recurso da violência contra grupos rivais (da mesma torcida - intratorcida - ou de torcida de outros clubes - intertorcidas) e contra a polícia. No entanto, existem muitas diferenças entre eles.

Na Itália, no final dos anos 1960, surgiram os chamados "*ultras*" (TESTA e ARMSTRONG, 2010). Este movimento se espalhou pela Europa, adquirindo características específicas. Os "*ultras*" costumam ficar nas "curvas" dos estádios (setores atrás das metas), usam materiais dos clubes, bandeiras e faixas, além de pirotecnia, como tochas e sinalizadores. São conhecidos por levantar o lema "contra o futebol moderno", defendendo sua forma de torcer, contra a mercantilização do futebol, principalmente os altos preços de ingressos (LOPES e HOLLANDA, 2018). Se espalham por toda a Europa, desde Portugal até o extremo leste europeu (SPAAIJ, 2006).

Na América Latina de língua espanhola, movimentos organizados de torcedores surgiram a partir dos anos 1970, ficando conhecidos inicialmente como "barras", principalmente na Argentina, no contexto dos governos autoritários da ditadura no país. No início, foram chamados de "*barra forte*"<sup>4</sup> e estavam organizados dentro das "*hinchadas*", maneira

---

<sup>4</sup> Termo usado pelo jornal argentino La Razn, em outubro de 1958, para explicar sobre torcedores já conhecidos no futebol daquela nao, temidos pelos dirigentes dos clubes locais por sua violência. *LOS ORÍGENES de un mal sin remedio*. In: Clarn digital. Buenos Aires: 15 mai. 2000. Disponível em: <<http://www.clarin.com/diario/especiales/violenciaenelfutbol/nota2/ro2401d.htm>>. Acesso em: 12 de outubro 2019.

como eram conhecidas de maneira mais ampla as torcidas de um clube. Essas “barras”, posteriormente denominadas de "barras bravas" são majoritariamente formadas por jovens que concentram-se nos setores mais baratos ou populares do estádio.

La formación de las barras bravas en Latinoamérica, (...) se dio en la década de los setenta, principalmente en Argentina, (...) Chile, cuyos contextos presentaron un clima social de violencia planteado por las dictaduras militares, situación que marcó una profunda brecha social y económica. Por tanto, en América Latina, las barras bravas se convirtieron en sujetos de protesta contra los regímenes dictatoriales; en este sentido, la calle dejó de ser el lugar en el que se desarrollaban las manifestaciones en contra de los estamentos políticos y los estadios se convirtieron en el escenario de la protesta (ALVARADO e ORTIZ, 2017:63).

As barra bravas levam para o estádio faixas com frases de apoio ou nomes de bairro, conhecidos como trapos (ARAGON, 2007). Usam também faixas verticais esticadas desde o topo das arquibancadas até o final delas, as barras. Usam também bumbos, instrumentos de sopro, sombrinhas e a murga, instrumento de percussão que tem um prato acoplado. São conhecidas pelo *aguante*, expressão que possui diferentes definições (ARCHETTI, 2003; ALABARCES, 2004). O termo *aguante*, que passou a ser usado a partir da década de 1980, é relacionado ao corpo, a resistir às adversidades impostas pelo clima, pelas longas viagens para acompanhar o clube e nos confrontos intertorcidas e intratorcidas (ARAGON, 2017).

Seus cânticos são inspirados na *cumbia villera*, um subgênero da *cumbia* (estilo musical surgido na Colômbia e muito popular na América Latina). A *cumbia villera* tem a influência do rap norte americano, com letras abordando problemas sociais das periferias argentinas, as *villas* e daí o nome *villera*. Como afirmam Alabarces e Silba (2014:16):

La cumbia es también molesta para los sectores conservadores, por su repertorio de excesos: exceso de alcohol, drogas, sexo y crimen celebrados en sus letras, exceso de baile y fiesta como terrenos *populares* inaccesibles y

autonomizados. [...] Por su exceso de subalternidad, en suma, una subalternidad que se afirma explícita y orgullosamente.

As barras ficaram conhecidas na América Latina pelos confrontos violentos e pela forma de "alentar" nas arquibancadas. Influenciaram diversas torcidas pela América Latina. Para Holanda (2017: 37):

Ao longo do último quartel do século XX, na esteira dos campeonatos nacionais e da Taça Libertadores da América, determinados agrupamentos torcedores ganharam vultos, sendo responsáveis por constituir uma subcultura juvenil latino-americana, associada aos clubes de futebol profissional da América do Sul. Dentre estes grupos, alguns tiveram projeção continental e chegaram a influenciar a formação de torcidas na América Central além de inspirar associações de torcedores na Europa ou mesmo em outra parte do globo.

Em relação ao Brasil, os primeiros torcedores organizados surgiram nos anos 1940. Eram iniciativas muitas vezes atreladas aos clubes, conhecidas por "torcidas uniformizadas". A partir dos anos 1970, após a fragmentação destas torcidas uniformizadas, surgem as torcidas organizadas, formada majoritariamente por homens jovens. Na primeira metade dos anos 1990, o número de torcidas organizadas cresceu (HOLLANDA, 2012). Passaram a ser consideradas as responsáveis pelo espetáculo nas arquibancadas por meio de pirotecnia, samba, carnaval e bandeires com mastro (LOPES e CORDEIRO, 2010). Além disso, as torcidas organizadas brasileiras têm adotado códigos de violência como legitimação, assim como as demais formas organizadas de torcer pelo mundo.

No início dos anos 2000, iniciou-se um movimento organizado no RS que passaria a fazer frente às torcidas organizadas neste estado: as barras bravas gaúchas. Ligada ao Grêmio surge de Geral do Grêmio, em 2001. Já ligada ao Internacional surgem dois movimentos, a Guarda Colorada e a Popular do Inter, em 2004. Essa forma de torcer quebrou uma hegemonia de quarenta anos de samba, carnaval e grandes bandeiras dentro dos estádios gaúchos. As barras gaúchas inventaram uma tradição de torcer

parecida com as barras bravas, principalmente da Argentina e Uruguai, se aproximando deste hábito destas regiões. Este é o processo que buscamos analisar neste capítulo

## As Barras do RS

As principais torcidas organizadas do RS surgiram na virada dos anos 1960 para 1970. Ligadas ao Internacional, surgiram a Torcida Organizada Camisa 12 (1969)<sup>5</sup>, a Super Fico (Força Independente Colorada) (1977)<sup>6</sup> e a Nação Independente Comando Vermelho (1992)<sup>7</sup>. Já ligadas ao Grêmio, surgiram a Torcida Jovem do Grêmio (1977)<sup>8</sup>, a Super Raça Gremista (1981)<sup>9</sup>, a Garra Tricolor (1982)<sup>10</sup> e a Torcida Independente Máfia Tricolor (1995)<sup>11</sup>.

Damo (1998), mostrou a pluralidade das torcidas organizadas do Grêmio no final dos anos 1990, bem como suas ligações com o clube e as rixas entre elas. Segundo Damo (1998), esta ligação entre clube e torcidas organizadas era uma das características que diferenciava as torcidas organizadas gaúchas daquelas de Rio de Janeiro e São Paulo, mais autônomas em relação às direções dos clubes.

No final da década de 1990 e início dos anos 2000, atos de violência envolvendo torcidas organizadas do Internacional e do Grêmio chegaram no auge e vários episódios mostram um processo de ruptura e de

---

<sup>5</sup> TORCIDA ORGANIZADA CAMISA 12. Sociedade Recreativa Cultural Torcida Organizada Camisa 12. Porto Alegre, 8 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/camisar2dointer/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>6</sup> SUPER FICO. Força Independente Colorada. Porto Alegre, 7 nov. 2011. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/SuperFico1977/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/SuperFico1977/about/?ref=page_internal)>. Acesso em 25 set. 2020.

<sup>7</sup> NAÇÃO INDEPENDENTE COMANDO VERMELHO. Torcida Organizada Nação Independente. Porto Alegre, 11 out. 2012. Disponível em: <<https://www.facebook.com/TONa%C3%A7%C3%A3o-Independente-Comando-Vermelho-282572685187803/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>8</sup> TORCIDA JOVEM DO GRÊMIO. Associação Recreativa e Cultural Torcida Jovem do Grêmio. Porto Alegre, 14 abr. 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/jovendogremio/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>9</sup> SUPER RAÇA GREMISTA. Torcida Organizada Super Raça Gremista. Porto Alegre, 11 dez. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/superracagremista/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>10</sup> GARRA TRICOLOR DO GRÊMIO. Torcida Organizada Garra Tricolor. Porto Alegre, 1 jul. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/garratricolorgremio/>>. Acesso em: 25 set. 2020.

<sup>11</sup> MAFIA TRICOLOR. Torcida Independente Máfia Tricolor. Porto Alegre, 30 de out. de 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mafiatricolor/>>. Acesso em 25 set. 2020.

reaproximação entre as diretorias dos clubes gaúchos e suas organizadas. Em 2001, por exemplo, a Camisa 12 (maior organizada do clube no período) colocou suas faixas de ponta-cabeça durante um jogo contra o Esportivo, em Bento Gonçalves, em protesto contra a má campanha do clube. Depois do episódio, o vice-presidente do clube, Paulo Mubarak, declarou que havia "marginais" infiltrados nas organizadas e anunciou o corte dos subsídios à Camisa 12. O presidente da Camisa 12, Flavio Ilha Couto, que na época tinha 45 anos, prometeu processar Mubarak.<sup>12</sup>

No Grêmio, um dos episódios que marcou o processo de ruptura da direção do clube com a Super Raça (maior torcida organizada gremista) foi a morte do torcedor Geferson da Silva Machado, 19 anos, integrante da torcida. A tragédia aconteceu em Caxias do Sul, após um jogo entre Juventude e Internacional. Após a partida, integrantes da Super Raça, entre eles Geferson, estavam nas imediações do estádio e se envolveram em uma confusão com um torcedor do Internacional. A polícia foi acionada, apartou a briga e passou a revistar os torcedores. Geferson morreu com a explosão de uma bomba caseira que carregava junto com ele. O policial Cleomar Vargas perdeu a mão com estilhaços da bomba. O vice-presidente da Super Raça, Deomar Brandão, que  época tinha 48 anos, declarou ao jornal *O Pioneiro*, de Caxias do Sul: "Acho que vai ser o fim da torcida. Houve uma morte. Que explicação poderemos dar  direção do Grêmio?"<sup>13</sup>. No dia seguinte  briga, a direção do Grêmio anunciou a "extinção sumária de todas as torcidas organizadas do clube"<sup>14</sup>.

Punições e prisões de vários integrantes das torcidas organizadas geraram um certo esgotamento das próprias torcidas. Além disso, fazendo parte de um projeto de elitização do estádio Olímpico do Grêmio, a diretoria do clube encerrou a distribuição de ingressos para os

---

<sup>12</sup> INTER e Camisa 12 brigam. *O Pioneiro*, Caxias do Sul/RS. 2 mai. 2001, p. 34. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/885959/310453>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>13</sup> CHEMELO, Xnia e PEREIRA, Marisa. Bomba. *O Pioneiro*. Caxias do Sul/RS. 20 mai. 2002, p. 20. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/885959/328818>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

<sup>14</sup> O Impacto. *O Pioneiro*. Caxias do Sul/RS. 21 mai. 2002, Caderno Especial, p. 3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/885959/328841>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

componentes das organizadas, proibindo instrumentos musicais e bandeiras com mastro de bambu e qualquer símbolo que remetesse à torcida (RODRIGUES, 2012). O controle policial aumentou com a obrigatoriedade de numeração individual nas camisas de cada componente das organizadas do RS, o que os deixava mais vulneráveis a sanções:

Permanecer atrelado a uma torcida, que além de oferecer poucas ou quase nenhuma vantagem ainda obrigava seus integrantes a usar camisas numeradas sob o risco de expulsão ou a não entrada nos jogos, não parecia um bom negócio. A cada protesto realizado após os jogos, membros eram expulsos das torcidas e impedidos de frequentar o estádio. Para alguns torcedores, o melhor foi deixar a torcida por conta própria (RODRIGUES, 2012:47).

Foi neste contexto que outro fenômeno organizado de torcedores apareceu no Rio Grande do Sul, iniciando nas arquibancadas do Olímpico do Grêmio. Esse fenômeno, naquele momento inédito no Brasil, procurou identificar-se com as formas organizadas de torcer hegemônicas no restante da América Latina, as barras. Mas esse novo fenômeno teria que enfrentar uma hegemonia de quase quatro décadas de torcidas organizadas no RS. As disputas pela hegemonia das arquibancadas são situações comuns em qualquer parte do mundo. Fatores como dinheiro, política e territorialidade (dentro e fora dos estádios) são algumas das razões para esta disputa:

Em determinadas etnografias, [a mais importante] é a rivalidade intraclube dos torcedores, não a rivalidade interclube. Esta, à primeira vista, parece a mais evidente aos olhos do senso comum, assim resultam as disputas simbólicas e materiais pelo controle das arquibancadas sob a forma pessoalizada das lideranças, sob a forma grupal das dissidências que dão origem a novos grupos ou mesmo sob a rivalidade que termina em enfrentamentos físicos e diretos (HOLLANDA, 2017:51).

A partir das disputas entre as torcidas organizadas do próprio Grêmio e destas torcidas com a direção do clube, um grupo dissidente saiu

da Torcida Jovem e formou um movimento localizando-se no anel inferior, ao lado direito das cabines de televisão do Estádio Olímpico. Esse movimento seria diferente, pois iria fugir da institucionalidade, da burocracia e das ligações com a diretoria do clube das tradicionais torcidas organizadas gaúchas, adotando a expressão usada no restante da América Latina para caracterizar o apoio incondicional com cânticos: o alento.

Esse novo movimento de torcedores teve como seu primeiro "trapo" uma antiga bandeira da Torcida Jovem, que foi pintada do avesso, sendo um símbolo de ruptura daquela forma tradicional de torcer (RODRIGUES, 2012). Podemos mesmo dizer que, de certa forma, revolucionou as arquibancadas do estádio Olímpico, assim como as arquibancadas do Rio Grande do Sul.

No início, o nome escolhido para o grupo foi o de Alma Castelhana, devido às suas características parecidas com as barras da região platina. Porém, este nome foi recebido de forma pejorativa por determinados elementos, pois sempre se consideraram Geral do Grêmio (RODRIGUES, 2012). Além das barras e dos trapos, a Geral foi a única torcida do Brasil que fazia a avalanche, inspirada na comemoração das torcidas sul americanas, que desciam correndo as arquibancadas após o gol, colocando-se em risco de queda e mostrando todo seu *aguante*.

Poucos anos depois, torcedores do Internacional também fundaram uma barra: a Guarda Popular,<sup>15</sup> que teve seu início em 2004, a partir do fechamento do setor mais barato do estádio do Internacional (Beira-Rio), conhecido por "Coreia". Neste espaço, os torcedores assistiam em p aos jogos e muitas vezes entravam no segundo tempo, quando eram abertos os portões. Com o fechamento da Coreia, alguns movimentos (como os "Malditos da Coreia", os "Diabos Vermelhos" e ex-membros de torcidas organizadas menores) perderam seu espaço e não queriam fazer parte das outras organizadas tradicionais do Internacional. Os "Malditos da Coreia"

---

<sup>15</sup> Informações retiradas de FONTANA, Ronaldo. **Atrás do Gol- A Barra Brava do Internacional**. Trabalho de Conclusão de Curso. Disponível [no canal da Guarda Popular] em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QhGHB5DCprk>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

e os “Diabos Vermelhos” não tinham como características o estilo das torcidas organizadas. Eram movimentos mais espontâneos e menos burocráticos.

Dentro deste contexto, surgem a Guarda Colorada e a Popular do Inter. Cada um desses grupos ficava de um lado do estádio. Em meados de 2004, esses grupos se unem e formam a torcida Guarda Popular, se localizando atrás do gol sul do Beira Rio. A Guarda Popular também modificou o modo de torcer no Beira Rio, assim como a Geral do Grêmio fez no Olímpico e atualmente na Arena. A Guarda Popular "platinizou" as arquibancadas do Beira Rio e influenciou milhares de torcedores colorados. A torcida foi a precursora em utilizar a murga e os instrumentos de sopro, em 2006 e 2007 respectivamente.

Um dos episódios mais significativos e que projetou a imagem da Geral do Grêmio se deu em 2006, em um jogo entre Internacional e Grêmio, no Beira Rio. Torcedores do Grêmio protagonizaram um dos episódios simbolicamente mais marcantes envolvendo torcidas, quando atearam fogo a vários banheiros químicos e lançaram os mesmos em chamas para dentro do campo durante o jogo, em partida transmitida ao vivo na televisão. De acordo com matéria de O Estado de São Paulo, ainda não havia sido esclarecido se os culpados pelo ato "pertenciam a alguma organizada oficial, ou à Geral, uma aglomeração que não tem comando formal e é acusada de provocar adversários na internet e por refrões racistas nos estádios". Nesta matéria, observa-se o reconhecimento de que o Grêmio tinha "organizadas oficiais" e demarcava a diferença com a Geral, "uma aglomeração que não tem comando formal"<sup>16</sup>. Observa-se também a apresentação de graves acusações à Geral, sua atuação violenta e cânticos racistas<sup>17</sup>. Por conta desses cânticos, a Guarda Popular criou

<sup>16</sup> SELVAGERIA no jogo do Beira Rio. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 31 jul. 2006:45.

<sup>17</sup> As acusações são em relação ao termo "macaco" usado para caracterizar torcedores do rival Internacional. **Grêmio 3x0 Corinthians - Chora macaco imundo - GERAL DO GRÊMIO**. [S.l.] 2009. (1m50s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=CrSKtqbcieE>>. Acesso em: 27 ago. 2020. **Olha a festa macaco, música do grêmio**. [S.l.] 2019. (1m43s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fDqno3XQoiU>>. Acesso em: 27 ago. 2020. **Macaco vai pra puta que pariu**. [S.l.] 2018. (1m05s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wXbKeKdg3Ag>>. Acesso em: 27 ago. 2020.

músicas chamando a torcida rival de racista<sup>18</sup>. Mas essa atitude acaba limitando-se apenas às arquibancadas, não se transformando em uma agenda antirracista que perpassa a barra e a sociedade como um todo.

Podemos identificar semelhanças entre as duas barras de Internacional e Grêmio nos elementos da cultura gaúcha. As duas carregam muito forte o bairrismo, o orgulho gaúcho, cantam o hino do Rio Grande do Sul e têm bandeiras com as cores do estado. No entanto, há elementos de diferenciação entre elas.

Na Geral do Grêmio, mesmo formada também por dissidentes das organizadas tradicionais, o estilo "platino" era mais aceito e foi amplamente adotado. Os integrantes chegavam mesmo a cantar músicas em espanhol no estádio. Era o caso de um cântico clássico das barras argentinas, cantado e adaptado para cada clube e entoado, entre outros, por *Los Borrachos del Tabln* (do River Plate) e *La 12* (do Boca Juniors): "Quiero que legalizen la marihuana"<sup>19</sup>.

Já a Guarda Popular procura valorizar elementos da cultura nacional, como em uma faixa com os rostos dos capitães do time que fizeram parte dos elencos dos cinco títulos da seleção brasileira. Os colorados buscam uma diferenciação até mesmo na maneira de chamar alguns de seus elementos de cultura material. Enquanto a Geral do Grêmio chama de trapo, a os torcedores da Guarda Popular

chamam as suas faixas de apoio de *Panos*. Os colorados colocam em rivalidade até mesmo uma expressão que os identifica mais com a brasilidade e o caráter popular da sua torcida, mesmo que ambos os termos tratem de elementos rústicos, artesanais e de desprendimento material (Rodrigues, 2012:88).

---

<sup>18</sup> Vs Grêmio- BR14 - Time de Racista. [S.l.] [S.d.] (0:33s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=8Bl058yTU04>. Acesso em: 27 ago. 2020. Inter 1xo Santa Cruz - Jamais serão Torcida - GUARDA POPULAR - GAUCHO. [S.l.] 2011. (2m: 13s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dsSekEidcIE&t=38s>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

<sup>19</sup> Os cânticos podem ser vistos em diversos canais da plataforma Youtube, com vídeos produzidos pelos próprios torcedores. **Quiero que legalizen la marihuana - Los borrachos del tabln**. [S.l.] 2017. (0m48s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L7SiF3l3aiQ>>. Acesso em: 23 mar. 2020. **Quiero que legalizen la marihuana La 12 + Letra**. [S.l.] 2015. (1m05s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x6naNeLN-QM>>. Acesso em: 02 jan. 2020. **Torcida Do Grêmio Cantando em Espanhol**. [S.l.] 2018. (4m23s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=MQZUYHreBo8>>. Acesso em: 12 jan. 2020.

Pela própria formação da Guarda Popular, no qual estiveram presentes ex-membros de torcidas organizadas, o "estilo platino" era chamado de forma pejorativa de "argentino". Nessa rivalidade, a Guarda Popular orgulhava-se de uma faixa que dizia "Eu canto em português"<sup>20</sup>, provocando a torcida Geral do Grêmio.

A partir da consolidação das barras do Grêmio e Internacional, essa forma de torcer se espalhou para o interior do RS. No ranking do site *Barra Brava*, os três primeiros lugares são ocupados por barras argentinas, pela ordem: *La Guardia Imperial*, com torcedores do Racing Club; *La Gloriosa Butteler*, com torcedores do San Lorenzo; e *La 12*, com torcedores do Boca Juniors. A primeira barra brasileira aparece no 7º lugar: a Geral do Grêmio. Em 9º lugar, outra barra brasileira, a Loucos Pelo Botafogo, com torcedores do clube carioca.

O Rio Grande do Sul conta com dez barras cadastradas, estado brasileiro com maior número.

Tabela 1: As barras do RS cadastradas no site *Barra Brava*

Barra	Clube	Local	Fundação	Ranking
Geral do Grêmio	Grêmio	Porto Alegre	2001	7
Guarda Popular	Inter	Porto Alegre	2004	9
Forza Granata!	Caxias	Caxias	2009	77
Unidos por uma Paixão	Pelotas	Pelotas	2006	79
Loucos da Papada	Juventude	Caxias	2008	90
Os Farrapos	São José	Passo d'Areia	2007	91
Los Imigrantes 1924	Ypiranga	Erechim	2015	152
Diabos do Planalto	Passo Fundo	Passo Fundo	2005	168
Barra do Galo	FC Santa Cruz	Santa Cruz	2010	193
Fúria Jovem	São Gabriel	São Gabriel	2001	246

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados do site Barra Brava <<https://barrabrava.net/pais/brasil/>>

Muitas barras gaúchas não estão registradas no *Barra Brava*, mas são conhecidas nos estádios gaúchos e tem perfis oficiais em redes sociais como o *Facebook*, acompanhando equipes que disputam a primeira, a

<sup>20</sup> Uma foto desta faixa pode ser vista no perfil de Instagram "HISTÓRIA POPULAR: Perfil para mostrar momentos/histórias da Guarda Popular desde sua fundação". HISTORIAPOPULAR2004. Instagram. [S.l.] 5 jul. 2020. Disponível em: <<https://www.instagram.com/historiapopular2004/>>. Acesso em: 26 set. 2020.

segunda e a terceira divisão do campeonato estadual e algumas competições nacionais e internacionais. A cidade de Bage, por exemplo, conta com duas barras: a Fúria Jalde Negra<sup>21</sup>, do clube Bage; e a Barra do Índio, do Guarany<sup>22</sup>. Em Santa Maria, o Internacional local conta com a barra Fanáticos da Baixada<sup>23</sup>. Em Lajeado, o Lajeadense conta com o apoio da barra Fiel Alvi Azul.<sup>24</sup> A equipe do Novo Hamburgo conta com o aguante da Barra do Noia<sup>25</sup>. Los Reyes del Barrio são a "barra do Índio", que apoia o Aimor, de São Leopoldo<sup>26</sup>. Os Ultras Glória, são "a barra do Glória", de Vacaria<sup>27</sup>.

A maioria dessas barras predominam nas arquibancadas em relação às torcidas organizadas. No entanto, ainda há disputas em alguns locais, assim como se d em Porto Alegre. A resistência à hegemonia das barras acontece em Caxias do Sul, onde a barra do Juventude Loucos da Papada<sup>28</sup> divide as arquibancadas com a torcida organizada Mancha Verde. Também em Pelotas, a barra do Pelotas, Unidos Por Uma Paixão<sup>29</sup> divide espaço com a torcida organizada Força Jovem do Pelotas. Vale ainda destacar que o outro time da cidade, o Brasil, não possui barra e quem

---

<sup>21</sup> FÚRIA JALDE NEGRA. Fúria Jalde Negra. Bage, 6 abr. 2014. Disponível em: <<https://www.facebook.com/furiajaldenegra/>>. Acesso em 25 set. 2020.

<sup>22</sup> INDIO GUERREIRO. Índio Guerreiro. Bage, 9 fev. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/BarraDoIndio/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>23</sup> Em Santa Maria a torcida do Esporte Clube Internacional é uma mescla de torcida organizada com barra brava, conhecida como Fanáticos da Baixada. FANATICOS DA BAIXADA. Torcida Independente Fanáticos da Baixada. Santa Maria, 9 ago. 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Fan%C3%A1ticos-da-Baixada-149068688509409/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>24</sup> FIEL ALVIAZUL CE LAJEADENSE. Fiel Alvi azul Ce Lajeadense. Lajeado, 18 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.facebook.com/Fiel-Alvi azul-CE-Lajeadense-658241727678317/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>25</sup> PARANOIA. A barra do Noia. Novo Hamburgo, 3 out. 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/paranoiaecnh/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>26</sup> LOS REYS DEL BARRIO. Los Reys del Barrio. São Leopoldo, 6 nov. 2012. Disponível em: <[https://www.facebook.com/pg/LosReyesDelBarrio86/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/LosReyesDelBarrio86/about/?ref=page_internal)>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>27</sup> ULTRAS GLÓRIA A Barra do Glória. Vacaria, 20 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/ultrasdogloria/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>28</sup> OS LOUCOS DA PAPADA. Os Loucos da Papada. Caxias do Sul, 30 mai. 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/OsLoucosdaPapada/>>. Acesso em 26 set. 2020.

<sup>29</sup> UNIDOS POR UMA PAIXÃO. Unidos Por Uma Paixão. Pelotas, 8 de jul. de 2011. Disponível em: <<https://www.facebook.com/unidosporumapaixao2006/>>. Acesso em 22 set. 2020.

segue predominando nas arquibancadas do estádio Bento Freitas são as torcidas organizadas Máfia Xavante<sup>30</sup> e a Camisa 7.<sup>31</sup>

Ao todo, pudemos localizar 17 barras no Rio Grande do Sul que se caracterizam mais ou menos pela cultura platina de torcer. Algumas com fortes referências à cultura das barras, inclusive com nome em espanhol, como a "Los Reyes Del Barrio". Ou ainda a barra do Glória de Vacaria, que se autodenomina barra, usa toda a simbologia das barras, mas tem em seu nome o "ultra", que designa outra forma de torcer. Temos ainda o caso da barra do São Gabriel, a Fúria Jovem, que se iniciou como torcida organizada e passou a se chamar barra na segunda metade dos anos 2000, com o crescimento das barras no estado.

## Barras pelo Brasil

No início dos anos 2000, com o surgimento das primeiras barras no RS, a disputa pela hegemonia nas arquibancadas gaúchas (bem como em todo o campo das torcidas) envolvia uma série de fatores, sendo um deles a violência. Este recurso foi amplamente utilizado para a conquista de determinados territórios específicos dentro do estádio e em confrontos fora dele. A Geral do Grêmio e a Guarda Popular agiram desta forma, adotando também este modo de se legitimar, como suas congêneres latino-americanas, principalmente as argentinas. São várias as notícias de brigas entre torcidas organizadas e barras de Grêmio e Internacional. Apenas a título de exemplo, citamos aqui confrontos entre torcedores gremistas da Geral e da Super Raça<sup>32</sup> ou da Máfia Tricolor<sup>33</sup> e de torcedores

<sup>30</sup> TORCIDA MAFIA XAVANTE. Torcida Máfia Xavante. Pelotas, 23 de ago. de 2013. Disponível em: <<https://www.facebook.com/mafiaxavanteoficial/>>. Acesso em 21 set. 2020.

<sup>31</sup> TORCIDA ORGANIZADA CAMISA 7-G.E BRASIL/RS. Torcida Organizada Camisa 7 Pelotas, 8 nov. 2015. Disponível em: <<https://www.facebook.com/camisa7xavante/>>. Acesso em 21 set. 2020.

<sup>32</sup> BAIBICH, André. Geral do Grêmio e grupo rival entram em confronto no entorno da Arena. *Gaúcha Zero Hora*. Porto Alegre/RS, 23 mai. 2016. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/gremio/noticia/2016/05/geral-do-gremio-e-grupo-rival-entram-em-confronto-no-entorno-da-arena-5808242.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

<sup>33</sup> FARINA, Jocimar. Polícia Civil prende envolvidos em brigas de torcidas do Grêmio. *Clic RBS*. Porto Alegre/RS, 23 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.clicrbs.com.br/especial/sc/qualidade-de-vida-sc/19,0,2311479,Policia-Civil-prende-envolvidos-em-brigas-de-torcidas-do-Gremio.html>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

colorados da Guarda Popular contra integrantes da Camisa 12<sup>34</sup> ou da Nação Independente<sup>35</sup>.

De acordo com Hollanda, Azevedo e Queiroz (2014), do RS essas barras logo se espalharam pelo país. Os autores apontam que estas torcidas propagavam princípios como o apoio incondicional ao clube que torcem e o canto coletivo ininterrupto durante as partidas, independente do resultado. No início dos anos 2000, as torcidas organizadas gaúchas estavam em litígio com as diretorias dos clubes e com a polícia. O surgimento das barras e seu discurso de atuação, teriam permitido que certos meios de comunicação e a certos comentaristas esportivos da grande imprensa tivessem uma "brecha para sair da camisa de força em que se encontravam desde os anos 1980". Esta brecha, segundo os autores, era o que estes setores tinham para dar apoio às formas de torcer das barras como uma "saída conveniente" na disputa pelas formas de torcer nas arquibancadas gaúchas. Este apoio aconteceu até o momento em que as barras gaúchas também passaram a usar da violência como modo de legitimação e de tomada de espaços dentro e fora dos estádios.

O fenômeno do surgimento de barras no Brasil tomou corpo no país a partir da hegemonia das barras gaúchas, principalmente as barras do Grêmio e do Internacional. No entanto, estão longe de poder disputar a hegemonia nos modos de torcedor com as torcidas organizadas no restante do país. Mesmo assim, para além das 10 barras do RS registradas no site "Hinchadas", há mais 27 barras brasileiras.

Como esta é uma plataforma em que os próprias torcedores e as barras se registram (ou seja, o que define a barra  sua autoafirmação como barra), podemos observar grupos que foram formados originalmente como torcidas organizadas e que passaram a se definir

---

<sup>34</sup> BAIBICHI, André. Por brga antes do Gre-Nal, Popular e Camisa 12 são suspensas por 90 dias. *Gaúcha Zero Hora*. Porto Alegre/RS, 22 nov. 2015. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/inter/noticia/2015/11/por-briga-antes-do-gre-nal-popular-e-camisa-12-sao-suspensas-por-90-dias-4912855.html>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

<sup>35</sup> Inter suspende Guarda Popular e Nação Independente por dois jogos. *Correio do Povo*. Porto Alegre/RS, 24 jul. 2014. Disponível em: <<https://www.correiodopovo.com.br/esportes/inter/inter-suspende-guarda-popular-e-na%C3%A7%C3%A3o-independente-por-dois-jogos-1.148804>>. Acesso em: 10 jun. 2020.

como barras. Além disso, há disputas sobre qual haveria sido a primeira barra do Brasil. Por exemplo, a barra formada com torcedores do América-MG, apresenta sua fundação em 1989 como União Nação Americana e após um período parada, retomou as atividades como Barra UNA.<sup>36</sup> Há também a barra Setor 2, do Clube Atlético Juventus-SP, que se apresenta no site como originada da Ju-Metal, declarando ser "a primeira barra-brava do Brasil, consequentemente, a Setor 02 também, e o pioneirismo é nosso!".<sup>37</sup> Ou o caso da Torcida Grenámor (ES), que se auto denomina "torcida organizada" no próprio site, e que tem fundação em 1976.<sup>38</sup>

Não é propósito deste capítulo discutir qual foi a primeira barra brasileira. Estamos interessados em compreender de forma panorâmica os processos de formação e disseminação das barras pelo Brasil. Mas esclarecer estas questões são importantes para que possamos compreender melhor o próprio site "Hinchadas" como possibilidade de fonte de pesquisa histórica. Na tabela a seguir, apresentamos uma seleção das barras brasileiras registradas no site. Optamos por apresentar apenas as barras que se auto denominaram como tal desde a sua fundação, com intuito de perceber aquelas que se fundaram a partir deste novo movimento e evitando assim confusões com datas de fundações anteriores, quando as barras ainda eram torcidas organizadas. As barras foram ordenadas por ordem de fundação e pode ser observado claramente um primeiro movimento no RS e o posterior aparecimento de barras no Brasil a partir de 2006, ano em que a Geral do Grêmio e a Guarda Popular já eram consideradas as maiores torcidas dos seus clubes.

---

<sup>36</sup> BARRA BRAVA. [S.I.]. Disponível em: <<https://barrabrava.net/america-mineiro/barra-una/historia/>> Acesso em: 12 jun. 2020.

<sup>37</sup> BARRA BRAVA. [S.I.]. Disponível em: <<https://barrabrava.net/atletico-juventus/setor-2/historia/>> Acesso em: 12 jun. 2020.

<sup>38</sup> BARRA BRAVA. [S.I.]. Disponível em: <<https://barrabrava.net/desportiva-ferroviaria/grenamor/historia/>> Acesso em: 12 jun. 2020.

Tabela 2: As barras do Brasil cadastradas no site *Barra Brava*

Barra	Clube	Local	UF	Ano	Ranking
Geral do Grêmio	Grêmio	Porto Alegre	RS	2001	7
Setor 2	Juventus	São Paulo	SP	2001	51
Guarda Popular	Inter	Porto Alegre	RS	2004	9
Diabos do Planalto	Passo Fundo	Passo Fundo	RS	2005	168
Unidos por uma Paixão	Pelotas	Pelotas	RS	2006	79
Loucos pelo Botafogo	Botafogo	Rio de Janeiro	RJ	2006	10
Guerreiros do Almirante	Vasco	Rio de Janeiro	RJ	2006	93
Mov. Pop. Legião Tricolor	Fluminense	Rio de Janeiro	RJ	2006	222
Mov. 105 minutos	Atlético MG	BH	MG	2006	190
Os Tigres	Criciúma	Criciúma	SC	2006	136
Os Farrapos	São José	Passo d'Areia	RS	2007	91
Infernizada Tricolor	D. de Caxias	D de Caxias	RJ	2007	238
Porto 10	Santa Cruz	Recife	PE	2007	149
Brava Ilha	Sport	Recife	PE	2007	202
Alma Celeste	Paysandu	Belém	PA	2007	91
Loucos da Papada	Juventude	Caxias	RS	2008	90
Forza Granata!	Caxias	Caxias	RS	2009	77
O Bravo Ano de 52	Fluminense	Rio de Janeiro	RJ	2009	17
Nao 12	Flamengo	Rio de Janeiro	RJ	2009	56
Camisa 33	Remo	Belém	PA	2009	184
Setor Alvinegro	Ceará	Fortaleza	CE	2009	237
Barra do Galo	FC Santa Cruz	Santa Cruz	RS	2010	193
Castores da Guilherme	Bangu	Rio de Janeiro	RJ	2011	18
Os Centenrios dos Afritos	Náutico	Recife	PE	2012	185
Mov. Pop Febre Amarela	São Bernardo	S. Bernardo	SP	2012	208
Barra da Chape	Chapecoense	Chapecó	SC	2013	83
Movimento 90	ABC	Natal	RN	2014	188
Bucheiros da Colina	São Raimundo	Manaus	AM	2014	243
Los Imigrantes 1924	Ypiranga	Erechim	RS	2015	152
Mov. Turma Tricolor	Bahia	Salvador	BA	2015	137
Bravos Regatianos	CRB	Maceió	AL	2016	241
Curva 1909	Coritiba	Curitiba	PR	2017	177

Fonte: Elaborada pelos autores a partir dos dados do site Barra Brava <<https://barrabrava.net/pais/brasil/>>

Algumas dessas barras registradas fazem parte do que Hollanda, Azevedo e Queiroz (2014) chamaram de “movimentos”: grupos, em alguns casos, de dissidentes das torcidas organizadas tradicionais, compostos por jovens frequentadores de estádios, insatisfeitos com os padrões de conduta adotados pelas Torcidas Jovens (movimento dos anos 1970 e 1980) ao longo do tempo. O primeiro a chamar a ateno  que as barras estão representadas em 14 das 27 unidades federativas brasileiras, tendo representantes em todos os estados do Sul e Sudeste.

Estão representadas também nos principais centros de futebol da região Norte (AM e PA) e Nordeste (BA, CE e PE). No entanto, há também ausências importantes.

Enquanto o Rio de Janeiro é o segundo estado com mais barras registradas e com barras ligadas aos quatro grandes clubes cariocas, o estado de São Paulo conta com apenas duas barras registradas no site e nenhuma delas ligadas aos quatro grandes do Estado. Sabemos que existem outras barras em São Paulo, principalmente no interior. No entanto, o registro no site Hinchadas pode ser um bom parâmetro para compreender o nível de organização e exposição dessas barras no cenário nacional e, principalmente, internacional. Vejamos os exemplos da Geral do Grêmio e da Guarda Popular, e até mesmo da Loucos pelo Botafogo. O Loucos do Botafogo se denomina um movimento popular, criado em 2006, sendo umas das primeiras torcidas de estilo barras no Rio de Janeiro (MENEZES, 2013).

### **Considerações finais**

A hegemonia das torcidas organizadas sofreu um forte abalo no Rio Grande do Sul. No entanto, ainda são praticamente inexistentes reflexões mais aprofundadas deste fenômeno. Procuramos neste capítulo mostrar um pouco da historicidade do processo de criação, ampliação e predomínio das barras no RS, e buscamos mostrar que há um crescimento, ainda que tímido, deste modo de torcer pelo país.

Sem dúvida, o contexto de ruptura das organizadas de Grêmio e Inter com as diretorias dos clubes abriu espaço para novas formas de organização torcedora em Porto Alegre. No entanto, há dois fatores que não podem ser desprezados: tanto uma tentativa de uma forma mais "pura" de torcer, com o *aguante*, como uma aproximação com elementos da cultura platina.

As barras gaúchas praticamente dominam os modos de torcer nas arquibancadas do RS. Nos estádios de Grêmio e Inter, são milhares de

torcedores das barras, de diversos nucleos de diferentes pontos do estado. As barras gauchas podem ser vistas dentro de um amplo leque de elementos culturais que aproximam os gauchos de seus vizinhos argentinos e uruguaios. Deixamos apenas como um exemplo o consumo do chimarrão. A citação que faz parte do titulo deste capitulo ("sou gaucho e sou peleador"<sup>39</sup>) foi retirada de uma das mais famosas músicas da Guarda Popular. A Geral do Grêmio também entoa várias músicas com expressões do tipo, "Eu sou do Sul"<sup>40</sup>.

Talvez este seja um dos motivos que explica a dificuldade das barras do restante do país se estabelecerem como hegemônicas nas arquibancadas dos estádios de seus clubes de coração. Apenas a barra Os Tigres, do Criciúma, em cidade no extremo sul catarinense, e a Banda da Chape, da Chapecoense, de Chapecó, cidade catarinense próxima da fronteira com a Argentina, predominam sobre as torcidas organizadas. Curiosamente, estas cidades que possuem equipes tradicionais do futebol brasileiro, adotam muitos elementos da cultura gaucha.

Não se pode deixar de destacar também que o predomínio nas arquibancadas pelo mundo está, invariavelmente, ligado ao uso hegemônico da força física. Como as barras pelo país não têm muitos torcedores, torna-se muito difícil pensar em enfrentamentos com as organizadas. E também por este motivo, as torcidas organizadas se sentem à vontade para não deixar esses movimentos crescerem. Ainda se pesquisou muito pouco sobre o movimento das barras no Brasil, e, principalmente, no RS. Cremos ser necessárias mais pesquisas sobre como as barras surgiram, se impuseram e se espalharam pelo interior, seja com nucleos das barras de Grêmio e Inter, seja pelo surgimento de barras ligadas a clubes do interior.

---

<sup>39</sup> Sou colorado, sou gaucho e peleador. 2011. (1m35s). Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=4\\_h6AEy7SXk](https://www.youtube.com/watch?v=4_h6AEy7SXk)>. Acesso em: 23 mar. 2020.

<sup>40</sup> Geral do Grêmio - Eu sou do Sul. 2018. (2m15s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XCd6fomEdLM&t=26s>>. Acesso em: 23 mar. 2020.

## Referências

- ALABARCES, Pablo. **Crónicas del Aguante**. Buenos Aires: Ed. Capital Intelectual, 2004.
- ALABARCES, Pablo e SILBA, Malvina. "*Las manos de todos los negros, arriba*": Género, etnia y clase en la cumbia argentina. **Cultura representaciones soc.**, v.8, n.16, p.52-74 2014.
- ALVARADO, Xavier e ORTIZ, Luis. *Lo simbólico, lo real y lo imaginario en las barras bravas. Una mirada desde Ecuador*. **Academio: Revista de Investigación en Ciencias Sociales y Humanidades**. v. 4, n. 2, 2017. p. 63-74.
- ARAGON, Silvio. **Los trapos se ganan em combate**. Buenos Aires: Ed. Antropofagia, 2007.
- \_\_\_\_\_. "*Neoliberalismo, construção de novas subjetividades e violência no contexto do futebol argentino contemporâneo*". In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; RODRIGUES, Onésimo Aguilar (Org.). **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 65-75.
- ARCHETTI, Eduardo. **Masculinidades**. Buenos Aires : Ed. Antropofagia, 2003.
- CANTER, D., COMBER, M. e UZZELL, D. **Football in its Place: An Environmental Psychology of Football Grounds**. Londres: Routledge. 1989.
- CLEMENT, Tanya. "*When Texts of Study are Audio Files: Digital Tools for Sound Studies in Digital Humanities*". In: SCHREIBMAN, Susan; SIEMENS, Ray e UNSWORTH, John. (eds.) **A New Companion to Digital Humanities**. Oxford (Reino Unido): John, Wiley & Sons, 2016, p. 348-357.
- DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores. 1998**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGAS) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.
- DUNNING, Eric. *Towards a sociological understanding of football hooliganism as a world phenomenon*. **European Journal on Criminal Policy and Research**, v.8, p. 141-162, 2000.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. "*A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980*". In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 85-122.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. "*Introdução*". In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AGUILAR RODRIGUES, Onésimo (Org.) **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017, p. 11-64.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; AZEVEDO, Anna Luiza; e QUEIROZ, Ana Luisa. *Das torcidas jovens às embaixadas de torcedores: uma análise das novas dinâmicas associativas de torcer no futebol brasileiro*. **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro: UFRJ, v.7, n. 1, p. 1-37, 2014.

LOPES, Felipe Tavares Paes; CORDEIRO, Mariana Prioli. *Torcidas organizadas do futebol brasileiro: singularidades e semelhanas com outros grupos de torcedores da América do Sul e da Europa*. **Revista Espaço Acadmico**, Maringá: UEM, v. 9, p. 75-83, 2010.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, B. B. B. . '*dio eterno ao futebol moderno*': poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo. **Revista Tempo**, Niterói: UFF, v. 24, p. 206-232, 2018.

MENEZES, Isabella Trindade. *Análise das identidades botafoguenses a partir das narrativas orais*. **Esporte e Sociedade**, Niterói: UFF, v.8, n.21, p. 1-20, 2013.

RODRIGUES, Francisco. "**Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001 - 2011) da rebeldia  institucionalização: mudanas na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**". Niterói: UFF (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2012.

ROGERS, Richard. **Digital Methods**. Cambridge (EUA): MIT Press, 2013.

SANTOS, João M. C. M. "*Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950*". In: HOLLANDA, Bernardo B. B.; SANTOS, João M. C. M.; TOLEDO, Luiz H.; e MELO, Victor A. **A Torcida Brasileira**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012, p. 51-84.

SPAAIJ, Ramón. **Understanding Football Hooliganism: a comparison of six Western European Football Clubs**. Amsterdã: Vossiuspers UvA – Amsterdam University Press, 2006.

TESTA, Alberto e ARMSTRONG, Gary. **Football, Fascism and Fandom: the Ultras of Italian football**. Londres: A & C Black, 2010.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados; Campinas: Anpocs, 1996.

WILLIAMS, J. *Who are you calling a hooligan?*. In PERRYMAN, M. (ed.) **Hooligan Wars: Causes and Effects of Football Violence**. Edinburgh: Mainstream., 2002, p. 37-53.

## **Das charangas às torcidas antifascistas: a escrita da história das torcidas de futebol no Brasil meridional**

*Caio Lucas Moraes Pinheiro*<sup>1</sup>

### **Introdução**

O passado, o presente e o futuro das torcidas de futebol despertam e mobilizam múltiplos interesses de diferentes sujeitos, seja por parte da imprensa, seja da sociedade em geral, seja especificamente dos torcedores. Entretanto, a despeito de importantes estudos que procuraram investigar o fenômeno em sua complexidade e diversidade ao longo do tempo, o torcer e as organizações coletivas derivadas do vínculo e do engajamento emocional do torcedor com o clube ainda carecem de análises rigorosas, à luz dos atuais debates que envolvem epistemologia, implicações éticas e políticas.

A estreita relação entre a atualidade das torcidas e seus passados, bem como exercícios prospectivos sobre seus possíveis futuros, lança luz para um conjunto de questões relevantes sobre a história das torcidas organizadas, dos modelos coletivos do torcer e seus desdobramentos no Brasil. Um sintoma da necessidade de se ampliar e dar seguimento a compreensão das identidades e pertencimentos forjados pelos torcedores se refere aos atos organizados por integrantes de torcidas organizadas em

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor substituto do curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC). Email: caiolucasmorais@gmail.com

meio à pandemia do novo coronavírus no Brasil, nos meses de maio e de junho de 2020<sup>2</sup>.

Articulados em torno do movimento designado como “Somos Democracia”, integrantes de torcidas organizadas e de torcidas antifascistas decidem ir às ruas para dizer não aos movimentos de grupos políticos pró-governo Bolsonaro, que ocuparam os espaços públicos durante aproximadamente oito semanas consecutivas<sup>3</sup>. Tais disputas foram conformadas em meio às limitações da pandemia do novo *coronavírus* e do isolamento social, apesar de que naquele mês – auge da contaminação e do número de mortes – o Governo Federal do Brasil esteve sem um Ministro da Saúde, que deveria ser o vetor das respostas para a crise sanitária, mas acabou se tornando o estimulador desse cenário.

Questão candente do nosso tempo, afetando indistintamente o cotidiano da realidade social, acreditamos que o estudo das torcidas organizadas evidencia e descortina elementos para o entendimento do mundo. Dessa forma, diante da responsabilidade dos historiadores e das historiadoras face aos desafios do seu tempo, advogamos a escrita da história das torcidas organizadas que se caracteriza pela multiplicidade de espacialidades, de temporalidades, pelos pontos de contato e de fricção entre o micro e o macro (Cfe: DUMOULIN, 2017).

Considerando, portanto, a história das torcidas organizadas a partir de um *continuum* entre passado, presente e futuro, em que o tempo se manifesta como fluxo e processo, este texto propõe delinear como modelos coletivos do torcer foram elaborados ao longo do século XX e início do século XXI, chamando a atenção para as aproximações e os

---

<sup>2</sup> Atos de torcidas contra Bolsonaro: o que levou as organizadas às ruas contra o presidente durante a pandemia Disponível em <https://www.bbc.com/portuguese/geral-52899944>. Acessado em junho de 2020.

<sup>3</sup> Disponível em (1) <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/04/30/covid-19-bolsonaro-incentivou-carreata-contraisolamento-social-em-manaus.htm> (2) [https://oglobo.globo.com/rio/carreata-vai-da-barra-botafogo-em-protesto-contraisolamento-e-pela-reabertura-do-comercio-24431957\\_/](https://oglobo.globo.com/rio/carreata-vai-da-barra-botafogo-em-protesto-contraisolamento-e-pela-reabertura-do-comercio-24431957_/) (3) [https://diario.donordeste.verdesmares.com.br/politica/grupo-faz-carreata-e-aglomeracao-contraisolamento-em-fortaleza-mas-e-dispersado-pela-policia-1.2235713\\_/](https://diario.donordeste.verdesmares.com.br/politica/grupo-faz-carreata-e-aglomeracao-contraisolamento-em-fortaleza-mas-e-dispersado-pela-policia-1.2235713_/) (4) [https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/03/interna\\_gerais.1144030/manifestantes-pedem-fim-do-isolamento-social-em-carreata-na-regiao-cen.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/05/03/interna_gerais.1144030/manifestantes-pedem-fim-do-isolamento-social-em-carreata-na-regiao-cen.shtml). (5) <https://oglobo.globo.com/brasil/marcha-dos-300-de-sara-winter-nao-tinha-nem-30-em-protesto-contrastf-24455292>. Acessados em junho de 2020

distanciamentos entre o fenômeno no Estado do Rio Grande do Sul e no país em geral.

Dividido em três seções, o presente capítulo, por meio de uma chave interpretativa das ondas dos modelos coletivos do torcer, sugere pensar a história das torcidas através das rupturas e das continuidades que a atravessam, desde as charangas em meados do século XX até as torcidas antifascistas no século XXI. Com isso, temos como objetivo tensionar os modos de pensamento que interditarão – e interditam – as possibilidades abertas no futuro para a emergência e a consolidação de determinados pertencimentos, identidades e engajamentos das torcidas de futebol.

O esboço de uma morfologia para compreender a história da organização coletiva dos torcedores exige um esforço analítico que rompa com a simplificação e os esquematismos no entendimento das expressões das torcidas em diferentes contextos. A escrita da história desses sujeitos torcedores, organizados coletivamente, precisa levar em consideração a complexidade desse fenômeno, permanentemente atravessado pelas dimensões culturais, econômicas, temporais e políticas. Não à toa, os modelos coletivos do torcer, designação atribuída a determinados padrões de manifestação organizada dos torcedores nos séculos XX e XXI, evidenciam ricas e potenciais janelas para analisar, questionar e avaliar a sociedade.

Por meio do recurso da metáfora do movimento das ondas, sugere-se um mapa da história das torcidas organizadas, caracterizado pelas rupturas, continuidades e residualidades entre os modelos coletivos do torcer. À vista disso, examinaremos inicialmente em que consistem a primeira, a segunda, a terceira e a quarta ondas das torcidas, ressaltando as reminiscências e as mudanças entre os modelos coletivos do torcer para, posteriormente, discutir como se manifestaram, por exemplo, no Rio Grande do Sul.

Demonstro, entretanto, que o uso da terminologia das ondas não implica necessariamente em afirmar, por exemplo, que a transição da primeira para a segunda onda constitui essencialmente no fim de um

determinado modelo de torcida, como uma passagem automática e abrupta, uma vez que eles coexistem no complexo processo de sociabilidades e expressões torcedoras. Proponho, portanto, uma chave interpretativa que funciona como guia para a compreensão do mosaico em que se manifesta a história das torcidas organizadas. Esta chave de interpretação pode ser estendida para a investigação do fenômeno em diversas localidades, embora ressalvas culturais e temporais obrigatoriamente devem ser dimensionadas.

### **Delineando uma categoria de análise: as ondas que movem o mar das torcidas**

Isto posto, a primeira onda consiste na emergência de torcidas comandadas por *chefes de torcidas*, particularmente a partir dos anos 1940. Nesse período, em consonância com a popularização do público, construção de estádios e profissionalização do futebol, líderes de torcidas desempenharam um papel central na organização das manifestações e sociabilidades. Assim, a primeira onda lança luz sobre o princípio unitário do chefe de torcida e dos integrantes uniformizados da charanga, e a festividade elaborada com os instrumentos de sopro e de percussão, incorporando ao futebol as marchinhas de carnaval nos estádios. Em geral, os líderes de torcida representavam uma figura excêntrica e popular no ambiente urbano das cidades, transitando harmonicamente nas diretorias dos clubes na maioria das vezes.

Dessa forma, em um contexto de reconfiguração da cultura política nos anos 1930 e 1940, no qual os atributos de chefe da nação para o presidente Getúlio Vargas imperavam, bem como a repactuação dos símbolos identitários do povo brasileiro, o futebol constituiu em mais uma plataforma para os sentidos e os valores do período. Como sintoma e efeito, os chefes de torcida, ao funcionar como um dispositivo de controle das torcidas que se popularizavam, mobilizavam e promoviam o clube, constituindo uma referência, um torcedor autêntico e símbolo.

A partir da década de 1960 – em alguns estados esta temporalidade diverge, alcançando os anos 1970/1980 – as lideranças de torcidas foram questionadas e disputadas por novos sujeitos. De um lado, situavam-se os tradicionais chefes de torcida que representavam uma geração comandando e organizando as sociabilidades torcedoras. Por outro lado, há a efervescência da cultura juvenil trazendo à tona comportamentos, sentimentos, estéticas e valores nas torcidas, período em que jovens passam a ocupar os espaços que anteriormente estavam centralizados no comando do chefe de torcida<sup>4</sup>.

O movimento da segunda onda é resultado desse processo, consolidando as torcidas organizadas jovens entre as décadas de 1960 e 1990 no Brasil, na medida em que estas instituições foram se difundindo e esquadrihando os espaços urbanos do país. Com a multiplicação de torcidas organizadas, o modelo coletivo de torcer da segunda onda passou a mobilizar centenas e milhares de componentes, que se estruturavam a partir das estratégias coletivas de uma diretoria com cargos e funções específicas na torcida, além de patrocínios. Essas instituições promoveram espetáculos na arquibancada que envolviam uma preparação e articulações muito além do espaço-tempo do jogo de futebol, intensificando o engajamento emocional desses torcedores com a vida associativa do clube, o que provocou a emergência de valores como família e de amizade entre os integrantes desses agrupamentos.

Nessa perspectiva, os componentes das torcidas organizadas, por meio de rituais formais e informais, teceram relações sociais, atribuíram um sentido particular para as experiências e construíram um vínculo de pertencimento clubístico que possibilitou a reprodução das torcidas organizadas até a atualidade. Em contraposição aos chefes de torcida, torcedores-símbolos-autênticos desde os anos 1940, as torcidas organizadas jovens estabeleceram novas relações de poder com as

---

<sup>4</sup> A despeito das especificidades de cada espacialidade, culturas e expressões, Bernardo Buarque de Hollanda, em diferentes – e pertinentes – análises, contribui para o entendimento das configurações organizadas do torcer. Para maiores informações, conferir HOLLANDA (2008; 2012; 2015; 2017).

diretorias dos clubes, cujas práticas ocasionaram tensões por meio de protestos, mas também vincularam-se através de negociações e de acordos.

A terceira e a quarta onda são movimentos na história das associações coletivas do torcer que ocorrem no limiar do século XXI, no momento de formulação de *torcidas alternativas*<sup>5</sup> às torcidas organizadas, mas que nesse reordenamento há uma diversidade considerável de expressões do torcer. Diante das contínuas transformações protagonizadas pelas torcidas organizadas, ressaltamos que estas instituições estão em permanente atualização ao se resignificarem no tempo.

No entanto, na transição para o século XXI, o modelo coletivo do torcer de segunda onda – as torcidas organizadas jovens – lugar revelador das contradições e das desigualdades sociais, recorrentemente passou a ser alvo de críticas, especialmente pelos episódios de violência atribuídos à criminalidade presente nessas instituições. Assim, os anos 2000 provocaram uma inflexão nas torcidas organizadas cujos desdobramentos abriram caminhos diversos que, em nossa compreensão, geraram dois movimentos distintos.

A lógica da criminalização e da proibição das torcidas organizadas não tardou a produzir efeitos no espetáculo do futebol. Iniciativas como jogos entre clubes rivais com torcida única ou simplesmente interditar a entrada da instituição foram algumas alternativas realizadas para acabar com a violência no futebol pelo poder público. Essas medidas, local e nacionalmente, evidenciam o descompasso entre a complexidade de como a violência se dilui no futebol e a superficialidade como é pensada pelo Estado.

Argumentamos que, no século XXI, houve um certo colapsamento da forma coletiva do torcer instituída pelas torcidas organizadas. Esse colapso

---

<sup>5</sup> A expressão *torcidas alternativas*, aprofundada pelo sociólogo Artur Alves de Vasconcelos, permite avaliar alguns elementos aqui discutidos. Para maiores informações, conferir: VASCONCELOS, Artur Alves de. **Nordestinando as arquibancadas: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses**. Fortaleza: UFCE (Tese de Doutorado – PPGS), 2016.

foi parcial, uma vez que as torcidas organizadas não deixaram de existir em sua totalidade, e é evidenciado por dois caminhos, ou melhor, dois movimentos de ondas, como proposto no mapa deste capítulo: 1) o primeiro consiste na renovação protagonizada por sucessivos agrupamentos que irromperam enquanto dissidências das torcidas organizadas tradicionais e que conseguem considerável penetração no espaço futebolístico. Para este fenômeno, que abrange uma pluralidade de torcidas, designamos como o movimento de terceira onda da história das torcidas, com preponderância das *barras bravas*. 2) a segunda implicação do colapsamento se trata de uma crítica, sob o ponto de vista político de esquerda, que institui um contraponto aos modelos coletivos do torcer existentes a partir das torcidas antifascistas. A presença das torcidas *antifas* nos estádios, antecipada pela Ultras Resistência Coral<sup>6</sup> em 2005, procura combater aspectos historicamente constituídos no espaço futebolístico, dentre eles a violência, o machismo, a homofobia, o racismo e a xenofobia.

Como consequência, ao utilizarmos a expressão *movimento de terceira onda*, conscientemente estamos arriscados a generalizar uma variabilidade de experiências por meio de uma classificação. Entretanto, o fio que costura as trajetórias abarcadas pela terceira onda consiste no desgaste da hegemonia das torcidas organizadas tradicionais, causado, dentre outras questões, por disputas internas que provocam dissidências ou por críticas à apologia e exaltação a si mesmas realizada pelas organizadas, que acabam se distanciando da essência que é o clube. Uma das razões que coaduna para essa efervescência que vai de encontro às torcidas organizadas remonta à estrutura extensa, equiparada aos moldes de empresas, a partir da qual o destino do lucro das atividades passou a ser questionado por grupos dentro dessas instituições.

---

<sup>6</sup> A Ultras Resistência Coral (URC) é uma torcida do Ferroviário Atlético Clube (FAC), clube sediado na cidade de Fortaleza e fundado em 1933 por trabalhadores da Rede Ferroviária Federal (REFFSA). Criada em 2005, a Ultras Resistência Coral emerge buscando, de um lado, resgatar a origem operária do clube e, por outro lado, apresentar e disputar o projeto político dos seus componentes nos estádios. Assim, a partir de 2005, a URC procura se contrapor aos modelos de torcidas organizadas ao ressignificar os sentidos e os valores da cultura torcedora. Para maiores informações sobre a trajetória do grupo e das torcidas antifascistas no futebol brasileiro, conferir PINHEIRO (2020).

A terceira onda traz à tona as formas coletivas de torcer que insurgem como contraponto às torcidas organizadas ou como rachaduras no seio destas, que, no Brasil em geral, se formaram desde os anos 1960 e em particular no Estado do Ceará nos anos 1980. No movimento da terceira onda, os novos agrupamentos torcedores ora se distanciam ora se aproximam das torcidas organizadas, mas se ergueram sob matizes diversas: seja rechaçando o padrão das torcidas da região Sudeste e adotando o modelo das *barras bravas* (CORNEJO, In: HOLLANDA, 2017), seja elencando a violência como o elemento rechaçado, seja sob a forma de um movimento cultural. Cada um destes aspectos, a depender da localidade, motivou a inauguração de novas formações coletivas do torcer. Contudo, nesta heterogeneidade houve a preponderância das *barras bravas* com a profusão de agrupamentos no Brasil que dialogam com a cultura torcedora platina e castelhana.

Tratava-se de uma alternativa em que a solução seria romper, mesmo que parcialmente, com as torcidas organizadas, e fundar outros grupos coletivos do torcer que se caracterizassem pela crítica à violência e simultaneamente instituíssem novas práticas que variavam da estética à performance. Não há dúvidas de que esse processo no Brasil adquiriu particularidades em cada região, na qual elementos diversos compunham essas transformações, bem como as influências para a fundação dessas novas formas coletivas do torcer, como no caso da Geral do Grêmio em 2001 na cidade de Porto Alegre; na Fúria Jovem do Botafogo em 2001; na Guarda Popular em 2004; na Loucos pelo Botafogo em 2006; na Bravo 52 em 2009 pelo Fluminense no Rio de Janeiro; no movimento Setor Alvinegro em 2009, na Cangaceiros Alvinegros em 2011 e no Movimento Tricolor Bravo 18 na cidade de Fortaleza. Há também coletivos de torcedores espalhados no país, como as torcidas chopp (Torcida Cearáchopp, Fortaleza *Beer*, Leões Open Bar são alguns dos exemplos no Estado do Ceará).

Assim, a quarta onda da história dos modelos coletivos do torcer lança luz para um fenômeno em curso que evidencia uma crítica mais

radical às torcidas organizadas, que têm origem em um processo de politização exterior ao futebol sob o viés da esquerda política e que deu origem a uma rede de torcida antifascistas. Esses agrupamentos, ao incorporar elementos de uma sociabilidade militante e política, ressignificam o engajamento emocional com seus clubes, redimensionando aspectos historicamente constituídos no esporte<sup>7</sup>.

Esse novo modelo coletivo do torcer, que procurou se contrapor aos modelos anteriores, combate não só a violência nos estádios, mas também o fascismo, o racismo, a homofobia, a xenofobia e o “futebol moderno”<sup>8</sup>. Ao estabelecer uma atuação política com certa unidade em suas experiências nos estádios, as torcidas antifascistas desnaturalizam o padrão cisheteronormativo tradicionalmente construído no futebol.

### **Qual o lugar das torcidas do Rio Grande do Sul no mosaico da história do torcer?**

Multifacetadas, complexas e entrecruzadas, a história e a memória da organização coletiva dos torcedores necessitam de um olhar a curta, média e longa duração para que seus elementos sejam descortinados. O enfoque na trajetória das torcidas organizadas, no intervalo de tempo compreendido entre 1940 e 2020, permite considerar a permanente atualização, valoração e significados que estas instituições incorporaram ao longo do tempo. Tais premissas nos direcionam à metáfora das ondas na fluidez do mar das torcidas, cujas rupturas e continuidades,

---

<sup>7</sup> A emergência de novos engajamentos emocionais dos torcedores na vida associativa com seus clubes, a partir de múltiplas matizes, foi captada pelo antropólogo Arlei Damo ao evidenciar o impacto da diversidade política para a produção do conhecimento. Conferir: DAMO, Arlei Sander. Futebóis - da horizontalidade epistemológica à diversidade política. *FuLiA / UFMG*, v. 3, p. 37-66, 2019.

<sup>8</sup> A categoria “futebol moderno” consiste nas transformações econômicas, sociais, culturais, organizacionais resultantes do processo de mercantilização do futebol em curso no Brasil, porém mais visíveis desde o final do século XX e nos vinte primeiros anos do século XXI. Em meio a esse cenário ainda em curso, reações contrárias a esse reordenamento foram protagonizadas nos últimos anos, de diversas maneiras. Acerca desses elementos, conferir: NUMERATO, Dino. Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism. *Journal of Sport and Social Issues*, p. 1-19, 2014.

transformações e residualidades, majoritariamente, anunciam a experiência dos modelos coletivos do torcer no tempo.

Por conseguinte, a primeira, segunda, terceira e quarta ondas das torcidas organizadas expressam e balizam a chave de interpretação elaborada anteriormente. Suas matrizes funcionam como guia e procuram lançar luz acerca das sociabilidades e das experiências dos modelos coletivos do torcer em diferentes espaços. Diante disso, do Rio Grande do Sul ao Ceará, de Pernambuco ao Amazonas, a flexibilidade da metáfora das ondas possibilita a investigação do fenômeno das torcidas, conquanto sejam ressalvadas as particularidades no que se refere à temporalidade e à cultura de cada região.

A trajetória das expressões torcedoras no Brasil é impactada com as singularidades de cada estado e com a riqueza de sua diversidade. No século XXI, difundiram-se entre as torcidas dos clubes brasileiros novos modelos coletivos do torcer. No estado do Rio Grande do Sul, as torcidas do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense e do Sport Club Internacional protagonizaram aquilo que convençamos designar como a terceira onda da história das torcidas: a emergência de movimentos/coletivos/torcidas sob o modelo das *barras bravas*, subcultura partilhada em diferentes países da América Latina, com preponderância e potencialidade no espaço fronteiriço platino.

Iniciativas como aquelas que deram origem à Geral do Grêmio e à Guarda Popular do Internacional, respectivamente em 2001 e 2004, provocaram rachaduras na cultura torcedora e na história das torcidas, uma vez que, ao propor novos sentidos às práticas e às experiências coletivas do torcer, insurgiram como dissidências de torcidas organizadas jovens, adotando referências, estéticas, comportamentos e valores próprios que reforçam as identidades platinas, muitas vezes negando e se contrapondo ao padrão das torcidas organizadas jovens brasileiras. No mosaico da história das torcidas, as diferenças entre os modelos coletivos do torcer funcionam como fissuras que se sobrepõem, mas que ao mesmo tempo enriquecem e complexificam a trajetória do fenômeno no Brasil.

Nesse segmento, as *barras bravas*, instituídas inicialmente através das torcidas sobretudo da cidade de Porto Alegre, inseriram-se em uma história da cultura torcedora no Rio Grande do Sul que é multifacetada, dinâmica e dialoga com a chave interpretativa aqui proposta pelas ondas dos modelos coletivos do torcer.

Dos chefes de torcidas – primeira onda –, passando pelas torcidas organizadas jovens – segunda onda –, a emergência das barras bravas – terceira onda –, até as torcidas antifascistas – quarta onda –, diferentes sociabilidades, comportamentos e atuações das torcidas se manifestaram no Rio Grande do Sul. Vejamos então quais foram os principais agrupamentos e sujeitos que se tornaram protagonistas do fenômeno na região.

Como vimos, a primeira onda dos modelos coletivos do torcer se caracteriza pela centralização da organização dos torcedores em sujeitos que comandam a festividade nos estádios a partir dos anos 1940, os chefes de torcidas. No Estado do Rio Grande do Sul, esses torcedores símbolos e autênticos, como popularmente foram reconhecidos, ocuparam espaços na imprensa, transitando pelos jornais e emissoras de rádio. Assim, esses chefes de torcida atuavam em paralelo com as demandas sociais do período, como as sociabilidades em torno dos carnavais de rua, colaborando direta e indiretamente com o aumento do público nos estádios no momento de maior intensificação de jogos interestaduais.

Na história da torcida do clube Internacional, por exemplo, algumas referências dos chefes de torcida singularizaram suas trajetórias. Destacamos dois deles. De um lado, o Charuto, que desempenhou relevante papel na construção do Internacional como clube do povo, uma vez que Charuto era uma figura popular, negro, biscateiro da “Doca das frutas”, acompanhado da “Cabrita Chica”, representando, pois, o sujeito marginalizado das vilas e das periferias. A conotação racial, marginal e popular adquire importância diante dos imperativos e dos dispositivos da diferença associada ao Grêmio, clube rival do Internacional, que durante vários anos segregou a participação dos negros em sua história.

Charuto não costumava pagar as entradas, pois sempre havia alguém que as comprasse para ele. Ficava sempre de costas para o campo, discursando e inflamando a torcida em apoio ao time. Analfabeto, alguns atribuem a esse fato a sua dificuldade de dicção; para outros era resultado do seu constante estado de embriaguez. Importante é reconhecer que já nos anos 40, era símbolos dos torcedores do Internacional, um negro, pobre e analfabeto. Ao contrário do Grêmio, que sequer aceitava negros entre seus associados, teve com símbolo, mais uma palavra de ordem do que um personagem ou animal (RODRIGUES, 2012:34).

Por outro lado, há também o torcedor símbolo colorado que aproximou ainda mais os vínculos entre o futebol e o carnaval, Vicente Rao, sócio do Internacional desde os anos 1930 e sujeito popular reconhecido na cidade de Porto Alegre. Ele fundou o Departamento de Cooperação e Propaganda em 1940, promovendo o clube no espaço urbano ao instituir um setor cuja função esteve relacionada à dimensão social e pública.

Sintomático do governo varguista, a própria terminologia do Departamento de Cooperação e Propaganda lança luz para os vínculos entre política e esporte. Vicente Rao, portanto, simbolizava as transformações que afetavam o futebol, como a popularização e a profissionalização, ao passo em que também o engajamento emocional com o clube se espalhava em várias dimensões do cotidiano.

Na torcida do Grêmio, uma das referências populares para os torcedores se tratava de Salim Nigri, autor da frase “Com o Grêmio onde estiver o Grêmio” nos anos 1940, eternizada no hino do clube. Ele era descendente de italianos, branco, alto, responsável pela organização de viagens e ações de apoio ao clube.

Era o ano de 1946 e durante o mesmo período de penúria de títulos, Nigri estendia a faixa em todos os estádios onde o Grêmio jogasse. Mesmo aos dezessete anos, sua dedicação em organizar viagens de trem ou bonde e a presença nos jogos o fizeram líder da torcida do Grêmio. Estudava e era bibliotecário, além de sócio do clube. O título conquistado pelo Grêmio naquele

ano, interrompendo uma sequência de seis seguidos do Internacional, fizeram aumentar a mística daquela faixa, e daqueles versos, que até hoje identificam os gremistas Brasil afora (RODRIGUES, 2012: 34-35).

Dessa forma, entre as décadas de 1940 e 1960, as torcidas estiveram organizadas em torno da carnavalização das arquibancadas dos estádios, cujos chefes de torcida se utilizavam dentre outros elementos das marchinhas de carnaval e de suas lideranças. O final dos anos 1960 demarcou um momento de contestação das tradicionais lideranças dos chefes de torcida, principalmente através de gerações de torcedores jovens, que, ao questionar as diretorias dos clubes e dialogar com as torcidas organizadas do Sudeste do Brasil, instituíram um novo modelo coletivo do torcer no Rio Grande do Sul.

Vários agrupamentos se articularam enquanto torcidas organizadas jovens na cidade de Porto Alegre a partir desse período, multiplicando-se até a transição do século XX para o XXI. Dos anos 1970 até o início dos anos 2000, as torcidas organizadas construíram uma hegemonia nos estádios, estabelecendo o que denominamos como a segunda onda dos modelos coletivos do torcer.

Torcidas organizadas como a Camisa 12, a Força Independente Colorada (FICO), a Torcida Jovem do Grêmio e a Super Raça Gremista, fundadas, respectivamente, em 1969, 1977, 1977 e 1981 são instituições que exemplificam o movimento de segunda onda da história das torcidas organizadas. Este modelo praticamente se tornou hegemônico tendo em vista a multiplicação da quantidade de integrantes, os quais forjavam suas identidades em torno dos espaços frequentados em seus bairros e zonas da cidade.

O *modus operandi* desses agrupamentos envolvia espaço-tempo muito além do jogo de futebol, principalmente derivado de uma diretoria e de uma divisão em subgrupos designados como zonas, comandos, bondes, alas, esquadrões, arrastões, etc. Essas subdivisões ocasionaram, em diversos momentos, situações em que a criatura se volta contra o criador, ou seja, dos subgrupos (bairros e zonas) em conflito com a torcida

em geral, devido a uma trama que simboliza a complexidade do rearranjo e do emaranhamento da cultura juvenil. Ao fim e ao cabo, esse processo não significa simplesmente uma divisão espacial entre bairros, mas a dimensão sobre como a juventude atribui sentido às suas experiências na busca pela visibilidade a partir da demanda de poder e de enfrentamento.

Com o recrudescimento das rivalidades, especialmente na década de 1990, essas torcidas organizadas passaram a ser alvo das políticas públicas que buscavam criminalizá-las. Uma outra motivação para o que definimos como colapsamento parcial da hegemonia das torcidas organizadas consiste nos conflitos e nas dissidências internas desses agrupamentos, resultados de acusações aos privilégios que gozavam alguns presidentes de torcidas organizadas.

Com efeito, a história das torcidas organizadas no Brasil foi impactada com a criação da Geral do Grêmio, em 2001, reivindicando uma variável de elementos que se distanciavam das torcidas organizadas jovens, associadas, sobretudo, aos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Dentre esses elementos, incorporavam em sua atuação o que denominavam de alma castelhana, performances e estéticas que reforçavam as identidades do espaço platino, como o alento, os trapos e os símbolos rememorados. A emergência da Guarda Popular, do Internacional, e a projeção que alcançou proporcionaram uma projeção das *barras bravas* para outros lugares. Ao fim e ao cabo, esse fenômeno, que se encontra em curso no tempo presente, traz à tona a terceira onda dos modelos coletivos do torcer.

Ainda no século XXI, outro modo de engajamento emocional com os clubes, pautado em uma politização do torcer sob o ponto de vista de esquerda política, tornou-se evidente no Brasil. Em que pesem a atualidade e a abertura para as incertezas do futuro, esses agrupamentos – autointitulados torcidas antifascistas – possuem certa unidade de atuação e de projeto para os estádios. Além da torcida Ultras Resistência Coral, criada em 2005, outros coletivos de torcedores ressignificam o torcer ao tensionar os valores tradicionalmente elaborados no futebol: a

cisheteronormatividade, a violência, o racismo, a homofobia, a xenofobia e discursos de ódio<sup>9</sup>.

Esse redimensionamento das relações de poder no futebol, que caracteriza em linhas gerais a quarta onda dos modelos coletivos do torcer, é evidenciado, no Rio Grande do Sul, a partir da atuação da Tribuna 77, Grêmio Antifascista e Frente Inter Antifascista. Dessa forma, considerando as diferenças entre esses coletivos antifascistas, uma vez que há divergência no que se refere à definição enquanto torcida organizada, um novo modelo coletivo do torcer surge, lançando luz sobre o que em outra investigação demonstramos pela terminologia *insurreição clubística* (PINHEIRO, 2020).

## Conclusão

A história e a memória das torcidas organizadas no Rio Grande do Sul proporcionam, para além de auxiliar a compreensão do fenômeno no tempo presente, revisitar elementos culturais, simbólicos, políticos, econômicos, sociais e espaciais dos sujeitos históricos que conformaram instituições torcedoras e experiências ao longo do tempo.

Longe de simplificações e de esquematismos, os modelos coletivos do torcer da Região Sul do Brasil ao mesmo tempo em que reverberaram e influenciaram as torcidas organizadas em geral no país, também foram impactadas por elas, de fora para dentro, em uma via de mão dupla. Forças endógenas e exógenas tornam mais complexo e dinâmico o mosaico das torcidas organizadas no tempo, desde a primeira até a quarta onda das formas coletivas do torcer.

Das incipientes organizações torcedoras instauradas pelos chefes de torcida, no tempo de Charuto, de Vicente Rao e de Salim Nigri,

---

<sup>9</sup> Embora tenhamos delineado o mosaico das organizações coletivas do torcer, que considera determinadas unidade de ação, de expressão e de partilhas por meio das ondas aqui desenvolvidas, não estamos marginalizando ou esquecendo de importantes manifestações e agrupamentos que também provocaram rachaduras no padrão hegemônico das torcidas organizadas, em diferentes contextos. A torcida Coligay, do Grêmio, constitui um caso singular de desconstrução e de questionamento da ordem estabelecida. Para maiores informações, conferir ANJOS (2018); SEFFNER (2020).

atravessando pelas culturas torcedoras elaboradas pela Camisa 12, Força Independente Colorada, Torcida Jovem do Grêmio, Super Raça Gremista, até a emergência das barras bravas – Geral do Grêmio e Guarda Popular do Inter – e a insurreição clubística das torcidas antifascistas – Tribuna 77 e Frente Inter Antifascista – os modelos coletivos do torcer modulam suas experiências em diferentes épocas.

Essas instituições de torcedores presentes no Rio Grande do Sul, agrupadas em modelos coletivos do torcer para fins de inteligibilidade, estiveram em contato com torcidas de outras localidades, inspirando e se apropriando de tendências diversas. Como vimos, o espaço platino, por exemplo, modelou a subcultura das *barras bravas*, que se difundiram para várias cidades no país. Inversamente, a trajetória da torcida antifascista Ultras Resistência Coral, que emerge no Nordeste, mais especificamente na torcida do Ferroviário Atlético Clube, influenciou os coletivos antifascistas gaúchos e das demais regiões do Brasil.

A escrita da história, em suas múltiplas dimensões ético-teórico-metodológicas, necessita dar visibilidade a existência da heterogeneidade das torcidas organizadas, seus sujeitos, homens e mulheres, questionando e examinando as sociabilidades, experiências e sentidos atribuídos no tempo por esses agrupamentos.

Portanto, no mar da história das formas coletivas do torcer, as quatro ondas oferecem uma chave de interpretação para lançar luz sobre o entendimento das expressões do torcer nos labirintos do tempo. Deve-se levar em consideração também que, nesse oceano, há resquícios, valores, permanências e atualizações da primeira à quarta onda, sugerindo a fluidez desses elementos. O que se pode concluir é que cada onda é condicionada e resultado dos desdobramentos das relações sociais anteriores, assim como impactada pela projeção do futuro, em uma espécie de relação dialética das continuidades e das rupturas.

## Referências

- ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De "São bichas, mas são nossas" à "Diversidade da alegria": uma história da torcida Coligay**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de doutorado - PPGCMH), 2018.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebóis – da horizontalidade epistemológica à diversidade política*. In: **FuLia**, v. 3 nº 3,, Belo Horizonte: UFMG, 2019.
- DUMOULIN, Oliver. **O papel social do historiador: da cátedra ao tribunal**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967-1988)**. Rio de Janeiro: PUC-Rio (Tese de doutorado - PPGHSC), 2008.
- \_\_\_\_\_.; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, R. C. (Orgs.). **A voz da arquibancada: narrativas de lideranças da Federação de Torcidas Organizadas do Rio de Janeiro (FTORJ)**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2015.
- \_\_\_\_\_.; RODRIGUES, Onésimo Aguiar (Orgs.). **Torcidas organizadas na América Latina: estudos contemporâneos**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2017.
- \_\_\_\_\_.; MELO, V. A. (Orgs.). **A torcida brasileira**. 1. ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.
- NUMERATO, Dino. *Who says “no to modern football?” Italian supporters, reflexivity, and neo-liberalism*. **Journal of Sport and Social Issues**, 2014, p 1-19
- PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **As ondas que (se) movem (n) o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGH), 2020.
- RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da revolta à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Niterói: UFF (Dissertação de mestrado - PPGH), 2012.

SEFFNER, Fernando; BANDEIRA, Gustavo Andrada. *A Coligay e as memórias dos torcedores do Grêmio*. In: **REVES – Revista Relações Sociais**. V.03, n.01, Viçosa: UFV, 2020.

VASCONCELOS, Artur Alves de. **Nordestinando as arquibancadas: os cangaceiros alvinegros no universo das torcidas organizadas cearenses**. Fortaleza: UFCE (Tese de Doutorado – PPGS), 2016.

## Coligay: a torcida que “saiu do armário”

*Elvio Antônio Rossi*<sup>1</sup>

### **Preliminares**

Porto Alegre, 06 de outubro de 1977, uma torcida organizada desfilou na pista do estádio Olímpico com perucas, plumas, paetês e saltos altos para comemorar a vitória do Grêmio no campeonato gaúcho daquele ano depois de oito anos de sucessivas derrotas (A GRANDE..., 1977). Era a Coligay, constituída em abril daquele ano e formada basicamente por homossexuais (mas não exclusivamente) que tinham em comum a paixão pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense. O pequeno grupo, que se estima tenha chegado a 150 membros, alcançou fama e repercussão nacional e foi considerado pela imprensa uma das grandes sensações do meio esportivo daquele ano (TORCIDA..., 1977:42). Embora considerada pioneira no Brasil, esse fato nunca foi efetivamente comprovado e deveria ser mais investigado pois durante a minha pesquisa encontrei menções a uma torcida do Cruzeiro de Belo Horizonte, denominada Raposões Independentes, a qual teria surgindo antes da Coligay. Nos anos seguintes, houve uma proliferação de torcidas gays pelo Brasil.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Historiador, com licenciatura e bacharelado em História, bacharelado em História da Arte e especialização em Educação, sempre pela UFRGS. Email: elvioar@gmail.com.

<sup>2</sup> Este texto foi escrito originalmente em 2004 e trata-se de uma versão resumida da pesquisa desenvolvida por mim em 2002 dentro da disciplina Técnica de Pesquisa em História, orientada pelo professor César Augusto Barcellos Guazzelli, na graduação em História na UFRGS. Este trabalho foi o primeiro a tratar da Coligay e mantenho aqui o texto original, devidamente revisado, porém sem referenciar os trabalhos desenvolvidos posteriormente sobre a

Este trabalho fundamenta-se na tensão provocada nas relações entre a homossexualidade e a masculinidade, especificamente na cultura gaúcha e no futebol. Partindo da construção da imagem mítica do gaúcho (como um ser macho, másculo e viril) e sua transferência para o futebol (espaço popular, masculino e violento), procurarei entender: em torno de que objetivos um grupo de homossexuais resolve se agrupar em uma torcida organizada, inserindo-se num ambiente predominantemente machista e preconceituoso, como o futebol? Por outro lado, o futebol como esporte nacional e de massas teria proporcionado e facilitado essa penetração? O momento de abertura política teria sido propício para esse tipo de manifestação? Qual foi a reação das pessoas envolvidas? Qual a relação dessa torcida com as outras torcidas organizadas, com o Clube, com os jogadores? Que uso a imprensa da época fez desse fenômeno social? Haveria alguma ligação deste fato com os novos movimentos sociais, especificamente com o movimento gay que estava se formando no país? E, finalmente, teria sido a torcida apenas uma diversão ou, se não um novo movimento social, pelo menos uma forma de atuação política, contribuindo para a visibilidade da “causa homossexual” e para futuros movimentos, através da conquista desse espaço?

Embora talvez não tenha sido essa a finalidade do grupo e não houvesse a intenção de fundar um movimento gay organizado a fim de lutar pelos direitos de igualdade e cidadania (como ocorre nessa época no centro do País), acredito que aquelas pessoas estavam, naquela época e naquele espaço, atuando politicamente e contribuindo possivelmente para futuros movimentos e para uma maior visibilidade<sup>3</sup>. Em outras palavras, pretendo afirmar que não é somente através da militância gay que os espaços e direitos são conquistados, mas a partir de qualquer manifestação de sentimentos individuais ou participação em grupos sociais, independentemente de sua finalidade.

---

torcida (artigos, teses, dissertações, livros, reportagens em revistas e jornais, etc.). Quando não houver indicação, as referências são da minha pesquisa.

<sup>3</sup> No Rio Grande do Sul, o primeiro grupo organizado de homossexuais, o “nuances”, foi criado em Porto Alegre no ano de 1991.

## O campo: os anos da “abertura”

Os anos finais da década de setenta foram marcados por várias transformações sociais no Brasil. O país passava por uma grave crise econômica e ainda se encontrava sob um governo militar ditatorial dentro do qual se iniciava um processo de abertura política e onde alguns instrumentos dessa ditadura, como a censura, ainda exerciam plenamente seu poder. Mesmo assim, surgiram em todo país, e em diversos setores da sociedade, movimentos que procuravam de alguma maneira questionar o sistema vigente.

Em 1978, ao mesmo tempo em que o presidente Ernesto Geisel anunciava reformas políticas, foi fundado, no Rio de Janeiro, o jornal *Lampião da Esquina* que abordava de forma positiva a questão homossexual, do negro, do movimento feminista e da ecologia nos seus aspectos políticos, culturais e existenciais. Surgiram também nesse período os novos movimentos sociais que buscavam autonomia e independência e se ocupavam de problemáticas antes relegadas ao segundo plano. Como exemplos, podemos citar: o Movimento Negro Unificado, o movimento feminista e os primeiros núcleos do movimento homossexual no Brasil, cujo marco de origem é o grupo Somos (MacRAE, 1990, TREVISAN, 2000).

No mesmo período despontou o fenômeno que Trevisan (2000) chama de “desbunde guei”<sup>4</sup>, baseado nos movimentos de contracultura ocorridos nos anos sessenta (principalmente nos Estados Unidos). No Brasil, Caetano Veloso, o grupo teatral Dzi Croquettes e o cantor Ney Matogrosso, teriam sido os pioneiros. James N. Green (2000), chama a atenção também para a explosão de novos lugares de encontro e vivências homossexuais nas grandes cidades: boates e discotecas; cinemas e saunas; além de bares e restaurantes.

---

<sup>4</sup> “Desbunde” ou “desbund” foi uma das palavras chaves do período. Conforme Trevisan (2000:284), alguém desbundava quando mandava às favas os compromissos com a direita e a esquerda militarizadas da época para mergulhar numa liberação individual, baseada na solidariedade não partidária e muitas vezes associada ao consumo de drogas ou à homossexualidade.

A Coligay nasceu nesse contexto específico, bem delimitado entre a abertura política do regime militar - onde tivemos a criação dos novos movimentos sociais reivindicando os direitos das assim chamadas minorias e a explosão de uma visibilidade homossexual no país - e o surgimento da epidemia da AIDS (no início dos anos oitenta) que trouxe consigo novas formas de lidar com a sexualidade.

### **Primeiro tempo: “Futebol é coisa pra homem”**

Introduzido no Brasil no final do século XIX, nos seus primeiros anos, o futebol foi um esporte de elite, porém com o crescimento das cidades começaram a surgir clubes formados basicamente por funcionários de empresas e artesãos, como o Corinthians Paulista (fundado em 1910). O esporte se popularizou e as fábricas, tanto em São Paulo como no Rio de Janeiro, começaram a promover a construção de campos para atrair operários para a prática do futebol. No espaço de 30 anos o futebol tornou-se o esporte oficial brasileiro. Anos mais tarde, o regime militar instalado em 1964 fez uso do esporte como mais um instrumento de controle social, na tentativa de legitimar a ditadura. Dentro do projeto de construção de uma identidade nacional, utilizou-se o futebol como um fator de unidade, amparando-se nas conquistas das copas mundiais de períodos anteriores. Por isso:

No Brasil, o futebol pode ser concebido como um fenômeno cultural onde todos – dirigentes, jogadores, cronistas e torcedores – articulam, com uma boa dose de especulação, seus fundamentos, cientificismo, “magia” e emoção, suas teorias e doutrinas, potencializando nas mais diversas falas e saberes determinados valores que aí sim, produzam identidades e grupos, sem automatismos, em alguns níveis e contextos sociais (TOLEDO, 2000:69).

A história das torcidas organizadas segue uma trajetória paralela ao futebol. Até os anos trinta era usado o termo assistência, definindo o status dos torcedores mais populares que se contrapunham aos sócios. Somente a partir de 1937, com a adoção pelo futebol de técnicas mais coletivizadas,

os grupos de torcedores começaram a ficar mais visíveis e mais aceitos inaugurando formas “teatralizadas” de torcer (TOLEDO, 2000). O momento coincide com o período getulista e essas primeiras torcidas organizadas tinham aspirações nacionalistas que vinham ao encontro do interesse das elites que comandavam o país e o futebol. No final dos anos 60 surgiram participações mais populares e autônomas, sendo a primeira agremiação do gênero a Gaviões da Fiel, criada em 1969. As torcidas dessa época formaram, juntamente com outras formas de associação e organização, canais de participação popular diante da ausência de partidos e representações legais.

De acordo com Toledo (2000), podemos citar como características de uma torcida organizada: a existência de uma sede ou local de concentração (diferente da moradia e da rua); as marcas distintivas (de identificação e visibilidade), que geralmente utilizam símbolos de força, rapidez, ação; as faixas; o uso do corpo como expressão (movimentos e coreografias), e as falas (vaías, xingamentos, cantos ou gritos de guerra), sempre associadas a atributos masculinos de potência e virilidade.

O homossexualismo sempre foi um assunto tabu no mundo do futebol, sobre o qual pouco se comenta. A torcida costuma associá-lo aos times adversários, ao juiz e aos dirigentes em suas falas e xingamentos. Quando questionados sobre a sua existência dentro do esporte, jogadores e pessoas ligadas ao meio costumam desviar o assunto. O ex-técnico de futebol e jornalista esportivo Osvaldo Rolla (o “Foguinho”) disse o seguinte:

Eu acho uma coisa pavorosa, eu não compreendo como possa se praticar isso dentro do esporte. (...) conheci jogadores que naturalmente eram homossexuais. (...) nós sabíamos que haviam homossexuais jogando futebol, poderíamos apontá-los. (...) dentro dos clubes existiam os pederastas passivos, os que entravam para os clubes de futebol para ter maior oportunidade (ENTREVISTA... 1980, ZH Guia:10).

O jogador do Grêmio, Baltazar, assim se posicionou:

Olha, eu conheço bem este tipo de pessoa. A Bíblia condena o homossexualismo. É algo realmente impuro, é uma situação em que a pessoa peca contra o seu próprio corpo, é algo muito triste. Estas pessoas deveriam mudar de vida, se entregar a cristo. (...) Eu acho que Deus fez a mulher para o homem e o homem para a mulher. (...) O que eu condeno é o pecado que eles cometem (ENTREVISTA..., 1980a, ZH Guia:9).

Júnior, ex-jogador do Flamengo, declarou: “Futebol entre gays tudo bem. Mas não em nível profissional, misturado com atletas. Isso não é uma coisa normal. Eu, em minha vida particular nunca tive um amigo ou colega de profissão que fosse gay” (BORSETTI, 1996:26).

Em 1995, o atacante Rogerinho do Fluminense comemorava o gol que havia feito sobre o Guarani quando recebeu uma súbita “patolada” do jogador Aílton. O gesto captado por um fotógrafo e por uma câmera de televisão gerou uma punição social por parte da opinião pública e da CBF (tendo sido julgado e absolvido). Ao comentar sobre o ocorrido, o técnico da seleção da copa de 1990, Sebastião Lazaroni, foi pragmático: “O futebol é dividido em duas categorias: o feminino e o masculino. Não se pode juntar as coisas, botar o feminino como o atleta. É um assunto delicado muito difícil. Acho que acarretaria muitas dificuldades” (BORSETTI, 1996:26). Este é apenas um exemplo de muitos casos semelhantes<sup>5</sup> e, neste caso específico, o que poderia perfeitamente ser entendido como simples comemoração entre dois jogadores gerou uma discussão desgastante e desnecessária, tendo nas entrelinhas o fantasma do homossexualismo que ronda o futebol.

O juiz é a figura principal da simbologia do poder num campo de futebol (NEVES, 1979) e ao mesmo tempo a mais desprezada pelo público. É interessante notar como, apesar disso, a arbitragem pode ser considerada um lugar de resistência e de afirmação dentro do mundo do futebol. Pelo menos dois árbitros profissionais assumiram publicamente

---

<sup>5</sup> Talvez o caso mais conhecido e comentado tenha sido o do jogador Richarlyson enquanto atuava pelo São Paulo (e também posteriormente). Apesar de nunca assumir publicamente a homossexualidade, teve sua sexualidade questionada e sofreu homofobia dentro e fora dos estádios. Uma rápida pesquisa na internet revela muitos outros casos de intolerância com a relação à homossexualidade no mundo do futebol. Também existem várias pesquisas e trabalhos acadêmicos sobre o assunto.

sua opção sexual: Valter Senra, cujo codinome era “Bianca” e Jorge Emiliano dos Santos, o “Margarida”. Vejamos o que diz Valter Senra sobre o homossexualismo no futebol:

A masculinidade não é uma prerrogativa de quem transa com mulher. Tem homossexuais no futebol como têm em todos os níveis e ramos sociais. (...) A verdade é que o atleta homossexual fica completamente retraído. Se ele declarasse a sua condição a sua carreira seria ceifada. A carreira acaba porque o preconceito tende a massacrar quem assume (BORSETTI, 1996:26).

Todos os depoimentos acima servem para confirmar que o ambiente do futebol é machista e preconceituoso onde são valorizados aspectos ligados ao sexo masculino como a valentia e a violência, por exemplo. “O machismo sufoca o futebol. Impensável um boleiro abrir o jogo como fez um grandalhão do vôlei. Suspeitas de amor entre iguais levam reacionários a cortar lenha para imolar corações nas fogueiras da intolerância” (MAGALHÃES, 2004, Caderno Esporte, D3). Por isso dentro dos grandes clubes de futebol brasileiros, é praticamente impensável um jogador “sair do armário”, embora paradoxalmente o homossexualismo esteja sempre presente de alguma forma.

Outro aspecto que deve ser abordado quando se fala em futebol e torcidas organizadas é a violência, entendida como uma possibilidade real e concreta de manifestação da sociedade, construída socialmente e culturalmente. Conforme Toledo (1996:100): “Se o futebol é um provedor de formas e padrões de sociabilidade na metrópole ele também é, concomitantemente, a manifestação de conflitos, preferências, paixões, excessos e violências.” A ocupação das torcidas nas ruas e estádios nos dias de jogo pode forçar a comparação a verdadeiras guerras entre os adversários, conforme é feito frequentemente pela imprensa.

No estado do Rio Grande do Sul, a violência das torcidas organizadas sempre foi uma realidade. A torcida Xavante do Brasil de Pelotas era, em 1977, a maior do estado e costumava ser apontada como a mais violenta e fanática pela imprensa (REZENDE, 1977, 1977a). Porém a violência da torcida de outros times gaúchos, como o Grêmio, também era

frequentemente citada. Fatos isolados e bem localizados fizeram com que jogadores e torcedores gaúchos ficassem com fama de violentos em todo o país, gerando vários comentários na imprensa, como este:

A proximidade natural entre gaúchos e castelhanos também ajudou essa fama. Aliás o futebol sempre é um reflexo da sociedade e o povo gaúcho, ao longo da história marcou pela violência, cujo maior exemplo foi a Guerra dos Farrapos. É gente que tem muito orgulho, que defende suas opiniões e idéias não apenas com as palavras (VIOLÊNCIA..., 1978:61).

Embora a violência não seja prerrogativa dos gaúchos, existindo em todas as grandes cidades e em todos os grandes times brasileiros, a reportagem acima chama a atenção para outros aspectos, como a existência de uma identidade gaúcha construída a partir de tradições do passado e utilizada sempre que se quer reforçar as diferenças. Essa identidade é elaborada a partir do resgate positivo da figura do gaúcho, essencialmente masculina, calcada na virilidade e na bravura. Segundo Oliven (1992:50), o próprio termo “gaúcho” sofreu uma ressemantização: “um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional”. O fato é que até hoje são evocados os elementos da cultura gaúcha (fortemente ligados ao gênero) sempre que queremos nos distinguir, por exemplo, de outros estados da federação ou do resto do país. Essa imagem mítica do gaúcho se transfere para o futebol e aos seus torcedores, conferindo-lhe características próprias (DAMO, 1999).

### **Segundo tempo: “A virada” – surge a Coligay**

A Coligay apareceu pela primeira vez em nove de abril de 1977 num jogo do Grêmio contra a Associação Santa Cruz quase sem ser notada (BUENO, 1977). No primeiro Gre-Nal daquele ano começou a chamar a atenção, já portando uma faixa maior e com mais componentes. “Esse novo grupo de torcedores do Grêmio começou com pouca gente e uma

faixa: Torcida Coligay. Eram torcedores que costumam frequentar a boate Coliseu. Muita animação, passos de dança, requebros, o grupo já apareceu com novos adeptos no Beira-Rio” (COLIGAY, 1977). A torcida foi fundada por Volmar Santos, gerente da boate Coliseu, que era o centro do mundo gay de Porto Alegre na época<sup>6</sup>, localizada na Av. João Pessoa, 1281, a qual nas tardes de sábado servia de local de encontro e de ensaio para os torcedores, a maioria frequentadores da casa noturna.

Numa reportagem sobre torcidas organizadas de futebol, o jornal Zero Hora assim define a Coligay:

Bandeiras tricolores: azuis, como um céu de noite tropical, listras negras com estrelas douradas e um fundo virginalmente branco. Agitadas por tipos humanos incrivelmente originais, no alto de uma arquibancada: nada mais, nada menos do que a Coligay, “a torcida mais animada do mundo”.

Rapazes depilados e alegres acompanhados de outros peludos e não tão alegres, transformam a cada jogo, um dos cantos do Olímpico no mais extraordinário espetáculo do futebol brasileiro (AS TORCIDAS, 1978:55).

A torcida não era composta apenas por gays, havia mulheres também e eventualmente alguns amigos simpatizantes e curiosos que não resistiam ao samba e entravam para o grupo, além de outros enrustidos que se sentiam tão à vontade que resolviam se assumir. Só havia duas condições para ser aceito na torcida: ser gremista e acatar as normas de comportamento do grupo, a fim de manter o respeito entre todos. Segundo Volmar:

A Coligay era uma idéia muito antiga. (...) Eu sou gremista fanático desde que nasci e sempre tive vontade de organizar uma torcida. Achava que os torcedores do Grêmio eram muito parados, que não sabiam incentivar o time. (...) No começo o nome seria simplesmente Coliseu. Depois desisti e cheguei a pensar em Coli Grêmio. Mas também mudei de idéia porque oficialmente nós não temos nada a ver com o Grêmio, somos uma torcida totalmente

---

<sup>6</sup> Existia em Porto Alegre outra boate para o público gay chamada New Flowers e localizada na Av. Independência. Chegou-se a cogitar a hipótese desta boate também criar uma torcida gay, do Inter, que se chamaria Inter Flowers. O boato foi desmentido pelo proprietário da boate Dirnei Anselmo Messias (BUENO, 1977:45; INTER-FLOWERS..., 1977:34).

independente. Então surgiu Coligay e eu gostei do nome. Ele me pareceu muito apropriado, porque gay em inglês, também significa alegria e nós somos realmente muito alegres, sabemos incentivar como ninguém (BUENO, 1977:44).

E reafirmando o objetivo de torcer pelo Grêmio: “Não somos um grupo de vanguarda do movimento gay. Claro que concordamos com eles, mas isto já é outra estória.” (TORCIDA..., 1977:42). Ao mesmo tempo, porém, ele mesmo se dá conta do envolvimento em algo muito importante: “Pela primeira vez, num Estado machista como o nosso, os homossexuais se manifestam em público. Não é pouca coisa, não? Às vezes, chego a ficar assustado. Mas pelo que já se viu, Porto Alegre está madura para nos aceitar.” (FONSECA, 1977:50). No entanto, o surgimento da torcida causou um certo furor em todos os setores da sociedade porto-alegrense, conservadores ou não. Todos tinham uma opinião sobre o novo fenômeno do futebol gaúcho e não era exatamente a mesma. O Departamento Eurico Lara, primeiro grupo de torcedores do Grêmio, extremamente tradicional e conservador, foi o que ficou mais incomodado com a Coligay. Entrevistado pela revista Placar, José Buaes, o chefe do Departamento Eurico Lara afirmou:

Lamentável, lamentável! Uma vergonha! Quem poderia imaginar que isso viesse a acontecer com o nosso Grêmio? (...) Enquanto eles ficarem nisso, tudo bem. Não tomaremos conhecimento. É como se não existissem. Conheço essa gente e sei que qualquer pressão provocaria a explosão da bicharada. Na base da solidariedade, elas invadiriam este estádio às centenas e seria um escândalo. Melhor deixar como está (FONSECA, 1977:49).

A atitude do senhor José Buaes é bem típica de uma sociedade hipócrita onde é as diferenças são reconhecidas e não são aceitas, mas sim, dentro do possível, ignoradas, utilizando a fórmula: “é melhor deixar tudo como está para não se incomodar”. Porém era impossível ficar indiferente ao novo fenômeno do futebol gaúcho e desde o início estabeleceram-se as divergências. O chefe da Coligay declarou:

O nosso principal inimigo são algumas pessoas do Departamento Eurico Lara. Eles estão fazendo de tudo para acabar conosco. Mas isto é puro ciúmes deles, nada mais. Acontece que nós somos uma torcida de verdade, que berra, que ajuda o time, enquanto que eles pararam no tempo, não souberam evoluir. (...) Por inveja do nosso sucesso estão querendo nos incomodar” (BUENO, 1977:44).

Na opinião do técnico Telê Santana, qualquer iniciativa para incentivar o time deveria ser bem aceita. O presidente do Grêmio Helio Dourado negava-se a abordar o assunto e conforme depoimento concedido a mim por Sérgio Luiz Silva da Cunha (Serginho), ex-integrante da Coligay, ele sempre foi contra e nunca apoiou a torcida (CUNHA, 2002). Com os jogadores, não era diferente, existiam os que davam força e apoiavam e os que simplesmente ignoravam e não queriam falar sobre o assunto, como Iúra: “O quê? Eu opinar, que é isso? Olha bem pra minha cara.” ou se conformavam como Tarciso: “O mundo tá mesmo virado. A gente não pode se surpreender com mais nada” (FONSECA, 1977:50).

O povo, a grande massa de torcedores, estava do lado da torcida, de um modo geral, conforme relatou Volmar:

Estão querendo nos destruir. Tentam nos ridicularizar de todas as maneiras. Claro que não é o povo que está fazendo isto. O povo nos adora e somos queridíssimos apesar de existirmos há tão pouco tempo. Quem age maliciosamente são alguns cronistas mal intencionados. Mas não tem problema, vamos continuar em frente até o fim. Fazendo o que sabemos fazer como ninguém: incentivar” (BUENO, 1977:44).

A torcida também passou a ser comentada nas altas rodas sociais. Entre os colunistas da época, as opiniões divergiam. O cronista social Paulo Raimundo Gasparoto declarou: “Acho esta manifestação um barato. A propagação do movimento gay através do esporte é uma idéia muito boa.” (TORCIDA..., 1977:42). Outro colunista, Tatata Pimentel, considerava o movimento gay uma coisa muito séria para ser posto em prática num estádio de futebol: “Quando a coisa for realmente às abertas e com força de reivindicação, como é nos Estados Unidos, daí sim, eu farei questão de

apoiar.” (BUENO, 1977:44). Celso Cury, jornalista que escrevia uma coluna no jornal *Última Hora*, do Rio de Janeiro chamada curiosamente de *Coluna do Meio* também saudou o nascimento da torcida: “Enfim uma torcida organizada de futebol composta por gays. Seria o fim do machismo no futebol? Nasceu a Coligay torcida do Grêmio de Porto Alegre! Com certeza a moçada do meio gaúcha é a mais nova pedra nos sapatos dos preconceituosos.” O texto foi reproduzido pelo jornal *Zero Hora* (TUDO..., 1977:46) . A revista *Veja* colocou uma nota na seção Gente, com uma foto e a legenda “Coligay: um desafio aos gaúchos”, onde se lê:

Em acintoso desafio ao machismo gaúcho, foi fundada, no mês passado, em Porto Alegre, uma insólita torcida futebolística – a Coligay – de cujos componentes se exige apenas não levarem muito a sério a masculinidade. Idealizada por Volmar Santos, gerente da boate Coliseu, de 25 anos, a torcida gay já conta com charanga, fantasia e 150 adeptos, todos ferrenhos torcedores do Grêmio. Apesar dos protestos de outros gremistas, Santos defende com unhas e dentes o direito de o seu grupo torcer como achar melhor (EM ACINTOSO..., 1977:71).

A revista *Placar* publicou uma reportagem de três páginas (cor-de-rosa) e caracterizou a Coligay como sendo “o mais recente golpe no lendário machismo gaúcho” (FONSECA, 1977:48).

O jornalista (gaúcho) João Antônio Mascarenhas também escreveu sobre a torcida no Jornal *Lampião da Esquina*. Para ele a organização criada por Volmar seria machista e guetoizante; servia de circo para o “establishment” e para o povão, tudo se limitando-se a alguns minutos de espetáculo, continuando cada macaco no seu galho.

Sem se darem conta, atuam como machistas, pois introjetaram os estereótipos da nossa sociedade, que erradamente – e de má-fé –, identifica homossexualidade com efeminação. Ao aceitarem, felizes, convites para exibirem-se pelo interior, mostram que se acham prontos a servir de palhaço a machistas basbaques desejosos de conhecer as novidades da capital. Ao uniformizarem-se e ao serem treinados, para manterem-se obedientes e diferenciados, levam a separação ao paroxismo. Os amplos cafetãs trazem-me à memória o triângulo rosa, que os nazistas pregavam nas batatas dos

homossexuais encarcerados em campos-de-concentração (MASCARENHAS, 1978:5).

Há um evidente exagero na declaração de Mascarenhas e deve-se levar em conta que foi escrito no Rio de Janeiro, por um militante do “novo” movimento homossexual, e, portanto, num outro contexto. O grupo nunca teve o apoio do Grêmio e sua intenção, como vimos, era torcer, incentivar o time e se divertir nos estádios de futebol, de uma maneira alegre e diferente. Ainda, o uso de uniformes e coreografias é característico das torcidas organizadas e pode ser interpretado apenas como uma forma de diferenciação da torcida em relação às outras e ao público em geral.

No Gre-Nal de 18 de setembro de 1977 a alegre torcida proporcionou um evento inédito: “invadiu” a pista do Beira-Rio (devidamente autorizada), com charanga, perucas, plumas e paetês, carregando faixas, na tentativa de confraternizar com a torcida do Inter. Foi saudada pelos colorados com palavras que a imprensa chamou de “impuplicáveis” (COLIGAY, 1977a; DESFILE, 1977). Nas palavras de Serginho:

Quando passávamos pela torcida do Inter nos chamavam de mil coisas e jogavam rádios, sapatos, pilhas. Nos saímos do estádio com duas sacolas cheias de coisas que jogaram em nós. Quando passávamos na frente da torcida do Grêmio nós éramos ovacionados. Tinha quarenta, cinquenta mil pessoas dentro do Beira-Rio, mesmo que fosse uma pista atlética era um reinado, nós dançávamos, pulávamos, nos divertíamos (CUNHA, 2002).

A torcida também viajava para todo o interior do estado acompanhando o Grêmio, sempre desfilava pelas principais ruas das cidades e se envolvia em brigas nos estádios. De acordo com Serginho:

Quando a gente ia pro interior aqui, sempre dava briga, sempre no final do jogo era aquela correria e a única torcida que ficava pra agüentar a pauleira e pra dar pauleira era a Coligay, porque os outros machos entre aspas e as suas torcidas iam tudo pros ônibus e nós ficávamos, nós dávamos de tamanco, nós atirávamos pedras, nós mordíamos, dávamos soco, enfim. (...) Aqueles

camisões listradas que a gente usava, a cada jogo no interior nós vínhamos sem nada. (...) Muitas vezes nem era por aquela agressão física, era mais por, não sei explicar, até por curiosidade, as pessoas eram talvez menos esclarecidas sobre o homossexualismo. Claro que todos viam que nós éramos homens. Não tinha travestis na época, dentro da torcida não tinha travesti. A gente se maquiava, colocávamos flores no cabelo, ficávamos de vestido, isso a gente fazia em todo o interior. Nós fazíamos desfiles nas ruas principais. Ovacionados (CUNHA, 2002).

A Coligay também participava de ações sociais. Num jogo em Pelotas, contra o Brasil, a torcida levou alimentos, agasalhos, roupas e sapatos para os flagelados da enchente que havia atingido a cidade (COLIGAY..., 1977a). Em 1978 a Coligay fez uma campanha de recolhimento de tijolos para ajudar na conclusão das obras do estádio Olímpico (COLIGAY, 1978). Em novembro do mesmo ano o grupo também recolheu alimentos, roupas e sapatos para auxiliar moradores do município de Viamão prejudicados por um temporal (COLIGAY..., 1978a).

Em 1977, o Corinthians não vencia o campeonato paulista há 23 anos. Disputou a final com a Ponte Preta e a Coligay foi até São Paulo com bandeiras e faixas do Grêmio, para “dar sorte”. O presidente Vicente Matheus mandou um cheque a fim de viabilizar a viagem. O Corinthians acabou vencendo o campeonato em 13 de outubro de 1977, confirmando a fama de “pé-quente” da torcida gaúcha (COLIGAY..., 1977c; A COLIGAY..., 1977; CHEQUE..., 1977; NOBRE, 1977; COLIGAY..., 1977d). Conforme Serginho:

Eu me lembro que foi uma turma bem grande. O Corinthians mandou dinheiro. (...) A gente fretou um ônibus. Nós fomos num ônibus lotadinho, com o fardamento da Coligay, bandeiras do Grêmio, dentro do Morumbi. Fomos muito bem festejados pela Gaviões da Fiel que até hoje é considerada uma torcida preconceituosa, cheia de coisa, que só tem marginal, homem. (...) Mas aqui no Grêmio mesmo, nós não tínhamos nenhum preconceito do povão. Nós nunca tivemos (CUNHA, 2002).

Em abril de 1979 a boate Dancin’Days, antiga Coliseu, incendiou juntamente com outras três casas noturnas localizadas na Avenida João

Pessoa (INCÊNDIO..., 1979). O fato não abalou a torcida, que continuou surpreendendo. No mesmo ano, o Grêmio venceu o campeonato antecipadamente (faltando três rodadas) e a festa do time tricolor teve um desfile de toda a torcida da Coligay tendo à frente uma colombina cor de rosa (EMOÇÃO..., 1979; NOBRE, 1979).

O grupo se dissolveu em 1980 pela falta de apoio e incentivo por parte do Grêmio e devido às represálias sofridas da direção do clube, que nunca teria aceitado a torcida; muito embora a Coligay tenha ajudado e incentivado o time durante quatro anos, nunca foi reconhecida oficialmente e nunca teve os privilégios concedidos às outras torcidas, conforme afirmou Serginho em seu depoimento (CUNHA, 2002). O fato é que o Museu do Grêmio, em 2002 (ano em que foi realizada a minha pesquisa), não possuía nenhum registro ou informação à respeito da torcida. Quando um dos dirigentes foi questionado por mim sobre a existência da Coligay foi reticente e preferiu não se pronunciar sobre o assunto.

A torcida ressurgiu em 1983, durante o jogo decisivo da Copa Libertadores da América, no qual o Grêmio venceu o Peñarol (A COLIGAY..., 1983). Alguns dos integrantes do grupo, magoados com o clube e como forma de protesto, resolveram se associar e passaram a incentivar o clube nas sociais. A volta da torcida foi recebida com uma festa dos dirigentes, torcedores e jogadores, porém, como lembra Serginho: “eu não sei qual teria sido a reação se o Grêmio tivesse perdido” (CUNHA, 2002). A “segunda” Coligay existiu até 1985, porém era um grupo muito menor e já não possuía as características e a organização da torcida inicial. Tampouco era uma novidade e por isso despertou pouca curiosidade e obteve menos destaque na imprensa.

## **Prorrogação**

A importância do contexto em que surge a torcida deve ser destacada. A Coligay passa a existir – dentro de um estado culturalmente arraigado

às tradições do passado, que evocam o mito de um gaúcho macho e varonil – num momento bem específico em que está iniciando o processo de abertura política do regime militar, onde aparecem formas alternativas de manifestação e onde proliferam os novos movimentos sociais; é também o período em que o futebol brasileiro está em seu auge e quando são criadas as novas e independentes torcidas organizadas de futebol. Tudo isso tem influência direta ou indireta no surgimento da Coligay.

Quanto ao objetivo da torcida, ficou claro pelas declarações feitas pelos seus integrantes que era simplesmente torcer pelo “seu” time de futebol, ou seja, pelo clube escolhido, no caso, o Grêmio. Portanto, estaria descartada a hipótese de ser a Coligay um novo movimento social nos moldes dos que estavam surgindo no centro do país. Se observarmos as características das torcidas organizadas, a partir da definição proposta por Toledo (1996), chegaremos à conclusão de que o grupo estudado possuía várias peculiaridades que permitem defini-lo efetivamente como uma torcida organizada de futebol. Ao mesmo tempo, pela sua intervenção dentro e fora do futebol, poderíamos chamar a atuação da torcida de “movimentação homossexual”, conceito utilizado por Fry e MacRae (1983). Assim, parece-me que podemos definir a Coligay como o conjunto dessas duas coisas: uma torcida organizada e uma “movimentação homossexual”.

Sem embargo, podemos dizer também que a Coligay desempenhou um papel muito importante ao se inserir em um ambiente machista, preconceituoso e violento como o futebol, ocupando um espaço e assim defendendo seus direitos. Penso que hoje uma torcida gay organizada não teria o mesmo efeito, pois vivemos numa sociedade aparentemente um pouco mais tolerante e capaz de viver suas diferenças sem haver a necessidade de enfatizá-las. As próprias torcidas de futebol passaram a aceitar a presença de homossexuais. Também já temos outras formas de atuação dos grupos homossexuais, de Organizações Não Governamentais, para discutir questões relacionadas à sexualidade.

Com relação às reações das pessoas envolvidas diretamente ou indiretamente com a torcida podemos dizer que elas apenas reproduzem o comportamento de uma determinada sociedade como um todo. A torcida nunca recebeu o apoio oficial do clube, motivo principal pelo qual se extinguiu, embora fosse “fiel” e incentivadora do time. A imprensa a tratou como uma inovação, a chamou de pé quente, de responsável pela vitória do campeonato gaúcho pelo Grêmio, porém também logo que o novo e diferente grupo deixou de ser novidade também deixou de ser notícia. O “povo” ao qual se referiram os integrantes parece ser a parcela da sociedade que realmente entendeu o espírito da torcida e brincou junto com ela.

Assim, reafirmo a minha hipótese inicial de que a torcida foi, no seu contexto específico, na sua época e dentro daquele determinado espaço, uma forma de manifestação social, de visibilidade homossexual, de atuação política ao ocupar esse ambiente masculino e segregador do futebol, abrindo caminho para futuros movimentos e ações de outros grupos e deixando mais palpável a possibilidade de manifestar publicamente a orientação sexual em qualquer local público, seja ele um estádio de futebol ou um parque.

## Referências

A COLIGAY vai?. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 36, 03 out. 1977.

A COLIGAY rebola outra vez. **Placar**, São Paulo, n.681, p.25, 10 jun. 1983.

A GRANDE comemoração. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 07 out. 1977.

BORSETTI, Silvio. Viva a Patolada. **Sui Generis**, Rio de Janeiro, n. 9, p. 22-27, 1996.

BUENO, Eduardo. Grêmio está recebendo um incentivo diferente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.44-45, 16 mai. 1977.

CHEQUE para a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.32, 05 out. 1977.

COLIGAY. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.40, 09 mai. 1977.

COLIGAY beneficente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 16 ago. 1977a.

COLIGAY invade. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 19 set. 1977b.

COLIGAY pé-queente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 41, 28 set. 1977c.

COLIGAY presente. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 39, 13 out. 1977d.

COLIGAY. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 38, 30 set. 1978.

COLIGAY. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 56, 15 nov. 1978a.

CUNHA, Sérgio Luiz Silva da. **Depoimento de Sérgio Luiz Cunha (Serginho)**, 2002.

DAMO, Arlei Sander. *Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro. Estudos Históricos*, Rio de Janeiro: CPDOC:FGV, v.13, n. 23, p. 87-117, 1999.

DESFILE. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 38, 19 set 1977.

EM ACINTOSO... **Veja**, São Paulo, p.71, 01 jun. 1977. 377.

EMOÇÃO e entusiasmo marcam a festa da torcida gremista. **Zero Hora**. Porto Alegre, p. 44-45, 10 set. 1979.

ENTREVISTA... **Zero Hora**, Porto Alegre, 03 mai. 1980. (ZH Guia, p. 8-11).

ENTREVISTA... **Zero Hora**, Porto Alegre, 17 mai. 1980a. (ZH Guia, p. 8-10).

FONSECA, Divino. *Para o que der e vier. Placar*, n.370, p.48-50, 27 mai. 1977.

FRY, Peter e MACRAE, Edward. **O que é homossexualidade**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval. A homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

INCÊNDIO abala a vida noturna na João Pessoa. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 33, 23 abr. 1979.

INTER-FLOWERS não vai sair. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.34, 17 mai. 1977.

MacRAE, Edward. **A construção da igualdade: identidade sexual e política no Brasil da “abertura”**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAGALHÃES, Mauro. Faltam gays no futebol. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 11 jun. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/fk1106200423.htm>. Acesso em: 01 setembro 2020. ( Caderno Esporte, D3).

MASCARENHAS, João Antônio. Noticiário Esportivo (2). **Lampião da Esquina**, Rio de Janeiro, n. 03, p. 05, 1978.

NEVES, Luiz Felipe Baêta. **O paradoxo do coringa e o jogo do poder & saber**. Rio de Janeiro: Achiamé, 1979.

NOBRE, Carlos. A Coligay em São Paulo: cartinha de deslumbrada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 63, 09 out. 1977.

NOBRE, Carlos. Cartinha da Coligay deslumbrada. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 59. 23 set. 1979.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

REZENDE, Marcos. Brasil de Pelotas - A história de uma torcida muito fiel. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 27, 06 mai. 1977.

REZENDE, Marcos. Invasão a Estrela - Uma torcida que deixa prejuízos por onde passa. **Folha da Tarde**, Porto Alegre, p. 30, 17 mai. 1977a.

ROSSI, Elvio Antônio. **Coligay: “uma torcida diferente”**: espaço de visibilidade homossexual em Porto Alegre (1977-1980). 2002, 72f. Trabalho final apresentado na disciplina Técnica de Pesquisa em História (Licenciatura em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UFRGS, Porto Alegre, 2002.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/Anpocs, 1996.

TOLEDO, Luiz Henrique. **No país do futebol**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

TORCIDA Coligay: história e pedágio da vitória. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.42, 26 set. 1977.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 4<sup>a</sup>. ed. Rio de Janeiro: Record, 2000.

TUDO com a Coligay. **Zero Hora**, Porto Alegre, p.46, 29 mai. 1977.

VIOLÊNCIA - Em discussão o comportamento da torcida e dos jogadores gaúchos. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 61-63, 20 ago. 1978.

## A rememoração da torcida Coligay como parte da construção do clube de todos

*Luiza Aguiar dos Anjos*<sup>1</sup>

### Introdução

O vínculo que torcedores/as estabelecem com os clubes que apoiam pode ser analisado a partir da noção de identidade. Isso implica que torcer é parte importante da constituição de um sujeito, uma identidade compartilhada por uma comunidade de aficionados/as por aquela agremiação, apoiada em personagens, narrativas, valores comuns.

[...] construída a partir da origem da agremiação – quem fundou? Quando e onde? -, da sua espacialidade na cidade – em qual bairro fica o estádio? Existe sede social? Onde ela fica? Existe algum bairro com mais torcedores desse clube? Qual?; dos títulos conquistados, dos grandes ídolos, das cores e da forma-representação predileta daquela torcida, ou seja, grosso modo, o tipo de futebol que a torcida espera que seja praticado pelo seu time (SOUZA; ANTÔNIO, 2014:3).

O conjunto de sentidos atribuídos a fatos de sua trajetória pode ser relacionado a uma dimensão simbólica dos clubes, historicamente constituída e em constante processo de atualização (DAMO, 2005). E assim como as conquistas esportivas, que dependem de embates com outras agremiações, também os aspectos representacionais se forjam – ou, ao

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. luizaaguiardosanjos@gmail.com

menos, se fortalecem – a partir de oposições ante os demais. A reafirmação de suas especificidades acompanha, assim, esforços de distinção e de afirmação de superioridade, continuamente reforçados ou postos à prova.

Neste texto me dedico a analisar a identidade gremista. Mais especificamente, volto minha atenção para acontecimentos da última década que sugerem uma atualização do gremismo no intuito de afirmar-se um clube plural, e reflito sobre como a Coligay participa desse processo.

A Coligay é uma torcida do Tricolor gaúcho que esteve em atividade entre 1977 e os primeiros anos da década seguinte, formada majoritariamente por homens identificados como homossexuais e que fazia disso a referência de sua performance torcedora (ANJOS, 2018). Após sua extinção, o grupo foi esquecido, ignorado em muitos registros historiográficos sobre o clube (ANJOS, 2018), sendo mesmo desconhecido entre alguns torcedores jovens, que não o viram em ação (BANDEIRA, 2017).

Em 2014, foi lançado o livro *Coligay: Tricolor e de todas as cores*, de Léo Gerchmann. A publicação é um marco de um processo recente de rememoração da torcida, acompanhado também de outros registros: multiplicação de matérias na imprensa, um documentário, trabalhos acadêmicos e, em espacial, a presença de um mural no Museu do Grêmio. No presente texto, me interessa analisar como o resgate dessas memórias é acionado no sentido de legitimar uma tradição de pluralidade e inclusão no Grêmio.

## **A identidade gremista**

Para a compreensão dos valores que amparam a identidade gremista, dois pares de alteridades são centrais: Rio Grande do Sul e Brasil, e Grêmio e Internacional (ANJOS, 2018).

O endosso ao regionalismo gaúcho não é uma especificidade do Grêmio, nem do futebol. As tantas manifestações que afirmam a distinção da cultura do Rio Grande do Sul se relacionam com sua história e relação

com o Estado brasileiro, marcada pela tensão entre autonomia e integração. As especificidades mais frequentemente lembradas são sua posição geográfica, a partir da qual se estabeleceriam intercâmbios múltiplos com os países do Prata (portanto, diferentemente da população dos demais estados brasileiros, os gaúchos teriam forte influência hispânica); a tradição política de enfrentamento em relação ao poder central; a presença maciça dos imigrantes europeus, que fariam dele um estado “mais branco” em cor e costumes (GUAZZELLI, 2010); a convivência permanente com os levantes armados; e, finalmente, a própria “essência” do gaúcho, tida como libertina e altiva, tal qual a dos remotos tropeiros forjados na lida com o gado xucro (DAMO, 1999). As dificuldades impostas pela natureza e pelos inimigos de guerra teriam assim moldado suas virtudes: bravura, coragem, lealdade, honra (OLIVEN, 1992).

O futebol contribui não apenas para manifestar o apreço de sua população pelo estado e suas tradições, como para atualizar tais traços culturais. Isso se evidencia no hábito de torcedores/as empunharem bandeiras do Rio Grande do Sul, de alguns irem às partidas pilchados<sup>2</sup> e de cantarem o hino do estado ou músicas que remetam à sua história e valores. Além disso, há certo consenso popular de que o futebol ali praticado estima mais força e dedicação do que técnica e plasticidade (DAMO, 1999). Por isso, as possibilidades de êxito de um jogador em seus clubes estão vinculadas à sua capacidade de demonstrar raça, luta, empenho, adequando-se a representação do futebol local (BANDEIRA, 2009).

É notório que a virilidade é, dentro e fora do esporte, um valor caro às tradições gaúchas. Nesse sentido, o regionalismo do estado envolve a exacerbação de atributos associados a noções normativas de masculinidade, já recorrentes no futebol nacional. O que se percebe, assim, não é uma particularidade, mas uma ênfase. Característica que, até

---

<sup>2</sup> Pilcha é a indumentária tradicional gaúcha, portanto pilchado refere-se a quem está caracterizado com tal vestuário.

meados da década de 2010, não parecia oferecer condições para conciliar-se com a memória de uma torcida gay.

Como já dito, além das características associadas às tradições gaúchas, o gremismo também se constrói a partir de sua oposição com seu principal antagonista, o Internacional. “Discute-se qual é a mais violenta, apaixonada, fiel e sofredora sem que ao cabo se chegue a um consenso” (DAMO, 1998:84). Outra contenda que não permanece estática. Ao longo do tempo, mudanças ocorrem dentro das agremiações e no contexto social mais amplo, levando os clubes a modificarem, de maneira geralmente lenta e nem sempre evidente, os valores que tomam para si e para seus adversários.

Nesse embate, uma noção outrora aparentemente aceita era a de que o Internacional seria o clube do povo, enquanto o Grêmio seria o clube da elite. Se atualmente essa premissa tem sido questionada, durante algum tempo a associação com o povo era motivo do orgulho dos colorados e razão de deboche e ofensas pelos gremistas (DAMO, 1998).

Tais representações parecem ter se configurado principalmente ao longo das décadas de 1930 e 1940, período em que negros e pobres passam a ser incorporados pelo Internacional, enquanto o rival ainda resistia a aceitá-los em seu plantel (DAMO, 1998; MASCARENHAS, 2014). O protagonismo e idolatria de jogadores negros no bem-sucedido elenco colorado batizado de “rolo compressor” contribuiu para reforçar o vínculo do clube com a negritude.

O Grêmio, em contrapartida, tem como referência da ruptura com a discriminação racial no clube a contratação de Tesourinha, ocorrida em 1952. O marco ganha força pela explicação, em carta assinada pelo presidente gremista Saturnino Vanzelotti e publicada no jornal *Correio do Povo*: “A diretoria do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense vem trazer a conhecimento de seus associados e simpaticantes que, por decisão

unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de cor em sua representação de futebol”<sup>3</sup>.

Outros tantos elementos são eventualmente acionados para reiterar as representações de elitista/branco/germânico do Grêmio e de popular/negro do Inter, quando convém: a participação germânica na fundação do Grêmio, a origem social de seus sócios, os maiores valores de suas mensalidades em seus primórdios, a localização dos primeiros estádios – o Fortim da Baixada, do Grêmio, em uma zona nobre, e o Estádio dos Eucaliptos, do Internacional, em um bairro de subúrbio –, a adoção pelo Inter de figuras folclóricas negras como mascotes, casos do negrinho e do saci, entre outros.

A atualização desses rótulos apoia-se ainda na atribuição do termo “macaco” ao Internacional e aos/às colorados/as por parte dos/as gremistas. É incerto o momento preciso que a expressão passou a ser utilizada pelos/as tricolores, mas Damo (1998) acredita que desde 1940 já ocorre tal referência, sendo que no final da década de 1960 a alcunha já era popular. Sabe-se que faz parte dos cânticos de torcidas organizadas desde os anos 1990. O próprio Internacional e seus torcedores assumiram a imagem do animal, positivando-o como símbolo de força e imposição de respeito, num ato de (tentativa de) anulação do racismo gremista (BANDEIRA, 2009; RODRIGUES, 2012).

Apesar disso, diversas frentes já colocaram em questão o uso do termo e seu caráter preconceituoso. Destaco em especial, o episódio em que ofensas racistas foram direcionadas ao goleiro Aranha em 2014. É notável como o caso Aranha, como ficou conhecido, intensificou o incômodo de torcedores/as e a preocupação do clube com o rótulo de racista (ANJOS, 2018). Tornou-se, mais do que nunca, fundamental para o Grêmio demonstrar que a agremiação não era preconceituosa ou,

---

<sup>3</sup> Publicação do Correio do Povo, de 6 de março de 1952. Disponível em: <<http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-deracismo-no-rio-grande-do-sul/>>. Acesso em: 06 abr. 2018.

melhor ainda, que sempre foi um clube plural. É nesse cenário que a lembrança da Coligay ganha força.

### **A atualização das tradições tricolores: a Coligay e a pluralidade**

A hipótese que trago aqui parte da premissa que a rememoração da Coligay não se origina de uma revisão dos modos como o clube se relaciona com a comunidade de gays, lésbicas, travestis, transgêneros e transsexuais (LGBT+), ou com as práticas homofóbicas, transfóbicas e misóginas que, como tantos outros clubes, ajuda a perpetuar no futebol. Foi um processo que decorre como desdobramento da mobilização motivada por questões raciais.

A tentativa de desconstruir o rótulo de racista não é algo inédito no Grêmio. Como já dito, a contratação de Tesourinha tinha similar intenção. Além disso, um ano após a chegada do jogador, o cantor gremista Lupicínio Rodrigues (que era negro e de origem popular) compôs o Hino do Cinquentenário do clube, que mais tarde foi adotado como hino oficial, reforçando sua relação com o Grêmio.

Atualmente é comum entre gremistas negar que os rivais admitiram negros antes (BANDEIRA, 2017). O argumento principal seria a presença de jogadores de pele escura e/ou com traços característicos de afrodescendentes antes dos marcos citados previamente, e que no Tricolor teriam ocorrido mais cedo que no Inter. O primeiro deles teria sido Adão Lima, que chega ao Grêmio em 1925. Todavia, o fato da contratação de Tesourinha ser caracterizada, sobretudo pelo clube e pela imprensa, como evento pioneiro que rompia com uma tradição segregacionista indica que era esse o significado hegemônico atribuído àquele episódio por tais instituições. O próprio Lupicínio Rodrigues, em um conhecido artigo publicado no jornal Última Hora, em 1963, assumia a versão, dizendo: “O Grêmio foi o último time a aceitar a raça porque em seus estatutos constava uma cláusula que dizia que ele perderia seu campo, doado por uns alemães, caso aceitasse pessoas de cor em seus quadros. Felizmente, essa cláusula já foi abolida [...]” (GERCHMANN, 2014:42).

Mas, mais importante do que a afirmação de minha posição quanto a isso, é identificar que a recusa de gremistas a essa narrativa histórica é representativa de um novo esforço de rompimento com uma memória racista e elitista do Grêmio, dentro do qual se insere o processo de ressurgimento da Coligay.

Para desenvolver esse argumento, parto de dois artefatos culturais que considero especialmente relevantes nessa recente rememoração: o livro *Coligay: Tricolor e de todas as cores* (GERCHMANN, 2014) e a exposição do atual Museu do Grêmio.

A desvinculação do Tricolor Gaúcho à uma pejorativa imagem de preconceituoso esteve presente na motivação pessoal de Léo Gerchmann para a escrita desse livro. Tal representação negativa, todavia, não se relaciona a questões referentes a homofobia – preconceito esse presente aparentemente na mesma medida em todo clube brasileiro até o momento – mas sim aos pobres e, sobretudo, aos negros (ANJOS, 2018)<sup>4</sup>.

Diversos trechos da obra são dedicados a argumentar que o status de racista do Grêmio é impropriedade. O autor defende a versão de que extraoficialmente a presença de negros no Grêmio antecede a do Inter, além de lembrar de episódios nos quais o rival explicitaria seu passado também segregacionista, em especial sua oposição ao ingresso do Rio-Grandense – equipe formada por homens negros – na Liga Metropolitana em 1911. Para ele, a representação popular dos colorados seria “um inteligente e bem-sucedido case de marketing” (GERCHMANN, 2014:44), visão compartilhada com outros torcedores (BANDEIRA; SEFFNER, 2017). Além da defesa do pioneirismo de Adão Lima, também relembra outros atletas que identifica como negros, anteriores a Tesourinha. Valoriza também a figura de Lupicínio Rodrigues, compartilhando o artigo “Porque sou gremista”, no qual o cantor responde publicamente à dúvida de “por que, sendo eu um homem do povo e de origem humilde, sou um torcedor tão fanático do Grêmio” (In GERCHMANN, 2014:40-41). Lembra, ainda,

---

<sup>4</sup> Em 2015, o autor publicou “Somos Azuis, Pretos e Brancos”, no qual elabora seus argumentos contrários à ideia de que o Grêmio era mais segregacionista que o rival.

da homenagem prestada ao jogador negro Everaldo. Por ser o primeiro atleta atuando em um clube do Rio Grande do Sul a conquistar um título de Copa do Mundo, em 1970, o Grêmio inseriu uma estrela dourada em sua bandeira dedicada ao ídolo.

Ao incluir informações e discussões relacionadas a classe e raça, *a priori* desconectadas à Coligay, em um livro dedicado à torcida, nota-se que o autor parte do reconhecimento que paralelos podem ser traçados no modo de se relacionar com essas diferentes minorias sociais. A premissa parece ser a de que negros e pobres, tal qual homossexuais, passaram e passam por processos discriminatórios no contexto do futebol e que princípios como o respeito à diversidade, uma vez estabelecidos, atravessariam igualmente todos esses grupos. Nesse sentido, o surgimento da Coligay no Grêmio não teria sido aleatório nem fortuito (ANJOS, 2018), pois a trajetória do clube e sua relação com negros e pobres demonstraria que, em que pese a origem elitista comum à maioria dos clubes brasileiros, têm uma “verdadeira essência plural”.

O Museu do Grêmio propõe narrativa similar. O projeto do memorial teve início em 2011, sendo aberto ao público em 2015, cerca de três anos após a inauguração da nova casa do clube, a Arena Grêmio, onde está inserido. Soutto Mayor, Souza Neto e Silva (2013) identificam que o incremento ou a criação de instituições voltadas à memória futebolística e/ou clubística é uma das formas de preservação de certo passado, da tradição que os velhos estádios carregam, os quais não se pretende perder com os processos de modernização implementados nas modernas novas praças esportivas das últimas décadas. A exposição do Museu do Grêmio exemplifica isso, com formas mais ou menos explícitas de indicar ao/à gremista visitante que eles/as são capazes de trazer a mística e a memória do Estádio Olímpico para a Arena do Grêmio (ANJOS, 2018).

Mas seria possível perguntar: qual memória? O conteúdo de uma exposição museológica passa pelas opções de seus curadores em diálogo com as decisões da instituição que sedia e promove tal exposição, além das condições materiais disponibilizadas para o projeto (verba e espaço

disponíveis, por exemplo). Há definições sobre o que e como retratar o que a história daquele clube representa. Assim como do que não será contemplado.

Volto-me aqui especificamente à representação da torcida gremista, foco de uma das alas do Museu. Esse setor é composto por diversos painéis sobre pessoas, grupos e manifestações de tricolores, entre os quais se encontra um sobre a Coligay. Além dele, são tematizados: o torcedor ilustre e compositor do hino do clube, Lupicínio Rodrigues; o torcedor icônico Bombardão; a Avalanche; torcedores/as gremistas pelo mundo; a grandiosidade e o fanatismo da torcida gremista. A Coligay é, assim, a única torcida organizada nessa seção, não apenas sendo mencionada, mas recebendo destaque, com um painel exclusivamente seu.

Em uma análise acerca dos textos e imagens expostos nessa ala, identifiquei dois valores centrais associados aos gremistas:

- 1) Fidelidade: por estarem presentes onde quer que o clube fosse jogar, fato representado na história do trem azul e registrado na faixa “Com o Grêmio, onde estiver o Grêmio”; por acompanharem-no mesmo em fases ruins; por manterem seu vínculo clubístico em qualquer lugar do mundo em que estivessem, como evidenciam as imagens de gremistas em diversas cidades do mundo e pelo amplo número de consulados do clube; por manterem uma numerosa torcida ao longo do tempo, ilustrado por meio da exibição de dados de pesquisas estatísticas.
- 2) Diversidade: pela existência e apoio de uma torcida gay, a Coligay; por terem um “homem simples que vivia de pequenos serviços e donativos” como torcedor-símbolo, Bombardão; pelo hino do clube ter sido composto por um “mulato nascido e criado no Bairro da Ilhota<sup>5</sup>”, Lupicínio Rodrigues (ANJOS, 2018:322).

O relato do coordenador do Museu endossa a percepção de que evidenciar a pluralidade do Grêmio, “ao contrário do que a imprensa repete” – em suas palavras –, estava entre as intenções de quem projetou a exposição (ANJOS, 2018:322).

---

<sup>5</sup> No período em que Lupicínio ali residiu, o Bairro da Ilhota era uma região pobre, que sofria com inundações, habitada majoritariamente por negros.

No painel dedicado à Coligay, há um texto que brevemente apresenta a torcida, uma imagem do grupo nas arquibancadas do Olímpico e uma reprodução de uma reportagem do jornal Zero Hora que também tematizava o grupo, com uma citação em destaque, que diz “nunca havia aparecido um grupo como aquele, que berrava o tempo todo, incentivava a equipe em todas as partidas, viajava para o interior e tinha confiança absoluta de que o time seria o campeão. Já no início do decagonal, ninguém mais era contra a Coligay”. O trecho ilustra tanto o empenho da torcida, quanto sua aceitação.

Reproduzo, a seguir, o texto do mural:

#### DIVERSIDADE DA ALEGRIA

Na cinzenta década de 1970, o Brasil atravessava um dos períodos mais obscuros de sua história, com repressão e censura suprimindo e sufocando as liberdades democráticas. Era preciso ser muito corajoso para expor sua preferência sexual, ainda mais dentro de um estádio de futebol. Mas a torcida Coligay encarou a ditadura e tomou para si o desafio de reerguer a moral do time que andava baixo.

Vestindo figurino extravagante e ousado de túnicas esvoaçantes, plumas e paetês – tudo em azul, preto e branco, é claro –, cerca de 60 rapazes gremistas provaram que o Grêmio é mesmo o clube mais plural e inovador do país.

Volmar Santos, então gerente da célebre boate Coliseu, de Porto Alegre, foi quem organizou a festa: “Eu queria a torcida incentivando mesmo quando o time não ia bem... Quando parti para recrutar, pensei em gente como eu!” Cantando, pulando e dançando o tempo todo ao som de sua potente charanga, a Coligay embalava o time e os estádios por onde passava. O que realmente a distinguia era a animação e o bom humor.

O clube acolheu a torcida e esta, além de alegria, trouxe sorte e foi pé quente! Logo todos os gremistas puderam comemorar o mais festejado título gaúcho da história (1977) e seguiram comemorando, Brasileiro, Libertadores, até a conquista do Mundo, em 1983.

A torcida chegou ao fim, pois seu líder, Volmar, retornou naquele ano para sua terra natal, Passo Fundo. Mas a Coligay já havia ajudado a colorir os anos de chumbo!

Destaco como o texto valoriza a coragem da Coligay, afirma sua oposição à repressiva ditadura militar, cita a liderança de Volmar, descreve

a extravagância de suas vestes, a animação, fidelidade e status de pé-que da torcida. E sentencia que a Coligay era uma prova de que “o Grêmio é mesmo o clube mais plural e inovador do país”.

Tendo isso em vista, não questionando a importância da Coligay na história do Grêmio, destaco que ela se insere na exposição do Museu dentro de uma narrativa maior, que busca representar a torcida gremista como fiel e diversa.

Útil à minha argumentação é a ausência de outra importante e notória torcida gremista: a Geral. O pioneirismo no Brasil em inspirar sua performance nas barras argentinas, o fato de ser a torcida tricolor hegemônica desde aproximadamente 2005, sua inegável animação e fidelidade são aspectos que poderiam justificar sua inclusão no Museu.

Questões políticas, contudo, fizeram com que não recebesse tal honraria (ANJOS, 2018). O potencial conflituoso da relação entre Geral e a direção do Grêmio também foi verificada por Reale (2016). O autor aponta que, apesar do agrupamento, sob condições específicas, representar um valioso recurso ao marketing do clube, de forma geral ele é visto como um problema para a gestão do Grêmio. Isso porque, na visão dos dirigentes a que o pesquisador teve acesso, a Geral estaria se consolidando como um “poder paralelo” altamente perigoso para o clube.

Uma forma de não ignorar a torcida e suas contribuições ao Grêmio, foi um painel dedicado a Avalanche, movimento que realizavam descendo os degraus da arquibancada do Olímpico em comemoração dos gols<sup>6</sup>. Seu texto, mais do que descrever esse símbolo da torcida, faz referência a uma atitude torcedora, estabelece como referência temporal da consolidação desse modo de torcer o período em que surge a Geral e menciona as faixas estendidas verticalmente na arquibancada e os cânticos em espanhol. Assim, ainda que haja um esforço de coletivizar essas práticas como um

---

<sup>6</sup> No projeto da Arena do Grêmio, a Geral reivindicou e conquistou um setor sem cadeiras, possibilitando a realização da coreografia. Entretanto, um acidente ocorrido um mês após a inauguração do novo equipamento levou à colocação de gradis ao longo da arquibancada, restringindo a realização da Avalanche. Apesar disso, a Geral ainda é lembrada pelo movimento.

“modo gremista de torcer”, é possível afirmar que a Geral do Grêmio está presente no Museu do clube, todavia, sem ser nomeada.

A escolha pela não menção, como antecipado, é intencional e representativa dos aspectos políticos que envolvem as decisões sobre o que visibilizar e o que não visibilizar na história de um clube, no museu e, também, fora dele. A não citação da Geral, contribui para evidenciar que a presença da Coligay não é ocasional, mas também uma escolha, tomada no momento de construção da exposição, e também continuamente, visto que a qualquer momento o clube pode alterar elementos originalmente expostos.

Pondero que no antigo Memorial do Grêmio, localizado no Estádio Olímpico, havia uma foto da Coligay entre outras imagens que ilustravam o período de 1977 a 1983, em uma cronologia da história do clube ali exposta. Também havia registros que indicam esforços de desconectar-se ao estigma de racista: uma imagem do torcedor popular Bombardão, fotos de jogadores identificados como negros que antecederam Tesourinha, o texto “Porque sou gremista” de Lupicínio Rodrigues e manequins pretos com os uniformes do clube (ANJOS, 2018; DAMO, 1998). A diversidade, contudo, não era desde já um elemento central no antigo espaço museológico. E a representação da Coligay também não pode ser vista como análoga. De fato, a presença de uma foto, mesmo entre várias, sugere a aceitação da torcida pelo clube já naquele momento. No Museu, todavia, mais do que aceitação, vejo reconhecimento, ampliação da visibilidade e valorização. Um maior destaque e também um deslocamento de seu significado. Enquanto no Memorial a torcida ilustrava um período, 1977 a 1983, no Museu, ela representa um valor, a diversidade (ANJOS, 2018).

Se em termos quantitativos, a visibilidade da Coligay é bastante desigual entre o que se vê nos dois espaços, o mesmo não pode ser dito dos símbolos na negritude gremista, os quais parecem ser similares. Todavia, a forma que eles são apresentados também é diferente. Se antes, me parece haver um evidente esforço de negar o pioneirismo de

Tesourinha, o que se observa no espaço de memória atual é uma dispersão mais sutil entre diversos símbolos de pluralidade, e não apenas de negritude. É nesse projeto em que a “diversidade da alegria” que a Coligay representa ganha espaço.

Se a presença no Museu é o principal gesto institucional de valorização dessa torcida e da diversidade sexual, outras ações recentes demonstram um esforço mais amplo em posicionar-se como um clube inclusivo, plural e não preconceituoso. Menciono alguns exemplos.

Em 2018, o site oficial do Grêmio possuía um espaço voltado a um coletivo de torcedoras do clube, o Núcleo de Mulheres Gremistas, ali desde ao menos 2008<sup>7</sup> (ANJOS, 2018). Ainda quanto à valorização das mulheres, em 2017, o clube retomou as atividades do futebol feminino, as quais haviam sido extintas em 2003. Com um projeto cuja formulação foi iniciada no ano anterior, agora conta com a equipe adulta, além de uma “escolinha” com três categorias, sub-13, sub-15 e sub-17 (MAIA, 2018). Desde então, a equipe principal tem disputado o campeonato estadual e o Campeonato Brasileiro. Apesar da estrutura aquém do possível e desejável, e da limitada divulgação da equipe e das partidas nas mídias do próprio clube, a retomada do futebol de mulheres não deixa de ser um elemento que contribui à noção do Grêmio como um “clube de todos”. Pondero, todavia, que essa iniciativa também se relaciona com a obrigatoriedade da manutenção de uma equipe feminina adulta e uma juvenil para a obtenção pelos clubes da licença da Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL), necessária para a disputa da Copa Sul-Americana e da Copa Libertadores, competições organizadas pela entidade. De forma similar, a formação dessa equipe também está associada à imposição de uma contrapartida de investimento no futebol feminino devido à adesão do Grêmio ao Programa de Modernização da Gestão e de Responsabilidade Fiscal do Futebol Brasileiro (PROFUT)<sup>8</sup>.

---

<sup>7</sup> Não pude identificar quando tal espaço foi cedido, mas Ghisleni e Marchiori (2008) já haviam registrado tal presença neste ano. Em nova busca, em 2020, não identifiquei mais a seção no site.

<sup>8</sup> O PROFUT oferece condições vantajosas de parcelamento de dívidas dos clubes junto à União. Em que pese a existência de uma série de contrapartidas previstas em lei, o seu cumprimento, até o momento, não tem sido cobrado.

Lembro, também, de ações referentes ao combate ao racismo. Em 2013, o departamento de marketing do clube lançou a campanha “Azul, Preto e Branco: o Grêmio é contra o racismo”<sup>9</sup>, tendo como principal produto um vídeo no qual atletas dão depoimentos sobre o tema. No ano seguinte, outro vídeo foi lançado, em comemoração ao aniversário de 111 anos do clube, intitulado “Uma História em Azul, Preto e Branco”. Nele, imagens do clube são transmitidas enquanto frases que identificam ou adjetivam os gremistas alternam-se na tela. Junto à demarcação dos valores (raça, garra, força e paixão) e feitos (brasileiros, libertadores, mundial) do clube, as afirmações também buscavam ilustrar a diversidade: “somos homens e mulheres/ Jovens e velhos/ pais e filhos / amigos e irmãos / somos pioneiros, **plurais**/ Cidadãos e sociedade”<sup>10</sup>.

Já em 2015, a agremiação lançou uma websérie baseada na publicação “Somos Azuis, Pretos e Brancos”, de Léo Gerchmann. Tendo o mesmo título do livro, a série possui quatro episódios nos quais resgata histórias de alguns de seus atletas negros<sup>11</sup>.

A essas, somam-se as ações de combate à homofobia, como as iniciativas motivadas pelo Dia Internacional contra a Homofobia, Bifobia e Transfobia (17 de maio) e do Dia do Orgulho LGBTQ+ (28 de junho), iniciadas em 2017. Esse ano foi o primeiro no qual algum clube de futebol no Brasil manifestou-se nessas datas. Na ocasião, o Grêmio foi acompanhado do rival Internacional, além de Avaí, Bahia e Flamengo.

Nesse primeiro ano, fizeram uma publicação no *Facebook* do clube, usaram a frase “Diversidade nos fortalece” no uniforme durante uma partida; transmitiram uma entrevista com Léo Gerchmann e Peninha – que escreveu a primeira matéria sobre a torcida, em 1977 – sobre a Coligay

---

Lei disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2015-2018/2015/Lei/L13155.htm)>. Acesso em: 21 set. 2020.

<sup>9</sup> Disponível em: <[http://www.espn.com.br/noticia/348485\\_azul-preto-e-branco-gremio-divulga-video-contrao-racismo](http://www.espn.com.br/noticia/348485_azul-preto-e-branco-gremio-divulga-video-contrao-racismo)>. Acesso em: 16 jun. 2018.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.futebolmarketing.com.br/2014/em-filme-gremio-mostra-tudo-que-foi-e-e-em-111-anos-de-historia/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.futmkt.com/2015/somos-azuis-pretos-e-brancos-a-webserie-do-gremio-contrao-racismo/>>. Acesso em: 16 jun. 2018.

na Grêmio Rádio Umbro e publicaram essas ações no Guia da Partida. Sobre esse último material, Reale (2016), menciona que seu conteúdo envolve:

Matérias com ex-dirigentes, ex-jogadores, títulos históricos, datas comemorativas e os estádios seguem a linha de glorificação do Grêmio como “o maior” e “o melhor” em tudo o que faz, “um grande clube” que sempre defendeu os “valores mais elevados”, bastante em linha com elementos centrais da história do clube (REALE, 2016:126).

Desse modo, incluir as ações de valorização da Coligay nesse material parece reforçar a ideia de que o clube busca retomar a memória dessa torcida como um atributo positivo de sua trajetória, utilizando-a como sinal de sua grandiosidade.

Nos anos seguintes, o clube passou a limitar-se às postagens em suas redes sociais oficiais, com frequência citando o slogan em que afirma ser “o clube de todos”. Destaco entre as postagens, um vídeo de 2018 no qual a mensagem faz referência à diversidade, de forma ampla e, em certa medida – excetuando a referência à data –, genérica: “Azul/ Preto/ Branco/ Todas as cores/ Igual ou Diferente/ Todos temos valor/ E todos merecemos respeito/ 17 de maio Dia Mundial contra a Homofobia/ Grêmio, o clube de todos”<sup>12</sup>. Outra que cito é de 2020 e traz uma imagem da Coligay, com os dizeres: “Que possamos nos inspirar em nossos feitos do passado, para construirmos um presente e um futuro de mais aceitação, diversidade e igualdade”<sup>13</sup>.

Acrescento, ainda, a presença de personalidades ligadas ao Grêmio na cerimônia de lançamento do livro “Coligay: Tricolor e de todas as cores”, em 2014: Nestor Hein, então vice-presidente; Paulo Odone, ex-presidente; Hélio Dourado, patrono do clube e presidente no período de

<sup>12</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/Gremio/videos/2020400777091962/>>. Acesso em: 21 set. 2020.

<sup>13</sup> Disponível em: <[https://twitter.com/Gremio/status/1277225234320539652?ref\\_src=twsrc%5Etfw%07Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1277225234320539652%7Ctwgr%5Eshare\\_3&ref\\_url=https%3A%2F%2Fcdn.embedly.com%2Fwidgets%2Fmedia.html%3Ftype%3Dtext2Fhtmlkey%3Da19fc184b9711e1b4764040d3dc5co7schema%3Dtwitterurl%3Dhttps3A%2F%2Ftwitter.com%2FGremio%2Fstatus%2F1277225234320539652image%3D](https://twitter.com/Gremio/status/1277225234320539652?ref_src=twsrc%5Etfw%07Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1277225234320539652%7Ctwgr%5Eshare_3&ref_url=https%3A%2F%2Fcdn.embedly.com%2Fwidgets%2Fmedia.html%3Ftype%3Dtext2Fhtmlkey%3Da19fc184b9711e1b4764040d3dc5co7schema%3Dtwitterurl%3Dhttps3A%2F%2Ftwitter.com%2FGremio%2Fstatus%2F1277225234320539652image%3D)>. Acesso em: 21 set. 2020.

atividade da Coligay; Tarciso, ex-jogador que atuou também nessa época<sup>14</sup>. Para o lançamento de “Somos azuis, pretos e brancos”, no ano seguinte, a atenção foi maior, com um lançamento realizado na loja oficial do Grêmio (BANDEIRA, 2017). Por outro lado, não se pode dizer que o clube ignorou o livro anterior. Antes pelo contrário, como descrito, ocupantes antigos e atuais de altos cargos da direção gremista compareceram.

### **Uma tradição ainda em disputa**

Em 2005, a revista oficial do Grêmio, *Imortal Tricolor*, publicou uma matéria dedicada à Coligay. O texto poderia ser o indício de uma valorização institucional da torcida antecedendo o período descrito na seção anterior. Diálogos com Eduardo e Fernando Bueno, então editores da revista, contudo, demonstraram que a direção gremista havia solicitado a sua não publicação (ANJOS, 2018). O texto permaneceu na revista por insistência dos dois, que desde já viam na torcida um motivo de orgulho e, também, uma oportunidade de evidenciar o caráter plural do Grêmio.

Outro relato que sugere um silenciamento da Coligay por parte da direção do clube é trazido pelo pesquisador Élvio Rossi. Ao desenvolver um trabalho sobre a torcida, ao longo dos anos de 2001 e 2002, indagou um dirigente sobre o grupo. O interlocutor foi reticente e limitou-se a dizer que “hoje em dia é normal existirem homossexuais nas torcidas organizadas” (ROSSI, 2004:12).

Ao opor tais fatos às tantas ações previamente descritas neste texto, nota-se uma mudança na postura da agremiação quanto à rememoração da torcida. Quanto à reação da torcida à rememoração da Coligay, há quem enfatiza sua relevância na história tricolor, outros que menosprezam seu valor e aqueles que veem nela um motivo de vergonha (BANDEIRA; SEFFNER, 2017). Sua visibilização e valorização estão ainda sob disputa. Não à toa, torcedores/as se mostram céticos quanto ao endosso a uma

---

<sup>14</sup> Disponível em: <<http://blogdalibretos.blogspot.com/2014/05/fotos-lancamento-do-livro-coligay.html>>. Acesso em: 27 jun. 2018.

hipotética “nova Coligay” (BANDEIRA, 2017; ANJOS, 2018), sugerindo certos limites à construção de um “clube de todos”. Para muitos, a disposição parece se restringir (quando muito) à memória pregressa de uma torcida gay, mas não a inclusão e visibilidade atual desses sujeitos nos estádios.

No que se refere às questões raciais, por sua vez, Levin-Borges (2018) critica a postura da agremiação, para quem as ações desenvolvidas não se constituem em uma efetiva política de combate ao racismo. Sinal disso, seria o posicionamento gremista com relação ao reconhecimento do caráter preconceituoso do termo “macaco” e da necessidade de sua exclusão, o qual não é consensual entre torcedores/as e lideranças do clube (ANJOS, 2018; BANDEIRA, 2017, BANDEIRA; SEFFNER, 2016). A interferência em manifestações torcedoras, seja reivindicando o fim do “macaco” ou de expressões heterossexistas demonstram ser debates especialmente acirrados. Determinar normas ao comportamento torcedor, censurando suas expressões é visto por alguns como uma demanda de quem não está acostumado com a socialização própria do ambiente futebolístico (BANDEIRA, 2017), uma intromissão do chamado “futebol moderno” (LOPES; HOLLANDA, 2018).

Apesar das divergências e contradições, defendo a hipótese levantada de início de que há um esforço recente de afirmação de uma tradição de pluralidade no Grêmio. Com isso, não quero sugerir que os difusos pontos de rememoração da Coligay, em meio às demais manifestações relacionadas a pautas identitárias, são fruto de um bem arquitetado projeto de marketing do clube. O que argumento é que num cenário de visibilidade e reivindicações de minorias sociais na sociedade brasileira, e de elitização e vigília aos comportamentos nos estádios (BANDEIRA, 2017), diferentes agentes pertencentes ao universo do futebol e, nesse caso, mais especificamente, do Grêmio – jogadores, treinadores, torcedores/as, dirigentes, jornalistas – , de diferentes formas, vêm se rearticulando no sentido de ressignificar memórias do clube. Identificar-se como um clube

de todos é uma óbvia intenção do Grêmio. Quais ações isso implica e quais os limites desse projeto são os pontos ainda em disputa.

## Referências

ANJOS, Luiza Aguiar dos. **De “São bichas, mas são nossas” à Diversidade da alegria: uma história da torcida Coligay**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGCMH), 2018.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. **“Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração”:** **Currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGEDU), 2009.

\_\_\_\_\_. **Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGEDU) 2017.

BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol*. In: **Movimento**, Porto Alegre: UFRGS-ESEFID, v.22, n.3, jul./set. 2016.

\_\_\_\_\_. *O que pensam os torcedores do Grêmio sobre a experiência da torcida Coligay*. In: **XI Seminário Internacional Fazendo Gênero & 13th Women’s Worlds Congress**, 11, 2017, Florianópolis. **Anais eletrônicos**. Florianópolis: UFSC, 2017.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e seus torcedores**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGAS), 1998.

\_\_\_\_\_. *Ah! Eu sou gaúcho! O Nacional e o Regional no Futebol Brasileiro*. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: FGV, v.13, n.23, 1999.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França**. Porto Alegre: UFRGS, (Tese de Doutorado - PPGAS), 2005. GERCHMANN, Léo. **Coligay: Tricolor e de Todas as cores**. Porto Alegre: Libretos, 2014.

GHISLENI, Táis Stefanello; MARCHIORI, Viriato Surreaux Vargas. *Comunicação e Internet: os websites da dupla Gre-Nal*. In: **Caderno de Educação Física**, v. 7, n. 12, p. 41-54, 1.sem.2008.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil*. In: **Aurora**, v.1, n.9, 2010.

LOPES, Felipe Tavares Paes; HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. “*Ódio eterno ao futebol moderno*”: *poder, dominação e resistência nas arquibancadas dos estádios da cidade de São Paulo*. In: **Tempo**: Niteroi> UFF, v.24, n.2, mai./ago. 2018.

MAIA, Mayara Cristina Mendes. **Gurias em campo: o futebol de mulheres no Sport Clube Internacional e no Gremio Football Porto Alegre (2015-2020)**. Projeto de qualificação de Tese (Doutorado em Ciências do Movimento Humano) – Faculdade de Educação Física, Fisioterapia e Dança, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo Futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

OLIVEN, Ruben. George. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

REALE, Getúlio Sangalli. **Construção de mundos: a onto-política de marketing no contexto do futebol de espetáculo brasileiro**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - Escola de Administração), 2016.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A torcida geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Niterói: UFF, (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2012.

ROSSI, Elvio Antônio. **Coligay “uma torcida diferente”: espaço de visibilidade homossexual em Porto Alegre – RS (1977-1980)**. Porto Alegre, 2004. 17p. Não publicado.

SOUTTO MAYOR, Sarah Teixeira; SOUZA NETO, Georgino Jorge de; SILVA, Sílvio Ricardo da. *Dos novos e velhos territórios no futebol: interstícios reflexivos do torcer na transição estádio/arena*. In: **Espaço Plural**, Cascavel, v.XIV, n.29, p.193-218, jul-dez. 2013.

SOUZA, Bruno Jeuken; ANTÔNIO, Victor Sá Ramalho. *Brasil na Arquibancada: tradições, identidades e sociabilidades*. In: **Ponto Urbe**, São Paulo: USP, v.1, n.14, p.1-18, 2014.

## **A rivalidade gre-nal e o uso do termo “macaco” na torcida do Grêmio**

*Gustavo Andrada Bandeira*<sup>1</sup>

### **Práticas torcedoras em movimento**

Este texto é um produto de minha tese de doutorado (BANDEIRA, 2017) defendida em 2017 no Programa de Pós-Graduação em Educação. A hipótese que sustentava a investigação era de que as reformas das praças esportivas, catalisadas através da Copa do Mundo de 2014, os novos estádios/arenas de futebol no Brasil permitiriam uma tensão sobre as discursividades existentes nas vivências masculinas dos torcedores de futebol de estádio, alterando, com isso, o que venho chamando de currículo de masculinidade dos torcedores de futebol (BANDEIRA, 2010).

Para buscar observar como os torcedores do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre<sup>2</sup> foram interpelados por diferentes conteúdos ao realizarem um trânsito entre o estádio Olímpico Monumental e a Arena do Grêmio realizei uma etnografia no novo estádio gremista. Um dos materiais produzidos durante o trabalho de campo aconteceu através de diálogos com pequenos grupos de torcedores que me permitiram perguntar mais diretamente como estes indivíduos percebiam a elitização dos estádios, a interdição de cânticos e eventuais episódios de racismo e, também, de homofobia dentro das torcidas de futebol.

---

<sup>1</sup> Doutor em Educação; gustavoabandeira@yahoo.com.br.

<sup>2</sup> De agora em diante, me refiro ao clube exclusivamente como Grêmio.

Todos os torcedores adultos que frequentam a Arena do Grêmio foram alfabetizados para o torcer no estádio Olímpico. O estádio Olímpico teve data de encerramento de suas atividades, assim como a Arena possui sua data de inauguração. Por outro lado, é um tanto mais difícil apontar com exatidão para uma determinada data que pudesse ser tomada como marca de um “antes e depois” com relação ao comportamento dos torcedores de futebol nos estádios para além dessa mudança de endereço e de arquitetura. Muitos comportamentos até então naturalizados quando realizados nos estádios de futebol passaram a ser colocados em questão durante a segunda década deste século.

Em março de 2013, a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA) criou uma força-tarefa para combater o racismo. Uma equipe composta por advogados, jornalistas, jogadores e outros propôs a criação de um guia de boas práticas para as federações<sup>3</sup>, a criação de sistemas de monitoramento, a identificação de partidas de alto risco e a nomeação de embaixadores antidiscriminação<sup>4</sup>. Em setembro de 2016, a federação desfez a força-tarefa, mas alegou que seguiria preocupada com casos envolvendo racismo e discriminação<sup>5</sup>.

Também em 2013, diferentes grupos de torcedores tentaram colocar as manifestações nos estádios de futebol em questão, tensionando as representações de masculinidade hegemônicas na “cultura” do futebol. As chamadas *torcidas queer* tentaram criticar, via redes sociais, as manifestações, entendidas, por elas, como homofóbicas e machistas dos estádios. Em maio de 2014, foi criado o *Observatório da discriminação racial no futebol*<sup>6</sup>. A iniciativa pretendia monitorar e divulgar casos de racismo no futebol, além de promover diferentes espaços de diálogo entre diversos atores do espaço futebolístico, buscando formas de enfrentar esse

---

<sup>3</sup> Disponível em: [http://resources.fifa.com/mm/Document/AFSocial/Anti-Racism/02/70/94/34/\\_good\\_practiceguide\\_Neutral.pdf](http://resources.fifa.com/mm/Document/AFSocial/Anti-Racism/02/70/94/34/_good_practiceguide_Neutral.pdf). Acesso em 02/05/2017, às 17h30.

<sup>4</sup> Disponível em: [http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/28/deportes/1475055785\\_480275.html](http://brasil.elpais.com/brasil/2016/09/28/deportes/1475055785_480275.html). Acesso em 26/09/2020, às 18ho3.

<sup>5</sup> Disponível em: <http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2016/09/fifa-encerra-forca-tarefa-contra-racismo.html>. Acesso em 02/05/2017, às 17h34.

<sup>6</sup> <http://observatorioracialfutebol.com.br/>

preconceito. Em agosto de 2014 um grupo de torcedores gremistas criou a *fanpage Grêmio Antifascista*. Esse grupo de torcedores do Grêmio no *Facebook* tem alguma proximidade com a *Tribuna 77*, coletivo de torcedores que frequenta as Cadeiras Superiores Norte da Arena do Grêmio. A *Tribuna 77* também possui uma *fanpage* no *Facebook*, desde março de 2016. Essa torcida comparece à Arena com faixas que dialogam com as demandas existentes na *Grêmio Antifascista*. Ela possui algumas diretrizes, dentre as quais: “reiteramos nossa postura antifascista, ou seja, somos contra qualquer tipo de discriminação, seja ela racial, étnica, classe social ou de gênero sexual. Repudiamos a violência e suas manifestações”.

Em 2014, na Arena do Grêmio, um grito de macaco dirigido ao então goleiro do Santos Futebol Clube<sup>8</sup>, Aranha, não apenas impôs sanções ao clube e aos torcedores flagrados pelas câmeras de segurança e da televisão, como interditou o termo “macaco” e seu derivado “macacada” para se referir aos torcedores do Sport Club Internacional<sup>9</sup>, histórico rival do Grêmio. Neste capítulo, a partir desse processo de desnaturalização das práticas torcedoras nos estádios me proponho a olhar como os termos “macaco” e “macacada” cantados por torcedores do Grêmio (torcida a qual pertence) para os torcedores rivais têm seus significados disputados contemporaneamente. Para tanto, este texto está dividido em cinco partes. Após essa breve introdução e contextualização, farei alguns apontamentos sobre o tempo de jogo e a disputa pelo significado da violência no espaço do futebol de espetáculo. A terceira parte do texto apresenta o chamado “caso Aranha”<sup>10</sup> e algumas de suas implicações para as práticas torcedoras na Arena do Grêmio. Na sequência, apresento como a rivalidade Gre-Nal permite a construção de argumentos para o uso ou para a interdição dos termos “macaco” e “macacada”. Finalizo o capítulo com algumas considerações mostrando como os significados de violências não são

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/tribuna77/photos/a.1716479455294767.1073741828.1702300320046014/1729153400694039/?type=3&theater>. Acesso em 26/09/2020, às 18ho.

<sup>8</sup> De agora em diante, Santos.

<sup>9</sup> De agora em diante, Internacional.

<sup>10</sup> Ver BANDEIRA; SEFFNER, 2016.

consensuais e que as disputas por esses entendimentos é que marcam o permitido e o não permitido de ser manifestado em um determinado contexto cultural em um tempo histórico específico.

### **Tempo de jogo e a disputa pelo significado da violência**

Segundo Huizinga (1993), os jogos podem ser entendidos como suspensão temporária da vida comum. Esse espaço de experimentação permitiria alguns deslocamentos, especialmente aos entendimentos de seriedade que produzem as ações do cotidiano. O ambiente do jogo, porém, nunca é fixo e seguro, a “vida cotidiana” sempre pode reafirmar sua proeminência. Os torcedores dialogam com essa interpretação. Segundo eles, os jogos poderiam ser tomados como *“um caso à parte, na adrenalina do jogo muita gente fala besteira, muita gente fala coisa que não deveria falar, mas eu acho que tu estás no estádio, tu tens liberdade para falar algumas coisas, tu ficas com raiva, assim como tu ficas feliz”*<sup>11</sup> (Hernán<sup>12</sup>). Os insultos proferidos nesse contexto, desde esta perspectiva, estariam circunscritos por essa sociabilidade específica: *“eu levo em consideração que ela estava nas pilhas da torcida e gritou e sem querer ofender”* (Everaldo); *“foi mais uma coisa do calor do momento”* (Patrício). “Nos estádios (...) são permitidas certas manifestações que ordinariamente não seriam toleradas, pois, assim como o templo é o lugar da prece, o estádio é a tribuna dos insultos” (DAMO, 2014:90).

As tensões entre legítimo e não legítimo, violento ou não violento acabam ampliando o entendimento sobre a emergência das interdições que têm acontecido neste momento específico, “lo que se define por violencia es el resultado de una disputa por los sentidos de las prácticas” (GARRIGA ZUCAL, 2015:10). É possível pensar que a violência no futebol seja performativamente construída na tensão entre legitimidade e

---

<sup>11</sup> As falas dos torcedores registradas com o gravador assim como trechos destacados de materiais jornalísticos serão destacadas em itálico.

<sup>12</sup> Para manutenção do anonimato, o nome dos torcedores foi substituído.

ilegitimidade. O que se diz e o que não se diz sobre violência acaba constituindo o autorizado e o não autorizado em diferentes práticas como as dos torcedores de futebol nos estádios.

(...) a linguagem, em sentido lato, é o meio privilegiado pelo qual atribuímos sentidos ao mundo e a nós mesmos e, por isso, está fortemente ligada à organização do social e da cultura. Isto nos leva a admitir em primeiro lugar, a contingência e a historicidade daquilo que se define como violência; em segundo lugar, a multiplicidade de outros sentidos que também se agregam ou derivam do termo e dos atos que ele nomeia; em terceiro lugar, que o que se define como violência é intrinsecamente dependente daquilo que, no mesmo tempo e contexto, se define como não-violência e, por último, que é preciso reconhecer a luta política, travada dentro e entre diferentes grupos sociais, quando se trata desta significação (e de outras significações) (MEYER, 2009:216).

Se pensarmos que os estádios de futebol são um importante lugar em que se realizam construções de masculinidade, algumas violências serão permitidas, incentivadas e naturalizadas por serem vistas como um exercício saudável para expressão de modos de ser homem. Para alguns, ser violento ali, no campo ou na torcida, durante aqueles 90 minutos, poderia ser algo positivo, pois extravasaria o que poderia causar problemas em outros locais, utilizando a ludicidade e a lógica de um espaço não ordinário para realizar um exercício mais permissivo em relação a diferentes manifestações.

(...) no estádio de futebol, durante o momento de lazer, é permitido que haja a fruição dessas emoções, o que gera excitação, prazer, alívio e catarse. Atitudes como manifestações sexistas, homofóbicas e raciais, que seriam reprovadas pela dinâmica social fora do estádio, são relativizadas no seu interior (ABRAHÃO et al, 2014:S745-S746).

Para outros, ao contrário, as atitudes violentas produzidas nos campos de futebol tendem a reforçar esses comportamentos que serão transferidos para fora dos 90 minutos e do seu “local apropriado”, o estádio, e, com isso, poderiam gerar violência contra outras pessoas não

diretamente envolvidas ou demarcadas por aquele contexto separado do cotidiano.

Entre os torcedores, parecia existir certa discordância em relação aos preceitos antidiscriminatórios adotados pela FIFA. Mais uma vez o espaço extraordinário, o enfrentamento e a ludicidade serviam de argumento para essas críticas: “ninguém leva ou se leva são pouquíssimas pessoas que levam isso para vida pessoal. Quem hoje não tem um amigo negro ou um amigo gay” (Hernán); “a maioria dos cânticos não é para ofender objetivamente por ser racista, é uma provocação à torcida” (Deivson).

O comportamento dos torcedores nos estádios de futebol não é natural. Os indivíduos são inseridos em um currículo que apresenta uma série de narrativas e práticas que produzem as formas de expressão permitidas e mesmo as emoções adequadas nesse espaço cultural. As manifestações públicas das emoções de apoio ou de rechaço, como as que acontecem nas praças esportivas, não são fenômenos exclusivamente psicológicos ou fisiológicos. Elas estão inseridas em um contexto pedagógico que limitará o número de ações possíveis para aqueles que pretendem identificar-se com determinados grupos identitários.

## **O Caso Aranha e a interdição do termo “macaco” na Arena do Grêmio**

Em 28 de agosto de 2014, Grêmio e Santos fizeram a primeira partida das oitavas de final da Copa do Brasil na Arena do Grêmio, em Porto Alegre. Próximo ao final da partida, o goleiro Aranha da equipe paulista afirmou que torcedores do Grêmio posicionados na Arquibancada Inferior Norte (setor com ingressos mais baratos e destinado aos torcedores que assistem às partidas em pé e às torcidas organizadas) o chamaram de “preto fedido” e de “macaco<sup>13</sup>”, além imitarem sons de macacos em direção ao atleta.

---

<sup>13</sup> Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/08/aranha-protesta-contrato-de-racismo-na-arena-doi-4585928.html>. Acesso em 02/01/2015, às 20h37.

O “caso Aranha” não se esgotou com o final da partida pela Copa do Brasil. No domingo seguinte, dia 31 de agosto de 2014, o Grêmio retornou à Arena para enfrentar o Esporte Clube Bahia pelo Campeonato Brasileiro da Série A. A torcida *Geral do Grêmio* (principal ocupante do setor Arquibancada Inferior Norte, de onde partiram as ofensas ao goleiro santista) cantou a maioria de seus cânticos da mesma forma que fazia, inclusive durante a partida contra o Santos, pela Copa do Brasil, com os termos “macaco” e sua derivação “macacada” para referir-se ao coletivo de torcedores do Internacional. As torcidas de Grêmio e Internacional cumprem o mesmo ritual de xingar os torcedores rivais da dupla Gre-Nal, mesmo quando os confrontos não incluem os dois adversários históricos. Ao contrário do recorrente apoio ou da adesão de torcedores dos demais setores do estádio, os cânticos vindos da *Geral* foram recebidos com vaias por uma parte significativa do restante do público.

O então presidente do Grêmio, Fábio Koff, bradou contra as manifestações, lidas por ele como racistas, e prometeu a exclusão dos envolvidos. Como o clube seria julgado pelos incidentes da partida anterior, a direção tricolor suspendeu a torcida *Geral do Grêmio* e admitiu, talvez pela primeira vez na história do clube, que considerava os termos “macaco” e “macacada”, repetidamente cantados no estádio gremista, como uma manifestação racista.

Em julgamento no dia 3 de setembro de 2014, o Grêmio acabou excluído da Copa do Brasil. O, então, presidente da FIFA elogiou o comportamento do Superior Tribunal de Justiça Desportiva (STJD) na punição aplicada ao clube gaúcho. Pela rede social *Twitter*, Joseph Blatter posicionou-se: “*Eu já disse que o futebol deve ser mais forte no combate ao racismo. O Brasil enviou a mensagem certa, banindo uma equipe da Copa devido a abuso de ‘torcedores’<sup>14</sup>*”. O pleno do STJD acabou alterando a decisão em segunda instância, em julgamento ocorrido no dia 26 de setembro de 2014. Ao invés de excluir o clube gaúcho da competição, os

---

<sup>14</sup> Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/presidente-da-fifa-elogia-decisao-do-stjd-que-exclui-gremio-da-copa-do-brasil-4590664.html>. Acesso em 27/09/2020, às 18h09.

auditores puniram o clube com a perda de pontos o que, somada à derrota na primeira partida, cumpriu o mesmo efeito prático de eliminar o Grêmio da competição.

### **O termo “macaco” na rivalidade Gre-Nal**

As atitudes dos torcedores nos estádios de futebol produzem uma narrativa. Essa narrativa é construída de forma agonística na relação entre “nós” e “eles”. Esse “nós e eles” poderia incluir os dois clubes em disputa, as duas torcidas, e, mais rotineiramente, inclui os chamados clubes rivais. Não são apenas as partidas que estão em disputa, mas diferentes representações.

O chamado “caso Aranha” foi bastante emblemático na relação dos torcedores e o que estava ou não autorizado a ser dito dentro dos estádios de futebol. A punição exemplar<sup>15</sup> ao Grêmio, que acabou excluído da Copa do Brasil, na edição de 2014, e a interdição de cânticos realizada pela direção do clube colocaram, para além do episódio envolvendo o, então, goleiro do Santos, uma série de questionamentos sobre os históricos cânticos que a torcida do Grêmio realizava em direção ao Internacional, seu histórico rival, e a seu conjunto de torcedores.

Apesar de algumas campanhas pontuais, o Grêmio, enquanto instituição, parece ter se associado à certa lógica normativa sobre o comportamento dos torcedores de futebol. “Além de se mostrar como uma das poucas instituições sociais que dá vazão e visibilidade a essas pulsões de grupos intolerantes na contemporaneidade, as suas entidades pouco fazem para combater e oferecem baixíssima punição aos agressores” (TONINI, 2013:9). Isso me parece mais evidente a partir da posição mais enérgica tomada após o “caso Aranha”. O clube nunca havia tratado oficialmente os cânticos para a torcida do Internacional como racistas.

---

<sup>15</sup> É sempre interessante colocar a intensidade da punição ao Grêmio em questão. O time havia perdido como mandante por 2 a 0 e precisaria devolver o placar para, no mínimo, ir para a disputa de pênaltis. Em 2014, o Grêmio enfrentou o Santos três vezes e não marcou gols. Apenas como uma hipótese: talvez a punição “exemplar” tenha aparecido em função da grande desvantagem que o Grêmio já havia conquistado em campo.

Entretanto, essa percepção foi atualizada após a denúncia do clube junto ao STJD.

No diálogo realizado com torcedores do Grêmio, indaguei-os se o histórico do Grêmio e a rivalidade com o Internacional teriam auxiliado na repercussão do “caso Aranha”. Alguns torcedores faziam uma maior vinculação regional e não ao clube: “*no Brasil como um todo eles têm uma certa ideia do Sul como o Sul sendo um povo racista e preconceituoso. Acho que se fosse Grêmio ou se fosse Inter a repercussão ia ser a mesma*” (Teodoro); “*penso no contexto histórico do Rio Grande do Sul que o Brasil tende a ter uma visão diferente conosco, então tanto se fosse Grêmio ou Inter eu acho que a punição seria a mesma, mas se fosse um time de São Paulo, a punição seria diferente*” (Fernando). Outros torcedores concordavam com a hipótese: “*o Grêmio sempre teve essa imagem com o racismo*” (Rolando); “*realmente o fato de o Grêmio ter aquele cântico com o Inter, isso aí meio que dificulta um pouco a situação para o lado do Grêmio*” (Matias); “*até 1952, 53, não entrava negrão, o Tesourinha foi o primeiro negro, aí depois veio o Juarez, um monte*” (Alan).

A rivalidade é constitutiva na produção dos torcedores de Internacional e de Grêmio. Ser gremista significa não torcer por outros clubes, mas, especialmente, significa não ser colorado e, mais do que isso, manter certa aversão ao Internacional. No plano simbólico, a construção de ambos opera de forma complementar. Mesmo sendo lidos em diferentes situações como polos opostos, ambos utilizam o outro para sua construção identitária.

O Internacional admitiu atletas negros antes do Grêmio o que acabou possibilitando que se apropriasse da alcunha de “clube do povo”. “Embora a vinculação do Inter com ‘o povo’ seja anterior à década de [19]40, o fim da segregação dos negros, por ter ocorrido com alguns anos de antecedência em relação ao Grêmio, consolidou, definitivamente, a imagem do clube do povo” (DAMO, 2002:105). Gilmar Mascarenhas aponta que o Internacional, a partir de 1937 passou a utilizar jogadores negros e pobres para fazer seu time mais forte. Com isso, o clube acabou

conquistando nove dos dez campeonatos citadinos da década seguinte. “Ao adotar jogadores negros e pobres, o clube rapidamente se tornou, nos anos 1940, o ‘clube do povo’ de Porto Alegre” (2014:130).

O Grêmio, por seu turno, oficializou tão somente em 1952 o fim da discriminação racial no clube. Uma carta publicada no jornal *Correio do Povo*, em 6 de março daquele ano, assinada pelo, então, presidente Saturnino Vanzelotti afirmava: “*A diretoria do Grêmio Foot-Ball Porto-Alegrense vem trazer a conhecimento de seus associados e simpatizantes que, por decisão unânime, resolveu tornar insubsistente a norma que vinha sendo seguida de não incluir atletas de côr em sua representação de futebol*”<sup>16</sup>. Dois dias depois, no mesmo jornal, um grupo de ex-associados e simpatizantes descontentes assinaram uma nova nota, criticando a arbitrariedade de tal decisão que, segundo eles, somente poderia ser decidida pelo Conselho Deliberativo do Clube<sup>17</sup>.

O jornalista gremista, Léo Gerchmann, afirma que Adão Lima foi “o primeiro atleta inquestionavelmente negro a jogar na dupla Gre-Nal” (2015:13). No livro *O negro no futebol brasileiro*, o jornalista Mário Filho lembrava que nenhuma equipe havia sido campeã no Rio de Janeiro com um negro na equipe, apenas “o escrete brasileiro, com Friedenreich. Friedenreich, porém, tinha pai alemão, não queria ser mulato” (2010:119). O único critério utilizado para a “inquestionável” negritude de Adão Lima são retratos da década de 1920 em que o fenótipo do jogador é reconhecido, pelo jornalista, como de uma pessoa negra ou não branca. Não existem informações suficientes para verificar se, naquele contexto, Adão era ou não entendido como negro por seus pares. Mesmo admitindo o “inquestionável” pioneirismo sobre a participação de atletas negros na dupla Gre-Nal, essa distância entre Adão Lima e a revogação da tradição, mesmo que não regulamentada<sup>18</sup>, de não contar com atletas negros até

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em 25/09/2020, às 16h10.

<sup>17</sup> Disponível em: <http://observatorioracialfutebol.com.br/historias/futebol-a-cores-uma-historia-de-racismo-no-rio-grande-do-sul/>. Acesso em 25/09/2020, às 16h10.

<sup>18</sup> “A ‘norma que vinha sendo seguida’ não consta nos estatutos do clube” (DAMO, 2002, p. 103).

1952, fez com que o Grêmio construísse uma representação de clube racista e, especialmente, elitista ao contrário das representações do Internacional que o associam como um clube popular e negro. Muito menos importante do que a discussão entre esse pioneirismo da presença negra ou de certa diferenciação de classe efetiva entre gremistas e colorados, é interessante pensar como essas representações ainda produzem efeitos em seu conjunto de torcedores.

A marcação da diferença segue uma lógica fundamental na produção das identidades em que as diferenças com maiores ou menores importâncias acabam por marcar um “nós”, especialmente, a partir da constituição de um “eles”.

Retomando as estratégias e os contornos simbólicos da rivalidade Gre-Nal, mantendo-se fiel a seus estatutos, o Grêmio persiste em recusar a inclusão de atletas negros até 1952, quando já não mais suporta o acúmulo de vitórias do inimigo direto. Nesse ínterim, o Internacional redimensionara no plano simbólico o confronto com seu rival, que passa a ser visto como um clube branco de elite e sobretudo racista, encastelado na área nobre da cidade, contra o adversário popular e negro, o carnavalesco “clube das massas” democraticamente instalado no subúrbio Menino Deus. Essa redefinição do confronto chega, nesse momento, a esboçar contornos de luta de classes. Com a reestruturação do Grêmio, entretanto, essa conotação classista vai gradativamente se esvaindo. Na atualidade, ambos os clubes possuem, igualmente, adeptos nas camadas sociais desfavorecidas (MASCARENHAS, 2014:131-132).

Durante minha dissertação de mestrado, pude observar o lugar que o termo “macaco” ocupava nos estádios Olímpico e Beira-Rio.

‘Macaco’ é um dos termos mais recorrentes em ambos os estádios. É por macaco que os gremistas referem-se aos colorados. Ao mesmo tempo, esse termo é positivado no Beira-Rio como marcador identitário. A Popular possui diferentes faixas que exaltam essa associação: “Macacada reunida”; “Bem-vindo ao Planeta dos Macacos” (BANDEIRA, 2009:61-62).

A torcida do Grêmio, historicamente, se refere à torcida do Internacional como “macacos” e sua derivação “macacada”. Após o episódio envolvendo o goleiro Aranha, esses termos foram colocados em suspensão, especialmente em função de uma solicitação da direção do clube à época para que os torcedores evitassem esses cânticos adjetivados, naquele momento, como racistas. Os torcedores tentavam contextualizar o termo nas trocas jocosas da rivalidade: “*são negros e brancos gremistas gritando para negros e brancos colorados e que, com isso, não consigo enxergar o racismo*” (Marcos); “*eu não vejo as pessoas chamando de macaco um jogador negro. O que acontece é chamar os colorados, mas eu não acho que isso tem mais um viés racista, apesar de que de repente possa ter acontecido já*” (Rafael); “*ninguém chamou de macaco pelo fato de ser negro, é pelo fato de ser colorado. Nunca chamei o cara por ser negro, chamei o branco de macaco*” (Jackson).

Outros torcedores acreditavam que a interdição dos termos “macaco” e “macacada” era positiva: “*foi o melhor para amenizar um pouco a situação, mas a própria torcida deles se intitula dessa forma*” (Aloísio); “*ajuda tanto para um lado quanto para outro até para diminuir a violência. Tem gente que leva para um lado mais pesado*” (Sérgio); “*o Grêmio sabia desses cânticos há anos, ele foi conivente com isso só que como ele foi foco de uma discussão nacional e até mundial, ele teve que tomar uma medida*” (Adilson); “*aqui no Rio Grande do Sul existe essa questão do folclore, a própria torcida do Inter se reconhece ‘nós somos macacos’, mas a sociedade avançou, o mundo mudou e eu acho que estava na hora de rever*” (Ferdinando).

Se por um lado, o ambiente dos estádios e seu entendimento de templos dos insultos autorizaria uma série de manifestações que poderiam transitar entre o humorístico, o grotesco ou o violento, a rivalidade Grêmio-Inter, constituidora do clubismo na construção identitária de ambas as torcidas, ainda autorizaria a utilização do termo “macaco” por sua presença histórica. Algumas noções nativas de tradição permitiriam seu uso, mesmo que essa mesma tradição acabasse permitindo que outras

interpretações apontassem para a possibilidade de a expressão ser lida como uma ofensa racista, uma manifestação verbal de violência. A rivalidade acaba aumentando o número de elementos nesse campo de disputas pela definição do legítimo e do não legítimo de ser manifestado nos estádios de futebol.

### **Significados em disputa em um clube de futebol**

Ao longo deste capítulo procurei mostrar como práticas até então autorizadas nos estádios de futebol passaram a ser adjetivadas como violentas. A partir do “caso Aranha”, o tradicional grito de “macaco” para os torcedores do Internacional e “macacada” para seu coletivo foi colocado em questão.

Os torcedores do Grêmio abordados durante a realização de minha investigação foram “alfabetizados” para o torcer no antigo estádio Olímpico, com um conjunto de práticas que acabaram não sendo trazidas para a Arena ou, no mínimo, que passaram a ser questionadas, que perderam seu status de naturalizadas. Esse trânsito entre essas duas casas permite que os torcedores trabalhem com uma noção de um antes e um depois (ou agora). Algumas questões que acabam colocadas contemporaneamente, como as discussões sobre a existência de racismo ou homofobia nas práticas torcedoras, são narradas por meio dessa fixação entre lugares que também marcariam tempo. Antes (ou no Olímpico) as manifestações não eram colocadas em questão. Agora (ou na Arena) elas aparecem em disputa por legitimidades.

O tempo do jogo foi solicitado em diferentes oportunidades para justificar que o que se passa no estádio de futebol seria restrito àquela socialização bastante pontual, que envolveria os processos de chegada ao estádio e se dissiparia quando da saída desse ambiente. Ao pedirem essa ética e estética próprias ao estádio e ao pertencimento ao coletivo da torcida, os torcedores borrariam novamente essa percepção entre a

individualidade e a coletividade. Estar na torcida seria o que autorizaria práticas que o sujeito em suas outras sociabilidades não repetiria.

O “caso Aranha” atravessou de maneira bastante importante as sociabilidades torcedoras desses primeiros anos de uso do novo estádio gremista. Além do episódio em que o então goleiro do Santos foi chamado de macaco por um grupo de torcedores do Grêmio, fazendo com que o clube fosse punido de forma exemplar, a histórica maneira com que os gremistas se referiam aos rivais colorados, por meio dos termos “macaco” e “macacada” foi colocada em questão. Somente a partir da punição recebida o clube passou a questionar práticas históricas de sua torcida. A direção do Grêmio interditou os históricos cânticos de sua torcida que faziam referência ao rival como “macaco” ou “macacada”. A direção, à época, entendeu que aquelas manifestações estariam regidas pela ótica da injúria racial. Esses cânticos já eram frequentes na Arena e, ainda antes, no Olímpico. O que até então esteve autorizado sob a égide do tempo específico do jogo, ou da estada no estádio ou na torcida, teve sua legitimidade colocada em questão.

Os torcedores do Grêmio sabiam que o termo “macaco” carregava traços racistas, mas faziam a justificativa de seu uso por meio da rivalidade. Alguns torcedores procuravam alterar a ideia do significado original do termo. O exercício mais recorrente era afirmar que o racismo, muitas vezes reconhecido no episódio Aranha, havia se perdido com o tempo dentro do enfrentamento, do humor e das provocações que caracterizariam as relações entre os torcedores da dupla Gre-Nal.

Como torcedor do Grêmio alfabetizado no estádio Olímpico, aprendi que o termo “macaco” era utilizado como sinônimo de colorado. Algumas das justificativas apontadas pelos torcedores com os quais dialoguei também foram utilizadas por mim em conversas com torcedores rivais e com outros torcedores do Grêmio em oportunidades anteriores. A negação do racismo pelo clube e por seus torcedores era o que assegurava meu argumento. Os torcedores gremistas acabavam colocados em um local de dificuldade, uma vez que a rivalidade parecia exigir a provocação. Assumir

a relevância do traço racista nos termos “macaco” e “macacada” nos obrigaria a admitir que sim, fomos (e, muitas vezes, ainda somos) racistas, ou ao menos cometemos injúria racial. Talvez, nem todos estejamos dispostos a fazer essa admissão, e não apenas por falta de sensibilidade a novas demandas colocadas para os torcedores de estádio, mas, também, porque estamos atravessados por outros marcadores que produzem nossas subjetividades e que tomam o discurso racista como algo abjeto e proibido, criando certa contradição da ordem do irresolúvel.

Os torcedores gremistas sabem dos problemas que os termos historicamente utilizados para fazer a referência aos torcedores do Internacional carregam, entretanto, a normatividade do currículo do torcedor exige que todos os falem. Mesmo reconhecendo essa dificuldade, os termos “macaco” e “macacada” para ofender os colorados constituem, de maneira muito significativa, os torcedores do Grêmio. O silêncio em relação à torcida do Internacional, mesmo que um sem número de termos pudesse substituir o interditado dentro das canções, mostram o grau de dificuldade de mudança em um traço tão forte da cultura e que ocupa papel tão constitutivo no caso dos gremistas.

Nenhum clube de futebol no Brasil pode ser adjetivado como racista ou como antirracista. Dada a capacidade que nossos grandes clubes têm de possuírem torcedores com as mais diferentes perspectivas políticas e de mundo, um clube de futebol sempre estará atravessado pelos dilemas que constituem nossa cultura. Uma importante maneira de enfrentarmos os problemas históricos das agremiações pelas quais nutrimos afeto é encarar nossa história com coragem e sem negacionismo. É possível associar-nos com outros torcedores de mesmo alinhamento democrático e disputarmos os sentidos no nosso clube. Como gremista, não posso negar as origens do clube ou o “credo do bom gremista” que defendia o clube trabalhando “pelo aprimoramento da raça, colabora na formação de uma raça eugênica para o nosso futuro” (DAMO, 2002:110). Mas como gremista posso me juntar àqueles e àquelas que entendem que a luta antirracista precisa incluir o que acontece no nosso clube. É possível exaltar o que estamos

fazendo agora. Ao invés de justificar, acabar com os termos “macaco” e “macacada” em nosso estádio. Colaborar com a parceria inédita de um clube de futebol no Brasil com a Defensoria Pública da União (DPU) celebrado em dezembro de 2019. Exaltar o projeto “Clube de Todos” que segundo o vice-presidente do Conselho Deliberativo do Clube, Alexandre Bugin, cujo “*objetivo maior é que pessoas preconceituosas, racistas, sintam-se excluídas do ambiente da Arena*”<sup>19</sup>.

## Referências

- ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda; CAMPOS, Priscila Augusta Ferreira; DANTAS, Marina de Mattos; ALMEIDA JÚNIOR, Plínio de; GOMES, Luiz Gustavo Braga; SILVA, Tiago Felipe da. *Percepções e manifestações do torcedor mineiro sobre o “novo Mineirão”*. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Elsevier Editora: Florianópolis, v. 36, n. 2, suplemento, abr./jun., 2014.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Do Olímpico à Arena: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de estádio*. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado – PPGEDU) 2017.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. *Um currículo de masculinidades nos estádios de futebol*. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: ANPED, v. 15, n. 44, maio/ago., 2010.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada. “**Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração**”: **currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGEDU) – 2009.
- BANDEIRA, Gustavo Andrada; SEFFNER, Fernando. *Aranha, macaco e veado: o legítimo e o não legítimo no zoológico linguístico nos estádios de futebol*. **Revista Movimento**. Porto Alegre: ESEFID/UFRGS, v. 22, n. 3, jul./set., 2016.
- DAMO, Arlei Sander. *Futebol, engajamento e emoção*. In: HELAL, Ronaldo. AMARO, Fausto. **Esporte e mídia: novas perspectivas. A influência da obra de Hans Ulrich Gumbrecht**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

---

<sup>19</sup> Disponível em: [https://www.jornaldocomercio.com/\\_conteudo/esportes/2019/11/712297-gremio-vai-adoracao-inedita-para-combater-racismo-no-futebol.html](https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/esportes/2019/11/712297-gremio-vai-adoracao-inedita-para-combater-racismo-no-futebol.html). Acesso em 27/09/2020, às 19h17.

DAMO, Arlei Sander. **Futebol e identidade social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Editora da Universidade (UFRGS), 2002.

FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Mauad, 2010.

GARRIGA ZUCAL, José. **El inadmisibile encanto de la violencia: policías y barras en una comparación antropológica**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cazador de Tormentas Libros, 2015.

GERCHMANN, Léo. **Somos azuis, pretos e brancos**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo, Perspectiva, 1993.

MASCARENHAS, Gilmar. **Entradas e Bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

TONINI, Marcel Diego. *“Ahhh, no estrangeiro você é sempre estrangeiro”*: reflexões sobre a e/imigração de futebolistas brasileiros e o racismo no futebol europeu a partir de uma entrevista com o ex-atleta Paulo Sérgio. **Revista Esporte e Sociedade**. Niterói: UFF, Ano 8, n. 21, mar., 2013.

**"O povo fez o Inter":  
Resistências ao processo de "arenização"  
do estádio Beira-rio <sup>1</sup>**

*Ricardo César Gadelha de Oliveira Júnior <sup>2</sup>*

### **Torcer como um ato político**

Como consequência da escolha do Brasil como sede da Copa do Mundo da FIFA 2014, a entidade organizadora da competição exigiu que o país construísse novos estádios e reformasse alguns já existentes, sob os princípios do que se convencionou chamar de “padrão FIFA”, conceito que, no início, teve um tom de “excelência” e de “modernidade”, termos usados pela própria entidade, por defensores da realização da competição no Brasil e pela imprensa, mas, que tomou outro sentido a partir do questionamento da população sobre os gastos públicos para a realização do torneio. De forma resumida, a entidade buscava definir em seus documentos com normas para as praças esportivas o que seria um “estádio moderno”, caracterizado a partir de três conceitos: multifuncionalidade; gestão “racional” do espaço (tanto o interno como o externo) e do público; e preocupação constante com a segurança (FIFA, 2011).

Além das determinações sobre o espaço físico, a FIFA também pretendeu regular a conduta de pessoas e objetos, tornando proibida a

---

<sup>1</sup> Esse texto tem como base a minha tese de doutorado, defendida com o título “A reviravolta dos “fanáticos”: Arenização, agenciamentos mercadológicos e novos movimentos políticos a partir do Sport Club Internacional”.

<sup>2</sup> Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). rcgoj7@gmail.com

presença de artefatos como fogos de artifício, sinalizadores, bandeiras com área maior de 2m x 1,50m ou com mastros, faixas, grandes quantidades de papel (que as torcidas costumam jogar no campo na entrada das equipes ou na marcação dos gols) e instrumentos musicais ou outros que produzam barulho excessivo.

A introdução do modelo de estádio ideal segundo os critérios da FIFA trouxe alguns efeitos para os espaços das praças esportivas e para o público que os frequentam. As principais consequências dizem respeito à diminuição da capacidade dos estádios, à preocupação com o aumento do conforto e da segurança em todos os setores, e à elevação do preço dos ingressos.

Anos antes da realização dos megaeventos esportivos no Brasil, começaram a surgir livros e artigos de vários autores brasileiros a respeito dos impactos esperados dos megaeventos esportivos, em diversos aspectos: urbanísticos, políticos, econômicos, pedagógicos, sociais. Em algumas obras também aparece a preocupação com as mudanças que se dariam nos estádios, e como isso levaria a transformações nas formas de torcer ou de ver as partidas de futebol. No entanto, a realização da Copa do Mundo no Brasil não deve ser vista como um “evento separado da estrutura”, como defende Sahlins (2004) ao analisar como certas correntes da Antropologia e da História ignoram os entrelaçamentos entre esses dois aspectos do mundo social, para quem “o evento é anti estrutural e a estrutura anula o evento”. Para não aderir a essa ideia de oposição, Sahlins afirma que não há um evento, algo em contraste com a ordem vigente, sem que haja um sistema. Para isso, parte da ideia de transposição de um fenômeno de outra sociedade, que quando inseridos em um contexto, não podem ser constituídos a partir de suas “propriedades objetivas”, mas como eles são acolhidos no local de destino. Assim, a significação de um evento depende do contexto cultural. Desse modo, evento e estrutura não podem ser reduzidos um ao outro e, além disso, de alguma forma, um condiciona o outro.

Pensando a Copa do Mundo no Brasil como um evento, no sentido de Sahlins, como um episódio que teria diferença com a “ordem vigente” ou que traria alguma mudança a ela, e o contexto brasileiro de organização de seus estádios de futebol como uma estrutura, deve-se atentar para o fato de que, antes da exigência de tal torneio, de reforma de alguns dos estádios brasileiros de futebol, já havia algumas experiências brasileiras em alterar os estádios locais, tendo como modelo o que se passou na Europa, sobretudo na Inglaterra durante as duas últimas décadas do século XX. Assim, considero a Copa do Mundo de 2014 como um “evento” por dois motivos: primeiro, porque houve uma intensificação na ideia de necessidade de “modernização” dos estádios brasileiros, com o surgimento de um mercado ao redor de tal conceito, como novas empresas, profissionais e competências relacionadas ao que se convencionou chamar de “gestão de arenas esportivas”. Em segundo lugar, considero que depois da realização da Copa do Mundo deu-se maior politização dos torcedores, por meio da constituição de grupos de torcedores que passaram a ver o “torcer” como um ato político. Nesse sentido, considero que os autores brasileiros que escreveram a respeito das mudanças nos estádios deixaram de lado as resistências, a interpenetração entre evento e estrutura, no que diz respeito a como os torcedores seriam afetados, ou afetariam, esse cenário<sup>3</sup>.

Na Europa, a intensificação da lógica mercantil no futebol, desde a década de 1990, acarretou o surgimento de diversos movimentos, e por consequência de textos a respeito deles, sobre a forma como os torcedores de futebol, sobretudo na Inglaterra, reagiram a essas alterações. Alguns grupos de torcedores se voltaram para o protesto por meio de cânticos, faixas, bandeiras; outros, porém, tentaram articulações mais ousadas e formaram instituições para tentar influir de forma mais direta na política interna de seus clubes (BROWN E WALSH, 2000; KENNEDY e KENNEDY, 2013; KENNEDY, 2013; BROWN, 2006).

---

<sup>3</sup>Alguns desses autores são: Hollanda (2014), Campos (2014), Bezargui (2015), Toledo (2014), Toledo (2012), Gaffney e Mascarenhas (2004).

Voltando ao cenário brasileiro, a realização da Copa do Mundo – abrangendo aqui não só o período posterior, mas também os anos anteriores, em que se debateu exaustivamente a construção e a reforma dos estádios e as mudanças nas legislações a respeito do controle da torcida – levou ao surgimento de grupos no Brasil que introduziram a pauta do torcedor como um sujeito que tem direitos. Assim como aconteceu na Inglaterra durante a década de 1990, como nos mostrou Brown (2006), esse período no Brasil marcou um início de politização dos torcedores, em que, mais acentuadamente, o torcer se tornou também um ato político. A seguir, apresento algumas ideias de um movimento de torcedores do Sport Club Internacional.

### **O Povo do Clube**

O Povo do Clube é um movimento de torcedores do Internacional que foi fundado em outubro de 2012 com o objetivo principal de resgatar o que é por eles considerado um atributo histórico do clube: as ligações da agremiação com as classes populares e os negros da cidade de Porto Alegre. Durante a época da pesquisa era composto, segundo suas próprias contas, por cerca de cem membros, em sua maioria homens com idades que variam entre 20 e 70 anos, mas a maioria está por volta dos 35 aos 45 anos. Também são maioria em seus quadros os profissionais liberais, advogados, funcionários públicos, jornalistas, pequenos empresários.

Um ponto importante que notei ao longo do tempo é que o envolvimento de seus membros com o Povo do Clube parece ter algumas trajetórias parecidas: ex-membros, atuais participantes ou mesmo fundadores de torcidas organizadas, que delas se afastaram, mas acabam voltando para a “vida” do clube por meio do movimento; integrantes de partidos políticos do espectro da esquerda (alguns membros já me disseram que são filiados ao PT, ao PSOL e ao PC do B); líderes ou participantes de movimentos sindicais; mulheres envolvidas em movimentos feministas e que levam para o grupo suas questões de debate

a partir da participação da mulher no futebol e nos estádios. Portanto, como no texto de Dubuisson-Quellier e Barrier (2007), que analisaram a estruturação e formação de grupos de protesto anti-publicidade na França nas décadas de 1990 e 2000, o Povo do Clube recruta seus participantes de outros coletivos, anteriores a ele, e muito heterogêneos, em um tipo de recrutamento que elas denominaram de “multifiliação”.

Legalmente, o Povo do Clube é definido como uma associação civil, política, social, suprapartidária, sem fins lucrativos e sem limite de associados. O movimento é mantido por contribuições espontâneas de seus integrantes, com a doação mensal de um valor definido em assembleia, mas também a partir da venda de camisetas, bonés, agasalhos e adesivos.

Um dos fundadores do grupo me contou algumas das motivações que os levaram a se reunir. Em um contexto de mudanças no clube, que iam desde mudanças de patrocinador a aumento do preço dos ingressos, sua fala também diz respeito à busca de diferenciação entre torcedor e cliente, entre o papel ativo do primeiro e a passividade do segundo. E foi a partir dessas mudanças pelas quais passava o Internacional, seu estádio e sua torcida, que esses indivíduos se reuniram em torno desse movimento.

A gente se reuniu em setembro de 2012 pra fundar o movimento, nas vésperas da eleição, num processo de mudança do clube: a Nike tinha desembarcado no Inter com um uniforme escrito “campeão de tudo”, ingressos caros, mensalidade alta, início da modernização do Beira-Rio. O Inter ‘tava’ se afastando da identidade de clube popular. Em todo estado tem um time que todo mundo sabe que é das classes populares. Quem é o clube popular de SP? É o Corinthians. Do Rio de Janeiro? O Flamengo. E o de Porto Alegre? É o Inter. E a gente se fez grande sendo o clube do povo do Rio Grande do Sul. A gente queria fazer um movimento como corda de norteio à identidade do clube. “Olha, lá atrás o nosso clube se tornou grande com o apoio de uma torcida popular”. Esses elementos ficaram em segundo plano: não se fala mais “o clube do povo”. O torcedor não pode ser considerado como um consumidor, a gente trabalha com a paixão das pessoas, a gente é colorado porque é apaixonado pelo clube, a gente não quer consumir o clube, ninguém quer ser um consumidor dentro do clube, a gente quer ser torcedor,

incentivar, empurrar o time, acha que o estádio faz a diferença, não é sentado numa cadeira olhando o jogo, pela minha simples presença que eu vou fazer a diferença.

No estatuto do movimento, há um artigo específico relativo às finalidades da associação. Dentre os onze itens que o compõem, destacam-se dois: a necessidade de resgatar a identidade de clube do povo, ou seja, de que a torcida do Internacional seria formada fundamentalmente pela população pobre da cidade de Porto Alegre; e a tentativa de levar de volta torcedores mais pobres para o estádio Beira-Rio.

Ouvi de muitos integrantes do Povo do Clube que dois fatores, a majoração do preço dos ingressos nos últimos anos e a preferência de venda para os sócios, acabam dificultando a presença de torcedores mais pobres, que nem poderiam pagar por bilhetes mais caros ou se associar. Mas, além disso, esse sistema também ajudaria a privilegiar torcedores “menos fiéis”, aqueles que só vão a jogos mais importantes ou decisões de campeonato. O grupo estabelece uma relação entre torcedores mais ricos e menos fidelidade, ou pelo menos a um menor comparecimento aos jogos, mesmo que os associados tenham renda maior e possam comparecer mais aos jogos. Outra relação por eles estabelecida, que também está relacionada com a mudança do perfil dos espectadores, é a de uma alteração na forma como a torcida se comporta nos jogos, tornando-se o que eles consideram em um comportamento mais passivo, menos envolvido com o jogo em si, com menor demonstração de emoções e envolvendo menos o corpo.

O Povo do Clube utiliza duas analogias para se referir a esse novo tipo de audiência nos jogos. A primeira delas é a do shopping, mas em um significado completamente diferente a que se referem os profissionais de Marketing Esportivo e de gestão de arenas. Se para esses últimos era a forma de organização dos espaços e de gestão dos negócios desenvolvidos pelos shoppings centers que deveria servir de modelo e inspiração para as empresas responsáveis pelas arenas, para o Povo do Clube o shopping é tomado como um sinal negativo, sobretudo no que se refere ao tipo de

consumo incentivado nesse espaço. O consumo, para seus membros, “não é coisa de torcedor”, mas de cliente, e não seria esse o tipo de relação que consideram ideal entre eles e seu clube.

A segunda analogia, e tenho certeza em dizer que muito mais presente que a do shopping center, é a do teatro. Em muitas postagens em sua página no Facebook, sobretudo nas que são anteriores a um grande jogo, em que é feito um “chamamento” à torcida colorada, o novo Beira-Rio, o que resultou após a reforma para a Copa do Mundo, é comparado a um teatro, pelo menos na denúncia do movimento da intenção da diretoria em transformá-lo em um, com o afastamento dos torcedores mais pobres, pelas decisões enumeradas antes, com um perfil de “cliente/assistente” mais passivo, que acabaria por contagiar o elenco de jogadores com uma atitude semelhante, em oposição ao “povão”, que teria uma atitude mais “guerreira” e “festiva”, e que por isso seria necessário “enterrar o estilo elitizado de estádio-shopping-teatro e reviver o Beira-Rio de sangue, suor, cimento, chuva, fumaça”.

Portanto, essas alterações pelas quais o estádio tem passado desde a década de 2000 e a introdução de alguns aspectos do Marketing Esportivo no que diz respeito às relações entre a torcida e um jogo de futebol (ou mesmo com o clube) são fatos vistos pelo movimento como negação da história do Internacional e como ele é percebido a partir de uma oposição ao seu maior rival, o Grêmio. No tópico seguinte, narro alguns aspectos dessas histórias paralelas dos dois maiores clubes da capital gaúcha, mas que constantemente se entrecruzam.

### **Questões raciais e de classe na história do Internacional**

Além da grande rivalidade dentro de campo entre os dois principais clubes do estado do Rio Grande do Sul, Internacional e Grêmio, outra rixa, que aparentemente não está diretamente relacionada ao futebol, diz respeito à forma como os dois clubes foram fundados e de quais estratos sociais são oriundos. Para tornar essa rivalidade ainda mais forte, as

peessoas que até hoje contam a história do início dessa concorrência dizem que um nasceu a partir de uma quase expulsão do outro, ou de uma negação à incorporação de seu “potencial aliado”.

A história dessa rivalidade é contada por outros autores que fizeram pesquisas sobre o futebol no Rio Grande do Sul (REALE, 2016; RODRIGUES, 2012; DAMO, 1998; 2005; MASCARENHAS, 2001; BANDEIRA, 2009) tendo como ponto de partida a fundação do Grêmio, que se deu em 1903, a partir da ação de descendentes de italianos e alemães, e que junto a essa origem europeia estariam relacionados termos como disciplina, lealdade, virilidade, masculinidade, empreendedorismo, honra e raça (RODRIGUES, 2012). Um dos fatos marcantes, e que é considerado um ponto importante de como era percebido o clube gremista, é apenas na década de 1950 teria sido permitido o ingresso de jogadores negros em seus elencos. Essa rigidez na aceitação de novos membros em seus quadros teria sido, como é contada e reconstituída até hoje a história pelos colorados, a causa do surgimento de seu rival, o Internacional.

Conta-se que na década de 1900 três irmãos da família Poppe (Henrique, José e Luiz), de origem paulista, chegaram a Porto Alegre. Já que tinham tido contato com o futebol em sua terra natal, onde tinham aprendido a jogar o esporte até então novo, procuraram um clube local para continuar a praticá-lo. Na capital gaúcha, haviam dois clubes, o Grêmio e o Fussball Porto Alegre, nos quais seus sócios, por influência de uma exibição feita por atletas do Sport Club Rio Grande, da cidade de mesmo nome localizada na região sul do estado, praticavam o futebol. Ao tentar ingressar nesses clubes, os irmãos Poppe foram recusados por não pertencerem à comunidade germânica, uma das condições de aceitação nesses espaços. Assim, em 1909 fundaram um clube, o Sport Club Internacional, no qual não haveriam restrições com respeito às origens étnicas para a aceitação de seus membros. Isso é dito no site do próprio clube, ao falar dos valores que orientaram a fundação do Inter, em oposição aos outros dois clubes já existentes na cidade de Porto Alegre.

Damo (1998) analisou quais termos são mobilizados pelos torcedores dos dois rivais para o estabelecimento e as constantes atualizações da rivalidade. Ao se apoiar em pesquisas feitas à época de sua publicação, o autor contesta a fama atribuída ao Inter de ser o clube formado pelas camadas populares de Porto Alegre, e consequentemente o Grêmio ser o clube das elites locais, pois esses dados não mostraram diferença significativa em relação à renda das duas torcidas. Assim, Damo afirma que essa oposição entre um clube do povo e um clube da elite foi constituída em alguma época de sua história centenária, sempre em oposição ao seu “outro”, o Grêmio. Assim, para se entender como se deu a construção do Inter como um clube popular, deve-se levar em consideração a relação desse clube com o seu maior rival local, que de forma oposta é considerado o clube das elites locais. Essa oposição, “clube do povo x clube da elite”, teria sido estabelecida em determinado período histórico, e foi sendo atualizada constantemente. O argumento de Damo é que ambos os clubes surgiram de grupos muito próximos socialmente, mas ao longo do tempo, devido à rivalidade, elementos diacríticos foram utilizados na história para separá-los, inclusive o racial e o de classe.

Damo chama a atenção para o fato de a alcunha “clube do povo” ter sido reforçada com o time vencedor do Inter dos anos 1940, formado por jogadores negros da cidade. A abertura para esses jogadores nos times da Liga Metropolitana só se deu com a institucionalização do profissionalismo, com a perda da aura aristocrática do futebol, quando as arquibancadas não eram frequentadas mais apenas por moças e rapazes da alta sociedade porto-alegrense. No período inicial dessa profissionalização, apenas o Inter teria se disposto a utilizar os jogadores negros e mulatos, e com esses jogadores formou um time que ficou conhecido como “rolo compressor”, que entre 1940 e 1948 ganhou oito títulos em nove possíveis. Com isso, o Inter passou a ser conhecido como o clube dos negros, dos populares e também dos jovens, pelas conquistas consecutivas nesse período.

Assim, até hoje, mesmo que as pesquisas sobre as características dos torcedores não apontem que haja diferenças significativas de classe ou de raça entre colorados e gremistas, essa década de 1940 foi primordial para a instituição, e futuras constantes atualizações, dos elementos sociais e raciais da oposição e da rivalidade dos clubes da capital gaúcha.

Esse elemento social e racial da história do clube é parte central para o Povo do Clube, e se torna um dos motivos pelos quais mobiliza outros torcedores para seus quadros associativos. O manifesto do movimento chama a atenção para o envolvimento das classes mais pobres, assim como dos negros, em diversos momentos da história do clube: na formação, na mobilização para a construção do estádio, na presença de diversos jogadores negros nas equipes vitoriosas. Assim, já que “O Povo fez o Inter”<sup>4</sup>, seria necessário trazê-lo de volta para o Beira-Rio, que teria sido afastado a partir das reformas arquitetônicas e do aumento do preço dos ingressos.

E, porque o povo fez o Inter, que não aceitamos a elitização que toma conta do nosso estádio. Sentimos falta do povo humilde e trabalhador ocupando as arquibancadas do Beira-Rio. Lutaremos incessantemente para que o nosso belo estádio seja novamente pintado de povo nos dias de jogos. Queremos de volta a festa, a valorização da cultura torcedora, com cantos, instrumentos, faixas e bandeiras. Defendemos, sim, que o nosso estádio tenha um setor sem cadeiras, para que o Gigante seja um local apropriado para todos os colorados. Repudiamos a criminalização dos torcedores, organizados ou não, que não passa de mais uma estratégia para afastar os mais pobres do espetáculo futebol<sup>5</sup>.

Há que se levar que em conta, além de a história do clube ter sido construída e até hoje ser relacionada com as classes pobres e os negros da cidade de Porto Alegre, a forma como o Beira-Rio foi edificado, que reforça ainda mais esse sentimento de que o clube foi “feito pelo povo”, como dizia

---

<sup>4</sup> Essa frase consta numa faixa utilizada pelo Povo do Clube em seus eventos, assembleias e nas concentrações antes dos jogos no Parque Marinha, localizado ao lado do Beira-Rio.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/notes/o-povo-do-clube/manifesto/962760360506153/>>. Acesso em: 28 abr. 2016.

a faixa usada na época de sua construção e hoje “reciclada” pelo Povo do Clube. Com a doação do terreno da prefeitura às margens do rio Guaíba, a obra foi possível graças a doações de cimento, tijolos e ferro feitas pela torcida. Alguns integrantes do Povo do Clube me contaram que há algumas histórias de que torcedores trabalharam voluntariamente nas obras, em seus tempos livres, e que, à época da construção, houve um crescimento significativo de roubo de material de obras que estavam sendo tocadas por toda a cidade. Assim, para os torcedores do Inter, além de ter feito o clube, eles também fizeram o estádio.

Pesquisando nos jornais da época, Scherer (2011) mostrou como foi feita a mobilização da torcida pela diretoria do clube, e como esse fato acabou ajudando na constituição da história do Internacional como o “clube do povo”.

A campanha do tijolo foi um dos momentos simbólicos mais importantes durante as obras - foi através desta campanha onde colorados famosos e anônimos poderiam doar todos os tipos de material de construção para erguer o novo estádio, as principais doações eram de tijolos, areia e ferros de construção, que eram deslocados de todas as partes do estado. Quanto às doações; existiam programas especiais no rádio que incentivavam a doação de materiais de alvenaria para as obras. Este foi um processo importante para o imaginário colorado, pois através desta campanha todo o torcedor acaba se sentindo parte da obra. Era o próprio povo que estava construindo uma nova casa para o Clube do Povo (SCHERER, 2011: 18).

A forma da edificação e a localização de alguns de seus estádios, ao longo de suas histórias, também ajudaram a fortalecer essa oposição “clube do povo x time da elite”. Como demonstrou Reale (2016), ambos os clubes ergueram seus patrimônios com doações de sócios e torcedores. No entanto, até hoje prevalece a ideia de que a participação dos grevistas na construção de seus estádios partiu dos sócios mais ricos e da mobilização deles com setores mais abastados da sociedade porto-alegrense. O primeiro estádio do Grêmio foi localizado em uma área até hoje nobre da cidade de Porto Alegre, no bairro Moinhos de Vento. O estádio da Baixada,

na Rua Mostadeiro, construído em um terreno da região, foi utilizado pelo Grêmio até 1954, quando foi inaugurado o estádio Olímpico, esse com maior mobilização e doações de cimento de torcedores “comuns”. Ao contrário, em seus primeiros anos, o Internacional jogou em campos emprestados, pertencentes a outros clubes, como o Campo da Várzea, dividido com o time do Colégio Militar, ou em alugados, como foi no início a Chácara dos Eucaliptos. Só vinte anos depois de sua fundação, o Internacional, por meio de uma mobilização da torcida feita pelo então presidente Ildo Meneghetti, consegue comprar um terreno e construir seu primeiro estádio, o Estádio dos Eucaliptos, localizado no bairro atualmente chamado de Menino Deus.

Essa oposição também esteve presente na forma como ambas as torcidas e diretorias falavam a respeito de seus estádios na época da pesquisa de Damo (1998), o então existente Olímpico, do Grêmio, e o Beira-Rio antes das reformas para adequação ao padrão FIFA. Apesar de em ambos os estádios haver segmentação de público, setores com preços diferenciados, que atraíam públicos diferentes e que os incentivava a ter comportamentos e interações diversas com o que se passava no gramado, dentre a comunidade de sentimento gremista prevalecia o orgulho pelo clube ter em seu estádio espaços como as tribunas e os camarotes (que entre as décadas de 1990 e 2000 eram raros nos estádios brasileiros, mas que também estavam presentes no Beira-Rio), enquanto na comunidade de sentimento colorada era presente o orgulho pela existência de um setor direcionado aos populares.

Até hoje, esse setor popular, que acabou ganhando o nome de “Coreia”, é lembrado como o lugar que rememora essa relação histórica do Inter com os negros e pobres da cidade de Porto Alegre. A “Coreia” era um setor que circundava a pista atlética, e ficava abaixo do nível do gramado, e, por isso, os torcedores, dependendo de suas alturas, tinham dificuldades para conseguir enxergar o que se passava no jogo. Era separada do campo de jogo por um fosso e cercas de arame farpado (DAMO, 1998), não oferecia a seus frequentadores qualquer tipo de

proteção ou abrigo contra o sol ou a chuva (TEMPASS, 2003), e cujos ingressos eram baratos.

Em um trabalho escrito à época das discussões a respeito da extinção ou da continuidade da “Coreia”, Tempass (2003) fala que, há pelo menos três anos, a CBF tentava fechar esse espaço, enquanto as diretorias do Internacional o mantinham por meio de decisões judiciais. No trecho a seguir, ele nos dá uma ideia de como era assistir aos jogos naquele setor:

[...] a “Coréia” se diferencia muito fisicamente das outras arquibancadas. Em formato de anel ela circunda todo o campo de jogo. Localizada abaixo das arquibancadas inferiores, em um patamar bem mais baixo, é a arquibancada mais próxima do gramado, ficando os torcedores a uma distância de menos de dez metros do campo. Como os próprios torcedores afirmam: a “Coréia” é um valo, um fosso, uma trincheira de guerra. Da “Coréia” se tem uma visão muito ruim do gramado. Placas de publicidade, casamatas, seguranças e repórteres são barreiras que atrapalham e/ou impedem a visão dos torcedores “coreanos”. Mas existem alguns poucos pontos específicos em que se obtém uma melhor visão do jogo. Por estar situada abaixo do nível do gramado os torcedores têm que assistir os jogos de futebol em pé. As pessoas de baixa estatura têm que se acomodar em locais onde nenhum outro torcedor fique na frente, ou sentar no murinho que separa a “Coréia” do fosso, mas nesse caso ele acaba prejudicando a visão dos demais torcedores. (TEMPASS, 2003:37).

Para o Povo do Clube, se a exclusão de negros e pobres do Beira-Rio se iniciou com a extinção da “Coreia”, esse processo teve como “último golpe” as reformas para a Copa do Mundo. Com essas alterações no espaço físico, Luís, um dos integrantes do Povo do Clube, aponta uma mudança de mentalidade dos dirigentes do clube sobre quem deveria estar presente às arquibancadas:

Eles não querem, eles acham que é ruim ‘pro’ novo estádio que eles querem ter negro na arquibancada, acham que é ruim ter pobre. Já disseram pra nós: “ah, vocês querem voltar pros anos 1990, que mulher não podia ir no estádio que era provocada”. Tinha muito machismo, muito mais do que hoje na arquibancada. Mas dizer que isso tá relacionado ao pobre, é muito preconceito. As ideias, o Brasil como um todo vai mudando, não é questão só social: “ah, tu

tirou pobre do estádio, agora tá menos violento, agora tem menos machismo”. As coisas, elas vão mudando, também na periferia. Esse argumento, eles sempre deixam escapar... Acabou a discussão da grana, aí eles deixam escapar: “ah, mas há um negro na cadeira, um cara suado, pobre”, chega nisso. Porque no fundo, no fundo, é preconceito, é higienização do estádio. Eles não gostam disso. “Ah, mas elitização é muito forte”. É elitização, sim, é higienização, é preconceito, é racismo.

Com as mudanças nas regulamentações a respeito dos estádios, a “Coreia” passou a ser uma “coisa impura”, como as analisadas por Douglas (2012). De início, as coisas impuras são consideradas fora do lugar, ameaçando a ordem, até que são repelidas pelos rituais de purificação. Com a nova ordem estabelecida, ou seja, com as mudanças nos parâmetros de segurança e os “rituais de purificação” pelos quais passaram as praças esportivas, a “Coreia” foi considerada uma “sujeira”, algo “abominável”, que não estava mais de acordo com a “modernidade” a qual os estádios brasileiros devem ser adequados, oferecendo o conforto e a segurança aos seus frequentadores. No entanto, há que se perguntar: era somente o espaço em si que caía na classificação de impuro ou o seu público e as suas respectivas formas de torcer?

No entanto, assim como nos diz Douglas, as impurezas não desaparecem completamente em um ritual, e mesmo depois de sua extinção, a “Coreia” foi transformada em um símbolo de luta, representando uma forma de torcer e parte dos torcedores que deixaram de frequentar o Beira-Rio nos últimos anos. Se a “Coreia” foi extinta por questões de segurança ou por não oferecer o conforto que as novas legislações da época exigiam, é justamente essa ausência que se torna um dos pontos a serem defendidos pelo Povo do Clube, já que eles relacionam a falta de boas condições de ver ao jogo naquele espaço, em comparação com o que se tem atualmente no Beira-Rio, como um atestado de que os “coreanos” eram “mais torcedores” e que precisam ser trazidos de volta para as arquibancadas do estádio colorado.

## Considerações finais: o povo voltou ao Beira-rio?

Nas narrativas dos indivíduos que fazem parte do Povo do Clube, a política interna do Internacional aparece como um elemento indissociável da mobilização inicial para a fundação do movimento. Da mesma forma, sempre que fazem um relato sobre o que é o movimento e a que ele se propõe, seja na abertura das reuniões abertas, quando da entrada de novos membros, seja na participação em algum programa de rádio, eles acentuam o caráter político de tudo o que está relacionado ao futebol e aos torcedores, fazendo uma ligação direta e quase evidente entre a necessidade de participar das estruturas hierárquicas e políticas do clube e a consecução de seus objetivos para a fundação do grupo.

Nos seus discursos, pude notar uma tentativa de se constituir enquanto um representante do povo nas instâncias do poder político colorado, tornando-se porta-voz de um grupo, mas ao mesmo tempo, instituindo-o, para pensar a partir do que Bourdieu (1989) nos fala sobre a representação política e a interdependência entre representantes e representados. Assim, o Povo do Clube, por tentar se constituir como um movimento com maior proximidade territorial e social com essas pessoas excluídas do Inter, quer seja de seu estádio reformado, quer seja da vida política, poderia representar e dar mais espaço para essas pessoas, ao passo que os dirigentes tradicionais, que não conhecem os bairros onde a torcida do Inter mora, não teriam preocupações com essa parcela de torcedores.

Já em seu ano de fundação, 2012, os membros conseguiram montar uma chapa para disputar às vagas do conselho deliberativo. No entanto, com apenas 6% dos votos, não conseguiram atingir a cláusula de barreira<sup>6</sup>, e não tiveram nenhum conselheiro no biênio subsequente. Na eleição seguinte, no final de 2014, em uma chapa conjunta com outro movimento, "Acorda, Conselho", pelo total de votos e percentual atingido,

---

<sup>6</sup> No estatuto do Internacional é estabelecido que para que uma chapa consiga eleger algum conselheiro, deve ter no mínimo 15% dos votos válidos.

tal coligação teve o direito de nomear 31 conselheiros, e, pela nominata entregue no período das inscrições, 16 dos assentos ficaram com o movimento Acorda, Conselho e os outros 15 com o Povo do Clube. Apesar de ter conseguido fazer parte do órgão deliberativo, o peso da chapa conjunta no total de conselheiros, menos de 10%, era ainda bem pequeno para conseguir aprovar propostas relacionadas às bandeiras e pautas defendidas pelo Povo do Clube.

Comparando os resultados das duas eleições, pode-se perceber como o Povo do Clube foi ganhando força dentro da política do Internacional. Esse processo foi ainda mais intensificado nas eleições de 2016, quando romperam com o movimento então aliado em 2014<sup>7</sup>. Ao final da eleição, o Povo do Clube elegeu 43 conselheiros, e com os 15 eleitos em 2014 que já possuía, o movimento passou a ter 58 conselheiros, cerca de 1/6 do total. Com esse resultado, o Povo do Clube passou a ter maior importância e peso dentro do conselho. Com a declaração aberta de voto na chapa vencedora ao conselho de gestão, e com o peso adquirido pela quantidade de assentos no conselho, seria muito improvável que o Povo do Clube não fosse retribuído com cargos em alguma das diretorias ou vice-presidências do clube. No entanto, deve-se levar em conta que os espaços em que os membros do Povo do Clube foram alocados representam lugares de menor prestígio, de iniciação de aspirantes a dirigentes, onde costumam iniciar as carreiras dos recém-chegados.

Logo no início da nova gestão, o Povo do Clube acabou participando de seis diretorias: estruturação da Diretoria de futebol feminino; Departamento de torcidas e ambiente de jogo, que faz a mediação entre as torcidas organizadas e os órgãos que regulam a atuação delas dentro do Beira-Rio, como a Brigada Militar, o Corpo de Bombeiros e o Juizado do Torcedor; administração do Parque Gigante<sup>8</sup>; Ouvidoria; categorias de

---

<sup>7</sup> O motivo do rompimento foi a decisão do Povo de Clube de declarar apoio ao candidato à presidência do clube, Marcelo Medeiros. O apoio à Medeiros foi justificado pela presença de algumas ideias defendidas pelo Povo do Clube em suas promessas de campanha, tanto as que eram feitas publicamente, em entrevistas ou materiais produzidos e distribuídos por sua chapa, mas também diretamente aos membros do Povo do Clube, em reuniões organizadas para que o acordo de aliança fosse concretizado.

<sup>8</sup> Parque fica ao lado do Beira-Rio e oferece diversas formas de lazer aos associados patrimoniais.

base, acompanhando jogadores das equipes sub-12 e sub-13; e a vice-presidência de Relacionamento Social do Inter, responsável pela implementação da mais importante promessa de campanha do movimento, o programa de sócios denominado “Academia do Povo”, direcionado para pessoas com renda de até dois salários mínimos e com mensalidade de R\$ 10, e que daria direito ao associado de comprar ingresso por um valor também mais barato que o cobrado na bilheteria, pelo mesmo valor de uma mensalidade.

A aprovação de tal programa dentro do conselho deliberativo do Internacional mostrou que o “povo” e a defesa dele tinham ganhado tanta força, que mesmo os movimentos publicamente de oposição à diretoria atual não conseguiram, ou não quiseram, fazer críticas públicas à nova modalidade de sócio, por conta da má imagem que poderiam ter a não dar apoio ao que já tinha destino certo, a aprovação, como era quase senso comum na reunião.

Interessante observar que um projeto como esse conseguiu ser aprovado no conselho deliberativo e ser posto em funcionamento em um momento de questionamento das políticas públicas, de cotas sociais e de transferências de renda, a partir das quais foi pensado e elaborado, segundo seus próprios autores. Talvez, por conta desse cenário e da influência que exerceram, a Academia do Povo tenha sofrido críticas bem próximas das que sofrem suas inspirações. Apesar disso, parece estar influenciando medidas em outros clubes do Brasil. A nova modalidade de associação foi muito divulgada pela imprensa esportiva, em diversos estados, por seu caráter inédito de garantir uma parte dos lugares, embora muito pequena, disponíveis em cada jogo do Inter no Beira-Rio para os torcedores que a ele aderirem. A iniciativa do Inter também influenciou outros clubes brasileiros a elaborarem planos de associação parecidos com a Academia Popular, como a Ponte Preta, o Vila Nova e o Vasco da Gama.

Esse foi o cenário que encontrei ao fazer a pesquisa de campo entre os torcedores do Internacional, das disputas que se deram após a reforma de seu estádio. Se muitos autores, assim como alguns militantes contrários

às reformulações dos estádios brasileiros de futebol – e muitas vezes esses dois grupos parecem ser indissociáveis – passaram a pensar que estaria decretado “o fim do torcedor”, e a conseqüente “ascensão do consumidor ou do cliente”, no cenário político do Internacional deu-se a ascensão de um grupo político que se mobilizou em torno do resgate do que costumou se considerar a origem do clube, das classes pobres e dos negros da cidade de Porto Alegre. Desse modo, embora o “povo” tenha sido um elemento importante nas últimas eleições do Internacional, essa vitória não foi absoluta. O grupo só conseguiu implantar suas propostas e suas pautas a partir de uma aliança com grupos estabelecidos no campo político colorado, o que acabou tendo alguma repercussão negativa na base eleitoral do Povo do Clube. Ao que parece, nos próximos anos, ainda se dará a disputa sobre a definição de “a quem o jogo de futebol pertence”, se ele “pertence ao povo” ou aos “clientes”, pois ainda se tem um jogo indefinido, sem um vencedor claro.

## Referências

- BANDEIRA, Gustavo. **“Eu canto, bebo e brigo...alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- BERZAGUI, César. *As arenas esportivas em Porto Alegre: a Copa do Mundo e os espaços do torcedor comum*. In: SOARES, Paulo Roberto Rodrigues (Org.). **Porto Alegre: os impactos da Copa do Mundo 2014**. Porto Alegre: Deriva, 2015.
- BROWN, Adam. *“Not for sale”? A destruição e a reforma das comunidades futebolísticas na aquisição do Manchester United pelos Glazer*. In: **Análise social**, p. 555-582, 2006.
- BROWN, Adam; WALSH, Andy. *Football supporters' relations with their clubs: A European perspective*. In: **Soccer & Society**, v. 1, n. 3, p. 88-101, 2000.
- CAMPOS, Flávio de. *Arquitetura da exclusão: apontamentos para a inquietação com o conforto*. In: CAMPOS, Flavio de e ALFONSI, Daniela. **Futebol: objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Futebol Porto Alegrense e seus torcedores.** Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

\_\_\_\_\_. **Do dom à profissão: uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França.** Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo. Ensaio sobre a noção de poluição e tabu.** São Paulo: Perspectiva, 2012.

DUBUISSON-QUELLIER, Sophie; BARRIER, Julien. *Protester contre le marché: du geste individuel à l'action collective.*In: **Revue française de science politique**, v. 57, n. 2, p. 209-237, 2007.

FIFA. **Estádios de futebol. Recomendações e requisitos técnicos**, 2011.

GAFFNEY, Christopher; MASCARENHAS, Gilmar. *O estádio de futebol como espaço disciplinar.* In: **SEMINÁRIO INTERNACIONAL MICHEL FOUCAULT - PERSPECTIVAS. 2004**, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. **Anais...** Disponível em: <[https://gefut.files.wordpress.com/2015/04/espaco\\_disciplinar\\_estadios-libre.pdf](https://gefut.files.wordpress.com/2015/04/espaco_disciplinar_estadios-libre.pdf)>. Acesso em: 08 maio 2016.

HOLLANDA, Bernardo Buarque de. *O fim do estádio-nação? Notas sobre a construção e remodelagem do Maracanã para a copa de 2014.* In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol: objeto das Ciências Humanas.** São Paulo: Leya, 2014.

KENNEDY, Peter. *“Left wing” supporter movements and the political economy of football.* In: **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, p. 277-290, 2013.

KENNEDY, David; KENNEDY, Peter. *Introduction: reflections on the context of ‘Left Wing’ fan cultures.*In: **Soccer & Society**, v. 14, n. 2, p. 117-131, 2013.

MASCARENHAS, Gilmar. **A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul.** Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

REALE, Getúlio Sangalli. **Construção de mundos: a onto-política de marketing no contexto do futebol de espetáculo brasileiro**. Tese (Doutorado em Administração) – Programa de PósGraduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. **Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001-2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças na relação entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

SAHLINS Marshall. **Cultura na prática**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

SCHERER, Mathias Inácio. **A modernização do estádio Beira-Rio no contexto das políticas neoliberais nos anos de 1992-2010**. 2011. 57 f. Monografia (Licenciatura em História) – Departamento de História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

TEMPASS, Martín César. **Os malditos da Coreia. Um estudo antropológico sobre os torcedores da arquibancada popular do estádio Beira Rio – Porto Alegre – RS**. Monografia (Graduação em Antropologia) – Departamento de Antropologia, UFRGS, Porto Alegre, 2003.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990-2010*. In: HOLANDA, Bernardo Buarque de et al. **A torcida brasileira**. Rio de Janeiro: 7letras, 2012.

\_\_\_\_\_. *Torcedores e o mercado de bens futebolísticos*. In: CAMPOS, Flavio de; ALFONSI, Daniela. **Futebol: objeto das Ciências Humanas**. São Paulo: Leya, 2014.

## **A Lei Pelé, o fim do passe e a modernização conservadora do futebol brasileiro**

*Francisco Xavier Freire Rodrigues*<sup>1</sup>

### **Introdução**

Este capítulo trata da Lei Pelé (Nº 9.615/98), o fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro. A análise centra-se nos impactos provocados pelo fim do passe no futebol-negócio brasileiro no período de 2001 a 2006, buscando apreender as características da modernização conservadora na sociedade brasileira mediante a análise da nova regulamentação das relações entre clubes e jogadores que entrou em vigor com a Lei Pelé, a partir das percepções dos atletas entrevistados. Tem como recorte empírico 12 clubes de futebol das séries A, B e C do campeonato brasileiro. Abordamos o novo sistema de transferências de jogadores de futebol que surgiu com a Lei Pelé, os processos de modernização e a flexibilização das relações de trabalho no futebol brasileiro, na visão dos jogadores entrevistados.

A pesquisa<sup>2</sup> que fundamenta o presente capítulo se utilizou de técnicas quantitativas e qualitativas, predominando a perspectiva quantitativa. Elegemos a pesquisa quanti-qualitativa por meio da combinação de pesquisas bibliográfica, documental e de campo

---

<sup>1</sup> Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: fxsociologo@yahoo.com.br

<sup>2</sup> É importante informar o leitor que se trata da pesquisa realizada no período de 2004 a 2006 que deu origem a nossa tese de doutoramento. Ver RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Porto Alegre: UFRGS, (Tese de Doutorado em Sociologia - PPGS) – 2007.

(questionários), utilizando-se de dados estatísticos (frequência) obtidos a partir da utilização do programa SPSS.

A coleta de dados se deu a partir da aplicação de questionários aos atletas profissionais do futebol brasileiro. O questionário constitui hoje uma das mais importantes técnicas disponíveis para a obtenção de dados nas pesquisas sociais. Entretanto, em virtude de haver vários termos que são freqüentemente utilizados como sinônimos, o termo *questionário* aparece muitas vezes imerso em certa imprecisão. Assim, é comum falar-se em entrevista, formulário, teste, *enquête* e escala com sentido próprio ao de questionário. Pode-se definir questionário como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc. (GIL, 1987:124-132).

Consultamos documentos oficiais da CBF, da Federação Gaúcha de Futebol, dos Sindicatos dos Atletas Profissionais dos Estados de São Paulo e Rio Grande do Sul, da Justiça do Trabalho – RS, dados da imprensa falada e escrita, contendo informações a respeito de contratos de jogadores, escolinhas de futebol, número de atletas formados no período determinado pela pesquisa e de atletas transferidos para outros clubes brasileiros e/ou estrangeiros. Foram aplicados 97 questionários aos jogadores de futebol.

O passe surgiu com o Decreto nº 53.820/64, foi regulamentado pelo artigo 11 da Lei nº 6.354/76 e legalmente extinto a partir de 25 de março de 2001, conforme o artigo 96 da Lei nº 9.615/98 (NAPIER, 2003: 260). O passe<sup>3</sup>, vínculo desportivo do atleta com a entidade desportiva contratante, passa a ter natureza acessória ao vínculo empregatício, dissolvendo-se quando o contrato de trabalho chega ao seu final.

O artigo 28 da Lei Pelé (Nº 9.615/98) reza que o atleta profissional do futebol, empregado em uma entidade desportiva, deve ter seu contrato

---

<sup>3</sup> “O passe é o nome dado à formalidade de uma obrigação entre o atleta e uma entidade desportiva” (Napier, 2003:244).

regido pela legislação trabalhista (CLT, art. 3º). Ao extinguir o passe, a referida lei veio acabar com a *prisão* de um atleta profissional a uma entidade desportiva empregadora. Com o passe em vigor, mesmo após o término do contrato de trabalho, o atleta continuava vinculado, aprisionado ao clube, não podendo se transferir para um outro clube de futebol, o que em outras palavras significa a ausência de liberdade de trabalho para o jogador. O mesmo não podia escolher outro empregador, ou seja, outro clube onde poderia praticar sua profissão. É importante salientar que

Com o instituto do passe, o atleta tornava-se um trabalhador que não tinha o direito de mudar de emprego, que não podia discutir bilateralmente seu contrato de trabalho, que se via obrigado a aceitar as condições impostas por seu empregador, sob pena de não poder exercer a sua profissão (NAPIER, 2003:57).

Entende-se por passe a importância devida por um empregador a outro, equivalente à cessão do atleta durante a validade do contrato ou depois de seu término, dentro das normas desportivas. O passe era, portanto, um mecanismo legal regulamentado pela Lei nº 6.354/76, para regular a profissão de jogador de futebol. Pode-se dizer que o passe funcionava como uma espécie de licença e permissão que o jogador de futebol recebia para continuar trabalhando em outro clube, concedida pelos seus empresários e/ou procuradores para que pudesse ser transferido ou negociado de um clube para outro, em troca de indenizações ou até mesmo de outros jogadores (NAPIER, 2003:55). Logo, o jogador de futebol era um trabalhador legalmente proibido de procurar emprego em outro clube, ou seja, impedido de escolher e decidir em que clube trabalhar. Na Lei nº 6.354/76, a norma que dispôs sobre o esporte de forma mais ampla até o advento da Lei Pelé, pode-se perceber uma definição de passe que não se sustenta sem os mecanismos de cessão e transferência do atleta, os quais tinham como intuito dar lucro aos empregadores (clubes de futebol). É um sistema que tem como único objetivo a remuneração do clube que detém a propriedade do atleta. Esta

Lei vinculava o atleta ao clube, ao qual ficava preso, mesmo depois de terminado o contrato de trabalho, inclusive sem receber salário (RODRIGUES, 2007).

O passe era talvez o mecanismo mais atrasado do direito do trabalho brasileiro. O regime híbrido proposto pela Lei Pelé, que estabeleceu o fim do passe, mesmo sendo muito mais avançado que o passe, não colocou ainda o jogador de futebol em condições de se igualar com o trabalhador urbano<sup>4</sup>. Devem-se ressaltar ainda fatores como a jornada de trabalho e o calendário esportivo exaustivo que predominam no futebol, a indiferença das ocorrências de acidentes e doenças do trabalho, a vida útil laboral curta, a imposição de horários de trabalho por contratos comerciais dos clubes, além da péssima remuneração da grande maioria dos jogadores. A Lei Pelé regulamenta a cláusula penal que “é uma multa contratual para as hipóteses de descumprimento, rompimento ou rescisão unilateral de todos os contratos de atletas profissionais de todas as modalidades desportivas” (Art. 28, Lei nº 9.615/98).

Percebemos que a cláusula penal tem sido utilizada como mecanismo para prender o jogador profissional ao clube na nova configuração do mercado de trabalho no futebol brasileiro pós-Lei Pelé. Álvaro Mello Filho defende a unilateralidade da cláusula penal. Segundo ele, a cláusula penal é devida pelo atleta ao clube, resultado do rompimento unilateral por vontade do atleta; tem natureza compensatória pela quebra do pacto de permanência; a responsabilidade por seu pagamento é transferida, por costume, ao clube adquirente ou clube de destino do atleta e seu valor era fixado pelas partes contratantes e submetido a redutores estatuídos na lei (MELLO FILHO, 2000:127). Tudo isso constituiu fatores que merecem ser revisados, pois fazem com que o profissional do futebol tenha uma situação de trabalho peculiar.

O passe sempre se constituiu no grande suporte financeiro dos clubes de futebol do Brasil. Fazia com que o clube que possuía o vínculo com o

---

<sup>4</sup> O trabalhador rural em muitos casos ainda mantém condições de desvantagens em relação ao urbano.

atleta pudesse exigir do clube interessado neste uma importância para que este pudesse usufruir dos serviços do atleta. Com a Lei nº 9.615/98 e suas modificações, em 26/03/2001, o “medieval” instituto do passe deixou de existir. Sua extinção foi decretada pelo art. 2º da referida lei, foi fruto de um esforço conjunto do governo brasileiro e das entidades ligadas ao esporte que, motivadas pelo acordo firmado entre a FIFA<sup>5</sup> e a UEFA<sup>6</sup>, decidiram extingui-lo. Este é o marco inicial da reestruturação desse esporte no Brasil (MACIEL, 2003:53).

A lei que decretou o fim do passe ainda permitiu, como forma de compensação financeira ao clube formador do atleta, o direito de assinar o primeiro contrato profissional com o mesmo: “Art. 29 - A entidade de prática desportiva formadora de atleta terá o direito de assinar com este, a partir de dezesseis anos de idade, o primeiro contrato de trabalho profissional, cujo prazo não poderá ser superior a cinco anos” (Lei nº 10.672/03). O contrato de trabalho do atleta profissional tem prazo determinado, com vigência nunca inferior a três meses, nem superior a cinco anos.

A entidade formadora ainda tem preferência pela primeira renovação de contrato do jogador. Esta entidade e somente esta terá direito a exigir um tipo de indenização por formação do jogador da entidade compradora do atleta. Essa indenização, muitas vezes funciona como o antigo passe, pois torna o atleta objeto de troca no mercado, ou seja, uma mercadoria.

O fim do passe foi resultado de um conjunto de mudanças na legislação e na estrutura administrativa do futebol, que teve início com a criação do Clube dos Treze, em 1987, consolidando-se com a promulgação da Lei Pelé, e mais especificamente com o artigo que estabelece liberdade de trabalho ao jogador de futebol.

A flexibilização das relações de trabalho no futebol se expressa no fim do passe. Antes são necessárias algumas notas gerais acerca do processo de alteração no mundo do trabalho contemporâneo. Importa destacar aqui

---

<sup>5</sup> Federação Internacional de Futebol.

<sup>6</sup> União das Federações Europeias de Futebol.

o conceito de flexibilidade: “Por flexibilidad en general se entiende una adaptación de las relaciones laborales a las transformaciones provenientes del entorno económico y político en que se dan estas relaciones” (SUPERVIELLE & QUIÑONES, 2000:20).

Nosso foco é o entendimento dos atletas brasileiros acerca dos efeitos provocados pela nova legislação sobre a modernização do futebol. O artigo divide-se nas seguintes partes: (1) Introdução; (2) A Lei Pelé e a modernização do futebol brasileiro: as percepções dos jogadores entrevistados; (3) Concepções dos jogadores sobre as principais intenções da Lei Pelé; (4) Avaliação dos jogadores sobre os impactos/efeitos mais importantes do fim do passe no futebol brasileiro; (5) Opinião dos jogadores sobre os setores (e atores) mais favorecidos pelo fim do passe; (6) Considerações finais e (7) Referências bibliográficas.

### **A Lei Pelé e a modernização do futebol brasileiro: as percepções dos jogadores entrevistados**

A transformação (e/ou reestruturação) do mercado futebolístico brasileiro pode ser relacionada diretamente à uma nova fase de desenvolvimento da modalidade, na qual predomina o futebol-empresa. Nessa fase, também compreendida como parte da “era da globalização”, a produção e a veiculação do espetáculo futebolístico ganharam grande impulso nos principais centros futebolísticos mundiais (PRONI, 2001).

É necessário definirmos o que se entende por globalização. Para Carlos Estevam Martins (1996:1-2),

Simplificadamente, a globalização pode ser entendida como o resultado da multiplicação e da intensificação das relações que se estabelecem entre os agentes econômicos situados nos mais diferentes pontos do espaço mundial. Em outras palavras, trata-se de um processo que, para avançar, requer a abertura dos mercados nacionais e, tanto quanto possível, a supressão das fronteiras que separam os países uns dos outros. O motor que impulsiona a globalização para diante é a competição, juntamente com tudo aquilo que ela exige como condições de sua realização integral, vale dizer, competição

irrestrita (livre dos entraves que a possam cercear) e universal (envolvendo todos contra todos em qualquer ponto do planeta). Global e globalização são termos que não devem ser confundidos com internacional e internacionalização. Global e globalização não se referem a relações entre nações, mas a forças supranacionais que, sem ter compromissos maiores com suas bases territoriais de origem, condicionam por toda a parte o funcionamento das sociedades nacionais. [...] Com a globalização, os investidores, estejam onde estiverem, ficam assegurados de que estão sendo tomadas providências (liberalizadoras, desregulamentadoras, privatizadoras e terceirizadoras) para abolir os obstáculos que por ventura impeçam a realização de suas atividades onde quer que se torne possível obter lucros.

A mudança estrutural que ocorre no futebol, caracterizada pela introdução de novas formas de gestão, pela interface com o capital financeiro, pelas mudanças na legislação esportiva, e sobretudo pela transformação do futebol em produto globalmente comercializado – tem uma evolução própria em cada país, tendo diferentes significados.

Partindo da história recente do Brasil, vimos que ao longo do século XX, se tornaram evidentes e freqüentes uma certa percepção do “atraso” e também as tentativas de modernizar a sociedade brasileira (o “moderno” sendo sempre identificado com o que vem de fora, importação). No entanto, o mais problemático é que

[...] com freqüência, adentrava-se na tal modernidade de modo parcial, restrito. Mantinham-se as raízes, a estrutura arcaica de poder, sobrepondo-se a ela uma roupagem nova, um invólucro de modernidade. Analogamente, a evolução da organização e da configuração institucional da modalidade esportiva mais visada e comentada do país acabou expressando esse mesmo traço constitutivo da nossa sociedade. Inclusive, nos anos noventa, a modernização da gestão econômica avançou na frente, em descompasso com a modernização da estrutura política – descompasso este que parece ter-se tornado emblemático do nosso desenvolvimento tardio (PRONI, 2001:3).

As transformações pelas quais passa o futebol brasileiro nos permitem uma análise baseada na argumentação acima. Sabemos que o futebol profissional foi visto em diferentes momentos como uma

construção inacabada. Todo o discurso modernizante apontava para um projeto incompleto. Identificava-se o modelo futebolístico europeu como o melhor a ser seguido, ou seja, como a referência de modernidade.

Conforme destaca Proni (2001:4),

A força da modernidade está justamente no seu significado *progressista* (ao exigir um mercado de trabalho livre, por exemplo). Não obstante, é preciso examinar o conteúdo do “progresso”, analisar a quem cabem as escolhas. Talvez não seja socialmente benéfico, ou desejável, trocar a ética do esporte associativo pela ética da maximização dos lucros. Em particular quando a lógica do mercado conduz à exclusão e à ampliação das desigualdades, que são tendências desarticuladoras dos princípios (liberdade, igualdade e fraternidade) que deveriam embasar a construção da modernidade.

A análise que estamos fazendo dessa mudança insere-se em uma perspectiva econômica aberta pela expansão da indústria do entretenimento e do marketing esportivo, bem como no aspecto da revisão da legislação esportiva.

Nossas pesquisas acerca do processo de modernização do futebol brasileiro por meio da nova legislação indicam que a Lei Pelé (9.615/98) criou as bases legais e institucionais para a modernização do futebol no Brasil, mas não completou tal processo devido às alterações sofridas em decorrência das emendas propostas e impostas pelos parlamentares defensores dos interesses dos clubes e dirigentes no congresso nacional (Lei N° 9.981/00).

A Lei Pelé se insere no movimento de modernização do esporte, busca dar uma nova dimensão jurídica ao futebol brasileiro. Buscamos captar a percepção dos jogadores sobre a lei Pelé e seus impactos no futebol brasileiro. A nossa hipótese é de que a referida Lei modernizou somente alguns aspectos do futebol brasileiro, o que sugere ser uma modernização conservadora (na perspectiva utilizada por Fernandes (1976) para entender a modernização da sociedade brasileira). Uma análise profunda indica que a Lei Pelé modernizou um conjunto de fatores do nosso futebol,

sendo mais atuante no conjunto das relações de trabalho e no processo de empresariamento do futebol.

As investigações realizadas para fundamentar nossa argumentação nos levam a reconhecer que a Lei Pelé e o fim do passe trouxeram algumas novidades e avanços significativos no sistema de relações trabalhistas no futebol brasileiro e, conseqüentemente, nas condições sócio-profissionais dos futebolistas. No entanto, entendemos que o processo em curso se trata de uma “modernização conservadora”<sup>7</sup>, ou seja, um processo incompleto, pois alguns aspectos da nova legislação apontam para uma situação híbrida (inovações em determinados aspectos, ao lado de mecanismos tradicionais). A modernização em curso mantém algumas características do passe, tais como (a) a dependência do jovem atleta em relação ao clube (ou a escolinhas de futebol, empresários, empresas), (b) os procedimentos referentes a empréstimo e à transferência de atletas em favor dos clubes, e (c) o sistema de multas rescisórias (particularmente dos atletas que recebem mais de dez salários mínimos). A modernização conservadora representa um processo de mudança sem participação efetiva do povo e sem democratização do poder ou da propriedade, de forma que as mudanças institucionais encontram-se enclausuradas em um formalismo burocrático-conservador e as mudanças produtivas não incorporam a progressiva participação do mundo do trabalho nos excedentes econômicos. No caso do futebol, verifica-se a ausência da participação dos atletas na elaboração e/ou alterações da legislação (RODRIGUES, 2007, 2006, 2004).

A percepção dos atletas sobre esta questão é, segundo dados do Gráfico 1, a seguinte: para 69,07% dos entrevistados a Lei Pelé modernizou alguns elementos do nosso futebol. Essa informação é, por demais, importante para defendermos a tese segundo a qual a Lei Pelé representa mais uma face da modernização conservadora no Brasil, em que as mudanças são feitas de cima, buscando sempre preservar interesses

---

<sup>7</sup> No sentido utilizado por Florestan Fernandes (1976).

de grupos dominantes, na perspectiva de análise de Fernandes (1976). No caso específico do futebol o que vimos é uma reestruturação para acomodar os interesses dos dirigentes e empresários, muitas vezes em detrimento dos interesses dos jogadores. Para 17,53% dos atletas a Lei Pelé modernizou plenamente o nosso futebol e 7,22% consideram que a Lei nada mudou no nosso futebol (Quadro 01).

Podemos dizer que em *A Revolução Burguesa no Brasil*, Fernandes (1976) analisa a sociedade brasileira na perspectiva da exclusão e da impossibilidade de eliminação total de alguns traços sociais do nosso passado que se encontram mesclados, imbricados com as novas realidades, e, em alguma medida, bloqueando a realização plena da ordem social competitiva. Trata-se, certamente, de uma revolução burguesa que concilia pelo alto e exclui a classe trabalhadora. Um processo capaz de acomodar o moderno e o tradicional.

Por modernização conservadora, concebe-se o processo que implica no desenvolvimento de normas e instituições modernas, mas mantendo a estrutura de poder arcaica, uma mudança orquestrada pelo Estado, na tentativa de acomodar interesses de determinados setores dominantes. Trata-se de um ajustamento da sociedade brasileira à modernidade capitalista. As classes responsáveis pela dominação tentaram ajustar a sociedade brasileira ao capitalismo internacional em transformação e, ao mesmo tempo, preservar o caráter geral presente na própria gênese da sociedade brasileira. A solução encontrada foi à modernização conservadora, isto é, um processo de mudança sem povo e sem democratização do poder ou da propriedade, de forma que as mudanças institucionais encontravam-se enclausuradas em um formalismo burocrático-conservador e as mudanças produtivas não incorporavam a progressiva participação do mundo do trabalho nos excedentes econômicos. Nas análises de Fernandes, a modernização não é em si mesma um fator que produz mudanças da situação ou de superação efetiva das iniquidades sócio-econômicas, culturais e políticas. Ou seja, podemos dizer que na concepção de Fernandes (1976) a modernização é

estritamente econômica, resultado da cristalização da dependência, dos meios coercitivos por parte das classes privilegiadas e das desigualdades existentes.

A modernização pela qual passou a sociedade brasileira no século XX é considerada conservadora pelo fato de ter ocorrido uma modernização nos meios de produção, mas não nas relações de produção.

Quadro 01 – Modernização do Futebol pela Lei Pelé

Dimensão da Modernização	Percentuais
Somente alguns aspectos	69,07
Plenamente	17,53
Em nada	7,22
Não sabe	6,19

Fonte: Rodrigues (2007, p. 254).

Em estudos anteriores, Rodrigues (2007:254-255), já constatou que existe uma leve tendência de que quanto maior for o nível de sindicalização, maior é o percentual de jogadores que consideram que houve uma modernização incompleta no futebol brasileiro com a nova legislação que entrou em vigor com a Lei Pelé. Os atletas sindicalizados acreditam mais na modernização do futebol brasileiro pela Lei Pelé do que os não sindicalizados, mesmo que essa modernização seja apenas em alguns aspectos, ou seja, incompleta.

### **Concepções dos jogadores sobre as principais intenções da Lei Pelé**

Para analisar as transformações provocadas pela Lei Pelé, consideramos necessário conhecer a percepção/opinião dos atletas pesquisados sobre os efeitos da referida lei no futebol brasileiro. O Quadro 02 abaixo apresenta dados acerca da visão dos jogadores sobre as principais intenções da Lei Pelé. Temos, então, 37,11% dos jogadores entrevistados que afirmaram que as principais intenções da Lei Pelé eram modernizar as relações entre clubes e jogadores e melhorar a situação dos jogadores. Esse grupo de atletas tem uma avaliação que se aproxima das nossas hipóteses, pois acreditamos que a modernização empreendida pela

lei acima citada teve o intuito de libertar o atleta do antigo sistema de transferências que se pautava no passe, melhorando a situação dos trabalhadores da bola ao estabelecer a liberdade de trabalho. O objetivo é de fato trazer melhorias para os jogadores (RODRIGUES, 2007:258).

Quadro 02 – Percepção dos jogadores sobre as intenções da Lei Pelé

Intenções/objetivos da Lei Pelé	Percentuais
Modernizar as relações entre clubes e jogadores	37,11
Beneficiar o futebol em geral	21,65
A Lei é boa, mas desviaram seus objetivos com Medidas/Decretos	18,56
Favorecer somente aos empresários e clubes	18,56
Não sabe	4,12

Fonte: Rodrigues (2007:259).

É importante também destacar que 21,65% dos jogadores responderam que as intenções da Lei Pelé eram beneficiar o futebol como um todo, criando melhores condições para a ação de todos os segmentos envolvidos neste negócio. Temos aqui mais uma avaliação positiva da nova legislação feita pelos jogadores, pelos trabalhadores da bola. Isso é importante para nossa análise, pois nos permite confrontar com a avaliação feita por outros atores sociais que participam do futebol, tais como dirigentes, empresários e jornalistas.

Verificamos ainda duas grandes tendências entre os jogadores no que se refere às intenções da Lei Pelé. Uma, formada por 18,56% entrevistados, defende que a Lei Pelé é boa, mas as alterações sobre ela (Medidas e Decretos) desviaram seu objetivo principal, favorecendo aos interesses dos dirigentes e empresários (Quadro 02).

A outra tendência agrupa também 18,56% dos jogadores entrevistados e aponta que a Lei Pelé sempre favoreceu aos clubes e empresários, sem se preocupar com os jogadores. Logo, segundo essa avaliação, a lei não é boa para os jogadores (Quadro 02).

Já vimos acima a posição dos atletas sobre as principais intenções da Lei Pelé. A intenção principal da Lei Pelé era melhorar a situação dos jogadores e estabelecer um sistema moderno de relações trabalhistas. Mesmo com as medidas posteriores que alteraram o ideal geral da nova legislação, não se pode negar que houve um avanço no processo de

modernização das relações de trabalho no futebol. A extinção do passe significou, acima de tudo, a erradicação de um mecanismo tradicional (“passe”) que possibilitava que um profissional ficasse sem trabalhar, sem receber salários e sem poder buscar um novo empregador por vontade de seu “dono”, o “cartola”. Com o fim do passe se estabeleceu um sistema de relações entre clubes e jogadores mais equilibrado. É por essa razão que a extinção do passe criou um novo cenário no mercado futebolístico brasileiro. Outra inovação da Lei Pelé foi o sistema de indenizações e multas, mostrando que a relação entre clube e jogador deve ser entendida e tratada como uma relação moderna de trabalho.

### **Avaliação dos jogadores sobre os impactos/efeitos mais importantes do fim do passe no futebol brasileiro**

Um dos objetivos deste capítulo é exatamente identificar e analisar os principais impactos (efeitos/conseqüências/implicações) do fim do passe no futebol brasileiro. Estamos investigando não somente os aspectos mais concretos, tais como as mudanças nos contratos de trabalho, o aumento das transferências internacionais, a maior mobilidade interna de jogadores, as novas orientações na política de formação de atletas, como também buscando apreender a concepção dos jogadores sobre as mudanças provocadas pelo fim do passe.

A Lei Pelé realmente tinha a intenção de modernizar as relações de trabalho e os contratos entre clubes e jogadores, e claro, melhorar a situação dos profissionais da bola (os jogadores).

O Quadro 03 abaixo nos apresenta algumas estimativas a respeito da avaliação dos jogadores entrevistados sobre os efeitos mais importantes do fim do passe no futebol brasileiro.

Quadro 03 – Percepção dos jogadores sobre os impactos mais importantes do fim do passe

<b>Impactos mais importantes do fim do passe</b>	<b>Percentuais</b>
Liberdade de trabalho	43,30
Beneficiar somente os jogadores famosos	27,84
Desemprego no futebol	13,40
Maior participação dos empresários	8,25
Empobrecimento dos clubes	5,15
Não sabe	2,00

Fonte: Rodrigues (2007:262).

Conforme Rodrigues (2007:262), a opinião dos jogadores é condizente com a proposta principal da Lei Pelé (nº 9.615/98) que é estabelecer liberdade de trabalho para os jogadores ao extinguir o passe, aquele sistema tradicional de relações entre clubes e atletas. Cerca de 43,3% dos jogadores entrevistados elegeram a liberdade de trabalho como o efeito/impacto mais importante do fim do passe. Esse dado é muito importante para a nossa análise, serve de ferramenta para enfrentar o discurso de jornalistas e dirigentes esportivos fundamentado em argumentos totalmente desfavoráveis à Lei Pelé.

Vimos ainda que para 27,84% dos entrevistados o fim do passe é bom apenas para uma parcela de jogadores, especialmente aqueles que já têm seu nome feito no mercado futebolístico, pois a Lei chegou para beneficiar somente os jogadores já famosos. É comum ouvirmos esses argumentos nas entrevistas de alguns atletas, bem como nos comentários de jornalistas esportivos. Entendemos que essa posição tem uma certa lógica.

Percebe-se também que para 13,40% dos atletas o fim do passe tem como principal efeito a geração de mais desemprego no futebol. Essa é uma avaliação mais negativa. É verdade que nos últimos anos temos mais jogadores desempregados. O desemprego representa um dos mais graves problemas da economia mundial, sendo também muito mais acentuado nas últimas décadas em decorrência do processo de globalização da economia e das mudanças no mundo do trabalho.

Há ainda um pequeno grupo de atletas, algo em torno de 8,2% dos entrevistados, que respondeu que o fim do passe teve como principal efeito a maior participação dos empresários no futebol. No entanto, o fim do passe não tinha intenção de favorecer os empresários, mas de modificar o

sistema de relações contratuais no nosso futebol, até porque a nova legislação praticamente não faz alusão à figura do empresário (AFIF, 2006).

### **Opinião dos jogadores sobre os setores (e atores) mais favorecidos pelo fim do passe**

Quando discutimos a questão de quem foi mais beneficiado com a Lei Pelé e com o fim do passe, estamos muitas vezes tratando de um debate acentuadamente subjetivo. Se partirmos do ponto de vista dos jogadores, é evidente que teremos um olhar diferente daquele dos empresários. Pode-se dizer que dependendo dos interesses e compromissos de quem observa a atual transformação pela qual passa o futebol brasileiro, a modernização pode ser avaliada como ‘benéfica’, “boa” ou como ‘problemática’, “confusa”. Na verdade, depende muito da direção do processo de modernização. Este pode favorecer mais aos atletas ou aos clubes e empresários, conforme a orientação adotada pelos gestores do processo modernizante.

Dependendo das possibilidades de competir nos novos mercados, as mudanças podem ser vistas como ‘promissoras’ ou ‘destrutivas’. [...], como as perspectivas do futebol-empresa acabam dependendo do comportamento de mercados mais amplos, nos quais a comercialização do espetáculo futebolístico se insere, no momento há mais dúvidas do que certezas a respeito dos resultados dessa transição [...] (PRONI, 2001:4).

A Lei Pelé veio modernizar o futebol brasileiro, modificando os contratos e as relações de trabalho entre clubes e jogadores. Sabemos que os seus efeitos são recentes e nem sempre agradam a todos os setores do futebol. O mercado futebolístico funciona mesmo como um campo, formado por atores sociais com interesses diferenciados. Por isso o fim do passe pode ter agradado mais aos jogadores do que aos dirigentes, ou também pode ter favorecido mais aos empresários do que aos jogadores e

dirigentes. Para saber exatamente isso é necessário uma investigação cuidadosa, conforme defende Rodrigues (2007:265).

Na tentativa de apreender a avaliação dos jogadores entrevistados sobre os segmentos (atores) ligados ao futebol que foram mais favorecidos com o fim do passe, obtivemos resultados interessantes, como pode ser visualizado no Quadro 04. Cerca de 32,99% dos atletas responderam que os jogadores foram os mais favorecidos com o fim do passe. Nossa hipótese central de trabalho segue nessa direção. O fim do passe veio de fato melhorar as relações trabalhistas no futebol brasileiro, tendo como preocupação central o bem do atleta, do trabalhador.

Uma parcela significativa de atletas afirmou que o fim do passe favoreceu mais aos empresários (26,80%). Estes teriam sido os mais beneficiados pela nova legislação. Parte da imprensa também pensa assim, e defendem que a Lei Pelé penalizou os clubes e somente ajudou aos empresários. É importante destacar que algo em torno de 16,49% dos entrevistados acreditam que o fim do passe favoreceu ao futebol como um todo, sendo todos os segmentos beneficiados. Verifica-se também que 11,34% dos entrevistados responderam que o fim do passe favoreceu mais aos clubes e somente 4,12% dos atletas afirmaram que o fim do passe gerou uma crise geral no futebol, prejudicando a todos. Nosso entendimento é de que esta é uma concepção equivocada, visto que o futebol brasileiro já estava em crise antes do fim do passe entrar em vigor. Portanto, os argumentos dessa concepção são frágeis. Alega-se que a Lei Pelé foi elaborada com o intuito de quebrar os clubes brasileiros ao lhe tirar o direito de vender os atletas. Os clubes brasileiros enfrentam crises financeiras há algum tempo, já que são muito mal administrados e o mercado consumidor de futebol, formado pela torcida, é pobre se comparado ao mercado europeu.

Quadro 04 – Percepção dos Jogadores sobre os setores mais favorecidos pelo fim do passe

<b>Setores mais favorecidos pelo fim do passe</b>	<b>Percentuais</b>
Jogadores	32,99
Empresários	26,80
Futebol como um todo	16,49
Clubes	11,34
Nada mudou no futebol	6,19
Gerou crise no futebol, prejudicou a todos	4,12
Não sabe	2,06

Fonte: Rodrigues (2007:266).

Neste capítulo, defendemos o argumento de que os jogadores e os clubes de futebol foram os setores mais beneficiados pelo fim do passe. Os jogadores ganharam liberdade de trabalho, melhores condições para negociar os contratos, e os clubes podem ganhar se fizerem um bom trabalho na formação de atletas e souberem criar mecanismos (contemplados pela lei) para reter os jovens jogadores. Na verdade, é importante ressaltar que mesmo alguns dirigentes defendendo que os empresários foram os mais beneficiados pela Lei Pelé, é necessário ressaltar que a referida lei não trata de empresários. Buscava, em sua essência, criar mecanismos gerais para o desenvolvimento do futebol no país. Todos os setores envolvidos no mundo do futebol que desejam uma realidade nova e organizada ganharam com o fim do passe. As avaliações sobre os efeitos do fim do passe são os mais diversos, depende diretamente dos interesses dos atores que fazem parte desse meio. É nesse sentido que o conceito de campo é muito útil nessa análise. Por campo entendemos um espaço de diferenciação social, que funciona de acordo com regras e normas próprias, dotado de autonomia relativa frente à política, à economia e à religião. No campo existem atores sociais estratégicos preocupados que buscam maximizar seus interesses e influenciar nas definições e divisões sociais. Existem disputas por capitais materiais e simbólicos (BOURDIEU, 2000).

## Considerações Finais

Analizamos as concepções dos jogadores brasileiros sobre os impactos da Lei Pelé e do fim do passe no mercado futebolístico nacional. Enfatizamos as percepções dos atletas acerca dos efeitos provocados pela nova legislação sobre a modernização do futebol, o sistema de relações de trabalho e contratos entre clubes e jogadores, as principais intenções da Lei Pelé, os setores mais favorecidos com o fim do passe, as influências do fim do passe no sistema de transferências de atletas e na mudança na idade da profissionalização dos jogadores.

Um dos argumentos centrais deste capítulo é de que a Lei Pelé e o fim do passe redefinem as relações entre clubes/empresários/jogadores de futebol pela flexibilização do sistema de transferência de jogadores, e representam a passagem de um sistema tradicional, rígido, servil e paternalista, para um sistema moderno, flexível e contratual. Trata-se de uma nova regulamentação do sistema de transferências de jogadores e de relações de trabalho no futebol, mas não significa a plena liberdade de trabalho do jogador de futebol devido aos mecanismos que continuam vinculando o jogador ao clube, como a cláusula penal, o sistema de multas rescisórias e as indenizações de formação e de promoção de jogadores. Por isso, o fim do passe (produto da Lei Pelé) tende a criar um sistema híbrido de relações entre clubes, jogadores e empresários. No entanto, o fim do passe não foi suficiente para abolir os mecanismos de negociação e venda de jogadores e as correspondentes taxas de intermediação, o que implica uma dimensão da modernização conservadora. Na verdade, foram criados mecanismos (indenizações em caso de rompimento do contrato de trabalho, indenizações por formação e promoção dos jogadores e cláusula penal) que “prendem” o atleta aos clubes e/ou aos empresários.

## Referências

AFIF, Antônio. *Exportação de jogadores brasileiros (2005/2006)*. [www.cidadedofutebol.com.br](http://www.cidadedofutebol.com.br) (acesso 30/08/2006).

AIDAR, Antônio Carlos Kfourri; LEONCINI, Márvio Pereira & OLIVERIA, João José de. (Orgs.). **A Nova Gestão do Futebol**. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 2000.

ALTHOFF, Geraldo. **Relatório final da CPI do futebol**. Brasília: Senado Federal. Dezembro de 2001.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 2000.

BRASIL Lei 6816/80. *Diário Oficial da União*. 19/08/80.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A Busca de Excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FGF. Federação Gaúcha de Futebol. **Revista Oficial da Federação Gaúcha de Futebol**. Porto Alegre: Adventus, 2000.

FERNANDES, Florestan. **A Revolução Burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

GIDDENS, Anthony. **As Conseqüências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo, Editora Atlas, 1987.

MACIEL, M. R. **O contrato de trabalho do jogador de futebol: leis versus realidade**. Faculdade de Direito. Centro Universitário Ritter dos Reis. Canoas, 2003. (Trabalho de conclusão de curso).

MARTINS, C. E. *Da globalização da economia à falência da democracia*. **Economia e Sociedade**, Campinas Unicamp, nº 6, 1996.

MELLO FILHO, Á. **Nova legislação do desporto (Comentários e atualização)-Leis nº s. 9. 615/98 e 9.981/00 e MP 2.141/01**. Fortaleza: ABC, 2001.

MELLO FILHO, Á. **Novo ordenamento jurídico-desportivo**. Fortaleza: ABC, 2000.

NAPIER, R. D. **Manual do Direito Desportivo e Aspectos Previdenciários**. São Paulo: IOB, 2003.

PRONI, Marcelo. *A Modernização do futebol brasileiro*, In: **Seminário Virtual Sociedad y Organizaciones Deportivas** CEO José B. Zubiaur - Villa Mercedes (San Luis) Argentina, 2001.

PRONI, Marcelo. **A Metamorfose do Futebol**. Campinas: UNICAMP, 2000.

**Relações de Trabalho no Futebol Brasileiro III: considerações acerca do projeto de Lei nº 2.437/1996. Consultoria Legislativa. Estudo**, Câmara dos Deputados, Brasília, fevereiro de 2002.

**Revista Consultor Jurídico**, 19 de abril de 2001.

RODRIGUES, F. X. F. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGS) 2007.

SUPERVIELLE, Marcos e QUIÑONES, Mariela. *La instalación de la flexibilidad em Uruguay*. **Revista Sociologias**, Porto Alegre: UFRGS, nº 4, jul/dez 2000.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

**Bolas de papel:  
a imprensa como fonte para os estudos sobre o futebol**



## **Relembrando a "Mais Gaúcha de Todas as Copas": disputas identitárias na imprensa esportiva da Copa do Mundo de 2002**

*Édison Luis Gastaldo*<sup>1</sup>

### **Introdução**

Em 2002, há quase vinte anos, já estávamos no século XXI, mas o mundo era bastante diferente do que é hoje. Já havia internet, mas não havia YouTube, nem Wikipedia, nem Facebook. A rede social então dominante era o Orkut. Menos de 20% da população brasileira tinha acesso a internet. Havia celulares, mas não smartphones. O presidente era Fernando Henrique Cardoso, no final de seu segundo mandato. A seleção brasileira, desacreditada após a goleada sofrida contra a França na final da Copa de 1998 (3 x 0), não empolgava nem os torcedores nem a imprensa, apesar de ter jogadores de grande destaque mundial, como a dupla de ataque Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Nazário. Os jogos da Copa do Mundo 2002, realizada entre Coréia do Sul e Japão, eram transmitidos 3h e 6h da manhã, devido ao fuso horário. Não por acaso, houve dificuldade para que a Rede Globo, que adquirira os direitos de transmissão com exclusividade, completasse os patrocinadores para o evento. O principal deles, o Guaraná Antártica, tinha um slogan misterioso e nada confiante: “Bote fé na seleção”... Entretanto, contra todas as expectativas, a seleção brasileira foi

---

<sup>1</sup> Antropólogo, doutor em Multimeios (Unicamp, 2000). Centro de Estudos de Pessoal /Forte de Copacabana.

avancando, encontrando seu jogo e, na final, venceu a Alemanha com autoridade: 2 x 0.

Poucos dias depois da vitória da seleção brasileira na final da Copa do Mundo de 2002, várias das passarelas de pedestres que transpõem a BR-116 em Canoas, município da região metropolitana de Porto Alegre, foram pintadas de amarelo com frases compostas em letras verde-escuro. Cada passarela ao longo de vários quilômetros continha uma frase: “O Rio Grande Já Sabia”; “O Brasil Tem Seleção”; “O Mundo Tem Pentacampeão”; “Canoas Tem Felipão” e “A Família Scolari Somos Todos Nós”. Cada uma destas frases permite ser pensada em termos de categorização de pertencimento, acionando um determinado componente identitário em contraposição a outro, seja ele “gaúcho” em oposição ao “brasileiro”, “brasileiro” em oposição ao “resto do mundo”, “Canoas” (onde Luiz Felipe mora com a família) em oposição às outras cidades brasileiras (em especial Porto Alegre), e, o mais intrigante: a inclusão indeterminada promovida pela primeira pessoa do plural, na frase “A Família Scolari Somos Todos Nós”. Caberia perguntar: “Nós” quem? Canoenses? Gaúchos? Brasileiros? Seres Humanos? Empregado pelo comentarista Tostão (Folha de S. Paulo, 7/5/02, pág. D1) para descrever a seleção brasileira que, sob o comando de Luiz Felipe, iria disputar a Copa do Mundo de 2002, a extensão da categoria “membro da Família Scolari” a “todos nós” promove uma inclusão indiscriminada, abrangendo todos aqueles que se considerarem “um dos nossos”.

Tal exemplo aponta com clareza para a complexidade das questões identitárias associadas à participação deste time especial de futebol, a “seleção brasileira”, neste torneio de futebol especial, a “Copa do Mundo”, participação cujos “fatos” colaboram para definir consensualmente o Brasil como “O País do Futebol” (ver, neste sentido, DA MATTA (1982), GASTALDO (2002), GASTALDO e GUEDES (2006) e HELAL (2001).

Este trabalho se propõe a refletir sobre a complexa relação entre futebol e identidade brasileira a partir de sua manifestação/atualização midiática, tomando o caso da Copa de 2002 como um exemplo, uma

ilustração de uma problemática histórica, a da construção social de uma “identidade nacional” ou “caráter nacional” no Brasil. O caso escolhido para análise acrescenta um outro elemento igualmente complexo a esta problemática: a relação periferia x centro entre o Rio Grande do Sul e o “centro do País”, nomeadamente Rio de Janeiro e São Paulo. Tal conflito, que historicamente se manifestou em vários conflitos armados, como, entre outros, a Guerra dos Farrapos (1835-45), a Revolução de 1930 ou a Crise da Legalidade (1961), perpassa o imaginário social brasileiro, refletindo-se na cultura brasileira em geral e de modo particularmente acentuado na cultura gaúcha, ao estabelecer uma oposição identitária entre “gaúchos” e “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subsumida à segunda, mas hierarquicamente colocada em igualdade. O campo esportivo, entendido como campo simbólico de manifestação de elementos da cultura, reflete e atualiza este conflito, como no histórico jogo entre “seleção brasileira x seleção gaúcha”, ocorrido em 1972 e analisado por Guazzelli (2002).

Como fato cultural da maior importância na cultura brasileira contemporânea, o futebol tem sido apontado como um dos principais elementos geradores de identidade nacional no Brasil. Assim, o futebol jogado em nosso país é reinterpretado segundo os códigos da cultura brasileira, dotando-o de significados que ultrapassam as estritas linhas do campo de jogo. Como ressalta Simoni Guedes (1998), há uma relação de ordem metonímica entre a “seleção brasileira” e o “povo brasileiro”, reforçada pelo discurso da imprensa esportiva.

O terceiro termo da problemática a ser abordada diz respeito justamente à mediatização dos eventos esportivos, processo social de articulação de significados que, em nossa sociedade, produz definições da realidade acerca dos fatos esportivos, colaborando de modo ativo no estabelecimento e manutenção de significações culturais acerca destes fatos.<sup>2</sup> Este processo de articulação de significados torna o discurso

---

<sup>2</sup> Para uma excelente discussão acerca das implicações da relação entre mídia e futebol, ver RIAL (2003).

mediático um importante elemento de produção e reprodução de cultura em nossa sociedade. No caso específico desta pesquisa, foram analisados discursos jornalísticos da imprensa brasileira que tematizaram a relação entre nacionalidade e futebol no Brasil durante a Copa do Mundo de 2002, realizada entre 31 de maio e 30 de junho de 2002.

### **A “imprensa de chuteiras”**

O discurso da imprensa esportiva, no contexto mais geral da produção discursiva jornalística, possui particularidades que acredito ser importante especificar. Em primeiro lugar, o discurso da imprensa esportiva refere-se a um conjunto de fatos considerados ‘menores’: os fatos do jogo, que segundo Huizinga (1971) se opõem à ‘seriedade’ da vida cotidiana, ao mundo sério do trabalho, da economia e da política. Os fatos esportivos pertencem à esfera do entretenimento, da distração, a uma hierarquização ‘secundária’ em relação às editoriais mais ‘nobres’ do jornalismo, e isto se reflete na produção discursiva do jornalismo esportivo. A subjetividade do enunciador-jornalista esportivo é menos regulada institucionalmente do que em outras editoriais – um cronista esportivo ‘torcer’ por um time em seu texto é muito menos grave do que um editor de política ou apresentador de telejornal fazer o mesmo por um candidato ou partido, por exemplo (GASTALDO, 2002). Inclusive, eventuais rasgos de passionalidade na definição da realidade proposta por um jornalista esportivo são mesmo parte formadora deste gênero literário/jornalístico, como nas célebres crônicas esportivas de Nelson Rodrigues (ver neste sentido MARQUES, 2000).

Não obstante o rebaixamento da importância da editoria de esportes no contexto jornalístico, a apropriação midiática dos fatos esportivos constitui-se em um fenômeno de audiência constante na mídia brasileira, o que revela, se não sua ‘importância’ como tema jornalístico, pelo menos sua relevância como fato social. Por exemplo, na Copa de 2002, o recorde de participação na audiência da Rede Globo foi quebrado em um horário

improvável: 6 horas da manhã, devido à transmissão exclusiva do jogo de futebol Brasil x China, na fase inicial da competição. Na Copa de 1998, que pesquisei durante minha tese de doutorado (GASTALDO, 2000) não havia sido diferente, exceto pelo fato de cinco emissoras abertas terem transmitido o evento: na média, as emissoras somadas transmitiram as partidas da seleção brasileira para 94% dos televisores ligados no país a cada jogo (fonte: Ibope).

A menor exigência de ‘objetividade’ de um jornalista esportivo faz com que os discursos da imprensa esportiva sejam mais passíveis de manifestação de elementos simbólicos da cultura na qual se inserem – machismo, racismo e outros preconceitos, inclusive – permitindo pensá-los como um interessante ‘ponto de observação’ acerca da definição de imaginários simbólicos em nossa sociedade pela mídia. Neste sentido, pode ser estendida a reflexão de Luiz Gonzaga Motta acerca do chamado “*fait divers*”, quando ele sugere que a construção da notícia “vai muito além dos fatos, envolve a arbitrariedade da criação pessoal do repórter, transcende mesmo a atividade jornalística para chegar até os mitos da sociedade” (MOTTA, 1997:318). Esta opinião é compartilhada por Nelson Traquina, que, ao referir-se ao paradigma que ele denomina ‘etnoconstrucionista’ (fusão entre etnometodológico e construcionista), entende as notícias como “narrativas, ‘estórias’, marcadas pela cultura dos membros da tribo e pela cultura da sociedade onde estão inseridos, sendo necessário mobilizar todo um saber de narração” (TRAQUINA, 2001:86-7). Desta forma, acredito que a investigação da apropriação midiática dos fatos esportivos referentes à Copa do Mundo de 2002 nas páginas da imprensa esportiva de diferentes regiões do Brasil constitui um interessante fenômeno discursivo a ser investigado, possibilitando uma compreensão mais aprofundada do papel da mediatização na relação do futebol com a cultura brasileira, bem como das definições da identidade nacional brasileira sustentadas nestes discursos.

## Notas sobre Método

Este trabalho revisita dados obtidos a partir da clipagem sistemática e coleta de dados dos jornais *Folha de São Paulo*, de São Paulo; *Jornal do Brasil* e *O Globo*, do Rio de Janeiro, *Zero Hora* e *Correio do Povo*, de Porto Alegre, durante o período de 24 de maio a 7 de julho de 2002, isto é, de uma semana antes até uma semana depois da Copa do Mundo. Esta opção se deveu à característica marcante do discurso jornalístico de não se ater somente à narração dos “fatos”, mas também a sua interpretação, desdobramentos e previsões – em particular no que concerne à imprensa esportiva.

Neste capítulo, foram analisados principalmente os jornais *Zero Hora* e *Correio do Povo*, visando a discutir a relação entre centro x periferia simbolizada na participação dos “gaúchos” na seleção brasileira a partir dos discursos da imprensa esportiva.

Esta dimensão cronológica do corpus nos permite a observação das questões associadas à pesquisa em diferentes momentos, ampliando uma simples observação dos fatos ocorridos – as partidas e resultados propriamente ditos – para uma análise acerca das idéias e concepções motivadas pelo evento ao longo de sua realização. Os textos selecionados tiveram sua temática parcialmente compilada, evidenciando-se primordialmente os vínculos com as questões propostas pela pesquisa, com a finalidade de promover maior agilidade e precisão na recuperação de informações e análise do material. Foram catalogados obedecendo a um critério de organização cronológica e nominal, sendo o banco de dados constituído a partir da data da edição, nome do caderno, título do artigo/matéria, e observações referentes ao texto, indicando quais vinculações com as questões de pesquisa. Desta forma, este banco funciona como um mapa, através do qual se torna possível a captação de textos de um determinado período dentro da Copa, artigos de um determinado autor, ou ainda a verificação de assuntos específicos.

Tendo como objeto de análise os discursos da imprensa esportiva acerca da Copa do Mundo de 2002, a coleta de dados objetivou a seleção

de textos que articulassem, explícita ou subjetivamente, a relação da apropriação de elementos simbólicos da cultura brasileira, as identidades brasileiras, ou gaúchas, presentes nestes discursos, assim também como as questões organizadoras do conflito "periferia" *versus* "centro do país". A identificação destas relações nos discursos dos jornais analisados serviu como matéria-prima para a formatação do banco de dados, referência para o projeto.

O mapeamento das seções internas dos jornais a serem estudadas orientou para uma observação mais atenta dos cadernos esportivos, em particular o “Correio da Copa”, do jornal Correio do Povo, e o “Jornal da Copa” de Zero Hora. Foram ainda observados os textos editoriais de cada periódico, que não raramente tematizaram questões relativas à Copa do Mundo.

Ainda que o volume considerável e capital dos discursos acerca da seleção brasileira e da Copa do Mundo posicionem-se majoritariamente nos cadernos esportivos, a busca foi efetuada em todas as diferentes seções dos jornais. Durante este período, os temas “Copa do Mundo”, e “seleção brasileira” são tematizados nas mais diversas editoriais, além dos quadrinhos, charges e publicidade. Por vezes, matérias divulgadas em editoriais “sérias”, como economia ou política, por exemplo, veiculam representações de valores nacionais relacionados ao esporte de modo muito mais assertivo – naturalizando essencializações acerca do ‘ser brasileiro’ – do que a maior parte das matérias que tematizam somente o desempenho atlético do time de futebol “seleção brasileira” no torneio “Copa do Mundo”.

### **Outras Raízes do Brasil: a relação centro x periferia no Rio Grande do Sul**

A relação estabelecida entre o Rio Grande do Sul e o Poder Central brasileiro foi, ao longo da História, uma relação tensa, cujas origens remontam ao Tratado de Tordesilhas (1494). Pelos termos do tratado, o

limite sul da porção portuguesa do Novo Mundo terminaria na altura de Laguna, no litoral sul de Santa Catarina, ficando todas as terras a oeste – e ao sul – sob domínio espanhol. Assim, o território onde hoje fica o Rio Grande do Sul acabou tendo uma ocupação territorial tardia com relação a outras regiões do Brasil, situando-se nos tempos coloniais como em um território de “fronteira móvel” entre as possessões portuguesas e espanholas, variando entre o norte do RS e Buenos Aires, com intensa beligerância de parte a parte. No começo do século XVIII, a coroa portuguesa iniciou uma política de ocupação do território entre São Vicente (hoje Estado de São Paulo) e a Colônia do Sacramento (hoje Uruguai). Tal política consistia em doação de terras a tropeiros e militares, que, ao invés de passar pelo território em busca de gado xucro ou de inimigos, nele se estabeleceram, criando estâncias de gado, onde a rudeza do clima e as atividades ligadas à pecuária – a cavalo – teriam dado origem a este “tipo regional brasileiro”, o “gaúcho”<sup>3</sup>. A apropriação discursiva de diversos elementos desta matriz histórica ainda hoje se encontra presente como emblema de uma “identidade gaúcha”, como pode ser inferido no seguinte trecho de Erico Verissimo:

Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno – e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosas que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos numa permanente carga de cavalaria. (VERISSIMO, 1969:3-4)

A alusão a um “inconsciente coletivo” – ecoando a posição culturalista de Ruth Benedict – que comporia um “caráter gaúcho” a partir de suas matrizes históricas campeiras e guerreiras, não é somente de Érico

---

<sup>3</sup> Para uma introdução à história do Rio Grande do Sul, ver CESAR (1964).

Veríssimo, ela se articula com um discurso identitário de senso comum no Rio Grande do Sul, gerando representações sociais acerca do “ser gaúcho” que, como afirma Oliven (1992:49), “acabam adquirindo uma força quase mítica que as projeta até nossos dias e as fazem informar a ação e criar práticas no presente”. Tais “práticas sociais do presente”, informadas por este discurso identitário, manifestam-se nos mais diversos setores da sociedade gaúcha.

O futebol, um dos grandes operadores simbólicos de identidade brasileira contemporânea, apresenta um interessante paralelo, uma espécie de “versão futebolística” da controvertida relação simbólica entre Brasil x Rio Grande do Sul, cujos traços principais de identificação são apontados por Arlei Damo:

O gaúcho altivo, valente e destemido, o centauro dos pampas cujo mito se tornou ideologia com a atuação do MTG é também o estereótipo que orienta, ao longe, as manifestações dos torcedores e, principalmente, os discursos midiáticos. (DAMO, 2002:132)

Houve um momento histórico em que esta diferença entre província e nação se tornou explícita em um jogo de futebol: em 17 de junho de 1972, no Estádio Beira-Rio, em Porto Alegre, cerca de 110.000 pessoas (o recorde histórico do estádio) vaiaram a seleção brasileira do começo ao fim do jogo, apoiando a “seleção gaúcha”. Esta era formada por um combinado de Grêmio e Internacional, que incluía o defensor uruguaio Anchieta, o centroavante argentino Oberti e o zagueiro chileno Figueroa entre seus titulares. O insólito e simbólico jogo se deveu a uma espécie de “desagravo” da então CBD com relação à não-convocação do jogador gremista Everaldo, único gaúcho escalado para a seleção tricampeã do mundo em 1970. A ausência de jogadores gaúchos que disputariam a “Minicopa” do Sesquicentenário da Independência suscitou revolta entre os torcedores gaúchos, revolta que se manifestou na imprensa esportiva da época, analisada por Guazzelli:

O deslocamento dos eventuais antagonismos e descontentamentos para o futebol faz sentido nesta conjuntura em que a noção de nacionalidade era transferida para uma Seleção campeã, símbolo de todos os sucessos do “milagre brasileiro”, síntese das palavras de ordem ufanistas que identificavam o futuro aqui e agora. O Rio Grande, ao qual se negara o pertencimento a esta pátria vencedora, ia uma vez mais para a guerra contra a Corte, ali no terreno em que melhor se consolidava a imagem da nação. Contra a “pátria de chuteiras” de Nelson Rodrigues, erguia-se a “província de chuteiras”! (GUAZZELLI, 2002:67)

Tal episódio pode ser considerado exemplar de um modo de apropriação social dos fatos do futebol no Brasil, e de modo particular a relação simbólica que se estabelece entre o “futebol gaúcho” e o Rio Grande do Sul, homóloga à existente entre “seleção brasileira” e Brasil. Cabe ressaltar que o ressentimento associado a esta complicada relação entre centro e periferia não parece ser somente de parte da imprensa gaúcha; haveria uma contrapartida no discurso jornalístico do “centro do país”, sob a forma de críticas com relação ao “futebol gaúcho”, entendido como desleal, violento e “europeizado”, em tudo distinto do “futebol-arte”, categoria que definiria o “modo brasileiro” de jogar futebol. Neste sentido, Damo (2002), analisando o discurso da imprensa esportiva brasileira com relação ao futebol gaúcho, explora esta articulação midiática entre o futebol gaúcho e o jogo violento, de marcação forte e disciplina tática, antítese do “futebol-arte”, como no trecho a seguir, do cronista Alberto Helena Jr:

O diabo é que o estilo do Grêmio me lembra sua antítese, em matéria de brilho – o drible de Garrincha. Todo mundo sabia de cor e salteado quais os movimentos que faria, sempre para a direita. E ninguém conseguia impedi-lo de repetir a jogada hipnótica e fatal (HELENA JR., FSP, 15/5/96, citado por DAMO, 2002:142)

A expressão “antítese de Garrincha”, o jogador-síntese do “futebol-arte”, dá conta de estabelecer uma distância entre o “ser brasileiro” (e ser

adepto do futebol-arte e do campo semântico a ele associado) e o “ser gaúcho” (com toda sua carga de oposição ao “ser brasileiro”).

### **“Um título gaúcho!”, disse o cronista.**

Na Copa de 2002, o técnico da seleção brasileira era justamente Luiz Felipe Scolari, o técnico da equipe do Grêmio em 1994-6, treinador emblemático do “futebol gaúcho” analisado por Damo, fazendo deste caso um fenômeno particularmente interessante para estudar, dada a sobreposição de categorias relacionadas ao referente “seleção brasileira” (nacional / regional; futebol-arte / futebol-força; brasileiro / europeu / platino, entre outras). Em 31 de maio de 2002, dia da abertura da Copa do Mundo, por exemplo, o jornal gaúcho Zero Hora apresentou a seguinte manchete: “Começa a mais gaúcha de todas as Copas”, motivada pelo elevado número de jogadores gaúchos na equipe – além do próprio técnico.

O mesmo tema – o da seleção brasileira-gaúcha – foi abordado humoristicamente por Kledir Ramil, no artigo “O DNA da família Scolari”, publicado na revista IstoÉ de 10 de julho de 2002, no qual ele “prova” ironicamente que todos os jogadores da seleção são, no fundo, gaúchos:

...Kléberson e Rogério Ceni são paranaenses, e Paraná, em tupi- guarani, quer dizer “Rio Grande”. Tá explicado. Caetano Veloso decretou há pouco que “a verdadeira Bahia é o Rio Grande do Sul”, portanto, os baianos Vampeta, Dida, Júnior e Edílson são trigaúchos. (...)

Na divulgação da lista dos convocados, o jornal Folha de São Paulo (7/5/02, p. D4) ressalta a “descentralização” promovida por Luiz Felipe, na matéria intitulada “Seleção de Scolari foge do eixo Rio-SP”. Nesta matéria, destaca-se a menor participação de jogadores paulistas e cariocas na seleção em todas as Copas do Mundo. Curiosamente, a matéria refere o número de baianos, brasilienses e paranaenses – sem mencionar os jogadores e dirigentes gaúchos.

Nos primeiros jogos da Copa, a crônica esportiva gaúcha fez coro com a tendência nacional de criticar severamente o time de Felipão, como no trecho abaixo, em que o cronista do *Correio do Povo*, jornal de Porto Alegre, comenta uma entrevista com Luiz Felipe no final da primeira fase:

Felipão está cada dia mais irritado com os questionamentos sobre a zaga. Voltamos a tocar no assunto e a resposta foi esta: “A imprensa está passando dos limites”. (...) Felipão disse isso e emendou: “Os zagueiros tão elogiados, os melhores do mundo, estes já foram embora. Os do Brasil continuam aqui”. A eliminação da Argentina e da França tem servido como pretexto para justificar nossas falhas. (MOMBACH, *Correio do Povo*, 17/6/02)

Após a convincente vitória no jogo com a Inglaterra, a tendência de críticas dos cronistas gaúchos começou a mudar. Começaram a surgir comentários relativizando as críticas anteriormente feitas e um deslocamento da questão polarizando a imprensa esportiva gaúcha com a do “centro do país”, como no seguinte trecho, em que o cronista comenta a falha do zagueiro Lúcio (ex-jogador do Internacional/RS), que resultou no primeiro gol da Inglaterra:

Há sempre um primeiro pensamento, uma primeira palavra, e esta foi estigma. Quando Lúcio falhou, entregando o gol, rendendo o Brasil, pensei em Dunga e em manchetes como “fim da era Felipão”. (...) Lembrem de 1990? Tivemos ali o fim da era Dunga, transformada depois em recomeço. Foi quando o centro do país tentou sepultar o estilo gaúcho. Lúcio não é gaúcho, mas é tido como tal. Não se iludam: há muita gente aqui guardando os pregos para crucificar Felipão e com ele, um estilo, o nosso. Ciúme dói! (MOMBACH, *Correio do Povo*, 22/6/02)

Com a conquista do título, a tensão até então discretamente manifesta entre jornalistas gaúchos e do “centro do país” pôde ser melhor evidenciada – no caso, pelos “vencedores”, como nos trechos abaixo:

Cinco razões para não esquecer a Copa de 2002: (...) - A revanche dos gaúchos contra a descrença paulista e carioca em Felipão. (...) (Zero Hora, 1º/7/02)

Onde há um gaúcho, há chimarrão. E se um gaúcho portando cuia é um gaúcho pilchado, bem, então eu vi o Rio Grande do Sul, na figura de Felipão, entrando feito César em triunfo em Brasília ontem. (...) Conto agora, passada a Copa do Mundo. Jogavam Brasil x Inglaterra e, na falha boba de Lúcio, um jornalista paulista faz a seguinte observação: “Viu! É nisso que dá escalar esta gauchada”. Recalque. Escrevam isto: o centro do país está sendo obrigado a digerir Felipão. (MOMBACH, *Correio do Povo*, 3/7/02).

Fica evidente aqui a atualização de uma tensão centro x periferia de origens arcaicas, que coloca em confronto “gaúchos” x “brasileiros”, como se a primeira categoria não fosse subordinada à segunda, mas hierarquicamente equivalente. Os atributos que distinguiriam uma categoria da outra, aplicados ao campo de futebol, são traduzidos em termos de “estilos” de jogar, que refletiriam o ethos de cada uma das categorias.

A edição de 16/06/2002 do jornal Zero Hora apresenta na capa de seu caderno esportivo uma foto do jogador Ronaldinho Gaúcho sorrindo, sob o título: “O sorriso do Brasil”. Esta apresentação de Ronaldinho Gaúcho como “O Brasil”, mediado pelo “sorriso”, reafirma um sentido de incorporação do ‘brasileiro’ pelo ‘gaúcho’ na imprensa gaúcha, inicialmente a partir da figura de Felipão e, depois do gol da vitória contra a Inglaterra, também por Ronaldinho Gaúcho, que além do pertencimento regional expresso no nome foi reconhecido por cronistas do “centro do país” (como Armando Nogueira e Galvão Bueno, por exemplo) como emblema-vivo do “futebol-arte”, manifestação mitificada do “ser brasileiro” no campo de futebol. Esta aparente inversão da ordem de subordinação do regional frente ao nacional – como se, parafraseando Caetano Veloso, “o verdadeiro Brasil fosse o Rio Grande do Sul” – evidencia a tensão de um processo histórico ancestral que parece longe de um fim. A julgar pelo texto de Helal e Soares (2003), que analisaram os relatos da imprensa esportiva carioca acerca da seleção, não só não teria havido esta tensão nos dados que analisaram, como nos jogos finais da Copa o time brasileiro seria mesmo um exemplo do resgate do “futebol-

arte”, como no trecho abaixo, em que o cronista Armando Nogueira louva as virtudes “nacionais” dos dribles de Ronaldinho Gaúcho:

Um drible de Ronaldinho Gaúcho é o retrato perfeito do proverbial jeitinho brasileiro, que hoje, mais do que nunca, há de fazer a diferença. (Jornal do Brasil, 30/6/02, citado por HELAL e SOARES (2003))

Entretanto, a aparente unilateralidade desta tensão torna este fenômeno ainda mais intrigante. A demanda dos gaúchos pelo “respeito” dos “brasileiros” do “centro do país” torna os relatos jornalísticos acerca desta Copa particularmente emblemáticos do emprego do futebol como mecanismo de legitimação ideológica. Este ponto fica bastante claro com a lógica da apropriação das figuras dos jogadores da seleção como emblemas da “identidade gaúcha”, (ou brasileira, tanto faz), como no trecho abaixo:

Este é um título gaúcho, o mais marcadamente gaúcho dos cinco títulos. É um título gaúcho porque foi conquistado pelo grande Lúcio do jogo final, pelo Ronaldinho Gaúcho, que decidiu quase sozinho contra a Inglaterra, pelo Polga, pelo preparador físico Paixão. Mas principalmente é um título gaúcho porque foi comandado pelo Luiz Felipe, um predestinado para ser campeão. (SANT'ANNA, Zero Hora, 1º/7/02)

É curioso notar que Lúcio, zagueiro da seleção citado no trecho acima, tem de “gaúcho” somente o fato de ter sido jogador do Internacional de Porto Alegre, tendo nascido em Brasília e estar, na época da Copa, jogando em um time alemão. Neste sentido, ele tanto poderia ser chamado de “brasiliense” como de “alemão”, o que evidencia o acionamento cotidiano de lógicas identitárias basicamente como recurso retórico, muito mais do que qualquer questão de “essência” do que quer que seja – lógica discursiva que o debochado texto de Kledir Ramil satiriza.

Se Helal e Soares consideram estar em curso o declínio da ideologia da “Pátria de Chuteiras”, pode-se dizer que a ideologia da “Província de Chuteiras”, constituída na e pela oposição a um Estado nacional centralizador – cuja denominação “centro do país” é significativa – parece

estar extremamente ativa. Nos termos destas narrativas, a própria ausência de alusões à “gauchidade” da seleção brasileira é considerada significativa, como quando Hiltor Mombach – um dos mais exaltados defensores deste ponto – declara: “Calaram-se os que ficaram na espreita, contra a turma do chimarrão” (CP, 3/7/02).

Assim, o caso da Copa de 2002, tendo em vista suas especificidades identitárias, constitui-se em uma rica fonte de dados para problematizar a estreita relação entre futebol e identidade no Brasil, um ponto de tensionamento entre lógicas identitárias diversas, e não poucas vezes contraditórias a ponto de derivarem em conflitos armados.

### **Para concluir**

Com este trabalho buscou-se levantar algumas questões sobre a construção social das “identidades brasileiras” mediadas pelo futebol no Brasil, a partir da apropriação discursiva da “seleção brasileira” na Copa do Mundo de 2002 pela imprensa esportiva. É importante destacar o papel da mídia neste processo de constituição de identidade articulado ao futebol: embora no contexto jornalístico a editoria de esportes seja considerada uma editoria “menor”, vale lembrar que, no Brasil, a Copa do Mundo não existe a não ser como apreensão de um fato midiático, e que a audiência dos jogos do Brasil na Copa soma a quase totalidade dos aparelhos ligados – fato cada vez mais raro em tempos de segmentação de públicos.

As matrizes históricas das identidades regionais e nacional no Brasil sustentam valores e lógicas muitas vezes contraditórias, que encontram expressão no campo de futebol. A Copa de 2002, nesse sentido, foi notável por ter colocado no campo midiático uma composição tensa de “identidade brasileira” e “identidade gaúcha” personificada na figura do técnico Luiz Felipe Scolari. Tal composição atualizou um antigo conflito entre “lógicas identitárias” distintas manifestas no futebol, como entre os chamados “futebol-arte” e “futebol-força”, entre criatividade e disciplina, de que o

embate jornalístico pré-Copa de 2002 entre as figuras de Romário x Felipão é uma boa ilustração. As páginas esportivas dos jornais oferecem bem mais do que relatos de jogos: oferecem também um ponto de vista privilegiado para pensar as lógicas identitárias em jogo no Brasil contemporâneo.

## Referências

CÉSAR, Guilhermino. "As Raízes Históricas". in: **Rio Grande do Sul: Terra e Povo**. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

DAMO, Arlei S. **Futebol e Identidade Social - uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002.

GASTALDO, Édison. "Os Campeões do Século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo" in: **Revista Brasileira de Ciências do Esporte** (22/1). Campinas: CBCE/Autores Associados, setembro de 2000.

GASTALDO, Édison e LEISTNER, Rodrigo. "A Mais Gaúcha de Todas as Copas": *identidades brasileiras e imprensa esportiva na Copa do Mundo*". in: **Anais da V Reunião de Antropologia do Mercosul**. Florianópolis: UFSC, 2003.

GASTALDO, Édison e GUEDES, Simoni L. (orgs.) **Nações em Campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

GUAZZELLI, César. A. "500 anos de Brasil, 100 anos de futebol gaúcho: construção da 'província de chuteiras'". In: **Verso e Reverso** (XVI/34). São Leopoldo: Unisinos, 2002.

GUEDES, Simoni L. "O Povo Brasileiro no Campo de Futebol" in: **O Brasil no Campo de Futebol**. Rio de Janeiro: EDUFF, 1998.

HELAL, Ronaldo e SOARES, Antonio J. "O Declínio da Pátria de Chuteiras: futebol e identidade nacional na Copa do Mundo de 2002". Comunicação apresentada na **XII Reunião da Compós**. Recife: 3 a 6 de junho de 2003.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens: o jogo como elemento da cultura**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

MARQUES, José C. **O Futebol em Nelson Rodrigues**. São Paulo: EDUC, 2000.

MOTTA, Luiz G. “*Teoria da Notícia: as relações entre o real e o simbólico*” in: MOUILLAUD, M. e PORTO, S. (org.) **O Jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Paralelo 15, 1997.

OLIVEN, Ruben G. “*O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação contraditória*” in: **A Parte e o Todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação**. Petrópolis: Vozes, 1992.

RIAL, Carmen S. “*Futebol e Mídia: a retórica televisiva e suas implicações na identidade nacional, de gênero e religiosa*” in: **Antropolítica: revista contemporânea de Antropologia e Ciência Política** (14/1) Niterói: UFF, 2003.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do Jornalismo no Século XX**. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2001.

VERISSIMO, Érico. “*Um romancista apresenta sua terra*” in: **Rio Grande do Sul – terra e povo**. Porto Alegre: Globo, 1969.

## Campos que resistem, páginas que contestam: imprensa alternativa e futebol na ditadura empresarial-militar (1975-1978)

*Guilherme Kichel de Almeida*<sup>1</sup>

O debate sobre a relação entre esporte e política ou, de forma ampliada, a relação entre esporte e outras esferas da sociedade, embora sempre presente de alguma forma em determinados momentos, adquire mais relevância<sup>2</sup>. No caso deste trabalho<sup>3</sup>, privilegio um desses períodos ao buscar de que forma o futebol apareceu nos jornais da imprensa alternativa brasileira no período entre 1975 e 1978, mais especificamente nos jornais *Opinião* (1972-1977) e *Movimento* (1975-1978).

Em tons mais específicos, partindo da premissa de que os jornais alternativos pesquisados se colocavam contra a ditadura empresarial-militar (1964-1985) e, em geral, apresentavam um perfil de *esquerda*, procurei entender, primeiro, se o futebol aparecia como temática nesses jornais e, em segundo, com a confirmação de sua aparição nas páginas alternativas, a forma que o assunto foi abordado por esses dois jornais. Dentre as diretrizes que conduziam a indagação, estava justamente se a

---

<sup>1</sup> Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - Contato: [g.kichelalmeida@outlook.com](mailto:g.kichelalmeida@outlook.com)

<sup>2</sup> Por exemplo, recentemente, em final do mês de agosto de 2020, os jogadores na *National Basketball Association* (NBA), liga estadunidense de basquete, se recusaram a entrar em quadra durante a fase de *play-offs* em protesto à violência e à injustiça racial contra os negros naquele país. Tal protesto chamou a atenção do mundo para como o esporte, principalmente através de seus atletas, pode servir como meio para a expressão política, nesse caso, contestadora. Referência: <https://www.brasildefato.com.br/2020/08/27/boicote-de-jogadores-da-nba-contra-violencia-policial-nos-eua-repercutiu-mundialmente>. Acesso em: 07 de set. de 2020.

<sup>3</sup> Este artigo tem como origem primordial minha dissertação de mestrado. Ver: ALMEIDA, 2018.

imprensa alternativa, enquanto espécie de porta-voz da esquerda daquele período, condenaria ou não o futebol como “ópio do povo”, ou seja, seria o futebol um simples instrumento alienante conduzido pelas classes dominantes e pelo Estado ditatorial.

Ao estabelecer essas conexões, torna-se fundamental, conforme sublinha Hilário Franco Júnior (2007:168-179), atentar que o vínculo existente entre o futebol e o mundo político é historicamente recorrente. O historiador chama atenção, por exemplo, que diversos espectros político-ideológicos, de distintos sistemas de governo, tentaram se aproximar do futebol antevendo algum proveito ou ganho político. Dentre esses exemplos está a ditadura empresarial-militar brasileira (1964-1985), que utilizou o futebol tanto propagandisticamente, almejando vincular os sucessos da Seleção à imagem do governo ditatorial (FICO, 1997), quanto administrativamente, interferindo diretamente na Confederação Brasileira de Desportos (CBD) (a partir de 1979, Confederação Brasileira de Futebol) e na própria comissão técnica do esporte nacional (FRANCO JÚNIOR, 2007:142).

Ao explorar esse contexto histórico, Euclides Couto (2014:169-171) sintetiza e identifica que nesse momento havia determinado *ethos* autoritário vigendo na sociedade brasileira como um todo e no futebol, em particular. A militarização do futebol, a influência do pensamento tecnocrático, bem como a difusão de práticas sociais autoritárias, focando, por exemplo, no comportamento e na disciplina, faziam-se presente nas organizações, clubes e comissões técnicas do esporte mais popular do país. Não à toa, Franco Júnior (2007) classifica a intenção de transformar os jogadores de futebol em *atleta-soldado*, disciplinados e preparados para obedecer às ordens de uma cadeia hierárquica bem definida.

No entanto, consoante será abordado neste artigo, parte da sociedade e parte do futebol brasileiro não aceitaram se submeter aos desmandos autoritários reinantes naqueles tempos. Nessa chave de resistências, estava a já mencionada “imprensa alternativa” do período. Esta se distinguia da “grande imprensa” ou “imprensa liberal”, segundo Maria

Aparecida de Aquino (1999), pois, enquanto a imprensa liberal adotava, e ainda adota, o liberalismo como diretriz ideológica, pretensamente oferecendo “neutralidade” a diversas correntes de pensamento, ao passo que, na verdade, defende os interesses ligados ao capital e baseia-se nos prismas capitalistas para sua organização, a imprensa alternativa ou se organizava empresarialmente ou como propriedade coletiva dos jornalistas ou ainda como representantes de determinados grupos sociais diferenciados. Como não se pretendia “neutra”, a “imprensa alternativa” realizava um jornalismo engajado e assumia a defesa de determinados interesses de grupos/classes sociais, sendo estes majoritariamente ligados à esquerda.

Nesta senda, além das características que contrastam com a imprensa liberal, também opto por inserir a imprensa alternativa brasileira como pertencente a determinado período histórico, no caso, a ditadura empresarial-militar (1964-1975), possuindo, assim, como uma de suas principais características de atuação jornalística, a oposição à ditadura instaurada naquele período. Na definição de Regina Festa:

O termo *imprensa alternativa* é de domínio comum da sociedade brasileira e identifica um tipo de jornal tablóide ou revista, de oposição, dos anos 70, cuja venda era feita em bancas ou de mão em mão. Eram publicações de caráter cultural, político e expressavam interesses da média burguesia, dos trabalhadores e da pequena burguesia. Eram espaços nos quais grupos de oposições ou frentes políticas emitiam uma corajosa condenação ao regime político. (FESTA, 1986:16)

Dentre os jornais que faziam parte da imprensa alternativa, dois deles foram escolhidos como principais fontes deste trabalho, o jornal *Opinião* (1972-1977) e o jornal *Movimento* (1975-1981). O primeiro foi um dos mais importantes jornais alternativos do período. Fundado por Fernando Gasparian, em 1972, tinha sua sede no Rio de Janeiro/RJ, circulava nacionalmente e contava com a participação de renomados intelectuais e jornalistas da época, alguns deles afastados de suas atividades ou exilados. Ademais, possuía um perfil intelectualizado, com alguma tendência

própria à esquerda liberal e crítico ao regime ditatorial (KUCINSKI, 1991). O segundo, similar ao primeiro, foi relevante jornal da imprensa alternativa do período. Encabeçado por Raimundo Pereira - sendo sediado em São Paulo/SP e possuindo alcance nacional - formara-se, principalmente, por dissidentes do *Opinião* (inclusive o próprio Raimundo sendo um deles). Deixou de lado o perfil mais intelectualizado para buscar um caráter mais popular, nacionalista e radicalizado em relação ao *Opinião* (AQUINO, 1999), defendendo claramente bandeiras como a luta da classe trabalhadora, da Anistia e da Assembleia Constituinte. Nesse esforço de imprimir ao jornal caráter mais popular, o suplemento *Assuntos*, por exemplo, foi criado com o objetivo de que temáticas, consideradas mais próximas ao povo, fossem publicadas, inclusive, com linguagem tida como mais acessível (AZEVEDO, 2011:113). O referido suplemento durou de 1975 a 1978, deixando de existir em razão da pesada censura que *Movimento* sofreu do governo ditatorial, o que trouxe severos prejuízos de tiragem e, conseqüentemente, de natureza econômica, fazendo-se necessário o corte de determinadas iniciativas editoriais.

Em relação à utilização da imprensa como fonte, cabe afastar a compreensão de que jornais emitiriam a “verdade” sobre a realidade. Parto do fundamento gramsciano de que a imprensa participa da sociedade civil e da sociedade política, buscando lutar pela hegemonia (GRAMSCI, 2001:78). Além disso, faço referência a Tânia Regina Luca (2014), que chama a atenção para a necessidade de historicizar a fonte jornalística, inserindo esta em determinado espaço/tempo, clareando, assim, a ideologia ou mesmo o projeto político-ideológico defendido por determinado organismo de imprensa estudado.

Deslindado o significado histórico da imprensa alternativa, assim como as nuances teóricas da mesma enquanto fonte histórica, cabe referenciar a outra chave de resistência ora destacada, o futebol. Nesse sentido, a obra já mencionada de Couto (2014), fundamental para esta pesquisa, é também essencial para a compreensão de como jogadores de relevância no período aqui estudado, como Afonsinho, Paulo César Lima e

Reinaldo, cada um a seu modo, utilizaram seu poder e relevância para confrontar determinados aspectos desse *ethos* autoritário vigente no período ditatorial. Como se verá adiante, tais personagens apareceram nas páginas alternativas, ora em tom elogioso, ora em tom crítico, o que demonstra como o futebol, enquanto esporte mais popular do país, também foi – ainda que mais discretamente do que outros assuntos – pauta da imprensa alternativa do período.

Em relação aos personagens supracitados, José Paulo Florenzano (2010), ao estudar a formação e a história da *Democracia Corinthiana*<sup>4</sup>, trouxe importantes contribuições para o entendimento de como os jogadores de futebol são vistos na sociedade brasileira em geral, inclusive na perspectiva da participação cidadã/política. O antropólogo chama a atenção, nesse sentido, para o tortuoso caminho que esses atletas normalmente precisam percorrer para conseguirem se legitimar enquanto cidadãos:

*De animal a divindade*, mas sem jamais passar pela condição de cidadão, o caminho trilhado pelo jogador de futebol encontra-se envolto pelo paradoxo [...]. Ou a onipotência de uma divindade à qual tudo e todos devem se submeter, ou a impotência de um “animal” ao qual só resta cumprir ordens, do qual só se espera obediência às determinações dos especialistas que o cercam e o mantêm imobilizado numa identidade domesticada e numa posição subalterna dentro de uma estratégia de poder (FLORENZANO, 2010:22).

Florenzano defende que, por estar situado entre extremos, é negado ao jogador a possibilidade de fazer-se enquanto cidadão. Num universo em que sua capacidade física é a exigência principal, a condição de ser pensante é negada. A função do futebolista, assim, é a de servir aos que mandam nas estruturas sociais e esportivas. Não lhes é atribuída a

---

<sup>4</sup> A “Democracia Corinthiana” foi um movimento político e esportivo gestado e executado pelos jogadores e pela comissão técnica do Corinthians no início da década de 1980. Encabeçado pelos jogadores Sócrates, Wladimir, Zenon e Casagrande, além do diretor técnico Adilson Monteiro Alves, o movimento propunha que o time fosse organizado de forma democrática em relação às decisões sobre concentração, tática, regras de comportamento e etc. Significou, no contexto ditatorial, uma forma de resistência à Ditadura ainda vigente no Brasil.

faculdade de questionar, não são vistos como habilitados a intervir nem, por exemplo, num meio no qual são os protagonistas.

Nesse sentido, os jornais pesquisados estabeleceram tensões em relação ao paradoxo levantado por Florenzano, pois, ao dar espaço e voz a alguns dos personagens e iniciativas que, de algum modo, contestavam o *ethos* autoritário que se impunha naquele período, tais periódicos destacaram a cidadania e a politização existentes no futebol. Como se verá, ajudaram a forjar, ao invés do “atleta-soldado”, o “atleta-cidadão” e ultrapassaram, assim, a visão simplista do futebol como “ópio do povo”.

### **Os Jogadores e a Luta por Direitos**

Durante a década de 1970, os direitos trabalhistas dos jogadores de futebol ainda estavam para ser efetivamente regulamentados no país. Situação que, conforme Soares (2007), estabelecia a profissão como carente de uma clara definição de sua natureza jurídica. Nesse sentido, em razão dessas lacunas normativas, diferentes resoluções, com destaque para a Deliberação nº 9/1967 do Conselho Nacional de Desportos, procuraram regulamentar aspectos jurídicos referentes à profissão de atleta de futebol. Esta última resolução instituía o “Passe” - um dispositivo jurídico que caracterizava o vínculo negociável de um atleta de futebol em relação a determinado contratante (clube de futebol) - como pertencente ao clube, restringindo de forma decisiva a liberdade de escolha dos jogadores sobre onde gostariam de trabalhar.

Nesse contexto, na virada da década de 1960 para a década de 1970, deflagrou-se grande polêmica entre o jogador Afonso Celso Garcia dos Reis, mais conhecido como Afonsinho, e o clube então detentor de seu “Passe”, o Botafogo-RJ. Apesar de ser um meio-campo de talento e de ser visto como possível substituto do ídolo Gérson “canhotinha de ouro”, Afonsinho vinha encontrando poucas oportunidades de jogar com o técnico botafoguense Zagallo. Insatisfeito, conseguiu que o clube carioca o emprestasse no início do ano de 1970 e, após ser reintegrado a General

Severiano, viajou para Europa, no que classificou como “turismo cultural” (COUTO, 2014:201). Ao retornar ao Brasil e ao clube botafoguense, apareceu para treinar de cabelos e barbas longas, o que levou o técnico a afastá-lo até que, nas palavras do comandante, “aparecesse com a aparência adequada”. Este episódio, somado à resistência anterior do treinador em escalar o jogador e à impressão de que este era perseguido pelo técnico, foi definitivo para que Afonsinho adotasse postura rebelde e de enfrentamento frente à comissão técnica.

Em razão desse difícil cenário, o Botafogo optou por rescindir o contrato de Afonsinho com a agremiação, justificando que o comportamento do meio-campista feria o código disciplinar do clube (COUTO, 2014:208). Essa situação deixou o jogador num “limbo”, pois, mesmo sem contrato, segundo a norma vigente, o atleta não poderia defender outro clube em razão de seu “Passe” pertencer ao alvinegro carioca e este não querer negociá-lo. Dessa maneira, o jogador, a partir do incentivo de seu pai, começou uma campanha midiática para que pudesse conquistar o “Passe Livre”. Entrevistas para jornais da grande imprensa, bem como para periódicos alternativos, além da adesão de personalidades como Chico Buarque, Gilberto Gil e Sérgio Ricardo, fizeram com que a celeuma tomasse dimensões nacionais. Depois de intensa pressão, Afonsinho conseguiu, em março de 1971, o direito de escolher o lugar em que gostaria de trabalhar. Foi, assim, o primeiro jogador brasileiro a ser detentor do próprio “Passe”.

Num contexto sociopolítico de perda de direitos e de repressão desenfreada, a postura de Afonsinho, em não aceitar os desmandos da diretoria botafoguense e lutar pelo que seria uma conquista inédita no futebol brasileiro, elevou a representatividade do atleta, que passou a ser visto como símbolo de contestação à ordem vigente. Tais premissas ajudam a entender o porquê de, em dezembro de 1975, o jornal *Movimento* ter dedicado parte da seção *Assuntos* para ouvir o que o jogador tinha a dizer sobre a situação do jogador de futebol no Brasil. Com o título *Passe Livre*, o texto, que se propõe como uma espécie de entrevista, é, na

verdade, uma coleção das declarações do jogador. Chama-se atenção que a reportagem estava colocada no suplemento *Assuntos*, considerado como “mais popular” pela editoria do jornal. Ademais, a matéria não menciona diretamente a questão do “Passe Livre”, mas sim, procura indagar Afonsinho sobre quais seriam os problemas que a classe dos jogadores vinha passando naqueles meados dos anos 1970. Em específico, focaliza na relação de trabalho entre os atletas e seus empregadores. Segundo Afonsinho, é o primeiro que é o mais prejudicado da relação:

O clima do profissionalismo que vigora, desse sistema de interesse por dinheiro, funciona em cima de uma danada falta de liberdade pro homem, pro jogador. Em termos ideais, acho que o cara devia jogar futebol e desenvolver outras potencialidades suas, desenvolver suas possibilidades, se realizar como gente, por inteiro. (MOVIMENTO, n.24, 15/12/1975:11)

A fala de Afonsinho trata, mesmo sem explicitar diretamente, do tema alienação no futebol. Porém, a abordagem não é feita através do prisma bastante utilizado, em que a preocupação é o “ópio do povo” ou a “manipulação das massas”, mas sim, salientando a relação de trabalho entre jogador e clube/patrão como alienante. Isto é, a fala do atleta tangencia o conceito marxista de alienação, em que jogadores/trabalhadores, ao serem obrigados a vender sua força de trabalho por dinheiro, se alienam de sua própria consciência e do que seria sua natureza, pois tem a sua função primordial enquanto ser humano (o trabalho) apropriada por seus exploradores. Dessa maneira, aquilo que deveria ser uno e harmônico, consciência humana em conjunto com a prática humana (*práxis*), se torna separado. Nas palavras do filósofo Leandro Konder, “a consciência divorciada da prática marca, no homem, a *alienação*.” (KONDER, 2009:65).

Como se denota do trecho acima, Afonsinho procura refletir mais sobre a condição do jogador de futebol, de dependência e de limitação perante seus padrões/clubes do que falar especificamente de sua história pessoal de luta por direitos. Nesse aspecto, o fato de o tema específico do “Passe Livre” não ter sido abordado, faz com que o termo, contido no título

da matéria, ganhe outro significado, ou seja, de uma discussão da liberdade mais ampla do jogador em um meio visto por Afonsinho como absolutamente repressor. No excerto abaixo, esse aspecto fica claro:

Agora, existe uma realidade palpável e tal, que o futebol-profissão, é a indústria do futebol mesmo, querendo o homem com (*sic*) uma máquina de jogar bola [...] Por exemplo, os instrumentos de medo e de eliminação do relacionamento humano, em favor de um relacionamento interesseiro [...] Os caras que investem cruzeiros nessa indústria são os que ativam os instrumentos de medo, de repressão, de concentração. (MOVIMENTO, n.24, 15/12/1975:11)

A fala do jogador, dialogando diretamente com o *ethos* autoritário vigente na época, chama a atenção para a coadunação entre os princípios repressivos e a edificação da “indústria do futebol”. Ainda, a figura utilizada pelo meio-campista – “máquina de jogar bola” – permite clara relação com a lógica do jogador/atleta não pensante e comandado pelos seus patrões. Ao aspirar mais liberdade ativa para os jogadores, Afonsinho demonstra-se como um crítico contumaz seja da conjuntura do futebol brasileiro de então, seja da própria estrutura presente no futebol e na sociedade brasileira como um todo, que sustenta(va) relações repressivas e autoritárias.

Do ponto de vista do jornal, a matéria sobre Afonsinho revela alguns dos embates encapados, ainda que timidamente, pelo periódico, como o da privação das liberdades dos jogadores e a expectativa/cobrança para que estes saiam da inércia, se unam enquanto classe e lutem por seus direitos. Ambas pautas que, além de se relacionarem entre si, também são correlatas ao posicionamento político do semanário de luta contra a ditadura pela perspectiva da união da classe trabalhadora. Nesse sentido, o fato de a entrevista de Afonsinho ter sido publicada num suplemento de caráter mais popular, permite inferir que o jornal pretendia utilizar o futebol como instrumento para que as classes populares pudessem refletir sobre as relações autoritárias e exploradoras entre patrão e empregado vigentes no capitalismo.

Em relação aos direitos trabalhistas dos jogadores de futebol, a temática aparece novamente no jornal *Movimento* apenas dois anos depois da publicação da matéria com Afonsinho. Na edição número 126, de 29/11/1977, na matéria *Muita Coisa Vai Mudar*, o semanário entrevistou o então meio-campo do Vasco da Gama, Zé Mário, em razão de sua eleição para a presidência da recém-fundada Associação Profissional dos Atletas de Futebol (APAF). Quando perguntado sobre os objetivos da função da APAF, o representante eleito explanou:

A função principal da APAF é reivindicar o que a lei nos dá mas a maioria dos clubes não dão, como o 13º salário, o PIS, o Fundo de Garantia. Nós reivindicamos agora, e conseguimos, as férias de 30 estipuladas por lei que estava querendo passar por cima. Eu acredito que no Rio, a criação da APAF, vai mudar muita coisa especificamente na relação entre jogador e clube que deixa muito a desejar. (MOVIMENTO, n.126, 29/11/1977:9)

Ao mencionar o que “a lei dos dá”, Zé Mário se refere à Lei nº 6.354/1976 (BRASIL, 1976), que, pela primeira vez no país, apesar de manter o “Passe” como sendo pertencente *a priori* aos clubes e não aos atletas, regulamentou a profissão de jogador de futebol, considerando a categoria como detentora de direitos similares aos garantidos pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT). Porém, mesmo com a nova lei, a situação do jogador brasileiro não havia sofrido mudanças imediatas, visto que as garantias legais, segundo a denúncia de Zé Mário, ainda não estavam sendo respeitadas, por exemplo, por boa parte dos clubes cariocas.

Nesse cenário, os jogadores do Rio de Janeiro resolveram se mobilizar, criando a APAF. Se de um lado, tal institucionalização ilumina o aspecto positivo da reivindicação classista, do outro, deixa transparecer a desunião dessa mesma classe de trabalhadores e/ou o processo ainda germinal de constituição de uma consciência coletiva entre os atletas, pois, por exemplo, inexistia, na época, uma associação nacional de futebolistas, dentre outros motivos, porque não havia, no país, nem cinco associações

estaduais oficiais de jogadores de futebol, critério mínimo para a criação de entidade de âmbito nacional.

No contexto da discussão sobre os direitos trabalhistas dos jogadores, tanto a questão da regulamentação da profissão de jogador de futebol quanto a do “Passe” foram abordadas pelo semanário na entrevista com Zé Mário:

Bem, para quem não tinha uma profissão regulamentada a lei foi uma grande coisa. Mas eu acredito que muita coisa ali tem de ser mudada. Por exemplo, o passe. O jogador depois de 10 anos de clube ganha passe livre. Ele, com 32 anos, é a mesma coisa que mandar embora, porque no Brasil onde se joga todo o dia, quarta e domingo, o jogador depois de 28 anos já estava iniciando a curva descendente. Então, com 32, com o passe na mão, você vai para onde? [...] porque quem fez essas leis não tem a vivência do futebol. Um técnico, um jogador dar uma opinião isso não foi feito [...] (MOVIMENTO, n.126, 29/11/1977:9)

A crítica do representante de classe, além de vislumbrar as difíceis condições de calendário e de exigências dos clubes em relação aos jogadores, é justamente sobre como o “Passe” prejudicava o trabalhador na relação com seu empregador. Praticamente retirava qualquer liberdade de decisão e de negociação do atleta, já que era o clube que dava a última palavra. Sendo possível, como o caso Afonsinho ilustrou, que o jogador não pudesse nem mais exercer sua profissão caso ocorresse rompimento do contrato ou, conforme é denotado na citação em supra, caso o jogador seja obrigado a permanecer vinculado a determinado clube durante os melhores anos de sua saúde física, obtendo a “liberdade” apenas no ocaso de sua vida futebolística. Apesar de reconhecer o avanço em ter sua profissão legalmente regulamentada, predomina na fala de Zé Mário, portanto, o viés crítico/negativo da Lei nº 6.354/1976.

Das duas matérias analisadas neste tópico, é possível inferir, de um lado, que o futebol foi visto pelo jornal *Movimento* como um meio para que temas como direitos trabalhistas e relações entre patrão e empregado viessem à tona numa perspectiva crítica. No entanto, por outro, há de se

atentar tanto para a distância temporal entre as duas publicações, praticamente dois anos, quanto para a pouca relevância dada a ambas em termos de espaço editorial, visto que ocuparam curto perímetro nas páginas em que apareceram. Nota-se, assim, como o futebol, mesmo quando incluído em debates mais amplos e caros ao jornal, como a união da classe trabalhadora e a luta contra o autoritarismo, ainda não era tão privilegiado editorialmente.

### **Paulo César Lima: rebeldia necessária**

O recrudescimento do *ethos* autoritário, somado a um período em que o futebol, inclusive e principalmente em termos midiáticos, se apresentava cada vez mais como “futebol-espetáculo” em razão, dentre outros motivos, do aumento e da diversificação da indústria da comunicação em diferentes “nichos”, fez com que as lentes e as máquinas de escrever das empresas de comunicação passassem, com mais frequência, a focar no futebol para além das quatro linhas.

Nesse contexto, os jogadores de futebol tiveram, paulatinamente, suas vidas pessoais e personalidades mais expostas. Um dos produtos, que essa inaugural era do espetáculo gerou, foi a classificação de jogadores que, de alguma forma, não se encaixavam em determinado padrão de regras estabelecidas e pelos *status quo* da sociedade (e do futebol) como *jogador-problema*.

Paulo César Lima, mais conhecido pelo pejorativo apelido Paulo César “Caju”, foi um desses jogadores que, conforme Euclides Couto (2014:194), por seu estilo e personalidade forte, ainda mais enquanto jogador negro em meio a uma sociedade racista, logo passou a ser visado por boa parte da imprensa pelos lugares que frequentava, pelas vestimentas que usava e pelo o que seriam as “polêmicas” que se envolvia. Desse modo, tanto o estereótipo quanto o debate em relação ao comportamento do jogador já estavam colocados em meados da década de

1970, sendo justamente a partir desse pressuposto que tanto *Opinião* quanto *Movimento* focalizaram as matérias jornalísticas sobre o jogador.

Em *Opinião*, na matéria, *Paulo César, um Rapaz Mal Comportado?*, publicada pelo semanário em 13/06/1975, o jornalista João Máximo, ao traçar um breve contexto sobre a “má vontade” de parte da imprensa e do público para com o jogador, também buscou, com tons de ironia, desmistificar o rótulo de *jogador-problema* do então atleta do Fluminense:

Namoradas brancas beijadas à luz do dia, camisas esportes de cores berrantes, calças justas sob medida, carro esporte com buzina estridente, cabelo ligeiramente pintado de acaju, o gosto pelo *som*, curtido nos inferninhos da zona sul (ainda que sem bebida alcoólica, fumo e outros embalos do gênero) – este têm sido os maiores pecados de Paulo César. Pecados, enfim, que fazem seu comportamento tão censurável. (OPINIÃO, n.136, 13/06/1975:11).

A desmistificação proposta pelo jornalista incide justamente na normalização do comportamento do jogador, evidenciando, inclusive pela própria construção frasal do trecho acima, que não haveria, ou que não deveria haver nada de tão censurável nas atitudes de Paulo César fora do campo.

Dentre as razões que Máximo identifica como explicações para que Paulo César receba esse tratamento pejorativo, está o fato de o jogador, além de ser negro, também não se adequar a determinado padrão de “bom comportamento” ao qual deveria se encaixar, em que a discricção, a valorização da “família” e as atitudes e falas comedidas seriam a regra. Modelo esse, diga-se, plenamente harmônico com o chamado *ethos* autoritário vigente, visto que pretendia, autoritariamente, manter o *status quo* e sufocar qualquer traço de liberdade dos grupos historicamente subalternos na sociedade brasileira. Alicerçado nesse raciocínio, Máximo classifica Paulo César como o “anti-bom moço”, buscando contrastar o comportamento do jogador com a maior referência de então, dentro e fora dos campos, Pelé:

Sempre que um jogador de futebol parece ‘sair da linha’ – e sobretudo quando este jogador é negro – começam a surgir as inevitáveis comparações com Pelé [...] Em outras palavras, enquanto Pelé sempre agiu exatamente como as pessoas esperavam que ele agisse, Paulo César fazia de seu comportamento um modo, ainda que deformado, de se afirmar num mundo que sempre o hostilizou. (OPINIÃO, n.136, 13/06/1975:11).

De maneira geral, o contraste entre as figuras de Paulo César e Pelé promovido pelo jornalista deixa mais claro que *Opinião* buscou entender o primeiro de maneira complexa, não somente inserindo-o em determinado contexto sócio-histórico, mas também valorizando principalmente a altivez e, por que não, a coragem do então atleta do Fluminense em desafiar, em tempos de repressão, determinados padrões de “bom comportamento”.

Se em *Opinião*, a qualificação de Paulo César é vista por um prisma relativamente positivo, em *Movimento*, o tom é mais crítico ao jogador. Na matéria, *Por Que Paulo César Não Está na Seleção?*, publicada em 07/02/1977, de autoria creditada à sigla S.B. e que repercute uma entrevista dada pelo atleta ao *Jornal do Brasil* (JB), o semanário alternativo analisa as atitudes do jogador com certas ressalvas:

A entrevista de Paulo Cesar ao JB é surpreendente porque repõe as coisas no lugar e mostra que o jogador apesar de todo o seu desvio ideológico (o exibicionismo; a tentativa de se igualar ao que há de mais nocivo na sociedade, ou seja, aos muito ricos) tem aspirações interessantes. Agora, vai jogar no Saint Germain de Paris (“Adoro Paris”) e quer fazer um curso de Letras na Sorbonne. (MOVIMENTO, n.84, 07/02/1977:10)

Nota-se como o periódico, mesmo criticando num jargão típico da esquerda revolucionária da época o que seriam os “desvios ideológicos” do jogador, também termina por valorizar suas aspirações intelectuais e culturais, certamente vistas pelo jornal como diferentes das que normalmente os jogadores de futebol ambicionavam na época. Dessa maneira, mesmo que Paulo César não possa ser considerado o “tipo ideal” de rebelde, a matéria procura valorizar sua opinião, pois numa classe

estigmatizada pela conformidade, o ponta-esquerda é visto como alguém diferenciado. Nessa lógica é que a fala do jogador sobre Pelé e a questão racial ganham destaque:

Paulo Cesar se diz vítima de preconceito racial, e nesse ponto, fala de um assunto que a grande maioria de seus colegas sempre evitou: o bomocismo de Pelé [...] “Não critico ninguém, mas se eu fosse ele, teria sido diferente. A verdade é que Pelé nunca contribuiu para afirmar a raça negra. Isso é que me irrita, o negro brasileiro se acovarda, se omite, não luta por nada. (MOVIMENTO, n.84, 07/02/1977:10).

Novamente, aparece a comparação entre Paulo César e Pelé. E, mais uma vez, tal contraste serve para valorizar o posicionamento político do primeiro e condenar a passividade do segundo. Porém, diversamente da matéria de *Opinião*, a pauta principal é o racismo. Nesse sentido, conforme Araújo (1999), *Movimento* ecoa certo “espírito do tempo”, quando as pautas relacionadas às lutas identitárias ou lutas anti-opressão passam a ganhar mais espaço na imprensa alternativa.

O caso de Paulo César Lima é, portanto, emblemático, pois é contestador ao chamado *ethos* autoritário do período. Dessa maneira, a aparição do jogador nas páginas alternativas, dessa vez, diferentemente do ocorrido com Afonsinho e Zé Mário, com mais destaque editorial (embora ter aparecido apenas uma vez em cada publicação), demonstra disposição de tais periódicos em mais valorizar do que criticar a postura do ponta esquerda. Dentre as razões para essa escolha dos semanários, certamente o fato de Paulo César apresentar-se em confronto à lógica autoritária estabelecida, coadunou-se (não sem fagulhas, conforme a classificação “desvio ideológico” apontou) com as diretrizes programáticas dos jornais.

### **Reinaldo: “bom de bola e bom de cuca”:**

José Reinaldo de Lima ou, simplesmente, Reinaldo, apesar de estar com apenas 21 anos nos idos do ano de 1978, já era craque e ídolo do Atlético Mineiro. Despontava, assim, como uma das principais esperanças

para a Seleção na Copa do Mundo que se avizinhava e que seria realizada na Argentina, país também envolto em um governo ditatorial e em pesada repressão. De rara técnica e com apurado faro de gol, o atacante, artilheiro do campeonato brasileiro de 1977, com 28 gols, também se mostrava disposto a utilizar os campos e a sua voz para manifestação de sua cidadania e de sua politização. Não à toa, comemorava seus gols com o braço erguido, num gesto inspirado, conforme o próprio jogador referiu (COUTO, 2014:222), em Tommie Smith e John Carlos, atletas negros estadunidenses que, nas Olimpíadas de 1968, ficaram marcados por subirem ao pódio com as luvas negras e os punhos em riste, num protesto à segregação racial pela qual os Estados Unidos passava.

Foi esse o jogador que, na edição de número 140, do início de março de 1978, foi capa do jornal *Movimento*. Com o título *Reinaldo (o goleador do Atlético), Bom de Bola (é o artilheiro do Campeonato Nacional) e Bom de Cuca (diz que o povo sabe votar e defende a constituinte)*, a edição continha uma entrevista com o atacante atleticano, que repercutiria não somente durante o restante do ano no semanário, mas também para além das páginas do periódico<sup>5</sup>. Nesse sentido, *Movimento* não destoou, ao menos em sua forma, do padrão estabelecido da imprensa brasileira: de criar seus heróis em ano de Copa do Mundo. Conforme Guedes:

Neste tempo [...] vive-se a experiência da identificação nacional, incorporada no desempenho do selecionado e em cada detalhe que o cerca. No campo de jogo, nestes períodos, produz-se e reproduz-se o “Brasil”, bem como alguns dos seus *heróis* e *vilões*, em geral, provisórios. Isto porque esta temporalidade própria das Copas do Mundo, com ciclos suspensos em relação ao viver do cotidiano, aparecem como campos finitos de significação, enclaves dentro da realidade dominante. (GUEDES, 1998:62)

---

<sup>5</sup> Na dissertação que deu origem a este trabalho, desenvolvo com mais profundidade como o jornal *Movimento* privilegiou a figura de Reinaldo durante o ano de 1978. Classifico, por exemplo, que o periódico elegeu o jogador atleticano, naquele ano de Copa do Mundo, não somente como “atleta-cidadão”, mas sim como “craque-cidadão”, pois o valorizou tanto por sua politização quanto por seu talento em campo.

O formato escolhido pelo jornal para a publicação da entrevista não se baseou no clássico “pergunta e resposta”, mas sim numa articulação entre a narrativa do jornalista e as falas de Reinaldo. No seguinte trecho, em que o jogador opina sobre a necessidade da classe dos atletas de futebol buscar mais união em associações, nota-se a estrutura em que o texto foi editorado:

Reinaldo acha que a classe deveria ser representada junto às entidades de futebol através de entidades associativas “para que o jogador tenha controle sobre seus destinos e interesses, porque geralmente os dirigentes atuam emocionalmente e nem sempre racionalmente, prejudicando o futebol e submetendo os jogadores a jornadas estafantes que só interessam ao clube.” (MOVIMENTO, n.140, 06/03/1978:9)

A interposição entre a voz do jornalista e a do jogador também permite notar como a primeira coloca-se hierarquicamente à segunda, buscando coordenar as temáticas e mesmo a colocação das palavras proferidas por Reinaldo. Tal escolha editorial se encaixa a um dos objetivos do próprio semanário, que é o de utilizar a entrevista para fins políticos que fortaleçam as bandeiras defendidas pelo jornal, como a organização e a conquista de direitos pela classe dos jogadores/trabalhadores, ou ainda a consolidação da Assembleia Constituinte e da Anistia, pautas estas centrais para a esquerda naquele final dos anos 1970.

A preocupação de Reinaldo com a falta de consciência de classe dos jogadores e, por conseguinte, com estímulos para que os atletas se unam em lutas que são de interesse comum, é aprofundada pelo atacante e pelo próprio periódico:

Reinaldo diz que prefere uma associação, como a AGAP ou a FUGAP, “que lute por meus interesses e interfira nos clubes, do que um empresário, porque este só sabe sugar e incentivar o individualismo entre os jogadores, que em vez de lutarem em conjunto preferem ficar cada um pensando apenas em si. Para mim a saída individualista não é a melhor saída. Mas acontece que os jogadores são desunidos e os que se interessam por associação são os que menos precisam.” (MOVIMENTO, n.140, 06/03/1978:9).

O que se nota da fala de Reinaldo é a reverberação de determinado imaginário sobre os atletas (especialmente os de algum renome) de que estes seriam individualistas, pois somente pensariam em si mesmo e em seus ganhos materiais. Como contraposição a esse viés, o jornal – em conjunto com o jogador ao nomear associações e iniciativas como a Associação de Garantia ao Atleta Profissional (AGAP) e a Fundação Garantia do Atleta Profissional (FUGAP) – procura incentivar que os jogadores busquem a formação de associações/sindicatos, num processo de “conscientização” dessa classe de trabalhadores. Nota-se, a partir do periódico, que, novamente, se de um lado este se insurge contra o autoritarismo sofrido por esses esportistas ao defender o fim da “Lei do Passe” por exemplo, por outro deixa transparecer suas expectativas/cobranças de que os jogadores se mobilizassem contra sua própria situação subalterna.

Esse prisma mais crítico do jornal perante a classe dos jogadores de futebol aparece em outra matéria, publicada dois meses antes da entrevista de Reinaldo. De título *Jogando com os Direitos* (MOVIMENTO, n.134, 23/01/1978:11), Celso Kinjô adota postura ambígua entre a defesa dos direitos conquistados pelos jogadores e a crítica de como estes se comportam ao usufruírem dos mesmos. Partindo da já mencionada Lei nº 6.354, de setembro de 1976, mais precisamente, do artigo 25 – que normatizou, por exemplo, os trinta dias de férias dos jogadores, mas com a ressalva de que deve haver “recesso obrigatório das atividades de futebol” – o jornalista denuncia pesadamente os atletas que supostamente não estariam respeitando a lei:

Na verdade, a regulamentação da profissão veio premiar uma categoria em que poucos lutam conscientemente para conquistar seus direitos. Quando muito – e isso irá acontecer com frequência neste ano de Copa do Mundo – os craques da Seleção estarão em Brasília, fazendo reivindicações diversas, numa atitude que reflete o baixo estágio de consciência do nosso jogador, eternamente dependente de uma estrutura paternalista – seja no clube, seja no universo de sua profissão. Aparentemente, a condição de ídolo popular, que

é o que pensa vir a ser, lhe dá condições de respirar uma falsa atmosfera de poder absoluto. (MOVIMENTO, n.134, 31/01/1978:11)

De forma explícita, portanto, o autor procura reforçar a ideia de que os jogadores brasileiros são despolitizados em relação à luta como classe. Se em parte do trecho, assim como no restante do artigo, Kinjô reconhece as dificuldades estruturais de se levar adiante as reivindicações classistas; em outra parte ele tece pesadas críticas ao comportamento desses atletas, quase sempre em tom moralista.

Nesse sentido, se aprofundadas as palavras de Kinjô, nota-se a semelhança das mesmas com a análise de José Paulo Florenzano (2010:22), mencionada anteriormente e que chama atenção à dificuldade em compreender os jogadores enquanto cidadãos; pois, se antes da fama, são caracterizados pela impotência de um *animal*, depois de alcançar o status do sucesso e da glória, passam a ser *divindades*. Duas identidades opostas entre si e que servem, segundo o antropólogo, para domesticar o jogador de futebol. Isto é, entre o animal e a divindade, não haveria espaço para o cidadão. Justamente nesse intermeio, a figura e a entrevista de Reinaldo, assim como os exemplos citados de Afonsinho, Zé Mário e Paulo César Lima, ganham relevo: pois o que se propõe, tanto por parte do jornal, quanto por parte do jogador, é de rever esse binômio, bem como rever a lógica do “atleta-soldado”, aparecendo, assim, o “atleta-cidadão”.

Essa construção do “atleta-cidadão” faz-se mais clara em outros dois trechos da entrevista, em que Reinaldo, embora articulado pela voz do jornalista, se posiciona contra o autoritarismo reinante na sociedade brasileira de então, opinando sobre as liberdades democráticas que julga necessárias ao povo brasileiro. No primeiro trecho, marcado pela contraposição a Pelé, Reinaldo coloca-se a favor da democracia:

Afirmando que Pelé se perdeu no meio de seus assessores e por isto não tem opinião própria, “pois no futebol é muito difícil preservar a personalidade”, Reinaldo, ao contrário de Pelé, acha que o povo brasileiro está preparado, “como sempre estive” para votar. “Eles fizeram o povo se afastar da política, mas é claro que o povo tem maturidade para votar. Isso já foi demonstrado

diversas vezes no passado e não é possível que quem já votou uma vez vá ficar imaturo depois de velho. Está na hora de aproximar todo mundo das decisões políticas. O povo tem sua opinião e essa opinião deve ser respeitada.” (MOVIMENTO, n.140, 06/03/1978:9).

Mais uma vez, tal qual nas matérias referentes a Paulo César Lima, a contraposição com Pelé é feita. Nessa, porém, o contraste é em relação à especulada fala de Pelé, de que o brasileiro não estaria preparado para votar. Ao propor tal contraste, o semanário busca enlevar a politização de Reinaldo, pois, diferente do maior ídolo da história do futebol brasileiro, o atacante atleticano era consciente sobre a necessidade de o Brasil avançar rumo à democracia e ao direito da população em exercer plenamente sua cidadania.

Reinaldo, e o contraste com a figura do ídolo Pelé realça isso, surge para o periódico *Movimento* como uma espécie de referência política em um meio que, apesar de grande alcance popular, é rotulado como despolitizado, alienado e desunido em relação à classe trabalhadora que pertence e mesmo em relação às chamadas questões sociais. Nesse afã do jornal em capitalizar as palavras do atacante atleticano, o periódico traz à tona temáticas mais sensíveis para a esquerda daquele momento histórico, tais como formação de uma Assembleia Constituinte e também o debate sobre a Anistia dos perseguidos pela ditadura:

Ao comentar o problema da anistia, o artilheiro do Campeonato Nacional além de defendê-la diz que “ela vai acontecer mais cedo ou mais tarde porque em tudo deve haver oposição, pois é assim que surgem novas ideias e caminhos diferentes”. Também concordando com a necessidade de uma Assembleia Nacional Constituinte para eleger os colaboradores de uma nova Constituição, Reinaldo acrescenta que “em tudo o povo tem que ter participação. Nós temos que depositar confiança em quem votamos para sermos retribuídos de alguma forma, nem que as futuras gerações sejam beneficiadas.” (MOVIMENTO, n.140, 06/03/1978:9).

Pela forma como esse trecho foi construído, nota-se que as pautas como a Anistia e Assembleia Nacional Constituinte partem muito mais da

voz do jornalista do que da de Reinaldo. Da análise aqui empreendida, talvez o referido excerto tenha sido o mais exemplificativo sobre como o periódico procurou não somente entrevistar o jogador, mas também direcionar as palavras do artilheiro em prol das bandeiras defendidas pelo semanário.

*Movimento*, portanto, privilegiou editorialmente o jogador Reinaldo ao estampar a entrevista com o centroavante na capa do periódico. Se, em parte, o fato de o ano de 1978 ser ano de Copa do Mundo explica tal escolha, também deve-se chamar atenção para os fins políticos ambicionados pelo jornal. Colocar o artilheiro do campeonato brasileiro declarando seu apoio à classe trabalhadora à qual pertence, ao voto, à Anistia e à Assembleia Constituinte também denota a vontade do periódico em utilizar o futebol como meio propulsor para as bandeiras defendidas por seu programa político-ideológico que, fundamentalmente, se opunham à ditadura então vigente.

### **Considerações Finais**

A presente pesquisa, portanto, evidenciou que dois dos maiores jornais alternativos do período ditatorial brasileiro (1964-1985) concederam espaço em suas páginas, embora raras vezes de forma relevante, ao futebol. Assim como inferiu-se que, ainda que os semanários tratassem o futebol e os futebolistas de maneira crítica, privilegiaram as características e potenciais cidadãos de ambos à contraposição do *animal* ou *divindade*, bem como à da instituição do “atleta-soldado”. Viu-se, assim, pela postura de jogadores como Afonsinho, Zé Mário, Paulo César Lima e Reinaldo, a construção do “atleta-cidadão”. Denotou-se, desse modo, a tensão trazida por esses jornais alternativos a esse binômio extremista, uma vez que não se contentaram em aceitar facilmente a visão de que o futebol e os jogadores de futebol seriam alienados ou passivos em relação ao mundo e aos problemas que os cercavam.

Notou-se, assim, que os referidos jornais alternativos trataram o futebol como meio para a expressão de cidadania e de contestação ao regime e ao *ethos* autoritário vigente. Assim, o viés adotado pelos semanários, embora crítico, de maneira geral, passou longe de compreender o futebol enquanto “ópio do povo”. Pelo contrário, temas como direitos trabalhistas, exploração e união da classe trabalhadora, racismo, crítica a padrões de comportamento, pautas políticas como voto, Anistia e Assembleia Constituinte encontraram no futebol mais um de seus vetores possíveis. Nesse sentido, restou nítido que os jornais, em especial, *Movimento*, utilizaram o esporte mais popular do país como meio para difusão de seus programas político-ideológicos de contestação e oposição ao regime ditatorial.

## Referências

### Fontes Primárias:

OPINIÃO, Rio de Janeiro, n.136, 13/06/1975:11;

MOVIMENTO, São Paulo, n.24, 15/12/1975:11;

MOVIMENTO, São Paulo, n.84, 07/02/1977:10;

MOVIMENTO, São Paulo, n.126, 29/11/1977:9;

MOVIMENTO, São Paulo, n.134, 23/01/1978:11;

MOVIMENTO, São Paulo, n.140, 06/03/1978:9.

### Bibliografias:

ALMEIDA, Guilherme Kichel de. **"Jogando Pela Esquerda": o futebol brasileiro nas páginas dos jornais Opinião e Movimento (1975-1978)**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGH) 2018.

AQUINO, Maria Aparecia de. **Censura, imprensa, Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência. O Estado de São Paulo e Movimento.** Bauru: EDUSC, 1999.

ARAÚJO, Maria Paula Nascimento. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000

AZEVEDO, Carlos. **Jornal Movimento: uma reportagem.** Belo Horizonte: Editora Manifesto, 2011.

BRASIL. *LEI Nº 6.354, DE 2 DE SETEMBRO DE 1976. Dispõe sobre as relações de trabalho do atleta profissional de futebol e dá outras providências. Revogada pela Lei nº 12.395, de 2011.* Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/LEIS/L6354.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L6354.htm). Acesso em: 14 de set. de 2020.

COUTO, Euclides de Freitas. **Da Ditadura à Ditadura: uma história política do futebol brasileiro (1930-1978).** Niterói: Editora da UFF, 2014.

FESTA, Regina. *Movimentos sociais, comunicação popular e alternativa.* In FESTA, Regina e LINS, Carlos Eduardo da. (orgs.). **Comunicação Popular e Alternativa no Brasil.** São Paulo: Edições Paulinas, 1986,

FLORENZANO, José Paulo. **A Democracia Corinthiana: práticas de liberdade no futebol brasileiro.** São Paulo: FAPESP; EDUC, 2010.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A Dança dos Deuses: futebol, cultura e sociedade.** São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere, v2.: Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GUEDES, Simoni L. **O Brasil no Campo de Futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro.** Niterói: Editora da UFF, 1998.

KONDER, Leandro. **Marxismo e Alienação: contribuição para um estado do conceito marxista de alienação.** São Paulo: Expressão Popular, 2009.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e Revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa.** São Paulo: Página Aberta; 1991.

LUCA, Tania Regina. *Fontes impressas: história dos, nos e por meio dos periódicos*. In: **Fontes Históricas**. São Paulo: contexto, 2014, p.111-153.

SOARES, José Costa. **Direito de imagem e direito de arena no contrato de trabalho do atleta profissional**. São Paulo: PUC-SP (Dissertação de Mestrado - Programa de Pós Graduação em Direito), 2007.



**Outras coisas (antes e depois do começo do jogo)**



## O pato é a bola da vez: gaúchos, tropelias e outras barbaridades!

*Cesar Augusto Barcellos Guazzelli <sup>1</sup>*

*Lá vem o Pato  
Pata aqui, pata acolá  
Lá vem o Pato  
Para ver o que é que há  
(Vinicius de Moraes: “O Pato”)*

Patos são simpáticos! Quando escuto ou leio sobre eles, vêm à tona duas criações que muito aprecio: o Pato Donald<sup>2</sup>, destrambelhado com as conspirações armadas pelo universo contra ele – no que, aliás, tem toda a razão! –, e neste Pato sem nome do poeta Vinicius de Moraes (2000)<sup>3</sup> que, apesar de seu final “trágico”, é impagável no seu humor! Ou seja, sou em tudo – e por tudo – a favor dos patos! Mas o que tem tudo isto a ver com o Pato que anuncio no título? Quase nada, a não ser pelos desastres que o acompanhavam neste entrevero que proponho entre ele e uma “bola”, com gaúchos praticando barbaridades! Começo, pois, com algumas barbaridades!

---

<sup>1</sup> Professor Titular do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande Sul (UFRGS)

<sup>2</sup> A personagem foi criada em 1934. Como era usual em Disney, os dois nomes começam em inglês com a mesma letra, no caso *Donald Duck*. (Não tinha sobrinhos, tio, avó, namorada. Era ele só contra o mundo!)

<sup>3</sup> O poema foi escrito para seus filhos pequenos. Mais tarde, em 1970, Vinicius o publicou no livro *A Arca de Noé*, que traria outros bichos para acompanhar o Pato. Sua popularização se deu pela edição em 1980 do disco de mesmo nome lançado em parceria com Toquinho. Quem deu “voz” ao Pato foi Milton, do grupo musical MPB4, que imitava à perfeição o som grasnado que lhe criaram no estudo Disney.

## Para ver o que é que há!

Em 1971 foi lançado o filme *Os Cavaleiros do Buzkachi*, que tinha como pano de fundo um jogo que envolvia cavaleiros, estepes e um animal como objeto de feroz disputa (1971).<sup>4</sup> Se os esportes equestres são todos eles representações da luta pela vida – seja demonstrando controle sobre a montaria, impondo velocidade e força contra e obstáculos que simulam aqueles da natureza, ou batalhas simbólicas entre indivíduos ou grupos – o *Buzkachi*, na sua brutalidade revelada pela quase ausência de regras, trazia ao presente uma prática muito próxima ao que poderia ter sido a vida dos pastores nômades da Ásia Central. Além de esporte nacional do Afeganistão, ele é praticado nos países vizinhos: Cazaquistão, Quirguizistão, Tadjiquistão, Turcomenistão e Uzbequistão, todos eles antigas repúblicas soviéticas. Meu interesse pelo jogo de ginetes inigualáveis na habilidade e na força estava decerto associado àqueles dos pampas, que já tinham sido comparados a outros povos pastores.<sup>5</sup>

Assim, faz tempo que acompanho o *Buzkachi*. Antes que nada, o jogo! Uma carcaça de carneiro, um bode ou até um terneiro – coisa de uns trinta a quarenta quilos – é largada no solo. Este animal é o *buz*, que dá nome à disputa. Duas equipes com número variável de cavaleiros se amontoam em torno do mesmo: “*Soudain, um tchopendoz s’enfuit. Les rênes d’une main, une patte de veau dans l’autre, il galope vers la pleine, talonnée pour une horde em furie*” (MICHAUD e col., 1981).<sup>6</sup> Na boca o cavaleiro leva o chicote para defender-se ou atacar o adversário, enquanto cavalga sem segurar a rédea para evitar que a presa lhe seja tomado (EDITORA ABRIL, 1978).

<sup>4</sup> Em 1988, no grotesco filme *Rambo 3*, a personagem-título pratica o jogo com *talibans*, vistos como “defensores da liberdade” aliados aos E.U.A. contra a intervenção soviética no Afeganistão (1988).

<sup>5</sup> Alguns exemplos se tornaram famosos: Sarmiento em 1845 comparara os *gauchos* às “hordas bárbaras” da Ásia (1952); Avé-Lallement em 1858 a “cossacos” (1980); em 1860, Garibaldi aos cavaleiros da “gesta de Rolando” (DUMAS, 2010); Ornelas mais modernamente, defendeu a tese de uma descendência dos gaúchos quase direta de “beduínos berberes” (1956).

<sup>6</sup> “*De repente um ‘chapandaz’ escapa. Com a rédea numa mão e a perna do bezerro na outra, ele galopa pela planície seguido por uma horda enfurecida*” (Tradução minha.). *Tchopendoz* – ou *Chapandaz* – é a designação para os participantes do *Buzkachi*, nome que destaca suas qualidades ímpares como ginetes.

Estes cavaleiros têm muita história! A cavalaria ligeira foi presumivelmente uma invenção de povos pastores da Ásia Central, que foi bem-sucedida no enfrentamento com os carros de combate, uma das principais forças bélicas dos povos indo-germânicos: o destemor a grandes exércitos era próprio daqueles, devido às possibilidades que dava o uso da cavalaria ligeira, capaz de fustigadas rápidas, seguidas pelas fugas para lugares inacessíveis. De origem mongólica ou até mesmo cita, o *Buzkachi* seria uma reminiscência dos combates nas estepes (AZOV, 2012, XII). Nos grupos formados para o jogo, identidades mais estreitas – regiões, senhores, clãs – costumam aflorar com força, diminuindo o caráter simbólico da disputa em prol de uma mais real: *“Many games have an ambiguous quality. Are they ‘for fun’ or ‘for real’? With buzkachi, a violent form of physical competition, all too similar to equestrian battle, the ambiguity can be especially pronounced, especially among participants who are real-life antagonists”* (Id. p.9)<sup>7</sup>. “Barbáries e civilização?”<sup>8</sup>

### **Lá vem o Pato!**

Gostei tanto do *Buzkachi* que escrevi um texto justamente sobre o filme que citei (GUAZZELLI, 2011:15-29). E lamentei não conhecer na história platina – com a tão decantada presença de ginetes *gauchos* e gaúchos – nenhum jogo que fosse um simulacro tão vivo da luta pela vida! Havia as Gineteadas – decerto mais arriscadas e espetaculosas que as domas de montarias que as inspiraram – onde homens desafiam grandes perigos, mas faltava a disputa direta entre esses homens, a “guerra simbólica”. Mesmo “Correr Eguasdas”, onde dezenas de gaúchos eram

---

<sup>7</sup> “Muitos jogos têm uma qualidade ambígua. São “diversão” ou “realidade”? Com o *buzkachi*, uma violenta forma de competição física, toda ela muito semelhante a uma batalha de cavalaria, a ambigüidade pode ser especialmente pronunciada, especialmente entre participantes que na vida real são antagonistas (Tradução minha.)

<sup>8</sup> Busquei um jogo “civilizado” que fosse semelhante ao *Buzkachi* e pensei no Polo. Descobri, com surpresa, que ele também tinha origem asiática e passara por muitos lugares: do Império Persa (c.600 AC), fora para Bizâncio, ganhara a Ásia Central – justamente onde se pratica o *Buzkachi* – seguindo para o Tibete, a China e até o Japão. Entrara na Índia durante o Império Mogol e lá atraiu os ingleses, que criaram seu primeiro clube em 1874. O nome deriva do tibetano “*Pulu*”, que significa “uma bola”. (ENCICLOPÉDIA BRITANNICA, 1964, v. 18: 176-177). Ou seja, a “barbárie” oriental estava por detrás do esporte “civilizado” pelas elites da “pérfida Albion”!!

reunidos para “limpar os campos” matando cavalhadas xucras que perturbavam o sossego das reses, não provocavam rixas e lutas entre estes tantos cavaleiros! (SCHLEE, 2019, v. I:265; LOPES NETO, 1961: 163-167). E, por certo, as Carreiras de Cancha Reta (PEREIRA, 2016:64-120), com dois parceiros! Ou mais raramente com mais de dois cavalos nas chamadas Califórnia, quem sabe no rol de antepassados do Turfe.<sup>9</sup>

Uma melhor lembrança seriam as Cavalhadas, uma herança lusitana presente em vários lugares do país, realizadas nas comemorações do Divino Espírito Santo. São combates simulados de dois grupos de doze cavaleiros cada: os Mouros, vestidos com dólmas vermelhos, e os Cristãos, trajados de azul. (O número de ginetes é uma referência aos *Doze Pares de França*, do ciclo de narrativas da corte de Carlos Magno.) As duas hostes fazem evoluções num campo, simulam duelos de espada e lança, e disputam uma princesa moura; no final da encenação, a vitória dos Cristãos obriga a conversão dos Mouros (PAIXÃO CORTES, 2006). São jogos teatralizados, não havendo qualquer disputa corporal que pudesse compará-los ao *Buzkachi*.<sup>10</sup>

O notável *Monumento al Entrevero* de José Belloni, em Montevideo, me levou a pensar nas lutas de arma branca: “*En apretado haz, indios, negros y gauchos evocan las primeras luchas de la patria oriental.*” (BELLONI, 1967). Este grupo escultórico mostra quatro ginetes literalmente “entreverados”, todos contra todos! Ao redor do monumento há oito placas com seus respectivos poemas, todos intitulados *Entrevero*, da autoria de Mercedes Garcia San Martin de Belloni, e o oitavo diz: “*Evocación de las primeras / luchas que en el amanecer de / nuestra Patria, fueron marcando / rumbos hacia la democracia.*” (Id.). Mas, por mais nobre que fosse este *Entrevero*, resgatando a “civilização” da mais cruenta imagem de uma “barbárie”, ele não era um jogo!

<sup>9</sup> “CALIFÓRNIA (PLAT). Modalidade antiga de penca rural: corrida campeira na qual competiam mais de dois cavalos, livre e desordenadamente” (SCHLEE, 2019: 190).

<sup>10</sup> Meu pai, Eloar Guazzelli, foi o segundo Patrão do Centro de Tradições Gaúchas (CTG) “Porteira do Rio Grande”, em Vacaria, de 1956 a 1957. Nesta época, ao redor dos meus cinco anos, assisti a uma Cavalhada, admirando demais as evoluções dos ginetes. Mesmo sem entender o que eram Mouros e Cristãos, torci para os primeiros, pela simples razão de usarem roupas vermelhas! Um tanto óbvio...

Entre os divertimentos no campo, havia lutas simuladas, com adagas, facas ou facões, que são hoje chamadas de “esgrima crioula”. Mas, apesar de serem “esportivas”, não eram coletivas nem envolviam cavalgadas. Voltava ao começo! Existiria algum jogo gaúcho, praticado em grupo, que fosse uma herança pretérita, e que tivesse uma notabilidade similar àquela do *Buzkachi*? Foi então que “apareceu” o Jogo do Pato!

Tudo na verdade havia começado há muitos anos, e com o futebol! Em 23/12/1979 o Internacional ganhou seu 3.º Campeonato Brasileiro. Colorado, adquiri o exemplar da revista *Placar* que noticiava o feito (MATTOS, 1979:3-10). Mas a revista traria uma surpresa: numa matéria de Divino Fonseca intitulada *É Jogo prá Macho, Tchê!*<sup>11</sup> era apresentado um esporte desconhecido: *“É coisa de gaúcho, mesmo, o jogo do pato”* (FONSECA, 1979: 86-91). Uma resumida descrição: *“A bola é de futebol, mas tem quatro alças. Como no basquete, ela é levada com a mão, e o que conta pontos é fazê-la passar por dentro de um arco, mas este arco fica na vertical.”* E, por fim: *“Há, porém, um detalhe que elimina definitivamente as semelhanças deste jogo com outros esportes populares: os jogadores andam a cavalo”* (Id. p. 88).

A partida ocorreu em Bagé, no “CTG 93”: dois times de quatro jogadores cada – os “*com boina*” contra os “*de lenço na testa*”<sup>12</sup> – em meio a comemorações de fim de ano. Apesar de salientar “*a pouca tática e a violência*”, os entrechoques, rodadas e outros incidentes, foi referenciada a origem do jogo: por peões de estância na Argentina do século XIX, se caracterizando por “*extrema violência*”. E então a explicação: “*o nome, aliás, não vem por acaso: em vez de bola jogava-se com um pato selvagem que se despedaçava ao longo da competição.*” O repórter informava muitas tropelias e barbaridades cometidas pelos *gauchos* do passado (FONSECA, 1979:88). E foi esta frase que calou fundo e agora me levou ao Pato: sim,

<sup>11</sup> Assim mesmo, com esta vomitiva grafia do jeito porto-alegrense de pronunciar o *che* platino!

<sup>12</sup> A rigor, em se tratando de bageenses vestidos à gaúcha, esses tais “lenços na cabeça” se chamam “vinchas”. (SCHLEE, v. II p. 932). Mas já li e ouvi versões piores: “tiaras”, “fitas-apache”, “bandanas” ... De novo jornalistas porto-alegrenses metidos a “gauchinhos”, fazer o quê?

se os gaúchos também tinham seus jogos “abarbarados”, cabia ir em busca deles!

### **Pata acolá!**

Uma primeira coisa: o Pato está dicionarizado em Espanhol! No *Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas* ele é definido assim: “*PATO. Nombre de un juego tradicional de nuestro campo, donde comenzó a practicarse a principio del siglo XVII. Em 1953, con las modificaciones a que fue sometido, se declaró oficialmente Juego Nacional.*” (COLUCCIO, 1983:243). Já o dicionário mais circunspecto da *Real Academia de España* diz: “*PATO. 6. Argen. Juego de fuerza y habilidad entre jinetes, que consiste en disputarse la posesión de un **pato** metido en una bolsa y con el pescuezo fuera. 7. Argent. Competición deportiva en la que dos equipos de cuatro jugadores cada uno, intentan introducir en el aro una pelota de seis asas llamada **pato**.*” (REAL ACADEMIA DE ESPAÑA, 1992, v.2:1549). Finalmente, a *Academia Argentina de Letras* define o jogo exatamente como a academia espanhola, com o acréscimo de mais um item: “*4. Pato. “El Pato” consiste en una pelota de cuero con cámara de goma circundada por tres lonjas de cuero crudo cruzadas transversalmente, en cada una de las cuales van cosidas dos manijas o asas.*” (ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS, 2003: 441). Não encontrei o Pato em nenhum dicionário de Português, mesmo naqueles de termos gauchescos.

Pode-se deduzir que estas definições se referem a dois diferentes jogos do Pato: um “bárbaro” e arcaico, que remontaria ao século XVII, e uma forma mais recente e “civilizada”, que se tornou o esporte nacional na Argentina, aparentemente aquele que foi descrito na revista *Placar* n.º 505 (FONSECA, 1989:86-91). Deriva daí, portanto, uma pesquisa sobre a versão mais antiga do Jogo do Pato e trazer à luz as raízes do mesmo. O Pato não se entregou com facilidade. Foram consultadas três matérias jornalísticas, três federações esportivas, três documentos oficiais, oito memorialistas, quatro escritores, e um documentário cinematográfico. A

produção científica sobre o tema é precária, não passando de seis livros e três trabalhos acadêmicos.

A primeira notícia sobre o Pato é atribuída ao jesuíta Torres Bello em 1610. O padre contava que “sesenta [homens] de a caballo, la mitad vestidos de libreas a lo español, y la otra mitad, desnudos y pintados como los indios” – todos montados em pelo – e “jugaron con tanta destreza mas de dos oras, sin que cayesse alguno o sucediese algun desman acabando con una escaramuza muy de ber, y luego vinieron todos delante de nuestra iglesia, y los que jugaron como indios corrieron algunos patos” (TORRES BELLO apud GENTILE, 2009: 2).<sup>13</sup> Já Fernández Moores escreveu que o jesuíta mencionou o Pato em duas cartas: em 15 de junho de 1610 – festa pela beatificação de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus – ele informava: “Dos grupos de jinetes corrieron patos delante de nuestra iglesia”; na segunda, de 4 de abril de 1611, Torres noticiava: “se desafiaron los indios Huachipas y Calchaquí” e que “ganaron los calchaquíes el pato” (FERNÁNDEZ MOORES, 2020: 36-37).<sup>14</sup> Em “A Brief History”, publicada na página da Federação Argentina de Pato, são citadas as duas cartas, informando que há cópias no Colégio Del Salvador, em Buenos Aires (FEDERACIÓN ARGENTINA DE PATO Y HORSEBALL, 2020).

Outras referências, no entanto, dão essa primazia ao oficial ilustrado espanhol Félix de Azara, que esteve no Rio da Prata a serviço da Corte de 1781 a 1801. Fernández escreve – numa citação sem referências! – que um dos seus primeiros relatos seria sobre aquele evento de 1610: “se juntan para esto dos cuadrillas de hombres de a caballo” distantes entre elas por uma légua, com “un cuero en el que se ha introducido un pato vivo que deja la cabeza afuera, teniendo el referido cuero dos o mas asas o manijas, de las que se toman los dos más fuertes de cada cuadrilla” na metade da cancha, e “metiendo espuelas tiran fuertemente hasta que el mas poderoso

---

<sup>13</sup> TORRES BELLO, Diego de. Segunda carta. In: *Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614)*: 41-82. Buenos Aires: Documentos para la Historia Argentina. Iglesia, tomo XIX: 41-82 apud GENTILE, Margarita E. *Los bandos de buen gobierno y el juego del Pato*. In: \_\_\_\_\_; CAGGIANO, María Amanda; IRURTIA, María Paula. *El área pampeana*. Chivilcoy: Edición del Autor, 2009: 2.

<sup>14</sup> Segundo o autor, as cartas estariam no *Archivo de Indias* [sic], 74-4-12, com cópia na Biblioteca Nacional, 74-2129.

*se lleva el pato*” (FERNÁNDEZ MOORES, 2010:37). Também Ferraresi cita o espanhol e aponta duas obras suas como fontes: *Descripción e historia del Paraguay y del río de la Plata* (Buenos Aires: Plus Ultra, 1972) e *Memoria sobre el Estado Rural del Río de la Plata y otros informes* (Buenos Aires: Plus Ultra, 1972) (FERRARESE CAPETINI, 2008: 4). O mesmo relato aparece na *Federación Argentina de Pato*, e até mesmo num *Proyecto de Declaración* do senador Carlos Reutmann para oficializar o Pato como esporte nacional. (FEDERACIÓN..., 2020; REUTMANN, 2010).

Difícil pensar em tal correria num espaço urbano! Os relatos são muito semelhantes, mas a ausência de precisão nas fontes me fez pesquisar nas duas obras de Azara citadas e mais uma terceira: *Memoria sobre el estado rural del Río de la Plata, Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata e Viajes por la América del Sur*, que não fazem quaisquer referências ao Pato! (AZARA, 2017; AZARA, 1943; AZARA, 1850). De onde surgiu Félix de Azara em tantas citações? Misterioso Pato!

O Pato vai aparecer no Chile... e como galinha! Foi encontrado por Amadeo Frezier, um cientista francês que viajou pela América do Sul a serviço da Espanha para informar à metrópole sobre Chile e Peru. O relato de suas viagens foi publicado como uma *relacion de viaje* em 1706 que começava no Brasil, cruzava para o Pacífico e percorria as costas chilena e peruana. O viajante fez descrições detalhadas pelos lugares onde andou, o que incluiu uma festa em Talcahuano, no Chile. Depois de uma missa – uma vez mais a igreja – os homens “*montaron a caballo para correr la gallina (...) todos se arrojaban sobre el que ha obtenido la cabeza para quitársela y llevársela ante aquel en honor del cual hacen la fiesta; corriendo a todo galope se topaban para quitársela y a la carrera recogía del suelo todo lo que derribaban por tierra*” (FREZIER, 1982: 158). Memória menos empolgante que a do padre Diego Torres ou, quem sabe, de Don Félix de Azara.

Alejandro Malaspina, marinheiro e militar italiano a serviço de Espanha, comandou as corvetas *Descubierta* e *Atrevida* numa expedição científica importante, que durou de 1789 a 1794. Iniciando no Brasil, a

viagem dirigiu-se ao Rio da Prata e mais ao sul, percorrendo depois toda a costa oeste da América, cruzando o Pacífico até a Oceania (MALASPINA, 2012). Ainda em 1789, na campanha da Banda Oriental, o tenente José Espinosa escreveu dentro do relato um *Estudio sobre las costumbres, y descripciones interesantes de la América del Sur*. Quando tratou da *Descripción del que llaman guaso* [forma arcaica de *gaucho*] “o hombre del campo” faz uma das mais notáveis observações dos primeiros gaúchos: “Un caballo, un lazo, unas bolas, una carona, un lomillo, un pellón hecho de pellejo de carnero, es todo sua ajuar en el campo.”

Espinosa observou que o Pato era um dos jogos preferidos: “Se junta una cuadrilla de estos guasos, en que todos son jinetes más de lo creíble. Uno de ellos, teniendo un cuero con muchas argollas y el brazo levantado, parte como un rayo, llevando ciento cincuenta varas de ventaja”, sendo seguido pelos demais que “corren a mata caballo, formando grita como los moros, persiguiendo al del pato, en pugna por quitarle la presa.” Elogia o valor dos ginetes, mas não o caráter: quando todos dormem, “con el mayor silencio asaltan el lecho de las mujeres que les apetecen, las que si no están de acuerdo, sufren la violencia de su honestidad.” (Id. p.560-561). Vem de longe uma aparentemente merecida má fama dos *gauchos*!

Pato no Chile, na Banda Oriental, e também na Colômbia... Gentile em seu artigo (2008:14) reproduz na figura 4 um quadro do pintor colombiano Torres-Méndez, que havia sido publicado num artigo de Jurado (2004:77). A obra mostra dois cavaleiros disputando uma ave não identificada – pode ser um pato – puxando-a diretamente pelas asas.

A partir do final do século XVIII aparecem informações sobre interdições e proibições do Pato pelas desordens e riscos que causava. Tau Anzoátegui revelou que alcaides de Santiago del Estero e outras localidades apregoaram a proibição do jogo em 1790: “totalmente privamos [sic], así en esta ciudad como en su jurisdicción, el juego de pato de a pie y de a caballo, [por] las desgracias que se han experimentado, bajo de la [pena] que se les impone a los contraventores de doce pesos apl [icados] en la forma ordinaria y, en su defecto, cincuenta [azotes].” (2004:393 apud.

GENTILE, 2009:5). Tau publicou outro *bando* de 1798 em São Miguel de Tucumán, especificamente dirigido às mulheres “*a quienes se les prohíbe enteramente ejercitarse en dicho juego de pato a pie, como acostumbbran, por las respectivas desgracias y muertes que han padecido sofocadas de dicho juego.*” (2004, p 442 apud Id. p.6).<sup>15</sup>

Há uma nota muito bem documentada do *Archivo de Córdoba (Esc. 1ª - Leg.111 - Exp.8)*. Ela foi transcrita e comentada pelo Ingeniero Anibal Montes, no jornal *Voz del Interior*. Um decreto do Governador-Intendente de Córdoba, Marquês de Sobremonte, após referir-se ao Pato como “*enteramente detestable y aún penado por los Señores Jueces Eclesiásticos, con censura*” por conta dos danos que provocava, proibia que “*toda persona de cualesquiera calidad perticipe o pueda mezclarse en dicho juego*”; o castigo era muito severo, consistindo em “*cien pesos de multa,, perdimeiento de caballo y recado de multa y un mes de cárcel, por primera vez.*” Montes comenta que havia um tratamento desigual: o Pato era jogo dos pobres, ao passo que diversões mais perigosas – especificamente um certo *Juego de Cañas*, que simulava um combate de lanças – das famílias aristocráticas eram bem toleradas (1949).

### ... lá vem o Pato!

As proibições teriam seguido no XIX: Cornelio Saavedra, em 20/6/1811, Martín Rodriguez em 21/6/1822, e Juan Manuel de Rosas, sem data (FERNÁNDEZ, 2010:38-39), mas não há documentação sobre as mesmas; Ferraresi também se refere a elas, mas também não remete a fontes (2008:7-8). Como apresento mais adiante, os literatos de XIX quase todos se referem às proibições. Por certo a nota mais exagerada sobre o tema é do norte-americano Julien Bryan: “*em princípios do século passado, morreu tanta gente na tal brincadeira que o govêrno condenou-a e a extrema-unção cristã foi negada a todo aquele que morresse jogando*”. O

---

<sup>15</sup> A autora observa que as mulheres em Tucumán e Santiago jogavam o Pato, provavelmente a pé.

autor acrescentava uma boa nova: “*Os gaúchos modificaram, porém, ‘El Pato’, eliminando os tiros e facadas.*” (1942: 39). Tiros e facadas, esta eu ainda não tinha visto!

O Pato no XIX motivou também nostalgia e poética. Bartolomé Mitre foi um dos mais importantes políticos argentinos: foi governador de Buenos Aires e é tido como o presidente que conseguiu a unificação do país.<sup>16</sup> Foi também historiador e literato. Em 1854 publicou *Armoniás de la Pampa*, formado por poemas de sua juventude entre 1838 e 1842. Um deles é “*El Pato*”. Na reedição de 1891 escreveu comentários sobre o jogo “*El juego del pato no existe ya en nuestras costumbres: es un recuerdo lejano. Prohibido bajo penas severas, a consecuencia de las desgracias a que daba origen, el pueblo lo ha ido dejando poco a poco, pero sin olvidarlo del todo.*” (MITRE, 2016:23). Como outros, também não aponta quais foram as interdições.

Conta um pouco sobre o jogo: o Pato, o objeto da disputa entre até cem ginetes, era feito “*retobando un pato dentro de una fuerte piel, a la cual se adaptaba varias manijas de cuero también.*” Destas manilhas puxavam os cavaleiros como “*presa del combate que generalmente tenía por arena toda la pampa, pues el que lograba arrebatar el pato procuraba ponerse en salvo*” (Id., *ibid.*).

“*El Pato*” é a terceira poesia do livro, composta em 1839 quando Mitre tinha 18 anos. O entusiasmo juvenil dele se revela num longo poema, formado por 299 versos.<sup>17</sup> Já nos 10.º e 11.º relata que o povo festejava “*porque cien gauchos reunidos / las pascuas de dios celebran.*” (Id.:8). Mais adiante, cresce o entusiasmo pelo jogo: “*¡El Pato! ¡El Pato! / Repiten a una voz.*”, e segue: “*¡El Pato! juego fuerte / del hombre de la pampa, / tradicional costumbre / de un pueblo varonil*”. (Id.:9). Logo depois, apareciam os chefes dos dois bandos: “*Dos hombres que se acercan / al medio de la liza, / y muestran ser campeones / que quieren combatir.*” Os

<sup>16</sup> Em meus trabalhos sobre formação do Estado nacional no espaço platino contesto fortemente esta posição da maior parte dos autores (GUAZZELLI, 1990; GUAZZELLI, 2009).

<sup>17</sup> A parte I é uma única estrofe irregular de 40 versos; a II tem nove oitavas; a III por sete quintilhas; na IV voltam as oitavas, seis no caso, seguidas por cinco na V, e novamente seis delas na VI.

dois têm fama: *“El uno es Diego Zamora / apellidado el “valiente” e “El otro es Pedro de Obando, / compañero de fatigas”* (Id.:10). A disputa vai até o final disputada com força e ânimos exaltados: *“Crujen, se estiran los miembros, / se hinchan de sangre las venas, / y enronquecidos, apenas / pueden el aire lanzar; / mas él, firme en sus estribos / como animado centauro / disputa a todos el lauro / en combate desigual.”* (Id.:11) Um liberal como Mitre elevar os *gauchos* de delinquentes a “centauros” é admirável!

O Pato também foi descrito com vigor pelo padre Jorge Maria Salvaire, um francês da Congregação da Missão que se ordenou em 1871, ano em que foi enviado para Luján, na Argentina, onde viveu muitos anos. Devoto de *Nuestra Señora de Luján*, escreveu sobre seus milagres (SALVAIRE, 1884). Na história da paróquia, salientou a popularidade do jogo: *“grande concurrencia de paisanos que se reunían en las barracas, el célebre juego denominado del pato, que tuvo entonces el imán de apasionar a los campesinos”* (Id.: 178-179). Não faltava a descrição da *pelota*: *“El juego del pato consistía en abrochar un cuero vacuno por todos los costados para dentro de él poner un pato u otra ave cualquiera doméstica”*; para jogar, *“la pelota de cuero tenía tres manijas: una a cada lado y la tercera para atrás.”* (Id.:179)

Salvaire não poupa os excessos: *“todos los concurrentes de cualquier bando indistintamente no cesaban de hostigar a sus adversarios para lograr fatigarlos, no perdonando a menudo ni siquiera los golpes”*; isto podia seguir até que o rival que tivesse o Pato *“caía al suelo uno de los tres, entre las patas de los animales, que lo estropeaban y muchas veces causaban su muerte.”* Se os ginetes eram notáveis, o preparo dos cavalos também: *“Había caballos tan diestros y habilmente enseñado que llagaban á quedarse parados en las patas ó echándose hacia atrás, á fin de ayudar á la fuerza hercúlea que hacia el jinete para no desartirse de la manija que en sus manos estaba.”* (Id. p. 179-180). Lembra ainda do Auto de um vigário *foráneo* a Luján em 1796 denunciando os males do Pato, ordenando aos fiéis que se abstenham do mesmo, sob ameaça de excomunhão. Este

documento do *Vicario y Juez Eclesiástico* Gabriel José Mosqueda é importante porque situa com precisão uma proscrição do jogo no século XVIII (Id.: 180-182) sobre a qual se escreve muito sem dar as referências.

Uma obra literária marcante do final do XIX foi *Santos Vega*, de Rafael Obligado, publicado em 1885 (1956: 250-256). Ele foi um dos poetas gauchescos mais conhecidos na Argentina, além de ser fundador da *Facultad de Filosofía y Letras* da *Universidad de Buenos Aires*. O poema tem quatro partes, todas formadas por décimas. A terceira é *El Himno del Payador*, que inicia com um jogo do Pato (Id.:252-254).<sup>18</sup> O início é bem exagerado: “*Vienen mil gauchos a ver / Si en otro pago distante, / Hay quién se ponga delante / Cuando se grita: ¡A vencer!*” Nesta versão o jogo é iniciado por um cavaleiro mais idoso que carrega a pelota de couro: “*Con dos manijas certero / La arroja al aire, gritando: ‘- ¡Vuela el pato...! ¡Va buscando / Un valiente verdadero!’*” (Id.:252). Descreve uma disputa muito renhida: “*Se atropellan turbulentos / En largas filas cerradas, / Cual dos olas encrespadas / Que azotan contrários ventos.*” Mais adiante a correria causa danos: “*Vense, entre hálitos de fuego / Varios jinetes rodar; / Otros súbito avanzar / Pisoteando los caídos;*” (Id.:253). Só a chegada de Santos Vega, com seu canto e guitarreada, termina a batalha campal.

De novo alternando com a arte há outra memória, de Mariano Pelliza, escritor, jornalista e historiador prestigiado no meio literário dos últimos anos do XIX. Em sua obra mais conhecida, *El País de las Pampas*, publicada em 1887, no capítulo “*Costumbres argentinas*” escreve sobre o Pato (PELLIZA, 1887:179-197). O início também é fantasioso em demasia: “*Reuníanse en una pulpería tres o cuatrocientos criollos y a veces muchos más, todos en buenos caballos, bien aperados y luciendo sus mejores prendas*”, e que ainda “*ostentaban mejores corceles y más relucientes chapeados formaban el centro de aquella reunión.*” (Id.: 185-186). Na

---

<sup>18</sup> *Payador*. Cantor popular que, acompañándose con una guitarra y generalmente en contrapunto, improvisa sobre temas variados. (ACADEMIA ARGENTINA..., 2003: 443); **PAJADOR** (PLAT) S.m. - Cantor e poeta popular que participa de pajadas, sendo capaz de improvisar versos, em desafios e a contraponto, sobre temas dados - e que, antigamente, cantava em pulperias e festas campeiras (SCHLEE, vol. II: 683). Santos Vega foi um lendário *payador* que teria ganhado um desafio com o próprio Diabo!

descrição da *pelota*, há diferenças em relação a outras, pois ela é feita de *“un verdadero pato casero y a falta de este palmípedo, un gallináceo cualquiera metido muerto dentro de un saco de piel cerrado por cuatro manijas corredizas”*. Mudam as aves e as manilhas!

O jogo também tem um final distinto das demais versões: *“Si el vencedor llegaba a la casa elegida por meta, sin perder el pato, lo arrojaba al patio y ya se declaraba victorioso.”* (Id.:187). Quem recebesse a ave daria outra, e o Pato era reiniciado, se estendendo até noite fechada. O autor dá conta dos danos a pessoas e bens além dos próprios praticantes: *“Desgraciados, empero, los caminantes, los rebaños de ovejas y todo lo que se presentaba delante de la feroz batida; todo rodaba a los pies de los caballos y los jinetes mismos quedaban muchas veces tendidos en medio de la rastrillada por donde había cruzado el pato con la violencia del huracán.”* (Id.:188).

Uma obra significativa foi de José Ignacio Garmendía, um militar argentino de muitos talentos: pintor, escritor e historiador. Teve uma expressiva produção artística sobre a Guerra da Tríplice aliança, além de muitos relatos de expedições militares de que tomou parte. *Cartera de Soldado* é um dos seus libros, com capítulos variados sobre militares, episódios da guerra, costumes etc. Entre eles *“El Juego del Pato (Cuadro de otros tiempos)”* (GARMENDÍA, 1889: 225-245). É um texto detalhado sobre o jogo, também dado a exageros. Começa com uma rara visão social da vida comum *“del gaucho, expuesta á cada momento á un peligro, á los vaivenes de la miséria, y alarmada continuamente por el dominio del Señor feudal.”* (Id.: 227)

A descrição minuciosa é reveladora da campanha deserta e da *pulpería* miserável onde se reunirão os jogadores, nos quais: *“El lujo del día santo es resaltante; pingos y jinetes están ataviados con las mejores pilchas que salen á relucir en el día dominguero: el platerío es ruidoso y espléndidamente relumbrante”* (Id.: 233). O arreamento dos cavalos e os trajes dos *gauchos* são luxuosos em todas suas peças, assim como a forma de usá-los. (Id.: 233-236). Escreve: *“Este es el traje nacional, nacido y*

*creado en la tierra argentina: mas pintoresco que el árabe y el húngaro; este es el traje nacional que debemos conservar, como todas las naciones civilizadas de la Europa conservan el suyo”, devendo-se usar as vestes “del pueblo para halagar su sentimiento nacional e identificarse en la acción con la gran masa popular. ” (Id.:235-236).*

O jogo começa com “*cuatro paisanos han tomado fuertemente con sus callosas manos las manijas del pato*”, que em seguida guiam “*los enseñados pingos de modo de tirar en sentido contrario al adversário*”. Inicia a arriscada correria: “*Los ginetes que quieren unir la maña á la fuerza acortan de repente la distancia y enseguida arrancan el tirón de golpe con astutos y bárbaros esfuerzos. Así van luchando cual si se tratara de un combate real. ” (Id. p.240).* E termina com uma comparação desmedida: “*el caballo reventado por el último esfuerzo, se detiene temblando, dobla las piernas, mira con ansiedad la pradera y cae muerto de fatiga, como debió sucumbir el chasque de Maratón, después de haber cumplido su heroico propósito. ” (Id.:245)*

Por fim, o autor que de todos considero ter a melhor compreensão da campanha argentina do XIX: William Henry Hudson, ou melhor, Guillermo Enrique Hudson!<sup>19</sup> No livro *El Ombú*, de 1903, o autor trata do mundo rural platino ainda colonial, ao tempo das Invasões Inglesas, recriando hábitos e costumes do campo. Nele há um relato muito entusiasmado do jogo do Pato (HUDSON, 1999). Os protagonistas da história – o menino e o tio – veem de longe “*una pila'e hambreh' a caballo, desparramaos por la pampa, algunos paraos y otros galopiando pacá y payá*”. A reação deles foi instantânea “*¡El pato! ¡El pato!*”, gritó don Santos, *muy agitado*” (Id.:11). A lembrança do jogo traz o narrador ao presente, em que ele está proibido: “*Señor, cuando ricuerdo el juego' el pato, y pienso que ya no se juega a causa' el Tirano, que lo prohibió, me*

---

<sup>19</sup> William Henry Hudson nasceu em Quilmes em 1841, filho de estancieiros vindos dos Estados Unidos. Viveu na Argentina até 1874, quando emigrou para Londres. Considerado um dos maiores escritores ingleses de seu tempo, alguns de seus livros mais importantes se relacionam ao Rio da Prata, onde usam seu nome em castelhano. Borges (1974: 733-736) escreveu sobre *The Purple Land*, de 1885 (HUDSON, s.d.): “*Quizás ninguna de las obras de la literatura- gauchesca aventaje a The Purple Land. (1974:733).* Seu livro mais divulgado é a autobiografia de 1918 *Longe, e Há Muito Tempo* (1952).

*dan ganas de llorar, que ya no haigan hambreh' en esta pampa ande primero vide la luz.*"<sup>20</sup>

Um dos recém-chegados embretou-se no jogo, mesmo contra a vontade de alguns contra quem “era’e **pajuera** [era de para fora]”, mas o jogo seguiu mesmo com rejeição de uns ao estranho, que já se fazia notar; um deles dizendo aos demais: “*¡Amigos y compañeros!*” -gritó-, *¿es éste el fin? Si dejamoh' a este **pajuerano** llevarse el pato*” (Id.: 12-13)<sup>21</sup>. O jogo só termina ao anoitecer, e os de fora retomam seu caminho com o respeito pelo que chegara em meio ao jogo: “*Habían visto la juerza’e don Santos y lo corajudo qu' era, y aunque ellos eran muchos y él uno solo, prefirieron dejarlo dirse tranquilamente*” (Id. p. 13).

No Apêndice à novela, Hudson esclarece algumas coisas. Sobre a proibição do Pato ao seu tempo culpa a Rosas, pois era uma traição aos mesmos *gauchos* que o apoiaram decisivamente (Id. p. 47). Escrito na Inglaterra, compara o jogo ao futebol: o Pato seria duas vezes maior que a bola de futebol, e que até as disputas mais violentas teriam semelhança, com a ressalva de que o jogo argentino era a cavalo. Acrescentava, no entanto: “*A veces, en este trance, un par de jugadores, atolondrados, furiosos por haber sido heridos o vencidos, desenvainaban sus facones para probar cuál de los dos tenía razón*”; isto não impedia que o jogo continuasse sem os brigões. Também exagera nas distâncias: “*Se recorrían de esta manera léguas y léguas de terreno*” (Id.:480). Quase concluindo aponta: “*Para el gaucho, que se apegaba a su caballo desde la niñez, casi con la misma espontaneidad que un parásito al animal a cuyas expensas vive, "el pato" era el juego de todos los juegos...*” (Id. p.49).

---

<sup>20</sup> A proibição é atribuída a Rosas, governante máximo durante a infância do autor (HUDSON, 1952).

<sup>21</sup> É admirável como Hudson reproduz a linguagem gauchesca de seu tempo! Escreveu muito anos depois de ter saído da Argentina.

## Pata aqui!

De qual Pato estou falando quando me refiro ao Rio Grande do Sul? Não é com certeza este trazido à luz pelos autores tratados, sejam os relatos mais ou menos realistas. Para cá veio uma versão atualizada em meados do século XX, que vou referir brevemente. O Pato foi ressuscitado na Argentina a expensas de tradicionalistas de La Plata. Alberto del Castillo, chefe de segurança da cidade, regulamentou o Pato em 31 de março de 1938 (FERNÁNDEZ, 2010:39). Quatro semanas depois, o governador da Província de Buenos Aires abolia o artigo 1043 do Regulamento da Polícia que proibia o Pato. Em 23 de agosto o jornal *La Nación* noticiou a primeira partida de Pato em Luján (1938) de onde fora anatematizado pelo *Vicário* Mosqueda (SALVAIRE, 1884: 182). Ainda 1938, foi criado o primeiro *Campo de Pato* no partido de General Las Heras, a pretexto de que lá se criavam os melhores cavalos crioulos (FERNÁNDEZ, Id.)

Em 1941, finalmente, foi fundada a *Federación Argentina de Pato* (FEDERACIÓN... 2020). O jogo ancestral com seus desatinos deu lugar a um esporte regrado, muito menos violento, que exigia cavalos e fardamentos especiais e, fundamentalmente, passava a ser disputado por outros grupos sociais, urbanos e burgueses (FERRARESE, 2008:9). Com efeito, *“El Reglamento Oficial del Juego comienza así: Este juego, por su reciedumbre y velocidad, exige a los que lo practican, un alto grado de cultura deportiva y el cumplimiento estricto de sus reglas.”* Ele é jogado por equipes de quatro cavaleiros, e existem definições precisas desde o tamanho e peso do “pato”, a raça dos cavalos, dimensões do *potrero*, conduta dos jogadores e do juiz etc. Enfim, são 19 páginas de regulamentação!<sup>22</sup> (FEDERACIÓN... s.d.).

---

<sup>22</sup> Uma das regras me é particularmente discriminatória: “21. Manejo do Pato: 21.1 a) *El pato, por principio, debe ser manejado con la mano derecha, tanto para recogerlo como para efectuar los pases o los tiros al arco. Los pases podrán hacerse libremente hacia los lados, atrás o adelante.* b) *El jugador que recibe un pase podrá hacerlo con cualquier mano o con ambas, pero de inmediato deberá pasarlo a la mano derecha.*” (FEDERACIÓN... REGLAMENTACIÓN, s.d.) A *Federación* informa em relação ao *Horseball*: “Otra diferencia es que los pases los hacen con las dos manos como en el rugby y pueden levantar el pato de ambos lados, mientras que en el pato solo se permite del lado derecho del

No entanto, a julgar pela reportagem de Bryan, havia em algumas estâncias a prática do Pato de uma forma ainda assemelhada aos tempos antigos. (BRYAN, 1942): *“Um ‘team’ geralmente compõem-se de cinco jogadores, que raramente saem ilesos do brinquedo. ”* O jogo começava com os dois “capitães” disputando o Pato, *“uma bola de couro com alças do tamanho de uma bola de basket-ball. ”* De imediato, dos demais *“saem a galope, lutando pela posse da bola, que deve ser levada ao goal a dez milhas de distância. ”* A disputa era ferrenha: *“Eles cavalgam como demônios, batendo-se com os chicotes e com as boleadeiras. A única regra é não atirar a boleadeira contra o cavalo, pois ela pode quebrar-lhe as patas. ”*

Parecido a esta descrição foi o “documentário” cinematográfico realizado em 1953 pelo argentino Berciani, *“Pato, un deporte gaucho”* (PATO..., 1953), com onze minutos de duração. Iniciando com os ginetes preparando-se para o Jogo do Pato, com esmerado cuidado na reprodução das vestimentas do século XIX, incluindo chiripás, “botas de garrão”, lenços e *chambergos* de acordo. O “pato” também era um simulacro daqueles descritos pelos autores já tratados. A disputa à moda antiga dura três minutos e meio, com direito a algumas quedas nos tirões dados no “pato”, além de duas cenas insólitas: um cavalo boleado, e um ginete arrancado da montaria por um tiro de laço! O jogo termina com a entrega do “pato” a uma das prendas.

Segue-se a chegada de autoridades com um *Bando* de proibição do Jogo do Pato, que os *gauchos* rasgam; depois um padre faz uma pregação contra os perigos da diversão, e os cavaleiros retiram-se melancolicamente. O filme se interrompe e exhibe uma explicação: *“Pero el Pato siguió su curso. El bárbaro juego era simplemente el juego propio de le época, de varones fuertes y valientes. Hubo que civilizarlo. Hubo que darlo un reglamento, y así surge en 1937 el Reglamento Oficial del Juego. ”* (Id.) A cena muda para uma associação de Jogo do Pato, com cavalos de

---

*montado. El resto de las reglas son muy parecidas a nuestro ancestral juego. ”* (Id., s.d.) Ou seja, canhotos como eu não podem jogar *Horseball*! Não creio que houvesse isto no Pato tradicional... e por certo plebeu!

raça sendo tratados como tais, as equipes de quatro cavaleiros uniformizados, selas no lugar dos lombilhos, as “goleiras” com redes, o “pato” oficial, e lances de uma partida moderna, em ambiente urbano, assistido em arquibancadas por pessoas bem vestidas! O Pato elitizou-se!

De toda sorte, pelo Decreto n.º 17.468 de 16 de setembro de 1953, assinado pelo Presidente Juan Domingo Perón “*Es declarado Deporte Nacional el Juego Denominado ‘El Pato’*”. Em 2010 houve algum murmúrio no Congresso Argentino no sentido de tornar o Futebol o esporte nacional do país; afinal, milhões são expectadores deste jogo, ao passo que o Pato se pratica em clubes restritos. Mas recebeu uma pronta reação, como mostra a *Declaración de Ley* do senador Carlor Reutmann, ele próprio oriundo de outro esporte<sup>23</sup>. Apenas em 2017 foi sancionada pelo Congresso a *Declaración como deporte nacional al juego denominado “El Pato”, LEY 27.368*

Na década de 1970, um militar francês praticante de Hipismo levou o jogo para seu país, onde recebeu o nome de *Horseball*, com poucas diferenças em relação à versão mais contemporânea do Pato. Em 1999 foi criada a *Fédération Internationale de Horseball* (FIHB) que controla o rebatizado esporte por todo o planeta. Em sua página há uma definição do jogo: “*Horseball is a highly spectacular equestrian sport that can be defined as a mix of ‘basketball and rugby on horseback’*. Inspired in the argentinian ‘Pato’ (FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE HORSEBALL, s.d.)<sup>24</sup>.

E ressurgiu o *Buzkachi*! O trabalho acadêmico de Joyce Rodríguez discorre sobre as origens do *Horseball*: “*Os afegãos dedicaram-se desde tempos remotos a um jogo brutal (...) chamado o Bouzkachi [sic]*” Segue a autora: “*Inspirados nos afegãos os argentinos trouxeram uma modalidade chamada o pato, e não diferente dos seus inspiradores orientais, tinham uma reputação de homens rústicos, pouco dotados de sensibilidade, afinal,*

<sup>23</sup> Carlos Reutmann foi automobilista na categoria de Fórmula-1 de 1972 a 1982.

<sup>24</sup> “*Horseball é um esporte equestre altamente espetacular que pode ser definido como uma mistura de ‘basquete e rúgbi a cavalo’. Inspirado no ‘Pato’ argentino*”. Lamentável! O Pato não pode ter sido inspirado pelo basquete e/ou pelo rúgbi, logo a explicação é anacrônica. Mas é repetida por outros...

*adotavam algumas práticas bárbaras*” (RODRÍGUEZ, 2009:43).<sup>25</sup> Salvo melhor juízo, qualquer contato entre povos das estepes asiáticas com a campanha platina está no rol das impossibilidades históricas e lógicas! No entanto, *El Arcón de la Historia Argentina*, um sítio tradicionalista, também recorre ao *Buzkachi* para explicar o Pato: “*Se dice que en sus orígenes, quizás en Afagnistán, lo que se disputaban era la cabeza cortada de algún enemigo vencido en combate.* (EL ARCÓN DE LA HISTORIA ARGENTINA, 2019). Muito dramática a referência ao jogo!

Nos últimos anos assistimos no Rio Grande do Sul algumas partidas de Pato que tiveram mais caráter de exibição, e com informações sofríveis para espectadores ou mesmo curiosos sobre o jogo. Na página da Associação Brasileira de Criadores de Cavalos Crioulos (ABCCC), uma matéria de 6 de dezembro de 2018 se refere à primeira vez que o Pato foi jogado no Rio Grande do Sul apenas por cavalos Crioulos. O jogo ocorreu em São Lourenço, no dia 24 de setembro de 2013, no Parque de Exposições do Sindicato Rural, por ocasião da “Expofeira” local. A matéria “*Jogo do Pato faz sucesso em São Lourenço do Sul*” explica o jogo, conhecido apenas de um dos oito cavaleiros que jogaria a partida: “*O Jogo do Pato é uma prova secular, que surgiu na Argentina há quase 400 anos.* “Também se compara o jogo a outros esportes: “*A partida lembra o pólo, o rúgbi e o basquete, pois o objetivo principal é marcar pontos conseguindo encestar a “bola com asas”.* A lembrança do Polo certamente foi a mais adequada de todas até agora! Segue: “*O nome da disputa vem de seus primórdios, quando ao invés da bola se utilizava um pato vivo para marcar os gols.*” Não eram exatamente “gols”, mas enfim... O jogo teria sido tão apreciado que havia expectativa de que novos torneios acontecessem (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS CRIOULOS, 2018:3).

Outro jogo, só em 2018. O jornal virtual *Página Rural* noticiou em 25 de agosto de 2018: “*RS: Jogo do Pato anima visitantes em partidas de “futebol sobre o cavalo” na Expointer*” (PÁGINA RURAL, 2018). De

---

<sup>25</sup> Rodríguez dá como referência a Federação Equestre Portuguesa; consultei o sítio da entidade e não localizei a informação.

“basquete” ou “rúgbi” para “futebol”! Aparentemente importava mais uma disputa entre as raças Árabe e Mangalarga, pois cada time representaria uma destas criações: *“O jogo do pato, ou Horseball, é uma das primeiras provas do Cavalo Árabe na feira. Presente desde 2015 na Expointer, o jogo serve mais como uma confraternização entre os cavaleiros do que uma competição em si.”* Mais adiante a página informava: *“O esporte é tradicional nos vizinhos do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai”*.<sup>26</sup> Uma organizadora do evento explicou o nome: *“Antigamente, por volta de 1930, era usado um pato no lugar da bola”* (Id., 2018).

Sobre o evento de dezembro de 2018 a ABCCC, na matéria do dia 6, intitulada *“Você conhece o jogo do pato?”*, definia o Pato como uma *“mistura de Polo, Hóquei e Basquete. O [sic] cal delimita o campo. De cada lado uma cesta, com 2,7 metros de altura”*. Seguiu o texto: *“Cavalos e ginetes com galope rápido precisam conduzir a bola com a mão direita, realizando passes e rompendo a defesa adversária, para então, arremessar e pontuar.”* O mito de origem castelhano era referendado: *“Criado há quase 400 anos, o Pato é o esporte nacional da Argentina que vem conquistando o solo gaúcho.”*<sup>27</sup> Sobre isto ainda acrescenta: *“Em sua origem a bola consistia em um pato vivo, colocado dentro de uma rede de couro, que seria disputado ao início da partida por duas equipes montadas.”* (Id., 2018:2-3).

### **... para ver o que é que há!**

E o Pato? Foi “inventado” pelos *gauchos*, a plebe das plebes. Contra a Lei, contra o Rei e contra Deus enquanto viveram os *gauchos*. Amansados os *gauchos* xucros, que vivam os *gauchos*! Os mais liberais dos liberais incensaram o Pato e lamentaram seu final melancólico. Ressuscitados pela

---

<sup>26</sup> Não encontrei referências sobre o Jogo do Pato no Uruguai. A crônica de Espinosa já referida trata das cercanias de Montevidéu, mas no tempo do Vice-Reinado do Rio da Prata (MALASPINA, 2012:560).

<sup>27</sup> “Gaúcho” aqui é gentílico para rio-grandense e não tem nada a ver com aqueles que praticavam o jogo.

oligarquia nostálgica dos seus comandados, volta o jogo como se deles fosse! “Gauchinhos” da cidade sediaram jogos, criaram poteiros, fizeram regras, nacionalizaram o que não reconhecia nações, pois a campanha não tinha linhas de cal nem limites desenhados em mapas. E ele entrou já domado e com freios no Rio Grande, com uma história mal contada e nomes estranhos! É que também aqui já não havia mais gaúchos, mas só “gauchinhos” com outro idioma. Como cantou o poeta: “*Se fue lo gaucho y se quedó la policía*” (GUARANY, 1980).

## Referências

ACADEMIA ARGENTINA DE LETRAS. **Diccionario del habla de los argentinos**. Buenos Aires: Espasa Calpe, 2003.

AVÉ-LALLEMENT, Robert **Viagem pela província do Rio Grande do Sul**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980

ARCÓN (EL) DE LA HISTORIA ARGENTINA. <<https://elarcondelahistoria.com/>>

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CRIADORES DE CAVALOS CRIoulos. **Você conhece o jogy do pato?** Bagé (RS). <<https://www.cavalocrioulo.org.br/>>

AZARA, Félix de. **Viajes por la América del Sur de Don Félix de Azara, Comandante de la Comisión de Límites Española en la Sección del Paraguay**. Montevideo: Biblioteca del Comercio del Plata. (Tomo 2). Montevideo, 1850, p. 123-124. <<https://www.pasapues.es/libros/viajesporlaamericameridional-2>>

\_\_\_\_\_. **Descripción e Historia del Paraguay y del Río de la Plata**. Buenos Aires: Editorial Bajel, 1943. (Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes) <[http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/descripcion-e-historia-del-paraguay-y-del-rio-de-la-plata--o/html/ff6cca86-82b1-11df-acc7-002185ce6064\\_6.html](http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/descripcion-e-historia-del-paraguay-y-del-rio-de-la-plata--o/html/ff6cca86-82b1-11df-acc7-002185ce6064_6.html)>

\_\_\_\_\_. **Memorias sobre el estado rural del Río de la Plata en 1801: demarcación de límites entre el Brasil y el Paraguay á últimos del siglo XVIII, é informes sobre varios particulares de la América meridional española**. MADRID: Imprenta De Sanchiz, 1847 (Copyright © Chicago: HardPress Publishing, 2017, p. 189-196.

- AZOV, G. Whitney. **Buzkachi: Game and Power in Aphganistan**. Long Grove (IL): Waveland Press, 2012.
- BORGES, Jorge Luis. Sobre “The Purple Land”. In: **Otras inquisiciones. Obras Completas (1923-1972)**. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974, p. 733-736.
- BELLONI, José. **Monumento al Entrevero**. Montevideo. 1967. Escultura de bronze.
- BRYAN, Julien. O jogo mais perigoso do mundo. **Revista do Globo**. Porto Alegre, v. 14, n. 320, p. 39, 6 jun. 1942
- CAVALEIROS DO BUZKACHI (*The Horsemen*). Direção: John Frankenheimer. Produção: Edward Lewis. E.U.A.. Columbia, 2471971. 1 DVD Dolby Digital. <<http://www.seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/9812/5605>>
- COLUCCIO, Félix. **Diccionario de Voces y Expresiones Argentinas**. Buenos Aires: Plus Ultra, 1986. DUMAS, Alexandre: *Memórias de Garibaldi*. P.Alegre: L&PM, 2010.
- EDITORA ABRIL. Buzkachi, o violento jogo nacional do Afeganistão. In: \_\_\_\_\_. **Todos os Jogos**. São Paulo: Abril, 1978, p. 170.
- ENCICLOÆDIA BRITANNICA. **Polo**. Chicago: Chicago University, vol. 18, 1964, p. 176-177.
- FEDERAÇÃO EQUESTRE PORTUGUESA. Horseball. In: **Base dados 1999 a 2009**. <<https://www.fep.pt/Disciplinas/Horseball>>
- FEDERACIÓN ARGENTINA DE PATO Y HORSEBALL. **Historia de nuestro deporte nacional: el Pato. Reglamentación**. s/d. <<https://pato.org.ar/>>
- FÉDÉRATION INTERNATIONALE DE HORSEBALL. <<https://www.fihb.net/>>
- FERNÁNDEZ MOORES, Ezequiel. **Breve história del deporte argentino**. Buenos Aires: Ateneo, 2010
- FERRARESE CAPETTINI, Stela Maris. El Pato: de juego social e deporte de elite. In: **Record: Revista de História do Esporte**. Rio de Janeiro: UFRJ (PPG em História Comparada), volume 1, número 1, junho de 2008.

FONSECA, Divino. *É Jogo prá Macho, Tchê. Placar*. São Paulo: Editora Abril, n.º 505, 28 de dezembro de 1979. p. 86-91.

FREZIER, Amadeo. **Relacion del Viaje por el Mar del Sur**. Caracas: Ayacucho, 1982.

GARMENDIA, José Ignacio. El Juego del Pato. In: **La Cartera de un Soldado**. (*Bocetos sobre la marcha*). Buenos Aires / La Plata: J. Peuser, 1889, p. 225-245.

GENTILE, Margarita E. Los bandos de buen gobierno y el juego del Pato. In: \_\_\_\_\_; CAGGIANO, María Amanda; IRURTIA, [María Paula](#). **El área pampeana**. Chivilcoy (BA): Edición del Autor, 2009, p. 2.

GUARANY, Noel. Chairando. **Alma, Garra e Melodia**. S.Paulo: Marcus Pereira, 1980.

GUAZZELLI, Cesar A. B. **Caudilhos e Montoneros de La Rioja: Sociedade e Discurso (1861-1867)**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado em História), 1990.

\_\_\_\_\_. Regiões-Províncias na Guerra da Tríplice Aliança. In: Rio de Janeiro: **Topoi**, v. 10, n. 19, jul.-dez. 2009, p. 70-89.

\_\_\_\_\_. A barbárie anda a cavalo: estepes, correrias e sangue! In: \_\_\_\_\_; DOMINGOS, Charles S. M.; BECK, José O.; QUINSANI, Rafael H. **Vida é Jogo! Ensaios de História, Cinema e Esporte**. Porto Alegre: Letra & Vida, 2011.

HUDSON, Guillermo Enrique. **The Purple Land**. e-book Kindle, s.d.

\_\_\_\_\_. **Longe, e Há Muito Tempo**. São Paulo: Editora Gráfica Brasileira, 1952.

\_\_\_\_\_. **El Ombú**. Buenos Aires: elaleph.com, 1999.

JURADO JURADO, Juan C. Desastres naturales, rogativas públicas y santos protectores en la Nueva Granada (siglos XVIII y XIX). **Boletín Cultural y Bibliográfico**. Bogotá: Banco de la República, vol.41, num.65, 2004, p. 59-80.

LOPES NETO, João Simões. Correr Eguada. In: **Contos Gauchescos e Lendas do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1961, \_\_\_\_\_. Id, p. 163-167.

MALASPINA, Alejandro. **Viaje político-científica alrededor del mundo por las corbetas Decubierta y Atrevida al mando de los capitanes de navio D. Alejandro**

**Malaspina y Don José de Bustamente y Guerra. desde 1789 a 1794.** Madrid: Imorenta de la Viuda e Hijos de Abienzo, 1885. (Presente edição: Madrid: Maxtor, 2012.) <<https://www.biodiversitylibrary.org/item/85937#page/10/mode/iup>>

MATTOS, Emanuel. 2 x 1, Fora o Baile. **Placar.** São Paulo: Editora Abril, n.º 505, 28 de dezembro de 1979, p. 3-10.

MITRE, Bartolomé. **Armonías de la Pampa.** Buenos Aires, La Cultura Argentina, 1916.

MONTES, Anibal. Corrida de Toros y Juego del Pato, en la Córdoba Colonial. **La Voz del Interior.** Córdoba: 30 de septiembre de 1949

MORAES, Vinicius de. **A arca de Noé: poemas infantis.** São Paulo: Cia. das Letrinhas, 2000.

MUCHAUD, Roland e col. Cavaliers des Steppes. **Double Page. Le Livre D'or des Grands Photographs.** Paris: n.7, Editions Snep, 1981.

NACIÓN (LA). El juego del pato trasciende fronteras El horseball, variante de nuestro deporte nacional, se ha establecido en países como España, Francia y Perú. **Economía. Campo.** Buenos Aires: 2/1/2009.

OBLIGADO, Rafael. Santos Vega. In: DANERO. Eduardo M. S. **Antología Gaucha (Poesía).** Santa Fé (Argentina): Castellví, 1956, p.250-256.

ORNELAS, Manoelito de. **Gaúchos e Beduínos.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

PÁGINA RURAL. **RS: Jogo do Pato anima visitantes em partidas de "futebol sobre o cavalo" na Expointer.** Esteio (RS): 21/8/2018.

<<https://www.paginarural.com.br/noticia/260152/jogo-do-pato-anima-visitantes-em-partidas-de-quotfutebol-sobre-o-cavaloquot-na-expointer>>

PAIXÃO CÔRTEZ, João Carlos D'Ávila. **Folclore gaúcho: festa, bailes, música e religiosidade rural.** Porto Alegre: CORAG, 2006.

PATO, UN DEPORTE GAUCHO (DOCUMENTARIO). Realização: Berciani. Argentina, Buenos Aires, 1953. Archivo Di Film. <<https://www.difilm-argentina.com>>

PELLIZA, Mariano A. Costumbres argentinas. Los índios; los ganaderos y el pato; los labradores y la siembra del trigo. **El País De Las Pampas: Descubrimiento, Población y Costumbres (1516-1780)**. Buenos Aires: F. Lajouane, 1887, p.179-197.

PEREIRA, Ester Liberato. Carreiras de cancha reta e turfe: práticas equestres de corrida e sua interdependência com o lazer e o esporte. In: \_\_\_\_\_. **Esporte, práticas culturais e configurações: um estudo histórico e sociocultural da equitação esportiva no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado em Ciências do Movimento Humano), 2016, p. 64-120.

RAMBO 3 (*Rambo III*). Direção: Peter MacDonald. Produção: Buzz Feitshan. E.U.A. TriStar Pictures, 25 de maio de 1988.

REAL ACADEMIA DE ESPAÑA. **Diccionario da la Lengua Española**. h-z. Madrid: Real Academia Española, 1992.

REIN, Raanan; PANELLA, Claudio (Compiladores). **El deporte en el primer peronismo: Estado, competencia, deportistas**. La Plata (Argentina): Universidad Nacional de La Plata (Facultad de Periodismo y Comunicacion Social), 1019.

REUTMANN, Carlos. **Proyecto de Declaración**. Buenos Aires: Senado de la Nación (S-1848/10). <https://www.senado.gob.ar/senadores/senador/232?ProyectosSenador>>

RODRIGUEZ, Joyce Jamile. **Inicição ao hipismo: o seu contexto e a utilização dos jogos e diferentes possibilidades para as crianças**. Campinas: UNICAMP (Trabalho de Conclusão de Curso de Educação Física), 2009.

SALVAIRE, Jorge M. **La Congregación de la Misión Historia de Nuestra Señora de Luján: su origen, su santuario, sus milagros y su culto**. Buenos Aires: Imprenta de Pablo E. Coni, 1885, tomo segundo.

SARMIENTO, Domingo F. **Facundo**. Buenos Aires: Sopena, 1952.

SCHER, Ariel; BLANCO, Guillermo; BÚSICO, Jorge. **Deporte nacional: dos siglos de historia**. Buenos Aires, Emecé, 2010.

SCHLEE, Aldyr Correr Eguada. Pajador. In \_\_\_\_\_. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense**. (2 v.). Pelotas: Fructos do Paiz, 2019.

TAU ANZOÁTEGUI, Víctor estudio. **Los bandos de buen gobierno del Río de la Plata, Tucumán y Cuyo (época hispánica)**. Buenos Aires: Instituto de Investigaciones de Historia del Derecho. 2004.

TORRES BELLO, Diego de. Segunda carta. In: **Cartas Anuas de la Provincia del Paraguay, Chile y Tucumán de la Compañía de Jesús (1609-1614)**: 41-82. Buenos Aires: Documentos para la Historia Argentina. Iglesia, tomo XIX. 41-82.

**Entre touros e patins:  
Facetas da modernidade Porto-alegrense (século XIX) <sup>1</sup>**

*Victor Andrade de Melo* <sup>2</sup>

*Cleber Eduardo Karls* <sup>3</sup>

Na segunda metade do século XIX, Porto Alegre era uma cidade em transição. A despeito de ser ainda um tanto provinciana, bem como manter forte relação com referências rurais<sup>4</sup>, notava-se claramente um conjunto de mudanças relacionadas à adesão a ideais de modernidade (PESAVENTO, 1999), tais como a melhoria da infraestrutura urbana, a adoção de novos costumes, o aumento da efervescência política, o incremento da dinâmica cidadina.

Importante interveniente foi a presença e ação de imigrantes, especialmente alemães e italianos, que trouxeram de seus países alguns costumes que contribuíram para delinear os padrões culturais urbanos. Nesse contexto, se forjava uma nova cidade na qual, de diferentes maneiras e graus, se chocavam e se ajustavam novos e antigos valores.

Como foi usual em outras cidades, com o incremento da dinâmica social, percebe-se o melhor delineamento das diversões públicas. No caso de Porto Alegre, é importante ter em conta os arranjos entre o rural e o urbano, um importante fator no tocante aos encontros entre antigos e

---

<sup>1</sup> Este artigo é uma versão de dois outros publicados em 2014 e 2016.

<sup>2</sup> Professor Doutor – Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: victor.a.melo@uol.com.br

<sup>3</sup> Professor Doutor – Universidade Veiga de Almeida. E-mail: cleber\_hist@yahoo.com.br

<sup>4</sup> Deve-se ter em conta que, no período, a província se destacava pelo fornecimento de produtos agrícolas e industriais derivados da agropecuária.

novos hábitos, entre o que vinha do exterior e o que se estabelecia como regional (PESAVENTO, 2007). Uma parte dos entretenimentos seguiu arranjos mais tradicionais. De outro lado, se conformaram divertimentos “mais modernos”.

Neste capítulo, abordaremos duas práticas de entretenimento que são expressões desses pólos: as touradas, um antigo costume que se redimensionava tendo em vista as mudanças cidadinas, e a patinação, indicador explícito da circulação de noções de civilização e progresso.

### **As touradas em Porto Alegre: tradição e modernidade**

Na Porto Alegre do século XIX, a mistura de costumes campesinos com hábitos modernos favoreceu a manutenção da intimidade com os animais. Tendo a “modernidade gaúcha” uma forte ligação com uma tradição rural, na qual a lida entre o homem e o gado era uma prática cotidiana, podemos dizer que as touradas não eram tão estranhas à cidade.

A breve nota publicada em A Reforma de 17 de janeiro de 1875 parece ter sido um dos primeiros anúncios de que as touradas desembarcavam em Porto Alegre: “Hoje às 5 horas da tarde, no circo da Várzea, haverá corridas de touros. A diversão é inteiramente nova nesta cidade; e por isso grande deve ser a concorrência de povo” (p. 3). Os espetáculos já eram organizados segundo um modelo que, com poucas alterações, permaneceu no decorrer do século: tratava-se de um acordo comercial entre o proprietário da arena, os donos dos animais e o diretor da companhia de toureiros.

A suposição do periódico parece ter se comprovado. As touradas rapidamente caíram no gosto da população, superando na preferência do público antigas diversões. Em função do sucesso, a temporada foi mesmo estendida. Mais ainda, vinda de outras cidades da região sul, logo chegou outra companhia que apresentou um espetáculo completo à moda portuguesa, trazendo uma novidade que entusiasmou a plateia: os forcados, que pegavam os touros “à unha” (A REFORMA, 21 abr. 1875:3).

Sem a morte do animal no final, valorizando o toureio a cavalo, nesse formato dava-se ainda a “embolação”, isso é, a colocação de armações de couro e metal nos cornos para que não ferissem os toureiros.

No Brasil, as touradas majoritariamente seguiram esse molde tanto por ser uma forma de contestar as críticas a sua “barbaridade” (já que não culminava com o animal sacrificado) quanto pelo envolvimento da grande colônia de portugueses no país estabelecida. De toda forma, em Porto Alegre, muitos toureiros espanhóis também foram apresentados como atração. De fato, houve espetáculos com os touros em “aspas nuas”, isso é, chifres descobertos, o que aumentava o risco e a emoção.

Em 1875, um cronista chegou a julgar que era uma prova de atraso da capital gaúcha o fato de a população preferir o circo e as touradas ao teatro (A REFORMA, 23 fev. 1875:1). O povo, contudo, assim não encarou a prática que compunha o cenário de uma cidade cujos entretenimentos se diversificavam. Os promotores dos eventos tauromáquicos até mesmo baixaram o preço dos bilhetes, “atendendo à afluência de divertimentos n’esta capital” (A REFORMA, 20 fev. 1875: 4). Era grande a concorrência, crescente no decorrer dos anos. Em 1881, um cronista observou que uma sessão de corridas de touros:

começara às 5 ½ da tarde, hora escolhida para que os frequentadores do Prado e do Teatro possam assistir a todas as diversões, sem prejuízo de tempo algum; pois devendo terminarem as corridas do Prado antes das 5 horas e começando o espetáculo no S. Pedro às 8 ½ , hora esta em que já deve ter terminado a função no circo, os *dilletandi* das três diversões podem assistir a todas mui folgadamente (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 23 dez. 1881:4).

A propósito, as corridas de touros foram organizadas no sítio que, no decorrer do tempo, se conformou como espaço por excelência de diversões, um lugar importante no que tange à sociabilidade pública de Porto Alegre: a Várzea do Portão, em 1870, oficialmente denominada como Campo do Bonfim, posteriormente renomeado para Campo da Redenção e, já no século XX, para Parque Farroupilha.

Depois das touradas de 1875, somente conseguimos indícios sobre a temporada de 1881. O anúncio da sessão inaugural, contudo, nos dá pistas de que, nesse ínterim, houve eventos tauromáquicos. Informou-se que se tratava de uma “nova série de corridas” cujos bilhetes estavam à venda pelos “preços de costume” (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 1 out. 1881:3).

As touradas de 1881 foram promovidas por um dos mais notáveis toureiros a atuar no Brasil: Francisco Pontes. No Rio de Janeiro, tornara-se um dos grandes responsáveis pela popularização da tauromaquia, por sua performance nas arenas, por sua capacidade de organizar espetáculos de qualidade e por seu constante envolvimento com a filantropia (MELO, 2013).

Em Porto Alegre, Pontes atuou por muitos anos e se tornou também renomado. O toureiro sempre procurava retribuir o carinho da plateia. Por exemplo, em certa ocasião, “tanto os bilhetes de sol como os de sombra” foram acompanhados de seu retrato a título de agradecer “o público e a imprensa d’esta capital, pela maneira generosa porque o têm acolhido, revelada nos abundantes aplausos prodigalizados à sua companhia e na valiosa proteção que lhe há dispensado” (A FEDERAÇÃO, 8 ago. 1889:3).

Essa temporada de 1889 foi efetivamente a mais organizada até então na capital gaúcha. O “Circo Tauromáchio”, dirigido por Pontes, oferecia um “grande, variado e estrondoso espetáculo” na qual se lidava “valentes touros, todos novos e melhores que os da última corrida” (A FEDERAÇÃO, 5 jul. 1889:3). A programação das sessões era mais diversificada, apresentando-se também atrações ao modelo das companhias circenses. Nas touradas anteriores, já se usara essa estratégia, todavia, de forma bem mais comedida.

Nessa temporada, os amantes das touradas apreciaram uma novidade: “Corrida de touros noturna – Aparatosa, ótima e deslumbrante corrida de 7 bravos e valentes touros” (A FEDERAÇÃO, 3 out. 1889:3). Essas ocasiões foram celebradas como expressão de progresso, como sinal de que a cidade se sintonizava com as novidades que chegavam dos países mais desenvolvidos.

Depois que Pontes e sua companhia partiram, somente em 1891, a cidade voltou a receber espetáculos tauromáquicos, organizados por uma companhia de espanhóis dirigida por Anastasio Mateo. Essas funções foram irregulares. Algumas razões podem ser aventadas. Uma delas é o fato de serem touradas mais tradicionais, sem a inserção das atrações circenses. O público já se acostumara com estímulos diversos não mais atendidos somente pelas corridas, um formato que, pelo menos naquele momento, acabava por desinteressar parte da assistência, além de ser mais caro para manutenção. Mais ainda, e talvez o principal motivo de fracasso, os toureiros não lograram obter boa popularidade. Em janeiro de 1892, se encerrou a iniciativa.

Durante alguns anos, só eventualmente surgiu alguma notícia sobre as touradas. Em 1895, uma lei municipal isentou companhias públicas de impostos. As tauromáquicas, todavia, ficaram de fora, causando estranheza a um cronista: “são as que, aliás, mais concorrem, ao lado das dramáticas particulares, para o desenvolvimento da nossa estética!” (A FEDERAÇÃO, 21 mai. 1895:1).

Somente em maio de 1897, teve início uma temporada mais notável. Os espetáculos foram conduzidos por uma companhia formada por espanhóis e portugueses (CORREIO DO POVO, 12 ago. 1897:3). Percebem-se sensíveis diferenças com a temporada de 1889. Tratava-se de um modelo de espetáculo ainda mais estruturado. Mesmo a tradicional prova dos curiosos, oferecida para voluntários da plateia, ganhou uma nova conformação: somente poderiam enfrentar os touros os amadores que recebiam uma autorização do diretor da companhia.

Os promotores tiveram sensibilidade para perceber que já se tratava de um público mais exigente, entendendo que a continuação de seu negócio dependia de conformar estratégias para sempre envolvê-lo e bem acolhê-lo. A diversificação da programação era mais restrita, contudo. As novidades eram mais internas ao campo da tauromaquia, não tão circenses como as de 1889. A performance dos artistas foi motivo de destaque.

De fato, ainda que, em algumas ocasiões, houvesse ressalvas à atuação das companhias, muitos toureiros receberam grande destaque, ressaltando-se sua destreza e coragem, sua capacidade de dominar a natureza. Em 1881, foi muito apreciada a performance de Saturnino Nenê, membro da família de Joaquim da Silva Nenê, na época apresentado como “bizarro amador porto-alegrense” (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 26 nov. 1881:4). Em 1889, Lourenço Delgado tornou-se um ídolo por sua capacidade de realizar técnicas distintas e arrojadas.

Nessa temporada, Geminiano de Carvalho ganhou fama por ser um “artista ginástico” que tinha força para suspender um touro, além de participar de desafios de luta romana realizados em plena arena (A FEDERAÇÃO, 12 jul. 1889:3). Tornou-se tão admirado em Porto Alegre que chegou a inspirar a propaganda da Loja de Fazendas de Pedro Soares de Barcellos (A FEDERAÇÃO, 13 set. 1889:3).

Em 1898, chegou à cidade outro renomado artista, Alfredo Tinoco, que já fizera fama na capital da República. Suas proezas eram narradas em tom épico: “o que mais agrada o nosso povo: alta dose de coragem, admirável sangue frio, e uma acentuada predileção pelos passes arriscados, a que se aventura de instante a instante” (CORREIO DO POVO, 15 fev. 1898:2).

Nas corridas de Porto Alegre, houve mulheres lidando com touros. Em 1889, atuaram Petrona Nogueira, Maria Soares e, com muito destaque, a espanhola Maria Dolores, considerada “valente e corajosa heroína” que enfrentou um touro com “aspas nuas”, bem como o temido Tigre Rochedo, considerado um dos mais brabos animais (A FEDERAÇÃO, 13 set. 1889:3).

Já na temporada de 1875, apresentara-se Julia Rachel, casada com o afamado toureiro Miguel Tranzado, anunciada como “a única n’este difícil trabalho em toda a América do Sul” (A REFORMA, 12 fev. 1875:3). Suas proezas eram admiradas, o mesmo que ocorreu com outra pioneira que atuara nas corridas de 1881: Zulmira da Conceição (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 7 dez. 1881:4).

Em Porto Alegre, a participação de mulheres nas touradas foi mais intensa do que se observava em outras cidades. Autores como Ismério (1995) e Leal (1996) já se dedicaram a compreender a peculiaridade da construção da imagem feminina no Rio Grande do Sul, muito influenciada pelo positivismo. É verdade que, em boa medida, isso significou uma visão conservadora e moralista, mas também gerou um protagonismo que pode ter contribuído para aumentar sua presença pública.

Nas arquibancadas, também marcavam presença muitas mulheres, “em cujos semblantes se liam a avidez pelas fortes emoções que desperta este gênero de diversão” (CORREIO DO POVO, 15 jun. 1897:1). Era amplo o perfil da assistência. Os lugares no sol, em geral, eram vendidos a 1\$000, os na sombra a 2\$000 e os camarotes para cinco pessoas a 10\$000; crianças até 10 anos pagavam \$500. Tais valores eram similares aos de outras atrações do momento, como as corridas de cavalos realizadas no Jockey-Club Porto-Alegrense e as funções da Grande Companhia Equestre de Frank Brown, que se apresentava no Theatro de Variedades (A FEDERAÇÃO, 16 ago. 1889:3).

Essa diferença de preços/lugares marcava bem os diferentes estratos sociais que frequentavam os redondéis. Como bem definiu um cronista, em 1897: “Sol quente, abrasador, tropical, caustificando os cachacos nus da gente de poucos haveres, (...), e enervando os organismos pesados da burguesia remediada, que tem posses para abancar a sombra” (CORREIO DO POVO, 15 jun. 1898:2). Além de populares e estratos médios, também eram *habitués* membros das elites porto-alegrenses, inclusive muitas autoridades.

Sobre o público das touradas há outro indicador interessante. Por vezes, os anúncios se referiram à “distinta classe comercial” (A FEDERAÇÃO, 27 jun. 1889:3). Mais ainda, a esse grupo, por meio do Club Caixeiral, foram dedicadas corridas. Vale lembrar que essa agremiação tinha um forte caráter de mobilização política, como sugere Duarte (2000: s.p.): “O CC de Porto Alegre tinha como objetivos a resistência, a instrução, a recreação e a prestação de socorros financeiros e pecuniários aos

associados”. Perceba-se a articulação com o contexto citadino. Além disso, deve-se ter em conta que muitos portugueses trabalhavam no comércio.

A propósito, como era usual em outras cidades, em Porto Alegre, foram organizadas touradas com fins beneficentes. No caso das corridas que promoveu Pontes, era também uma forma de expressar sua vinculação a certas causas políticas, como a abolição da escravatura. Uma das ocasiões em que isso se manifestou foi em uma sessão dedicada à Sociedade Floresta Aurora, uma ativa agremiação de pretos (A FEDERAÇÃO, 27 jul. 1889:3)<sup>5</sup>.

Seu nome também ecoou como benfeitor quando promoveu uma sessão em benefício da construção da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, localizada no bairro Rio Branco (A FEDERAÇÃO, 2 ago. 1889:3), onde morava boa parte dos pretos da cidade (RECH, 2012), bem como quando ofertou 200\$000 para serem divididos entre o Hospício São Pedro, as obras do Asilo da Mendicidade, a Santa Casa de Misericórdia e as vítimas de uma seca na Bahia<sup>6</sup>.

Se comparadas a outras cidades, havia peculiaridades nas touradas da capital gaúcha. Por exemplo, era mais intenso o envolvimento dos jovens com as experiências de tourear. Em muitas ocasiões, destinou-se um “tourinho para se divertirem” (A FEDERAÇÃO, 5 jul. 1889:3) crianças de até 12 anos.

Além disso, deve-se ressaltar o destaque que recebiam os criadores. Em todas as temporadas, isso se repetiu e, por vezes, tocou na questão da qualidade do gado. Assim um cronista criticou uma sessão na qual os animais não eram adequados: “faz-se mister mostrar a esses artistas estrangeiros que se o Rio Grande não possui picadores e capinhas de tal fama, tem, contudo, touros fortes e bons, que dão perfeitamente para diverti-los a eles e para divertir nosso povo” (CORREIO DO POVO, 15 fev. 1898:2).

---

<sup>5</sup> Para mais informações sobre essa agremiação, ver Pereira (2007).

<sup>6</sup> Situações semelhantes ocorreram em temporadas anteriores. Em 1881, por exemplo, Pontes organizou sessões beneficentes dedicadas à Sociedade Emancipadora Rio Branco, formada por alunos abolicionistas da Escola Militar de Porto Alegre, e ao Instituto de Artífices (O SÉCULO, 29 mai. 1881:4).

Por vezes, uma sessão contava com animais de diversos criadores, marcados com fitas de cores diferentes, exibidos ao público nos dias anteriores às corridas. Houve até mesmo, na temporada de 1875, uma curiosa aposta entre estancieiros: “[...] um conto de reis, que será ganho por aquele que, na opinião dos julgadores, apresentar os touros mais bravos” (A REFORMA, 20 fev. 1875:4). O toureiro era importante, mas o gado também.

No decorrer do século XIX, Porto Alegre acolheu com tranquilidade esses espetáculos com características rurais. Eventualmente, surgiu, como vimos, alguma referência à superioridade das atividades teatrais, nada que desautorizasse as corridas de touros. De fato, foi mesmo manifesta por muitos a preferência pelas touradas, consideradas ajustadas às peculiaridades locais.

Havia até alguns posicionamentos sobre as similaridades entre as touradas e certas diversões rurais comuns em Porto Alegre. Não poucas vezes, contudo, ressaltou-se a necessidade de marcar as diferenças entre as práticas. Observou, por exemplo, um cronista, em certa ocasião: “Outrossim, faz-se mister que o cavaleiro tenha trajo apropriado para o trabalho, de modo a não se apresentar na arena como qualquer gaúcho que vai fazer aparte em curral de estância” (CORREIO DO POVO, 15 jun. 1897:1). As corridas de touros eram encaradas como uma experiência moderna, ao contrário do que ocorria no Rio de Janeiro, onde já eram encaradas como persistências de um passado que deveria ser abandonado (MELO, 2013).

Poucas críticas foram veiculadas sobre a “barbaridade” das corridas de touros. Pelo contrário, por vezes, observava-se que era muita “atenuada” a modalidade que no Brasil se praticava. Um cronista do Correio do Povo, quase lamentando, registrou: “As touradas não têm entre nós o bárbaro encanto dessa deliciosa selvageria que faz o orgulho e a característica das civilizadas gentes da Espanha” (15 fev. 1898:2). Para ele, “tudo ocorre sem maiores riscos”, sem lances sangrentos, sem grandes sensações: “Nem perigos, nem emoções violentas: - luta pacífica de

inimigos que, quando pisam a arena, bem sabem já que é do prévio ajuste a cláusula humanitária de não se infligirem maus tratos”.

Nesse sentido, houve críticas à qualidade das apresentações, notadamente dos touros (um problema constante, já que era difícil conseguir animais adequados), da banda de música, da direção das atividades, bem como ao aumento dos preços dos ingressos. Por vezes, transpareceu um incômodo com a falta de habilidade de alguns toureiros que maltratavam demais o gado. Um cronista protestou “contra a selvageria, com que não está acostumado o nosso povo” (A FEDERAÇÃO, 16 set. 1889:2). Frente à falta de perícia do artista, ironizou: “Quem perdeu com isso, ou antes, quem ganhou foi a pobreza, (...), porque só assim livrou-se de ingerir carne cansada e de sofrer as consequências d’essa má alimentação”.

Na verdade, houve uma voz proeminente que em Porto Alegre se levantou contra as touradas, Germano Hasslocher, redator da Gazeta da Tarde, personagem de destaque na capital gaúcha, um dos líderes políticos mais ativos do Partido Republicano Rio-Grandense, tendo atuação marcada por suas posições liberais, abolicionistas, federalistas, anticlericais e pela defesa da liberdade de expressão<sup>7</sup>.

Para Germano, tratava-se de “uma diversão que já em si é contra as ideias do tempo em que vivemos”, podendo “concorrer para perverter o sentimento do povo” (GAZETA DA TARDE, 15 jun. 1897:1). Não media as palavras para execrar as touradas: “uma brutalidade sem nome, uma verdadeira infamia tolerada pelo poder publico que dá pasto à brutalidade humana”. Tratava-se, a seu ver, de um monte de “maltrapilhos que martirizam pobre animais esfaimados”.

O que para os defensores era considerado como suavidade, por não haver a morte do touro ao final, por Germano era encarado como explícita crueldade. Na sua descrição, o público, “contaminado pelo delírio da malvadez”, batia com “bengalas na triste fera exausta, ensanguentada,

---

<sup>7</sup> Para mais informações sobre a atuação política de Hasslocher, ver Pistoia (2009).

arrastando sobre o pescoço descarnado um mundo de farpas”. Era uma visão do horror, nada glamourosa.

O centro de sua crítica era desconsiderar-se que a defesa dos animais era um sinal de civilização, “não porque esse sentimentalismo piegas inspire compaixão pelo irracional, mas porque é esse um meio de cultura, porque assim educa-se o sentimento público, exercitando-o na piedade pelos que sofrem” (GAZETA DA TARDE, 15 jun. 1897:1). Germano articulava ainda seu ponto de vista à defesa de uma condição de nacionalidade:

Somos brasileiros e devemos ter orgulhos nisto, porque os nossos costumes divergem muito da selvageria de povos que pretendem dar lições ao mundo. [...]. Porque havemos de importar o que repugna aos nossos costumes e ir assim introduzindo inovações que podem perverter a grande pureza característica do nosso povo? (GAZETA DA TARDE, 15 jun. 1897:1).

Certamente, a Germano pareceria mais apropriada uma novidade que chegava da Europa depois de ter passado pela Corte: a patinação.

### **Porto Alegre patina**

Em agosto de 1878, um cronista informou: “Skating-Rink – Esta diversão, cujo circo se está construindo na Praça da Harmonia, deve inaugurar seus trabalhos em 7 de setembro” (A REFORMA, 25 ago. 1878:4). Na ocasião, a Praça da Harmonia (atual Praça Brigadeiro Sampaio), já não era mais o lugar obscuro que abrigara execuções (por isso também conhecido como Largo da Forca) e um estaleiro (a região chegou a ser chamada de Praia do Arsenal). Tornara-se um sítio aprazível, ajardinado e arborizado. A nova denominação foi uma referência ao fim da Guerra do Paraguai.

Tal reforma foi concebida para que se tornasse um dos principais espaços públicos de lazer da cidade, em conjunto com o Campo do Bonfim e a Praça da Independência. Logo foi considerado um dos mais *fashionable* logradouros de Porto Alegre, onde uma parte da população ia passear, se

divertir e se exibir (TERRA, 2001; MONTEIRO, 2006). Nada mais moderno do que o *footing* de fim de tarde. O Rink bem se adequava a esse novo perfil.

Útil e agradável. No novo modelo de sociedade que estava se forjando na segunda metade do século XIX, no qual crescentemente se valorizavam as vivências públicas, havia certa cobrança, mais simbólica do que efetiva, de que as novas experiências conjugassem essas duas dimensões. O anúncio de inauguração do Skating-Rink expressou essa tendência, procurando deixar claro que o divertimento não feria a moralidade pública, estando o estabelecimento “montado com toda decência”, “decentemente decorado”, de forma a bem acolher “as Exmas. famílias que quiserem exercitar-se na patinação” (A REFORMA, 25 out. 1878:3). Para demonstrar a seriedade da iniciativa, informou-se que os frequentadores seriam recebidos pelos próprios familiares do empresário.

A todo custo tentou-se dar provas da adequação da novidade. Outro argumento utilizado foi a valorização da patinação nos países mais “desenvolvidos”. O anúncio ressaltou que se tratava de “um dos divertimentos mais *fashionable* e populares tanto dos Estados Unidos, como da velha Europa” (A REFORMA, 25 out. 1878:3). Essa conexão buscava reforçar a ideia de que a modalidade era uma expressão de avanço civilizacional.

Esse mesmo anúncio enfatizou outro suposto aspecto civilizado da prática: sua utilidade para a saúde. Em Porto Alegre, todavia, a relação da patinação com esse tema não parece ter sido tão intensa quanto em outras cidades, especialmente no Rio de Janeiro (MELO, 2017). Pode ser que essa diferença tenha relação com as peculiaridades locais. A capital gaúcha enfrentou, sim, epidemias diversas que foram motivos de grande apreensão (ÁVILA, 2010), mas é possível que as repercussões não tenham sido tão generalizadas como o foram na capital do país, ou ao menos não se manifestaram de forma tão intensa nos mais distintos fóruns sociais.

O Skating-Rink, a princípio, funcionava à tarde e à noite, já que dispunha de iluminação a gás, mais um sinal de que estava sintonizado

com o progresso da cidade. Crianças e mulheres eram bem-vindas. A empresa chegou a criar promoções: “[...] as Exmas. senhoras que desejarem tomar parte nesta tão útil quanto agradável diversão, não pagarão entrada” (A REFORMA, 4 jul. 1879:3).

Para que se sentissem mais confortáveis, ofereciam-se horários exclusivos, sem que fossem impedidas de frequentar o rink em qualquer período. Para a preocupação de alguns, o Skating-Rink tornou-se um dos principais espaços de flerte da cidade. Muitos homens, inclusive, aproveitavam a ocasião para exibir suas habilidades para o sexo oposto. Eram claros sinais de que, mesmo com limites, se distendiam os costumes.

É difícil precisar quem exatamente eram os “patinadores” do Skating-Rink, mas é possível perceber que havia muitos sobrenomes estrangeiros entre os envolvidos (tais como Dillon, Bierregaord, Streiter, Obst, Albrecht, entre outros). Podemos inferir que parte deles conhecia a prática de seus países de origem.

Deve-se considerar que, por tratar-se de uma novidade, grande parte da população não sabia patinar. Para atrair mais interessados, desde o início, o Skating-Rink ofereceu um professor (Francisco de Paula Pinto) e duas professoras (entre as quais Carolina Nau) (A REFORMA, 21 ago. 1879:3). A estratégia tinha em conta aumentar o lucro não só por ampliar o número potencial de praticantes, como também por movimentar o rink em horários no qual, em geral, estava sem uso (pelas manhãs).

Para aumentar o interesse do público, o estabelecimento se organizou como um centro de entretenimentos. Bandas de música animavam o ambiente. Em muitas ocasiões, houve exibições de espetáculos bem elaborados, como óperas regidas por Gustavo Lindner, filho de alemão que se estabeleceu na cidade na transição dos anos 1840/1850. Até mesmo “O Guarany”, “do festejado maestro Carlos Gomes” (A REFORMA, 17 nov. 1878:3), foi apresentado com grande sucesso.

Foram também usuais as exibições dramatúrgicas de patinadores. Já em novembro de 1878, a pantomima Amor sobre Rodas inaugurou esse tipo de espetáculo (A REFORMA, 29 nov. 1878:4). Românticas, cômicas,

em tom de aventura: muitas foram as peças que entretiveram o público no Skating-Rink.

As exposições musicais e teatrais aproximavam o Skating-Rink de teatros e circos, duas das diversões mais valorizadas na ocasião. Outra iniciativa, as corridas de patins, o associava ao esporte. As provas exponenciavam alguns sentidos que cercavam a patinação – o desafio, a velocidade, o risco –, noções que se tornaram valorizadas em cenários nos quais se estabeleceu um diálogo com os parâmetros da modernidade. As inscrições eram individuais, havendo provas de diferentes perfis. Os vencedores não recebiam remuneração pecuniária, mas sim troféus e presentes (A REFORMA, 4 jul. 1879:3). Quase não houve competições femininas.

Muitos iam ao Skating-Rink apenas para assistir às performances. O valor cobrado para a entrada (1\$000, com direito a empréstimo dos patins para os que desejassem experimentar “deslizar sobre rodas”) era compatível, como vimos, com outros entretenimentos da cidade, um indício de que se buscava atingir não só as elites. Para melhor atender os interessados, ônibus, *brec*, carros e *phaetons* eram disponibilizados (JORNAL DO COMÉRCIO, 12 nov. 1878:4). Dependendo da atração, linhas especiais eram oferecidas por solicitação de certos grupos (A REFORMA, 1 ago. 1879:3). A patinação parece ter sido uma novidade arrebatadora, rapidamente logrando reconhecimento.

O estabelecimento passou por algumas reformulações quando assumiu a gerência um importante personagem da sociedade porto-alegrense, Saturnino José Pinto (A REFORMA, 22 jul. 1879:3), que teve grande envolvimento com a imprensa (foi inclusive o proprietário do *Álbum do Domingo*, um periódico noticioso e literário) e com o mercado literário (foi um dos criadores da Livraria do Globo).

Nessa nova fase, foram testadas algumas inovações, especialmente jogos com patins. O intuito era seguir chamando a atenção do público. A pedido dos frequentadores, era comum a repetição dessas partidas que

encantavam pela demonstração de habilidade e força. Como ocorria nas touradas, as proezas atraíam olhares de admiração.

Em novembro de 1879, um grupo de amadores, aparentemente da elite porto-alegrense, fundou o Clube de Patinadores, tendo como presidente o já citado Francisco de Paula Pinto. Não foi possível obter muitas informações sobre seu funcionamento. Aparentemente, era independente do Skating-Rink, mas por lá realizava seus eventos. Em algumas dessas ocasiões, sequer se abriu o rinkue para o grande público.

A despeito das diferenças relacionadas aos mecanismos de status e distinção que havia na organização do Clube de Patinadores, suas atividades eram semelhantes àquelas oferecidas pelo Skating-Rink, com um pouco mais de ênfase nos desafios e nas demonstrações de habilidades, em provas inventadas por seus membros, divulgadas com grande alarde.

A iniciativa não teve grande duração. Um condicionante a ser considerado é a própria dinâmica da modalidade. Ao contrário de outras práticas esportivas, na patinação não era preponderante a necessidade de existir uma agremiação. O formato empresarial dava plenamente conta de dinamizar a diversão.

Outro problema parece ter sido de natureza operacional. Quando o clube se organizou, o Skating-Rink estava menos ativo, a despeito dos esforços para manter a mesma animação inicial. O estabelecimento chegou a restringir seu horário de funcionamento em função da redução do interesse do público. Além disso, mudanças foram feitas nos preços dos ingressos a fim de tentar atrair maior número de frequentadores.

Essas ocorrências podem ter relação com o fato de que, seguindo um modelo muito similar ao do Skating-Rink, passou a oferecer sessões de patinação o recém-criado Teatro de Variedades, casa que futuramente dividiria com o Teatro São Pedro o protagonismo dramático da cidade. Para além disso, é usual, no âmbito do entretenimento, um ciclo de duração restrito. Não é fácil manter o sucesso por muito tempo.

A patinação só retornou com força em 1881: “já se acha à disposição do respeitável público o grande e convenientemente preparado Rink

Cosmopolita” (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 24 nov. 1881:3). O empreendimento, localizado na mesma Praça da Harmonia, parece ter aproveitado a experiência anterior, mantido em linhas gerais a dinâmica das atividades, procurado, contudo, oferecer mais conforto. Um de seus anúncios exaltou:

Dispõe de uma excelente e profusa copa, onde se encontram champanhe e as primeiras marcas de cerveja nacional e estrangeira, vinhos, licores e refrescos de todas as qualidades, salames, queijos, conservas, doces e uma infinidade de boas petisqueiras, que provocam a disposição ao estômago mais inconsequente. Tem quartos preparados para as famílias que queiram honrar este modesto estabelecimento, provando os nossos licores. Achando-se o botequim aberto todos os dias das 6 da manhã até a meia-noite (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 24 nov. 1881:3).

Ofereciam-se ainda belos jardins para os que desejassem passear ou descansar. O cuidado com essa atração chegou a atrasar a inauguração do Rink Cosmopolita. Foi possível perceber que um certo Serpa Pinto<sup>8</sup> e um tal Azevedo foram apresentados como responsáveis pelas constantes inovações da programação (O SÉCULO, 23 abr. 1882:2).

O mais importante é notar que esses empresários estavam atentos à necessidade de cuidar de todos os detalhes. O mercado dos entretenimentos na capital gaúcha se aperfeiçoava, lançando novas exigências a serem observadas. No caso da patinação, um exemplo dessas preocupações foi a oferta de patins mais confortáveis e seguros, os “especiais ingleses, marca Wiostwar & Kaff-Doo-well” (O SÉCULO, 30 abr. 1882:2).

Outro aspecto interessante da programação do novo rinque foi a realização de atividades públicas, fazendo uso da própria Praça da Harmonia. Houve não só exposições de patinação, como também apresentações musicais. Além disso, o Rink Cosmopolita acolheu alguns

---

<sup>8</sup> Como se pode perceber, é o terceiro Pinto que aparece ligado à patinação (os outros dois são Francisco de Paula e Saturnino José). Não conseguimos identificar se eram membros da mesma família, uma das de destaque na sociedade porto-alegrense do século XIX. Sobre os Pinto, ver Pereira (2006).

dos principais bailes de carnaval de Porto Alegre (GAZETA DE PORTO ALEGRE, 24 dez. 1881:3). Essas estratégias, para além de movimentar o estabelecimento, contribuíam para aumentar o frenesi daquela valorizada região da cidade. Para alguns, a vida social agitada celebrava os desejos de progresso. De toda forma, era outro sinal de que a capital gaúcha se modernizava.

No Rink Cosmopolita, também houve corridas de patins. A diferença é que pareciam mais estruturadas. Em algumas ocasiões, houve apostas. Essas e outras ações (incluindo promoções nas entradas – reduzidas pela metade do valor antigo, e oferta de opções de transporte) contribuíram para manter alta a popularidade do Rink Cosmopolita. Isso acabou por exponenciar as ambiguidades típicas do desenvolvimento de um mercado de entretenimentos.

As novas diversões precisavam se tornar populares não somente para viabilizar o negócio, como também para garantir que os mais poderosos se exibissem na cena pública; eram arenas nas quais se dramatizavam os papéis sociais. De outro lado, os mais ricos frequentemente reclamavam da mistura de classes. O crescimento do número de interessados acabava por aumentar as tensões, mais ainda naqueles divertimentos que possuíam apostas, ao redor das quais não poucas vezes houve turbas.

No Cosmopolita, houve conflitos dessa natureza. Em janeiro de 1882, por exemplo, anunciou-se “uma tremenda pancadaria no Rink, havendo cabeças quebradas e desordem não pequena” (A IMPRENSA, 17 jan. 1882:2). Cada vez que um desses incidentes ocorria, colocavam-se em xeque os princípios civilizatórios que, sempre se argumentava, deveriam nortear os riques de patinação.

Outra interessante novidade da programação do Rink Cosmopolita foi a promoção de provas de tiro ao alvo, uma modalidade que teve grande penetração na região sul do país, especialmente entre os imigrantes. Essas ocasiões eram acompanhadas com entusiasmo pelo público (JORNAL DO COMÉRCIO, 14 out. 1882:2)

Essa modalidade também foi valorizada no Park Harmonia, criado em novembro de 1882, na mesma Praça da Harmonia, estabelecimento que adotou uma dinâmica semelhante a do Rink Cosmopolita. O novo empreendimento já abriu as portas oferecendo o Pavilhão dos Atiradores, promovendo mais bem estruturadas competições de tiro ao alvo, inclusive com a implementação de apostas.

No futuro, a patinação tomaria caminhos diversos em Porto Alegre, em determinados momentos se apresentando mais forte, em outros quase desaparecendo. Naquele momento, com dois riques funcionando com uma programação diversificada, a modalidade ajudava a celebrar um dos períodos áureos da Praça da Harmonia e a conformar para a cidade experiências modernas.

### **Breve conclusão**

Não surpreende o intenso envolvimento dos porto-alegrenses com divertimentos com cavalos e gado dada a proximidade histórica e cotidiana com esses animais. De fato, poucas foram as críticas à adequação das corridas de touros. Os espetáculos tauromáquicos, na capital gaúcha, eram mesmo vivenciados como uma experiência moderna, atraindo um público que se tornou cada vez mais exigente no que tange à qualidade, mas que não demonstrou grande apreensão com a “barbaridade” da modalidade.

No caso de Porto Alegre, os ajustes entre o rural e o urbano, entre o tradicional e o moderno, ajudam a entender a legitimidade concedida a uma prática que estava tanto em xeque em outras cidades, inclusive na capital do país. Articuladas com importantes temas do momento, indícios da gestação de uma sociedade do consumo e do espetáculo, as touradas gaúchas nos permitem perceber como os diálogos com a ideia de modernidade foram originais, evitados de peculiaridades, solicitando-nos um olhar atento e disposto a captar a sua complexidade.

No mesmo período, a patinação chegou à cidade. A diferença é que se tratava de uma expressão da maior possibilidade de exposição corporal,

relacionada a uma dinâmica pública mais ativa. Enquanto nas outras modalidades a dimensão de assistir ao espetáculo era mais pronunciada, na diversão dos patins dividia espaço com a prática propriamente dita.

A patinação, ao mesmo tempo em que era expressão de modernização, contribuiu para o dinamismo da cidade. Típico produto de um mercado de entretenimentos que se delineava, contribuiu para forjar novos gostos e educar as sensibilidades para diferentes usos públicos do corpo, pautados, inclusive, pelas noções de risco, de desafio, de velocidade.

Logo, outra modalidade ocuparia ainda mais proeminentemente esse espaço: o esporte (turfe, remo, futebol, etc).

## Referências

- ÁVILA, V. F. **Saberes históricos e práticas cotidianas sobre o saneamento: desdobramentos na Porto Alegre do século XIX (1850-1900)**. Porto Alegre: PUCRS, (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2010.
- DUARTE, P. C. B. *A fundação e os objetivos dos Clubes Caixerais no Rio Grande do Sul: 1879 a 1890*. In: **História em Revista**, Pelotas: UFPEL, n. 6, 2000.
- ISMÉRIO, C. **Mulher: a moral e o imaginário (1889-1930)**. Porto Alegre, EDIPUCRS, 1995.
- LEAL, E. C. **O positivismo, o Partido Republicano, a moral e a mulher (1891-1913)**. Porto Alegre: UFRGS, (Dissertação de Mestrado - PPGH), 1996.
- MELO, V. A.; KARLS, C. E. *Tradição e modernidade: as touradas na Porto Alegre do século XIX*. In: **História Unisinos**, São Leopoldo: Unisinos, v. 18, n. 2, 2014.
- MELO, V. A.; KARLS, C. E. *A modernidade sobre rodinhas: a patinação na Porto Alegre do século XIX (1878-1882)*. In: **História Unisinos**, São Leopoldo: Unisinos, v. 20, n. 1., 2016.
- MELO, Victor Andrade. *Uma diversão adequada? As touradas no Rio de Janeiro do século XIX (1870-1884)*. In: **História**, São Paulo: USP, v. 32, n. 2., 2013.

- MELO, V. A. *Uma diversão civilizada – a patinação no Rio de Janeiro do século XIX (1872-1892)*. In: **Locus**, Juiz de Fora: UFJF v. 23, n. 1, 2017.
- MONTEIRO, C. **Porto Alegre – urbanização e modernidade: a construção social do espaço urbano**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- PEREIRA, C. N. **Genealogia tropeira: Rio Grande do Sul – séculos XIX e XX**. 2006.  
Disponível em: <http://www.genealogiacorrea.com.br/GENTROP7.pdf>. Acesso em: 07/01/2016.
- PEREIRA, L. R. B. **Cultura e afrodescendência: organizações negras e suas estratégias educacionais em Porto Alegre (1872-2002)**. Porto Alegre, PUCRS, (Tese de Doutorado - PPGH) 2007.
- PESAVENTO, S. J. **Memória Porto Alegre: espaços e vivências**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- PESAVENTO, S. J. *Espaço, sociedade e cultura: o cotidiano da cidade de Porto Alegre*. In: BOEIRA N., GOLIN, T. (coords.), **República Velha (1889-1930)**. Passo Fundo: Méritos, 2007. p. 163-228.
- PISTOIA, C. D. **Violência física, material e moral no Rio Grande do Sul (1889-1920)**. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de Mestrado - PPGH), 2009.
- RECH, T. B. **Casas de religião de matriz africana em Porto Alegre: territorialidades étnicas e/ou culturais a partir da antiga Colônia Africana**. Porto Alegre: UFRGS( Dissertação de Mestrado - PPGAS), 2012.
- TERRA, E. **As ruas de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora AGE, 2001.

**Pelos prados de Pelotas/RS:  
as meridionais corridas de cavalos na  
transição do século XIX e XX**

*Ester Liberato Pereira*<sup>1</sup>

*Giandra Anceski Bataglioni*<sup>2</sup>

**Considerações iniciais**

O capítulo apresenta uma análise sobre as corridas de cavalos na cidade de Pelotas, situada na região sul do estado do Rio Grande do Sul (RS), na transição dos séculos XIX e XX, período no qual tal prática propagou-se, de maneira expressiva, na região (PEREIRA; MAZO, BATAGLIONI, 2019). Foram achados indícios de que as corridas de cavalo, em especial, as carreiras de cancha reta e o turfe, compartilharam espaços e disseminaram-se em ambientes plurais de múltiplas relações sociais em ocasiões de entretenimento no contexto pelotense. Tais espaços são tanto aqueles institucionalizados, designados como hipódromos ou prados, assim como, ainda, ambientes não institucionalizados, acentuados pelos praticantes, segundo as condições do terreno (pista reta) para a concretização de uma disputa de corrida a cavalo.

Ao mesmo tempo em que sucediam as práticas nos referidos espaços, em meio ao hábito e à tradição sul-rio-grandense de uma aristocracia rural

---

<sup>1</sup> Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - ester.pereira@unimontes.br.

<sup>2</sup> Doutoranda em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) - giandraanceski@gmail.com.

na criação e aprimoramento de raças e linhagens de cavalos, identificou-se um seguimento do curso de desenvolvimento das cidades e de sua população (PEREIRA, 2012). Assim, as primordiais carreiras de cancha reta beneficiaram o alicerce dos primeiros hipódromos (prados) de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé, importantes cidades nos séculos XVIII e XIX no estado, afora também compõem uma prática corriqueira em outras cidades da região da campanha<sup>3</sup> e do Vale do Taquari<sup>4</sup>. Tais práticas, segundo Pereira, Mazo e Bataglion (2019), agrupavam indivíduos com diferentes representações identitárias e compuseram uma figuração cultural que produzia representações relacionadas às identidades de diferentes grupos sociais.

Perante esta constatação, procuramos averiguar as dinâmicas de figurações culturais estabelecidas entre estas práticas, bem como os processos que moviam as redes de interdependência por meio das tensões colocadas em torno da identidade “sul-rio-grandense”. As tensões acenam a processos de compartilhamento de espaços e de esportivização, os quais podem ser identificados no transcorrer das corridas de cavalos, assim como a constituição de uma identidade sul-rio-grandense tensionada diante de identidades lusas e inglesas. Essas identidades etnoculturais foram tecidas no contexto de desenvolvimento das disputas identitárias no Rio Grande do Sul.

Conforme Koslowsky e Piccoli (2003), no que se refere, mais especificamente, à sociedade pelotense, desde o período em que a mesma atingiu um alto padrão de vida em relação a diferentes cidades do sul do país, encontraram-se indícios de uma limitada preocupação por práticas corporais e de lazer. O ócio era, progressivamente, constante entre os indivíduos da alta sociedade, do ponto de vista econômico e político, em Pelotas. No entanto, a busca por práticas corporais e esportivas começou a ocorrer a partir do momento em que foram finalizadas as revoltas e as

---

<sup>3</sup> Região sudoeste do Rio Grande do Sul, localizada próximo à fronteira com o Uruguai, cuja produção agropecuária é destacável.

<sup>4</sup> Região central do Rio Grande do Sul, com população formada, predominantemente, por descendentes de imigrantes alemães, italianos e açorianos.

guerras, as quais aconteciam nas cercanias da cidade. Somente a partir de então é que Pelotas pôde retomar um caminho de desenvolvimento e, aliado a esta perspectiva, manifestava-se o interesse pelas práticas corporais e esportivas.

Nesta direção, a partir de 1875, identifica-se o advento dos indícios elementares pertinentes à prática esportiva na cidade. Neste ano, tinha início o arranjo de uma associação que tentava agrupar homens interessados em "exercitarem seus cavallos e fazerem exercício a pistola"; portanto, a prática da equitação, e de atividades de tiro com armas de fogo. Este anúncio foi publicado no dia 17 de janeiro de 1875, juntamente com o convite para que os interessados em organizar a associação se reunissem no circo da empresa Taurus, um lugar afastado do centro da cidade (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003).

No entanto, cabe referir que, em décadas anteriores, atividades de diversão e recreação já ocorriam na "Princesa do Sul", como Pelotas é apelidada. No jornal "O Noticiador" (07/04/1832), consta uma matéria que alude ao "espetáculo das cavalladas", no qual jovens, trajados com elegância, participavam de disputas em combates que serviam de expressão ao público. De acordo com o jornal, essas apresentações aconteceram em uma celebração da proclamação da Vila de São Francisco de Paula, vinculadas a diferentes atividades, como festas de concerto ao ar livre, missas da igreja católica e ainda *shows* em palcos teatrais (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Tal registro sugere que o intuito competitivo não era o mais enfatizado em tais práticas, mas, sim, o escopo recreativo, pois aconteciam em ocasiões de mera descontração dos habitantes da cidade, os quais buscavam parques para entreter-se e divertir-se (MAGALHÃES, 1993).

No cenário do último quarto do século XIX, o acontecimento mais relevante foi a fundação do porvindouro Jockey Club em Pelotas, que passa a figurar dentre as principais cidades sul-rio-grandenses com o estabelecimento de seus hipódromos. Para além de Pelotas, destacam-se as cidades de Porto Alegre, Alegrete, Rio Grande, Passo Fundo, Santana do

Livramento, Santa Maria, Caxias do Sul, Jaguarão e São Borja, as quais contavam com associações que promoviam corridas de cavalo. As associações que tinham hipódromos deveriam fazer registro, pagar taxas e buscar subsídios públicos para suas atividades. Assim, este período representou o apogeu do turfe sul-rio-grandense, tendo esta prática ocupado um lugar de evidência no panorama esportivo do estado. Faz-se relevante destacar que a identidade do turfe estava muito conexas à sociedade aristocrática rural. Desta forma, também identifica-se uma concorrência expressiva entre prados e sociedades turfísticas, as quais, ao saldar impostos por suas atividades e contribuir com os cofres públicos, procuravam desviar-se do afluxo das carreiras em cancha reta (PEREIRA, 2016).

As corridas de cavalos possuem uma ampla e bem assinalada história, afora o fato de que estão presentes em culturas do mundo inteiro desde tempos ancestrais. Em particular, na Inglaterra, as corridas de cavalos passaram por uma transformação de disputa aleatória entre nobres para, quiçá, o mais altamente aparelhado de todos os esportes (JEUKEN, 2017). Assim, a conformação dessas corridas no arcabouço e no contorno típico da prática do turfe, isto é, regulamentadas e aparelhadas por associações em prados, apresenta origem inglesa. Foi por meio dos europeus que o hábito e a ambição de estruturar associações, afora organizarem eventos esportivos, emergiram no país, compondo os períodos iniciais da conformação de um campo esportivo no Brasil. De forma paralela, concebia-se a finalidade de que tais práticas fossem circunscritas aos modelos europeus, em capitais brasileiras (MORAES E SILVA, 2015).

Existem indicativos de efetivação das primeiras corridas de cavalos no começo do século XIX, no Rio de Janeiro (RJ), então capital brasileira (MELO, 2009). Apresentava-se, deste modo, o esporte elementar composto sobre os alicerces modernos no país, com arcabouço densamente conexo a uma inovação dinâmica dos tempos sociais. Para Moraes e Silva (2015), foi especialmente a partir do fim do século XIX e começo do século XX que as atividades de caráter esportivo passaram a

manifestar-se, expondo um desígnio especial de acatar às requisições do mundo cortês, civilizado, urbano e citadino. Segundo o autor (2009), nessa conjuntura, as práticas equestres de corrida ainda insurgem em outra importante cidade da região sul do país: Curitiba, no Paraná, como maneira de se produzir um entretenimento “civilizado” no cerne da sociedade. Identificava-se, assim, uma dinâmica de civilizar as condutas “inapropriadas”, como as confusões entre plateias que, frequentemente, permeavam as corridas de cavalos populares, muitas vezes em razão das apostas em dinheiro, as quais necessitariam ser excluídas da sociedade civil, então em composição.

Apesar de não se constituir como uma capital, Pelotas figurava como uma importante e destacada cidade no cenário sul-rio-grandense; em especial, em função da sua localização geográfica (cidade portuária) e de determinadas características históricas as quais a configuram como uma cidade de intensa tradição esportiva. As práticas do remo, do turfe e do futebol remontam ao fim do século XIX e começo do século XX, expondo um aparelhamento análogo ao que essas práticas exibiam em Porto Alegre. Esta situação pode ser apreendida, por exemplo, na ampla reportagem da Gazeta de Porto Alegre. Na primeira página do dia 15 de maio de 1880, o cronista figura toda a sua satisfação por, afinal, Porto Alegre estabelecer, como já havia em São Paulo e em Pelotas, "um club de corridas em completa florescência" (INAUGURAÇÃO..., 1880:1). Destaca, assim, como esta meridional cidade sul-rio-grandense adiantou-se, inclusive, à capital, no que se refere ao estabelecimento de uma associação que promovesse "a diversão predilecta de todo o verdadeiro filho da província".

Dois anos antes de a referida notícia ser publicada, em 1878, o primeiro hipódromo de Pelotas, conhecido por *Jockey Club de Pelotas*, localizado no Bairro Fragata, mais precisamente na então estrada do Fragata, já era implantado, segundo registro do Correio Mercantil. Neste caso, uma importante corporação inglesa passou a agenciar esta associação, que bancava e representava o advento de algo que seria muito mais do que apenas uma nova prática esportiva, mas de um conceito e

uma ideia de modernidade (INAUGURAÇÃO..., 1878). No programa do espetáculo<sup>5</sup> de instituição deste novo espaço equestre, afora uma carreira alcunhada como “romana” - na qual os competidores concorrerem em pé, sobre dois cavalos -, identificou-se uma carreira de palhaços sobre cavalos pequenos e um burro - uma carreira cômica -, e o episódio de carreiras de cancha reta.

Ao estudarem-se expressões históricas dos primórdios do esporte pelotense, é praticamente impossível não ter sua atenção apontada para um assunto, em especial, enquanto folhear-se os periódicos de Pelotas do final do século XIX e início do século XX: as corridas de cavalos. Em função disto, fomos, paulatinamente, pesquisando este objeto e as fontes que nos expunham, progressivamente, representações para análise circundando esta prática esportiva. Iniciamos, logo, a arquitetar possibilidades elementares de composições a respeito dos hipódromos como espaços de relações interdependentes em Pelotas.

Nesta direção, o objetivo deste capítulo foi compreender uma figuração cultural das corridas de cavalos, na cidade de Pelotas, na transição entre os séculos XIX e XX. A análise ocorreu por meio da coleta de fontes documentais, compostas por documentos oficiais de associações ligadas às corridas de cavalos e fontes impressas de diversas naturezas. Tais fontes foram localizadas em arquivos do Jockey Club do Rio Grande do Sul, de arquivos públicos, bibliotecas e museus (Arquivo Histórico de Porto Alegre Moysés Vellinho e Museu da Comunicação Hipólito José da Costa).

Afora estas, foram consultados atlas e álbum comemorativo: Atlas do esporte, educação física e atividades físicas de saúde e lazer no Rio Grande do Sul (organizado por MAZO; REPPOLD FILHO, 2005) e Álbum do *Rio Grande do Sul Sportivo*, organizado, em 1919, por Antenor Lemos e

---

<sup>5</sup> Este tipo de ocorrência, no século XIX, também foi identificada no Rio de Janeiro, por Melo (2009), onde, até mesmo alguns eventos de hipismo eram observados em determinadas atividades turísticas, durante páreos. Isso ocorreu no período em que as associações de corridas começaram a testar novidades para atrair uma assistência maior (entre as quais, corridas noturnas, corridas de carros romanos, corridas femininas e provas de ciclismo). A despeito disso, jamais gozaram de amplo sucesso, pois o público prestigiava mesmo as corridas “rasas”.

Edmundo de Carvalho. Ainda foram coletadas reportagens nos seguintes jornais do Rio Grande do Sul: Correio Mercantil, periódico da cidade de Pelotas, publicado diariamente de 1875 a 1931; O Noticiador, jornal pelotense, publicado duas vezes por semana, de 1854 a 1868; Diário Popular, periódico de Pelotas que circulava desde 1890; jornal “A Discussão”, publicado em pelotas entre 1881 e 1888; e periódico Opinião Pública, fundado em 1896, em Pelotas, tendo circulado até 1962. Também foram garimpadas as seguintes revistas: catálogo O esporte e a educação física na Revista do Globo (1929-1967), elaborado por Mazo (2004), Semanário Turfista, Canter e Suplemento.

Este *corpus* documental, primeiramente, foi submetido a uma “análise de adequação” (BARROS, 2012). Após a fase da coleta das fontes, passou-se para a compilação das informações recolhidas. As reportagens coletadas foram fichadas e consideradas a partir do editorial, do registro e do conteúdo. Os critérios empregados para o apontamento e o aparelhamento dos dados foram determinados a partir do objeto: corridas de cavalos. Em seguida, as informações foram submetidas ao procedimento de análise documental (AQUINO, 2014). À continuação, foi realizado o cotejamento das fontes, e os resultados da interpretação dos dados comparados são expostos nos subcapítulos seguintes.

### **Rede sociocultural e político-econômica do associativismo esportivo**

O associativismo esportivo, no Rio Grande do Sul, foi desencadeado, a partir de meados do século XIX, pela iniciativa dos imigrantes alemães e seus descendentes (teuto-brasileiros), os imigrantes portugueses e seus descendentes (lusu-brasileiros) e os imigrantes italianos e seus descendentes (italo-brasileiros), que fundaram suas associações esportivas (MAZO et al., 2012). Contudo, este processo somente ocorreu no início do século XX, pois, durante o século XIX, as associações, afora comporem ambientes de práticas esportivas, ainda eram espaços de sociabilidade,

lazer e preservação da cultura dos imigrantes e seus descendentes, por meio destas práticas e de representações culturais.

O “sul do Rio Grande” - com destaque para as cidades de Pelotas e Rio Grande - foi proeminente na adoção de práticas esportivas, assumindo posição de distinção com relação a outras regiões do estado entre os séculos XIX e XX. Até mesmo em cenário nacional, vale mencionar que, em 1900, na cidade de Rio Grande, emergiu “o futebol mais antigo do país”, com a fundação do *Sport Club* Rio Grande (MASCARENHAS, 2001:22). No ano seguinte, em 1901, este clube foi responsável por “apresentar” o chamado novo “*sport*” à cidade de Pelotas, assim como para cidades de outras regiões do estado nos anos que sucederam, incluindo a capital Porto Alegre.

Mas, vale dizer que, até a década anterior, o futebol não era bem visto pela elite social sul-rio-grandense, possuindo representações de uma prática selvagem e não compatível com os modos saudáveis e higiênicos dos aristocratas (SOARES, 2014). A respeito disto, aproximadamente, desde 1832, as “cavalhadas”, sim, eram consideradas atividades representativas dos corpos educados e elegantemente vestidos, sendo levadas a público em ocasiões de festividade e confraternização (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Tais práticas, assim, ocupavam o tempo livre da sociedade pelotense, que, na época, já se destacava pela opulência da cidade e pela adoção de práticas culturais trazidas da Europa (PETER, 2007).

Nesta direção, no sul do Rio Grande, as práticas de sociabilidade e lazer, que antecederam o início do associativismo esportivo, estiveram fortemente relacionadas aos padrões econômicos vivenciados por aquele contexto, sobretudo, em grande parte da década de 1800, auge das charqueadas (PETER, 2007). Conforme a autora (2007), a safra das charqueadas ocorria entre os meses de novembro e abril, fazendo com que os demais meses do ano fossem dedicados ao ócio pelos charqueadores e suas famílias. Isto fez com que estas pessoas se deslocassem para a área urbana da cidade, onde existiam comércios europeus, outras

possibilidades de negócios e uma atraente vida social e cultural. Com o tempo, estas pessoas fixaram suas residências no contexto urbano e, cada vez mais, demandava-se por formas de lazer que atendessem ao elevado padrão social da “Princesa do Sul”, como Pelotas ficou conhecida em função das representações sociais construídas em seu grupo de pertença, que tinha suas características de educação, letramento, arte, vestimenta, culinária e arquitetura, por exemplo, consideradas superiores ao restante do estado e do país.

Durante a segunda metade do século XIX, após o fim da Revolução Farroupilha (1835-1845), foi quando o sul do Rio Grande atingiu o seu apogeu socioeconômico. Com o estabelecimento da concorrência platina e a proibição do tráfico de escravos, foi iniciado o processo de modernização das atividades de trabalho (negócios) das formas de exportação e importação de produtos, assim como de comportamentos e hábitos europeizados. É nesse cenário que, nas últimas décadas de 1800, são fundados clubes esportivos no sul do estado. De acordo com o estudo de Koslowsky e Piccolli (2003), cerca de 10 associações esportivas foram fundadas na região entre meados de 1870 até 1900. Para os autores, desde 1875, um grupo de praticantes de tiro reunia-se, nos espaços da empresa Taurus, onde, para além de praticar o tiro, levavam os seus cavalos ao exercício. É possível que integrantes deste grupo tenham participado da fundação da Associação Alemã de Atiradores, em 1876. Neste contexto de compartilhamento das práticas de tiro e equitação, foram engendradas as primeiras ideias à criação de uma associação esportiva em Pelotas, o que veio a efetivar-se em 1878, com a inauguração do Hipódromo Jockey Club Pelotense. Ainda, neste mesmo ano, há vestígios de que a associação British & American Athletic Sports foi noticiada como aquela que promoveria uma competição de atletismo na cidade. Em 1879, isto sucedeu no hipódromo da cidade, que havia sido recentemente inaugurado. Contudo, somente anos depois é que tal prática adquiriu elementos de esportivização, com o *Club Atlético Rio-Grandense* (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003).

Para Santos e Giglio (2017), a segunda metade do século XIX marca, em especial, a difusão das associações ligadas às corridas de cavalos, não apenas no Rio Grande do Sul, mas também em outros estados do país. Isto porque a transição do modelo predominantemente agrário, de fonte de renda, para a sociedade industrial e a urbanização das cidades, abria espaços para uma nova realidade econômica, social e cultural. Nesta lógica, no Rio Grande do Sul, além de Pelotas, localidades como Rio Grande, Alegrete, Santana do Livramento, Passo Fundo, Caxias do Sul, Santa Maria, São Borja, Jaguarão e Porto Alegre também contavam com clubes de corridas de cavalos ao final do século XIX (SANTOS, 2017). Para o autor (2017:7), além de promover a organização e a formalização das práticas equestres de corrida, tais clubes se constituíam em um “mercado de entretenimento”, uma vez que lucravam de distintas formas com a venda de ingressos a espectadores, com as apostas, com as taxas de inscrição dos competidores, além dos prêmios em dinheiro. Deste modo, os hipódromos demarcavam um lugar de sociabilidade, competição e exibição das elites.

Segundo Peter (2007), na década de 1880, intensifica-se a presença da alta sociedade do sul do Rio Grande nos clubes sociais, o que se fazia ao “modo inglês”, conformando-se ambientes de notoriedade ao prestígio das elites sul-rio-grandenses. Neste contexto, assim como as corridas de cavalos, na década de 1880, a prática do tiro passou por incrementações em sua organização na cidade de Pelotas, contando, já em 1883, com a primeira casa de tiro (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Nos anos seguintes, têm-se indícios da prática, também, no Clube Caixerel, na escola Tiro de Guerra 31 e na Associação de Tiro Brasileiro, todas em Pelotas. No ano de 1886, a prática do ciclismo entra em cena em Pelotas, passando a contar com a organização formal de eventos e, talvez, competições, por volta de 1897, por intermédio da *Bicyclette Club* Pelotense e de 1898, com a fundação do *Club Cyclista*. Ainda no século XIX, despontou, em Pelotas, a prática das regatas, a qual tentava-se instituir na cidade desde 1875, sob estímulo de João Candido Ribeiro. Contudo, foi em 1896, com a fundação do Clube Naval Pelotense, que as regatas passaram a ser realizadas

(OLHARES..., 2020). A primeira ação organizada pelos idealizadores deste clube foi a realização do trajeto do porto de Pelotas até o porto de Rio Grande (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003).

Na década de 1890, após a Revolução Federalista (1893), a economia da região sul do Rio Grande do Sul entra em declínio, adentrando o século XX com progressiva redução do capital econômico do qual desfrutava em outrora; mas, sem deixar de lado os discursos acerca de sua grandeza social e cultural. Desta forma, conforme Peter (2007), a partir do século XX, a cidade de Pelotas insiste em ostentar práticas e representações de liderança, mascarando problemas relativos à economia da cidade. No que diz respeito às associações esportivas, a partir do ano de 1911, há vestígios de que uma associação chamada Esporte Clube Pedestre, também conhecida como E. C. Pedestre, atuava na realização de competições de corrida, bem como de ciclismo em Pelotas (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Em 1914, iniciam-se as tratativas à criação do Clube de Natação e Regatas Pelotense, o qual foi construído à margem esquerda do São Gonçalo, em terreno cedido pelo município de Pelotas (OLHARES..., 2020). Esta fonte aponta que o clube foi inaugurado em 27 de julho de 1915 e, em 1917, seus remadores (Ramiro Martinez, Francisco Schramm, Augusto Durand, Oscar Natorf e João Rezende) disputaram a Liga Náutica Rio-Grandense, sucedida em Porto Alegre, conquistando vitória no 1º Páreo (OLHARES..., 2020). Ademais, consta que, em 1934, o Clube Natação e Regatas Pelotense promoveu a "Maratona de Pelotas", possivelmente a primeira competição de atletismo da região (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003).

Como referido no início deste tópico, o sul do Rio Grande teve o primeiro clube de futebol do país, fundado no ano de 1900 - o *Sport Club* Rio Grande. Este clube atuou fortemente na difusão desta prática pelo estado, influenciando a criação de diversos outros clubes. Na região sul do estado, pode-se citar o Pelotas *Club Sportivo*, criado em 1906, sendo destinado ao fomento de variadas práticas esportivas e, passando por modificações, que culminaram na fundação do *Foot-Ball Club*, restrito ao futebol, sob direção de Leopoldo de Souza Soares. Também em 1906, em

Pelotas, foi fundado o *Club Sportivo* Internacional e o *Sport Club* União. Estes três clubes, em 1907, fundaram a Liga Pelotense de Futebol - primeira liga de futebol do Rio Grande do Sul. Em 1908, foi fundado o *Sport Club* Pelotas, fruto da junção do *Foot-Ball Club* e do *Club Sportivo* Internacional. Nas décadas seguintes, outros clubes de futebol foram fundados na região, destacando o Grêmio Esportivo Brasil e o Grêmio Atlético 9º Regimento em Pelotas; e o *Sport Club* São Paulo e o *Football Club* Rio-Grandense em Rio Grande. De tal modo, a partir da idealização das partidas demonstrativas do *Sport Club* Rio Grande, o futebol, aos poucos, tornou-se uma das práticas esportivas favoritas no sul do Rio Grande, difundindo-se, também, para outras regiões do estado. Em competições, os clubes de Pelotas obtiveram relevantes conquistas, a exemplo do Campeonato Estadual Farroupilha, realizado em 1935, quando o Grêmio Atlético 9º Regimento de Infantaria venceu o Grêmio *Foot Ball* Porto Alegrense, ficando com o título da competição (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003).

Neste cenário de disseminação da prática, a transição entre os séculos XIX e XX é, justamente, um período em que o futebol passa a contar com maior espaço nos noticiários impressos. Ao ser levado a público como uma prática saudável e educadora dos corpos, o futebol ganha cada vez mais espaço na sociedade e populariza-se, deixando de lado as representações selvagens que anteriormente carregava. Nesta direção, tem-se que, ainda na primeira metade do século XX, as outras práticas esportivas já perdiam espaço para o futebol. Contudo, no sul do Rio Grande, este período ainda foi marcado pelas corridas de cavalos como a principal atividade de lazer e entretenimento, em especial, dos pelotenses.

Juntamente às dificuldades econômicas enfrentadas na região sul do Rio Grande, as corridas de cavalos também passaram por instabilidades no início do século XX. Contudo, estas parecem ter sido contornadas e, em 1930, ocorre a fundação do Jockey Club de Pelotas, oriundo da Associação Jockey Club de Pelotas já existente na cidade. Tal entidade foi responsável pela construção do novo Hipódromo do Jockey Club de Pelotas

(Hipódromo da Tablada), inaugurado em 1936, ano em que também foi iniciado o “Grande Prêmio Princesa do Sul” (GP Princesa do Sul), que acontece até a atualidade. Na época, a cidade de Rio Grande já contava com o “Grande Prêmio Cidade de Rio Grande”. Entretanto, o “Grande Prêmio Princesa do Sul” conquistou ampla aderência e destaque, movimentando o sul do Rio Grande por décadas. Até meados do século XX, o GP Princesa do Sul congregava multidões, fazendo “parar” as cidades do sul do estado (TURFE..., 2015). Conforme esta fonte (2015), à época, o futebol representava apenas uma prática rudimentar se comparada às corridas de cavalos. Por outro lado, vale dizer que, neste momento, o sul do Rio Grande já cedia espaço para outras regiões do estado, sobretudo, para a capital Porto Alegre, no que se refere à cultura e à economia (PETER, 2007).

Por volta de 1940, quando a sociedade urbano-industrial começava a consolidar-se no Brasil, e teve início uma sociedade de massas, culminando, por volta de 1950, com o agito da campanha de Vargas e seu discurso trabalhista, garantindo um governo nacionalista e propondo aos trabalhadores uma democracia econômica (COSTA, 1998), algumas práticas esportivas ainda eram apresentadas pela primeira vez no Estado. Nas cidades, é que emergiu o movimento tradicionalista gaúcho<sup>6</sup>. Foi estabelecido o Centro de Tradições Gaúchas (CTG) 35, em 1948,

---

<sup>6</sup> Entender-se-á o termo ‘gaúcho’, neste estudo, conforme o antropólogo Ruben Oliven o apresenta, constituindo o ‘gaúcho’ como um tipo formado pela inserção do sujeito com o meio ambiente e pela sua experiência desde muito cedo com a guerra, “[...] socialmente um produto do Pampa, como politicamente é um produto da guerra” (OLIVEN, 1992:11). Assim, considerar-se-á ‘gaúcho’ uma designação conferida às pessoas atreladas à atividade pecuária em regiões de ocorrência de campos naturais do Vale do Rio da Prata e do Sul do Brasil, notavelmente no bioma denominado ‘pampa’. Os típicos atributos do seu estilo de vida campestre teriam traçado uma cultura própria, provinda do amálgama da cultura ibérica e indígena, adaptada ao trabalho executado nas propriedades denominadas ‘estâncias’. É deste modo conhecido no Brasil, enquanto que, em países de idioma espanhol, como Argentina e Uruguai, é chamado de *gaucho* (acento tônico no “a”, diverso do português, cujo acento tônico é no “u”). O termo ainda é correntemente empregado como gentílico para designar os habitantes do estado do Rio Grande do Sul, o qual atribuiu esta denominação gentílica posteriormente à Revolução Farroupilha; todavia, também existem ‘gaúchos’ espalhados por outros estados da região Sul do Brasil, como Santa Catarina e Paraná, e também outros países, como Argentina e Uruguai. É em função deste entendimento mais amplo do termo que, sempre que houver a necessidade de nos referirmos a pessoas, locais, etc., especificamente do Rio Grande do Sul, empregaremos o termo ‘sul-rio-grandense’, para não abrir margem para dúvidas a respeito da abrangência do termo. Além disso, a expressão ‘gaúcho’ serve, também, para designar um tipo folclórico e um conjunto de tradições codificado e difundido por um movimento cultural incorporado em agremiações, instituídas com esse fim e conhecidas como Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

relembrando, na denominação, a época do princípio da Revolução Farroupilha (1835) (COSTA, 1998). No final da década de 1990, já existiam 1500 CTG's no Estado, sendo que 90% destes foram instituídos depois de 1980; no restante do Brasil, existiam, em 1998, outros 800, instituídos pelos migrantes sul-rio-grandenses em aproximadamente todos os Estados.

Segundo Guazzelli (2010), as manifestações de identidade sul-rio-grandense tinham que ser concebidas em esferas diferentes das políticas. Assim, determinado, teoricamente, nos anos 1950 e 1960, por artigos, divulgados, principalmente, no 'Diário de Notícias', e conferências de seus fundamentais iniciadores – Paixão Côrtes, Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva –, o movimento tradicionalista<sup>7</sup> não se encerra em tão-só um modo de manifestação folclórica. Conforma-se como um fluxo de convergências estéticas, especialmente na música, que confluem para um mesmo estuário cultural: o regionalismo gaúcho, conforme Costa (1998). Em um panorama mais urbano, tem-se que as camadas médias<sup>8</sup>, na década de 1950, percebiam-se, mais do que nunca, como cidadãs modernas (D'AVILA, 2002). E, aliado a tais mudanças, o país agitava-se com manifestações políticas populares, algumas vezes até violentas. Entretanto, foi em meio a tal contexto sócio-político-econômico efervescente que o Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense colocava fim a um preconceito que já perdurava por quarenta e nove anos: o de não receber jogadores afrodescendentes em seu grupo por meio da contratação de

---

<sup>7</sup> Contudo, já em 22 de maio de 1898, havia emergido uma primeira agremiação tradicionalista, o 'Grêmio Gaúcho de Porto Alegre', voltado para a promoção de festas, desfiles de cavalarianos, palestras e outras atividades ligadas ao culto das tradições (OLIVEN, 1990). Posteriormente, já em 1925, há uma chamada, no jornal 'A Federação', do 'Grêmio Gaúcho' convidando todos os sócios para assistirem à festa que seria realizada em sua sede em comemoração à batalha de Tuiuti e ao 27º aniversário de sua fundação, ocasião em que também proceder-se-ia a eleição do presidente que deveria reger os destinos daquela associação no ano seguinte (FEIO, 1925:2).

<sup>8</sup> Aqui, compartilhar-se-á do entendimento de "camadas médias" de D'Avila (2002), para a qual se trata de um grupo social formado por profissionais liberais, funcionários públicos, militares, professores, comerciantes, donas-de-casa, que possuem certa homogeneidade em seus padrões culturais e apresentam um padrão econômico médio, possuindo, às vezes, algum patrimônio material, mas que nunca representa um grande excedente de riquezas.

Osmar Fortes Barcellos, o “Tesourinha”, o qual anulou esta tradição <sup>9</sup>. Assim, paulatinamente, iam-se acercando novos tempos socioculturais que se refletiam no cotidiano esportivo do Estado.

Ainda com relação ao futebol, a exata metade do século XX também marcava o jubileu de ouro do mais antigo clube de futebol em atividade: o *Sport Club* Rio Grande, fundado por portugueses, ingleses, brasileiros e alemães. Como parte das festividades, o Clube de Regatas Vasco da Gama do Rio de Janeiro - um dos melhores times do Brasil naquele momento - veio fazer um amistoso com o time riograndino. Tal integração entre representações de diferentes estados ocorria no início de uma década marcada pelo governo de Ildo Meneghetti no Rio Grande do Sul, o qual coincidiu com o começo de um colapso econômico estrutural que, nos anos seguintes, empobreceria o estado, tornando-o exportador e não mais importador de mão-de-obra (COSTA, 1998). Tal realidade deu-se, justamente, em um momento em que as camadas médias da população sul-rio-grandense almejavam pôr em exercício as representações de modernidade vinculadas aos termos progresso, industrialização e bem-estar social, isto é, vibravam com tudo aquilo que o moderno podia lhes proporcionar.

Ainda em 1950, foi organizada, no país, a quarta edição da Copa do Mundo de Futebol. A escolha pelo Brasil para sediar tais competições apresentava relação com a conjuntura de colapso na Europa, decorrente da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), que abateu países e, logo, inviabilizou os jogos esportivos internacionais. Sem agravos diretos com a guerra, em desenvolvimento econômico e com uma já difundida idolatria pelo futebol, o país apareceu como uma alternativa aceitável. O estádio dos Eucaliptos, do *Sport Club* Internacional, foi, na ocasião, o selecionado como a sede porto-alegrense do certame mundial. Conforme os referidos autores (2013), o Eucaliptos foi reformado para receber os jogos de futebol,

---

<sup>9</sup> Cabe ponderar sobre esta “tradição”, uma vez que se trata de uma versão construída e difundida pelo Grêmio *Football* Porto Alegrense, a qual pode ser questionada a partir de fontes imagéticas que apresentam jogadores negros no clube desde o fim da década de 1910, aproximadamente.

com a demolição do antigo pavilhão de madeira, na Rua Silveiro, e a edificação de uma arquibancada de concreto. Apesar disso, nota-se que não existia a preocupação, por parte da coordenação do evento de 1950, em garantir determinado legado no aspecto urbanístico. De tal modo, o único legado que se propunha para as cidades era a construção de campos esportivos modernos com disposição para receber grande público, como o campo da final da Copa, o Maracanã, no Rio de Janeiro, já que os estádios do período não atendiam ao interesse do público e à massificação do futebol.

Com relação ao futebol sul-rio-grandense em 1950, observavam-se atributos extremamente distintos dos atuais. A principal competição futebolística que tomava boa parte do calendário anual era o Campeonato Citadino de Porto Alegre, que abarcava os clubes da capital e regiões próximas. Ao fim da temporada, os campeões dos vários certames citadinos do Estado se agrupavam para jogar o campeonato estadual de futebol, em regras de “mata-mata”, onde, em geral, um clube de Porto Alegre disputava a final do estadual contra um time do interior do Estado (DIENSTMANN, 1987). As excursões para disputar os jogos, comumente, eram feitas de trem, a condução mais veloz, popular e estruturada no Rio Grande do Sul àquele momento.

É assim que existia, portanto, conforme D’Avila (2002), um engajamento nas lutas para que a Porto Alegre, especialmente, se transformasse de acordo com as facilidades que só a modernidade poderia lhes proporcionar, o que abarca novidades nas alternativas de lazer. Concomitantemente, começava aí um período complicado também para o Rio Grande do Sul como um todo, em que a perda de renda na produção do estado, a inflação acelerada e a ausência de crédito e de base para modernizar a agricultura, foram originando um êxodo rural com saída de mão-de-obra para distintos Estados e para as periferias urbanas.

Somente no final da década de 1950, quando da transição do governo de Meneghetti para Brizola, é que tem princípio uma etapa de encampações e estatização no Estado (COSTA, 1998). Deste modo, passam

a emergir alguns indícios de que, depois da Segunda Guerra Mundial, em âmbito nacional, identificar-se-ia um período de modernização em diversos campos: desenvolve-se a urbanização e a industrialização, por meio de inúmeras medidas de Juscelino Kubitschek, altera-se o sistema de estratificação com o alargamento da camada proletária e das camadas médias, o setor terciário cresce, enfim, os exemplos se multiplicam. No que tange aos aspectos culturais, Ortiz (1988) afirma que o país vivia um período de grande efervescência e criatividade. E, em conjunção com as suas características e posição geográfica, privilegiado pela abundante presença de lagos, lagoas, rios, mar, etc., o Rio Grande do Sul, ao curso de seu desenvolvimento, foi operando variadas atividades culturais, religiosas, de lazer e esportivas ligadas e praticadas nas águas.

A década de 1960, por sua vez, chegava com a abdicação de Jânio Quadros, o que originou uma desordem político-militar no Rio Grande do Sul para garantir a posse do vice Jango Goulart e a legalidade constitucional. Todo este contexto gerou muita tensão e emoção no Estado (COSTA, 1998). O Rio Grande do Sul seguia em um contexto político e social que estava pleno de manifestações populares contra o golpe que se avizinhava e, concomitantemente, clamava pela modernização em diferentes setores, tendo, como foco central, a industrialização (D'AVILA, 2002). Conforme Maranhão (1981), de 1940 a 1961, esta quase sextuplicou, apresentando um aumento maior do que o dobro do ritmo de desenvolvimento global da economia.

A este respeito, inclusive, durante a década de 1950, ampliou-se um programa governamental essencialmente desenvolvimentista assinalado pela concentração no aspecto industrial, desprezando ideias de solução para dificuldades sociais fundamentais. Contudo, já no início da década de 1960, especialmente no divisor de águas que representou a eleição de 1962, os trabalhistas, divididos, foram vencidos por uma ampla união conservadora que elegeu Meneghetti pela segunda vez para o governo do Estado, onde principiou a conspiração que aparelhou o golpe militar de 1964 (COSTA, 1998). Neste contexto, não somente na política, mas,

também, no cotidiano de algumas práticas esportivas, também tomou lugar um período de dificuldades. Apesar deste momento apresentar problemas e instabilidade não somente para a política, como também para a organização de algumas práticas esportivas, a ocorrência de um evento esportivo na capital do Estado representou algumas melhorias como um legado para o campo esportivo sul-rio-grandense. Tratam-se dos Jogos Mundiais Universitários, evento conhecido por Universíade de 1963, termo que tem sua origem na junção das palavras “universidade” e “olimpíada”.

Para além de um importante evento sociocultural para a cidade e o Estado, esta também foi uma ocasião em que os jovens artistas e intelectuais contestavam a “oligarquia cultural”, promovendo uma saudável ‘explosão’ de rebeldia, manifestando-se contra os movimentos que antecederam o golpe militar, em 1964. (COSTA, 1998). Desta feita, a indústria cultural estava aparecendo, já desde a década de 1950, e os meios de comunicação admitiam, cada vez mais, o papel de formadores da moda e da ética, profundamente relacionadas com a cultura estadunidense (D’AVILA, 2002). Apesar disso, observando as atividades de lazer das camadas médias porto-alegrenses, podia-se observar a importância, ainda em 1950, de festas como as quermesses e sociabilidade nas ruas.

### **Práticas equestres em Pelotas**

Variadas cidades do estado do Rio Grande do Sul tiveram a emergência de práticas corporais e de divertimento ainda no decorrer do século XIX. Na transição para o século XX, tem-se o movimento de esportivização, sobretudo, com influências europeias, o que sucedeu, também, em outros estados do país. No caso da cidade de Pelotas/RS, pode-se dizer que sua localização geográfica influenciou para que houvesse uma maior incidência de práticas esportivas. Isto porque esta se constituía em uma cidade portuária. Com isto, contava com alta circulação de embarcações vindas da Europa, das quais, além dos conteúdos de comercialização, desembarcavam agentes e práticas culturais; dentre elas,

os esportes. Assim, Pelotas se desenvolveu sob intensas influências europeias, tanto no âmbito das práticas esportivas quanto na alimentação, na moda e nas atividades intelectuais (PETER, 2007). Ou seja, a cultura, a economia e, inclusive a política da cidade foram moldadas a partir de ideias trazidas de países como França, Alemanha, Portugal e Inglaterra. Ressalta-se que “europeizar-se” constituía-se em uma prática que buscava, dentre outros significados, a distinção social.

Desde o final da década de 1780, a produção de charque passou a gerar riqueza à cidade de Pelotas, a qual, por volta de 1835, já se destacava pela prosperidade econômica, elevando, também, os seus padrões sociais e culturais. Todavia, com a chegada da Revolução Farroupilha (1835-1845), tal processo ficou estagnado, sendo retomado de forma gradativa a partir da segunda metade do século XIX (PETER, 2007). Na década de 1870, a cidade de Pelotas já se encontrava em momento de alto progresso e distinção, sobretudo, econômica, com relação aos demais municípios do estado do Rio Grande do Sul e, inclusive de outras localidades do sul do país. Tal cenário passou a demandar espaços e atividades - afora o teatro que se fazia presente na cidade desde 1933, conforme Peter (2007) - que atendessem aos desejos de lazer e entretenimento dos afortunados deste contexto social. Neste ínterim, o Hipódromo do Jockey Club Pelotense foi inaugurado em 25 de março de 1878, prometendo fornecer, à “ilustre sociedade Jockey-Club”, um verdadeiro lugar de divertimento (INAUGURAÇÃO..., 1878).

A criação do Hipódromo do Jockey Club Pelotense representou um importante marco para Pelotas. Sua inauguração, além do expressivo número de espectadores, teve a participação dos senhores G. Hadwio e H. William, diretores da “Grande Companhia Ingleza” (INAUGURAÇÃO..., 1878). Assim, os ingleses foram os investidores do desenvolvimento do Hipódromo do Jockey Club Pelotense. A relevância da idealização deste espaço equestre na cidade de Pelotas deu-se, principalmente, porque ele passou a se constituir em um ambiente de encontro da alta sociedade sul-rio-grandense, que se reunia a fim de participar, apostar ou,

simplesmente, apreciar as corridas de cavalos. Tal prática perdurou entre o final do século XIX, adentrando o século XX, consolidando-se como o principal divertimento da elite sul-rio-grandense por décadas.

Conforme Guimarães (1898) apud Koslowsky e Piccoli (2003), as corridas de cavalos marcaram esta época, em que, aos domingos, eram reunidos os cavalos, ocorriam as apostas, ou jogos de azar, e as “carreiras”, denominação utilizada às corridas de cavalos em canchas. Quando uma carreira era realizada com cinco ou mais cavalos em disputa, recebia o nome de “califórnia” ou “penca”. Os autores registram, ainda, as “cavalhadas”, as quais eram realizadas em praças ou em campos em ocasiões de festividade. Vale apontar que tais práticas ocorriam, em Pelotas, em período anterior à fundação do primeiro hipódromo, ocorrida em 1878. Sob influência de europeus, a sociedade pelotense adotou exigentes e avançadas formas de sociabilidade, construindo e inaugurando um dos primeiros teatros do país em 1833 (PETER, 2007). A partir disso, outras práticas de lazer passaram a despertar o interesse da cosmopolita cidade; dentre elas, os concertos ou festivais de música e as missas. Há vestígios de que, nestas ocasiões, as cavalhadas eram levadas, ao público, em formato de demonstração e espetáculo, em que “jovens elegantemente trajados participavam de corridas em torneios” (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Destaca-se que, seja nos torneios, nas cavalhadas, nas corridas, o cavalo constituía-se no personagem primordial do “goso dos filhos do Rio Grande” (LEMOS; CARVALHO, 1919). As corridas, em penca, em califórnia, figuravam o passatempo favorito, promovendo o “ajuntamento de centenas de pessoas”.

Evidencia-se que a cidade de Pelotas apresenta uma larga tradição em corridas de cavalos, de modo que já em 1836, Nicolau Dreys afirmava: “presenciamos uma dessas carreiras na planície ondeada que medeia entre a cidade de Pelotas e o Rio de São Gonçalo; vimos infinita gente, muita alegria, montões de ouro e prata, e nenhuma desordem” (DREYS, 1990:101). Ao longo do século XIX, as corridas aconteciam em um hipódromo situado além da atual Estação Férrea. Sabe-se, pelas

reportagens localizadas no Correio Mercantil, que as corridas também ocorriam no Prado localizado no Bairro Fragata, o primeiro hipódromo da cidade, do Jockey Club Pelotense (INAUGURAÇÃO..., 1878).

Além das corridas de cavalos, o Hipódromo do Jockey Club Pelotense contava com outras atividades que entretinham toda a família durante os eventos. Na divulgação de inauguração do Hipódromo do Jockey Club, por exemplo, constam as seguintes atrações na programação: “Grandes espetáculos ginásticos”; “Carreira cômica, envolvendo palhaços”; “Bandas de música durante os intervalos”. (INAUGURAÇÃO..., 1878). Tal figuração, envolvendo práticas de lazer que incluem as apostas, as corridas de cavalos e as atrações complementares, perdurou ao longo de anos. Em 1886, notícia de “A Discussão”, intitulada “Prado Pelotense - Importante divertimento”, são apresentados os seguintes atrativos, além das principais e tradicionais atrações, as corridas de cavalos: “O artista Sr. Linglodes apresentará ao público a cena diabólica que consiste em engolir espadas e baionetas.”; “O Sr. Linglodes comerá fogo com a mesma facilidade com que qualquer pessoa possa comer um prato de doces.” (PRADO..., 1886). É possível que estas atividades tivessem ligação com o circo da empresa Taurus - fabricante de revólveres -, que, antes mesmo da criação do Hipódromo do Jockey Club Pelotense, fomentava a equitação na cidade, aliando-a aos espaços e à prática do tiro (KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). No trecho inicial da referida notícia, destacou-se que as atrações visavam realçar, ainda mais, as corridas a se realizarem com superiores cavalos. Ainda, o valor de 500 réis para a entrada de homens e senhoras é descrito, bem como a entrada gratuita para crianças (PRADO..., 1886). O valor das entradas nos eventos do Hipódromo do Jockey Club Pelotense era distinto para associados e não associados e a venda ocorria em comércios específicos da região.

Em especial, o programa de inauguração do Hipódromo do Jockey Club Pelotense chama a atenção por apresentar, nas carreiras, os nomes de seis mulheres, tanto em disputas realizadas exclusivamente entre amazonas - ou joquetas -, como em carreira com jóqueis. A presença e

exposição do sexo feminino em tais práticas, à época, não consistia em algo comum. Todavia, de acordo com Pereira (2016), é possível que a prática equestre fosse utilizada como parte da educação das filhas de famílias da elite pelotense, tendo em vista que cinco delas possuíam o mesmo sobrenome: Mile. Outrossim, esta poderia ser mais uma prática de distinção e prestígio familiar, além de figurar-se como uma forma de se apresentar as futuras herdeiras à sociedade.

Na década de 1890, a economia de Pelotas começou a entrar em decadência, o que se deu, principalmente, pela Revolução Federalista (1893-1895) e pela entrada de novas atividades econômicas na cidade, as quais, ao substituírem as charqueadas, não apresentaram a mesma prosperidade desta última, inviabilizando a manutenção da ascensão e do padrão econômico anteriormente conquistado com o charque (PETER, 2007). Acompanhando tal cenário social, ao início da década de 1890, o hipódromo do Jockey Club passou por uma reforma, assinalada em notícia do Diário Popular, como uma iniciativa da “nova diretoria”, marcando “uma nova época para o Prado” (JOCKEY-CLUB, 1907). “Sua bandeira vermelha flutuando no alto”, marcou a entrada dos espectadores à inauguração do novo espaço equestre. Os “trajes variados das senhoritas, plumas de chapéus punham notas alegres e encantadoras” entre o grande público. Por sua vez, os entusiastas das apostas debatiam sobre os cavalos que chegavam à pista. Conforme a notícia, o novo hipódromo em nada deixou a desejar, encerrando, com duas bandas de música, e chegando a 5:320\$000 na venda de poules (JOCKEY-CLUB, 1907). O valor das poules e os prêmios aos vencedores variavam de acordo com a corrida e/ou o páreo em que os jogadores apostavam.

Por volta de 1911, foi fundada uma nova organização, a Sociedade Derby Club Pelotense. Em notícia intitulada “Vida Sportiva”, o Jornal Opinião Pública anuncia a aproximação à primeira corrida de cavalos oficial após a fundação desta Sociedade, referindo-se aos cavaleiros como *Turfmen* (VIDA..., 1911). Os termos utilizados, nesta publicação, trazem indícios do início de uma intenção de esportivização acerca das práticas de

corrida de cavalos. É possível que a Sociedade Derby Club de Pelotas tenha emergido em um momento no qual as famosas corridas de cavalos passavam por declínios com relação à representatividade social, então já vivenciada em Pelotas, até mesmo em decorrência das mudanças econômicas - que influenciaram nas atividades culturais - ocorridas na cidade entre o final do século XIX e início do século XX. Ao anunciar a nova temporada (1912) esportiva à sociedade pelotense, sinalizando, nesta sequência, as práticas do futebol, as regatas, as corridas de cavalos e o tênis, o jornal *Correio Mercantil* ressaltou: “Os incansáveis diretores desta popular sociedade [Sociedade Derby Club de Pelotas] trabalham, sem esmorecimentos, no sentido de conseguir uma época de franca prosperidade para o nosso <<Turf>>, outr’ora tão florescente, já promovendo adoráveis festas hyppicas [...]. (VIDA..., 1912). A notícia apontou, também, as negociações da referida Sociedade junto aos governos federal, estadual e municipal, a fim de angariar “valiosos premios pecuniarios” que serviriam de estímulo aos criadores de cavalos e ao “ressurgimento do turf” (VIDA..., 1912). Em meio a entraves, se buscou assegurar o prestígio e o público de tais disputas por meio de programas com corridas envolvendo cavalos clássicos e de alto valor, reconhecidos como “sangue puro” e “campeões” e; inclusive, transportados de outras localidades, como Rio de Janeiro e Uruguai, para os espetáculos em Pelotas (PELO..., 1916). Acredita-se que tal empenho da Sociedade Derby Club Pelotense para o fortalecimento das corridas de cavalos, em Pelotas, alcançou resultados; todavia, as fontes evidenciam que, cada vez mais, as práticas equestres passaram a dividir espaço com outros esportes que já se faziam presentes na cidade e no estado.

As práticas equestres, as regatas, o atletismo, o ciclismo, o tiro ao alvo e o futebol são alguns dos esportes que, em Pelotas, tiveram seus primórdios entre o final do século XIX e início do século XX (VIDA..., 1912; KOSLOWSKY; PICCOLI, 2003). Vale referir que, desde a década de 1870, aproximadamente, a elite pelotense desfrutava de práticas que envolviam, além da equitação, o tiro; todavia, ambas com caráter recreativo, a fim de

se ocupar o tempo livre da alta sociedade da cidade. Há indícios de que, a partir disto, foi engendrado o movimento que culminou na fundação oficial do Jockey Club de Pelotas, em 22 de junho de 1930 (O JOCKEY..., 2020).

A fundação do Jockey Club de Pelotas ocorreu a partir de ideias e interesses compartilhados entre integrantes da Associação Jockey Club de Pelotas, já existente na época. Desde seus primórdios, o Jockey Club de Pelotas teve destacados os papéis e as vantagens “sociais, morais, culturais e esportivas da criação de cavalos” (O JOCKEY..., 2020). Na liderança desta entidade civil e sem fins lucrativos, já estiveram nomes como o do coronel Zeferino Costa Filho e de Joaquim Francisco Assis Brasil, os quais assumiram, proeminentes, funções e representações desde o ato de fundação do Jockey Club, em 1930; o médico José Inácio do Amaral, que assumiu, mediante eleição, a direção da entidade em 22 de junho de 1932; e, os também médicos, Ariano Requião de Carvalho, eleito em 1934; e Álbio Faria Petrucci, em 1947. Depois de nomeada, a primeira diretoria apresentou, como encargo, concretizar a ideia que, até então, permanecia, exclusivamente, no imaginário de seus idealizadores. Em 10 de dezembro de 1932, na segunda diretoria, aconteceu a primeira corrida oficial. Nesse período, aconteceu, ainda, a primeira exibição de potros do Rio Grande do Sul. Essa gestão foi responsável pelo lançamento da pedra fundamental do Hipódromo da Tablada. A inauguração, porém, somente ocorreria alguns anos depois, em 1936 (O JOCKEY..., 1936).

Nesta direção, idealizada com o objetivo de “promover o melhoramento do puro sangue inglês (PSI)” - criação de raça de cavalos desenvolvida para as corridas -, a partir de 1932, aproximadamente, deu-se início aos primeiros passos rumo à construção de um novo hipódromo, o qual, mais tarde, viria a se constituir no “Hipódromo do Jockey Club de Pelotas”. Em 19 de setembro de 1933, fez-se a “demarcação das pistas e nivelamento do terreno, dando início a obra” (O JOCKEY..., 2020). Nesta época, tiveram início as carreiras rasas. Já em 1934, sucedeu a implantação

dos páreos clássicos. No mês de dezembro deste mesmo ano, ocorre a inauguração do pavilhão central do hipódromo.

Na gestão do Dr. Álbio Faria Petrucci, do Hipódromo da Tablada, entre 1947 e 1948, foi concretizada a aquisição da atual sede social, situada na Rua Sete de Setembro, imóvel que, até então, era alugado pelo Jockey Club. Em seguida, na década de 1950, foi constituído o serviço veterinário permanente com uma balança de pesagem para o controle dos animais, como também o seguro de acidentes de trabalho para os profissionais do turfe. E, em 7 de maio de 1954, foi assinada a escritura de aquisição do terreno do hipódromo em cerimônia realizada na Prefeitura Municipal de Pelotas (AQUISIÇÃO..., 1954).

Ainda na década de 1930, o Jockey Club de Pelotas contava com uma expressiva representatividade social entre os sul-rio-grandenses. Há vestígios de que, nesta época, considerada “áurea” à entidade, foram congregados cerca de 1,2 mil sócios (O JOCKEY..., 2020). As corridas de cavalos, realizadas neste ambiente, chegavam a alcançar cerca de 15 mil espectadores a cada edição. A mais conhecida, almejada e prestigiada delas, é intitulada “Grande Prêmio Princesa do Sul” (GP Princesa do Sul), iniciada em março de 1936 e que acontece até a atualidade. Todavia, não conta mais com o mesmo prestígio de outros tempos, como em sua primeira edição, quando atingiu recorde de apostas, com uma premiação de 20 mil réis para o primeiro colocado (O JOCKEY..., 2020).

As corridas de cavalos movimentavam o interior do Rio Grande do Sul; em especial, as cidades de Pelotas e de Rio Grande. Esta, possuía o “Grande Prêmio Cidade de Rio Grande”. Iniciado em período anterior ao GP Princesa do Sul, as disputas, em Rio Grande, ocorriam previamente e serviam como espécie de seletiva para as disputas em Pelotas. Os hipódromos situados na Vila São Miguel (Rio Grande) e na Tablada (Pelotas) figuravam palcos para as corridas de cavalos, consagradas como grandes espetáculos, obtendo, inclusive, destaques superiores àqueles da capital Porto Alegre/RS. O GP da Cidade de Rio Grande e o GP Princesa do Sul, geralmente, eram realizados durante as férias de verão, recebendo

não apenas os apreciadores e simpatizantes das corridas de cavalos, mas, também, seus familiares, incluindo casais, filhos, avós, dentre outros.

Às mulheres, era oferecido o atrativo do “Concurso Nuplo - *Turfwomen*”, realizado com a parceria do comércio da cidade, que concedia prêmios; a exemplo, “um fino e sedutor vestido de sêda”, cedido pela Casa das Sêdas, sob propriedade dos senhores Germano Curi e irmão (TURFE..., 1938). Ou seja, prêmios dignos à elegância francesa à qual buscavam se representar as mulheres da alta sociedade de Pelotas (PETER, 2007). Nesta direção, afora atrair famílias inteiras, fonte resgatada do Diário Popular revela que “O Prado passou a ser, naqueles tempos, local de reunião de moças e rapazes. Não havia lugar mais aprazível e alegre para namorar” (JOCKEY..., 2013). Isto é, um lugar de distinção social em que apreciar e ser apreciado constituíam práticas compartilhadas pelos frequentadores do Jockey Club de Pelotas. Daí, emergiam representações culturais que contribuía para a construção de identidades e do sentimento de pertencimento à sociedade pelotense, para a qual as práticas relativas ao fenômeno equestre carregavam fortes significados, relacionando-se com o próprio desenvolvimento da cidade.

O relato acima apresentado é de José Rodrigues Gomes Neto, que também ressaltou o quanto fora assíduo ao Hipódromo do Jockey Club de Pelotas durante sua juventude: “Tive um grande amigo, que muito cedo perdi - Renato Costa Leite - que me ‘desencaminhava’ e íamos jogar nas corridas de cavalo, para preocupação de nossas mães. Mais do que o jogo, no entanto, atraía-nos a beleza do espetáculo proporcionado pelos lindos cavalos ingleses. Jogávamos tostões, naturalmente.” (JOCKEY..., 2013). Tornou-se uma prática social de determinados grupos, aos domingos, frequentar o hipódromo. Contudo, “o momento supremo para os acionados era a realização do Grande Prêmio Princesa do Sul”, quando se atingiam multidões (JOCKEY..., 2013). Por volta das décadas de 1950 e 1960, a dimensão destas disputas equestres era tão grande que “as cidades paravam, e não se falava em outra coisa. Grêmio e Internacional nesses dias eram apenas dois clubes de futebol caseiros, o que somente mudaria

a partir da segunda metade da década de setenta” (TURFE..., 2015). Emocionado, José Rodrigues Gomes Neto, registrou suas lembranças sobre o Grande Prêmio Princesa do Sul:

Recordo, com certeza, que a largada acontecia frente à arquibancada, ao lado do pavilhão, que ainda hoje está lá. Que emoção! O sinal da partida era uma ta que levantava na hora H (daí a expressão usada até hoje: “Estou mal na ta”). Os animais cavam indóceis e levava um bom tempo até que o “starter” considerasse o momento próprio para dar a largada. Quando isso acontecia (agora quase sinto a sensação que me invadia), a tensão era enorme. Eu e tantos outros, saíamos correndo rumo à chegada, que ficava diante do pavilhão, e mal divisávamos a reta oposta. Quando eles entravam na reta final, nós, meio pendurados e acotovelados na cerca divisória da pista, víamos aquele espetáculo inolvidável: os cavalos, encostados uns nos outros, correndo em direção ao local em que estávamos. A torcida, frenética, gritando: “Dá-lhe Récio”, dá-lhe, dá-lhe Dançarino...”. A partir de um determinado momento ouvíamos o barulho desencontrado das patas, batendo forte no chão e os gritos dos jóqueis, “vamos...” e o estalo das talas e, malmente, a cruzada no disco de chegada. Aí, o processo psicológico se modificava. Não mais a esperança e sim a alegria da vitória para uns e a tristeza da derrota para outros. Os vencedores abraçavam-se e davam vivas ao jôquei, os perdedores, cabisbaixos, rasgavam as “poules” e vaiavam os condutores dos cavalos que haviam escolhido (JOCKEY..., 2013).

Para Pereira (2016), tamanha é a importância do Grande Prêmio Princesa do Sul que, em seus mais de 80 anos de história, apenas por duas vezes não ocorreu: em 1968, por uma interrupção do trânsito de equinos no Brasil; e em 2010, quando a Carta Patente do Hipódromo da Tablada<sup>10</sup> foi cassada. Durante a década de 1950, eram, até mesmo, anunciados os embarques de cavalos campeões do turfe porto-alegrense para a participação no Grande Prêmio Princesa do Sul. Por meio de uma

---

<sup>10</sup> Passados os anos de prestígio, em 14 de janeiro de 2010, o Jockey Club teve sua Carta Patente – documento expedido pelo Ministério da Agricultura que aprova o funcionamento da prática do turfe no Brasil – invalidada, acarretando, de tal modo, o encerramento e o momento mais conturbado da história desta instituição. Após 10 meses, a atual diretoria, composta por Carlos Mazza e Renato Braga, obteve a renovação da Carta Patente, de forma que, em 24 de outubro de 2010, o Jockey Club voltou a receber as clássicas carreiras dominicais. Teve início, então, o período destinado a reerguer o hipódromo, tendo seu apogeu, até o momento, no tradicional Grande Prêmio Princesa do Sul, quando computa milhares de espectadores (FECHAMENTO..., 2016).

embarcação, portanto, é que os animais eram transportados da capital até o sul do estado. Estas participações de cavalos de Porto Alegre, assim, eram noticiadas como um fator extra de atração à disputa. Para tal, os jornais da capital, tais como o *Correio do Povo*, enfatizavam, até mesmo, possíveis rivalidades entre animais campeões: “Mais onze dias portanto, e a ‘afición’ rio-grandense, entre vibrantes aclamações, vai saudar o campeão dos Moinhos de Vento, na várzea da Tablada. Será Carcel? Ou Cravete?” (CRAVETE..., 1950). Percebe-se, assim, um trânsito estabelecido entre as práticas do turfe de Porto Alegre e Pelotas, imbricando a movimentação não somente de sujeitos, mas também de cavalos, e, até mesmo, de apostas, uma vez que os guichês do Jockey Club do Rio Grande do Sul, em Porto Alegre, abriam para recebê-las (G.P. PRINCESA..., 1950), instituindo, possivelmente, uma intensa e contínua interdependência entre si.

O desenvolvimento das corridas de cavalos, em Pelotas, acompanhou as modificações econômicas da região sucedidas, principalmente, ao longo da primeira metade do século XX. Deste modo, suas atividades culturais, amplamente concentradas em torno das práticas equestres, cederam espaço para outras cidades do estado do Rio Grande do Sul, sobretudo à capital Porto Alegre. Apesar disso, de acordo com Peter (2007:10), por muito tempo, Pelotas ainda manteve um imaginário social acerca da sua “cultura e da aristocracia, mas não mais da opulência e riqueza”. As práticas equestres, assim, sempre foram mantidas na cidade, passando por novos delineamentos em diversos momentos históricos, adentrando às variadas vertentes da equitação.

### **Considerações finais**

As considerações finais deste capítulo não apresentam, por objetivo, servir como conclusões fechadas e inquestionáveis; ao contrário: trata-se, aqui, essencialmente, de um processo ininterrupto, para que outros(as) acadêmicos(as), a partir desse estudo, concretizem ou avancem para além da constituição desta proposta de análise que embasou a nossa pesquisa.

Assim, alguns pontos serão colocados como resultado da compreensão da dimensão de uma apreciação das corridas de cavalos, na cidade de Pelotas, na transição dos séculos XIX e XX.

Nesta direção, foram encontrados indicativos de que as corridas de cavalos, especificamente as carreiras de cancha reta e o turfe, dividiram espaços e ambientes, além de alastrarem-se por canchas plurais de múltiplas relações sociais em momentos de divertimento na conjuntura de Pelotas. Tais lugares são tanto aqueles institucionalizados, alcunhados como hipódromos ou prados, assim como, também, canchas não institucionalizadas, definidas pelos praticantes, conforme as qualidades do solo (pista reta) para a realização de uma disputa de corrida a cavalo.

Um segundo ponto acena para o tema da simultaneidade com que aconteciam as práticas, nos aludidos ambientes - em meio ao costume e à tradição sul-rio-grandense de uma elite rural na criação e refinamento de raças e ascendências de cavalos -, bem como uma continuação do andamento do desenvolvimento das cidades e de sua população. Adjunto a este ponto, é relevante elucidar que as primordiais carreiras de cancha reta cultivaram a base para os primeiros prados (hipódromos) de Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Bagé, importantes cidades nos séculos XVIII e XIX no Rio Grande do Sul, além de ainda comporem uma prática comum em diferentes cidades de outras regiões do estado.

Assim, a partir deste estudo, pode-se concluir, até mesmo, que estas práticas associavam sujeitos com distintas representações identitárias e constituíram uma figuração cultural que produzia representações conexas às identidades de diferentes grupos sociais. Diante desta verificação, buscamos apurar dinâmicas de figurações culturais colocadas entre estas práticas, bem como os processos que moviam as redes de interdependência por meio das articulações alocadas a respeito de uma identidade “sul-rio-grandense”. Os conflitos acenam a processos de compartilhamento de ambientes e de esportivização, os quais podem ser identificados no decorrer das corridas de cavalos, assim como a

composição de uma identidade sul-rio-grandense tensionada perante identidades lusas e inglesas.

De tal modo, apreender a dimensão dessas identidades etnoculturais permite distinguir a tessitura de uma conjuntura de incremento de disputas identitárias no Rio Grande do Sul. E as práticas corporais e de lazer das corridas de cavalos apresentaram um papel fundamental, por meio de uma figuração cultural, no desenvolvimento e expressão destes conflitos identitários nos meridionais prados do sul do Brasil.

## Referências

AQUINO, M. de. *As fontes históricas no ensinar, produzir e aprender história: apontamentos e reflexões*. **Revista Eletrônica História e-História**. Brasil, 2014. Disponível em: <http://historiaehistoria.com.br/materia.cfm?tb=artigos&id=281>. Acesso em: 19 nov. 2018.

AQUISIÇÃO do Jockey Club. **Diário Popular**, Pelotas, 08 maio. 1954. p. 8.

BARROS, J. D. A. *A fonte histórica e seu lugar de produção*. **Cadernos de Pesquisa do CDHIS**. Belo Horizonte: UFMG, v. 25, p. 407-29, 2012.

COSTA, Elmar Bonnes (Ed.). **História ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Já Editores, 1998.

CRAVETE foi embarcado para o “Princesa”. Pequenos anúncios. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 01 fev. 1950. p. 11.

D’AVILA, Naida Lena Menezes. *Na trajetória da modernidade: o lazer e a moral nos anos 50 em Porto Alegre*. In: KRAWCZYK, Flávio (org.). **Da necessidade do moderno: o futuro da Porto Alegre do século passado**. Porto Alegre: EU/Secretaria Municipal da Cultura, 2002, p.69-94.

DIENSTMANN, Claudio. **Campeonato Gaúcho: 68 anos de Glória**. Porto Alegre: Sulina, 1987.

DREYS, Nicolau. **Notícia descritiva da província do Rio Grande de São Pedro**. 4. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão/EDIPUCRS, 1990.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. 2 vols.

FECHAMENTO e reabertura. **Jockey Club de Pelotas**. [Homepage da internet]. Disponível em: <http://www.jcpelotas.com.br/index.php/oclube/hipodromo>. Acesso em: 12 abr. 2016.

FEIO, Ramiro Barcellos. Gremio Gaucho. **A Federação**, Porto Alegre, 19/05/1925, p.2

G.P.PRINCESA do Sul. Noticiário. **Correio do Povo**, Porto Alegre, 07 fev. 1950. p. 12.

GUAZZELLI, Cesar Augusto Barcellos. *Futebol em tempos de ditadura: o Rio Grande contra o Brasil*. **Revista Aurora**, São Paulo: PUC-SP, n. 9, p. 84-102. 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/aurora/article/view/3756/2810>. Acesso em: 28 set. 2020.

INAUGURAÇÃO do Hypodromo do Jockey Club Pelotense. **Diário de Pelotas**, anno XI, n. 68, p. 3, 23 mar., 1878.

INAUGURAÇÃO do Hippodromo. **Gazeta de Porto Alegre**. Porto Alegre, 13 maio 1880, p.1.

JEUKEN, B. *Esporte na Primeira República: a história do espetáculo*. **Revista de História**, São Paulo: USP, n. 176, r01416, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rh/n176/2316-9141-rh-176-r01416.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2018.

JOCKEY-CLUB de Pelotas. 28/03/1936, n. 179, p. 24-25. In: MAZO, J. **O Esporte e a Educação Física na Revista do Globo: Catálogo 1929-1967**. Porto Alegre: FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS, 2004, CD-ROM.

JOCKEY-CLUB de Pelotas. **Diário Popular**. 4 jan. 2013.

JOCKEY-CLUB. **Diário Popular**. anno XIX, n. 231, 8 out., 1907.

KOSLOWSKY, Marcelo; PICCOLI, João Carlos Jaccottet. *Manifestações esportivas na Cidade de Pelotas: 1835 - 1935*. **Revista EFDeportes**, Buenos Aires, v. 9, n. 64, set., 2003.

LEMOS, Antenor; CARVALHO, Edmundo. (Orgs). **Álbum d'O Rio Grande do Sul Sportivo**. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1919.

MAGALHÃES, Mario Osorio. **Opulência e cultura na província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860 - 1890)**. Pelotas: Editora UFPel, 1993.

MARANHÃO, Ricardo. *O estado e a política populista no Brasil*. In: FAUSTO, Bóris. **História geral da civilização brasileira**. São Paulo: DIFEL, 1981, v.III.

MAZO, Janice Zarpellon. **Catálogo do Esporte e da Educação Física na Revista do Globo**. Porto Alegre: PUCRS, 2004. 1 CD-ROM.

MAZO, Janice Zarpellon et al. **Associações Esportivas no Rio Grande do Sul: lugares e memórias**. Novo Hamburgo: Feevale, 2012.

MELO, Victor Andrade de. *Das touradas às corridas de cavalo e regatas: primeiros momentos da configuração do campo esportivo no Brasil*. In: DEL PRIORE, Mary; MELO, Victor. (Orgs). **História do Esporte no Brasil: do império aos dias atuais**. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 35-70.

MORAES E SILVA, M. *Comportamentos urbanos e esportes: contribuições para a esportivização do turfe e da pelota basca em Curitiba (1899-1905)*. **Revista Licere**, Belo Horizonte: UFMG, v. 18, n. 3, p. 86-115, set. 2015.

O JOCKEY - Associação Jockey Club de Pelotas. Disponível em: <https://jcpelotas.com.br/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

O JOCKEY Club. **Diário Popular**, Pelotas, 11 dez. 1936, p. 7.

OLHARES sobre Pelotas. @olharsobrepelotas - Centro de Informações Turísticas. Disponível em: <https://www.facebook.com/Olharsobrepelotas/posts/d41d8cd9/2060217940752067/>. Acesso em: 17 set. 2020.

OLIVEN, Ruben G. **A parte e o todo**: A diversidade cultural no Brasil nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

\_\_\_\_\_. Em busca do tempo perdido: o movimento tradicionalista gaúcho. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 6, v.15, 1991.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

PELO Turf. **Diário Popular**. ano XVII, n. 6, 9 set., 1916.

PEREIRA, Ester Liberato. **As práticas equestres em Porto Alegre: percorrendo o processo da esportivização**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de Mestrado - PPGCMH), 2012.

\_\_\_\_\_. **Configurações sócio-históricas da equitação no Rio Grande do Sul: uma investigação das redes de interdependência nas práticas esportivas equestres**. Porto Alegre: UFRGS (Tese de Doutorado - PPGCMH), 2016.

PEREIRA, Ester Liberato; MAZO, Janice Zarpellon; BATAGLION, Giandra Anceski. *Equitação no Rio Grande do Sul: um estudo sobre a configuração da vertente rural*. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Brasília: UCB, v. 27, n. 2, p. 155-175, 2019.

PETER, Glenda Dimuro. Influência francesa no patrimônio cultural e construção da identidade brasileira: o caso de Pelotas. **Vitruvius**, ano 8, v. 87, n. 7, ago., 2007.

PRADO pelotense - Importante divertimento. **A discussão**. ano VI, n. 256, p. 3, c.5, 30 out. 1886.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia; GIGLIO, Sérgio Settani. *O papel da memória na construção da identidade organizacional: a sociedade Jockey Club (1868-1932) e o “desenvolvimento da riqueza pastoril”*. **Recordes**, Rio de Janeiro: UFRJ, v. 10, n.1, p. 1-21, jan./jun., 2017.

SOARES, Ricardo Santos. **O Foot-ball de todos: uma história social do futebol em Porto Alegre, 1903 - 1918**. Porto Alegre: PUCRS (Dissertação de Mestrado - PPGH). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-graduação em História, Porto Alegre, 2014.

TURFE: vitórias e derrotas, a história continua nas pistas de corrida. Disponível em: <https://chronosfer.wordpress.com/tag/pelotas/>. Acesso em: 26 ago. 2020.

VIDA Sportiva. Hippico. Temporada 1912. **Correio Mercantil**. ano XXVII, n. 56, p. 1., c. 2-3, 6 mar., 1912.

VIDA Sportiva. **Opinião Pública**. ano XVI, 2 out., 1911.

## **A Universíade de 63: Garimpendo memórias**

*Maristel P. Nogueira <sup>1</sup>*

Quando pensamos em práticas esportivas, pensamos, por vezes, nos esportes de competição, nos esportes Olímpicos de alto rendimento. Contudo, tais práticas englobam historicamente muito mais do que isto. Sua origem na cultura ocidental, embora afastada do moderno conceito de “esporte”, remonta aos tempos em que os homens competiam em honra aos deuses, em Olímpia ou no Coliseu do “Pão e Circo” ou nos diversos jogos dos quais talvez tenhamos hoje poucos registros. Assim, o esporte tal como conhecemos está intimamente ligado a conceitos construídos ao longo do período contemporâneo. Bracht referindo-se ao esporte nos diz que “não é de todo equivocada a afirmação de que o esporte é um dos fenômenos mais expressivos deste século. Sem dúvida, o esporte faz hoje parte, de uma ou de outra forma, da vida da maioria das pessoas em todo o mundo” (BRACHT, 1997:5)

O que o autor nos mostra na citação acima pode ser observado mais claramente quando pensamos em futebol no Brasil ou no beisebol para os Estados Unidos. Contudo, o esporte olímpico carrega algumas máximas que o legitimam, como a presença do “espírito olímpico”, a ideia de que “o importante é competir” ou ainda que “o esporte une os povos”.

Estas construções simbólicas transmitem um sistema cultural aos espectadores. O esporte seria uma espécie de lugar onde todos se irmanam

---

<sup>1</sup> Doutora em História das sociedades ibero-americanas. Contato: maristel.nogueira@gmail.com.

e vivem em paz. Estes valores são repassados aos espectadores através da divulgação do esforço dos atletas e da sua superação; através dos jornais e revistas que, nos seus textos, utilizam elementos de linguagem que elevam o atleta ao patamar de mito.

O olimpismo, porém, é um sistema altamente complexo de comunicação de valores. As competições esportivas são um referencial positivo nas mentes humanas, em geral por estarem ligadas à imagem cultural do espírito olímpico de competição, superioridade técnica, ética e disciplina. O mundo esportivo poderia ser assim dividido em duas partes: o esporte enquanto atividade de lazer (aquele praticado individualmente ou coletivamente com o objetivo de ter uma vida saudável), e o esporte de alto rendimento, profissional ou de espetáculo, do qual o olimpismo faz parte.

### **Jogos Olímpicos ontem e hoje: algumas palavras.**

É natural que o leigo, ao pensar em jogos olímpicos, pense também no ideal instituído a partir dos jogos modernos, mesmo sabendo que sua origem remonte a um período muito anterior. Nossas pesquisas apontam para uma divergência entre os pesquisadores em termos de datas sobre a raiz dos Jogos Olímpicos.

De acordo com Cabral muito antes da instituição dos jogos olímpicos já existiam competições atléticas.

Segundo a tradição, os jogos olímpicos foram instituídos em 776 a.c. Isso não significa, de modo algum, que as competições atléticas foram celebradas na Hélade<sup>2</sup> pela primeira vez neste ano. De fato, a origem dessas competições se perde nas densas névoas do tempo. A reunião de atletas de todas as partes do mundo helênico na olimpíada mais antiga sugere que já existia uma antiga tradição para eventos dessa natureza. Deve-se, portanto, procurar as origens não apenas no período geométrico, mas muito antes, no período micênico, no qual palpitava o antigo espírito de rivalidade, e no período minoico, no mar

---

<sup>2</sup> Região onde se localiza a Grécia moderna.

Egeu e na longínqua Creta, onde floresceu a mais antiga civilização em solo europeu.

Os indícios da prática das mais antigas modalidades esportivas encontram-se nos povos do oriente. No terceiro e sobretudo no segundo milênio antes de Cristo, a prática do esporte já era comum no Egito. Pinturas murais e altos-relevos mostram homens lutando entre si ou levando pesos, entre outros exercícios que só podem ser descritos como jogos. Vários desses jogos eram praticados com bolas, bastões de madeira e facas, em terra firme ou em barcos sobre o rio Nilo. Tanto as classes inferiores quanto a elite da sociedade egípcia apreciavam esses jogos, incluindo o próprio faraó, cujas proezas excepcionais eram frequentemente enaltecidas no uso do arco, na equitação ou na pilotagem de barcos. No entanto, todos estes e outros esportes semelhantes praticados no oriente não tinham nada essencialmente em comum com as disputas atléticas helênicas, exceto pela disposição natural de exercitar um corpo jovem e vigoroso. O único propósito de tais exibições era entreter o espectador comum que apreciava espetáculos – e não recorrer ao emprego de um ideal semelhante ao que foi expresso pelos jogos olímpicos helênicos que surgiram posteriormente. (CABRAL, 2004:77)

Como podemos perceber as competições faziam parte de uma prática comum muitos anos antes do período geométrico (entre 900 e 750 a.C.). Para este autor, há indícios de jogos no período minoico (entre 2700 e 1400 a.c.) entretanto, o objetivo das primeiras competições estava voltado para o entretenimento ou para questões religiosas, como poderemos ver a seguir.

Esses jogos atléticos e outros esportes assumiram várias formas em Creta. Seu propósito era divertir os espectadores nos festivais públicos. No estágio mais avançado da civilização minoica, atingido na primeira metade do segundo milênio antes de Cristo, surgiram também as exibições atléticas. O objetivo não era somente desenvolver corpos esplêndidos com cinturas estreitas, mas desempenhar vários exercícios complexos que pressupunham um longo período de prática e de aprimoramento da técnica. Como no caso de outras manifestações culturais, também no atletismo, Creta situa-se entre os povos orientais e o Egito, por um lado, e a Hélade micênica, por outro. Encontram-se em Creta as primeiras indicações do espírito atlético que iria se aperfeiçoar e atingir um alto grau nos séculos subsequentes. Os jogos que vieram do Egito e do Oriente desenvolveram-se ali em atuações mais sofisticadas, com regras

estabelecidas, que, além de constituírem uma exibição de proeza, estavam estreitamente relacionadas aos festivais e às cerimônias religiosas. (CABRAL, 2004:7-8)

O homem antigo tinha uma relação forte com a divindade, segundo Cabral. Somente tempos depois, já a partir do período arcaico, eles passariam por uma transformação gradual, adquirindo o caráter de competições atléticas. Entretanto, não perderiam seu vínculo com a religião, na medida em que os jogos eram celebrados em honra de uma divindade.

Contudo, os jogos foram encerrados em 393 d.C. por Teodósio, sob a acusação de propagar o paganismo. Teodósio era imperador romano, cristão ortodoxo e notório opositor de práticas que pudessem ser identificadas com o paganismo. Somente a partir do séc. XVIII o mundo voltaria a olhar as práticas esportivas (ainda que sob formas que hoje possamos considerar “arcaicas”), agora sob o novo contexto dos Estados-Nação.

Com efeito, é no alvorecer do século XX que os chamados esportes olímpicos voltarão a chamar a atenção, pois a superação humana seria identificada/associada com a superação de uma nação. O atleta, competindo com os demais, seria o grande representante de sua nacionalidade. Esperava-se que pelo esporte, a guerra parasse, as diferenças desaparecessem e a paz fosse combinada em um mundo sem preconceitos, em que pese a realidade da expansão colonialista europeia no período. A construção simbólica que os homens faziam (e ainda fazem) sobre os jogos olímpicos passava a ser reforçada através dos meios de comunicação, notadamente dos jornais, que assim divulgavam estes novos eventos esportivos, verdadeiros simulacros de combates entre nações.

Com o crescimento das cidades e da industrialização, a expansão e o incremento do esporte estavam diretamente ligados ao sistema de racionalização que caracterizava a sociedade moderna. O esporte absorveu muito dos elementos da sociedade capitalista industrial, tais como competitividade, rendimento, especialização dos papéis e nacionalismo.

Este último se identificou com as atividades esportivas e foi uma questão importante para a promoção destas no movimento olímpico. Bracht, citando Eichberg, afirmou que:

“... o surgimento do esporte moderno que está intimamente relacionado com o advento da moderna pedagogia, do nacionalismo, da problemática do lazer e do trabalho, sempre traz à tona dois outros conceitos centrais para o seu desenvolvimento: racionalização e orientação para o rendimento” (Eichberg, 1979, p89). Por sua vez, a orientação para o rendimento e o *record*, inscrevem-se na crença moderna do crescimento e progresso ilimitados. (BRACHT, 1997:102)

A sociedade, na virada do século XX, estava buscando formas de preencher as lacunas resultantes do processo de desenvolvimento acelerado e atender aos novos conceitos estabelecidos pelo processo de industrialização. O esporte aparece como canalizador destas necessidades.

O grande idealizador dos Jogos Olímpicos na era moderna foi, segundo Carraveta (1997:40) “Pierre de Coubertin, responsável pela restauração dos Jogos Olímpicos, pela sua internacionalização no contexto da era moderna e por sua estrutura filosófica do olimpismo”. Tavares (2002:267) o descreve como “um educador iluminista e liberal, convicto no poder transformador da educação e preocupado em reformar os seres humanos, as instituições e a sociedade em seu sentido mais amplo, através da educação.” Assim sendo, tomaria para si a tarefa de uma reforma pedagógica através do esporte. Coubertin levaria a termo seu projeto de Jogos Olímpicos Mundiais, estabelecendo, assim, a ideia de olimpismo: as festas gregas realizavam-se a cada quatro anos, eram tão importantes que geravam uma pacificação temporária conhecida como as “tréguas olímpicas”. Fazendo uma leitura própria dos jogos e propondo uma analogia para o período, Coubertin compreendia a ideia de espírito olímpico como algo acima das diferenças, onde os homens se irmanariam em prol de um objetivo comum: o desporto. A primeira olimpíada moderna foi realizada em Atenas em 1896, e a segunda em Paris no ano de 1900. Assim, iniciou-se a era moderna dos Jogos Olímpicos.

## A Universíade

O meio universitário, refletindo o local no qual está inserido, também instituiu seus Jogos Olímpicos nos moldes dos Jogos Olímpicos Mundiais, surgindo assim as Universíades- Jogos Mundiais Universitários. A denominação Universíade é utilizada para referir-se à Semana Internacional do Esporte Universitário.

Segundo a revista da *Fédération Internationale du Sport Universitaire (FISU)*<sup>3</sup> comemorativa de 50 anos da entidade, a história dos jogos começou com os primeiros encontros desportivos interuniversitários entre Estados Unidos, Inglaterra e Suíça. Progressivamente formaram-se associações desportivas universitárias, sendo a primeira a dos Estados Unidos em 1905.

Em 1923, sob o patrocínio da União Nacional de Estudantes Franceses, foram organizados em Paris os primeiros “Jogos Mundiais Universitários”. Tratava-se de uma competição semelhante aos Jogos Olímpicos oficiais, que tinha como principal característica a participação de atletas universitários. No ano seguinte criou-se a Confederação Internacional dos Estudantes (I.C.S.), que realizou diversos eventos esportivos de 1925 a 1939. A Confederação Internacional de Estudantes (CIE) teve como presidente da comissão desportiva um jovem engenheiro químico, o francês Jean Petitjean. Este é considerado o pai do movimento desportivo universitário mundial. A Segunda Guerra Mundial, contudo, interrompeu o movimento, que somente seria retomado em 1949.

Naquele ano, a Federação Internacional do Esporte Universitário (FISU) realizou a primeira Semana Internacional do Esporte Universitário, que ocorreu em Merano, na Itália. Mais tarde, em 1959, o evento dos universitários passou a se denominar “Universíade”, pelo fato de agrupar as diversas federações esportivas universitárias em um evento universal

---

<sup>3</sup> Documento pertencente ao acervo do CEME- ESEF/UFRGS

durante os Jogos de Turim, organizados pelos universitários italianos. Neste evento, que reuniu 43 países e 1.400 participantes, encontraram-se pela primeira vez estudantes ocidentais e orientais, estabeleceu-se a bandeira oficial do evento e instituiu-se o hino *Gaudeamus igitur* como hino oficial para ser usado nas cerimônias em substituição aos hinos de cada país. Também estabeleceram, no artigo 2º do regimento da entidade, a determinação de seguir os seus objetivos sem qualquer tipo de discriminação, seja de denominação política ou natureza racial. Ainda de acordo com a FISU:

A expansão do esporte universitário em todo o mundo criou a necessidade de encontros e competições mais recentes, para concluir o programa esportivo da FISU. A FISU lançou o Campeonato Mundial da Universidade no início dos anos 1960. Ao longo de 50 anos, mais de 300 campeonatos foram organizados, cobrindo uma grande variedade de eventos que quase sempre são diferentes dos esportes da Universidade. Com o objetivo de garantir a continuidade do programa da competição, esses campeonatos ocorrem durante anos pares e experimentam um sucesso crescente ano após ano. Eles permitem que um grande número de estudantes e líderes esportivos da universidade se reúnam em outras ocasiões além da Universiades. O Campeonato comemorou seu 50º aniversário em 2013 e em 2018, 33 eventos independentes do Campeonato Mundial da Universidade em vários países e continentes criaram um calendário cheio de competições de qualidade ([www.fisu.net](http://www.fisu.net), acesso em 18/07/2020).

A Universidade reúne os melhores atletas universitários de cada país e realiza-se anualmente até os dias atuais. Nos anos pares ocorrem os jogos de inverno e, nos anos ímpares os jogos de verão. A primeira Universidade realizada fora do circuito europeu foi no Brasil, em 1963, sendo, portanto, uma competição de verão.

## **A Universiade no Brasil**

Este trabalho se insere no que conhecemos como história imediata, ou História do Tempo Presente. Para que pudéssemos chegar às respostas

que buscávamos, se fez necessário o uso da história oral, obtendo assim importante suporte para compreender o evento, sua magnitude, suas dificuldades e facilidades para a realização em Porto Alegre. Também trabalhamos com a pesquisa em fontes escritas, especificamente jornais daquele período.

Segundo Alberti (2005:156)

A estratégia de ouvir atores ou testemunhas de determinados acontecimentos ou conjunturas para melhor compreendê-los não é novidade. Heródoto, Tucídides e Políbio, historiadores da antiguidade, já utilizaram esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época.

No princípio a história era feita por relatos, histórias repassadas de um para outro, coletadas e registradas como forma de relatar o que havia acontecido. Heródoto escreveu sobre as Guerras Médicas e, embora seus escritos não são muito exatos e confiáveis, nos fornece informações sobre cultura e religião que nos ajudaram a compreender um pouco melhor o mundo antigo.

Contudo, antes de mergulhar nas fontes escritas, procuramos entender o que foi o evento, qual sua repercussão na cidade e que pessoas foram envolvidas. Para tanto buscamos os organizadores que ainda estavam vivos, membros do comitê executivo e atletas que participaram do evento. Conversamos longamente com cada um deles e gravamos diversas entrevistas a respeito da Universiade de 1963. Para melhor compreensão é necessário explicar o que foi o acontecimento e seu contexto.

Em 1963, seis meses antes do golpe de 1964, Porto Alegre foi palco do maior evento olímpico universitário mundial – Universiade de 1963 –, reunindo uma grande quantidade de atletas, principalmente dos países socialistas. Os norte-americanos não compareceram alegando não ter condições financeiras para participar.

Entrevistei um dos organizadores da Universíade de 1963 em Porto Alegre, Sr. Darcy Votto de Araújo<sup>4</sup> Segundo ele, a ideia de trazer uma Universíade para o Brasil teria partido de dois homens em 1957. São eles, Rômulo Fanti e Adonis Escobar. Adonis Escobar era presidente da Federação Gaúcha de Esporte - FUGE, e pertencia ao PTB (partido Trabalhista Brasileiro). A Equipe de pessoas que tomou a frente deste evento era: Rômulo Fanti, Adonis Escobar, Henrique Halpern, Darcy Votto de Araújo, Plínio Baldanza, Silvio Kelly dos Santos, Fernando Marsilac, Edgar Sanches Laurent.

De 1957 até 1963 a FUGE ganhou força política junto a CBDU (Confederação Brasileira do Esporte Universitário). Em 1963 Henrique Halpern (“Ferrugem”) foi eleito presidente da instituição e, desde o início, batalhou, junto com os demais, para trazer a Universíade para Porto Alegre. Outro fator importante neste período foi o apoio de Antenor Horta, Presidente da CBDU de 1958 até 1961.

Em 1961 a Assembleia geral sobre a Universíade se realizou em Sófia, na Bulgária, e, neste ano, os gaúchos citados acima convencem Antenor Horta para que solicitasse ao presidente do Brasil a candidatura do país a sediar uma Universíade. O Presidente Jânio Quadros, a partir desta solicitação, enviou como embaixador o Sr. Roberto Assumpção a Sófia a fim de materializar a candidatura do Brasil aos próximos jogos.<sup>5</sup> Este acompanhou a delegação Brasileira, juntamente com o Deputado Tarciso Maia, que viajou na qualidade de parlamentar observador.

Segundo o relato do Sr. Votto, durante o processo de escolha do país-sede para a Universíade de 1963, chegou a notícia de que Janio Quadros havia renunciado e surgiram rumores de que o Brasil não poderia mais concorrer, pois não tinha presidente e não teria condições de sediar os

---

<sup>4</sup> Esta entrevista pertence ao acervo do CEME – ESEF/UFRGS em VHS.

<sup>5</sup> Conforme a certidão lavrada pelo Ministério das Relações Exteriores em 19 de fevereiro de 1962 onde constam transcritos os documentos referentes a esta ação (Memorando GP/MRE-267 de 2 de agosto de 1961, assinado por Jânio Quadros, solicitando designação de diplomata para acompanhar a delegação brasileira a Sófia e telegrama de 14 de agosto de 1961 (G/DCI/640.631(00)) Jogos Olímpicos Universitários em Sófia em resposta ao Memorando GP/MRE-267, assinado por Afonso Arinos ).- Arquivo da Universíade-63 do Centro de Memória do Esporte - CEME/UFRGS

próximos jogos. Este episódio foi relatado por Votto, por Cleomar Pereira Lima e por Augusto Godoy Bezerra. E, de acordo com estes senhores, o representante da CBDU defendeu a permanência do Brasil como concorrente a Universíade de 1963 usando o seguinte argumento: “– O Presidente pode ter renunciado ao governo brasileiro e o Brasil já deve ter um governante que o substitua. Entretanto o Brasil não renuncia a sediar a Universíade”. Esta frase foi repetida por todos os entrevistados.

Após a escolha do Brasil, teve início uma corrida interna para definir que estado brasileiro seria a sede da U-63. A FISU, além de decidir o país, deveria escolher a cidade onde seriam os jogos.

A entidade encaminhou ao Brasil delegados para vistoriarem os estados candidatos e escolherem a melhor opção. O Rio Grande do Sul enfrentou dois grandes concorrentes: Minas Gerais e São Paulo. Minas Gerais gostaria de sediar a Universíade porque estava construindo o estádio de futebol “Mineirão” que somente foi concluído quatro anos após. São Paulo gostaria de se candidatar, entretanto, já estava comprometido com os Jogos Pan-Americanos em abril de 1963 e não conseguiria atender um evento de tal magnitude em tão curto prazo, apesar de estar completamente equipado. Em visita a Minas, os representantes da FISU perceberam o atraso das obras e concluíram que as entidades esportivas não tinham a mesma atuação que a FUGE do Rio Grande do Sul. Porto Alegre abrangia os conceitos esperados pela FISU para o evento tais como receptividade calorosa, envolvimento do povo, confraternização, etc.

Porto Alegre foi a cidade escolhida devido às suas condições. A CBDU informou à FUGE, apenas três dias antes da Assembleia Geral da FISU, que deveria fazer um levantamento do seu parque esportivo. Henrique Halper, com a colaboração do SETUR (secretaria de Turismo) COMTUR (Conselho Municipal de Turismo) e departamento Aeroviário, remeteram à CBDU um levantamento completo do Parque esportivo de Porto Alegre que foi levado à assembleia da FISU em 31 de janeiro de 1962, em Turim, pelos delegados Plínio Baldanza e Luis Antônio de Souza Basílio. O estado do Rio Grande do Sul foi aprovado tendo como cidade-sede a capital.

Em maio deste mesmo ano, no Clube do Comércio, com a presença do presidente da FISU Primo Nebiolo, Porto Alegre foi instalada como sede da Universidade. Nesta ocasião, a CBDU nomeou como Presidente do Comitê Organizador o Sr. José Antônio Aranha, que era Coordenador do Gabinete de Administração e Planejamento do Governo do Estado e Secretário da Fazenda. Esta decisão garantia aos organizadores total apoio do governo que assim estaria comprometido com o evento.

A FISU exigiu a construção de um ginásio de esportes para a realização do evento. Além disto, demandava que alguns clubes fossem equipados com o material necessário para as devidas práticas esportivas. Por fim, também exigia garantias e estrutura para a hospedagem dos atletas.

Em 1963 o Brasil atravessou um momento histórico delicado: Jango havia vencido o plebiscito que determinava que o Brasil seria novamente um país presidencialista, frustrando as intenções dos militares. A população brasileira estava enfrentando séria crise econômica agravada pela inflação alta. Conforme Skidmore, (1976:325) “embora fatores ‘estruturais’ estivessem contribuindo para a elevação dos preços, somente um firme controle do meio circulante poderia deter a subida alarmante do índice de inflação.” Neste ano, Jango tentava solucionar o problema financeiro apresentando o Plano Trienal, que teria por objetivo favorecer o crescimento econômico, implementar reformas sociais e combater a inflação. Para o sucesso do plano, os setores que dispunham de poder e voz na sociedade deveriam apoiá-lo. Entretanto, tal apoio faltou e a sociedade mergulhou numa situação de fortes dificuldades financeiras e políticas.

Apesar dos problemas políticos do Brasil, os organizadores não tinham tempo a perder e já em 1962 entraram em uma luta titânica contra o tempo. Partiram assim em busca da liberação do maior número de verbas possíveis e, para isso, utilizaram todo o seu potencial de luta. Contavam com o apoio da CBDU e de membros do PTB.

Escobar pertencia ao PTB e conseguiu contato com Brizola que era governador do Estado. Este solicitou o apoio do correligionário Floriceno Paixão<sup>6</sup> para que os organizadores pudessem conversar com o Presidente, objetivando maior apoio às suas entidades e ao evento. O Deputado foi de grande ajuda, colocando os organizadores em contato com o Presidente e intercedendo em favor deles, afinal, o evento poderia trazer benefícios políticos muito positivos ao PTB. Apenas para se ter uma ideia, durante o período do curto governo de Jango, os esportes e atividades do porte da U-63 foram muito estimulados. Neste período, além da Universiade, o Ministério da Educação apoiou, entre outras atividades, os jogos Pan-Americanos e o Campeonato Mundial de Basquete.

Segundo os entrevistados, o Deputado Federal Floriceno Paixão foi fundamental para o Rio Grande do Sul. Indicou as pessoas certas, aproximou, conjuntamente com seu colega, Deputado Rui Ramos, os membros da CBDU ao Presidente João Goulart, e lutou em defesa do Rio Grande do Sul para sediar a Universiade. O resultado deste trabalho pôde ser visto em 28 de março de 1962, quando o jornal A Gazeta Mercantil publicou: “Leonel Brizola propõe uma verba de 50 milhões dentro do orçamento do estado destinada a Universiade”.

Em 1963, Henrique Halpern foi eleito presidente da FUGE. Contudo, neste momento, Leonel Brizola não era mais o governador do estado e isso poderia ser um problema adicional justamente no ano da realização do evento. Entretanto, no governo de Ildo Menegheti (PSD), quem tinha boa circulação no meio político era o sr. Darcy Votto, pois era assessor do sr. José Antônio Aranha, diretor do Gabinete de Administração e Planejamento (GAPA) do governo do Estado do Rio Grande do Sul. Isto facilitava a obtenção de muitos benefícios a favor da U-63, dando continuidade ao processo de viabilizá-la. Além disto, Ildo Menegheti havia se comprometido a apoiar a U-63 quando era candidato.

---

<sup>6</sup> Floriceno Paixão faleceu em Fevereiro de 2011, era um dos autores da Lei do 13º salário sancionada por João Goulart. Também foi autor da lei que criou a Loteria Esportiva com o objetivo de incentivar o esporte amador.

Em maio de 62 foi instalado o Comitê Executivo dos Jogos Olímpicos Universitários Mundiais de 1963. A solenidade oficial aconteceu com a presença do sr. Primo Nebiolo, presidente da FISU. Como os organizadores eram os homens envolvidos na busca da Universíade para o Brasil, era natural que fossem eles os membros do comitê executivo. Cada pessoa escolhida tinha também alguma área de influência importante para o evento.

### **Atendendo às exigências da FISU: obras, equipamentos e outros detalhes**

As exigências da FISU em relação a Universíade foram imensas, mas uma a uma foram sendo vencidas. A Universíade foi um evento de grande porte e, de acordo com o relato de diversos participantes, muita coisa inusitada e improvisada aconteceu. Boa parte dessas informações pôde ser comprovada pelos jornais, revistas ou documentos. Outras ficaram apenas nos depoimentos, sem a possibilidade, até o momento, de conseguirmos confirmar. Com certeza, tais depoimentos são testemunho de quem vivenciou o momento histórico, entretanto, a História oral nos ensina que eventualmente a memória pode nos pregar peças ou lapsos que podem levar à informações deslocadas no tempo ou serem preenchidas com informações atuais, criando uma falsa memória. Isto não significa que a testemunha esteja criando ou inventando deliberadamente, posto que este é um ato inconsciente.<sup>7</sup>

Para a Universíade vieram representantes de 33 países, contudo, a delegação norte-americana não compareceu e justificou a falta de verbas.

O ginásio de esportes exigido para as competições foi construído em um tempo recorde para a época. O Governador do Estado cedeu um terreno que pertencia ao Corpo de Bombeiros e, em 92 dias, o ginásio

---

<sup>7</sup> Ao fazer as entrevistas sobre a Universíade, todos os entrevistados tinham na memória que a pessoa ligada a CBDU tinha o sobrenome Horta. Sem querer, inconscientemente, todos completaram o nome deste dirigente como sendo Francisco Horta. Ao pesquisar nos jornais o nome que sobressaiu foi Antenor Horta. Este é um exemplo de como funciona a memória.

estava pronto, sendo inaugurado em 29 de agosto de 1963 pelo Governador Ildo Menegheti. Após o evento o ginásio passou oficialmente para as mãos da Brigada Militar. Seriadamente danificado por um temporal em outubro de 2017, sua estrutura seria totalmente demolida em agosto de 2019.

Quanto aos equipamentos necessários, parte foi adquirida fora do Brasil, pois os clubes não dispunham de equipamentos para evento de tão alto nível. Alguns itens, contudo, foram cedidos à Universíade pelo estado de São Paulo.

O material de esgrima foi adquirido na França<sup>8</sup>.

A prancha de alumínio que serviria para os saltos ornamentais, e que está até hoje no Grêmio Náutico União, foi importada dos Estados Unidos.

O diretor do setor de Ginástica Olímpica da Universíade, Sr. Nelson Saul, em entrevista ao Centro de Memória do Esporte (CEME-ESEF/UFRGS), afirmou que, como diretor, era responsável por montar desde o local onde se realizavam os jogos e as competições até a formação das equipes de jurados e a recepção das equipes. Segundo ele, a FISU exigiu a construção de um solo elástico que contribuiria na impulsão do atleta. Isso foi feito no Grêmio Náutico União e, para fazer o tablado, receberam um empréstimo de feltro das Lojas Renner. Também doada foi a lona, vinda de uma empresa de transporte a qual ele não lembrava o nome.

A aparelhagem para a Ginástica foi doada pelo Japão, pela *Japanese Universities Sport Board* à Federação Gaúcha de Esporte e chegou com um mês de antecedência, mas infelizmente a burocracia atrapalhou tudo e eles não conseguiram retirar os equipamentos da alfândega (FOLHA ESPORTIVA, 16 de julho de 1963). Neste caso, tiveram que improvisar com o equipamento que dispunham. A Sogipa emprestou uma Barra suíça e o resto foi feito com o que havia de melhor, mas daqui mesmo.

O alojamento dos atletas foi providenciado numa negociação com o diretor de patrimônio da Caixa Econômica Estadual, banco estatal já

---

<sup>8</sup> Folha esportiva, 17 de julho de 1963 – confirmando o informado.

inexistente. Segundo Votto e Cleomar P. Lima, quem intermediou esta negociação foi o sr. José Alexandre Zachia. Nesta negociação foi solicitado ao diretor da Caixa que prorrogasse a entrega dos imóveis aos seus proprietários para que pudessem servir de alojamento aos atletas da Universiade. O sr. Zachia, que então era Deputado Estadual, passou a intermediar a negociação com os proprietários dos imóveis (FOLHA ESPORTIVA, 7 de agosto de 1963:15). Os proprietários dos imóveis concordaram em cedê-los, desde que todas as benfeitorias que fossem feitas em função da Universiade ficassem para os proprietários. A condição foi aceita e a Universiade teve a sua Vila Olímpica. Cada bloco de apartamentos recebeu o nome de um continente. Estes apartamentos existem até hoje com a mesma configuração dada durante a Universiade: trata-se de um conjunto habitacional no bairro Intercap, em Porto Alegre.

A Vila Olímpica ficou dividida entre ala feminina e masculina e possuía um centro social e comercial onde os atletas podiam confraternizar e assistir cinema.

Segundo Votto, as camas para os atletas foram cedidas por São Paulo<sup>9</sup>, entretanto, a entrega atrasou e só foram entregues pouco antes da abertura do evento. Assim, os atletas estavam chegando e o pessoal da organização estava, ainda, colocando as camas nos apartamentos.

Todas as delegações ficaram hospedadas na Vila Olímpica, com exceção da brasileira. Segundo o Sr. Votto afirmou em seu depoimento, não havia mais lugar para colocar ninguém. Neste caso, deslocaram a delegação brasileira por serem “pessoas de casa”, ou seja, brasileiros e colocaram-nos no recém-inaugurado Hotel Pampa, na rua Demétrio Ribeiro, no centro da capital.

A divulgação dos jogos para o mundo foi feita por teletipo<sup>10</sup> pela sucursal da *France Press* em Porto Alegre para Nova York. O local onde

---

<sup>9</sup> Esta informação é comprovada por publicação em jornais da época que se referem a colaboração do estado de São Paulo. Ex: Folha Esportiva, 17 de julho de 1963.

<sup>10</sup> Um **teletipo** é uma máquina de escrever eletromecânica para transmissão de dados. É um aparelho telegráfico que envia diretamente um texto, por meio de um teclado datilográfico, registrando a mensagem no posto receptor sob a forma de caracteres de impressão.

funcionou o comitê de Imprensa era o Pavilhão de Exposições do SETUR – o prédio até hoje lembrado pelos mais antigos como “Mata Borrão”<sup>11</sup> – que ficava na Esquina da Avenida Borges de Medeiros com a Avenida Coronel Andrade Neves.

Finalmente, foi programado e realizado um baile na reitoria da UFRGS, chamado “Baile das Nações” (FOLHA ESPORTIVA, 21 de Agosto de 1963:8) Eram cinco conjuntos de música se revezando nos cinco salões da reitoria. Este baile serviu para coroar de êxito o evento, com a presença de autoridades, dos representantes das delegações e dos atletas. A decoração dos salões foi de motivos brasileiros e gaúchos.

### **Considerações finais**

Cabe ressaltar que a Universiade em 1963 “revolucionou” a pequena cidade de Porto Alegre por se tratar de uma prévia das olimpíadas. Praticamente todo atleta olímpico participava da Universiade e, desta forma, era possível balizar recordes, tempo e técnicas empregadas. Foram 1500 atletas de 33 países e isto provocou uma mobilização muito grande em torno do evento. A população se envolveu e participou ativamente, lotando estádios e abrindo suas casas para hospedar visitantes ou sendo voluntários para trabalhar na organização. As escolas não tiveram aulas para que todos pudessem assistir, os quartéis liberaram seus soldados durante meio turno para que pudessem participar e, como já seria de esperar, os jornais diariamente noticiavam o evento.

Apesar de Porto Alegre ser uma cidade com poucos recursos à época para um evento desta magnitude, a Universiade-63 aconteceu graças a colaboração de clubes, políticos e, principalmente do envolvimento da população.

---

<sup>11</sup> É um instrumento usado para absorver o excesso de tinta de um texto escrito com pena ou caneta tinteiro, é de madeira entalhada e papelão, origem desconhecida, o local ficou conhecido por este nome por lembrar o modelo “bercinho”, só que duplo, um sobre o outro.

## Referências

- ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*, In: PINSKY, Carla Bassanezi (org). **Fontes Históricas**, São Paulo: Contexto, 2005.
- ARBEX JUNIOR, José. **Showrnalismo a notícia como espetáculo** - São Paulo: Casa Amarela, 2a ed., 2002
- BAHIA, Juarez. **Jornal História e Técnica**. São Paulo: Livraria Martins Editôra, 1967
- BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz. **O governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil, 1961-1964**. 7a ed. Revista e ampliada. Rio de Janeiro: Revan; Brasília, DF: Ed. UNB, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão, seguido de: A influência do jornalismo e os Jogos Olímpicos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- BRACHT, Valter. **Sociologia Crítica do Esporte: uma introdução**. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.
- CABRAL, L.A.M. **Os jogos olímpicos na Grécia Antiga**. São Paulo: Odysseus, 2004
- CARRAVETTA, Elio Salvador. **O Esporte Olímpico: Um novo paradigma e suas relações sociais e pedagógicas**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 1997.
- CEME- ESEF/UFRGS
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 10. ed. - São Paulo: Edusp, 2002,
- FOLHA ESPORTIVA**, 16 de julho de 1963
- FOLHA ESPORTIVA**, 16, julho de 1963
- FOLHA ESPORTIVA**, 17 de julho de 1963
- FOLHA ESPORTIVA**, 2 de julho de 1963 p. 9 e 3 de julho de 1963 página central
- FOLHA ESPORTIVA**, 21 de agosto de 1963, p 8

**FOLHA ESPORTIVA**, 7 de agosto de 1963, p 15

[https://www.fisu.net/about-fisu/fisu\\_history](https://www.fisu.net/about-fisu/fisu_history) acesso em 18/07/2020

TAVARES, Otávio. *Coubertin e a Escola dos Annales: algumas aproximações* In: **Anais e resumos do Congresso Brasileiro de História da Educação Física, Esporte, Lazer e Dança**. Porto Alegre: UFRGS/Escola de Educação Física, 2000.

## **Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926)**

*Jônatas Marques Caratti*<sup>1</sup>

### **Introdução**

Este texto é parte do último capítulo de minha tese de doutorado (UFRGS/2017), intitulada *Dentro e Fora dos Ringues: o processo de constituição do boxe moderno e sua difusão e recepção na América Latina (Séculos XVIII-XX)*. Contudo, o projeto inicial era estudar a chegada e recepção do pugilismo em Porto Alegre/RS, nas primeiras décadas do século XX. Mas porque, então, nosso objeto central tornou-se apenas o último capítulo da tese? Após realizar um extenso e demorado balanço bibliográfico (o pugilismo ainda é um assunto que carece de estudo, principalmente no Brasil) percebemos a impossibilidade de entender o micro-cosmos “boxe em Porto Alegre” sem compreender seu processo histórico mais amplo: falo aqui, principalmente, de Inglaterra e Estados Unidos.

Obviamente, essa é uma problemática que abrange qualquer tema de investigação. No entanto, para o caso específico da história do boxe isso foi duplamente percebido. A nobre-arte se desenvolveu na América Latina – e no Brasil – de maneira itinerante. Quando pugilistas europeus e norte-

---

<sup>1</sup> Doutor em História pela UFRGS (2017).

americanos desembarcaram em terras latino-americanas, sua prática foi ressignificada: tornou-se um espetáculo, comercializado em cinemas, circos e teatros. Especificamente para esse texto, iremos nos dedicar em apresentar as experiências do boxe em Porto Alegre/RS, mas sempre em diálogo com o que pesquisamos em países que praticavam o pugilismo muito antes que o Brasil. Nesse momento apresentaremos um balanço bibliográfico que nos permite entender o que sabemos sobre o boxe e quais lacunas precisam ser atendidas.

### **Breve balanço bibliográfico sobre a história do boxe**

Desde que iniciamos a investigar a história do boxe, em 2011, buscamos por livros, artigos, monografias, dissertações e teses que tivessem o pugilismo como mote. Foi um trabalho árduo e difícil, principalmente se compararmos com nosso tema do mestrado, “escravidão negra”, assunto clássico com vasta produção historiográfica. É preciso dizer que não existem trabalhos de referência sobre o pugilismo no Brasil. Por este motivo, fomos condicionados a buscar qualquer informação que nos fosse útil. Ou seja, qualquer texto que mencionasse algo sobre a história do boxe foi lido e analisado, inclusive àqueles produzidos por historiadores não profissionais. Ultrapassamos o campo de História e visitamos outras áreas de conhecimento: Antropologia, Sociologia, Educação Física, Cinema, Literatura, Jornalismo, etc.

Isso foi necessário porque não existe, até o momento, um balanço bibliográfico sobre o boxe no Brasil. O pugilismo é um tema marginalizado tanto na sociedade como na academia/ciência. Assim, de todo material coletado chegamos ao número de cento e trinta e sete referências sobre o boxe tanto na literatura nacional como estrangeira. Obviamente, existem trabalhos que não tivemos acesso, porém, nosso objetivo não foi fazer um mapeamento exaustivo e conclusivo. Nossa amostra nos serviu para apontar alguns caminhos que esta temática vem tomando nas últimas décadas. Dos cento e trinta e sete textos localizados, separamos sessenta e

um (estrangeiros) e setenta e seis (nacionais). Esses trabalhos pertencem a categorias variadas, mas dividimos principalmente entre acadêmica e não acadêmica.

Dos textos internacionais, dois países se destacaram: Inglaterra e Estados Unidos. Ingleses e estadunidenses foram os que mais avançaram na investigação da história do boxe. Seus trabalhos começaram na década de 1970, obtendo uma longa tradição de estudos sobre o jogo do soco. Na Inglaterra, Robert Malcomson (1971 e 1984) e Dennis Brailford (1985) foram os precursores. Brailford foi o primeiro a investigar o boxe como objeto de pesquisa, sendo seu interesse o período regencial, ou também conhecido como a era de ouro do pugilismo, devido os investimentos da nobreza na propagação do boxe. A partir de Malcomson e Brailford, outros nomes surgiram: Kenneth Sheard (1997), John Welshman (1997), Jack Anderson (2001), Kasia Boddy (2008), Kath Woodward (2011), Ruti Ungar (2011), Gerald Geems (2014) e Graeme Kent (2015).<sup>2</sup>

Nos Estados Unidos, o país que tornou o boxe popular em todo mundo, também localizamos uma vasta produção. Sem dúvida o trabalho mais importante foi de Elliot Gorn (1986). Gorn deu atenção às lutas clandestinas do século XVIII, chamadas de *rough-and-tumble* e *Eye-Gouging*. Seu trabalho desenvolveu o conceito “cultura de lutas”, defendendo que o boxe não pode ser visto como uma prática fechada e regrada, mas que os próprios lutadores re-significavam as regras com o passar do tempo. Sua pesquisa também demonstrou que o boxe inglês encontrou outras práticas na colônia e dessa tensão outras formas de se lutar boxe surgiram. Após Elliott Gorn, vieram outros trabalhos: Gregory Ross (2002), Loic Wacquant (2002), Lindy Lindell (2001), Paul Staudohar (2013), T. J. Desch Obbi (2011), Cathy Van Ingen (2016), dentre outros.

Se a história do boxe foi investigada a fundo na Inglaterra e nos Estados Unidos, não podemos dizer o mesmo em relação ao Brasil. Apesar de termos os primeiros livros de pugilismo editados na década de 1920, o

---

<sup>2</sup> É importante mencionar que a bibliografia nacional sobre o boxe incorporou as referências internacionais. Isso explica o fato do tema em questão não ter avançado nas últimas décadas.

assunto não se desenvolveu ao longo daquele século. Apesar de termos dezenas de títulos sobre a história do boxe no Brasil, grande parte não avançou para novas questões. São páginas e páginas que se repetem, “contando” as mesmas coisas, no formato “memorialístico”, sem rigor metodológico ou análise de fontes primárias. Em outras palavras, a produção esteve mais focada em biografias de lutadores e histórias de clubes, não partindo de problemas de pesquisa, como requer a ciência histórica.

Consideramos que existem três momentos da historiografia do boxe no Brasil. Primeiramente, os livros que foram publicados nas décadas de 1920 e 1930. Nesse período surgiram as primeiras comissões e federações de boxe. O combate entre o argentino Luís Firpo e o norte-americano Jack Demsey, em 1923, gerou interesse nos brasileiros. Um ano após este combate histórico (a primeira vez que um latino-americano disputou o cinturão de pesos pesados), foi publicado o livro “Pugilismo”, por Taciano de Oliveira e Dirceu de Miranda Rosa. Até onde sabemos, esta foi a primeira obra sobre o boxe no Brasil. Em seguida, em 1929, temos o segundo livro, “O boxe sem mestre e cultura física para todos”, escrito por A. Rodrigues Alves e R. A. Coutinho. O primeiro era sobrinho do ex-Presidente da República, Rodrigues Alves, e teve uma importância nos primórdios do boxe.

O terceiro livro é de Tenório Albuquerque, intitulado “Pugilismo: boxe, jiu-jitsu, cacth-as-catch-can”. A obra é de 1939 e Albuquerque foi presidente da primeira federação de boxe no Brasil. Bem, mas o que esses três livros têm em comum? Foram escritos por entusiastas da nobre arte, indivíduos envolvidos com a organização do pugilismo e por isso seu valor está em fornecer dados sobre a gênese do boxe em nosso país. A Federação Brasileira de Boxe foi criada em 1935, período de ampla propagação do pugilismo. Nestes livros a tensão entre as modalidades profissional e amadora aparece amplamente. Pensamos que a editoração desses livros tenha ocorrido no contexto do crescimento do interesse pela nobre-arte.

O segundo momento ocorre entre as décadas de 1960 e 1980, época que dois lutadores alcançaram grandes resultados: Eder Jofre, tri-campeão mundial de boxe e Adilson Maguila, campeão brasileiro, sul-americano e mundial de boxe. Nesse período renasceu o interesse pelo pugilismo, sendo grande a produção de livros sobre a temática. Damos destaque às obras de Henrique Matteuci (1957, 1979, 1988) que ao retratar a trajetória do “galo de Ouro”, Eder Jofre, contribuíram tanto na divulgação do esporte como na popularização do lutador em tela. Obviamente, não podemos comparar Eder Jofre com Adilson Maguila, pois o primeiro teve mais conquistas (tri-campeão mundial), mas ambos ajudaram a fortalecer e popularizar o boxe, sendo este um esporte marginalizado e que encontrou muitas dificuldades para se desenvolver.

Nesse segundo momento já observamos a participação de jornalistas na escrita de livros sobre a história do boxe. Porém, o lugar de fala dos autores não se altera: se mantém aqueles indivíduos que viviam do boxe, chamados também de entusiastas, que podiam ser ex-lutadores, treinadores ou apenas amantes da nobre arte. É importante mencionar que nessa época não havia pesquisa científica sobre o boxe no Brasil. Embora existissem alguns textos sobre história do futebol, o próprio campo esportivo ainda era inexistente. Talvez o que podemos diferenciar entre esses dois momentos é que nas décadas de 1920 e 1930 a história do boxe se misturou com seu próprio surgimento, tendo um caráter memorialístico. Já nas décadas de 1960 a 1980 vemos um distanciamento das primeiras obras, sendo escolhida a abordagem narrativa e biográfica.

Por fim, o terceiro momento teve seu início nos anos 2000 até presente. Os trabalhos que mais se destacaram foram de Victor Melo (2006, 2008 e 2011), Marilita Rodrigues (2006), Riqueldi Lise (2014) e Luigi Zanetti (2014). Contudo, nenhum dos autores abordou objetivamente o tema do boxe. Embora nas últimas duas décadas os trabalhos sobre o pugilismo tenham aumentado, pouco tem se pesquisado a respeito do pugilismo. Poucas vezes o boxe foi, de fato, objeto central de investigação. E isso é um grande problema: como avançar as pesquisas

sobre o boxe, se não estabelecemos perguntas norteadoras, que nos dêem novas respostas?

Para além do grande número de obras (mesmo sem a qualidade histórica esperada), foi recorrente encontrarmos que o boxe surgiu na antiguidade, a partir das experiências do pugilato antigo. Este argumento de ancestralidade comum entre o boxe e as lutas antigas foi defendido por Latorre Faria (1960), Juvenal Queiroz (1988), Henrique Nicolini (2001), José Flores Júnior (2001), Feitosa, Leite e Lima (2006) e Vieira e Freitas (2007). Muitos trabalhos acadêmicos também defenderam essa posição. Porém, para Norbert Elias e Eric Dunning (1992), não há relação alguma entre estas duas práticas.

O pugilato possuía caráter militar, ritualístico e religioso. Era comum que a vitória de um lutador só ocorresse após a morte do outro. O senso de violência era muito alto. Para Elias & Dunning, o “boxe talvez não seja o termo apropriado para a prática corporal praticada na Grécia Antiga, pois tanto o modo de lutar quanto a finalidade e a estética distintiva dessa classe de luta era diferente das do boxe moderno” (ELIAS & DUNNING, 1992:169). Assim, cremos que não houve ressurgimento do boxe no período moderno como alguns autores defendem. A modernidade, o crescimento e a transformação das urbes, além do processo de esportivização, tornaram o boxe fruto de um novo tempo, com regras específicas, moldadas por uma sociedade burguesa. Por isso, segundo Elias & Dunning, o boxe teria surgido, assim como outros esportes, num contexto de processo de civilização.

Outra questão percebida foi a concepção de história utilizada por quem se debruçou sobre o boxe: uma história passiva, linear e factual. Muitos livros ao tratarem do pugilismo o perceberam como uma longa linha histórica, sem tensões ou conflitos. Como se as datas fossem colocadas lado a lado, como um grande dominó humano. Por isso, há muito que se pesquisar e escrever sobre o boxe, já que a maior parte das informações sobre o pugilismo brasileiro foi adquirida por meio de

memórias (e as memórias, como documento histórico, devem ser analisadas).

Também nos chamou a atenção o fato de que muitos trabalhos - principalmente nacionais - escolheram tratar a história recente do boxe. São os casos de Micali Júnior (2014, 2015 e 2016), que investigou academias de boxe em Londrina/PR na década de 1970; de Silva & Freitas (2014), que analisaram o ressurgimento do boxe em Rio Grande/RS na década de 1980; de Freitas & Dehó (2014), que elegeram Eduardo Suplicy, Eder Jofre, Henrique Matteucci e Ralf Zumbano, como pugilistas mais antigos para seu trabalho, contudo, o período histórico de suas trajetórias foi da década de 1950. Além das dissertações de Cristina Faria (2005), que investigou o projeto social de boxe na Maré/RJ e de Flávio Mariante Neto (2010), que analisou os sentidos do pugilismo praticado nas academias e escolas de boxe em Porto Alegre nos dias atuais. Nem é preciso falar que as biografias também acompanham esta escolha pelo período recente: Eder Jofre (décadas de 1950 a 1970), Adilson Maguila (décadas de 1980 e 1990) e Acelino Popó (décadas de 1990 a 2000).

### **Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926)**

O conflito entre o amadorismo e profissionalismo nasceu bem antes das Regras do Marquês de Queensberry, em 1865, ou da própria Associação Britânica de Boxe Amador, de 1880 (BODDY, 2008:95). Na Inglaterra do século XVIII, essas tensões já existiam. A *prize-fighting* era um tipo de luta e o *sparring match* era outro. Este era semelhante a um exercício de autodefesa, com a possibilidade de usar luvas. As primeiras, com as mãos nuas, tinham como protagonistas homens simples, trabalhadores braçais, que recebiam investimentos de aristocratas que gostavam de apostas. Portanto, uma cultura de quase dois séculos de lutas premiadas não acabaria, assim, tão brevemente. O último lutador de mãos nuas, John Sullivan, viveu até 1918. E nos Estados Unidos somente a partir

de 1890 as novas regras passariam a valer. Em outras palavras, quando o boxe chegou ao Brasil, o processo em tornar o pugilismo um esporte ainda era muito recente.

Argumentamos que os problemas entre as vertentes profissional e amadora chegaram também à América Latina e que cada país, estado ou cidade teve que fazer sua escolha. Obviamente, isso não foi resolvido tão facilmente. Porém, podemos refletir o motivo pelo qual a Argentina conquistou sua primeira medalha olímpica em 1924 e o porquê do Brasil tê-la conseguido somente em 1968. No caso do Rio de Janeiro, por exemplo, o profissionalismo resistiu até mesmo quando faleceu um lutador. Em São Paulo, só a notícia de tal acontecimento fez com que a capital proibisse o boxe ao longo de 1913. Em Cuba o boxe foi proibido em Havana, mas não no interior. O mesmo ocorreu em Buenos Aires. Isso mostra que leis nacionais de restrição foram exceção. Os paulistas desautorizaram o pugilismo duas vezes. Os cariocas e os gaúchos, não. Por quê?

Nesse momento, queremos analisar as experiências pugilísticas em Porto Alegre, levando em conta as experiências do boxe na Inglaterra e nos Estados Unidos. A forma como o profissionalismo se manifestou na capital foi por meio de desafios, principalmente entre boxeadores estrangeiros. Enquanto o pugilismo se manteve em apresentações em teatros da cidade, ele se caracterizou como boxe profissional, ou como temos chamado, de boxe espetáculo. A partir de iniciativas como a da Associação Cristã de Moços, o amadorismo foi ganhando espaço. As duas modalidades de certa forma concorreram e se constituíram ao mesmo tempo. Somadas a estas, os acertos de contas e conflitos do cotidiano foram se reelaborando a partir do novo contexto que se formava. Nosso objetivo é compreender este longo e conflituoso período.

A primeira experiência que os porto-alegrenses tiveram com o boxe ocorreu em 1909, quando “o professor Vitor Field [apresentou] o interessante boxe inglês, tão apreciado na África Inglesa” (AJPCP, CORREIO DO POVO, 1º de maio de 1909). O fato curioso ocorreu no Teatro

Coliseu, um espaço que foi se construindo, ao longo dos anos 1910, como referência para atletas de luta romana e de boxe. Tanto no Rio de Janeiro como em São Paulo, a luta romana já recebia destaque desde o início do século. Nos registros da imprensa encontramos mais notícias de luta romana do que de boxe, principalmente entre 1909 e 1910. O interessante é que muitos atletas de luta romana também praticavam o boxe. Assim, é necessário compreender as lutas numa perspectiva mais ampla, a partir do conceito de intermodalidades, proposto por Riqueldi Lise (2014), até porque inicialmente tudo era novidade e os combatentes eram tecnicamente precários. Isso fica evidente no seguinte documento:

ELDORADO - Nesse elegante teatro, tivemos dois espetáculos concorridos em as noites de sábado e domingo. Os principais artistas e principalmente os Guillot receram muitos aplausos. O clou do programa era a luta romana, entre Mario Ansonia, um dos dois festejados atletas que tem exibido no Eldorado, e o amador Ricciardi, empregado em uma fábrica de cerveja desta capital. No sábado, o torneio ficou indeciso e ante-ontem, Mário venceu Ricciardi, após quatro minutos de combate. O resultado era de se prever, pois Ricciardi embora musculoso e forte, nada conhece da luta romana, senão no gênero, o que há de mais amador. (AJPCP, CORREIO DO POVO, 26 de janeiro de 1909).

José Ricciardi foi um daqueles atletas de luta romana que posteriormente preferiu calçar as luvas de boxe. Com ocupação braçal, “empregado em uma fábrica de cerveja”, Ricciardi poderia ser “musculoso e forte”, mas isso não significava que conhecia os meandros do combate, nem lhe garantia a vitória. Em outro registro, ficamos sabendo que a “bolsa” era de 500\$ (AJPCP, CORREIO DO POVO, 22 de janeiro de 1909.). Esta foi só uma de muitas lutas romanas que ocorreram em teatros como Coliseu e Eldorado. Contudo, somente em abril de 1911, um atleta se autodenominou “cultor de luta romana, boxe e força atlética” (AJPCP, CORREIO DO POVO, 09 de julho de 1911.). Cremos que após a luta entre Jack Johnson e James Jeffries, o boxe tenha se popularizado e atletas que antes preferiam a luta romana, observaram que os espectadores também se interessavam pelo boxe.

Entre 1909 e 1911 os jornais mencionavam muitas notícias internacionais sobre boxe. As nações que mais informavam a respeito da Nobre Arte foram Estados Unidos, França, Inglaterra e Argentina. Países, estes, que já tinham uma longa história com o boxe. Apesar do Rio de Janeiro ter sediado pelo menos três campeonatos de boxe nos anos 1910, e São Paulo ter proibido o pugilismo, nenhuma dessas informações chegaram aos jornais *A Federação* e *Correio do Povo* de Porto Alegre. Na verdade, sobre o Rio de Janeiro há algumas notas esportivas, mas que em sua maioria abordam a luta romana. Em relação a São Paulo, de fato, nenhum dado, nem mesmo dos serviços de telégrafos, informava o real estado do pugilismo paulista. De certa forma, o trabalho itinerante dos lutadores estrangeiros foi o que permitiu um primeiro contato com o chamado boxe inglês.

O lutador que nos referimos anteriormente, “cultor de luta romana, boxe e força atlética”, era conhecido como Joseph Beerens, de nacionalidade belga e que residiu alguns anos no Chile, onde possuía uma escola de pugilismo. A característica itinerante de Beerens fica evidente no seguinte documento:

Escreve-nos o lutador belga Joseph Beerens chegado, há poucos dias, de Pelotas: Sr. Redator – Suplico-lhe a amabilidade de publicar o desafio abaixo: Desafio os abaixo nomeados para uma luta romana, no teatro Coliseu, desta cidade, sob a condição de dar 20 libras estrelinas a quem dentre eles me vencer. São estes os lutadores que desafio: Emils Schuppans, com 101 quilos, campeão americano; José Ricciardi, com 105 quilos, campeão italiano; Franz Keller, com 78 quilos, campeão alemão; Frank Jones, com 88 quilos, campeão inglês; Também desafio o Sr. S. Nathan, americano, para um campeonato de boxe, visto ter sido ele o vencedor do último torneio realizado no Rio. Se houver outras pessoas que desejem lutar comigo aceitarei prontamente. Os srs que aceitarem o meu desafio poderão encontrar-me no Hotel Aliança, em frente ao Teatro Coliseu. Ficando-vos agradecido sou vosso adm e crd. – Joseph Beerens. (AJPCP, CORREIO DO POVO, 12 de julho de 1911).

Com essa carta publicada no jornal *Correio do Povo*, podemos destacar alguns elementos importantes para a organização do boxe

profissional dos anos 1910. Em primeiro lugar, Beerens utilizou o serviço do jornal para publicizar seu desafio. Assim, na ausência de comissões e federações que pudessem organizar campeonatos, a imprensa funcionava como instituição mediadora. Em segundo, Beerens mencionou os nomes daqueles lutadores com quem desejava se enfrentar. De acordo com François Guillet, “o duelo é a prova da verdade: ele manifesta aos olhos de todos e, antes de tudo, aos olhos do próprio combatente, que ele possui essas qualidades [coragem, sangue-frio e autocontrole] e revela se dessa maneira é homem de honra, é homem de verdade”. (GUILLET, 201:97).

Em alguns casos os lutadores citados no jornal não aceitavam desafio. Os motivos nem sempre foram explicados. Porém, para François Guillet, “recusar um duelo equivale a expor-se à suspeita de frouxidão e arriscar-se, assim, a ver negada a sua qualidade de homem” (GUILLET, 2012:102). Como estes lutadores se dedicavam ao atletismo e exercícios de força, cremos que a virilidade era um conceito importante para eles. Porém, no caso do desafio de Beerens a Nathan, o mesmo foi ao escritório do jornal “declarar que aceita o desafio lançado pelo campeão Joseph Beerens [...] cabendo ao vencedor cinquenta libras”(AJPCP, CORREIO DO POVO, 15 de julho de 1911). Percebe-se que há uma espécie de ritual, mostrando a importância de não deixar o desafio sem resposta, principalmente diante da imprensa e da população.

Nos dois combates apresentados, ambos deixaram evidentes os valores que estariam em jogo caso houvesse vencedor. Este é um elemento importante para as lutas profissionais. Aliás, justamente por este motivo que cronistas, como Menotti Del Picchia e Amaro Júnior, criticavam sua essência. Vejamos um exemplo:

Por parte do público que afluiu ao Eldorado havia ansiedade em conhecer o resultado da luta romana, iniciada, sábado entre José Porro e José Ricciardi, que deixaram indecisa. Depois de lutarem cerca de 15 minutos, Ricciardi conseguiu encostar ao solo uma das espáduas. E foi quanto bastou para que Ricciardi se julgasse vencedor e suspendesse a luta, debaixo de protestos do seu competidor, do júri do torneio e da quase totalidade do público que assistia ao espetáculo. [...] O público prorompeu em uma vozeria infernal: Ricciardi

recebeu grande assuada. Porro veio à cena dizer que não fora vencido. O juiz fez idêntica declaração. Ricciardi indignado com as vaias, fazia gestos furinbundos ao público que o pateava, afirmando haver derrotado o seu competidor, e por último, alguns populares, exaltados, arremessaram uma cadeira sobre o suposto vencedor e improvisado lutador romano. Enfim, o torneio de ante-ontem não passou de uma grossa palhaçada: nem um dos contendores conhece luta romana, principalmente Ricciardi, cuja ignorância, a tal respeito, se pateou, desde os primeiros golpes. O público, no final de contas, é que foi logrado [...]. Não passou, como se vê, de um rídico e grosseiro arremendo de luta romana o torneio tão pomposamente anunciado entre Porro e Ricciardi. A empresa Eldorado, a vista da obstinação de Porro em perseguir na luta, e atendendo a que esta não ultimada, deixou de conferir a qualquer dos contendores a medalha de ouro destinada ao vencedor(AJPCP, CORREIO DO POVO, 21 de dezembro de 1909).

O conflito entre José Porro e José Ricciardi era ainda mais antigo do que sugere o documento acima. Segundo Porro, “tive ocasião de ouvir, em uma roda de amigos, que o Sr. Ricciardi, conhecido amador de luta romana, escarnecia do meu físico, que parecia ser fraco e dizendo que não lutaria comigo, mesmo tendo me desafiado particularmente” (AJPCP, CORREIO DO POVO, 12 de setembro de 1909). Devido essa crítica aberta à sua pessoa, Porro tratou de escrever para o jornal desafiando José Ricciardi publicamente. Dois dias depois, José Ricciardi respondeu positivamente. Fica nítido que a luta teve motivações para além do combate em si. Para François Guillet, “o duelo corresponde à preocupação [...] com a preservação do lugar do indivíduo e de seu livre arbítrio em mundo moderno submetido ao domínio do capitalismo e ameaçado pelo anonimato” (GUILLET, 2012:115). Mas sobre o embate, os espectadores se sentiram logrados, pois pagaram para assistir uma luta que ambos contendores não conheciam. Além disso, José Porro queria responder a provocação, o insulto e resgatar sua honra. Todos estes elementos estavam em disputa naquele momento.

Isto nos permite entrar em outra dimensão, a das lutas tradicionais. Em Porto Alegre o boxe não foi praticado somente em circos, teatros ou mesmo assistido em cinemas. Assim como vimos para o Rio de Janeiro e

para São Paulo, os populares reelaboravam o boxe espetáculo, transformando-o para sua realidade, como formas de resolver contendas. Encontramos nos jornais *A Federação e Correio do Povo*, diversos casos de pugilatos, palavra que nos chamou a atenção por sua origem com as lutas da Antiguidade. O dicionário de Henrique Brunswick, por exemplo, conceitua pugilato como “briga à punhadas”<sup>3</sup>, e em outra versão, de Cândido Figueiredo, se traduziria como “ato de lutar com os punhos” e “discussão acalorada”.<sup>4</sup> Ora, são expressões muitas vezes utilizadas pelos jornalistas de época para nomear o boxe. Seria o pugilato uma versão popular de boxear, de resolver os conflitos do cotidiano? Vamos ver alguns exemplos:

**Pugilato:** Ontem, às 4:30 horas da tarde, à rua General Andrade Neves, por questão de dívida, os árabes Joaquim Moisés e Antônio Agge travaram-se de razões, chegando a vias de fato. Os contendores esmurraram-se a valer, em meio de uma roda de curiosos. Depois da luta, ambos estiveram no 1º posto explicando o fato ao inspetor do dia. (AJPCP, CORREIO DO POVO, 11 d junho de 1909).

Brincadeira de más conseqüências: Há dias, Dante Rassolino, de 18 anos de idade, quando brincava com um seu irmão, em casa de seus pais, à Rua General Neto, n. 48, **recebeu deste um forte murro na região lombal direta-**, machucando-a. Ontem, o Dr. Falk praticou, em um quarto da Santa Casa, uma intervenção cirúrgica em Russolino, extraíndo-lhe do lugar machucado, grande quantidade de pus. O paciente achava-se, ontem, à noite, em boas condições. (AJPCP, CORREIO DO POVO, 23 de setembro de 1910)

O primeiro pugilato ocorreu entre dois patrícios, que “se esmurraram-se a valer em meio de uma roda de curiosos”, devido uma dívida não paga. O fato ocorreu na Rua General Andrade Neves e foi testemunhada por vários populares curiosos. Em alguns pugilatos se utilizavam pistolas ou bengalas. Talvez como referência a classe social a

<sup>3</sup> BRUNSWICK, Henrique. Novo dicionário ilustrado da Língua Portuguesa. 3ª edição, s/dt. Lisboa: Empresa literária Fluminense: pg. 947 – Pugilato: “Briga às punhadas”.

<sup>4</sup> FIGUEIREDO, Candido. Novo dicionário da Língua Portuguesa. Volume II. 11ª edição. Lisboa, 1951. (consta que este dicionário é de 1899, sendo segunda edição de 1913): Pugilato: ato de lutar com os punhos. Figurativo: discussão acalorada.

quem pertencia. No caso dos árabes, a luta corporal se deu a murros, possivelmente aplicando golpes no rosto do adversário. De acordo com François Guillet, “o ataque à integridade física da pessoa, em particular a cabeça, sede o ego, é irremediável, quer ela seja real – a bofetada – ou simulada, ela requer imperativamente uma reparação” (GUILLET, 2012:132). É interessante que Menotti Del Picchia em algum momento afirmou que gostava do boxe por seu sentido utilitário. Portanto, estariam as academias e clubes de boxe das primeiras décadas do século XX contribuindo para que os indivíduos soubessem defender sua honra?

Lembramos neste momento de uma frase que dizia que o século XX, era o século do boxe. A luta de “brincadeira” entre os dois irmãos pode ter sido apenas um acidente. Mas preferimos pensar pequenos indícios que podem revelar questões mais complexas. O caso acima não foi um pugilato, pois não ocorreu numa via pública, mas se deu em casa, no espaço privado da família. O ano de 1910 foi expressivo no número de filmes de boxe passados no cinema, além de artigos e notícias internacionais nos jornais. Sugerimos que a brincadeira entre irmãos possa ter sido uma simulação de uma luta, uma tentativa de reproduzir o que foi visto no cinema – lembrando que as entradas eram muito acessíveis. Segundo Assmann, Carmona e Mazo, “os filmes provavelmente despertaram o interesse nos jovens, que passaram a imitar os lutadores a fim de praticar o boxe, mesmo sem orientação” (ASMANN, CARMONA & MAZO, 2014: 90).

Enquanto os pugilatos, muitos deles ocorridos na Rua da Praia, simbolizavam uma reelaboração de um esporte de combate que estava chegando ao país, o processo de constituição do boxe também se dava na tensão entre o amadorismo e o profissionalismo. A partir deste caso poderemos explorar elementos que dificultaram a consolidação do boxe profissional em Porto Alegre e, em seguida, delinear algumas características do boxe amador.

Recebemos a seguinte carta: Porto Alegre, 13 de dezembro de 1922.  
Ilustríssimo redator. Prezado senhor. Tendo chegado mais uma vez ao meu

conhecimento que o jornal *Neue Deutsche Zeitung* cuja leitura não cultivo, havia anunciado um match de boxe entre o signatário e o boxeur alemão Blank, à realizar-se no Circo Palace, no dia 13 do corrente, venho por intermédio desse conceituado jornal avisar ao público que dito anúncio foi feito sem a minha autorização ou ciência, não passando portanto de uma vulgar exploração para obrigar-me a lutar com aquele senhor e assim ganhar dinheiro para ele. Como já tive ocasião de dizer em carta publicada no *Correio do Povo*, o regulamento da Associação dos Amadores de Boxe não permite que um amador jogue em público com um profissional desde que do encontro resulte lucro para qualquer das partes, o que também é terminantemente proibido pelas leis da instituição que tenho honra de servir. Entretanto, para que aquele senhor Blanck se não ponha por aí à assoalhar que eu tenha recusado o match por medo dele, venho por avisá-lo que estarei amanhã 14 do corrente às 20:30, precisas, na Associação Cristã de Moços, pronto para dar-lhe qualquer satisfação, em um match leal. Declaro desde já que se por acaso o dito senhor Blank não der o gosto de comparecer para cumprir o seu desafio que já aceitei, fica provado o que já anteriormente disse, isto é, que os desafios parte dele tinha em mira, unicamente fazer do nobre sport que cultivo, um meio fácil de ganhar a vida. Antecipando os meus melhores agradecimentos pela publicação desta aproveito a oportunidade para firmar-se com estima e apreço. L. Andrews. (AJPCP, CORREIO DO POVO, 14 de dezembro de 1922).

O que vemos acima é o conflito explícito entre as duas modalidades de boxe conhecidas. Andrews acusa Blank de marcar sem seu consentimento uma luta no dia treze de dezembro, no *Grand Circo Palace*, localizado no Campo da Redenção. O fato é que Andrews era amador, treinava na Associação Cristã de Moços, enquanto Blank era um pugilista profissional itinerante. O fato de Andrews comentar a respeito de um regulamento da Associação dos Amadores de Boxe, revela que no ano de 1922 já havia pelo menos rigor e respeito às regras. Mas também aponta que já no início da década de 1920, enquanto São Paulo e Rio de Janeiro criavam suas comissões, em Porto Alegre as distinções entre as duas modalidades não estavam tão nítidas. Lembramos neste momento do excerto inicial deste capítulo, nas palavras de Amaro Júnior:

É que em nosso país o pugilismo começou por onde deveria ter acabado: pelo profissionalismo. Sem controle, as pilhadas, os tongos, se desenvolveram de tal maneira que o público dificilmente se convencera da sinceridade dos dois lutadores que, dentro do ringue, trocavam golpes sobre golpes procurando a vitória. No Brasil, o boxe seria – como é na Argentina e no Chile, por exemplo – uma força dentro do grupo de esportes praticados se tivesse tido no seu início no amadorismo puro, cem por cento, com a organização de clubes especializados.(ALMANAQUE ESPORTIVO DO RIO GRANDE DO SUL,1950: 26)

As lutas profissionais de boxe realizadas em Porto Alegre nas primeiras décadas do século XX, respondiam ao ganho financeiro. Nos jornais, poucas vezes encontramos informações a respeito de regras que seriam obedecidas no *match*. Sem uma comissão ou federação a organização dos combates foi feita a esmo. Profissionais lutavam com amadores e amadores com profissionais. A pesagem não existia. E a violência de alguns desses encontros, como no caso de Bill Jackson no Rio de Janeiro, marcaram como um período para ser esquecido. Talvez por isso alguns autores não considerem tal fase. No entanto, ainda cremos que este período merece ser analisado e reconstruído, por fazer parte do processo de constituição do boxe moderno em Porto Alegre. Daremos destaque a partir de agora para as experiências do pugilismo amador.

Amaro Júnior declara no excerto acima que Argentina e Chile eram bons exemplos de como o boxe se desenvolveu. Isso porque os clubes e academias de pugilismo nestes países foram mais precoces. No Chile, as lutas oficiais começaram em 1903, mas John Budinich já possuía uma academia desde o fim do século XIX. Na Argentina, lembramos das duas academias: *Buenos Aires Boxing Club* (1908) e *Internacional Boxing Club* (1913). Em Porto Alegre, o primeiro sinal de amadorismo foi com a fundação de uma Escola de Boxe e Luta Romana. Conforme o jornal A Federação

Box-Luta Romana: realizou-se ante ontem a inauguração oficial de uma sociedade, ou melhor, de uma escola de boxe e luta romana, a cargo do conhecido lutador e boxeur Aloya Fiala. O nome de Aloys Fiala é bastante

conhecido entre os sportmen. A sociedade que a principio contava com um pequeno número de sócios, hoje, porém compoem-se de inúmeros amadores que se dedicam a este esporte. Os treinos realizaram as terças e sextas , às 20hs, a Rua dos Andradas 868. A sua diretoria recentemente empossada é a seguinte: Presidente Aloys Fiala, Vice, Carlos Forsterling, 1º secretário Otmar Faber, 2º secretário, Max Sprengmann. Tesoureiro Henrique Fay, 1 guarda esporte Adolfo Powoner. Segundo guarda esporte Emílio Schilleper. Instrutor Henrique Fiala. Para os treinos são convidados os amadores deste esporte (A FEDERAÇÃO, 10 de março de 1914)..

O ano de 1914 foi importante, pois foi o primeiro sinal de autonomia dos atletas porto-alegrenses em querer organizar um espaço para lutas que fosse orientado pelo amadorismo. Enquanto o pugilismo profissional estivesse sendo apresentado em circos e teatros, os próprios gaúchos não conseguiriam organizá-lo como um esporte. Não localizamos outros documentos sobre essa escola e nem sabemos por quanto tempo ela existiu. Talvez a morte de Bill Jackson no Rio de Janeiro e a proibição do boxe em São Paulo, tenham contribuído para que os amadores organizassem sua própria instituição. Além disso, neste ano poucos lutadores estrangeiros estiveram na cidade propondo seus desafios, o que possivelmente tenha criado o desejo de continuar participando do esporte.

Depois da Escola de Boxe e Luta-Romana, a Associação Cristã de Moços foi a próxima instituição a criar departamento de pugilismo, no ano de 1917. Seu papel foi fundamental na propagação do esporte e do boxe amador no Brasil e, especificamente, em Porto Alegre. De acordo com a Revista do Globo:

Foi a ACM que introduziu o pugilismo amador a mocidade brasileira. [...] No Rio Grande do Sul coube a ACM a implantação do Box Amador. Na sede da entidade do triângulo vermelho, na rua dos Andradas, onde hoje se instalam as Lojas Americanas, e mais tarde na Rua do Rosário , junto ao atual Cine Carlos Gomes, muitas lutas renhidas foram realizadas e muitos moços que atualmente são pacatos e honestos cidadãos , ali se treinaram pelo simples prazer de lutar. Eram os lutadores de grandes bigodes e pernas cobertas até o tornozelo. (REVISTA DO GLOBO, n° 323, julho de 1942)

A atuação da Associação Cristã de Moços já foi levantada pela bibliografia anteriormente. Vários países latino-americanos receberam em fins do XIX e começo XX uma sede da Y.M.C.A. Contudo, como mostramos para o caso de Cuba, a ACM era uma missão cristã que possuía objetivos definidos, principalmente em formar jovens saudáveis, atléticos e protestantes. Além disso, participar de um clube no início do século não era para qualquer um. Havia requisitos para ser sócio. Para além da Revista do Globo, localizamos vestígios no jornal *A Federação* de encontros pugilísticos na sede da Andradas.

Associação Cristã de Moços - Realizar-se-á hoje às 20hs na sede da ACM uma noite de esportes que constará de vários jogos esportivos como box, luta romana, etc. São cordialmente convidados todos os sócios. Só para homens.(A FEDERAÇÃO, 06 de julho de 1918).

Assim como a Escola de Boxe e Luta Romana, a ACM foi mais um espaço “externo” aos espetáculos pugilísticos profissionais. Era a oportunidade de praticar um esporte amador, com fins ginásticos e educativos. Mas principalmente, como falamos a pouco, começar a construir uma nova história do boxe em Porto Alegre. Na década de 1920 outros lugares praticavam o boxe amador, é verdade que junto com profissionais, mas mesmo assim era um passo importante permanecer com tal diferenciação. No seguinte documento vemos *matches* de pugilismo no Grêmio Football Porto-Alegrense:

Boxe – Os encontros de amanhã. Amanhã, no campo do Grêmio Football Porto-Alegrense, à rua Mostardeiro, os amantes do boxe terão ensejo de apreciar três bons encontros dos quais um entre profissionais. Os encontros começarão às 15hs e meia, precisamente, havendo muito entusiasmo. A festa é dedicada a Associação Cristã de Moços, à Liga Náutica Rio-Grandense e à Federação Rio-Grandense dos Desportos. Os matches são os seguintes: 1º match, Karl Jungweiss, amador 65 quilos, alemão (de Porto Alegre), versus Juvenal A. Assis, amador, 61 quilos, de São Leopoldo. 2º match – Delmar Tavares de Melo, 72 quilos, brasileiro (de São Leopoldo), versus Alfredo Purper, 72 quilos, brasileiro (de Porto Alegre, sócio da ACM), 5 rounds luvas

de 8 onças; 3º match – o sensacional encontro entre os profissionais e antigos rivais Jorge Schmidt, 73 quilos, alemão (de Porto Alegre), versus Gerhardt Blanck, 75 quilos, alemão (de São Leopoldo), 10 rounds, luvas de 6 onças. Atuarão com juiz o sr. R. Milgram, como cronometrista, Walter Greatzchel e Franz Treu, para marcar os pontos os srs Karl Black, Eurico Cidade e Frederick Charles Jardolp, como médico o dr. Bruno Künne. Entradas, pavilhão 3\$000. Arquibancadas, 2\$000, menores 1\$000. Em caso de mau tempo ficará transferido para o dia 18 de novembro. Bondes: I e F.(A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 10 de novembro de 1923).

Neste ano de 1923, o boxe espetáculo ainda estava presente em cine-teatros da capital. Até onde sabemos, os desafios continuaram ao longo da década de 1920. Mas o mais importante é que o boxe praticado por estrangeiros em espaços de entretenimento do centro da cidade, passou aos poucos a se tornar mais porto-alegrense, mais brasileiro. Entre os amadores se vê tanto porto-alegrenses como leopoldenses. Destaque também para os alemães ou seus descendentes. O clube mais representado foi a ACM, talvez por ser a primeira instituição a criar um departamento de pugilismo. Outros espaços externos foram o Jardim Zoológico. Segundo *A Federação*, em catorze de fevereiro de 1922, houve “ao ar livre um sensacional *match* de box inglês. 6 rounds de 3 minutos, cada um 1 minuto de descanso. Mil réis o ingresso”(A FEDERAÇÃO, Porto Alegre, 14 de fevereiro de 1922).

Um passo importante para o boxe amador foi fundação da *Southern Boxing Club*, em 1926. Infelizmente não temos muitos dados sobre o clube. Sabemos, pela *Revista do Globo*, que Armínio Purper esteve à frente da primeira academia voltada ao boxe de Porto Alegre (REVISTA DO GLOBO, nº 323, julho de 1942). Segundo Amaro Júnior, “na época era considerada uma das academias de boxe mais completas da América Latina” (AMARO JÚNIOR, Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul, 1950). As primeiras reuniões da *Southern Boxing Club* ocorreram na Sociedade Leopoldina (Dr. Flores), no Cine-Teatro Carlos Gomes, e principalmente em sua sede na Rua Cristóvão Colombo. Segundo Amaro Júnior o clube chegou a organizar “um campeonato porto-alegrense de boxe, que teve enorme

interesse” (AMARO JÚNIOR, Almanaque Esportivo do Rio Grande do Sul,1950).

### **Considerações finais**

É rica a bibliografia especializada sobre o esporte no Brasil e também em Porto Alegre/RS. Contudo, localizamos poucos trabalhos que se dedicassem a investigar o surgimento e desenvolvimento do pugilismo. Demonstramos, logo no início, que não é possível compreender o boxe, enquanto prática cultural e esportiva, sem entender sua gênese em países como Inglaterra e Estados Unidos. Afinal, quando a nobre arte passou a ser praticada no Brasil, no início do século XX, havia uma trajetória histórica a ser considerada. Por isso, dentro do possível, ao longo do texto, buscamos dialogar e referenciar experiências com o boxe a partir de outras localidades.

O balanço bibliográfico permitiu concluir que pouco se avançou na temática do boxe nos últimos anos. Parte pelo desconhecimento de trabalhos publicados nas décadas de 1920 e 1930, parte também pela falta de historiadores profissionais que se dedicassem ao tema. Por muito tempo os livros de boxe foram escritos por admiradores da nobre-arte, que não tinham compromisso com a ciência histórica, nem com o tratamento de fontes primárias. O cenário vem mudando mais recentemente, com um maior interesse pela temática.

Apresentamos os primórdios do boxe em Porto Alegre, destacando duas experiências específicas: os desafios pugilísticos e a tensão entre o amadorismo e profissionalismo. Não nos atentamos neste artigo a tratar das práticas de luta em circos, teatros e sua divulgação no cinema. As experiências do boxe em Porto Alegre foram muito ricas, mas não seria possível tratá-las em sua totalidade nesse texto. O que podemos dizer é que tanto os desafios pugilísticos (que consistia em desafiar outro lutador por meio da imprensa) como o surgimento de academias e clubes/escolas de boxe foram responsáveis tanto por sua divulgação como por popularização entre os porto-alegrenses. Embora a tensão entre amadores

e profissionais tenha dificultado a consolidação do boxe, e a própria criação de uma federação, nas décadas seguintes os frutos foram colhidos, com a participação de pugilistas gaúchos em campeonatos nacionais.

## **Bibliografia consultada e utilizada**

ALBUQUERQUE, Tenório. **Pugilismo: boxe, jiu-jitsu, cacth-as-catch-can**. Cia Brasil Edotiral: Rio de Janeiro, 1939.

ALENCAR, Carlos. **Maguila: a saga de um cabra macho campeão**. São Paulo: Editora Marco Markovitch, 1997.

ALMEIDA, William Douglas de. *Boxe: os atletas e a “luta” olimpismo x profissionalismo*. In: **Revista Vozes, Pretérito e Devir**. Teresina: UESPI, Dossiê Temático: História dos esportes. Ano III, Vol. V, nº1 (2016).

ALVES, A. Rodrigues; COUTINHO, R. A. A. **O boxe sem mestre e cultura física para todos**. Rio de Janeiro, 1929.

ASSMANN, Alice Beatriz; CARMONA, Eduardo Klein & MAZO, Janice Zarpellon. *Para além dos ringues: vestígios da história do boxe Sul-Rio-Grandense (1920-1960)*. In: **Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ – Revista Arquivos em Movimento**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2014.

BAKOS, Margaret. **Porto Alegre e seus intendentess**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

CAMPOS, Marcello. **Johnson, o boxeur-cantor**. Porto Alegre: Edição Independente / Fumproart, 2013.

CARATTI, Jônatas Marques. *“Calçando as luvas”: primeiros comentários sobre a formação do boxe gaúcho (Porto Alegre, 1920)*. In: **Revista Latino-Americana de História**, São Leopoldo: Unisinos, v.1, p.508-524, 2012.

\_\_\_\_\_. *A participação de pugilistas negros no boxe gaúcho (Porto Alegre, primeira metade do século XX)*. In: **XI Encontro Estadual de História: história, memória e patrimônio**. ANPUH/FURG, Anais eletrônicos, p. 515-524, 2012.

\_\_\_\_\_. *“Quando o boxe era caso de polícia”: espetáculo, violência e repressão em tempos do surgimento do pugilismo em Porto Alegre/RS (1908-1922)*. In: **Revista Vozes**,

- Pretérito e Devir.** Teresina: UESPI, Dossiê Temático: História dos esportes. Ano III, Vol. V, n<sup>o</sup> 1 (2016).
- COMÍSSOLI, Adriano. **“Os homens bons” e a Câmara Municipal de Porto Alegre (1767-1808)**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.
- D’ALBUQUERQUE, A. Tenório. **Pugilismo – Boxe, jiu-jitsu, luta-livre e catch-as-catch-can**. Rio de Janeiro: Cia Brasil Editora, 1939.
- FARIA, A. Latorre. **Boxe ao alcance de todos**. São Paulo: Editora Ediouro, 1960.
- FEITOSA, Mário; LEITE, Nívea & LIMA, Amanda. *Boxe*. In: DA COSTA, LAMARTINE (ORG.) **Atlas do esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: CONFEF, 2006.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Gente e espaços de Porto Alegre**. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000.
- FRANCO, Sérgio da Costa. **Porto Alegre: guia histórico**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2006.
- GALVANI, Walter. **Um século de poder: os bastidores da Caldas Júnior**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1994.
- KERSTING, Eduardo Henrique de Oliveira. **Negros e a modernidade urbana em Porto Alegre: a Colônia Africana (1890-1920)**. Porto Alegre: UFRGS (Dissertação de mestrado - PPGH), 1998.
- LISE, Riqueldi Straub. **Entre direitos, cintures avant, chaves de braço e rabos de arraia: os primórdios dos combates intermodalidades na cidade do Rio de Janeiro (1909-1929)**. Curitiba: UFPR (Dissertação de mestrado - PPGH), 2014.
- MATTEUCCI, Henrique. **O galo de ouro: a história de Eder Jofre**. São Paulo: Editora Somma, 1979.
- MATTEUCCI, Henrique. **Eu já beijei a lona (novela autobiográfica e contos de boxe)**. 1957, Ed. Fulgor, 1<sup>o</sup> e 2<sup>o</sup> edições. 1987, Ed. Nacional, 3<sup>o</sup> edição.
- MATTEUCCI, Henrique. **Boxe – Mitos e História**. São Paulo: Hemus, 1988.
- MAZO, Janice. **A emergência e a expansão do associativismo desportivo em Porto Alegre – Brasil (1867-1945): Espaço de Representações da Identidade Cultural**

**Teuto-Brasileira.** Porto: Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física da Universidade do Porto), 2003.

MAZO, Janice. PEREIRA, Ester. *Primórdios do esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo.* In: GOELLNER, Silvana e VON MÜLLER, Johanna.

**Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: FUNDERGS, 2013.

MELO, Victor Andrade de. VAZ, Alexandre Fernandez. *Cinema, Corpo e Boxe: suas relações e a construção da masculinidade.*In: **Revista Art-Cultura**, Uberlândia, v.8, n°12, p. 139-160, jan-jun, 2006.

MELO, Victor Andrade de. *Rocky Balboa 6: o último suspiro do velho herói norte-americano?* In: **Recorde: Revista de História do Esporte**, Rio de Janeiro: UFRJ, vol.1, n.1, junho de 2008.

MELO, Victor Andrade de. *O boxe como metáfora da nação: Belarmino* (Fernando Lopes, Portugal, 1964). In: **Revista Antropolítica**, Niterói: UFF, n.31, p.73-93, 2. sem. de 2011.

NOGUEIRA, Ernani. **Pugilismo: regras, técnicas e campeonatos.** São Paulo: Editora Brasipal, 1954.

QUEIROZ, Juvenal. **No mundo do boxe.** São Paulo, Editora do autor, 1989

RAMOS, Mário Marques. **Boxe.** Coleção Esportiva Globo. Porto Alegre: Edição da Livraria do Globo, 1941.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. **Constituição e enraizamento do esporte na cidade: uma prática moderna de lazer na cultura urbana de Belo Horizonte (1894-1920).** Belo Horizonte: UFMG (Tese de Doutorado - PPGH), 2006.

WACQUANT, Löic. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe.** Relume Dumará: Rio de Janeiro, 2002.

ZUMBANO, Waldemar. **O boxe ao alcance de todos.** São Paulo: Editora Brasilense Ltda, 1951.

## Resumos

01. Gilmar Mascarenhas de Jesus (UERJ) – *O direito ao estádio. (HOMENAGEM)*

### Primeiros Tempos

02. *A emergência das ligas de futebol em Pelotas e Rio Grande nas primeiras décadas do século XX.* Luiz Carlos Rigo (UFPEL); Christian Ferreira Mackedanz (Doutorando/UFPEL).

Resumo

Rio Grande e Pelotas são duas cidades históricas e portuárias, que ocupam um lugar de destaque na historiografia do futebol Gaúcho e Brasileiro. No período de 1919 a 1940, juntas conquistaram seis títulos estaduais: G. E. Brasil (1919); E. C. Pelotas (1930); G. A. Farroupilha (1935); S. C. São Paulo (1933), S. C. Rio Grande (1936) e S. C. Rio Grandense (1939). Atento a essa cultura futebolística, este estudo traz uma síntese das principais ligas de futebol que existiram nessas cidades, nas primeiras décadas do século XX. Na época, as ligas eram o epicentro político-futebolístico de cada município. Algumas aceitavam apenas agremiações pertencentes às elites e à classe média alta, outras, como a Liga José do Patrocínio, (fundada em 1919 na cidade de Pelotas) e a Liga Rio Branco (fundada em 1926, na cidade de Rio Grande), abrigavam as agremiações vinculadas às classes populares e a população afrodescendente. Essas ligas constituíram-se em um lócus de resistência as tentativas que almejavam reduzir o futebol a um costume de distinção social das elites da época.

03. *Os fields da elite e os “Campos da Redenção”: um olhar sobre os primórdios do futebol em Porto Alegre a partir de sua espacialidade urbana (1903-1909).* Gérson Wasen Fraga (UFFS).

Tendo como foco os anos iniciais do futebol em Porto Alegre (1903-1909), este artigo tem como objetivo problematizar a ideia de que a prática deste esporte, então uma novidade na capital gaúcha, se limitasse a despertar somente o interesse da elite, passando ao largo dos olhares e desejos dos excluídos pela cidade. Para tal, estabelecemos um cruzamento entre a História e a Geografia daquele começo de século XX em Porto Alegre através de produções bibliográficas e matérias do jornal “A Federação” para buscar uma aproximação com os sentidos então atribuídos a lugares importantes para a disseminação do futebol em Porto Alegre, sejam eles ligados à elite, como o Estádio da Baixada; sejam ligados às camadas populares, como a Colônia Africana ou o campo da Rua Arlindo, seja ainda pensando

lugares que passavam naquele momento por uma ressignificação em seus sentidos e funcionalidades, como a então Várzea da Redenção.

04. *Fuss Ball Club Porto Alegre (1903-1944): clube precursor do futebol em Porto Alegre/RS*. Janice Zarpellon Mazzo (UFRGS); Tuany Defaveri Begossi (Doutoranda PPGCMH/UFRGS).

O texto trata de reconstituir as memórias do *Fuss-Ball Club Porto Alegre*, clube de futebol fundado na capital do estado do Rio Grande do Sul, na mesma data que seu adversário, o *Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense* (GFPA), no dia 15 de setembro de 1903. Para a construção deste texto foram consultadas matérias de jornal, revista e almanaque, as quais foram cotejadas com materiais bibliográficos. As informações, depois de submetidas à análise documental, evidenciaram o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* como um dos clubes precursores do futebol em Porto Alegre que, ao lado GFPA, contribuiu para a difusão desta prática na cidade. Ademais, o *Fuss-Ball Club Porto Alegre* também se valeu da prática do basquetebol para construir e legitimar representações culturais.

05. *“Canelas Pretas” no fundão da América: imprensa negra e futebol*. José Antônio dos Santos (NEAB/UFRGS; TAE/UFRGS).

Por meio de pesquisa na imprensa negra gaúcha e no jornal *Correio do Povo*, apresentamos algumas iniciativas da população negra para criar seus primeiros clubes e associações voltadas ao futebol. Desde o início do século XX, o futebol constituiu mecanismo importante para a integração social de parcelas significativas da população negra que participaram ativamente de seu desenvolvimento na capital e no interior do Rio Grande do Sul. Menos de vinte anos do final da escravidão, o futebol foi se tornando uma das principais diversões da classe operária e se consolidou em possibilidade de organização e de representação social para os descendentes dos escravizados na sociedade rio-grandense.

06. *O negro no futebol de Porto Alegre: um olhar sobre duas fontes*. Ricardo Santos Soares (Egresso PPGH/PUCRS)

Com o nome inspirado na conhecida obra de Mário Filho, “O Negro no Futebol Portoalegrense – um olhar sobre duas fontes”, é a proposta de Ricardo Santos Soares para tratar dessa questão partindo de um pré-conhecimento de que existem dois grandes clubes da elite do futebol brasileiro, sendo o Grêmio identificado com a elite e o Internacional com a população negra da cidade. O autor defendendo a necessidade de se buscar outras fontes além dos periódicos apresenta uma crônica escrita nos anos 1960 pelo afamado compositor Lupicínio Rodrigues justificando porque ele, sendo mulato, era gremista. Esta fala cotejada a um diário nos revela outra visão para além dos afamados clubes citados. Um álbum é a segunda fonte apresentada pelo autor e põe em questão, não apenas a data em que, pela

primeira vez, um atleta negro vestiu a camisa do Grêmio mas também o reconhecimento do que era ser negro e ou mestiço ao final dos anos 1940.

07. *“Está na berlinda o futebol”: modernidade e futebol nos anos 1920 em Porto Alegre.* Maurício Garcia Borsa dos Santos (Rede Privada de Ensino – Egresso UFRGS)

O presente artigo busca demonstrar a maneira que futebol se apresenta à cidade de Porto Alegre nos anos 1920 como elemento constitutivo de uma suposta modernidade. Esporte de origem europeia, o futebol chega no Brasil como símbolo de civilidade em meio a mudanças estruturais na sociedade brasileira, como o fim do escravismo e o crescimento demográfico dos centros urbanos. Entretanto, os códigos pretendidos pela modernidade são ressignificados em meio aos eventos futebolísticos, especialmente pelas classes populares, rompendo o pretendido exclusivismo das elites brasileiras. Além do mais, a violência, elemento a ser controlado pelo processo civilizador, tinha no futebol um palco ideal de propagação, tema constantemente debatido nas folhas do *Jornal Correio do Povo*, periódico por meio do qual este texto intenta analisar o futebol.

08. *Da fábrica à varzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre (1931-1937).* Miguel Enrique Almeida Stédile (Instituto de Educação Josué de Castro, Doutorando UFRGS)

Os clubes de futebol operários em Porto Alegre, na primeira metade do século XX, são o objeto deste trabalho. Procura-se aqui identificar relações de dominação e resistência manifestas, através de uma forma específica de organização e de um espaço determinado de sociabilidade, durante o tempo livre destes trabalhadores, buscando compreender o futebol como campo de disputa entre operários e industriais, fora das fábricas, como espaço para formação de laços de solidariedade e identidade ou de subordinação e disciplinamento. Trata-se de uma tensão permanente entre industriais, igreja, Estado e operários, pelo controle do espaço e das relações extra-fabris, no qual esse discurso é apropriado e ressignificado pelos operários como forma de organização, acesso ao tempo livre e construção de laços de identidade e solidariedade, ao mesmo tempo em que contribui para a popularização deste esporte.

09. *A crise das especializadas no Rio Grande do Sul através das páginas do Correio do Povo (1937-1938): o discurso sobre a profissionalização do futebol em princípios do Estado Novo.* Rafael Belló Klein (Doutorando – PPGH/UFRGS).

O presente artigo pretende retomar as principais ideias desenvolvidas ao longo de minha pesquisa de mestrado, que teve como tema a chegada das Ligas Especializadas, movimento que defendia a profissionalização do futebol brasileiro, ao Rio Grande do Sul em 1937, causando um dissídio entre partidários locais do amadorismo e do profissionalismo. Em um primeiro momento, busco analisar os principais argumentos veiculados pelo jornal *Correio do Povo*, em sua postura pró-amadorista, a respeito desta crise: a ideia de que o

regime profissional era imoral e corrupto e a defesa da necessidade de pacificação. Na sequência, tento traçar um paralelo entre estes eixos discursivos e as principais diretrizes da política desportiva varguista durante o Estado Novo.

### Para além da dupla Grenal

10. *Nem tricolor nem colorado: o mais simpático de Porto Alegre – Esporte Clube São José (1913-1940)*. Rafael Hansen Quinsani (Rede Municipal de Ensino Guaíba/RS – Egresso PPGH-UFRGS); Diego Oliveira de Souza (Doutorando PPGH/UFSM)

O capítulo aborda o processo de institucionalização da identidade do Sport Club São José como o mais simpático de Porto Alegre. A demarcação temporal da análise estará centrada a partir da fundação do clube, em 1913, até o estabelecimento definitivo de seu “lôcus espacial” em 1940. Dentro dessa demarcação, quatro temas serão abordados: sua fundação a partir do Colégio São José estabelecido em Porto Alegre, e como este fator se enquadra no processo de disseminação do futebol no país; o elemento nacionalista; a querela do amadorismo e do profissionalismo, que perpassou o desenvolvimento do futebol, a organização dos clubes, e a forma de torcer pelo esporte; como as alterações de endereço do clube refletem as mudanças urbanísticas de Porto Alegre, e até que ponto estas mudanças estão atreladas, suas peculiaridades e como ocorreu este processo. Além do material bibliográfico, foram utilizados como fontes o jornal *Correio do Povo*, no período de 1913 a 1940. Juntamente a estes materiais foram consultadas as Atas das assembleias do Clube, disponíveis em um volume que abrange o período de 1924 a 1940.

11. *Ypiranga de Erechim: a concepção do futebol consolidada em símbolos nacionalistas*. Luciano Anderson Breikreitz (Egresso PPGH/UPF)

A cidade de Erechim, colonizada principalmente por imigrantes europeus, viu surgir em 1924 um clube identificado com os símbolos da nacionalidade brasileira. O Ypiranga Futebol Clube divergia dos clubes e associações que existiam na época, principalmente pelo fato de não estar diretamente associado aos colonizadores italianos, alemães ou poloneses, que difundiram práticas culturais e esportivas durante o processo de ocupação da região. Ao longo da sua história, o Ypiranga buscou assumir, por meio das suas cores, do seu nome, e do nome de seus estádios, a difusão de sua identidade “brasileira”. Um dos momentos mais evidentes é o Festival de Inauguração do seu atual estádio, o Colosso da Lagoa, em setembro de 1970. Os craques, campeões mundiais no México, foram convidados para participar de jogos amistosos com os clubes onde atuavam, em um momento em que os atletas eram utilizados pelo governo do Presidente Médici como difusores dos símbolos nacionalistas do regime militar.

12. *História, memória e identidade através do futebol operário e amador da região carbonífera do Rio Grande do Sul – Brasil*. Tassiane Mélo de Freitas (Doutoranda PPGH/UFSM)

A cidade de Arroio dos Ratos localizada na região do Baixo Jacuí no Rio Grande do Sul é considerada o berço da indústria carbonífera nacional. Nesta localidade a partir do final do século XIX vários trabalhadores vindos de diversas partes do Estado, país e estrangeiros formaram uma comunidade em torno das minas de carvão. Centrando-se em dois clubes de futebol da cidade, o Esporte Clube Brasil e o Esporte Clube Guarani, buscou-se neste texto apresentar um panorama acerca de alguns aspectos relacionados à história, memória e identidade. Por meio das narrativas presentes nas fontes orais, escritas e visuais relacionadas aos clubes foi possível observar elementos formadores de uma comunidade operária historicamente heterogênea.

#### Lugar de mulher também é dentro do campo

13. *Mulheres e futebol no Rio Grande do Sul: apontamentos de uma história plena de descontinuidades*. Silvana Vilodre Goellner (UFRGS); Suellen dos Santos Ramos (Egressa PPGCMH/UFRGS, preparadora física do Sport Club Internacional).

Considerando que a inserção das mulheres no futebol gaúcho ainda é uma incógnita, este texto tematiza alguns marcos da modalidade desde sua regulamentação em 1983. Para tanto recorre a fontes escritas, imagéticas e orais para analisar a realização da primeira partida oficial do país dias após a publicação da normativa de regulamenta a modalidade, o surgimento das equipes dos dois tradicionais clubes da capital, Sport Club Internacional (1983) e Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense (1984), a organização do primeiro campeonato gaúcho (1983) e a primeira convocação da seleção estadual que representou o Rio Grande do Sul (1993). Mais do que tentar esboçar uma possível história, o texto proclama que há, ainda, muito a conhecer e registrar sobre a estruturação e desenvolvimento do futebol de mulheres no Rio Grande do Sul.

14. *Futebol e mulher: invisibilidade, erotização e bate-bola*. Camila Guterres Casses de Oliveira (Rede Privada de Ensino de Porto Alegre – Escola Nossa Senhora do Brasil, Porto Alegre; Egressa UFRGS).

Este trabalho trata do espaço ocupado pelas mulheres no futebol, atualmente. No entanto é necessário compreender processos anteriores a esse, desde seu surgimento na elite até sua popularização, com inserção de negros e pobres. De início as mulheres foram colocadas às margens deste processo, e posteriormente vistas de forma erotizadas. Não obstante embora o futebol fosse um território marcado pelo público masculino, algumas mulheres se destacam nas arquibancadas ou dentro das quatro linhas.

Geraldinas e Arquibaldos: identidades e questões contemporâneas.

15. *Da batalha de La Plata a dos Aflitos: a modelagem das tradições a partir gremismo.* Arlei Sander Damo (UFRGS)

O objetivo deste texto é discutir a relação entre eventos, experiências, narrativas e a invenção de tradições no espectro do futebol. Uso como ponto de partida um jogo marcante na trajetória do Grêmio, a vitória contra o Náutico que determinou seu retorno à divisão principal do futebol brasileiro, em novembro de 2005, conhecido como a “Batalha dos Aflitos”. Argumento que o termo “batalha” não fez parte das narrativas constituídas no decurso da realização desse jogo, tendo sido incorporado posteriormente, em alusão a outro jogo histórico, contra o Estudiantes, de La Plata, pela Libertadores de 1983. Em que pese a performance do Grêmio em La Plata ter sido descrita de modo ambivalente, pois chegou a estar vencendo por 3 a 1 e jogando com 11 contra 7, ela ficou marcada pelo fascínio em relação ao modo como os jogadores do Estudiantes se portaram. O fato do Grêmio ter contornado uma situação adversa contra o Náutico, mais de duas décadas depois, quando ficou com 4 jogadores a menos em campo, possibilitou certas conexões num plano mais alargado e a construção de uma narrativa na qual o gremismo reviveu e incorporou às suas tradições um evento traumático do passado.

16. *“Sou gaúcho e sou peleador”: Barras Bravas no Rio Grande do Sul e a hegemonia nas arquibancadas gaúchas.* João Manuel Casquinha Malaia Santos (UFSM); Elias Cósta de Oliveira (Mestrando/UFSM) -

As barras são formas organizadas de torcer surgidas na Argentina e típicas da América Latina de língua espanhola. No Brasil, a forma mais característica de organização torcedora é chamada de torcida organizada. No entanto, no início dos anos 2000, a partir de Porto Alegre, a hegemonia das torcidas organizadas foi colocada em xeque pela formação, expansão e predomínio de grupos de torcedores que se autodenominam barras e que trouxeram novas dinâmicas ao fenômenos das torcidas no estado. Apresentamos uma breve discussão teórica sobre o tema para elucidar as diferentes formas organizadas de torcer pelo mundo. Posteriormente, mostramos o contexto de surgimento das barras em Porto Alegre e a expansão deste modo de torcer pelo estado, observando-o como uma aproximação dos costumes platinos consolidados na região. Abordamos ainda o movimento pelo Brasil e sua dificuldade de consolidação pelas arquibancadas do país.

17. *Das charangas às torcidas antifascistas: a escrita da história das torcidas de futebol no Brasil Meridional.* Caio Lucas Morais Pinheiro (UECE)

O presente capítulo examina a história das torcidas de futebol e as dimensões temporais, sociais e simbólicas da mobilização organizada de torcedores. Sob o prisma da categoria analítica da primeira, segunda, terceira e quarta ondas dos modelos coletivos do torcer,

avaliamos o lugar ocupado pelas torcidas no Rio Grande do Sul, seus pontos de contato e de ruptura diante da trajetória do fenômeno no Brasil. À vista disso, ao analisar as sociabilidades dos modelos coletivos do torcer na sua curta, média e longa duração, o texto procura, de um lado, romper com as simplificações e com os esquematismos na compreensão das instituições de torcedores e, por outro lado, chamar a atenção para a necessidade de se escrever a história de homens e de mulheres que forjam complexas identidades em torno do clube de futebol.

18. *Coligay: a torcida que “saiu do armário”*. Elvio Antônio Rossi (Egresso UFRGS).

O artigo é uma versão resumida do trabalho realizado em 2002 sobre a trajetória da Coligay, a torcida do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense, formada basicamente por homossexuais no final dos anos setenta em Porto Alegre. Busco contextualizar política e socialmente a época em que o grupo surgiu e analiso o futebol e as torcidas a partir de suas características essencialmente masculinas, machistas, preconceituosas e violentas, as quais também estão fortemente presentes na cultura gaúcha. Procuo entender em torno de que objetivos esse grupo resolve formar uma torcida organizada? O futebol, como esporte nacional e popular, teria facilitado essa penetração? Qual foi a reação dos envolvidos (participantes, clube, jogadores, outras torcidas)? Que uso a imprensa fez desse fenômeno social? E, ainda, mesmo sem ter esse objetivo, a torcida teria sido uma forma de atuação política contribuindo para uma maior visibilidade à “causa gay” e para futuros movimentos sociais?

19. *A rememoração da torcida Coligay como parte da construção do clube de todos*. Luiza Aguiar dos Anjos (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/MG)

Esse texto parte da hipótese de que nos últimos anos é possível identificar no Grêmio a intensificação de um esforço de afirmar-se como um clube plural e detentor de uma tradição alinhada à diversidade. Noto que tal processo é motivado, sobretudo, pelo desejo de se distanciar de um status racista que acompanha o clube há décadas, mas que se tornou especialmente incômodo em função do amplamente noticiado “episódio Aranha”. Analiso então como a recente rememoração da torcida Coligay pode ser conectada a esse movimento. Diversas ações institucionais indicam uma maior atenção à diversidade racial, de gênero e sexualidade. Por outro lado, por parte da agremiação e de sua torcida, nota-se limites e contradições à defesa de tais pautas, evidenciando que a construção de um clube de todos é um projeto ainda em disputa.

20. *A rivalidade Gre-Nal e o uso do termo “macaco” na torcida do Grêmio*. Gustavo Andrada Bandeira (Mestre em Educação e TAE-UFRGS).

A partir de um processo de desnaturalização das práticas torcedoras nos estádios me proponho a olhar como os termos “macaco” e “macacada” cantados por torcedores do

Grêmio para os torcedores do Internacional têm seus significados disputados contemporaneamente. Os torcedores gremistas sabem dos problemas que os termos carregam. Entretanto, os termos “macaco” e “macacada” para ofender os colorados constituem, de maneira muito significativa, os torcedores do Grêmio. Dada a capacidade que nossos grandes clubes têm de possuírem torcedores com as mais diferentes perspectivas políticas e de mundo, um clube de futebol sempre estará atravessado pelos dilemas que constituem nossa cultura.

21. *“O povo fez o Inter”: Resistências ao processo de “arenização” do estádio Beira-rio.* Ricardo César Gadelha de Oliveira Junior (Egresso – PPGAS/UFRGS).

As mudanças trazidas a alguns estádios brasileiros, em decorrência da realização da Copa do Mundo 2014, no que se refere à reforma dos espaços, proibições de objetos e práticas, aumento dos preços dos ingressos e a busca por um novo tipo de público, intensificou o processo de percepção do torcer como um ato político. Por meio de uma pesquisa etnográfica, percebeu-se como um movimento político de torcedores do Internacional, o Povo do Clube, ganhou capital político e ascendeu a alguns postos de importância relativa dentro da estrutura hierárquica do clube colorado, tanto no conselho deliberativo como em diretorias e cargos, sob a mobilização do que consideram um aspecto importante para a história do clube: a identidade e o pertencimento do clube às classes populares e aos negros da cidade de Porto Alegre.

22. *A Lei Pelé, o fim do passe, e a modernização conservadora do futebol brasileiro.* Francisco Xavier Freire Rodrigues (UFMT).

A análise do artigo está centrada nos impactos provocados pelo fim do passe no futebol brasileiro no período de 2001 a 2006, buscando apreender as características da modernização conservadora na sociedade brasileira mediante a análise da nova regulamentação das relações entre clubes e jogadores que entrou em vigor com a “Lei Pelé” (Lei 9.615/98), a partir das percepções de um grupo de atletas então entrevistados.

O artigo tem como recorte empírico 12 clubes de futebol das séries A, B e C do campeonato brasileiro, e aborda a perspectiva dos jogadores ouvidos sobre o sistema de transferências que surgiu com a referida lei e os processos de modernização e a flexibilização das relações de trabalho que então se implantaram no futebol brasileiro.

#### Bolas de papel: a imprensa como fonte para os estudos sobre o futebol

23. *Relembrando a “mais gaúcha de todas as Copas: disputas identitárias na imprensa esportiva na Copa do Mundo de 2002.* Édison Luis Gastaldo (Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias – Exército Brasileiro).

Este capítulo revisita dados de um estudo realizado em 2002 durante a Copa do Mundo (Gastaldo e Leistner, 2003). A partir de uma leitura antropológica dos discursos relacionados a identidade e pertencimento veiculados na imprensa esportiva nos principais veículos jornalísticos do Brasil e do Rio Grande do Sul, são explorados alguns dilemas culturais no entrecruzamento das identidades gaúcha e brasileira. As matrizes históricas das identidades regionais e nacional no Brasil sustentam valores e lógicas muitas vezes contraditórias, que encontram expressão no campo de futebol e em suas apropriações pela imprensa esportiva.

24. *Campos que resistem, páginas que contestam: imprensa alternativa e futebol na ditadura empresarial-militar (1975-1978)*. Guilherme Kichel de Almeida (Egresso PPGH/UFRGS).

O presente artigo tem como principal problema a forma com que o futebol foi abordado pela imprensa alternativa do período da Ditadura Empresarial-Militar no Brasil (1965-1984), mais especificamente entre os anos de 1975 e 1978. As duas principais fontes utilizadas foram os jornais *Opinião* (1972-1977) e *Movimento* (1975-1981). Ambos semanários eram marcadamente opositores ao regime ditatorial. O primeiro possuía perfil mais liberal, e o segundo caracterizava-se como mais próximo às lutas nacionais-populares e da classe trabalhadora. O recorte temático se deu com a análise de quais foram os temas e enfoques, relacionados ao futebol, privilegiados por esses jornais e como essas escolhas editoriais se relacionaram com o contexto histórico do Brasil daquele momento.

#### Outras coisas (antes e depois do começo do jogo)

25. *O pato é a bola da vez: gaúchos, tropelias e outras barbaridades!* Cesar Augusto Barcellos Guazzelli (UFRGS).

O Pato foi um jogo praticado pelos gaúchos argentinos desde os tempos coloniais. Era disputado por duas equipes de cavaleiros, com número muito variável de componentes, em campo aberto, também sem extensão definida. Os jogadores disputavam um objeto que chamavam de “Pato”, quase sempre formado por uma ave já morta, embrulhada com firmeza num couro, o que lhe dava um formato semiesférico, ao qual eram presas até seis alças que permitiam aos competidores disputarem com força a posse do mesmo. Os tempos de duração do jogo e os critérios para definir os ganhadores também eram díspares. Admirado pela sua originalidade, proibido pela desordem e risco que trazia, descrito como folclórico, o Jogo do Pato sobreviveu até os dias atuais, quando passou por mudanças que o transformaram num esporte “civilizado” e aceito mundialmente, agora com o pomposo nome de Horseball. Esta versão do Jogo do Pato foi exibida e adotada no Rio Grande do Sul contemporaneamente.

26. *Entre touros e patins: facetas da modernidade porto-alegrense (século XIX)*. Victor Andrade de Melo (UFRJ); Cléber Andrade Karls (Universidade Veiga de Almeida/RJ).

Na segunda metade do século XIX, Porto Alegre era uma cidade em transição. Nesse contexto, se forjava uma urbe na qual, de diferentes maneiras e graus, se chocavam e se ajustavam novos e antigos valores. Como foi usual em outras localidades, com o incremento da dinâmica social, percebe-se o melhor delineamento das diversões públicas. No caso da capital gaúcha, é importante ter em conta os arranjos entre o rural e o urbano, um importante fator no tocante aos encontros entre antigos e novos hábitos, entre o que vinha do exterior e o que se estabelecia como regional. Uma parte dos entretenimentos seguiu arranjos mais tradicionais. De outro lado, se conformaram divertimentos “mais modernos”. Neste capítulo, abordaremos duas práticas de entretenimento que são expressões desses polos: as touradas, um antigo costume que se redimensionava tendo em vista as mudanças citadinas, e a patinação, indicador explícito da circulação de noções de civilização e progresso.

27. *Pelos prados de Pelotas: as meridionais corridas de cavalos na transição do século XIX e XX*. Ester Liberato Pereira (Unimontes/MG); Giandra Anceski Bataglion (Doutoranda PPGCMH/UFRGS).

Este texto buscou compreender uma figuração cultural das corridas de cavalos, na cidade de Pelotas, na transição entre os séculos XIX e XX. As informações foram coletadas a partir de documentos oficiais de associações esportivas e em fontes impressas de naturezas diversas. A análise documental permitiu evidenciar que as corridas de cavalos figuravam o expressivo cenário político-econômico e sociocultural da Pelotas do período, apresentando-se com intensas influências europeias. As corridas em canchas representaram uma das principais formas de divertimentos da cidade, sobretudo nos espaços do Hipódromo do *Jockey Club* Pelotense (1878) e do Hipódromo da Tablada (1936). Apesar de impasses que atingiram a economia de Pelotas com a Revolução Federalista (1893-1895), as corridas de cavalos mantiveram seu *status*, congregando proeminentes públicos até meados do século XX.

28. *A Universiade de 63: garimpendo memórias*. Maristel Pereira Nogueira (Rede Municipal de Ensino Campo Bom/RS; Egressa PPGH PUC-RS).

O objetivo deste artigo é trazer as lembranças sobre a Universiade, o maior evento esportivo universitário que, em 1963, aconteceu pela primeira vez fora do circuito europeu. Naquele ano, o evento ocorreu em Porto Alegre, reunindo atletas de trinta e três países entre agosto e setembro. Para tanto, além de pesquisa em jornais e na internet, utilizamos a história oral, entrevistando alguns dos organizadores que ainda estão vivos. Ao trabalhar com essas memórias obtemos um importante suporte para compreender aquele evento, sua magnitude, os desafios e as estratégias traçadas para sua realização em Porto Alegre.

29. *Entre profissionais e amadores: do boxe espetáculo aos primeiros clubes de pugilismo em Porto Alegre/RS (1912-1926)*. Jônatas Marques Caratti (Unipampa).

Este texto tem por objetivo analisar o surgimento do boxe em Porto Alegre/RS, nas primeiras décadas do século XX. Diferente de outros países, como Inglaterra e Estados Unidos, o boxe chegou ao Brasil como espetáculo de entretenimento, sendo apresentado em cinemas e teatros das principais cidades do país. Este fenômeno também ocorreu em outros países latino-americanos, tendo como ponto em comum a marca de uma prática exótica. Portanto, este texto debruça-se na compreensão da experiência pugilística, buscando localizar os principais lutadores, os locais de combate, as estratégias de divulgação na imprensa e a conhecida tensão entre o amadorismo e o profissionalismo. As fontes primárias utilizadas foram os jornais *Correio do Povo* e *A Federação*.

## **Autores**

**Arlei Sander Damo.** Professor do PPG em Antropologia Social/UFRGS. Doutor em Antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Em 2003/2004 foi estagiário de pesquisa junto ao Institut d'Ethnologie Méditerranéenne et Comparative (Université d'Aix-Marseille I & III). Bolsista de Produtividade do CNPq, atualmente é Professor Associado da UFRGS e coordenador do PPG em Antropologia Social na mesma instituição. Autor dos livros: “Do dom à profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França” (prêmio Capes e Anpocs de melhor tese de 2005); “Futebol e identidade social”; e coautor, com Ruben Oliven, de “Futebol y cultura” e “Megaeventos Esportivos no Brasil”. Além do interesse por temas na área de antropologia do esporte, desenvolve pesquisa em antropologia da economia e da política. É torcedor do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Bernardo Borges Buarque De Hollanda.** Professor-adjunto da Escola de Ciências Sociais, da Fundação Getúlio Vargas (FGV/CPDOC). Bacharel (1995) e licenciado (1997) em Ciências Sociais pela UFRJ, mestre (2003) e doutor (2008) em História Social da Cultura pela PUC-Rio, com estágio sanduíche na École des hautes études en sciences sociales (EHESS/2006). Pós-doutor pela Maison des sciences de l'homme de Paris e pela University of Birmingham. Bolsista de capacitação técnica pelo programa CAPES Print, com pesquisa no Centre international de l'étude du sport (Neuchâtel - Suíça - 2020). Secretário-geral da Associação Brasileira de História Oral (ABHO). Membro do conselho da International Oral History Association (IOHA) e editor das revistas Estudos Históricos, Revista de História Oral e Esporte & Sociedade. Coordena o Laboratório de Estudos do Esporte (LESP) e o Laboratório de Pensamento Social (LAPES), ambos cadastrados no Diretório de Pesquisas do CNPq. Torcedor do Clube de Regatas Flamengo.

**Caio Lucas Moraes Pinheiro.** Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor substituto do curso de História da Universidade Estadual do Ceará (UECE/FECLESC). Autor da tese intitulada “As ondas que (se) movem (n)o mar das torcidas: das charangas à guinada antifascista na Ultras Resistência Coral (1950-2020)”, desenvolvida junto ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGH/UFRGS), e da obra “A profissionalização do futebol cearense: história e memória”. Possui experiência na área de Teoria da História, História Social do Futebol e História do Tempo Presente. É torcedor do Fortaleza Esporte Clube.

**Camila Guterres Casses de Oliveira.** Possui Graduação em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS), Especialização em História e Memória no Brasil Contemporâneo na Federação de Estabelecimentos de Ensino Superior em Novo Hamburgo (FEEVALE) e Mestrado em História Social do Futebol na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem como área de atuação a História Social do Futebol, em especial o papel das mulheres e dos negros nesse esporte. É professora da rede privada e pública de Porto Alegre e torcedora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense

**Cesar Augusto Barcellos Guazzelli** é colorado, carnívoro, canhoto e comunista. Professor Titular do Departamento de História, do Programa de Pós-Graduação em História e do Mestrado Profissional em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Tem Licenciatura e Mestrado em História pela UFRGS e Doutorado em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Realizou Estágios Pós-Doutorais na Universidad Nacional de General Sarmiento (UNGS) na Argentina, na Universidade de Lisboa (UL) e na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Atua nas áreas de Teoria e Metodologia de História, História da América e História do Rio Grande do Sul. Fundou o Grupo de Trabalho (GT) “Fronteiras e Territorialidades” (antigo “Fronteiras Americanas”) da Associação Nacional de História (ANPUH). Criou a disciplina História Social do Futebol no Departamento de História da UFRGS.

**Christian Ferreira Mackedanz.** Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da UFPel (2016). Graduado em Licenciatura em História pela UFPel (2014). Atualmente trabalha como técnico administrativo em educação na mesma instituição. Possui interesse nas áreas de Estudos Socioculturais do Esporte e História Social do Futebol, trabalhando principalmente com os seguintes temas: futebol e racismo. É torcedor do Grêmio Esportivo Brasil e do Sport Club Internacional.

**Cleber Eduardo Karls** é doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor da Universidade Veiga de Almeida e integrante do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer e um gremista saudável.

**Diego Oliveira de Souza.** Técnico do Ministério Público Federal (MPF). Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É Mestre e Doutor em História pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). É Membro do Grupo de Estudos sobre Internacionalização do Direito e Justiça de Transição (IDEJUST). Na pesquisa histórica, tem experiência na inter-relação entre o campo da História e o campo do Direito, dando ênfase aos seguintes temas: Teoria dos Direitos Humanos, Justiça de Transição, Ditadura civil-

militar, Anistia, Pensamento Militar, Memórias, Movimentos Sociais. É torcedor do Sport Club Internacional.

**Édison Luis Gastaldo** é antropólogo, professor e pesquisador no Centro de Estudos de Pessoal e Forte Duque de Caxias (CEP/FDC), no Rio de Janeiro. Mestre em Antropologia Social (UFRGS, 1995), Doutor em Multimeios (Unicamp, 2000) e Pós Doutor em Sociologia (Univ. Manchester, 2001) e em Antropologia Social (Museu Nacional, UFRJ, 2009). Autor dos livros “Pátria Chuteiras e Propaganda” (Unisinos/AnnaBlume, 2002), “Erving Goffman, desbravador do cotidiano” (Tomo Editorial, 2004), “Nações em Campo” (com Simoni Guedes, Intertexto, 2006), “Publicidade e Sociedade” (Sulina, 2013) e “Etnometodologia & Análise da Conversa” (com Rod Watson, 2015). É torcedor do Sport Club Internacional.

**Elias Cósta de Oliveira** é graduado em História e mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Pesquisa sobre diferentes modos organizados de torcer, com foco nas barras bravas e torcidas organizadas brasileiras. Pesquisador do *Stadium*: Grupo de Pesquisas em História do Esporte e das Práticas Lúdicas e colonista do Ludopédio. É torcedor do Sport Club Internacional.

**Elvio Antônio Rossi** é historiador, pesquisador e ativista, com licenciatura e bacharelado em História, bacharelado em História da Arte e especialização em Educação, sempre pela UFRGS. É membro fundador do Coletivo HACER (História da Arte e da Cultura, Estudos e Reflexões). Autor de publicações sobre temas diversos, atualmente se dedica a pesquisar sobre a história da arte no Rio Grande do Sul. É torcedor do Sport Club Internacional.

**Ester Liberato Pereira.** Professora Efetiva do Departamento de Educação Física e do Desporto (DEFD) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes) e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH) da Unimontes. Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Coordenadora do Centro de Memória do Esporte (CEMESP) da Unimontes. Líder do Grupo de Estudos em História do Esporte e da Educação Física (GEHEF). Pesquisadora Associada do Observatório do Esporte Paralímpico Brasileiro da UFRGS. Segue o imortal tricolor dos pampas Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense desde pequena e já não pode mais parar.

**Francico Xavier Freire Rodrigues** é professor permanente do Departamento de Sociologia e Ciência Política, do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Cultura Contemporânea da Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT). É coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Esporte, Cultura

e Sociedade (GEPECS), do GT “Sociologia do Esporte” da Sociedade Brasileira de Sociologia, e do Núcleo Interinstitucional de Estudos da Violência e Cidadania. É também coordenador da Editora Universitária da Universidade Federal do Mato Grosso. Doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Torce para o Sport Club Internacional.

**Gérson Wasen Fraga** é doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e professor associado II da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS), campus Erechim. É autor do livro “Uma triste história de futebol no Brasil: O Maracanaço. Nacionalidade, futebol e imprensa na Copa do Mundo de 1950”, lançado pela Editora Méritos, além de diversos artigos sobre a relação entre História e Futebol. É torcedor do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Giandra Anceski Bataglion.** Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Integrante do Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), do Observatório do Esporte Paralímpico Brasileiro e do Centro de Memória do Esporte (CEME) da UFRGS. Membro da Academia Paralímpica Brasileira (APB). Desenvolve estudos históricos e socioculturais nas áreas do Esporte, Esporte Paralímpico e Esporte para Surdos. Não possui preferência clubística.

**Gilmar Mascarenhas de Jesus** (1962-2019) foi geógrafo e professor na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), onde chegou a Professor Titular. Docente do Programa de Pós-graduação em Geografia na mesma instituição. Em 2001, tornou-se doutor em Geografia pela Universidade de São Paulo (USP) com a tese “A bola nas redes e o enredo do lugar: uma geografia do futebol e de seu advento no Rio Grande do Sul”. Em seus trabalhos, abordava o direito à cidade; aos espaços públicos; aos esportes e suas relações com as Ciências Humanas, além dos megaeventos esportivos e seus impactos sobre a urbe. Foi um dos principais acadêmicos brasileiros a se debruçar sobre as práticas esportivas a partir do olhar de seu campo de estudos. A publicação de seu artigo nesta coletânea tem o objetivo não somente de prestar uma homenagem a seu trabalho, mas também à pessoa solícita, amiga e cordial que conhecemos. Era torcedor do Botafogo de Futebol e Regatas.

**Guilherme Kichel de Almeida.** Graduado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestre em História também pela UFRGS, com a dissertação “*Jogando Pela Esquerda: o futebol brasileiro nas páginas dos jornais Opinião e Movimento (1975-1978)*” que foi base para o presente artigo. Atualmente, é graduando em Direito pela

Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai (URI/Erechim-RS). Torce para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegre

**Gustavo Andrada Bandeira.** Possui graduação em Pedagogia, mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atualmente é técnico em assuntos educacionais na Escola de Administração da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Foi professor nos cursos de Especialização em Jornalismo Esportivo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012-2013), Coordenação Pedagógica e Gestão Escolar na Escola de Gestores (2012-2016). Autor do livro “Uma história do torcer no presente: elitização, racismo e heterossexismo no currículo de masculinidade dos torcedores de futebol”. Integrante do Grupo de Estudos em Educação e Relações de Gênero (Gerge), do Seminário Permanente de Estudios Sociales del Deporte e do Observatório da Discriminação Racial no Futebol. É torcedor do Grêmio Foot-Ball Porto Alegre.

**Janice Zarpellon Mazo.** Professora Titular da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Ciências do Desporto pela Universidade do Porto (Portugal). Idealizadora e coordenadora do Centro de Memória do Esporte (CEME) e do Observatório do Esporte Paralímpico Brasileiro da ESEFID/UFRGS. Líder do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME). Filiada à Associação Nacional de História (ANPUH) e à *International Society for the History of Physical Education and Sport* (ISHPES). Desenvolve estudos em História do Esporte e da Educação Física. É torcedora órfã do Grêmio Esportivo Renner, o “Papão de 54”.

**João Manuel Casquinha Malaia Santos** tem graduação e doutorado em História pela Universidade de São Paulo. Realizou estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro. É professor adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria e também atua no Programa de Pós Graduação em História e no Mestrado Profissional em Ensino de História na mesma universidade. Coordenador do *Stadium*: Grupo de Pesquisas em História do Esporte e das Práticas Lúdicas e colunista do Ludopédio. É torcedor da Sociedade Esportiva Palmeiras.

**Jônatas Marques Caratti.** Professor Adjunto II do Curso História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Campus Jaguarão/RS. Doutor em História pela UFRGS (2017). Mestre em História Latino-Americana pela UNISINOS (2010). Licenciado em História pela Universidade La Salle (2007). Publicou seu primeiro livro, “O

Solo da Liberdade”, em 2014, e sua tese de doutorado está no prelo, com previsão para 2021. Torce para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**José Antônio dos Santos.** Doutor em História – PUCRS, Mestre em História Social – UFF, Licenciado e Bacharel em História – UFRGS. Pesquisador da história e da cultura negra no Brasil, trabalha com as temáticas da Educação das Relações Etnorraciais (ERER), políticas de ações afirmativas e intelectuais e imprensa negra no Rio Grande do Sul. Colaborou no desenvolvimento de materiais didático-pedagógicos com a participação no Curso de Aperfeiçoamento UNIAFRO - Política de Promoção da Igualdade Racial na Escola (2019) e na organização do livro “RS Negro: cartografias sobre a produção do conhecimento” (edições de 2008 e 2010). Autor de “Liga da Canela Preta: a história do negro no futebol”. Porto Alegre: Diadorim, 2018, e “Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa”. Pelotas: UFPEL, 2003. Faz parte do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos - NEAB/UFRGS. Torce para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Lauro Quadros.** 61 anos de jornalismo, primeira Copa em 62 no Chile, um autor de jargões: “Esse cara conhece o rengo sentado e o cego dormindo”. Ai, politicamente incorreto! Ou “ele conhece o caminho da roça, sabe a cabeça que tem piolho”. Ou, na nossa rivalidade Gre-Nal, a expressiva e imortal GANGORRA.

**Luciano Anderson Breitreitz** é graduado em Comunicação Social pela Universidade de Passo Fundo (2004). É Mestre em História Regional pela Universidade de Passo Fundo (2013). Doutor em História na Universidade de Passo Fundo (2019). Profissionalmente dedicou-se a trabalhar em jornais impressos, rádios e TV. Atualmente é produtor de conteúdo do Jornal O Nacional de Passo Fundo, e diretor da empresa Nota Comunicação. Foi professor substituto na Celer Faculdades de Xaxim - Santa Catarina. Em 2016 lançou seu primeiro livro, "À sombra do Colosso da Lagoa", que trata de aspectos históricos e sociais do futebol. É torcedor do Ypiranga Futebol Clube e do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Luiz Carlos Rigo.** Possui graduação (Licenciatura) em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Maria (1987), mestrado em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal de Santa Maria (1993), doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2001), Pós-doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona (2011 -2012) e Pós-doutorado no Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas (PPGICH) da UFSC (2016-2017). Atualmente é professor Titular da Escola Superior de Educação Física da UFPel e orientador de mestrado e de doutorado na linha Estudos Socioculturais do Esporte e da Saúde. Autor de vários artigos que tratam do futebol e do livro: Memória de um futebol de fronteira. Editora Universitária UFPel (2004). Torce para o Grêmio Esportivo Brasil e para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Luiza Aguiar dos Anjos** é professora de Educação Física do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG) – campus Timóteo. É graduada em Educação Física e Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), e Doutora em Ciências do Movimento Humano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Integra o Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcidas (GEFuT/UFMG), o Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e Corpo (GRECCO/UFRGS) e o Pensando a Educação Física Escolar (IFMG). Suas pesquisas tematizam questões de gênero e sexualidade em contextos esportivos, em especial no futebol e nas torcidas. É autora do livro “Plumas, arquibancadas e paetês: uma história da Coligay”, lançado pela Dolores Editora. É torcedora do Clube Atlético Mineiro.

**Maristel Pereira Nogueira** é Doutora em História das Sociedades Ibero-Americanas pela PUCRS, Mestre em História pela mesma instituição, Bacharel e Licenciada pela UFRGS. Autora do livro “Universidade de 1963 – a reconstrução da memória através dos jornais de Porto Alegre”, lançado pela editora Suliani Letra & Vida, em parceria com o FUNPROARTE em 2011. Professora da rede municipal de ensino de Campo Bom. Torce para o Sport Club Internacional.

**Maurício Garcia Borsa dos Santos** é graduado em Licenciatura em História, Especialização em Ensino de História e Geografia e Mestre em História Social, todos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua como professor no Ensino Público e Privado da Educação Básica desde 2010, atualmente é professor de cursos preparatórios para Vestibulares e Enem. Na área de História, desenvolve pesquisa na área de História Social do futebol, tema da Dissertação de Mestrado. No campo da Educação, pesquisa sobre os temas das Políticas públicas da Educação, Educação Democrática e Ensino de História. Manifesta sua preferência pelo Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense e pelo Tupan Futebol Clube, agremiação de futsal da gloriosa cidade de Tupanciretã.

**Miguel Enrique Almeida Stédile** é doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Coordenador do Instituto de Educação Josué de Castro e integrante do Front – Instituto de Estudos Contemporâneos. Entre outras publicações, sua dissertação de mestrado foi publicada como “Da fábrica à várzea: clubes de futebol operário em Porto Alegre” (Prisma, 2015). É torcedor do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Rafael Belló Klein** é bacharel em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012), mestre em história pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014), tendo pesquisado o período da profissionalização do futebol no Rio Grande do Sul, e doutor em história pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2020), tendo se

dedicado ao estudo da relação entre história e literatura. Atua como técnico em história no Departamento do Patrimônio Imaterial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). É torcedor do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Rafael Hansen Quinsani.** Professor da Rede Pública de Guaíba. Atuou como Professor Substituto de História Contemporânea na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2006). Mestre e Doutor em História na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2010). Tem experiência na área de História, com ênfase em Cinema-História, História Contemporânea e Teoria da História e Historiografia, atuando principalmente nos seguintes temas: Cinema-História; Guerra Civil Espanhola; Revolução Mexicana; Teoria e Metodologia da História; Historiografia; Ensino de História; Ditadura Civil-Militar Brasileira. Torce para o Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Ricardo César Gadelha de Oliveira Junior.** Analista Pesquisador em Sociologia do Departamento de Economia e Estatística da Secretaria do Planejamento do Estado do Rio Grande do Sul; Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) ; Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC); Bacharel e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tem como tema de pesquisa o futebol e suas relações com a economia e a política. É torcedor do Fortaleza Esporte Clube.

**Ricardo Santos Soares** é Bacharel e Licenciado em História pela UFRGS, e mestre em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (2014) com o trabalho intitulado: “O Foot-Ball de Todos – Uma História do Social do futebol em Porto Alegre, 1903 – 1918”. Entre outros trabalhos estão: “Os Primórdios do Foot-Ball Porto Alegrense: problematização e identificação das elites” (2012) e “Os primeiros anos do foot-ball em Porto Alegre e a ‘pré-história’ da Liga da Canela Preta” (2013). Além disso, atuou a maior parte de sua juventude no E. C. Maías como quarto zagueiro devido a estatura, bom cabeceio e a disposição tática na marcação. Possuía qualidades na bola parada e não dava chutões. Contudo, suas pretensões de jogar na meia, ligadas às necessidades da vida adulta como trabalho, além da vida noturna, encerraram prematuramente sua carreira nos campos da zona norte porto alegrense. É gremista.

**Silvana Vilodre Goellner.** Licenciada em Educação Física pela UFSM, mestre em Ciências do Movimento Humano pela UFRGS, doutora em Educação pela UNICAMP e pós-doutora pela Faculdade do Desporto da Universidade do Porto (Portugal). Professora titular da UFRGS. Foi coordenadora do Centro de Memória do Esporte da ESEF/UFRGS (03/2000 a 05/2019). Foi editora da Revista Brasileira de Ciências do Esporte (2005-2007) e da Revista

Movimento (2003-2005). Curadora das exposições "Futebol e Mulheres no País da Copa de 2014" e "Paisagens da memória: cidade e corpos em movimento" realizadas em Porto Alegre. Co-curadora das exposições "Visibilidade para o Futebol Feminino" e "Contra-Ataque: as mulheres do Futebol" realizadas no Museu do Futebol em 2015 e 2019 respectivamente. É vice-coordenadora do GRECCO - Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História e Coordenadora, juntamente com David Wood (Inglaterra) e Verônica Moreira (Argentina) da Rede de Pesquisa sobre Futebol de Mulheres na América Latina. Escreve para a coluna "As Mulheres do Futebol" no portal Ludopédio. É torcedora do Sport Club Internacional.

**Suellen dos Santos Ramos**. Mestra em Ciências do Movimento Humano (UFRGS-2016), preparadora física da equipe de futebol feminino do Sport Club Internacional, integrante do Grupo de Estudos sobre Cultura e Corpo (GRECCO/UFRGS) e do Centro de Memória do Esporte (CEME/UFRGS). Graduada em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2012). Tem experiência na área da Recreação, do Futebol, da Capoeira, da Musculação, da Iniciação esportiva e da organização de campeonatos e eventos. Já trabalhou na Escolinha Conveniada de Futebol Feminino do Grêmio, na Escolinha de Futebol da Duda, no Espaço de Relaxamento e Fitness Calliandra, na Empresa Pint e Brink, no Clube Geraldo Santana e no Clube Farrapos. Jogou profissionalmente na equipe de futebol feminino do Sport Clube Internacional.

**Tassiane Mélo de Freitas**. Historiadora. Especialista em Gestão em Arquivos. Especialista em Rio Grande do Sul: história, memória e patrimônio. Mestra em Memória Social e Patrimônio Cultural. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria - PPGH-UFSM (Linha de Pesquisa: Cultura, Migrações e Trabalho). Membro do Stadium (Grupo de Estudos de História do Esporte e das Práticas Lúdicas - UFSM). Desenvolve pesquisa sobre as relações entre patrões e operários das minas de carvão do Rio Grande do Sul entre as décadas de 1930 a 1950 por meio dos clubes de futebol operário. É torcedora do Sport Club Internacional e do Esporte Clube Brasil de Arroio dos Ratos/RS

**Tuany Defaveri Begossi**. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano (PPGCMH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Ciências do Movimento Humano na UFRGS. Integrante do grupo de pesquisa Núcleo de Estudos em História e Memória do Esporte e da Educação Física (NEHME), do Observatório do Esporte Paralímpico e do Centro de Memória do Esporte (CEME). Associada ao Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), filiada à Associação Nacional de História (ANPUH) e à *International Society for the History of Physical Education and Sport* (ISHPES). Atua, principalmente, com estudos históricos e

socioculturais da Educação Física e do Esporte, Esportes Paraolímpicos e Adaptados e Formação de Professores(as) de Educação Física. É torcedora do Grêmio Foot-Ball Porto Alegrense.

**Victor Andrade de Melo** é professor titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde atua nos Programas de Pós-Graduação em História e em Educação. É coordenador do Sport: Laboratório de História do Esporte e do Lazer. Torce para o Clube de Regatas do Flamengo.

A Editora Fi é especializada na editoração, publicação e divulgação de pesquisa acadêmica/científica das humanidades, sob acesso aberto, produzida em parceria das mais diversas instituições de ensino superior no Brasil. Conheça nosso catálogo e siga as páginas oficiais nas principais redes sociais para acompanhar novos lançamentos e eventos.



**[www.editorafi.org](http://www.editorafi.org)**  
[contato@editorafi.org](mailto:contato@editorafi.org)